O COLONO

COMEDIA DRAMA EM TRES ACTOS

ORIGINAL PORTUGUEZ

POR

ALFREDO HOGAN

PREÇO 160 RÉIS.

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1861.

OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 133.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837
Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000
Encadernada 27:000

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600
Encadernados.. 13:600

Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro V = Um folheto com dez gravuras 200

M. M. B. DU BOCAGE.

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. 4:320

F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO.

Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço....... 720

BARRETO FEIO.

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 2:880

LIMA LEITÃO.

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º 800
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º francez.. 1:200

REBELLO DA SILVA.

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2. vol. 8.º francez........................ 960
A Mocidade de D. João V, comedia-drama em 5 actos....... 480
Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º francez. Preço.............................. 300

MENDES LEAL JUNIOR.

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr... 480
O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º francez.................. 300
A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º francez. Preço.............................. 400
Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço......... 400
A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º francez. Preço.................................. 480
Canticos, 1 vol. 8.º francez. Preço............................ 720
Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço. 300

A. ABRANCHES.

Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.º fr..... 300

F. SOARES FRANCO.

Sermões, 1 vol. 8.º francez. Preço.............................. 480

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez. 400
Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.º e 2.º vol. em folio. Preço.. 4:500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr........ 720
Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 600
Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 360
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400
O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr...... 160

O COLONO

COMEDIA DRAMA EM TRES ACTOS

ORIGINAL PORTUGUEZ

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1861.

INTERLOCUTORES

JOÃO DA COSTA, capitão d'uma galera mercante.

ZEFERINO, passageiro.

ANSELMO NUNES, 60 annos, proprietario.

LEONOR, filha de Zeferino.

ALBERTO, colono.

CARLOS DA SILVA, por alcunha — o Bom — estudante da Universidade de S. Paulo.

JULIA, sua mulher, filha d'Anselmo Nunes.

GUINÉ, escrava d'Anselmo Nunes.

UM OFFICIAL d'alfandega.

1.° COLONO.

2.° DITO.

3.° DITO.

POLYDORO, mulato, negociante d'escravos.

Quatro escravos negros, colonos d'ambos os sexos, marujos, escravos, colonos chins.

A acção é no Rio de Janeiro. O 1.° acto, á bordo d'uma galera: o 2.° e 3.° n'uma fazenda proxima da côrte.

Actualidade.

ACTO I.

(O theatro repesenta a coberta d'uma galera mercante, desde o escotilhão até ao baileo da pôpa. No fundo da scena, duas portas para a camara do capitão. Um camarim de cada lado. No centro, a escada da tolda, e a escotilha do porão. Diversos fardos amontoados a meia-nau).

SCENA I

(Ao levantar o panno é madrugada. Uma lanterna suspensa nos vaus, mal esclarece a coberta. Ha faina a bordo : os marujos sobem e descem, apressados, a escada do escotilhão, occupando-se nos diversos trabalhos de um navio que lançou ferro. Ouvem-se algumas vozes na tolda ; o rumor vae gradualmente acabando. João da Costa desce a escada do escotilhão, precedido pelos colonos, que mostram algum espanto. Alberto entre-abre a porta do camarim de bombordo, e escuta, hesitando vir para a scena.)

JOÃO — Desçam, desçam rapazes! Não quero ninguem na tolda! Quero a tolda limpa! Esta sucia de mandriões... Vamos! é descer...

1.º COLONO — Sucia!

JOÃO — Sucia...

1.º e 2.º COLONO — O senhor capitão bebeu...

JOÃO (*em acção de procurar um cabo*) — Ah! bebi? Pois esperem...

1.° COLONO (*áparte para os companheiros*) — Insolente!

JOÃO (*pegando n'um chicote de cabo, e dispondo-se a bater*) — Eu lhes ensino a fallar com o capitão!

ALBERTO (*precipitando-se entre o capitão e os colonos*) — Por quem é, senhor Costa...

JOÃO — Deixe-me ensinal-os, e não venha metter-se onde não é chamado... aliás...

ALBERTO — Aliás o que, senhor Costa?

JOÃO — Qual senhor Costa!... Eu, aqui, sou o capitão, sou o rei d'esta casa; e você, não venha intrometter-se... Arreda! arreda, canalha! Safa, tudo lá para o porão!...

TODOS — Porão?!...

ALBERTO — Descancem, camaradas; o capitão está caçoando! bem sabe que não somos degradados...

JOÃO — Ah! vocês contam com a defesa, aqui, d'este *chupa barris*? Lá pelo verem do camarim áparte, não julguem que é mais fidalgo... E' um colono como vocês são, e que fez a viagem sem pagar vintem!...

ALBERTO — E' verdade; mas o capitão offereceu-se para me conduzir, dizendo-me que esperaria pela paga da passagem.

1.° COLONO — Isso tambem a mim me elle disse.

2.° COLONO — E a mim...

3.° COLONO — E a mim...

JOÃO (*rindo*) — Vocês teem graça, rapazes! Eu não sei d'esses ajustes. O que lhes disse é o que sustento; que esperava pelo dinheiro até ao fim da viagem. A viagem acabou; e agora não me sae de bordo nem um só sem me pagar quarenta mil réis de passagem. Arranjem-se lá como quizerem! Eu cá tenho por mim a justiça.

ALBERTO — A justiça? que é isso lá, capitão! (*espanto geral*).

JOÃO — E' isto mesmo.

ALBERTO — Uma traição?!...

TODOS — E'! é uma traição!

ALBERTO — Onde tem cada um de nós quarenta mil réis para lhe pagar?

TODOS — É verdade!

JOÃO — Contractem-se...

ALBERTO — Que quer o senhor dizer?

JOÃO — Que se contractem, que...

ALBERTO — Por mim, respondo eu porque sou muito capaz de lhe pagar. Assim que o navio fôr visitado, vou para terra, e d'ahi a pouco lhe darei noticias minhas.

JOÃO — Vae para terra sem passaporte?...

ALBERTO — O senhor hade ter a bondade de nol-os dar.

JOÃO — Dal-os-hei á policia, declarando-lhe que me deve cada um de vocês... a paga da sua passagem. Entendam, por uma vez: ninguem sae de bordo sem pagar!

TODOS — E' uma injustiça! E' uma traição...

JOÃO (*dando em alguns*) — Leva de rumor! Leva de rumor!...

ALBERTO (*intromettendo-se*) — Senhor capitão, nós somos passageiros, e não é d'este modo que se tratam os passageiros.

JOÃO — Olá! um par de machos.

ALBERTO — Machos para mim!?... Era o que faltava, para completar o mau tratamento que o senhor nos tem dado, n'estes cincoenta dias de viagem! (*apparece um marujo com os ferros*) Sim; pode abusar, porque tem a força do seu lado! Quando eu me apresentar ao consul, veremos se este abuso ficará assim!

JOÃO — Qual carapuça! o consul é muito boa pessoa; não gosta d'escandalos, nem dá credito a similhantes bandalhos. (*ao marujo*) Ponha lá os ferros n'aquelle senhor.

TODOS — Não consentimos! não consentimos!

ALBERTO — A mim, camaradas!
JOÃO (*apitando*) — A mim, rapazes!

(Os marujos descem; ha pequena resistencia da parte dos colonos, que são enxotados para o porão. Alberto é agarrado; põem-lhe os ferros, e sentam-no a meia-nau.)

SCENA II

ALBERTO, a ferros, JOÃO DA COSTA, ZEFERINO saindo do beliche.

ZEFERINO — Olá! A faina é grande! Com que então já chegámos? Bom dia, capitão.

JOÃO — Bom dia, senhor Zeferino.

ZEFERINO — Ouvi tanta bulha que... Houve alguma novidade?

JOÃO — Era ali aquelle *melro* que queria divertir-se comigo; mas...

ZEFERINO (*rindo*) — O tal senhor Alberto!... (*continuando a rir*) Homem, aquillo sempre é uma peça que nem você sabe!...

JOÃO — N'esse caso, fez bem em m'o ter recommendado, para lhe dar beliche, e para fazer-lhe tudo o mais, como se fosse para ahi .. algum passageiro!

ZEFERINO — Com isso não se perdeu nada! Emfim... o rapaz sempre é afilhado da minha defunta... Porém agora, a coisa é outra. Sabe para que fim o induzi a embarcar-se? Eu lh'o digo. O rapaz andava a desinquietar-me a rapariga, a minha Leonor; ella, você bem sabe o que ellas são! Nada; digo eu comigo; fallo-lhe do Brazil, *como elle não é*, desperto-lhe a cubiça... e... meu dito, meu feito. O rapaz promette casamento á Leonor, determinando vir buscar fortuna ao Rio de Janeiro e contando voltar no fim de tres annos, para...

JOÃO — Boas contas deita o preto; seu senhor quer vendel-o.

ZEFERINO — Tal qual! Agora considere-o colono como qualquer outro Nada de contemplações!... Vamos ao que interessa: quantas mulheres trazemos?

JOÃO — Trinta e cinco. (*áparte*) Trinta e seis, conto eu!

ZEFERINO — Boa carga! E' o que está dando mais interesse no Brazil!

JOÃO — E' o que tem feito subir muita gente...

ZEFERINO — Para o coche do Lagoia! E para os carros do *major*?...

JOÃO — Você bem me entende!

ZEFERINO (*rindo*) — E arriscar... é arriscar! Em todo o caso, o Brazil precisa de gente! A prohibição do trafico negro despertou a idéa da colonisação; auxiliar a colonisação, é concorrer para o augmento do imperio! Dar braços ao imperio, é tornar o assucar barato em Portugal. Em conclusão, para nos deixarmos de *mais aquellas*, trazer gente para o Brazil, é servir o Brazil e servir Portugal!

JOÃO — Isso é que é fallar! Mas é preciso não perder tempo. Esta gente não pode ficar muito tempo a bordo, pela falta de mantimentos...

ZEFERINO — Eu vou... eu vou...

ALBERTO (*Ao vêl-o passar*) — Obrigado, senhor Zeferino! A minha fortuna principia mal...

ZEFERINO — Amoleça-os, meu amigo!

JOÃO (*á escada*) — Olá, ó *contra-mestre*! mande arriar a lancha, por estibordo, para conduzir o senhor Zeferino. Cuidado, hein?

ZEFERINO — Não hade haver novidade. Até já. (*sobe a escada*).

SCENA III

JOÃO DA COSTA, ALBERTO, a ferros.

JOÃO — A raiva que eu sentia, contra aquelle moço, era raiva do coração! Agora, estão ambos em meu

poder; aproveitemos os momentos. (*dirigindo-se a Alberto*) Olá, já dorme? O ferro, cá a bordo, tem a propriedade de fazer somno! Conversemos.

ALBERTO — Quando eu desembarcar, a conversa hade ser outra.

JOÃO — Qual historia! em você pondo o pé em terra, aposto que não cuida senão em ganhar dinheiro, para voltar a Portugal, onde o espera a sua Leonor...

ALBERTO — Como é que sabe!?...

JOÃO — Tenho um dedo que m'o adivinha!

ALBERTO — Leonor!...

JOÃO — Olhe que se ella o visse aqui, havia de se rir um pedaço...

ALBERTO — Oh! não me falle assim de Leonor...

JOÃO — Ahi está o que é ter amor devéras! Se ellas nos amassem como nós sabemos querer-lhes...

ALBERTO — O senhor, pelo que vejo, depois de me ter posto a ferros, deseja pôr-me a tratos?

JOÃO — Não: desejo apenas dar-lhe um conselho, em paga de o ter posto a ferros Não se fie em mulheres.

ALBERTO — Que quer o senhor dizer?

JOÃO — Quero dizer, que se não fie nas mulheres! Cá tenho as minhas razões para lhe dar este conselho. (*desviando-se*).

ALBERTO (*querendo levantar-se e caindo*) — Espere... Ah... senhor João da Costa, o senhor mente quando me diz que tem razões para me dizer essas coisas! Se as tem, não é de Leonor...

JOÃO — Talvez.

ALBERTO — Talvez!?

JOÃO — Meu amigo, sabe o que lhe eu digo? Perca as idéas de Leonor!...

ALBERTO — Oh! esse modo de fallar...

JOÃO — Leonor pertence-me.

ALBERTO — Pertence-lhe!?...

JOÃO — Não lhe dizia eu que não se fiasse...

ALBERTO — Oh! este homem quer atormentar-me!

João — Deixe-se de *palavrões*; não seja creança. Mulheres não faltam no Brazil. Se ella o deixou, pague-lhe na mesma moeda, que me faz favor!

(Abre a porta da camara e entra).

SCENA IV

ALBERTO SÓ, depois JOÃO DA COSTA, e LEONOR.

Alberto — Que me disse elle! Oh! e poz-me a ferros para me dizer impunemente que... Valha-me Deus! Para que saí eu da minha terra... para que deixei Leonor... para que me fiei n'estes homens!?... Malvados! Abusam da confiança dos pobres, e vem vendel-os ao Brazil! Mas que importa o que elles fazem, se ha Deus no ceo para os castigar!? Oh! o que me importa saber é de Leonor!...

(João da Costa e Leonor apparecem no fundo, Alberto não os vê).

João — Lembre-se do que lhe disse! A menor indiscrição pode perdel-o!

Leonor — Oh Virgem Santa, valei-me!

Alberto — Esta voz!?... (*voltando-se e vendo Leonor*) Quem está ali... Leonor!... Ah! (*tendo feito um esforço para se levantar, cae desamparado*).

Leonor — Jesus!... é elle!...

João (*segurando-a pelo braço*) — Dou-lhe meia hora para escolher. No fim d'essa meia hora, mandal-o-hei chibatar... (*impellindo-a para a camara*).

Leonor — Um momento... Ah! um momento...

João — Tenho dito! (*impelle-a para a camara e fecha-lhe a porta*) Veremos se venço! (*sobe a escada e desapparece*).

SCENA V

ALBERTO *(só, recobrando os sentidos)* — Era ella!... Já lá não está!... Oh! seria ella que eu vi?... Estaria eu então bem accordado?... Leonor!... Leonor! *(fazendo esforços para livrar-se dos ferros)* É impossivel!... *(levantando-se e caminhando vagarosamente para o fundo)* Ah! ir tão devagar, quando o sangue me ferve assim! Leonor!... Leonor! *(chega á porta da camara, encosta-se e consegue arrombal-a)* Ah!... Leonor!...

LEONOR *(correndo a elle)* — Alberto!...

SCENA VI

ALBERTO, e LEONOR.

ALBERTO — Leonor! E eras tu que me dizias, *vae e volta em breve; feliz ou infeliz, far-me-has sempre feliz a mim?!*

LEONOR — Alberto...

ALBERTO — Não pronuncies o meu nome, Leonor! O meu nome, deve despertar-te um remorso! Esqueceste-me por esse homem... mas, fico bem vingado de me teres trocado por elle!...

LEONOR — Que dizes tu!?... Alberto... *(querendo amparal-o).*

ALBERTO — Não te aproximes! Pesam-me menos estes ferros, do que a tua mão sobre o meu braço!

LEONOR — Oh!... Se elle soubesse!... se elle soubesse... Meu Deus, que devo fazer? Contar-lhe tudo? E a ameaça do capitão!... Porém soffrer que elle faça tão má idéa de mim... Oh! abandono-me á protecção da Virgem! Vou contar-lhe tudo. *(ajoelhando aos pés d'elle)* Alberto... escuta-me, pelo amor de Deus!... Escutame...

ALBERTO *(commovido)* — Leonor...

LEONOR — Esta lagrima que deixaste cair sobre a

minha cabeça, Alberto, é a maior offerta que podias fazer-me! O teu coração adivinhou a minha innocencia, e absolveu-me! Eu estou aqui, enganada!

Alberto — Enganada?! Não será isso tambem um engano...

Leonor — Os nossos risos illudem; mas as nossas lagrimas, não! Não as sentes sobre as tuas mãos?

Alberto — Leonor... Leonor...

Leonor — Tu sabes que João da Costa frequentava a casa de meu pae; pois este homem que não ignorava as nossas inclinações, e que parecia interessar-se pela minha felicidade, e ter pena das minhas penas, vendome desolada, chorando a nossa separação, offereceu-me recursos para te seguir, promettendo trazer-me escondida, na camara, até que nos fizessemos ao largo. No alto mar, ainda que meu pae se encolerisasse, já não haveria remedio contra a minha determinação. Quem ama, cega-se! Deixei sair meu pae, e n'essa mesma noite vim para bordo

Alberto — Ah! .. continua...

Leonor — O capitão cumpriu a sua promessa; mas o seu intento era outro!... Ah! tenho preferido soffrer esta reclusão absoluta de cincoenta dias, fomes e maus tratamentos... porém a minha consciencia está pura; e não me envergonho de te abrir os meus braços, Alberto! (*levanta-se e abraça-o*).

Alberto — Leonor!... minha pobre Leonor!... (*breve pausa*) — Oh! aquelle homem é um infame! Deus do ceo! quem dirá, vendo lá de terra o vulto socegado da nossa galera, que dentro das suas amuradas, no mais intimo das suas entranhas, ha dôres como as que estamos soffrendo! tantas infamias... tantas lagrimas... tantas afflicções?... (*abraçando Leonor*). Leonor!... Os nossos irmãos mettidos no porão com se fossem escravos ou criminosos! Eu, a ferros!... e tu...

(Ouve-se algum rumor na tolda).

Leonor — E tu, Alberto, o que será de ti?.. ;
Alberto — Silencio... sinto passos.
Leonor (*olhando para a escada*) — É o capitão!

SCENA VII

LEONOR, ALBERTO, JOÃO DA COSTA, O OFFICIAL d'alfandega e os seus agentes.

João — Cincoenta dias de viagem; um tempo soffrivel... Queiram descer, meus senhores.
Leonor (*áparte*) — Estamos perdidos!
Alberto — É a visita...

(Os agentes d'alfandega dispersam-se pela scena, observam os fardos, e farejam por toda a parte)

João (*áparte*) — Leonor aqui!...
Leonor (*áparte*) — Se aquelle homem podesse salvar-me?!...
João (*dissimulando para o official*) — Quer entrar na camara? Temos lá uma boa garrafa do Porto...
Official (*vendo Alberto*) — Olá! temos ferros...
João — É um tratante que quiz alvoroçar os colonos contra mim.
Alberto — É falso!
Leonor — É falso!... Senhor, tenha piedade...
Official — Que diz esta sereia?!
Alberto — Diz que o capitão é um perverso que a trouxe enganada, e que intenta abusar da sua fraqueza! Bem vê que merece protecção!
João (*rindo*) — Quando o capitão d'um navio sabe manter a disciplina, é sempre mau homem na bocca de certos passageiros.
Leonor — Senhor (*para o official*) Escute... escute; valha-nos pelo amor de Deus!
Official — Menina, eu sou official d'alfandega; o

meu dever consiste em visitar o navio: se a menina não é contrabando... que quer que lhe faça?

João (*rindo*) — Bem respondido! Vamos beber um copo do Porto. (*entra com o official na camara. Os agentes acabam a revista, e sobem a escada da tolda*).

SCENA VIII

ALBERTO, LEONOR.

Leonor — E agora, o que será de nós? Eu tremo por ti, Alberto! Por ti, que estás em seu poder, e que... Valha-me Deus! Valha-me Deus! Oh! se eu visse meu pae... onde estará elle?..

Alberto — Teu pae foi para terra, e creio que não voltará tão cedo! Segundo concluo, teu pae que, em Portugal, parecia alliciar gente para o Brazil, offerecendo passagem, e assegurando interesses, é o agente d'este novo commercio de escravatura branca! A tua desgraça é o seu castigo! e as tuas lagrimas pagam as d'aquellas infelizes que gemem ali no porão!

Leonor — Ah!...

(O capitão sae da camara acompanhado pelo official d'alfandega, e sobe com elle para a tolda).

Alberto — Consola-te Leonor; não estás só no teu martyrio. Trinta e cinco mulheres, seduzidas e roubadas á sua patria, choram comtigo o desengano tardio d'um sonho de rosas! Cada um de nós é considerado um passageiro que deve quarenta mil réis de passagem ao capitão. O nosso dever é acceitar por amo o primeiro homem que se apresentar para nos resgatar! A justiça determina-o assim! Resignemo-nos.

Leonor (*lançando-se nos braços d'Alberto*) — Alberto! Alberto!

SCENA IX

ALBERTO, LEONOR, JOÃO DA COSTA, ANSELMO NUNES, POLYDORO.

(João da Costa e os dois recem-chegados veem mysteriosamente para a bocca da scena e fallam com precaução.)

POLYDORO — Agora mesmo fallámos com o senhor Zeferino, no *hotel faroux*, sim senhor; e já sabemos que o senhor capitão traz muito boa fazenda! Aqui, o senhor Anselmo Nunes precisa d'uma moça para o serviço da senhora sua filha; e eu tenho necessidade d'um colono para andar com a carroça.

ANSELMO — Mas a minha filha quer uma moça nova e decente . .

JOÃO — A mais velha que ahi vem não passa dos dezeseis, quando muito.

ANSELMO — É o que me convem; em sendo noite, aposto que já não hade ter nem uma a bordo. Estava muita gente á espera do seu navio . .

POLYDORO (*tendo visto Leonor*) — Olhe, lá, senhor capitão, eu estou resolvido a tomar tambem aquella mocinha para o serviço da minha senhora.

ANSELMO — Aquella... (*indo ver*) Oh! oh!... o senhor Polydoro hade ter a bondade de m'a ceder; a minha filha não teria escolhido outra!

JOÃO — A passagem d'aquella moça são cento e vinte mil réis! Veiu na camara, e na primeira mesa. E' prendada; borda, cose, engoma...

ANSELMO — Eu dou até duzentos mil réis...

POLYDORO (*rindo*) — Mas eu cubro o lance.. .

ANSELMO — E' inutil. Minha filha quer precisamente uma moça prendada... e decente (*tirando a carteira*) Aqui está o dinheiro, senhor capitão. Eu trouxe uma mucama no escaler para a acompanhar.

POLYDORO — Ah! senhor Anselmo Nunes! senhor

Anselmo Nunes... bem me custa; mas... por ser v. s.ª... não insisto. *(para o capitão)* Está dito! e eu ficarei com o rapaz! *(dirigindo-se a Alberto)* Olá, senhor moço, você quer ajustar-se?

ALBERTO — A minha passagem é quarenta mil réis...

JOÃO *(interrompendo)* — Oitenta, se faz favor. Veiu em beliche separado, e na primeira mesa.

POLYDORO — E' o mesmo; mas que é isto! Elle está a ferros!?...

JOÃO — Vou mandar tirar-lh'os. Tinha feito ahi um motim; mas no fim de tudo elle é bom moço; intelligente, esperto e habilidoso. Lê e escreve.

POLYDORO — Foi talvez por causa da sua habilidade que o senhor o metteu a ferros?...

JOÃO — Garanto-lhe o seu comportamento.

POLYDORO — Vamos a contas. *(puxando o dinheiro e pagando ao capitão que tira os ferros a Alberto)* Aqui tem oitenta mil réis.

LEONOR *(a Alberto)* — Então deixas-me?...

ALBERTO *(a Leonor)* — Silencio!

POLYDORO *(a Anselmo Nunes)* — O' senhor Anselmo Nunes, parece-me que o meu marsano arrasta a aza á sua mocinha!

ANSELMO — Despachemos com isto. Leve-o.

POLYDORO — Vamos para terra tratar de legalisar o contracto. O consulado já deve estar aberto.

ALBERTO — Sim, senhor, eu o sigo; mas primeiro quero explicar a este senhor uma coisa. *(indicando Anselmo Nunes)* O senhor é velho, e eu respeito os cabellos brancos! Um homem da sua edade, deve ter visto, deve saber muito! Não se chega aos sessenta annos sem ter soffrido... e o seu coração não será por isso indifferente á desgraça! Senhor, eu daria a minha vida pela felicidade d'esta menina!... não quizera separar-me d'ella...

ANSELMO — Ora essa não está má! Que tenho eu com isso? *(volta-lhe as costas)*.

Alberto — Ah!... Todos quantos nos cercam são maus e cynicos!

Leonor — Alberto...

Polydoro — Olhe lá, senhor capitão, o dito por não dito: o moço não me convem!

João (*apitando*) — Vou pôl-o mais manso que um cordeiro. (*entram alguns marujos*) Olá, gente, amarrem aquelle homem!

Leonor — Piedade... piedade, (*lançando-se aos pés do capitão*) Por tudo quanto ha...

João — Queres?...

Leonor — Por tudo quanto o senhor ama e respeita... piedade...

João (*para Anselmo Nunes*) — Venha o dinheiro; esta mulher é sua! (*para Leonor*) Aquelle homem pagou-me a tua passagem. O negocio agora é com elle.

Alberto — Animo, Leonor! Ha um Deus no ceo!

Anselmo — Descance, senhora moça: elle diz bem! Nós não queremos fazer-lhe mal. Eu levo-a para a minha casa; a minha filha hade estimal-a...

Leonor — Porém, senhor, o capitão não tem direito de dispor de mim! Trouxe-me enganada...

João — E' o costume! Os colonos dizem sempre que vieram enganados.

Leonor — Oh! o senhor é um homem perverso!

João — Obrigado.

Anselmo — Vamos, minha filha; hade ser muito feliz: vamos; tenho ali no escaler uma escrava para a acompanhar. (*pegando-lhe na mão*).

Leonor — Alberto! Alberto... Oh! não, eu não posso seguil-o! Não posso deixar Alberto!... Meu Deus!... valei-me n'esta afflicção! Ah! (*perde os sentidos. Anselmo Nunes ampara-a*).

João — Aproveite a occasião.

Polydoro — Levemol-a...

Alberto — Detenham-se! Livrasse-me Deus d'estas cordas... veriamos quem se atreveria a aproveitar esse

momento de prostração! gente sem alma! Demonios da vida, que negociaes os nossos dias, e nos deixaes ermos d'esperanças, morrer no desespero, que é morrer a fogo lento! Oh! caiam-vos no coração á hora da morte tão ardente, como ardentes nos borbulham d'alma, estas lagrimas que choramos! Miseraveis! Miseraveis!... *(cae prostrado)*.

(Polydoro e Anselmo Nunes conduzem Leonor para a tolda. João da Costa e os marujos sobem depois d'elles).

SCENA X

ALBERTO *(só, amarrado)* — Oh minha patria! melhor me fôra ter morrido que deixar-te! Homens sem coração que veem negociar os seus irmãos pelo dinheiro dos estranhos! Se alguem se lembrasse de contar esta infamia, quem sabe se a acreditariam! E' um facto de tal modo absurdo que repugna á mais limitada intelligencia! Oh! porém eu não posso ficar aqui... *(fazendo esforços para quebrar as cordas)* quando arrebatam Leonor... quando penso nas desgraças que principiam a ameaçal-a!... Divina Mãe dos afflictos... soccorre-me!

SCENA XI

ALBERTO, e um MARUJO

(O marujo vae apagar a lanterna da coberta).

ALBERTO — Sinto gente... que está ahi?

MARUJO — Não é novidade.

ALBERTO — Ah!... vem cá... se me fizeres um serviço... pagar-t'o-hei bem!

MARUJO — Um serviço?

ALBERTO — Escuta: dou-te a minha roupa, e tudo

quanto estiver no camarim, se quizeres desamarrar estas cordas.

MARUJO — E' arriscado! E o capitão?...

ALBERTO — O capitão não adivinha.

MARUJO — Quem não arrisca, não ganha! Vá lá. (*desamarra-o*)

ALBERTO — Estou livre! Agora... (*olhando ao redor de si e vendo a portinhola aberta*). Deus venha comigo! o meu caminho é por ali!

(Corre para a portinhola e precipita-se no mar. O marujo faz um jogo de scena).

Cae o panno.

ACTO II.

(O theatro representa uma sala terrea em casa de Anselmo Nunes. Communicações lateraes; no fundo uma porta grande para um terreiro. Ao longe arvoredo. Uma rede armada do ultimo plano da esquerda ao umbral da porta. Uma cadeira de balouço, mesas e cadeiras vulgares. Em cima das mesas jarrinhas de barro com agua. É dia).

SCENA I

(Ao levantar do panno Anselmo Nunes está sentado na cadeira de balouço, Julia mollemente recostada na rede parece dormir. Guiné embalouça-a docemente).

GUINÉ (*recitando vagarosamente*) —

Quando Guiné foi formosa
Seu *sinhô* lhe queria bem!
Cala-te, negra vaidosa!...
Teu *sinhô*, novo amor tem.

Dorme *sinhá*;
A negra aqui está.

(Julia faz um movimento; Guiné continua).

Seu moço Bom anda á caça,
Quem sabe o que por lá faz!

A mócinha tem tal graça...
Qu'eu não sei de que é capaz!...
Dorme *sinhá;*
A negra aqui está.

JULIA (*com indolencia*) — Que dizes tu?

GUINÉ — Eu, nada, *sinhá.*

JULIA — Tu dizias que meu marido...

GUINÉ — Era a *sinhá* que estava sonhando.

JULIA (*recostando-se*) — Embala-me. Tenho tantas vezes este sonho!... Maldito!

GUINÉ (*embalando-a*) — Dorme *sinhá*;
A negra aqui está!

SCENA II

ANSELMO NUNES sentado, JULIA na rede, GUINÉ embalando-a, POLYDORO, entrando pelo fundo seguido de dez chins, formados dois a dois.

(Os chins entram silenciosamente, e vão postar-se do lado esquerdo do theatro sob a direcção de Polydoro).

POLYDORO (*despertando Anselmo Nunes*) — Graças a Deus, senhor Anselmo Nunes, o Brazil não hade morrer por falta de braços!

ANSELMO — O colera devora-nos!

POLYDORO — Deixe o colera! Olhe, ali, para o meu batalhão de chins!...

ANSELMO — Olá!... que gente é àquella?

POLYDORO — Chins: gente essencialmente economica; não come senão arroz.

ANSELMO — A farinha é mais barata.

POLYDORO — Mas a carne secca está cara. Poupa-se a carne. O inglez comprehende perfeitamente a nos-

sa questão, e compensa-nos da falta dos negros, mudando o império chim para o nosso.

(Os chins cansados de estarem de pé, sentam-se no chão com as pernas encruzadas).

ANSELMO — O inglez! o inglez! bem sabia que uma das principaes riquezas do Brazil consistia na superabundancia dos braços que realisavam as suas grandes colheitas! E mettem-nos os chins em casa! (*rindo*) Boa gente; vão lá vêl-os de-corpo nú, ceifar a cana debaixo do sol ardente do nosso clima! Chins... é gente essa para resistir aos trabalhos do assucar? (*olhando para elles*). Ali os tem... (*rindo*) são feitos d'arroz!

POLYDORO — Ah! que *bobagem!* Com licença, senhor Anselmo... (*fallando aos chins e ameaçando-os com a bengala*). Põe de pé, minha gente! Põe de pé...

(Os chins espantam-se, gritam, e dispersam-se pela scena. Julia acorda em sobresalto, desce da rede, e vendo-se rodeada por elles grita).

JULIA — Ah!... quem me acode!... quem me livra d'este bando de macacos! ..

POLYDORO — Socegue, *sinhá*. São os meus chins que se espantaram; mas eu vou accommodal-os!

JULIA — Que gente tão feia, senhor Polydoro!

ANSELMO (*levantando-se*) — Isto à vista dos meus bons africanos!...

JULIA — São mais feios que um *tamanduá!*

POLYDORO (*lançando mão ao rabicho d'um, que se submette immediatamente, servindo de exemplo aos outros*) — Gósto d'elles só pela sua corda sensivel...

JULIA — Que é isso! por onde lhe está o senhor a puxar?

POLYDORO — Pelo rabicho! É assim que se domesticam.

JULIA (*rindo*) — Raridades não nos faltam! Dentro

em poucó, se algum estrangeiro quizer fazer uma idéa de todos os povos e costumes que ha pelo mundo, basta-lhe vir ao Rio de Janeiro. Temos de tudo. França na rua do Ouvidor, Inglaterra na rua Direita, Alemanha na Nova F.rburgo, Portugal na rua do Rosario (*rindo*). E agora a China...

ANSELMO — E assim se vão perdendo os traços nacionaes! Os brazileiros são tão faceis em admittir os costumes e o caracter dos estranhos, que no fim de tudo, hãode tresler e ficar sem costumes nem caracter.

POLYDORO — Chegou a hora da nossa civilisação, senhor Anselmo Nunes. O Brazil caminha na estrada do progresso. (*passando rapidamente a mão ao braço d'um chim que lhe apalpava as algibeiras, tendo-lhe já sacado a charuteira*). Que é isto!...

ANSELMO (*rindo*) — Progresso! A industria do roubo...

POLYDORO — Quem me dá uma tesoura para cortar o rabicho d'este malvado!?

JULIA — Corte, corte; serve para mandar fazer um chicote para o meu cavallo. Guiné, dá-me uma tesoura.

POLYDORO — Hasde ficar sem rabicho!

(O chim faz grandes tregeitos vendo-se preso pelo rabicho e larga a charuteira. Guiné dá uma tesoura a Julia).

JULIA — Aqui está a tesoura, senhor Polydoro.

POLYDORO (*pegando-lhe*) — Quem rouba a seu senhor é um mau servo de Deus! (*corta-lhe a trança; o chim atira-se ao chão, os outros murmuram, invocam a divindade e acabam por se reunirem ao canto da sala, repellindo o suppliciado*).

ANSELMO — Ora os inglezes estavam caçoando quando se lembraram de nos trazer esta gente para colonisar. É um bando d'*orangotangos!*

JULIA — Guiné, guarda aquella trança, e acompa-

nha-me. Vou já mandar fazer d'ella um chicote. O meu cavallo hade estimar muito! (*sae com a negra Guiné*).

SCENA III

POLYDORO, ANSELMO NUNES, e OS CHINS ao fundo.

POLYDORO — Ora muito bem, senhor Anselmo Nunes; como vamos nós a respeito da mocinha?

ANSELMO — Desconfio que é da raça de Susana! mas o peior foi ter fugido...

POLYDORO — Ha muito tempo?...

ANSELMO — Fugiu ha oito dias.

POLYDORO — E quanto dá o senhor de alviçaras a quem lh'a descobrir?

ANSELMO — Quinhentos mil réis. Mandei pôr annuncios em todos os jornaes, paguei a dez pedestres que a procuram, espero rehavel-a! Ah! Este coração esmagado com o peso de sessenta e seis annos, quem o havia de crer? Fez do seu ultimo desejo o seu extremo sentimento, e morrerá talvez desesperado na impenitencia d'esse sentimento profano! Não posso, não sei pensar senão em Leonor!... Aquella creança fascina-me! Aquelle olhar terno e supplicante destroe toda a resignação de que me tinha revestido para morrer!... Eu, velho doente, e cansado de soffrer, dera ainda metade da minha fortuna a quem soubesse afastar-me um passo da sepultura!

POLYDORO — Essas idéas são o que o matam, senhor Anselmo Nunes. Qualquer commoção, na sua edade, torna-se perigosa!

ANSELMO — São más em todas as edades! Commoções d'estas allucinam os moços e matam os velhos!

POLYDORO — Nos moços desculpam-se; mas nos velhos... fazem rir.

ANSELMO — Devem-se-lhes desculpar tambem! N'elles é o tributo que pagam ao entrar no mundo; é a sua

primeira saudação á vida! Em nós, o derradeiro e solemne adeus a esse mundo de que saimos, a essa vida que nos deixa!

POLYDORO — Eu cá nunca senti d'essas coisas! e queira Deus que ellas não venham algum dia perturbar-me no centro das minhas novas idéas de colonisação! O que me interessam são os colonos, e foi por isso que vim mostrar-lhe os meus chins. Comprei por tres annos o uso-fructo d'aquelles vinte braços... por uma bagatella!

ANSELMO — Hade fazer muito com elles!

POLYDORO — Veremos: até outra vez, senhor Anselmo Nunes. (*forma os chins e sae com elles*).

SCENA IV

ANSELMO (*só*) — Quem me dera forças e vigor! Quem me tirara estas rugas, este cansaço, esta velhice! Nós não temos para seduzir outro recurso além do nosso dinheiro! Ai se este recurso nos falha!.... que podemos nós fazer em presença d'um coração nobre e virtuoso, que não cede senão á belleza e ao attractivo d'outro coração tambem nobre! Quantas vezes a mocidade ama e seduz sem crime!? A velhice degrada-se na violencia das paixões! Na hora em que mais precisamos adoçar o amargo d'esta existencia que vacilla de roda do nosso coração, é a hora em que todos, todos nos abandonam!

SCENA V

ANSELMO NUNES, e CARLOS DA SILVA pelo fundo em traje de caçador.

CARLOS (*depondo a arma ao entrar*) — É o que tenho contra a minha terra! Isto não é civilisação, não é nada! Ah!... bons dias, meu sogro, como passou?

ANSELMO — Que tem, senhor Carlos?

Carlos — Indignam-me as barbaridades que por ahi se fazem todos os dias, debaixo do titulo de justiça!

Anselmo — E' fallar de bom brazileiro!

Carlos — Eu digo o que sinto! A maneira pela qual estão tratando os colonos portuguezes no nosso paiz, é vergonhosa tanto para nós como para Portugal!

Anselmo — Que succede?

Carlos — Succede... succede o que vê... (*indicando a porta do fundo*).

SCENA VI

ANSELMO NUNES, CARLOS DA SILVA, e LEONOR manietada, entre quatro pedestres ao fundo.

Anselmo — Leonôr...

Carlos — Não é realmente vergonhoso?! Uma pobre moça, induzida talvez por um miseravel ganha-dinheiro, d'esses especuladores de todo o genero, a deixar a sua patria para vir fazer fortuna no Brazil, manietada como se fôra uma escrava, e obrigada a servir n'uma casa que lhe não convem!...

Anselmo — O colono contractado tem obrigação de servir tres annos!

Carlos — Esses contractos são absurdos, porque lhes não dão a menor garantia contra o mau procedimento dos senhores!

Anselmo — Senhor Carlos da Silva, que quer dizer?!

Carlos — Quero dizer que se esta moça não deseja servir-nos, eu estou prompto a perder o que o senhor desembolsou, inclusivè o premio offerecido de alviçaras...

Anselmo — Ah! sim?... Talvez minha filha não approve inteiramente essa determinação, senhor Carlos da Silva.

Carlos (*áparte*) — Este homem é cynico e julga que todos o são.

Anselmo (*para Leonor*) — Já viu que é inutil fugir! (*aos Pedestres, entregando-lhes um macinho de notas*) Quinhentos mil réis.

(Os Pedestres soltam as mãos de Leonor e retiram-se).

Leonor (*áparte*) — Outra vez no seu poder!

Anselmo — O contracto faz lei. (*áparte*) Aquellas lagrimas caem-me sobre o coração!

Carlos — Anime-se, Leonor; meu sogro não será tão mau homem que...

Anselmo (*áparte*) — Mau homem, porque a amo! Pois se eu sou velho!...

Leonor — A supplica dos infelizes não chega do Brazil ao throno de Deus!

Carlos — Quasi que assim é, porque a maior parte dos que se consideram felizes, embruteceram o coração e perverteram a intelligencia na construcção da sua felicidade! Mas ainda ha alguns corações sensiveis que comprehendem as lagrimas dos afflictos, e que se esforçam para lhes serem uteis.

Anselmo (*áparte*) — Elle falla-lhe a meia voz!... e ella!...

Leonor — Oh! se eu achasse no senhor um d'esses corações sensiveis; se...

Carlos — Tem fé?...

Leonor — Tenho!

Carlos — Basta. Em sendo noite appareça n'esta sala. (*alto, a Anselmo Nunes*) Meu sogro, dá licença que Leonor vá apresentar-se a minha mulher?

Anselmo — Essa é boa!...

Carlos — N'esse caso...

SCENA VII

ANSELMO NUNES, CARLOS DA SILVA, LEONOR, JULIA, e GUINÉ, pela direita.

JULIA (*com a trança do chim na mão*) — Ah! já chegaste, Carlos?! E não m'o mandaste dizer!

CARLOS — Desculpa, Julia: estava conversando com teu pae..

ANSELMO (*com intenção*) — A respeito de Leonor...

CARLOS — Que foi capturada, e que teu pae obriga a servir-te.

JULIA — Eu por mim não engraço com ella...

LEONOR (*áparte*) — E' um favor que me faz!

JULIA — Mas se meu pae entende que...

CARLOS — Sim, teu pae entende... e n'esse caso é preciso acceital-a, e ser indulgente.

JULIA (*lançando um olhar a Leonor*) — Está sempre a chorar!...

CARLOS — Não é bom censurar d'esse modo as lagrimas dos infelizes, Julia! O pranto derramado no exilio é sempre amargo, e não se parece nada com o chorar estudado d'uma senhora, a quem não satisfazem completamente todos os caprichos!

JULIA — Primeira lição de moral. Quando vens da universidade sempre trazes provisão de maximas e de conselhos moraes. E' pena não me offereceres tambem o *exemplo*...

CARLOS — O exemplo...

JULIA (*rindo*) — Já é tarde para esse fim; bem sabes que me não deixo illudir...

CARLOS — Julia, essas palavras...

JULIA (*rindo e dirigindo-se a Leonor*) — A menina tinha-me dito que sabia entrançar? Faça d'este cabello uma trança bem feita, para servir de chicote. (*atira-lhe a trança*).

Carlos — Um chicote de cabello! Que cabello é aquelle?

Julia (*rindo*) — É a trança d'um colono chim...

Carlos — Que sem duvida lhe foi cortada com violencia! (*pegando na trança*) Não consinto que se faça um chicote d'este cabello! E' uma loucura que...

Julia — Por força! um moralista... (*indo para Anselmo Nunes*) Ah! meu pae, meu pae... tire-me d'aqui similhante mulher!...

Anselmo — Descansa Julia... eu já suspeitava que não gostavas d'ella...

Julia — Não quero que fique esta noite em casa!

Anselmo — Não ficará.

Julia (*voltando-se para Carlos, e com affectação*) — Naturalmente, não hade levar a mal que eu vá ao theatro.

Carlos — Decerto que não: todavia d'aqui á cidade são duas leguas, e o pessimo estado das estradas...

Julia — Quer dizer que não acompanha.

Carlos — Teu pae não hade ficar só.

Julia — E' muito amigo de meu pae! Caçou muito?

Carlos — Nada: o sol matava...

Julia — Ha muitas coisas que matam!...

Carlos — Até logo. (*pega na espingarda e sae pela esquerda*).

Anselmo (*áparte*) — A mocidade é sempre preferida! (*sae pelo fundo*).

Julia (*encarando com altivez Leonor, depois de breve silencio*). — Retire-se!

(Leonor, corteja-a e sae pela direita)

SCENA VIII

JULIA, e GUINÉ.

Julia — Tu não sabes, Guiné? Tenho tido ultimamente uns taes sonhos, que...

GUINÉ — *Eu bem tem ouvido* minha *sinhá.*

JULIA — Tu crês em sonhos?

GUINÉ — *Si crê?*... Está bom!!...

JULIA — Sonhados tres vezes?

GUINÉ — E' livrar d'elles com tres rezas bem *rézadas*, credo em cruz e *Avé Mária*!

JULIA (*rindo*) — Receita de negra!!... Heide livrar-me d'outro modo. Ouviste dizer que vou ao theatro; porém não vou. Chegando a meio caminho, volto, e quero entrar sem ser presentida. Põe-te de vigia: observa e quando eu voltar...

GUINÉ — Está entendido! (*áparte, rindo*) *Sinhá* moça está com ciumes!...

JULIA — De que te ris?

GUINÉ — Só de pensar no que heide ver...

JULIA — E' quasi noite. Manda apparelhar o carro; e depois vae ao meu quarto.

(Julia sae pela direita. Guiné pelo fundo).

SCENA IX

(A scena está por momentos vasia. — O dia acaba. — Vê-se subir a lua; a sala fica apenas esclarecida pelo luar. — Anselmo Nunes, seguido por quatro negros, vem até ao centro da sala, observa, e falla-lhes com precaução.)

ANSELMO — Tens entendido, Paulo? Embosca-te com os teus camaradas, proximo da estrada, ao sair da fazenda. Hade por ali passar esta noite uma mulher que vou despedir acompanhada por alguem, seja quem fôr; d'ali não deve passar. Apoderem-se d'ella e conduzam-na para a minha fazenda das perolas. E' escusado dizer-te que a tua pelle responde-me pela moça!

(Os escravos retiram-se. Anselmo Nunes sae pela direita.)

SCENA X

ALBERTO, e ZEFERINO, pelo fundo.

ALBERTO — E' aqui!

ZEFERINO — E' aqui!...

ALBERTO — Quem sabe o que lhe terá acontecido?!.. Quem sabe...

ZEFERINO — O que nos acontecerá tambem!

ALBERTO — Isso é o menos!

ZEFERINO — Viemos metter a cabeça na guela do leão. Teria sido melhor levar a coisa judicialmente.

ALBERTO — A justiça n'este mundo não chega aos pobres!

ZEFERINO — Concordo; porém eu...

ALBERTO — A sua fortuna, senhor Zeferino... Oh! não conte com ella!

ZEFERINO — Então porque?

ALBERTO — Foi alcançada á custa das lagrimas dos pobres!... tenho má fé com as fortunas ganhas d'esse modo!

ZEFERINO — Veremos isso, quando você se casar com a minha Leonor! Aposto que hade ter escrupulo de lhe receber o dote!?...

ALBERTO — Permitta Deus que Leonor viva e que... E' quanto desejo!

ZEFERINO — Sinto passos... occultemo-nos.

ALBERTO — Occultarmo-nos! Então que viemos nós cá fazer, se não temos força nem animo sequer para dizer duas palavras?...

ZEFERINO — Homem! siga o meu parecer! Você quer logo ir ás do cabo! E' melhor reconhecer primeiro o terreno em que temos de marchar. Venha cá. *(conduz Alberto ao angulo da sala, onde está a rêde, e ali se occulta com elle)* Observemos o que se diz e o que se faz.

SCENA XI

ZEFERINO, e ALBERTO occultos, CARLOS DA SILVA pela esquerda.

CARLOS — Pobre infeliz! queira Deus que o meu obsequio possa aproveitar-lhe. Não tenho coração para o systema barbaro d'esta sociedade! Não vou contra as idéas da colonisação... a colonisação torna-se urgente; mas o methodo que seguem para realisal-a é infame! Até hoje o solo brazileiro tem prosperado com o pranto dos escravos! parece que repugnou ás intelligencias modernas o sacrificio cruel d'esses pobres desherdados! mas o sacrificio continua; mudaram apenas as victimas! E quantos abusos se não praticam á sombra d'essa lei absurda, que vende tres annos de serviço d'um colono, pela ridicula importancia da sua passagem de Portugal ao Brazil!

(Vae á porta da direita, e faz um signal. Leonor apparece)

SCENA XII

ZEFERINO, ALBERTO occultos, CARLOS, LEONOR.

CARLOS — Venha, minha filha, tenha coragem.

ALBERTO (*áparte*) — Leonor!...

ZEFERINO (*segurando-o*) — Deixe ver em que param as modas.

LEONOR — Oh! não sabe como lhe agradeço a protecção que me offerece!

CARLOS — E' a Deus que deve agradecel-a, Leonor; os bons sobre a terra não são mais do que os instrumentos destinados por Deus para realisarem as suas obras de caridade!

ZEFERINO (*áparte, a Alberto*) — Quem é que está fallando? é um homem?!

Carlos — Escute-me, Leonor. Existe uma lei relativa aos escravos e aos colonos, que é por assim dizer a redempção de qualquer das classes. A lei obriga o *senhor* a forrar qualquer dos seus escravos que lhe apresente a somma exigida pelo seu valor: e esta mesma lei obriga o proprietario a rescindir o contracto do colono que o indemnisar da quantia paga pela sua passagem. Aqui lhe entrego seiscentos e cincoenta mil réis para embolsar o senhor Anselmo Nunes. E agora, permitta-me que lhe offereça ainda alguns recursos...

Leonor — Senhor... Oh! eu ignorava a existencia d'estes corações no mundo!

Zeferino (*áparte*) — E então, hein? Não poupo o resgate da moça?!...

Leonor — Toda a minha vida me lembrarei do seu nome para o bemdizer! Ah! conceda-me... (*quer endo pegar-lhe na mão para a beijar*).

Carlos (*recusando*) — Não, Leonor; não queira encher-me d'orgulho. Sou eu que devo agradecer a Deus a possibilidade que me concede de fazer o que faço! O auxilio prestado á desgraça é um capital a render na vida eterna. O juro, é a graça de Deus!

SCENA XIII

ZEFERINO e ALBERTO occultos, CARLOS, LEONOR, JULIA, entrando pelo fundo.

Julia (*caminha vagarosamente até Leonor, e espera um momento, escutando as ultimas palavras da falla antecedente, áparte*) Meu marido não é forte em exemplos de moral!...

Carlos (*sem se perturbar*) — Não receiava surpresas, por isso deixei as portas abertas.

Leonor (*áparte*) — Ah!...

Carlos — Arrependeu-se de ir ao theatro?

Julia — Quando temos um theatro em casa...

Carlos — As pessoas que representam não podem

abandonal-a! é pena que não entendam bem a situação!

JULIA — Oh! entendo-a perfeitamente! O dinheiro que vejo na mão d'aquella *senhora*... Póde-se pagar com usura o mimo d'uma mulher, quando se desfructa a fortuna de outra!

CARLOS — Julia!...

LEONOR — Senhora, pelo amor de Deus!... Oh!... disse e pensou coisas que hãode pesar-lhe bem na sua hora extrema!

(Zeferino e Alberto saem do angulo da sala e avançam até ao meio da scena.)

JULIA — Ah! meu pae!... meu pae!... (*chorando e puxando o cabellos*).

SCENA XIV

ZEFERINO, ALBERTO, CARLOS, LEONOR, JULIA, e ANSELMO NUNES.

ANSELMO — Que succede?! Que tens tu, minha filha?

JULIA — Eu já não posso soffrer a presença d'aquella mulher! Insulta-me por amor d'ella!

ANSELMO — Descansa Julia; vou despedil-a.

ZEFERINO (*avançando e comprimentando*) — Era o favor que eu vinha sollicitar...

ALBERTO (*abraçando Leonor*) — Leonor!

LEONOR — Ah!... Alberto!... Alberto!...

CARLOS (*a Julia*) — Aquelle abraço justifica-me.

ANSELMO — Mas, no fim de tudo... que gente é esta?!

ZEFERINO — Eu sou um criado de v. s.ª, e pae d'aquella mocinha..

ANSELMO — Então que pretende?...

(Zeferino faz-lhe cortezias muito rasgadas, e não atina com o que lhe quer dizer.)

ALBERTO — Sim, Leonor, eu vi e ouvi tudo. Quero tambem agradecer-lhe a sua bondade. Dá-me este dinheiro, agora é preciso restituir-lh'o. *(a Carlos)* Senhor, o seu coração é uma d'essas raras excepções das regras geraes d'este mundo! Não ha termos que descrevam a nobreza dos seus sentimentos, nem palavras que lh'os expliquem a nossa gratidão! Felizmente Leonor está agora sob a protecção de seu pae, e o seu dever é restituir este dinheiro que tão generosamente...

ZEFERINO *(áparte)* — Olhem que loucura!

CARLOS *(acceitando)* — Basta: eu tinha feito o meu dever!

ALBERTO *(para Anselmo Nunes)* — Meu senhor, nós vimos resgatar Leonor.

ZEFERINO — E' verdade, nós vimos resgatar minha filha!

ANSELMO — Não incommode a sua carteira; Leonor está livre: pode sair quando quizer.

ALBERTO — Já!

ZEFERINO *(com servilismo)* — Muito obrigado, muito obrigado!

LEONOR *(beijando-lhe a mão)* — Meu pae ..

ALBERTO — Partamos...

LEONOR — Alberto...

ALBERTO — Partamos... partamos! Estou sequioso de respirar comtigo o ar da liberdade! *(saindo com ella)*.

ZEFERINO *(recuando apoz elles, e fazendo repetidas cortezias)* — Muito obrigado... muito obrigado! mil vezes obrigado!... *(a meia voz a Anselmo Nunes,* Se precisar alguns colonos, eu tenho-os excellentes!... *(alto)* Muito e muito obrigado!

(Alberto e Leonor já teem saido. Zeferino faz a sua ultima cortezia e segue-os).

ANSELMO *(áparte, rindo)* — Os pobres propõem; os ricos dispõem!

Cae o panno.

ACTO III

(O theatro representa uma clareira no centro d'um bosque cerrado. No fundo, pelo córte d'algumas arvores, distingue-se um atalho tortuoso que se perde logo de vista. À direita do espectador uma casa com alpendre e dois assentos de madeira. É dia).

SCENA I

(Ao levantar do panno, Leonor está sentada debaixo do alpendre da casa, junto d'um berço onde dorme uma creancinha de tres mezes, quando muito).

LEONOR — Dorme... dorme meu innocentinho! Prouvera a Deus que não acordasses mais n'esta vida de lagrimas onde te espera a deshonra e o lucto! Ai, que tão desherdado vieste ao mundo, que nem o fructo és dos meus amores! Triste penhor da minha vergonha a que a natureza me prende... Filho da minha alma... (*contemplando-o*).

SCENA II

LEONOR, junto do berço, CARLOS, em trajo de caçador, vindo pelo atalho.

CARLOS — E' escusado teimar! perdi-lhe o ras-

to! era um famoso lagarto, que me podia dar um excellente ensopado para a ceia, se... E trouxe-me até aqui... sei que estou na fazenda das *perolas*; mas desconheço completamente o logar... (*vendo Leonor*) Que é?... Olá!... Está visto... é a fazenda das *perolas!*... Mas... aquella mulher... (*aproximando-se*).

Leonor (*voltando-se por acaso, dá com os olhos em Carlos, reconhece-o e solta um grito*) — Ah!...

Carlos — Leonor...

Leonor — Senhor Carlos!...

(Durante o pequeno dialogo que se segue, apparece repetidas vezes um negro, afastando a ramagem do matto, para observar a scena.)

Carlos — Vêl-a aqui, Leonor, quando eu suppunha que estava longe... talvez na sua patria!...

Leonor — A patria d'uma mulher é onde está o berço do seu filho! (*enxugando as lagrimas*).

Carlos — Tem um filho?!...

Leonor (*indicando-lhe o berço*) — Não o vê?...

Carlos — Então, casou-se com Alberto... aquelle moço de que me fallou algumas vezes, não é assim? e vive...

Leonor — Oh! Alberto! Alberto!...

Carlos — Porém, acho-a tão desfigurada... Leonor, que...

Leonor — As lagrimas que a desgraça promove costumam deixar signal!

Carlos — Mas... não me disse que se tinha casado? Enviuvou talvez...

Leonor — Não lhe disse que me tinha casado; disse-lhe que tinha um filho...

Carlos — Que não hade ser do ar...

Leonor — Que é de...

Carlos — De quem?

Leonor — Do senhor Anselmo Nunes!

CARLOS — Ah!...

LEONOR — Talvez não creia?...

CARLOS — Oh! não é coisa em que se falte á verdade: o que lhe peço é alguns esclarecimentos..

LEONOR — Devo-lh'os. Quer ouvir-me?

CARLOS — Se lhe pedi...

LEONOR — Pois eu lhe conto. *(convidando-o a sentar-se debaixo do telheiro).*

(Carlos entra no telheiro, e senta-se.)

LEONOR — Eu, meu pae e Alberto... pobre Alberto!... saimos, como viu, de casa do senhor Anselmo Nunes, n'aquella noite; puzemo-nos a caminho para a cidade: a noite não podia estar melhor! Eu e Alberto iamos satisfeitos, de braço dado, cantando modinhas da nossa terra, e deitando linhas no futuro... que não tinha de ser; mal sabiamos nós! Só meu pae não ia contente; parecia que adivinhava. Louvava a generosidade do senhor Anselmo Nunes... mas vendo-se então no meio dos bosques cerrados, com duas leguas de caminho adiante de si, aquella generosidade parecia-lhe de mais, e não fazia senão repetir a sua maxima do costume: «Os homens não dão ponto sem nó!» Por mais que Alberto lhe perguntasse o que receiava, não respondia senão com a antiga sentença; e eu já não ia muito senhora de mim, por que me lembrava que o senhor Anselmo Nunes...

CARLOS — Então?...

LEONOR — Que o senhor Anselmo Nunes me tinha jurado um dia que .

CARLOS *(áparte)* — Infame!

LEONOR — Vamos ao caso. Ao chegarmos á *porteira,* meu pae quiz abril-a e achou-a amarrada. Assustou-se e assustou-nos de modo que eu agarrei-me ao braço d'Alberto e não o deixei... N'isto saem-nos quatro negros... Oh!...

CARLOS — Era uma espera vergonhosa!

LEONOR — O que se passou, não sei!... Senti-me agarrar... levar!... Ouvi gritos... ouvi uma voz, que se extinguia, pronunciar o meu nome... e... (*cobrindo o rosto com as mãos*) Alberto!...

CARLOS — O caso não é novo! É por estas e outras que os caixeiros recusam ir cobrar lettras vencidas, a certas fazendas longe da cidade!... (*para Leonor*) Vamos, Leonor! e depois?...

LEONOR — Depois... quando voltei a mim, achei-me n'esta casa...

CARLOS — Só?..

LEONOR — O senhor Anselmo Nunes estava cá tambem. Foi então que o velho declarou abertamente os seus sentimentos! Não houve meio que não empregasse... ameaças, supplicas, lagrimas, e dadivas!... Trouxe-me um annel de brilhantes, n'outro dia um cordão de oiro, depois outras joias.. Ai de mim, senhor Carlos! Eu via-me só com elle..

CARLOS — A virtude cede quando o coração desespera!

LEONOR (*depois de pausa*) — Um mez depois deixou de apparecer-me. Faltaram-me recursos; peguei nas minhas joias, e pedi a Paulo...

CARLOS — Quem é esse Paulo?

LEONOR — O escravo que vem trazer-me o alimento. Tem um coração excellente. Pedi-lhe que fosse á côrte vender aquelles objectos; foi, e voltou com elles, dizendo-me que eram todos falsos! (*com um sorriso amargo*).

CARLOS — Era d'esperar tendo-lhe sido dados pelo senhor Anselmo Nunes! E agora?

LEONOR — Agora, o meu unico recurso, é a bondade do negro que me não desampara!

CARLOS — Minha filha, agradeça a Deus o acaso que me conduziu a este logar. O senhor Anselmo Nunes já não existe; e, tendo eu herdado as suas proprie-

dades, é do meu dever proteger uma infeliz que encontro dentro d'uma das minhas fazendas.

Leonor — Oh! o senhor Carlos não cança de ser bom!

Carlos — Não admira; outros ha que não cançam de ser maus. Amanhã, mandal-a-hei buscar, e conduzir á cidade: lá irei vêl-a e tratar da sua partida para Lisboa. (*levanta-se*).

Leonor — Já me deixa?...

Carlos — Assim é necessario! Quando me demoro, Julia manda procurar-me por toda a parte. Como se chama o seu filho?

Leonor — Chama-se Alberto.

Carlos — Deus o abençoe! Até amanhã, Leonor! (*estende-lhe a mão e sae*).

SCENA III

Leonor (*só, caindo de joelhos*) — Bemdito sejaes, meu Deus!! (*breve pausa*).

(Ouve-se a detonação d'um tiro d'espingarda. Carlos recua para a scena com a arma na mão; Alberto, pallido e esfarrapado, apresenta-se na bocca da asinhaga tambem com uma espingarda na mão.)

Leonor (*correndo para o berço do filho*) — Jesus!

SCENA IV

LEONOR, CARLOS, ALBERTO, ao fundo.

Alberto — Tenho dito, senhor, a bolsa ou a vida!

Carlos — Esmolas não se pedem com a arma na mão! A vida, tira-m'a se queres. Deus te julgará!

Alberto — Deus!... Deus! se Deus se não cança a proteger os desgraçados, não se lembra tambem de os julgar!

Carlos — Essa blasphemia é uma prova do teu desespero. A desgraça conduz muitas vezes ao crime! Se não é a indole que te arrasta, larga a tua arma, e segue-me. Dar-te-hei trabalho; o trabalho tirar-te-ha da miseria!

Alberto (*com uma gargalhada estridente*) — Sou moço ainda; mas já tenho demasiada experiencia dos homens para acreditar nas suas promessas!... A melhor maneira de commover o coração d'um rico, é apontar-lhe o cano d'uma espingarda! (*mettendo a arma á cara e gritando*) Senhor! a sua bolsa ou a sua vida!

Leonor — Oh! meu Deus! aquella voz!...

Carlos — A minha vida pertence a Deus! Deus m'a defenderá! O meu dinheiro é um recurso da desgraça; cumpre-me defendel-o dos invejosos! (*armando a espingarda*).

Leonor (*reconhecendo Alberto, e correndo para elle*) — Alberto!... Detem-te, Alberto!

Alberto (*surprehendido*) — Ah!... que escuto!? (*vendo Leonor, larga a arma e corre a ella*) Leonor!... (*abraçam-se com extremo*).

Leonor — Alberto!...

Carlos (*commovido*) — Desgraçados!...

Alberto — Tu aqui, Leonor!

Leonor — E tu?... e tu, Alberto?!

Alberto — Eu, nem eu mesmo sei como estou aqui! Depois d'aquella noite fatal, em que deixei de lutar só quando as forças me deixaram a mim, acheime, sem saber como, no hospital. Curaram-me as feridas, e depois despediram-me. Corri ao consulado, contei o que se tinha passado, e pedi justiça! Pedi justiça aos pés do consul como a teria pedido aos pés do rei! E sabes que justiça me fizeram? Deram-me uma esmola de *vinte mil réis*! (*rindo*) Rasguei a *cedula*, e saí desesperado! Procurei trabalho, negaram-m'o! Solicitei uma esmola, recusaram-m'a! Desesperado... louco... voltei a casa d'Anselmo Nunes, no firme proposito de

me vingar... o velho tinha morrido! Procurei-te por toda a parte... metti-me pelos mattos... perguntei... indaguei... nada! Todos se riam de mim! tive fome... estava cançado de pedir .. determinei roubar! Oh! Leonor! Leonor!... Aqui tens o que eu passei!... E tu?...

Leonor — Eu?!...

Carlos (*áparte*) — Obrigado, meu Deus, envias-me um desgraçado mais! Partamos... (*sae*).

SCENA V

ALBERTO, LEONOR.

Alberto — Que pallidez é essa, Leonor?!... Estás-me lamentando? já não tens de que! Agora sou feliz porque te vejo! Esqueço-me do que soffri, por que te abraço... Oh! só depois de se ter soffrido muito é que se sabe dar o verdadeiro apreço a um momento d'estes!...

Leonor — Alberto... (*enxugando o pranto*) Alberto...

Alberto — Tu não imaginas como te ficam bem essas lagrimas!... são lagrimas de prazer; e cada uma d'ellas, uma prova d'amor!

Leonor (*áparte*) — Oh! quem terá animo de lhe dizer que...

Alberto — Estamos juntos! juntos ficaremos agora na vida ou na morte! Vamos: quero ouvir o que te aconteceu... (*caindo em si*) Oh! que lembrança! Tu foste-nos arrebatada... Leonor... que fizeram de ti!?...

Leonor (*vacillando pouco a pouco, áparte*) — Não tenho força de lh'o dizer...

Alberto (*observando-a com desgosto*) — Não respondes, Leonor?!... O teu pranto continua... parece que a minha presença te incommoda!... Leonor... Leonor... (*largando-lhe a mão*)

Leonor (*áparte*) — Meu Deus!...

Alberto — Será, por acaso, maior do que eu pensava a minha desgraça?!... Leonor.. dize-m'o tu; não m'o deixes adivinhar!... Sustém-me esta ultima esperança que vacilla... ou mata-me com uma palavra!... (*pausa*) Deixei-te pobre e sem recursos... vejo-te aqui... habitando esta casa... (*caminhando para o telheiro, repara no berço e recua*) Ah!...

Leonor (*caindo de joelhos*) — Meu Deus!

(Momento de silencio)

Alberto — Terra maldita que devoras os desgraçados! Solo abrasado onde a virtude expira no centro das tuas noites perigosas de luxo e d'infamias! Oh! é aqui sobre este solo tão regado com o suor de milhares de colonos, onde as nossas irmãs veem ser vendidas á cubiça dos estranhos!... Eis a recompensa formidavel que nos dão no Brazil: «*trabalho e vergonha*!» (*exaltando-se*) Oh! porém quem foi... quem foi esse homem?... Ah! aquelle que ind'agora tive diante da minha espingarda!... Maldito!... juro-te pelas estrellas do ceo... (*correndo para o fundo*).

Leonor — Alberto... Alberto... (*levantando-se*) Não foi elle!... Escuta...

Alberto — Escutar o que?! Que podes tu dizer-me que me dê ainda uma esperança?!... Que expressões podes empregar que destruam o mal que essas lagrimas me estão fazendo!? Entre nós está o berço do teu filho!

Leonor — Está, sim! porém a existencia d'aquelle innocente não me envergonha! A' fatalidade, quem é que não cede?! Não te vi eu ha pouco, a ponto de te degradares no crime, pondo em risco a vida d'um homem para o roubar? Se tu cedeste á necessidade, por que a tua força moral te abandonava, eu... eu, Alberto, cedi... por que já não tinha forças para lutar!... E agora, quando a minha cruz me pesa mais do que

nunca, e quasi me sinto morrer ao peso d'ella, aquelles de quem eu podia ainda esperar alguma compaixão... são os primeiros a afastar-se de mim, lançando-me essa palavra terrivel que lançaram a Jesus no seu calvario: «Caminha!» Oh! miseras de nós que não valemos nada pelo que somos! que não temos uma amisade sincera, nem um amor do coração! Que não chegamos a inspirar mais do que um simples desejo, quando suppomos ter despertado uma paixão! (*pausa*) Vae, Alberto! Sou mãe; já não sou mulher para amares. (*caminhando para o berço*) Este pobre innocente... que veiu ao mundo sem me trazer ao menos uma recordação d'amor... é o rival que te desafia! Oh! vê como elle me está sorrindo!... Meu filho! Meu filho!... (*beijando-o repetidas vezes entre lagrimas e sorrisos*). Oh! tu hasde amar-me... muito, não é assim? E eu heide repetir muitas vezes o teu nome...

ALBERTO — Que nome lhe puzeste, Leonor?

LEONOR — Alberto.

ALBERTO — Alberto! Alberto!... (*muito commovido*) Tu puzeste-lhe o meu nome, e dizes que hasde repetil-o muitas vezes!? . Oh! .. desculpa-me... Leonor... eu não valho nada para te offender! A tua desgraça e a tua resignação fazem-te grande ao pé de mim, que nem ao menos tenho sabido resignar-me, soffrendo menos do que tu! Heide seguir-te por toda a parte... de rastos, para expiar a crueldade que tive de te insultar no meio da tua desgraça!... Irei... irei para onde fôres... e quando as forças te faltarem para conduzir o teu filho... estes braços... (*cae de joelhos em frente de Leonor*).

LEONOR (*precipitando-se para elle, e tapando-lhe com a mão a bocca*) — Ah! cala-te... cala-te, Alberto, por que as tuas palavras matam-me de prazer!...

ALBERTO — O beijo d'um amor verdadeiro que não arrobou as faces da mãe, nem santificou a concepção

do filho, aqui o deponho eu sobre este innocente... (*beijando-o*).

LEONOR — Meu Alberto... (*chorando e rindo*)

ALBERTO — Leonor...

(Ficam um momento indecisos e depois precipitam-se nos braços um do outro).

AMBOS — Ah!...

ALBERTO — Não sabes, Leonor, sinto-me outro! Não sei o que se mudou em mim! Não sei que volta me deu o coração dentro do peito! Estou socegado... tenho fé... até parece que me está roendo cá por dentro o remorso de ter querido roubar aquelle homem...

LEONOR — Se soubesses quanta bondade ha n'aquelle coração!...

ALBERTO — Quem é elle? conhece-lo? sabes onde mora? Ah! lembra-me de o ter visto... Não me soffre o animo! Vou procural-o, e... Eu volto n'um momento, Leonor (*abraça-a e sae pelo bosque*).

SCENA VI

LEONOR — Deus o acompanhe! Carlos hade ouvil-o, como costuma ouvir os infelizes; hade protegel-o. O dia declina!... o negro demora-se... esperemol-o em casa... (*leva o berço para dentro de casa, e fecha a porta*).

SCENA VII

JULIA, em trajo d'amazona, GUINÉ', e dois lacaios negros, fardados.

GUINÉ' — É aqui minha *sinhá*. Paulo tem-me dito que é aqui! Olhe... lá está a casa...

JULIA — Oh! saber que dentro das minhas proprias fazendas existe uma mulher que me rouba a affeição de meu marido... (*meneando o chicote*).

Guiné' (*áparte*) — Lembra-me que a tal mocinha branca me privou d'amizade di meu *sinhô véio*!.. Ha di págar!

Julia (*a um lacaio*) — Bate n'aquella porta. (*o lacaio obedece, porém vendo que está aberta dá-lhe um encontrão*).

Leonor (*de dentro*) — Jesus! Quem está ahi!?

Julia — São visitas, minha senhora...

Guiné' — A negra vae sê vingada!

Leonor (*apparecendo*) — Ah!.. quem me faz favor de...

Julia — Tendo passado por aqui, desejei descançar... e lembrei-me da sua casa, senhora Leonor.

Leonor (*áparte*) — A filha d'Anselmo Nunes!....

Guiné' — *Sinhá* moça, não si lembra di mim?

Leonor (*áparte*) — A negra Guiné! Não sei o que me adivinha o coração!

Julia (*entrando sem ceremonia na casa*) — Estou curiosa de ver...

Guiné' — Estou morta por lhe pôr a mão!... (*segue Julia*).

Leonor — Que dizem ellas!... (*olhando*) Descobrem meu filho... a negra pega-lhe.. (*precipitando-se para a porta, e gritando*) Ah! Ah!...

Julia (*apparecendo á porta, acompanhada por Guiné que traz o menino nos braços*) — De quem é este menino?

Leonor — De quem é!?... E' meu, senhora!

Julia — Filho de quem?...

Leonor — De quem?!... Com que autoridade me faz essa pergunta?' Oh! (*para a negra*) queira entregar-m'o...

Guiné' — Eu não entrego sem minha *sinhá* mandar.

Julia — Socegue, Leonor, se não quer que empregue outros meios para esse fim. Saiba que a encontro em uma das minhas fazendas. Tudo quanto abaixo do ceo reside n'este solo é meu!

Leonor — Seu! . Excepto as cabeças livres...

Julia — Essas, se o não são de direito, são-no de facto! A vontade do senhor, faz lei; e a força obriga! (*designando os escravos*).

Leonor (*perturbando-se*) — Oh! meu Deus! que quer isto dizer!?...

Julia — Quem é o pae d'este menino?!

Leonor — Se lh'o eu disser, senhora... talvez que...

Julia — Quero saber.

Leonor — Hade porém dizer-me qual é o fim da sua pergunta: bem sabe que...

Julia — Quero saber.

Leonor — Oh! os seus modos assustam-me tanto!...
Senhora... eu nunca lhe fiz mal... que quer de mim?!

Julia — Quero saber quem é o pae d'este menino.

Guiné — Ê forte *embirráção*, gentes! Diga o qui minha *sinhá* qué sábê!

Julia — A sua hesitação augmenta a minha colera! Se me não quer responder, é por que se está sentindo criminosa diante de mim!

Leonor — Oh! dêem-me o meu filho! Eu quero que me entreguem o meu filho! É meu! ninguem tem direito de o roubar ao meu peito! E' meu; deu-m'o Deus!

Guiné (*áparte*) — Cómeça a sóffrê! *cómeço a mi vingá!*

Julia (*rindo com ironia e meneando o chicote*) — Guiné, entrego-te essa creança... Leva-a.

Leonor — Ah!... (*tomando-lhe a passagem*) um momento... senhora... mande-me dar o meu filho!...
Que lhe quer fazer?..

Julia — O que, de ordinario, se faz a uma creança que pode compromettter a reputação d'alguem... Vou mandal-o para a Misericordia.

Leonor — N'esse caso sabe quem é seu pae?

Julia — Sei.

Leonor — E que culpa tenho eu do crime que praticou?...

Julia (*com ironia*) — Crime!? Estas virtudes exal-

ladas que veem ao nosso paiz, dão-me vontade de rir...

Leonor — Senhora, não junte o insulto á violencia! Tenha dó das minhas lagrimas...

Julia — Dó das tuas lagrimas, eu?! Eu que tenho derramado tantas, por tua causa?! Eu que te aborreço... que te odeio?! (*rindo*) Chega-te ao fogo e pede que te não queime; mas não me peças piedade, a mim!

Leonor — Senhora.. mas que mal lhe fiz eu?...

Julia (*rindo*) — Então, não tem graça?... (*aos escravos*) Conduzam esta mulher á correcção. É uma mulher vagabunda encontrada sem licença n'uma fazenda.

Leonor — Ah!... Ah!... Quem me ajuda a levar esta cruz?... (*caindo de joelhos*)

SCENA VIII

JULIA, GUINÉ' com o menino, LEONOR de joelhos, os escravos juntos d'ella, CARLOS pelo fundo; depois ALBERTO.

Carlos (*vendo de relance a situação e ouvindo as ultimas palavras de Leonor*) — Eu.

Julia (*áparte*) — Meu marido...

Guiné (*áparte*) — Sinhô moço...

Carlos (*collocando-se em face de Julia*) — Que fazes tu, Julia?... (*com muito socego*).

Julia — Ora, que faço... (*passeando e meneando o chicote*). Faço o que ha mais tempo devia ter feito se...

Carlos (*com um riso de compaixão*) — Como te enganas! realmente...

Julia — Realmente o que? (*com petulancia*) Não gosto de reticencias, nem estou disposta a... a tolerar-lh'as, ouviu?!...

Carlos — Julia!

Julia — Tenho dito!... Emquanto meu pae foi vivo, o senhor respeitava-me! moderava-se!... Depois, fez-se outro! Esqueceu os seus queridos principios de

moral, que tanto me enfastiava com elles.... e comporta-se... como se vê.

CARLOS — Julia! (*com força*) Julia! O demasiado contacto com os maus perverte os bons. Cuidado!...

JULIA — Oh! se meu pae fosse vivo... (*atirando com raiva o chicote*) Até chega a ameaçar-me! a mim, a quem deve toda a sua fortuna...

CARLOS — Não quizera dever-lh'a pelo preço de lh'o ouvir dizer!

ALBERTO (*entrando*) — Leonor!.. Leonor!... Que é isto? que succede?... Leonor!

CARLOS — Socegue, Alberto. Foi um engano, uma desintelligencia que já passou. (*para Leonor*) Reanime-se, minha filha; a sua felicidade vae começar. Alberto declarou-me as nobres intenções que tem a seu respeito, e estou prompto a coadjuval-as. (*para a escrava*). Entregue esse menino a sua mãe.

LEONOR (*abraçando o filho*) — Meu filho... meu filho!...

ALBERTO — Coitadito!.. Olha como elle quer tomar conhecimento comigo...

CARLOS (*a Guiné*) — Guiné, eu costumo premiar os serviços que nos fazem; estou informado dos seus, e vou premial-os. (*agarrando-lhe no braço e atirando-a aos pés de Leonor*). Leonor, dou-lhe esta escrava.

JULIA — Que faz?...

CARLOS — Abato a intriga aos pés da virtude ultrajada! Alberto, o meu carro espera-os ao sair d'esta fazenda. A somma que lhe dei chega para o principio da sua felicidade. Volte á sua patria, e Deus vá na sua guarda. (*para Julia*) Nós, Julia, iremos viajar. Ha-de fazer-lhe bem ao espirito uma lição da Europa!

ALBERTO — Ouviste, Leonor... ouviste? Oh! louvado seja Deus no ceo! Bemditos sejam os bons sobre a terra!

Cae o panno.

A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.° fr...... 160

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol. 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.° fr....... 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr....... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.° fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço...... 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos 180
Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço....... 300
A Aristocracia e o dinheiro, comedia em tres actos....... 300
Coração de Ferro, drama phantastico em cinco actos....... 300

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. Preço................. 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço...... 240
Uma Victima, drama original em tres actos............ 160

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. —Preço 80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, drama em tres actos............ 160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr...... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.° francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr. 200
As Obras de Horacio, imitação, comedia em um acto. Preço 120
Um Homem de Consciencia, comedia em dois actos....... 160

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.° fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr........ 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr. 200
Memorias do Coração. Preço 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos.............. 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço 240
O Marido no Prégo, comedia em um acto 160
Já não ha tolos!... comedia em um acto............. 80
Não desprese sem saber, comedia em um acto........... 120
O Colono, comedia-drama em tres actos............. 160
Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos...... 200

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN.

A Vida em Lisboa, comedia-drama em 4 actos........... 300

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço........... 320

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.° francez. Preço..... 1:800

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço................. 360

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240
O Pae prodigo, comedia em tres actos............... 200
O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço.... 200
Gil Braz de Santilhana, comedia em tres actos.......... 180

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço....... 240

JOSE' IGNACIO D'ARAUJO.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos...... 200
Um Bico em Verso, scena comica. — Preço............ 60

JOSE' DE TORRES.

Tudo no mundo é comedia; comedia em tres actos....... 200

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. — Preço................. 360

J. E. COELHO.

Amor e Amizade, comedia em um acto................ 80

JOSE' DE VASCONCELLOS HASSE.

A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos........ 160

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA.

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos, 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda — Les quatre fils Aymon. — Preço............ 320

GUILHERME AGUIAR.

Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos... 200

MANUEL ODORICO MENDES.

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. — Preço................ 200

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.° francez. Preço........... 360
Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço............ 100
Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.° fr. Preço..... 200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.............................. 80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça.......................... 80
O Mentor da mocidade.................. 120
Ensaios poeticos. Preço.................. 60
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.° port. 120

NO PRELO.

Remechido o Guerrilheiro, ou os ultimos dez annos da sua vida, drama em 3 actos, e duas epocas, precedido de um prologo.
Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em quatro actos.
A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos.
Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.
A Conquista d as Amazonas, comedia-drama em dois actos.
Um Risco, comedia em dois actos.
A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.
O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos.
Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em um acto.
A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.
Pedro Cem, comedia em cinco actos.
O Maestro Favilla, drama em tres actos.
O Arrependimento salva, drama em 1 acto.
Amor e arte, drama em 3 actos.
Fernando, comedia-drama em 4 actos.
Graziella, drama e 1 acto.
Não envenenes tu, a mulher, qui-proquo em 1 acto.
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.
Dois cães a um osso, comedia em 1 acto.
Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo.
Os Brasões das cidades e villas de Portugal por I. de V. Barbosa.

O DIA 1.º DE DEZEMBRO DE 1640

COMEDIA HEROICA

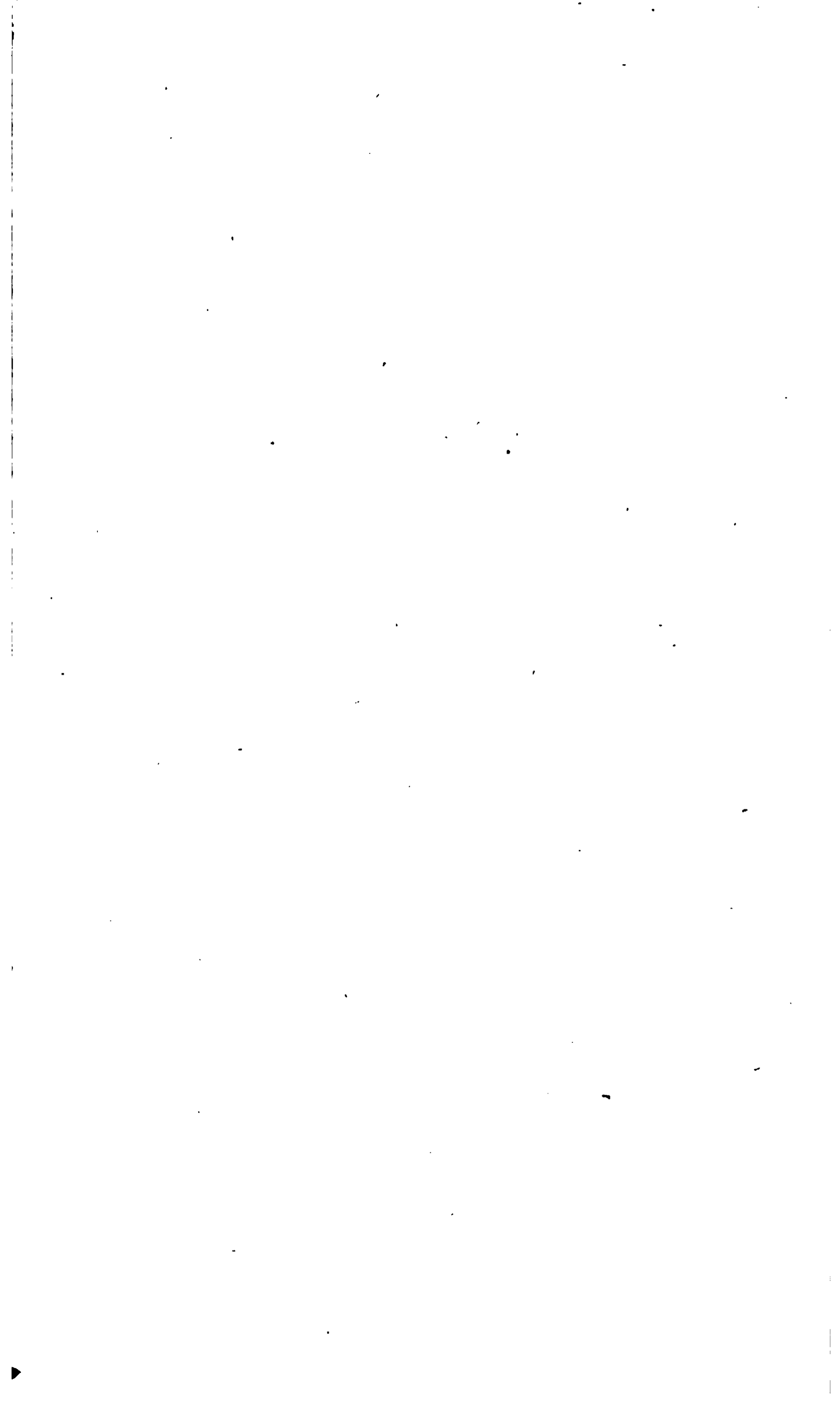
ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR

ALFREDO HOGAN

PARA SE REPRESENTAR NO THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria 73

1862

PROLOGO

Esta peça que ahi vae alinhavada nasceu destinada para o theatro do Gymnasio Dramatico: — O homem põe e Deus dispõe! — mal entrava em ensaios, eis que a maior calamidade que podia ferir-nos, rasgou sem piedade o coração de todos os portuguezes! Commemorar passadas glorias ou deplorar o irremediavel mal que nos affligia, era um problema de facil resolução para nós que tinhamos admirado em cada dia de reinado do nosso moço e muito amado rei, as virtuosissimas qualidades que o tornaram em vida tão credor do nosso amor, como na morte das nossas lagrimas e da nossa saudade. O golpe foi profundo, e sobre os recentes crepes que nos enluctavam, não podiam transparecer alegrias que o nosso coração de ferido não sentia.

A peça passou então do theatro para a imprensa como simples e despretencioso preito de homenagem a todos aquelles esforçados animos que levantaram a nossa bandeira, e firmaram essa dynastia cujo era herdeiro o rei que choravamos; o amigo, o pae que perdiamos, e que descia na terra coberto de benção, ao lado do que ha duzentos e vinte e dois annos fôra o estandarte da nossa independencia, como elle o foi ou quizera ser do nosso verdadeiro systema liberal.

A peça limita-se na singeleza popular, na boa fé e prudente caracter dos dois principaes populares que coadjuvaram a revolução—não vae mais longe. Depois da famosa composição — D. Filippa de Vilhena, — quem ousaria avançar mais? E' despida de apparato, e de pretenção. Desenha os

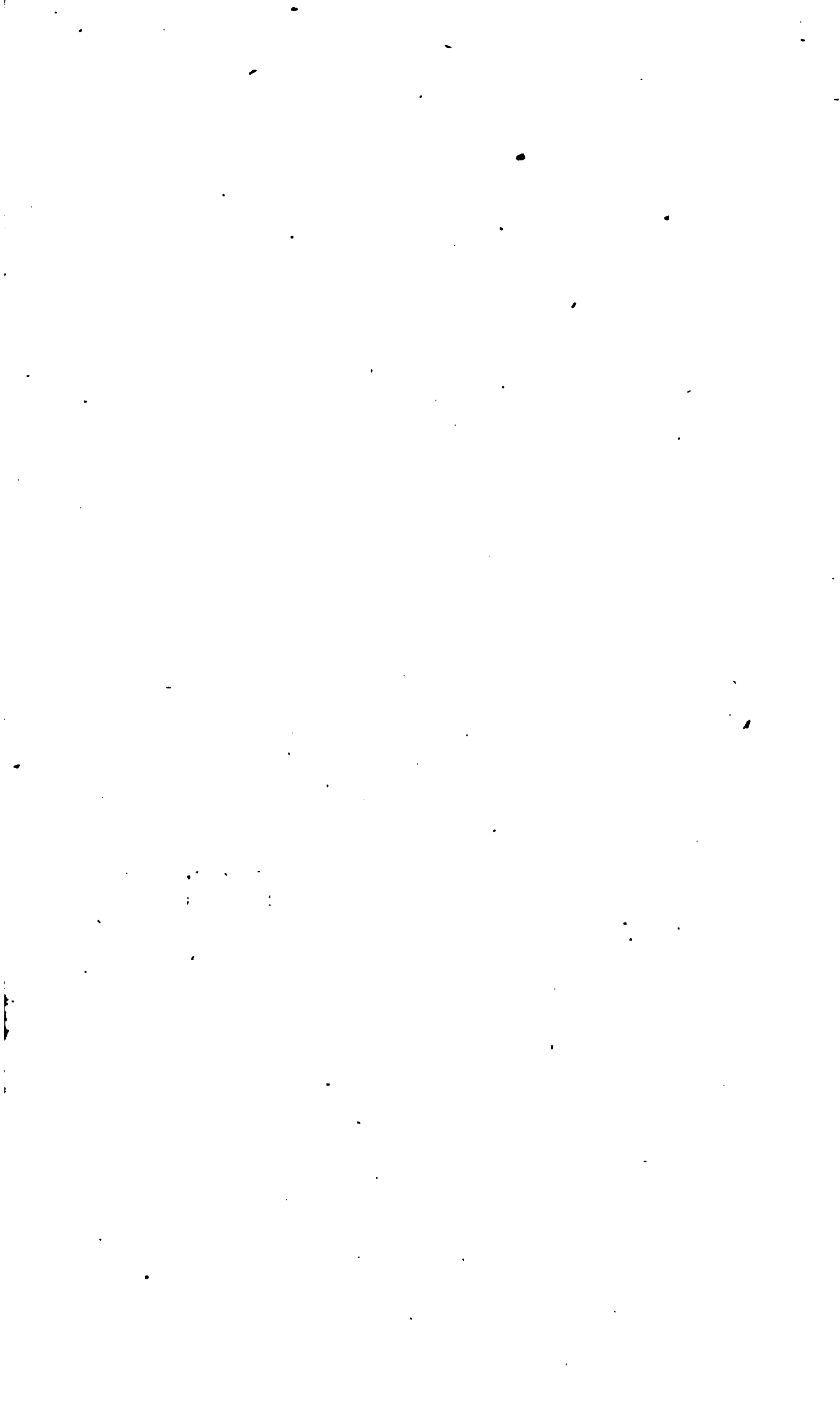
dois odios palpitantes em dois irmãos adoptivos, e colloca entre elles o anjo da liberdade no caracter de uma irmã que a ambos quer e ama do coração, e a um e outro perdoa os excessos a que os conduz a terrivel luta em que se acham empenhados. Tratar de mais alto a questão, fôra arrojo: excitar ainda os mal extinctos odios, abusar do theatro; moldei quanto possivel a ficção ao quadro historico, e escrevi esse pequeno poema patriotico que offereço do intimo do coração ao brioso povo portuguez como prova do respeito que me inspiram os seus actos de dedicação á patria, da dôr que me retalha quando o vejo soffrer, e do regosijo que me exalta quando o escuto proclamar indomito a sua liberdade e a sua independencia.

Lisboa 1 de Dezembro de 1861.

O Autor

INTERLOCUTORES

Antonio Lemos
Pedro
Ruy
João Pinto Ribeiro
O padre Nicolau da Maia
D. Antão de Almada
Gaspar Rubalo
Gil Penteado
Vicente Costa
Affonso de Azevedo
O Juiz do povo
1.º Leigo
2.º Leigo
Anna
Leonor

O Arcebispo de Lisboa, D. Alvaro de Abranches, D. Gonçalo Telles, confederados, nobres, plebeus, soldados e povo.

ACTO I

EM 15 DE OUTUBRO

NEGOCIO DE COMPADRES.

(Sala mediocre em casa de Antonio Lemos. Á direita um oratorio. Uma papeleira á esquerda. Uma poltrona. Porta praticavel, no fundo. Communicação á direita. Janellas á esquerda.)

SCENA I

(Ao levantar do panno, Anna e Leonor sentadas ao lado do oratorio, bordando uma bandeira nacional. É dia.)

ANNA — Já pouco falta. Preguemos-lhe o ultimo castello, que fica prompta. (*suspirando*) Assim pouco faltasse...

LEONOR — Diz-me o coração que não hade andar muito longe d'este mez de outubro. Pedro revelou-me que no dia 12, em casa de não sei que fidalgo...

ANNA — Cala-te filha, credo! a obra que fazemos já bastante fôra para nos perder... quanto mais se ouvissem as nossas praticas! (*olhando para a porta do fundo*)

LEONOR — Guarda-nos o bom Deus dos portuguezes. Oh! contae lá, minha mãe, o lindo conto que reza da sua vinda á tenda d'aquelle rei...

ANNA — E lá foi! foi: que o diz a historia que teu pae nos fazia o favor de ler ao serão. Bom tempo!... que nem isso é já bom fazer agora!

LEONOR — Porque? Que seja o reino todo de D. Filippe...

ANNA — Nosso senhor, dize, filha!

LEONOR — Isso lá, não, mãe da minha alma. Como o diz Pedro, o meu bom irmão adoptivo, atando o fio á con-

versação, de portuguezes rei só Deus ou rei portuguez. Eu cá, tenho para mim, que embora seja a terra toda de D. Filippe e seu tudo que fôr portuguez, suas não são nem serão as glorias do nosso nome!

SCENA II

AS MESMAS, e o padre NICOLAU DA MAIA, entrando pelo fundo.

NICOLAU — Entra o cão na egreja porque acha aberta a porta...

ANNA (*sobresaltada*) — Jesus! que' me esqueci de dar volta á chave! Ah!... V. rev.ª, padre Nicolau da Maia?... (*áparte*) Se fosse Ruy!...

NICOLAU — Que espanto! Não sou eu ainda, se bem que indigno servo de Deus e peior subdito de Hespanha, excellente amigo d'esta casa? (*vindo á scena*) Bofé, minhas filhas! ainda aqui ha quem pense em fazer coisas portuguezas?!

(Leonor corre a fechar a porta do fundo)

ANNA (*muito perturbada, guardando a bandeira no oratorio*) — E' que...

NICOLAU — Sim, sim! Vade retrò Satanaz! De tal não vos absolvia eu... nem nas minhas horas de mais clemencia! Bandeira portugueza em casa de portuguez! Bom fôra em outro tempo; não hoje. E' preciso perder esta mania de nacionalidade... E que cegamente acreditemos que se ainda fallamos a nossa lingua, é só por obra e graça... de quem nos manda, que não tem graça nenhuma! (*em tom comico*) Entiende usted?

ANNA (*áparte*) — D'este, me não arreceio eu, que é portuguez como os que o são!

NICOLAU (*a Leonor*) — Ora pois, minha santinha, váme chamar o pae, que com elle quero derramar umas lagrimas que trago de contrabando.

ANNA — Alguma desgraça?

NICOLAU — Qual desgraça, filha! Tontice minha: mau costume de velho, que chora o passado porque vê que não

chega ao futuro. Sempre que o Outubro nos vae passando ao Novembro, e este nos aproxima do 5 de Dezembro...

Leonor — Ah! E' o dia que meu irmão Pedro tantas vezes cita, em que, segundo diz, os portuguezes passaram não só de filhos a vassallos, mas de vassallos a escravos.

Anna — Jesus, filha!... fallas tão alto...

Nicolau — Alto de mais, para portugueza, señorita! Em portuguez não se falla senão pela surdina. Se usted quizer fallar alto, aprenda o hespanhol, e venha então para cá. Ande, vá-me chamar o pae.

Anna — O senhor Lemos ainda não entrou; mas se v. rev.ª o quer esperar...

Leonor — Parece-me que lhe sinto a voz... Não me engano. (*vae abrir a porta do fundo*)

SCENA III

OS MESMOS, ANTONIO LEMOS E PEDRO.

Lemos (*fallando acalorado com Pedro*) — É escusado teimar: não vos acceito a boa vontade: filha é, sei, do vosso excellente coração, mas cada qual para o que nasceu.

Pedro — Para o trabalho nascem todos: e...

Anna — Então que discussões são essas que tão cegos vos traz pela casa dentro?

Lemos — Desculpae, Anna; Deus te abençoe, filha. Ah!... O nosso leal e velho amigo...

Nicolau — Velho! Pois ha velhos em Portugal quando ha tanto que fazer?

Lemos — Sempre alegre, louvado seja Deus. Folgo de vos ver!

Pedro — Deitae-me a vossa benção, meu padrinho.

Nicolau — Em castelhano ou portug...?

Pedro — Como queira. Bons subditos de Hespanha, já não escolhem entre as duas linguas.

Nicolau — Seja pois n'aquella em que se deu o primeiro grito de victoria na batalha do Sallado, *si si vera est fama!*... Deus te faça bom portuguez para gloria sua!

Pedro (*a Anna*) — Minha mãe!...

Anna — Sua mãe!? Sempre cortez!

PEDRO — Não me deixou a sorte conhecer outra, nem outra quizera; (*apertando a mão de Leonor*) nem outra irmã.

LEMOS — Sentemo-nos, padre Nicolau da Maia, e respiremos á vontade debaixo d'estes tectos mais leaes... (*offerece a poltrona ao padre Nicolau da Maia, e senta-se ao lado d'elle*) Tudo vae de mal a peior!

NICOLAU — Isso é para nós outros, que temos a mania de já não aprender linguas.

PEDRO — Soffshould resignados até á hora da liberdade.

NICOLAU — Sim, senhor! Olhae que vos não engasgueis, senhor meu! Liberdade... pois não; tomae toda que quizerdes.

LEMOS — Pobres de nós! já de fracos e amedrontados pouca esperança nutrimos! Tinhamos ainda a força no commercio!... que é d'elle, agora? O vergonhoso tratado com os hollandezes, que nos deixou com elles em guerra aberta da linha além, e expostas á sua cubiça as nossas melhores possessões da America, e as frotas que de lá veem, que de mal cuidadas e defendidas mal lhes sabem resistir... tudo tem extincto a força e o prestigio d'esta praça de Lisboa que já foi a primeira no commercio da Europa. Faz pena! Nem já vassallos somos, senão escravos de quem não sabe ser senhor!

NICOLAU — Nem todas as verdades se dizem, meu amigo!

ANNA — Tende paciencia, homem; a misericordia de Deus é infinita.

LEMOS — Diogo Soares lá está! Miguel de Vasconcellos cá nos ficou! Em quanto viverem, não contemos com a misericordia divina! A oppressão tem a cabeça em Madrid, a vender-nos; e os pés em Lisboa, a repizar-nos. A cabeça está longe: e os pés... bem defendidos!

PEDRO — Mas o solo que pizam fermenta! Ha ainda quem derrame todo o seu sangue, se fôr preciso, para fazer brotar a flor da nossa mal curada liberdade!

ANNA — Tremo de vos ouvir! Nunca é bom...

NICOLAU — Sim, sim, cautela e caldo de gallinha nunca fizeram mal a doente!

ANNA — Mudemos de assumpto.

PEDRO — Tendes razão. Soffremos este ardor que vem d'alma. O dia do desafogo lá está marcado no livro do des-

tino. Quereis pois saber? aproveito a presença do padrinho para o contar: o senhor Antonio Lemos recusa formalmente acceitar o meu serviço nos seus armazens, e não despede, para que eu os substitua, os dois vís caixeiros que o roubam, fiando a toda a gente!

LEMOS — Pedro...

NICOLAU — Este meu afilhado, nem á mão de Deus Padre é capaz de entender as coisas como em verdade são!

PEDRO — Padrinho, que dizeis?!

NICOLAU — Um dos principaes deveres do bom e leal portuguez, hoje em dia sendo commerciante, é fiar de cara alegre.

LEMOS (*levantando-se*) — Meu bom Pedro, quando vosso infeliz pae, ao sair de Evora para o degredo a que foi condemnado pelos seus patrioticos sentimentos, vos entregou em meus braços, deu-me um filho; não um servo. Se vosso irmão adoptivo não quer coadjuvar-me, mal faz: peior faria eu em soffrer que me servisseis. Vosso desgraçado pae, foi meu amigo, Deus o tenha amparado lá pelo seu degredo, e eu pago ao filho a benefica amizade que devo ao pae.

PEDRO — Oh! Deus vos recompense!

NICOLAU (*a meia voz a Lemos*) — Tenho que vos dizer de importancia!

LEMOS — Vamos para o meu escriptorio.

PEDRO — Padrinho, retiraes-vos?

NICOLAU — Não, vou conferenciar com o meu amigo Lemos, sobre o modo como havemos de te fazer bom subdito do teu rei. Ainda estás em boa edade para aprender linguas, meu rapasola!

(Antonio Lemos e o padre Nicolau da Maia saem pela direita.)

SCENA IV

PEDRO, ANNA E LEONOR.

PEDRO — Sempre folgasão! Quem dera herdar-lhe o genio, e o saber!...

ANNA — Triste ficastes, Pedro: que mal vos afflige? Sabei que a vossa encommenda está concluida.

PEDRO — Oh! quanto vos devo, minha boa mãe; e a vós tambem, querida Leonor!

LEONOR — Para mim é já prazer o cumprir um desejo vosso, Pedro.

PEDRO — Candida amiga! Oh! se Deus nos ajudar, e o sol da liberdade resplandecer em meus tristes dias... como serei feliz se o vosso coração coroar a minha mais bella esperança!...

ANNA — Basta Pedro; não são coisas, essas, de tratar de leve. É preciso pensar...

PEDRO — Offende-vos, acaso, o amor de um pobre e obscuro orphão, que não tem mais fortuna além do seu coração?...

ANNA — Por quem sois, filho meu!... demais, temos que vencer o escrupulo do senhor Lemos, que certo hade ser; pois sendo vós de mais illustre origem...

PEDRO — Eu? Filho sou do povo: tenho apenas por abrigo esta casa e os vossos corações. Oh! os vossos corações que são o meu thesouro! Não m'o negueis!

(Batem de manso na porta do fundo.)

ANNA — Alguem bate.

UMA VOZ (Affonso de Azevedo) — Uma esmola pelo amor de Deus?

PEDRO (*áparte*) — Aquella voz!...

LEONOR — Dae licença, mãe, que favoreça o infeliz.

ANNA — Sim, filha, o obolo da caridade, por mais insignificante que seja, é depois uma lagrima do Eterno a ungir-nos a alma.

(Leonor abre a porta, e dá esmola a um pobre pescador que se lhe apresenta.)

SCENA V

OS MESMOS, E UM PESCADOR (Affonso de Azevedo)

AFFONSO — Deus vos recompense e favoreça assim como favoreceis a desgraça.

PEDRO — É a voz do infeliz que me salvou quando ha dias voltava de Almada! (*ao pescador*) José?

AFFONSO — O meu nome? Ah! senhor meu...

PEDRO — A gratidão vive sempre!

ANNA — Conheceis aquelle infeliz velho?

PEDRO — Salvou-me a vida.

LEONOR — A vida?

ANNA — Contae...

PEDRO — Voltava de Almada: era mau o barco, peior o barqueiro, pessimo o tempo. O vendaval cresceu e o lenho virou-se.

LEONOR — Ah!...

PEDRO — Passava então um varino de pescadores; aquelle, assim como o vêdes, velho e tremulo, lançou-se ao mar e salvou-me.

LEONOR — Bemdito seja!

ANNA — Mas nunca nos dissestes...

PEDRO — Escusado era, minha boa mãe, affligir-vos então.

ANNA (*ao pescador*) — Bom homem, contae de ora em diante com o auxilio d'esta casa.

AFFONSO — Não sei que me disse o coração n'aquelle trance, que remocei dez annos para me atirar ao mar! Ha coisas que ninguem sabe explicar; os meus companheiros até se benzeram de admirados. Mas... salvei-o!

ANNA — Pobre homem! Tendes talvez familia a sustentar; e n'essa edade, ainda lutaes com as furias do mar para lhe arrancar o vosso parco sustento!

AFFONSO — Vivo só, boa alma; só, só comigo e... com a fé que Deus me inspira! Lucto ainda com o mar e arrosto com as furias da barra; que muito é isso para quem tem arrostado com as iras do *demonio do Sul!?*

ANNA — Ah!... silencio, bom homem!...

PEDRO — Acreditae que Deus hade emfim compadecer-se! O mal chega a todas as classes, e todas aspiram anciosas pelo dia da remissão.

AFFONSO — E a minha mais que nenhuma! Nos cadaveres que ás vezes, não poucas, veem colhidos pelas nossas redes, mil vezes temos jurado vingança. Mas a nossa ira é impotente; e nós que nem já no mar, que parece excommungado, achamos o sustento, somos ainda vexados com o

barbaro imposto, a que nos obrigam, de cada varino que sae á minguada pesca!

PEDRO (*áparte*) — A linguagem d'este homem... Oh! não sei que maravilhoso ecco as suas palavras despertam em meu coração!

ANNA — Deploraveis tempos!

LEONOR — Bom pescador, em reconhecimento do vosso generoso proceder, vinde todos os sabbados, ou mandae, a esta porta que se vos não hade abrir em vão. Oh! não foi uma vida que salvastes; sim duas!

ANNA — Augmento a promessa de minha filha: vinde sempre que quizerdes: em quanto houver um pão, n'esta casa, uma parte d'elle será vossa.

AFFONSO — Caridosas almas!

PEDRO — Bom homem, eu, pobre sou; orphão, aqui recolhido por caridade, nada tenho de meu...

AFFONSO — Sois orphão, dissestes?

PEDRO — Sim: mas a minha gratidão...

SCENA VI

OS MESMOS, e RUY pelo fundo.

RUY (*entrando precipitado, e cortando o dialago*) — Malditos! Ah! bom auto da fé... Sua benção, mãe?

ANNA — Deus seja comvosco. Desassocegado vindes, filho!

PEDRO — Algum mal vos aconteceu, irmão?

RUY — Não, irmão! a não ser que me vi involvido com a canalha do pescado que em chusma acudiu gritando, a apedrejar as janellas do paço! Estava escrevendo no gabinete do secretario de estado, e por pouco me não acerta na cabeça uma pedra! Não me soffreu o animo que não corresse a campo, a retribuir a offerta. (*vendo o pescador*) Bofé! Um dos taes em nossa casa?! (*crescendo para elle*) Em boa te metteste, insolente!

PEDRO (*evitando-lhe a acção*) — Irmão, a hospitalidade é sagrada!

RUY — Quem dá hospitalidade a perros damnados?...

ANNA (*collocando-se do lado de Affonso*) — De ruins pa-

lavras vindes, filho, e de peiores acções. *(a Affonso)* Se correis perigo em sair, ficae; senão, ide com Deus, e não esqueçaes as nossas promessas.

AFFONSO — Em paz me retiro, e Deus fique em vossa guarda, como o desejo em minha.

SCENA VII

RUY, ANNA, LEONOR E PEDRO.

RUY *(áparte)* — Sempre por elle! As minhas opiniões sempre rejeitadas em sua presença! Oh! isto hade acabar! *(alto)* Não sabeis, minha mãe, o mal que fazeis em dar guarida a gente de similhante laia!

ANNA — O que, filho; a pobres indigentes?

RUY — Sabei que já alguem ousou lançar-me em rosto que meu velho e honrado pae, até hoje o typo da fidelidade, começava de prestar ouvidos a meia duzia de amotinados, sem eira nem beira, que por ahi andam a sonhar revoltas! Verdade é que m'o não disseram impunemente; mas...

ANNA — Sempre mettido em rixas; valha-te Deus, filho!

PEDRO — Mal fazeis em escutar a quem falla sem criterio.

RUY — Deixal-os; que os mal intencionados hãode ir todos ao fogo um dia, e os traidores tambem!

PEDRO — Ainda bem que o dizeis, irmão.

RUY — Sim; ao fogo os traidores: os nobres que recusam levar das espadas contra os catalães, os do povo que fogem das fileiras, e seguem o exemplo dos covardes!

PEDRO — Mui prodigo sois de sangue portuguez em uma guerra tão alheia aos nossos interesses.

RUY — Não será porventura de interesse nacional a paz da Hespanha? Que seremos sem ella? Portugal, exhaurido e retalhado pelas dissenções dos pretendentes, odios e ambições dos partidarios, sem marinha nem exercito, em face da Inglaterra que o cubiçava, da França que ameaçava absorvel-o, vira a liberdade vergar ao peso da sua miseria se a Hespanha não acudira a protegel-o. Quem fôr ingrato á Hespanha, será traidor á sua patria!

Pedro — Se a liberdade fallecia sob a cubiça dos inimigos, mais digno fôra de portuguezes morrer defendendo-a, que entregar em estranhas mãos um sceptro ha tantos seculos admirado e respeitado pelo mundo! Que se levantassem, hoje, aquelles heroes que, sulcando outr'ora ignotos mares, foram hastear a nossa bandeira na vanguarda da Europa! Covardes, diriam elles, covardes os que esmorecem na adversidade! traidores, os que vão pela vida offerecer o colo ao jugo estranho, preferindo viver vexados a morrer gloriosos pela independencia da patria!

Ruy — Desconcertado juizo! Os portuguezes mantiveram-se no seu justo grau de civilisação, reconhecendo a directa successão dos reis de Hespanha.

Pedro — O throno que um povo levanta por tropheo das suas conquistas e glorias, não passa em herança do rei senão ao povo! Entregue ao estrangeiro viuva a patria fica; em breve, escrava; logo, vendida! De longe vinha já, por execrandas intelligencias, preparada a terrivel situação! Interrogae os factos: claros são, demais! Fatal estrella presidiu ao penultimo reinado! Dizei quem, nos conselhos da corôa, deu por demente ao venerando D. João de Mascarenhas que elevava a autorisada voz, condemnando a infructifera, aliás perigosa jornada de Alcacer-Kibir, origem dos nossos males? Quem, com a Hespanha, tratou do auxilio das suas armas, até ao ultimo dia promettido, e á ultima hora recusado? Quem justificava o empenho de um principe da christandade, pelos torpes designios de um infiel revolucionario? Quem, finalmente, senão traidores, e os proprios que se empenhavam pelo celibato do rei, via risonho afastar-se da patria o rei, o exercito, a flor da nobreza; deixando o thesouro exhausto, desolado e sem defensa o reino, entregue em mãos de ambiciosos, e só mantido pela protecção dos visinhos que tão cara nos tem saido!?

Ruy — Tendes discorrido como ignorante que sois de negocios de estado: de ora ávante, porém, censurando ou esquecendo a bulla que sanccionou a empresa de Africa, tornaes-vos impio!

Pedro — Impio, eu, que sinto no amor de Deus o amor d'esta terra por elle entregue a Affonso Henriques, e soffro no coração as dôres que pungem a minha patria escrava; e cubro de vergonha as faces, por não ver desaffrontada a bandeira das cinco sacrosantas chagas?! Impios, os que re-

negam da gloriosa origem d'estes reinos; impios os que venderam ainda aquellas sagradas fontes de remissão, e com ellas o berço da nossa monarchia, á cubiça de um estrangeiro!

RUY — Guardae lá o vosso arrazoado, e sêde por vontade bom subdito se o não quereis ser por força!

ANNA — Basta, filhos meus, não mais discorraes. Não são negocios, esses, para uma casa onde ha timidas mulheres, que não sabem viver senão de amor e de amizade! Vêem? já fizeram chorar minha filha! (*abraçando Leonor*)

(Batem na porta do fundo.)

RUY — Alguem bate.

ANNA — Abri por favor.

(Ruy abre a porta.)

SCENA VIII

OS MESMOS, E JOÃO PINTO RIBEIRO.

RIBEIRO — Deus seja n'esta casa.

ANNA — Ah! V. s.ª, senhor doutor?!

PEDRO (*áparte*) — João Pinto Ribeiro! de bom presagio vem.

RIBEIRO — Aqui me traz a amizade. Ha bastante tempo que não abraçava o compadre Lemos.

ANNA — Grande honra nos faz v. s.ª! Corro a prevenir meu marido. (*baixo a Leonor*) Vem, minha filha.

(Anna e Leonor saem pela direita.)

SCENA IX.

PEDRO, RUY E JOÃO PINTO RIBEIRO.

RUY — A sua benção, padrinho. Sirva-se v. s.ª de se sentar.

Ribeiro — Deus vos faça um santo, meu afilhado.

Pedro — Tenho a honra de cortejar a v. s.ª

Ribeiro — Folgo de vos ver, senhor Pedro. (*a Ruy*) Trago-vos um presente, afilhado.

Ruy — Oh! meu padrinho!...

Ribeiro — Um verdadeiro presente de bom padrinho: um emprego lucrativo, ein?

Ruy — Será possivel?!

Ribeiro — Isso de escrever no gabinete do secretario de estado, triste officio de *scriba*, pouca estabilidade tem!

Ruy — Mas é de confiança!

Ribeiro — Sei, sei; ali não põe pé senão gente de confiança, de muita confiança, e vós sois discreto! mas... que me direis... de um logar de fiscal da alfandega... ahi para uma boa terra, ein?

Ruy — Sair de Lisboa?!

Ribeiro — Grande coisa! Se o não quereis, franqueza! Tenho o despacho em casa, basta pôr-lhe o nome do despachado; e ali está vosso irmão adoptivo...

Ruy — Ainda vos não disse que rejeitava!

Ribeiro — Bem mal farieis.

Ruy (*áparte*) — Se rejeito, faço um beneficio a Pedro! É preciso acceitar: se não me convier, voltarei! (*alto*) Ah! meu bom padrinho...

Ribeiro — Acceitaes?

Ruy — Do coração!

Ribeiro — Ide pois a minha casa buscar o despacho, que lá vol-o hãode entregar, e ide logo com esta carta á repartição do sello para se vos lançar o imposto, e em seguida á alfandega para se lhe dar entrada.

Ruy — Mas... não dissestes que o nome do despachado estava em branco?

Ribeiro — Foi para vos assustar. Eu bem sabia que não me farieis a ingratidão de rejeitar Ide com Deus.

Ruy (*áparte*) — Veremos se convem! (*alto*) Beijo-vos as mãos, meu padrinho. (*sae*)

SCENA X

JOÃO PINTO RIBEIRO e PEDRO.

Ribeiro — Comprehendeis, senhor Pedro?

PEDRO — Afastaes, como bom padrinho, ao vosso afilhado, do logar do perigo.

RIBEIRO — Para vós, outro empenho; de menor lucro, porém de mais honra!

PEDRO — Fallae.

RIBEIRO (*levantando-se e chegando-se a Pedro*) — Já duas vezes fui a Villa Viçosa, e receio que a minha terceira jornada desperte alguma suspeita! Ireis em meu logar, levando cartas...

PEDRO — Ah! senhor, tanta honra!

RIBEIRO — Bem merecida! Partireis ámanhã.

PEDRO — Partirei! Empenho a minha vida pelo feliz exito da patriotica empresa. Sou portuguez, senhor: livre e independente, ou morto!

RIBEIRO — Heroico mancebo, sois um exemplo!

PEDRO — Exemplo tomo eu de vós, senhor! Verdadeiro typo de portuguez *d'alma e de sangue!*

SCENA XI

OS MESMOS, ANTONIO LEMOS e o padre NICOLAU DA MAIA.

LEMOS — Eis-me, senhor doutor. E' honra o ver-vos n'esta vossa casa.

RIBEIRO — Venho abraçar-vos, e tratar de um negocio de compadres. Ah! e bem o digo eu! Eis outro compadre vosso, e meu presado amigo. (*aperta a mão ao padre Nicolau da Maia*)

NICOLAU — Tambem vim tratar de um negocio. Hoje em dia, quem d'elles quizer utilisar, hade tratal-os entre compadres!

LEMOS (*ao desembargador*) — E' segredo?

RIBEIRO — Não para nós quatro, que nos liga a mesma dôr no abraço do infortunio! que somos bons e leaes portuguezes! que derramamos amargos prantos sobre a nossa terra usurpada! Em nome da patria venho, Antonio Lemos. E' preciso salval-a: a occasião aproxima-se. A nobreza, aterrada com o tributo de sangue que exige a alheia guerra da Catalunha, leva emfim das espadas para manter-se, e arvora por estandarte o duque de Bragança.

Lemos — Bem hajam elles e sua alteza! Ah! que se um dia vejo ainda a corôa de Portugal em fronte portugueza...

Nicolau — Heis de ver. A mitra fez-se para quem falla latim.

Ribeiro — O monteiro-mór, D. Francisco de Mello, e seu irmão D. Jorge, mestre de campo; D. Pedro de Mendonça, varios fidalgos mais, e eu, ha dias, assentámos, nos jardins de D. Antão de Almada, libertar Portugal.

Lemos — Sem forças...

Ribeiro — Por quarenta fidalgos, com o pessoal de suas casas, respondemos nós. Não basta, porém. Preciso é ainda contar sobre o animo dos populares. Vós, e o vosso socio Corrêa, os mais abastados e considerados do commercio, que teem exercido com honra e equidade os principaes cargos do municipio, tanta confiança merecem do povo, que basta o vosso exemplo para lhe restituir o amortecido animo!

Lemos — E' honra ouvir-vos, senhor! Bem quizera d'alma corresponder, mas... egual observação já fiz ao meu bom compadre Nicolau da Maia, tão rapido plano terá porventura bom resultado?

Nicolau — E' caldo a ferver: hade escaldar por força!

Pedro — Senhor Lemos, Deus foi sempre pelos portuguezes! Cada pedra das nossas serras contém uma tradição da sua gloriosa e divina protecção!

Ribeiro — Julguei que em mais conta houvesseis a minha razão, Lemos: mas reparae no povo que soffre ha tantos annos o despotismo, crescendo-lhe de anno a anno o odio contra o oppressor! Não tereis acaso confiança n'este inveterado odio, legado de paes a filhos; combustão terrivel em que assenta a base do dominio estrangeiro, facil em rebentar, certa em destruir?

Nicolau — Eia! Quem nunca arriscou, nem perdeu nem ganhou!

Lemos — Porém... quando um homem vê comsigo uma familia, e uma innocente filha; e pensa na fatalidade...

Pedro (*áparte*) — Oh! Leonor...

Lemos — Animo, demais tivera!... Seduz-me, crêde, o vosso exemplo; porém n'estas coisas politicas, quando falha a victoria, os mais pizados são os pequenos! O meu

sangue?... dal-o-hia todo! mas as duas vidas que elle tambem anima!...

SCENA XII

OS MESMOS, ANNA e LEONOR.

ANNA (*tendo entrado um momento antes, com a filha pela mão*) — Eil-as que veem offerecer-se tambem pela liberdade da sua patria!

LEMOS — Minha querida mulher!

NICOLAU — Tomo por Deus em conta o sacrificio, feito a esta terra que é sua!

PEDRO — Leonor!...

ANNA — Tudo sabemos. Eu e vossa filha somos portuguezas, e as mulheres portuguezas, n'estas occasiões, não teem lagrimas com que desviem ou acovardem o animo de seus irmãos, filhos ou maridos. (*tirando do oratorio a bandeira*) Eis um exemplo! Esta bandeira bordada por mim e por minha filha, perante a imagem do divino Redemptor, tem em cada ponto uma oração nossa pela restauração de Portugal!

LEMOS (*beijando a bandeira*) — Oh! a bandeira da minha patria! sim, outra vez hade tremular rainha nos mares, sobre as frotas do nosso commercio! Anna, minha querida mulher, bem hajas, que me fortaleces o animo; e tu, filha da minha alma! Ah! ambas em meus braços!

RIBEIRO (*baixo ao padre Nicolau*) — Tudo corre ás mil maravilhas!

NICOLAU — Se é negocio de compadres!...

PEDRO — Como serei feliz, se, á sombra d'este estandarte vencedor, vir realisada a minha melhor esperança! Se uma palavra vossa, senhor Lemos, legitimar as promessas que em silencio se tem feito entre mim e Leonor!...

NICOLAU — Logo vi que o maganão de cupido não deixava de vir á festa!

LEMOS — Pedro, será possivel?!...

LEONOR — Meu querido pae!...

RIBEIRO — Prudencia; guarde-se esta bandeira, que cedo é para figurar. O dia está certo: (*a Pedro*): e cada he-

roe da liberdade hade achar, na côroa da sua gloria, a corôa do seu amor.

NICOLAU — Que tudo se hade accommodar: os compadres hãode chegar até lá, se Deus quizer!

LEMOS (*apertando as mãos do desembargador e do padre Nicolau da Maia*) — Está dito. Entro na prodigiosa confederação. Vou immediatamente convocar os principaes do povo; e conto para esse fim com o auxilio do meu socio Corrêa. A minha casa foi talhada de feição para offerecer seguro abrigo aos conjurados...

ANNA — Os armazens contiguos, não ha outros melhores, teem uma escada com alçapão que dá para o primeiro andar, e que não é conhecida de Ruy.

RIBEIRO — Estamos pois de perfeito accordo! A vossa mão, Lemos; pela liberdade e independencia de Portugal!

NICOLAU — Animo e fé!

RIBEIRO — E agora, Pedro, ao vosso encargo.

PEDRO — Partamos.

LEONOR — Partis?

PEDRO — Querida, se o dever...

LEONOR — Oh! (*com enthusiasmo repentino*) Sim, o dever primeiro! Ide, Pedro, ide; as minhas orações hãode acompanhar-vos por toda a parte!

(O desembargador e o padre Nicolau da Maia despedem-se de Lemos e saem pelo fundo.)

SCENA XIII

ANTONIO LEMOS, PEDRO, ANNA E LEONOR.

LEMOS — A patria acordará, emfim, do pesadelo da escravidão! Dormiu um somno de tres reinados; acordará despojada e afflicta; mas vigorosa ainda para sustentar-se em face da Europa! Oxalá que os vindouros saibam mantel-a com honra no logar que vamos dar-lhe.

PEDRO — Tão degenerados virão elles que desprezem os interesses d'este paiz, que, a risco do nosso sangue, vamos deixar-lhes independente? Oh! não! A historia da nossa oppressão servir-lhes-ha de exemplo!

Lemos — O ceo vos escute. Demos pois começo á obra. Vamos a casa de Corrêa.

Pedro — Acompanho-vos, senhor: vou nas pisadas do doutor. Parto ámanhã para Villa Viçosa.

Lemos (*prompto para sair, hesitando*) — Deus seja comnosco! (*a Anna*) Digna mulher, vamos dar um passo bem temerario! De ora em diante, quando nos separarmos, não sabemos se hade ser para sempre!

Anna — Verga-te o animo, Lemos, por amor de mim! Não penses em mim, senão na patria e no dever que te chamam.

Lemos — Vamos: é dever acudir! (*abraça Anna e Leonor — a Pedro*) Partamos.

(Saem pelo fundo.)

SCENA XIV

ANNA, LEONOR, depois RUY.

Anna — Já me suffocava o pranto! O animo das mulheres, vês, Leonor? é assim!

Leonor — Minha mãe! (*áparte*) Que mal posso eu consolar sua afflicção!

Anna — É na verdade um passo bem temerario! E fui eu que o impelli... Ah! o meu bom Senhor Jesus dos Attribulados seja comnosco!

Ruy (*entrando, áparte*) — Lá ia elle ao lado de meu pae! (*alto*) Deus seja comvosco, minha mãe.

Anna — Bem vindo sejas, filho.

Ruy — Quizera fallar-vos, minha mãe...

Anna — Recusei já ouvir-te, alguma vez, filho?

Ruy — É que...

Leonor — Sou de mais; descançae, irmão; vou retirar-me. Já lá vae o tempo em que bem d'alma ereis meu irmão... e tanto que não guardaveis de mim segredos; até me procuraveis para depositaria d'elles.

Ruy — O tempo mudou-vos, Leonor! Procurava-vos, verdade é, tanto na hora da afflicção como no momento da alegria, por que certo achava sempre em vosso coração o meu logar. Hoje porém...

LEONOR — Irmão...

RUY — Desculpae-me, irmã. Eram palavras aquellas, que andavam já fora do coração, apenas retidas pelos labios, esperando a occasião... Se a occasião chegou, não a procurei eu!

ANNA — Mas esquecei-a ambos, por amor de vossa mãe! Acaso o dever que a natureza impõe vos não funde os corações no mesmo amor?

LEONOR — Minha mãe! Eu vos deixo, Ruy. (*sae pela direita*)

SCENA XV

ANNA e RUY.

RUY — Minha mãe; a minha lealdade, a lealdade de meu pae, tornam-se suspeitas.

ANNA — Que dizes, filho?

RUY — Equivocas palavras se me teem dito a esse respeito! Sabem que tenho alguma protecção do secretario de estado, e motejam-na de immerecida!

ANNA — Inveja!

RUY — Fôra-o embora; o coração ficou-me ferido. Interrogo os factos, e os factos bem longe estão de m'o curar. Infelizmente os terriveis exemplos que o governo offereceu ao povo, castigando os insurgentes de Evora, segundo dizem, já esqueceram. Ha espiritos filhos do mal, que teem de o trazer, por missão, ao centro das familias que os abrigam! Deus nos livre d'elles: mas... certo é que muitos e grandes males prevejo que nos ameaçam!

ANNA — Oh! Deus te não escute, filho!

RUY — Sabe-se que abrigamos o filho do cabeça de motim do deploravel acontecimento de Evora! Por meu irmão m'o destes, minha mãe, ao meu lado no meu berço; porém meu irmão não é, nem digno de meu pae, quem tão desleal se mostra no cumprimento de seus deveres!

ANNA — Ruy: quando teu pae voltou de Evora, entregou-me em deposito o filho do seu desgraçado amigo. Orphão de mãe, e por assim dizer de pae, que melhor recommendação trouxera o infeliz para a nossa caridade? E' preciso que respeites a sua desgraça!

Ruy — Respeital-a, quando o ingrato, esquecendo tantos beneficios, abusa da amizade de meu pae, da vossa confiança, e lança sobre minha irmã vistas censuraveis?!

Anna — Ruy!

Ruy — Perdão, minha mãe, perdão. Era preciso dizer-vol-o. Um irmão tambem tem ciumes. .

Anna — Pedro ama sobre tudo a honra; quem tanto preza a honra não premedita a deshonra alheia!

Ruy — Pedro é, antes de tudo, de origem nobre. Os preconceitos de raça refervem-lhe no coração opprimido! Demais, tem por legado a vingança e por dever o odio a el-rei! E o seu espirito pertence ás tristes locubrações de quem tem que lutar entre aquelles dois terriveis sentimentos. Sabeis, minha mãe, que são complices do criminoso as pessoas que lhe prestarem guarida?

Anna — Oh! não quero ouvir-te mais!

Ruy — A minha maior prova de amizade, minha mãe, é este aviso que, por nosso mal, desprezaes!

Anna — Prova de amizade, dizeis? tal não é. Outra quizera mais verdadeira: respeito e amor ao infeliz que protegemos; honra ás nossas affeições; submissão á vontade de teus paes. Assim fôras melhor filho, e mais eu te amara, Ruy!

Ruy — Meu pae estima-o, escuta-o, pensa pelo molde das suas idéas... e Pedro compromette-o! Quem sabe se meu pae, por elle incitado a commetter qualquer imprudencia, como o de proteger algum mysterioso commettimento contra a tranquillidade do estado...

Anna (*áparte*) — Ah!

Ruy (*áparte*) — Estremeceu!... (*alto*) Quem sabe se a mão do traidor virá ainda a lançar o lucto da viuvez sobre a santa mulher que lhe tem sido carinhosa mãe!

Anna — Oh! cala-te pelo amor de Deus!

Ruy — Irmão, pugno pela felicidade de minha irmã, ameaçada por um amor illusorio! Filho, accuso o imprudente que se abalança a compromettcr a tranquillidade de meus paes. Minha mãe, é preciso afastal-o para sempre de nossa casa.

Anna (*áparte*) — O ciume de filho scintilla na sua expressão! Tentemos moderal-o. (*alto*) Ruy, tu és meu filho, Deus te deu ao meu seio; meu filho é elle tambem! Tambem Deus m'o deu, pobre e desvalido, ao meu coração.

Creei-o a teu lado; ambos, em meus braços, beijei com o mesmo beijo, juntei na mesma oração, e abençoei com a mesma benção! O amor de uma mãe não se reparte: é um principio indivisivel que a liga com seus filhos; por isso o irmão que offende a seu irmão, offende a sua mãe! Mereço-te eu alguma offensa, filho?

Ruy — Não, minha mãe; mas quando se trata da segurança e felicidade das pessoas a quem mais amo, não admitto reflexões; nada me tolhe o passo. Pedro hade sair d'esta casa!

Anna — Ruy, faltas ao respeito a tua mãe?!

Ruy — Ponho em vossas mãos a vida de Pedro.

Anna — A vida de Pedro?!...

Ruy — Tenho ainda de cumprir outro dever: o de bom subdito e leal cidadão. Pedro incita contra o socego publico algumas classes do povo. Vou denuncial-o.

Anna — Ruy, Ruy... mal pensara eu no tormento que me dás! Oh! não lances a discordia em nossa casa! Abraço-te, amiga, e esqueço tudo que ahi tens dito. Não foi meu filho que fallou: senão as suas crenças politicas que desabafaram contra quem elle suppõe seu inimigo!

Ruy — A crença é o homem!

Anna — Mas o homem é o filho, que tem mais santos deveres a cumprir. Oh! não te basta a minha supplica?...

(N'este momento, Antonio Lemos apparece pela porta do fundo e detem-se, escutando.)

SCENA XVI

OS MESMOS, ANTONIO LEMOS, depois LEONOR, pela direita.

Ruy (*interrompendo a ultima falla de Anna*) — Não, minha mãe! Escusado é supplicar. Falla-vos uma crença, uma convicção intima! Se não afastaes d'esta casa a Pedro, cumprirei ámanhã o meu dever: irei denuncial-o por traidor; e vós bem tendes ouvido dizer que a clemencia da duqueza de Mantua cede á instancia de Miguel de Vasconcellos!...

Anna — Ah!

Leonor (*correndo a Anna*) — Um grito?! Ah! que tendes, minha querida mãe?...

Lemos (*a Ruy*) — Vae e não voltes!

Ruy — Meu pae! ?...

Lemos — A porta de um bom e leal portuguez nunca mais se abrirá para dar abrigo a um vil denunciante!

Ruy (*cobrindo o rosto com as mãos*) — Ah!

Lemos — Vae, a minha maldição te pese por teu castigo.

Ruy — Amaldiçoado por amor de Pedro! ?... Oh! esta maldição aniquilou para sempre todos os diques em que se continha o meu odio! D'ora ávante, eu ou elle!

Cae o panno.

ACTO II

26 DE NOVEMBRO.

VENCER OU MORRER.

(Vasto armazem, com uma porta no fundo, quasi occulta por uma pilha de fardos, que para ali foram removidos, sem ordem, como para se fazer trincheira. A' direita outra porta mais baixa: á esquerda outra. Quasi no centro da scena uma escada para o pavimento superior. Uma banca á direita. Ao lado da banca um candelabro de ferro com uma tocha accesa.)

SCENA I

(Ao levantar do panno, Affonso, ainda vestido de pescador, e Antonio Lemos.

LEMOS — Porque não viestes ha mais tempo fazer justiça á minha amizade velha?!

AFFONSO — Não sabia onde habitaveis, Lemos; e temia compromettel-vos, procurando-vos. Foi o acaso que á vossa porta me trouxe mendigando. (*apertando-lhe a mão*). Um amigo! Oh! Ha porventura palavras que exprimam quanto vale um amigo, Antonio Lemos? Um homem de quem nos separamos, a quem confiamos o nosso unico e mais presado thesouro, um filho ainda no berço... e que vimos, muitos annos depois, encontrar tal qual o deixámos, a entregar-nos o nosso filho creado e educado, feliz para nos tornar felizes, obrigando-nos a esquecer todas as nossas tribulações passadas... Oh! não, não ha palavras que signifiquem o verdadeiro apreço de um amigo! (*tornando a apertar-lhe a mão*)

LEMOS — Então, senhor, tão pouco vos devia eu?... Esqueceis a vossa amizade para vos lembrardes da minha?

AFFONSO — Mas... onde está elle?... Tinheis-me dito que...

LEMOS — Que o espero hoje...

AFFONSO — Hoje!.. Ha dias que parecem seculos! É maior, este, do que nenhum dos que passei no exilio! E não ha ainda dois mezes que o salvei de morrer afogado no Tejo; e cada vez que me recordo d'aquelle impulso que me fez saltar á agua, e de como o não entendi, para reconhecer o meu filho!... e de como o tornei a ver depois e a fallar-lhe sem reconhecer ainda quem elle era... nem saber eu que tivera entrado em tua casa!... (*sentando-se*) Oh! Antonio Lemos... nunca me falleceram as forças em face do perigo nem do infortunio; fallecem-me agora em perspectiva da alegria que me espera de abraçar o meu filho! E abraçal-o, heroe da liberdade, pugnando pela restauração da nossa patria, contra os seus e meus assassinos!... E deixei-o no berço!

LEMOS — Ha vinte annos!

AFFONSO — Ha vinte annos, sei, aqui os tens nos meus cabellos brancos! Foram vinte annos de exilio, que não sabes o que é! Quiz Deus que eu tornasse a ver a patria, a lei dos homens, a lei de ferro dos nossos oppressores, que por toda a vida me degredava, quebrou! Achei piedade em um hollandez, com elle me embarquei para o Brazil: contrarios ventos nos desviaram; um naufragio fez o resto; salvou-me uma taboa portugueza, e as praias da minha patria deram-me abrigo até hoje; mas hoje... (*levantando-se de repente*) Hoje... Ah! e como o esquecia eu!... Os honrados pescadores a quem devo aquelle abrigo... e que foram dos que vieram amotinados apedrejar as janellas do *chamorro*, estão em poder da justiça! Por elles, mais depressa, vim procurar-vos, Antonio Lemos; é preciso salval-os.

LEMOS — Descançae; já vos disse tudo que se tem passado. Esperamos hoje novas de Villa Viçosa, e contamos que em breve conseguiremos sacudir o jugo dos nossos tyrannos.

AFFONSO — Mas se tardar... os infelizes vão á forca! São dois velhos como eu, Lemos!

SCENA II

OS MESMOS, LEONOR, descendo a escada com precipitação.

LEONOR — Meu pae... meu pae...

LEMOS — Devagar, filha...

LEONOR — Ruy não está em casa, descançae... Ah!... nem folego tenho!

LEMOS — Que succede?

LEONOR — Um aviso...

LEMOS — De que?

LEONOR (*lançando-se nos braços de Lemos*) — Ah! meu querido pae!

LEMOS — Fallae...

LEONOR — Chegou Pedro! A salvamento o trouxe a minha boa e santa Senhora Madre de Deus, que é minha madrinha!

AFFONSO — E tambem d'elle!... e tambem d'elle!... Ah! E' um anjo que me annuncia a sua chegada... Deixae que vos beije as mãos, estas beneficentes mãos que tantos desgraçados bem dizem!...

LEONOR (*modestamente*) — Bom homem...

LEMOS (*áparte*) — Mal sabe ella quem é este homem a quem tanto ha esmolado. (*alto*) Leonor, volta junto de tua mãe. Dissimulae, e sêde prudentes.. E' preciso que não transpire o segredo da chegada de Pedro. Ruy hade suppol-o ausente; procurae conserval-o no engano. Ide, minha filha.

LEONOR — Ruy está inteiramente mudado; até parece ter saudades de Pedro; bastantes vezes pergunta noticias d'elle.

LEMOS — Ide, filha.

LEONOR — Perdão, meu pae... Pedro hade entrar pelo armazem?

LEMOS — Ide, ide minha filha.

LEONOR (*áparte*) — Parece que me foge de alegria o coração! E não saber a que hora elle hade chegar... (*sobe a escada e desapparece*)

SCENA III

LEMOS e AFFONSO.

Affonso — Então?...

Lemos — E' preciso prudencia. Pedro não conta com o milagre que vos tem ainda vivo em Portugal. Convém preparar-lhe o espirito...

Affonso — Tendes razão! eu mesmo, porém...

Lemos — Tereis animo?...

Affonso — Heide ter! Eu lhe fallarei, sem me declarar. A felicidade que se demora por nossa vontade, augmenta. Mil vezes heide regosijar-me em dizer «meu filho está aqui, debaixo dos meus olhos, posso abraçal-o quando quizer ..»

Lemos — Convém demorar o momento para evitar distrahil-o da sua missão. Sinto passos... (*escutando á porta da esquerda*) Abriu-se a porta, é elle decerto.

Affonso — Meu filho!... Vou abraçal-o... abraçal-o já... (*tremulo, detendo Antonio Lemos pelo braço*) Esperae, Lemos, esperae ahi, homem! Reconsiderei, vejo que não terei força para me conter! Deixal-o entrar; eu retiro-me; subo para vossa casa; e quando julgardes que convém...

Lemos — Julgo melhor deixar passar esta noite, em que elle tem de dar conta da sua missão.

Affonso — Ainda uma noite!? Seja! Tenho soffrido tanto... que até estranho quando algum momento, deixo de soffrer! (*com gesto de infantil alegria*) Amanhã... Amanhã, sim! (*abraçando Lemos, rindo e chorando*) Amanhã, meu amigo? (*batendo as palmas e subindo a escada*) Amanhã!

SCENA IV

LEMOS e PEDRO pela esquerda.

Lemos (*logo que Affonso desapparece, abre a porta da esquerda com uma chave que tira do bolso*) — Ah! vinde, vinde meu amigo! Bem dito seja Deus que vos trouxe a salvamento!

Pedro (*largando a capa e arrojando o chapeo, precipita-se nos braços de Antonio Lemos*) — Eis-me finalmente! Ah! que

de saúdades me matavam!... mas... (*olhando pela scena*) suppuz que não estaveis aqui só... (*áparte*) Leonor...

LEMOS — Verdade é que não estava só. Aqui estava comigo aquelle pobre e velho pescador Affonso...

PEDRO — Affonso? José, aliás...

LEMOS — Affonso, digo...

PEDRO — Era o nome de meu pae!

LEMOS — Era, e... quem sabe se o é ainda.

PEDRO — Oh! Ha vinte annos em Africa, sem novas nem mandados...

LEMOS — Mas á conta de Deus, como seu fiel servo, que sempre foi, e rigido observador dos seus sagrados mandamentos!

PEDRO — Dizeis então que o pescador... e porque motivo occultava o seu verdadeiro nome de Affonso, que mais estimavel m'o tornaria ainda!?

LEMOS — Interrogal-o-hemos; era elle, como vos dizia, que me acompanhava aqui, onde lhe tenho prestado guarida, até que as coisas mudem de face, se aprouver a Deus!

PEDRO — E... minha mãe, e... minha irmã?...

SCENA IV

OS MESMOS, ANNA e LEONOR descendo a escada.

ANNA — Eil-as, meu filho... eil-as comvosco!

PEDRO (*correndo a abraçal-as*) — Ah!...

LEMOS — Coitadas! não lhes soffreu o animo que não viessem! Em paz os deixo. O primeiro abalo está produzido. Vamos; demais, não tarda ahi o compadre Ribeiro. (*a Pedro*) Pedro, ahi deixo a chave na porta, vigiae por ella. É provavel que algumas pessoas ahi venham para o que sabeis. (*dá volta á chave, e sobe a escada*)

SCENA V

ANNA, PEDRO e LEONOR.

LEONOR — Morria pouco a pouco, Pedro, com saudades tuas!

PEDRO — E eu? pela primeira vez separado de ti...

ANNA — E nós em sobresalto...

LEONOR — Os perigos da jornada!...

PEDRO — Affrontei-os corajoso por amor de vós, Leonor; e de vós, minha mãe! Tenho orgulho agora de pensar em todos os do caminho, e da missão, para me apresentar alegre em vossa presença, tendo já prestado um serviço á nossa causa!

ANNA — Fallou-vos o duque?

PEDRO — Fallou, e tratou-me como a fidalgo. Ah! se o visseis... que magestade transluz no seu rosto sereno e tranquillo; que altura se revela, de suas virtudes, no modo como falla, suave e insinuante!... Não consentiu que lhe beijasse a mão, como o não permitte a familiar algum da sua casa: e o pranto caía-me, de respeitosa commoção, perante aquella opprimida e generosa magestade! Ah! se a sorte nos fôr adversa... morrerei ao menos consolado de ter visto a fronte portugueza em que devera assentar a corôa de Portugal!

(Batem tres pancadas na porta da esquerda)

ANNA }
LEONOR } — Jesus!

PEDRO — Socegae, é gente nossa. Foi esta noite aprasada para uma reunião: os confederados começam de chegar.

LEONOR — E já nos separam!

PEDRO — Por em quanto, Leonor, pertenço mais á causa da liberdade da patria, do que ao doce imperio da minha aspiração! Livre, depois irei offerecer risonho pulsos e coração ás rigorosas cadêas que te aprouver lançar-me!

LEONOR — Pedro...

ANNA — Vamo-nos, filha, vamos: a bondade de Deus é infinita! Com Deus ficae, Pedro.

LEONOR *(baixo a Pedro)* — Em occasião voltarei mais opportuna. Tenho muito que te dizer!

PEDRO — Mas, Leonor...

LEONOR — Deus te guardará de mim, Deus me guardará de ti. Tenho na idéa um susto, que me atormenta, pela tua segurança...

ANNA — Leonor, subamos!

(Em quanto Leonor tem este pequeno dialogo com Pedro, Affonso ancioso e tremulo desce a escada e occulta-se. Repete-se o signal na porta da esquerda.)

Leonor —Socega, Pedro; é talvez illusão... tontice minha... perdoa! Logo volto.

(Anna e Leonor sobem a escada.)

SCENA VI

Pedro e Affonso occulto, depois D. Antão de Almada e o padre Nicolau da Maia.

Pedro (*junto da porta da esquerda*) — Em paz vindes?

D. Antão (*de fóra*) — Para mudarmos de rei.

Pedro (*abrindo a porta e tornando a fechal-a assim que entram os dois confederados*) Que Deus vos escute.

Nicolau — Com que então não vos tragaram pelo caminho os lobos? Venha um abraço, afilhado.

Pedro — Meu padrinho!

Nicolau — Apresento-vos ao senhor D. Antão de Almada, que apressado vem por vos conhecer, Pedro.

Pedro — Meu senhor!

D. Antão — Amigo antes, mancebo. Sei que o mais ardente enthusiasmo patriotico vos inflamma, e merece, apar do nome que herdastes, não menos acrisolado amor de todos os que se sacrificam pelo bem da patria. Mal fôra o esquecer-vos na obscuridade em que ficastes; estender-vos venho já a mão de amigo e protector. (*estendendo-lhe a mão*)

Pedro (*tocando-lhe apenas*) — Senhor!

D. Antão — O serviço que vindes de prestar não hade ficar sem recompensa. Sois nobre; aos nobres cumpre agazalhar-vos. De hoje em diante o meu palacio...

Pedro — Senhor! Fui por meu pae depositado entre o povo, entre o povo cresci e me eduquei, pelo povo trabalho, entre o povo quero achar-me! Chamaes-me nobre? não o sou. Meu titulo extinguiu-se; meu solar foi confiscado, e eu esquecido na hora do infortunio de meu pae! O meu verdeiro titulo é o de bom vassallo portuguez; e a minha verdadeira gloria hade ser-me dada só pela minha consciencia! Agradeço-vos tudo que intentasseis fazer por mim, honras e grandezas; mas da obscuridade em que fiquei não ambiciono outro esplendor senão o do sol da nossa liberdade!

Affonso (*que o tem escutado do seu esconderigo, e áparte*) — É resposta de verdadeira altura!

D. Antão — Notae, senhor, que para reivindicar vossos bens...

Pedro — Quando entrei na tremenda confederação em que meu senhor padrinho me introduziu, só no bem da patria pensei. Bens quizera eu ter para os apostar por ella. Só possuo a vida. Já a arrisquei; se é preciso voltar a Villa Viçosa, mandae.

D. Antão — E' heroica a vossa resposta!

Affonso (*áparte*) — Oh! é meu filho!...

Nicolau — Na vossa edade, Pedro, em que o maganão do fabuloso deus vendado aquece o cerebro dos rapazes, olha-se para o futuro sem se lhe ver senão rosas: mas...

Pedro — Se ha entre os confederados algum animo excitado pela cubiça ou pela ambição, que saia de entre nós! E' assim que penso.

Nicolau — E pensas bem: com quanto, porém, sejam dignas de ti as tuas respostas, offendem o animo dos que por ti se interessam...

Pedro — Desculpae-me, senhor D. Antão de Almada: quiz só demonstrar-vos que me não moveu o animo o interesse da recompensa, na jornada que fiz; como não careço de incentivo para affrontar novos perigos!

D. Antão — Mancebo, apressado vim de conhecer-vos, satisfeito me sinto. O vosso melhor titulo de nobreza existe na lealdade dos vossos sentimentos! Dae-me a vossa mão.

Affonso (*áparte*) — Oh! Ali está o meu filho! Deus de misericordia... rendamos-te graças, antes de o abraçar!

Nicolau — Fallastes, finalmente, ao homem?

Pedro — D'elle trago mensagem.

D. Antão — Comvosco a tendes?

Pedro — Ainda me não saiu de sobre o coração. Penso que só a quem me incumbiu de ir por ella a devo entregar!

D. Antão — Assim é. Esperemos que chegue para tomarmos conhecimento do seu conteudo.

Nicolau — Entremos, entretanto, n'este quarto, onde ha um crucifixo alumiado pelo bom resultado da nossa empresa. (*indicando a porta da direita, e chegando-se depois a Pedro, a meia voz*) Innocente! Eu pertenço todo a Deus e ás coisas de Deus; mas assim como a Deus não se pede senão o

bem do proximo, aos grandes da terra é bom começar a pedir sempre pela primeira pessoa: nominativo, ego... etc.

PEDRO — Atraz de tempo, tempo vem.

(O padre Nicolau da Maia e D. Antão de Almada entram no quarto á direita)

SCENA VII

PEDRO e AFFONSO.

PEDRO (*voltando de os acompanhar até á porta, dá com os olhos em Affonso*) — Oh! o pescador!...

AFFONSO (*tremulo de mal disfarçada commoção*) — Meu filh... meu senhor!

PEDRO — Teu filho, sim, bom homem, chama-me teu filho; se me não deste a existencia, salvaste-m'a com verdadeiro amor paterno.

AFFONSO — Meu filh... Oh! até me parece um sonho... (*mascarando rapidamente a idéa*) tel-o eu salvo do mar que m'o levava...

PEDRO — Foi, em verdade, acção tão arrojada como caridosa! A minha gratidão hade ser eterna!

AFFONSO — A sua gratidão... como se eu não tivesse do proprio commettimento o premio! Desculpae o pobre velho... mas tomou-vos tal amizade, o insensato, que veiu aqui só por vos abraçar! se concedesseis...

PEDRO — Levo-o em gosto, bom José... Ah! é verdade, por que motivo me disseste que te chamavas José, e não Affonso?

AFFONSO (*detendo-se*) — Ah!... é que...

PEDRO — Similhante embaraço!...

AFFONSO (*dissimulando*) — Que mais vos importa um do que outro? Affonso ou José...

PEDRO — E's para o meu coração o mesmo; guarda o teu segredo; mas deixa que te nomeie Affonso, que era o nome de meu infeliz pae..

AFFONSO — De vosso pae?

PEDRO — Degredado, ha vinte annos, por toda a vida

em Africa, onde decerto expirou, enviando-me a sua benção! Folgo de empregar o seu nome no homem que me salvou a vida, expondo a sua. Oh! como elle o teria recompensado!

Affonso — Decerto! decerto! Um filho em que vemos reflectido todo o nosso amor, toda a nossa honradez, todos os nossos pensamentos, é o melhor mimo da mão de Deus! Oh! vosso pae, senhor, ter-vos-ha agora abraçado como eu vos abraço! (*abraçando-o com vehemencia*)

Pedro — A tua amizade desperta-me desconhecida ternura .. talvez similhante ao filial amor, que se me exhala puro e santo da alma commovida, como o perfume da rosa que se abre ao primeiro raio de sol! Oh! é como um sol, a tua amizade, que me aquece a alma no crepusculo da minha enlutada existencia!

Affonso — Sim... salvei-vos, sois meu filho...

Pedro — Deleita-me a gratidão que te consagro. E' ella que me commove...

Affonso — Deixar-me-heis estar sempre junto de vós, mesmo nas horas de perigo: heide seguir-vos em toda a parte: e quando alguem vos pergunte quem sou e que quero, direis que sou a vossa sombra, uma coisa que não se separa de vós, que vos não estorva nem inquieta, que vos segue e nada mais! Oh! de ora em diante, não me separo mais de vós!

SCENA VIII

OS MESMOS, E LEONOR.

Leonor — Pedro, estaes só?

Pedro — Leonor!... (*rapidamente distrahido por differente e mais doce commoção; a meia voz a Affonso*) Occulta-te!

Affonso (*áparte*) — Permittis então que fique n'este recinto, sempre comvosco, que vos siga sempre?

Pedro — Sim: mas occulta-te.

Affonso (*occultando-se*) — Louvada seja a infinita misericordia de Deus!

Pedro (*indo esperar Leonor ao descer da escada*) — Anciada vens, querida!

Leonor — Por amor de ti, Pedro! confesso, rala-me o susto!

Pedro — Más novas ha?

Leonor — Não boas! Soube-as, em segredo, de Ruy.

Pedro — De Ruy? Pois não partiu elle para o seu novo emprego?

Leonor — Voltou logo. Oh! está completamente mudado: se soubesses como de cuidados me cerca...

Pedro — Mas...

Leonor — Não ha ainda uma hora que me appareceu agoniado, apenas sustendo o pranto... por amor de ti!

Pedro — De mim!? Pois não me suppõe elle ausente?

Leonor — Sabe que chegaste.

Pedro — E' impossivel!

Leonor — Revelou-me que um perigo imminente ameaçava teus dias! Que te procurava a policia... Oh! se soubesses como tenho soffrido! Tão assustada ando que deliro quasi! Quizera pedir-te que abandonasses as loucas idéas que te trazem de involta com aquelles homens que pretendem attentar contra o rei. Que nos importa o que elles fazem? não seriamos mais felizes vivendo sem receios ao lado um do outro, Pedro?

Pedro — E és tu que me fallas, tu, a filha do honrado portuguez Antonio Lemos?!

Leonor — Falla-te a mulher que não tem outra ambição senão ser tua, e reputar-se feliz da tua felicidade! Ruy disse-me que vão correr em Lisboa rios de sangue... e eu tremo por ti, Pedro! Oh! abandona tudo, e se fôr preciso fugir de Lisboa...

Pedro — Abandonar meus irmãos?!... Leonor, amarias tu um covarde?

Leonor — Pedro!...

Pedro — Oh! não solicites o sacrificio da minha honra que é a minha unica fortuna, Leonor! Descança: infundados receios te amedrontam. Tudo está prevenido: não virá ninguem interromper-nos. A policia respeita a casa de teu pae, os hespanhoes não lhe fazem a justiça de acreditar seus patrioticos sentimentos! julgavam compral-o a troco de algumas distincções, e longe estão de suspeitar que debaixo d'estas abobadas ruge contra elles o leão popular!

Leonor — Pedro, junto de ti, não me aterram appre-

hensões... porém ao deixar-te... ellas matam-me de susto. Hontem, sonhei ver-te cercado de perigos... lutando sem vantagem, e cair desesperado!...

Pedro — Coragem, Leonor. Os sonhos são chimeras. Pouco tarda o dia do triumpho: animo até lá!

Leonor — Escuta! não sentes rumor?

Pedro — De facto. É a hora da reunião: chegam os confederados. (*escutando á porta da esquerda*)

Leonor — Oh! divina Mãe dos afflictos! Mas aquella porta...

Pedro — Abre-se a um signal ajustado. Vae para tua mãe, Leonor; é tempo de nos separarmos. (*conduzindo-a até á escada*)

Leonor — Oh! Pedro...

Pedro (*beijando-lhe a mão*) — Por ti e pela patria, Leonor, não ha senão vencer ou morrer! Adeus!

Leonor — Adeus!

(Pedro torna a beijar-lhe a mão, Leonor sobe a escada e desapparece.)

SCENA IX

PEDRO e AFFONSO occulto: depois GASPAR RUBALO, GIL PENTEADO, VICENTE COSTA, e alguns conjurados.

Pedro — A santa causa da liberdade está entregue a Deus! O nosso melhor escudo é a fé!

(Batem de fóra tres pancadas na porta da esquerda, e logo se ouve uma voz dizer estas palavras)

Rubalo — Mudamos de rei.

Pedro (*abre a porta, tornando a fechal-a logo que entram os tres confederados populares*) — Bem vindos sejaes, irmãos. Aqui vae decidir-se hoje a sorte da nossa terra.

Rubalo — Bom será que nos apressemos!

Penteado — O povo começa de arder. Ha grupos e ajuntamentos... que bom fôra evitar.

Costa — Os do pescado teem apparecido em numero pela cidade. As patrulhas redobram!

Rubalo — A impaciencia exalta-os.

Penteado — Qualquer demonstração, fóra de tempo, ser-nos-hia fatal!

Rubalo — Agora, ou cova ou dente!

Costa — Aproveitemos o animo em quanto ferve.

Pedro — Silencio, senhores, alguem desce... (*aproximando-se da escada*) Ah! é o nosso melhor amigo, o senhor doutor Pinto Ribeiro.

SCENA X

OS MESMOS, JOÃO PINTO RIBEIRO E ANTONIO LEMOS.

Ribeiro (*abraçando Pedro*) — Ancioso vos esperava!

Pedro — Não menos desejava eu a occasião de vos apresentar a honrosa messagem de que sou portador! (*entregando-lhe uma carta*)

Ribeiro — Ah!

Pedro — O padre Nicolau da Maia e o senhor D. Antão de Almada vos esperam n'aquelle quarto. Estes que vêdes presentes, são os tres chefes populares, convocados pelo senhor Lemos.

Ribeiro — Salve, senhores! Felizes presagios nos animam! e é um dos de maior valia, que sendo já este negocio tratado entre tantos, nem uma palavra soou ainda que despertasse nem a mais leve suspeita! Tudo está preparado: e até, por intervenção do rev.º padre Nicolau da Maia, se acham reduzidos á nossa causa o juiz do povo, escrivão e misteres, e alguns da casa dos vinte e quatro. Não devemos perder nem um dia. Aqui fostes convocados para se vos declarar finalmente o beneplacito do senhor duque de Bragança, nosso futuro monarcha, de quem este corajoso mancebo acaba de trazer messagem. (*apresenta a carta; todos se descobrem respeitosamente*) Segui-me pois, senhores, tomemos conhecimento de como sua alteza se digna acceitar a corôa de Portugal.

(João Pinto Ribeiro, os tres chefes populares, Antonio Lemos, os conjurados e Pedro saem pela direita.)

SCENA XI

AFFONSO e LEONOR descendo rapidamente a escada.

LEONOR — Pedro?... Pedro? Valha-me Deus! Pedro?

AFFONSO — Similhante afflicção?!...

LEONOR — Oh! pelo amor de Deus, dizei, onde está Pedro? D'esta vez não é illusão; Ruy fallou-me verdade!

AFFONSO — Mas que succede? fallae.

LEONOR — Meu irmão declarou-me que tudo tinha sido descoberto, e que a tropa vinha surprehender os confederados. Pediu-me que corresse a prevenir Pedro... e...

AFFONSO — E viu por onde descestes?

LEONOR — Se até me ajudou a abrir o alçapão da escada para descer...

AFFONSO — Oh!... insensata!...

LEONOR — Que dizeis?!

AFFONSO — Foi uma traição!

LEONOR — Jesus!...

AFFONSO — Que faremos?... Oh! é preciso correr a prevenil-os. (*suspendendo-se*) Sinto passos!... Ah!... O traidor pagará com a vida! (*occulta-se rapidamente proximo da escada*)

LEONOR — Valha-me nossa Senhora!... (*vendo Ruy que desce a escada*) Ah! Ruy...

SCENA XII

LEONOR, RUY e AFFONSO.

RUY — Retira-te, Leonor. Este logar é improprio de ti!

LEONOR — Que vens tu aqui fazer, Ruy?

RUY — Desilludir-te e vingar-me! Pedro não te ama, Leonor; o seu coração pertence todo aos terriveis pensamentos que o dominam e reduzem contra a segurança do estado! Que venho aqui fazer, perguntas? Vingar-me! A amizade de meus paes, morta para mim, vive para elle. Afagos,

segredos, carinhos, protecção, e bençãos, tudo é seu; parece que é elle n'esta casa o filho e eu o engeitado! Oh! o meu justificado rancor vae ser satisfeito! (*indicando a porta da esquerda*) Ali estão a esta hora as lanças que vão vingar-me!

AFFONSO (*precipitando-se rapidamente sobre Ruy e apontando-lhe ao peito um punhal*) Ainda não!

RUY — Ah!...

LEONOR — Suspendei...

RUY — Maldito! que me quereis?!

AFFONSO — Silencio!

LEONOR — Ah! que noite terrivel!... Ruy... meu irmão...

RUY — Vês, Leonor? Tudo em casa são viboras que me ferem!

LEONOR (*a Affonso*) — Piedade, bom homem, piedade... Oh! pelo asylo que vos temos prestado, pelas esmolas que vos temos dado... por tudo que vos merece amizade e gratidão, por tudo vos supplico n'este momento...

AFFONSO — E' escusado. Esta mão que o segura, é uma garra de pedra que não se dilata para largar a preza! Se o vosso amor a Pedro cede pela vida de vosso irmão, o amor de um pae não cede senão á força da morte!

RUY — Soccorro...

LEONOR — Soccorro... Soccorro!...

SCENA XIII.

OS MESMOS, PEDRO, ANTONIO LEMOS, JOÃO PINTO RIBEIRO, O padre NICOLAU DA MAIA, D. ANTÃO DE ALMADA, GIL PENTEADO, RUBALO, VICENTE COSTA e o resto dos confederados.

D. ANTÃO — Que succede?... Quem pede soccorro?

OS POPULARES — Traição!...

PEDRO (*correndo a salvar Ruy*) — Affonso! suspende!

AFFONSO (*abaixando o braço*) — Eis o traidor que nos denunciou!

LEMOS — Meu filho... Oh! eterna vergonha dos meus cabellos brancos!

RIBEIRO — Quem o teria previsto!

LEONOR — Oh! eu nem me atrevo a apresentar-me a seus olhos; tanto a consciencia me punge! Corramos a esconder a minha dôr no seio de minha mãe! *(sae)*

D. ANTÃO — Que faremos, então, senhores!?

RUY — Nada; que já é tarde! Encommendae a Deus a alma, e preparae-vos a servir de exemplo, como os amotinados de Evora.

LEMOS — Tratae de compor o vosso luto, Ruy.

RUY *(aterrado)* — Ah! meu pae!... meu pae!... Quem tal me dissera!... *(afflicto)* E já não ha tempo...

(Ouvem-se repetidas pancadas na porta da esquerda, que finalmente cede e se desconjuncta. A desordem é a ordem da scena; só as principaes figuras se conservam com presença de espirito, agrupadas á direita da scena.)

SCENA XIV

OS MESMOS, GENTE ARMADA, entrando pela esquerda, ANNA e LEONOR, descendo a escada.

ANNA — Meu marido... meu marido!... Oh! eu quero morrer com elle!...

LEMOS *(recebendo-a nos braços)* — Anna, minha boa mulher!

O CHEFE DOS SOLDADOS — Senhores, presos estaes em nome de el-rei!

AFFONSO — Ah!... Ter apenas encontrado meu filho e tornar a perdel-o para sempre!...

LEONOR *(ajoelhando aos pés de Pedro)* — Pedro!...

RUY — Quem me diria que tinha de achar meu venerando pae debaixo do golpe que descarreguei!? *(ao chefe dos soldados)* Senhor, algumas pessoas ha n'este recinto, que não são complicadas no mesmo crime. Meu pae, o honrado commerciante Antonio Lemos...

LEMOS — Poupa-me á affronta da tua protecção!

AFFONSO *(áparte)* — Que farei? revelar-lhe n'este momento terrivel o laço que nos liga, e tornar-lhe peiór ainda os tormentos da separação?... Oh! não, não... evitemos.

lhe esse instante de alegria que tão enluctadas horas deixará de esteira na sua existencia!

Lemos (*ao chefe dos soldados*) — Senhor, um dos principaes confederados populares, sou eu!

Ribeiro — Outro, eu, João Pinto Ribeiro!

D. Antão — Outro, eu, D. Antão de Almada, chefe da junta dos nobres!

Lemos — O processo que nos levar ao patibulo hade ser, aos olhos da posteridade, o nosso melhor padrão de gloria!

Ruy (*lançando-se aos pés de Antonio Lemos*) — Perdoae-me, meu pae!

Lemos — Imprudente! Arrastou-vos a paixão!....

Ruy — Perdoae-me pelo amor de Deus!

Lemos (*tentando disfarçar a commoção; levantando-o*) — Basta!... Sê homem no infortunio!... Ali te ficam tua mãe e tua infeliz irmã sem outro amparo senão o teu braço; sem outro abrigo além do teu coração! Deus ensinou-me a perdoar; oxalá que tu mereças o perdão.

Ruy — Oh! minha pobre mãe...

Anna (*levantando-se de onde estava ajoelhada, encarando Ruy com o olhar incendiado, agarrando-lhe o braço, e repellindo-o momentos depois*) — Tua mãe, eu? Eu, tua mãe?... Não! não és meu filho! (*arquejante e apavorada*) Renego-te! Ah!... (*com estrondosa gargalhada*) Agora, sou feliz!... sou muito feliz!... Não sei que sombras se me varreram da idéa?!... Onde estou? quem sois? que me quereis?...

Lemos (*recebendo-a nos braços*) — Louca!

Leonor
Pedro } (*aproximando-se de Antonio Lemos*) — Louca!?

Leonor — Oh! minha infeliz mãe!

Ruy — Mais aquelle remorso!

O Chefe dos soldados — Senhores, partamos.

(Os soldados cercam os confederados.)

Nicolau — Ainda um momento! Soldados, portuguezes sois; e as armas que empunhaes, glorioso legado de vossos maiores, instrumentos das suas arriscadas conquistas, e sempre bemditas por Deus, vão hoje tornar-se em ignominiosos

ferros nas vossas mãos matricidas! (*rumor entre os soldados; redobra de energia, continuando*) Sim, soldados! não é meia duzia de homens que conduzis á cadêa entre vossas lanças e espadas: senão a patria que prostraes para sempre! a patria, que prestes ia alevantar-se gloriosa da sua longa escravidão, e revindicar em face da Europa os seus direitos usurpados... E quem sabe o que será d'ella amanhã para castigo do vosso erro? Soldados sois agora, emquanto é reino Portugal; escravos sereis quando a purpura lhe fôr arrancada para se lhe deixar apenas o humilde titulo de provincia! Eia, soldados, corajosos e invenciveis descendentes dos de Ourique, não rejeiteis as bençãos que Deus vos enviou do alto do seu excelso throno e que por toda a parte vos proclamaram guerreiros da cruz! Ajudae-nos a dar á Europa nunca visto exemplo de amor patrio! Em nome de Deus vos chamo; em nome de Deus vos incito a acclamar um rei portuguez!

D. Antão (*descobrindo-se e floreando a espada*)—Viva D. João iv, duque de Bragança!

Soldados (*elevando as armas*)—Sim, sim, viva D. João iv! Viva a patria!

(Os soldados tornam-se immediatamente familiares dos confederados que os abraçam.)

Affonso (*ao padre Nicolau da Maia*)—Ah! senhor meu, que foi um prodigio! Um verdadeiro milagre operado pela vossa intervenção!

Nicolau—Calae-vos ahi, bom homem; não me façaes passar aos vindouros por Thaumaturgo!

D. Antão—Não menos se esperava de vós, nobres guerreiros! O nome portuguez nunca por vós deixou de ser glorificado nas mais difficeis situações da nossa patria! Honra vos seja! Ide, e dizei que nada vistes nem ouvistes, e que falsa fôra a denuncia. (*aos conjurados*) Nós, senhores, dispersemo-nos. O duque de Bragança acceita a corôa d'estes reinos; acercae-vos... (*os conjurados o rodeiam*) Seja pois sabbado que vem, o dia 1.º de Dezembro, destinado para tentarmos a restauração da nossa patria! E que Deus nos ajude.

Affonso — Louvado seja elle no ceo e na terra!

(Anna está nos braços de Antonio Lemos. Leonor de joelhos com os labios collados sobre uma das suas mãos; Pedro, em pé, do outro lado, tendo a outra mão de Anna entre as suas.)

D. Antão — E gloria aos que se sacrificam pelo amor da patria! gloria a quem leva da espada para desaggravo da sua bandeira!

Todos — Gloria! Gloria!

Cae o panno.

ACTO III

1.º DE DEZEMBRO.

MEMORAVEL ACÇÃO.

(O theatro representa o largo de Santo Antonio da Sé.)

SCENA I.

(Ao levantar do panno, D. Antão de Almada e João Pinto Ribeiro, á bocca da scena. Povo passando e repassando.)

D. Antão — Assim, ninguem suspeita ainda?...

Ribeiro — Ninguem. O povo, prevenido, percorre disperso as ruas esperando a hora.

D. Antão — Justo foi que os nossos quarenta confederados se dividissem em pequenos grupos, pelas immediações do paço. Os principaes, dentro de coches, acabo de os reconhecer, postados em differentes pontos, aguardando as nove horas para sairem (1) Jorge de Mello, Antonio de Mello e Castro e Estevão da Cunha, com a gente que puderem juntar, devem atacar e deter a guarda castelhana do paço. D. Miguel de Almeida hade subir á sala dos tudescos e dar o signal, com um tiro de pistola, para que Luiz de Mello e João de Saldanha e Sousa ganhem o logar onde se acham depositadas as alabardas; em quanto que D. Affonso de Menezes, Gaspar de Brito Freire e Marco Antonio de Azeve-

(1) Os fidalgos metteram-se em coches e foram para differentes pontos esperar as nove horas.

(Vid. Restauração de Portugal.)

do, impedirão, de espada feita, que os soldados da guarda interior corram a tomal-as.

Ribeiro — Oh! não hade ser pequena a alegria em uma mudança tão subita, e extraordinaria, em que só quarenta fidalgos portuguezes e apenas duzentos homens do povo mudem com um golpe, em menos de meia hora, os destinos da sua patria!

D. Antão — Deus vos escute, doutor. Vou para o meu posto e... *(estendendo-lhe a mão)* Até ao primeiro momento de liberdade! Vou juntar-me com os filhos da condessa de Atouguia e de D. Marianna de Lencastre, que por suas corajosas mães acabam de ser armados cavalleiros para entrarem na festa.

Ribeiro — E o que é para portuguezes, senão verdadeira festa, um dia em que teem de arriscar a vida pela gloria da patria, ou pelo amor das damas? Deus vá na vossa guarda, D. Antão.

(D. Antão rebuça-se na capa e sae.)

SCENA II

JOÃO PINTO RIBEIRO, GASPAR RUBALO E GIL PENTEADO, POVO.

(Rubalo e Penteado apparecem conversando, e param a meia scena.)

Ribeiro — Parece impossivel o bom andamento d'esta revolução, tantas vezes principiada e outras tantas abafada! Só o animo de portuguezes resistia a tantos revezes! Só a nossa prudencia e perseverança conseguiriam caminhar pelo centro de tantos e tão acerrimos abrolhos! *(principia a tocar á missa das oito em diversas egrejas, o povo agita-se em diversas direcções)* Eil-os, os portuguezes, pacificas ovelhas correndo á voz do seu pastor, e comtudo não tarda que os vejamos tornados em indomito leão que se lança, de garras abertas, sobre aquelles que attentam contra a sua vida e liberdade!

Rubalo *(a Gil Penteado)* — Eis ali João Pinto Ribeiro; fallemos-lhe?

PENTEADO — Mais prudente fôra esperar que nos visse. Quem sabe...

RUBALO — E os teus homens?

PENTEADO — Todos aqui reunidos espero cêrca das nove horas. E os teus?

RUBALO — Tambem. Dei-lhes o mesmo ponto. O armazem onde estão as armas é ali. (*indicando uma porta*)

PENTEADO — O deposito das dos meus, é acolá. (*indicando outra porta do lado opposto*)

RUBALO — Parece que nos ajustámos!

PENTEADO — O que não fizemos por falta de tempo ou esquecimento, parece que Deus remediou!

RIBEIRO (*que os tem observado*) — Aquelles homens...

RUBALO (*baixo a Gil Penteado, indicando-lhe o desembargador*) — Creio que nos desconhece; demos-lhe a senha. (*approxima-se de Ribeiro, e tira o chapeo*) Mudamos de rei!

RIBEIRO — Ah! Vós sois...

PENTEADO — Gaspar Rubalo e Gil Penteado, criados de V. S.ª!

RIBEIRO — Bem vindos! Então?

RUBALO — Justo é ás nove horas, meu senhor.

RIBEIRO — Quantos homens tendes, entre ambos?

PENTEADO — Ao certo duzentos; armados de lanças, piques, alabardas e bacamartes.

RIBEIRO — Bem: carregareis sobre o Terreiro e lá vos será dito o mais que heisde fazer. Quanto menos sangue se diffundir mais pura nos sairá, na historia, a pagina que vao assignalar o dia 1.º de Dezembro! Deus fique em vossa guarda, leaes irmãos. (*sae*)

RUBALO (*a meia voz, acotovelando Gil Penteado*) — Ouvistes o que elle nos chamou, ein? *Leaes irmãos!*

PENTEADO — Praza a Deus que lhe não esqueça, amanhã!

SCENA III

GASPAR RUBALO, GIL PENTEADO, POVO, depois 1.º e 2.º LEIGOS.

RUBALO — Que lhe esqueça ou não, nada tenho que lhe pedir, nem por engodo entrei na confederação; senão a simples convite de Antonio Lemos. Sou homem de officio: o

meu officio é a minha fortuna, e a minha consciencia o meu galardão.

PENTEADO — Eu, logista sou. Bem pensado, tambem não preciso d'elles. Cá vou com o meu negocio como apraz a Deus, e só desejo que me não matem com impostos!

(Os dois leigos apparecem á direita, e param, como quem quer escutar.)

RUBALO — O povo, cujo somos filhos, com honra o digo, não quer mais do que o seu pão e a sua liberdade. O povo larga o trabalho para se confederar pela salvação da patria, e, salva a patria, voltará glorioso ao seu interrompido trabalho, sem outro premio senão a sua gloria. São os grandes que lhe aproveitam o esforço, disputando as honras, depois!

PENTEADO — Boa palavra!

RUBALO — Silencio! Estão acolá aquelles dois piedosos frades...

PENTEADO — São leigos pedintes...

(Dois leigos caminham vagarosamente da direita para a esquerda da scena e um d'elles apresenta a alcofa á esmola.)

RUBALO (*rebuçando-se na capa, tirando o chapeo e desviando-se*) Seja pelo amor de Deus!

PENTEADO (*idem*) — Perdoae pelo amor de Deus!

1.º LEIGO — Ouvistes o que elles diziam?

2.º LEIGO — Eu, não; e vós?

1.º LEIGO — Nem palavra: mas parece-me que anda isto hoje mais mexido do que nos outros dias! que será?

2.º LEIGO — Eu sei lá, irmão! Talvez novos tributos! por isso a esmola escacêa!

1.º LEIGO — Vamos contar ao padre thesoureiro, que o vae logo pregar ao abbade. (*saem*)

SCENA IV

ANTONIO LEMOS e PEDRO: depois AFFONSO.

PEDRO—Tambem acabo de commungar na famosa egreja de Nossa Senhora do Carmo. E vós?

LEMOS—Vou á sé. Oh! bem afflicto, sinto o coração, não sei se entre a confissão de esta madrugada até agora...

PEDRO—Socegai, senhor Antonio Lemos; o vosso soffrimento, e a resignação com que o recebeis, tem-vos de certo purificado mais!

LEMOS—Minha pobre mulher! Quando permittirá Deus que a razão lhe volte? Ver-me e não me reconhecer!... Ser obrigado a fugir-lhe para evitar-lhe os accessos de furor!... Deus se compadeça d'ella e de mim! Eia, preparemo-nos para o momento decisivo. Oxalá que eu lá encontrasse na morte gloriosa o descanço eterno!

PEDRO (*abraçando-o*)—Oh! não... não! Risonhos dias antevejo ainda para a nossa familia.

LEMOS—Deus vos escute!

PEDRO—Ide, aqui vos espero de volta.

LEMOS—Não, acompanhae-me. Receio tambem perder-vos! Não tenho confiança em Ruy: Ruy é traiçoeiro e odeia-vos!

AFFONSO (*entrando um momento antes e ouvindo esta falla de Antonio Lemos*)—Entre elle e a victima, está sempre o meu braço!

PEDRO—Affonso?!... Oh! como te aventuras a apparecer na rua? esqueces que te perseguem?

AFFONSO—Tudo sou capaz de esquecer pela amizade que vos tenho!

PEDRO—Commove-me a tua generosa amizade; porém não quero que te arrisques mais por mim. (*a Antonio Lemos*) Vamos á sé, senhor Lemos?

LEMOS—Vamos.

(Antonio Lemos e Pedro saem pela esquerda.)

SCENA V

AFFONSO só, depois ANNA e LEONOR.

AFFONSO — Ver muito tempo o nosso thesouro antes de lhe tocar, antes de o abraçar antes de lhe dizer: tu és meu, e eu sou teu!... Eis o prazer que tenho gozado em silencio; eis o sacrificio que tenho supportado até agora!... não sei: prazer ou sacrficio... não sei. Só Deus entende o coração de um pae! Mas quanto me considero venturoso, comparando-me a esse infeliz que viu seu filho degredar-se na mais infame traição; emquanto que eu vejo o meu nobilitar-se pela mais elevada das virtudes civis, pelo amor da patria!

(Anna, detida por Leonor, que nunca a desampara, ouve as ultimas palavras de Affonso, e corre a elle.)

ANNA — Quem falla ahi em amor da patria?!

AFFONSO — Ah!... Boa senhora...

LEONOR — Minha querida mãe, onde quereis ir, para que saistes de casa? Voltemos.

ANNA — Perdi-o para sempre!

AFFONSO — Socegae, senhora; não ha mal sem remedio perante a misericordia de Deus! Em mim vêdes um exemplo da sua divina equidade!

ANNA — Filha, estás vestida de lucto pelo teu pae? Vamos rezar por sua alma em uma egreja.

LEONOR — Quereis ir?

ANNA — Eu? Não! não posso levar perante Deus o meu espirito damnado! Oh! padeço muito, filha!

LEONOR — Então voltemos para casa...

ANNA — Não! Teu pae está preso...

LEONOR — Silencio, querida mãe... não falleis ao menos tão alto...

ANNA — Sim, por amor d'elle, que o querem levar ao cadafalso hoje!

LEONOR — Valha-me Nossa Senhora! Minha mãe cada vez está peior!

ANNA (*gritando*) — Ah! para traz! para traz! deixemme correr a abraçal-o! (*repellindo Affonso*) Não és tu!

SCENA VI

OS MESMOS, RUY, e alguns HOMENS DO POVO que o seguem.

RUY — A hora aproxima-se, meus valentes. D'aqui para cima não deixeis passar estrangeiro algum!

LEONOR (*áparte*) — Jesus! É a voz de Ruy!

AFFONSO — Ruy?!

RUY — Affonso!

AFFONSO (*designando-lhe Anna nos braços de Leonor*) — Vêde a vossa obra! Quereis mais?

RUY — Ah! minha mãe!...

ANNA (*a Leonor*) — Não ouvistes?... não reconhecestes aquella voz? Ah! Fujamos d'ella; maldita seja!

RUY — Oh! querida mãe da minha alma! conservou-vos Deus a faculdade de reconhecer-me até pela voz, para que eu vos não falle sem que vós me amaldiçoeis! Perdoae-me! (*tirando do peito uma bandeira de seda que desdobra*) Reconheceis esta bandeira, pelas vossas mãos bordada para o dia da liberdade? Não vêdes que o meu coração manchado se purifica em seu contacto; que as minhas mãos criminosas se justificam, hasteando-a pela felicidade da minha familia e da minha patria? Não tenho eu padecido tanto, amaldiçoado por vós; perseguido e ralado pelo remorso? Encarae-me: não me vêdes velho? não vos revelam as minhas faces maceradas todos os terriveis padecimentos de um filho expulso do coração de seus paes, reprobo sem perdão no cahos do infortunio? E não reconheceis nos meus prantos o arrependimento; nas minhas acções, a conversão?

LEONOR — Ruy... Ruy... assim ella te perdoara...

AFFONSO (*áparte*) — Emfim... de todos os malvados só o diabo é que não se arrependeu!

ANNA (*encarando Ruy, e voltando a Leonor*) — Não é elle que está ali? Não é o meu filho?

RUY — Sim, mãe, o vosso filho!... Não me reconheceis agora no meu logar, á frente do povo, no cumprimento do meu duplo dever de bom filho e bom portuguez, prompto a vencer ou a morrer pela vida e felicidade de meus paes, pela independencia da minha terra?

ANNA — Pela felicidade de teus paes? pela independencia da nossa terra?... Ah! eu te perdôo!

Leonor — Graças!

Affonso — Já é um bom presagio.

Ruy (*caindo de joelhos em frente de Anna*) — Minha mãe, óh! Deus vos recompense pelo bem que me trouxe o vosso perdão!

Anna — Levanta-te! teu pae vae ser arrastado ao cadafalso!... aproxima-se a hora do supplicio! Tens ahi uma espada? Corre! corre a salval-o... Ah! (*cae nos braços de Leonor, no angulo esquerdo da scena*)

(Batem 9 horas.)

Affonso — È finalmente a hora da liberdade! (*tirando do bolso uma pistola*) Foi carregada para ti, Miguel de Vasconcellos! Vivo ou morto, esta bala irá no teu coração!

SCENA VII

OS MESMOS, ANTONIO LEMOS, PEDRO, RUBALO E PENTEADO, O POVO de todos os lados se precipita em scena.

(Rubalo corre a abrir a porta de um armazem á direita. Penteado, outro á esquerda. O povo precipita-se n'estes dois armazens e sae trazendo armas: alabardas, piques, espadas e bacamartes, formando logo duas alas sob o commando de cada um dos dois chefes.

Rubalo / Penteado — A's armas, povo, pela nossa independencia, ás armas!

Lemos — Viva a liberdade de Portugal!

Anna — Aquella voz?!... É elle! é Antonio Lemos! meu marido...

Lemos (*correndo a ella*) — Ah! minha pobre mulher... reconheces-me emfim?!...

Anna (*repellindo-o*) — Não é elle! Oh! não é elle!...

Lemos (*áparte*) — Ainda Deus se não apiedou de mim! Seja feita a sua vontade!

Ruy (*aproximando-se*) — Minha mãe, dissestes que meu pae ia ser conduzido ao cadafalso? Pois bem; eu vou salval-o, e em breve o vereis em vossos braços!

ANNA — Oh! sim, vae, filho, filho da minha alma; só de o abraçar se me fôra esta afflicção que me abrasa a cabeça e o peito! Vae, pela vida de teu infeliz pae, e as bençãos de Deus te acompanhem!

LEONOR (*a Pedro*) — Pedro, se o dia de amanhã não trouxer melhora, desfalleço nas afflicções que me mortificam!

PEDRO — Anjo meu, vaes no meu pensamento! Adeus!

LEMOS (*resoluto, no centro da scena*) — Eia, povo portuguez, ao conflicto!

SCENA VIII

OS MESMOS, o padre NICOLAU DA MAIA e O JUIZ DO POVO.

NICOLAU — Ide, ide, meus irmãos; o vosso juiz aqui vem sanccionar o vosso commettimento. Nada temaes! temam, sim, os fracos que vos não seguirem em tão sagrado empenho! Ingente é o vosso esforço, Deus vos sorri e abençoa do alto do seu throno!

POVO — Viva o juiz do povo! Viva o padre Nicolau da Maia!

NICOLAU — Ide! Marcae este dia memorando nas paginas da vossa historia; e dae á Europa nunca visto exemplo de dedicação á patria! (*abrindo os braços sobre o povo*) Abençoados sejaes em nome de Deus! Ide!

LEMOS — Antonio Rubalo, com os vossos, ao Terreiro!

RUBALO — Ao Terreiro!

LEMOS — Gil Penteado, á casa da camara!

PENTEADO — Á casa da camara!

LEMOS — Partamos!

AFFONSO — Partamos!

RUY (*aos seus*) — Rapazes, á cadêa da cidade a dar liberdade aos captivos!

(O povo põe-se em movimento e sae com os seus chefes, precedidos por Antonio Lemos, Pedro e Affonso.)

SCENA IX

ANNA, LEONOR, o padre NICOLAU DA MAIA, O JUIZ DO POVO, algumas MULHERES, ao fundo da scena.

ANNA — Oh! não sei que reflexo de luz me vae entrando n'alma!

LEONOR — É a esperança que nos anima a todos, minha mãe!

ANNA — Vem... vem, minha filha: ajoelhemos e rezemos! (*ás mulheres*) Irmãs, não tendes acaso de esperar algum irmão, pae, ou marido? De joelhos, todas, de joelhos! Quem sabe o que será d'elles!

(Todas as mulheres ajoelham no fundo da scena. Musica da orchestra)

CÔRO DE MULHERES.

Dos ferros da oppressão, patria famosa,
Resurge perdoando e ao throno ascende!
Que já da liberdade a estrella accende,
De teus filhos o esforço, a acção gloriosa!

Mas não durmas no throno! é tempo ainda...
Lança á terra o arado, o mar povoa!
Novo berço ao commercio dê Lisboa;
Novos dias terás de gloria infinda!

Sobre o passado teu alevantada,
Não te basta de Ourique a voz longiqua!
Dos imigos rebata a acção iniqua,
Das artes e commercio outra cruzada!

Dos ferros da oppressão, patria famosa,
Resurge emfim, perdoa, ao throno ascende!
Que já da liberdade a estrella accende,
De teus filhos o esforço, á acção gloriosa!

JUIZ DO POVO — Muito na verdade custam coisas taes! Desgraçados ficamos se a revolução não vinga! Que dizeis

d'este silencio, padre Nicolau? nem um tiro do castello...

NICOLAU — As boccas de fogo dos nossos oppressores ficaram silenciosas; quem cala consente.

JUIZ DO POVO — Deus vos escute!

NICOLAU — Olhae; ali vem já marchando a cohorte commandada por D. Gonçalo Telles que deve assomar ao castello. Ah! certa é a victoria!

(Um troço de gente armada atravessa rapidamente a scena da direita para a esquerda, gritando: Ao castello! ao castello!

SCENA X

OS MESMOS, e AFFONSO.

AFFONSO — Salve! Salve! Se Portugal não está ainda livre, os portuguezes estão vingados!

NICOLAU — Deus lhes perdôe!

JUIZ DO POVO — Fallae...

AFFONSO — Foi obra de meia hora! Os nobres entraram no paço, a guarda foi desarmada. O marquez del Poebla mettido em um quarto: a duqueza de Mantua em outro. Procurou-se ao mesmo tempo Miguel de Vasconcellos; dizem que uma escrava lhe denunciou o coito. Deram-lhe um tiro, e o seu cadaver, arrojado pela janella, foi mandado de presente ao povo que o esperava! Em breve, ninguem seria capaz de o reconhecer! e a esta hora, aquelle que ainda hontem nos punha o pé no pescoço, e passava impavido no seu coche sobre os cadaveres das suas victimas, vae caminho da Misericordia, dentro de humilde esquife, apenas conduzido por quatro homens do pescado, a rogo do caridoso Gaspar de Faria.

NICOLAU — Justiça de Deus!

JUIZ DO POVO — Ah! tiraram-me um peso de sobre as costas!

VOZES (*fóra de scena*) — Viva a independencia de Portugal!

SCENA XI

OS MESMOS, e RUY, pela esquerda.

RUY (*procurando Anna*) — Minha mãe, minha mãe...

ANNA — Ah!... (*deixando-se abraçar por elle*) Falla... falla...

RUY — Está salvo meu pae!

ANNA — Antonio Lemos?! aonde?... aonde está elle? Ah! depressa... depressa... quero abraçal-o!...

SCENA XII

OS MESMOS, ANTONIO LEMOS e PEDRO, pela direita.

LEMOS — Corramos agora a seus braços.

ANNA — Antonio Lemos!...

LEMOS — Anna!...

ANNA — Ah! sim, sim, és tu; agora te reconheço! Vem, vem a meus braços!

LEMOS — Bemdito seja Deus!

LEONOR — Bemdito seja!

PEDRO — Leonor...

LEONOR — Pedro...

AFFONSO — Agora a minha vez. (*aproximando-se de Pedro*) Pedro...

PEDRO — Affonso...

AFFONSO — A patria libertada vos abrirá seus braços; mas eu, velho e invalido, não quero já outra patria senão nos braços de meu filho!

PEDRO — Vosso filho?...

AFFONSO — A Africa não enterrou teu pae A misericordia de Deus é infinita!

PEDRO — Pois vós...

AFFONSO — Sou teu pae!

PEDRO (*abrindo-lhe os braços e abraçando-o com respeito*) — Meu pae! Meu pae!... Oh! pae, patria, familia, tudo em um momento! E como tendes até hoje deixado de vos declarar!?...

AFFONSO — E como tens até hoje deixado de comprehender a commoção que te causava a minha amizade?...

PEDRO — Oh! meu pae! (*abraçando-o*)

LEONOR (*pegando na mão de Ruy, e apresentando-o no centro dos dois grupos formados um por Antonio Lemos e Anna; outro, por Pedro e Affonso*) — Quando todos agora respiram alegria e bemdizem a justiça e a misericordia de Deus, justo é varrer do coração até a mais infima sombra de resentimento. Quando a alma exulta, quem não esquece offensas?

LEMOS — Comprehendo e louvo a vossa intenção, filha! Ruy, se o teu arrependimento é tão sincero como as tuas ultimas acções são de verdadeiro e leal portuguez, volta aos braços de teus paes!

RUY — Ah! meus paes!...

LEMOS — Mas ainda falta...

LEONOR (*tomando outra vez a mão de Ruy e apresentando-o a Pedro*) — Uma reconciliação.

PEDRO — Irmão, ruins paixões te afastaram do meu coração; a elle volves conduzido pela mão de um anjo! Vem a meus braços! (*abraça-o*)

SCENA XIII

(Musica triumphal. Entra pela direita D. Alvaro de Abranches, conduzindo a bandeira da camara, seguido dos principaes confederados. O arcebispo de Lisboa em vestes talares, e sua comitiva de cruz alçada. D. Antão de Almada, João Pinto Ribeiro, soldados portuguezes e povo. O cortejo detem-se, ficando a cruz no centro da scena. D. Alvaro de Abranches, com o guião da camara, á esquerda da scena.)

D. ANTÃO (*dirigindo-se a Pedro*) — D. Pedro de Azevedo, não me esqueci de vós. Tenho plenos poderes de el-rei nosso senhor para vos reconhecer e armar cavalleiro. Segui-me á sé.

PEDRO — Desculpae-me, nobre senhor! Tenho por sufficiente premio de meus parcos serviços o grandioso quadro que me rodêa. Hoje, o povo portuguez alcançou inconstestaveis foros de nobreza! que mais nobre será do que pertencer a este povo que não tem segundo em toda a Europa? Patria, pae e esposa, tudo Deus me concedeu hoje! nada mais ambiciono! É voto meu, perdoae; mas a minha intelligencia e as minhas forças vão de hoje em diante ser applicadas ao

estudo do commercio, fonte não menos maravilhosa de riqueza, que a patria precisa explorar. (*ao povo*) Povo portuguez! De joelhos, em frente d'aquella sacrosanta imagem! (*designando a cruz*) Rendamos graças a Deus; e, depondo as armas que salvaram a patria, retomemos ámanhã os instrumentos do trabalho que deve fazel-a prosperar!

(Todos ajoelham. musica na orchestra. O braço direito da imagem desprende-se da cruz.)

Nicolau — Prodigio, senhores! O braço direito da imagem de Nosso Senhor Crucificado desprendeu-se da cruz para abençoar o seu povo! (1)

Todos — Milagre! Milagre!

D. Antão (*floreando a espada e tirando o chapeo*) — Em nome pois de Jesus, Senhor nosso, Real, Real, Real, por D. João IV rei de Portugal!

Todos — Real! Real! Real!

Cae o panno.

(1) Vid. Restauração de Portugal Maravilhosa. (1.º V.)

(3.)

A IRMÃ DE CARIDADE

COMEDIA EM DOIS ACTOS

POR

ALFREDO HOGAN.

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1860.

OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM NA SUA LOJA, RUA AUREA N.° 109.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837.
Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000
Encadernada 27:000

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600
Encadernados 8:800
Está em publicação regular o 3.° volume — 1859.

Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro V = Um folheto com dez gravuras 200

M. M. B. DU BOCAGE.

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. em 8.° francez. Preço 4:320

F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO.

Reflexões sôbre a lingua portugueza — 3 vol. Preço 720

BARRETO FEIO.

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 8.° francez 2:880
O 3.° volume só 1:000

LIMA LEITAO.

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.° 800
O 2.° volume só 480

Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.° francez 1:200

REBELLO DA SILVA.

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2. vol. 8.° francez 960

A Mocidade de D. João V, comedia-drama em 5 actos 480

Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.° francez. Preço 300

MENDES LEAL JUNIOR.

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr... 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.° francez 300

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.° francez. Preço 400

Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço 400

A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.° francez. Preço 480

Canticos, 1 vol. 8.° francez. Preço 720

Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço. 300

A. ABRANCHES.

Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.° fr..... 300

F. SOARES FRANCO.

Sermões, 1 vol. 8.° francez. Preço. 480

A IRMÃ DE CARIDADE

COMEDIA EM DOIS ACTOS

POR

ALFREDO HOGAN.

LISBOA.

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,

Travessa da Victoria, 73.

1860.

INTERLOCUTORES.

D. Anna .... Condessa do Lavre.
D. Laura............... Baroneza d'Almodovar.
João Chrisostomo .... Barão d'Almodovar.
O Visconde de Sandomil.
Aleixo d'Azeredo.
Maria.................. Irmã de caridade.
Julia do Lavre......... Filha da condessa.
Pedro.................. Filho do barão d'Almodovar.
Mimi, seis annos......... Filha do barão d'Almodovar.
O padre Salvador....... Lazarista.
Mademoiselle Norbert.
Primeiro e segundo criados.
Um gallego.

A acção é em Lisboa na actualidade.

ACTO I.

(Sala elegante em casa da baroneza d'Almodovar. Verdadeiro gosto francez em tudo. Janellas á esquerda do espectador: portas á direira e no fundo, sendo uma d'estas para uma ante-sala, e outra para uma galeria.

SCENA I

A BARONEZA, A CONDESSA, E JULIA.

(Ao levantar do panno a baroneza d'Almodovar entra pela direita e vae rapidamente ao encontro da condessa do Lavre que apparece pela ante-sala, acompanhada pela filha.)

BARONEZA — Bravo! E' uma verdadeira surpreza!
CONDESSA — Não esperavas que viesse cumprir um dever?
BARONEZA — Qual?
CONDESSA — Felicitar-te pelo regresso do barão.
BARONEZA — Ah... *(beijando Julia)* Como está, minha elegante?

CONDESSA (*rindo*) — Esta pobre baroneza... (*continua a rir*)

BARONEZA — Não queres sentar-te?

(A condessa e Julia sentam-se no sophá, a baroneza em uma cadeira.)

CONDESSA — O barão vem muito gordo?

BARONEZA — Se te parece... Quatro annos sem mim...

CONDESSA — E tu, outros tantos sem elle... (*rindo*) Como está teu filho?

BARONEZA — O mesmo. Ha dois mezes que não ri; que não me quer ver; que não recebe ninguem. Não ha meia hora que por aqui passou para o jardim .. (*vae a uma das janellas*) Lá está elle...

CONDESSA — Só?

BARONEZA — Oh! não: acompanhado pela caridosa irmã que tiveste a bondade de lhe mandar; que nunca o desampara. Vou chamar madamoiselle Norbert e Mimi para acompanharem tua filha ao jardim, se desculpas esta sollicitude de mãe... (*para Julia*) e se a interessante Julia não recusa offerecer com a sua agradavel presença alguns momentos de felicidade áquelle infeliz... (*vae tocar o timbre que está sobre uma jardineira*)

JULIA — A baroneza acredita que a minha presença seja agradavel a quem nunca se lembra de mim?

BARONEZA — Oh! meu filho seria incapaz de similhante falta, querida. Não ha rapaz d'espirito que deixe de lembrar-se d'uma mulher amavel.

CONDESSA — Por isso o barão nunca mais se esqueceu de ti.

JULIA (*áparte*) — E o senhor Pedro não tem menos espirito que o barão!

SCENA II

A BARONEZA, A CONDESSA, JULIA, MADEMOISELLE NORBERT, E MIMI entrando pela direita.

(Mimi corre a agarrar-se a Julia, rindo e saltando.)

BARONEZA — Então minha filha... e a senhora condessa?! Vamos; venha tambem comprimental-a.

MIMI — Veux pas!...

BARONEZA — Isso não se diz! Venha dar um beijo na senhóra condessa.

MIMI — Veux pas! Veux pas!...

CONDESSA — Deixa-a, baroneza; vou mandar quebrar aquella bella boneca de cera que ficou no trem...

MIMI — Não!... não!... (*correndo a beijar a condessa*)

CONDESSA — Pois sim; heide-te dar uma boneca franceza muito bonita!

BARONEZA — Ouve cá, Mimi; vae com a tua amiga Julia ao jardim mostrar-lhe as tuas flores.

MIMI (*agarrando-se á mão de Julia*) — *Au jardin! au jardin... Mano estar lá.*

(Julia dando a mão a Mimi sae pela galeria seguida por mademoiselle Norbert.)

SCENA III

A BARONEZA, E A CONDESSA.

CONDESSA — Sempre tiveste um instincto particular para te desfazeres das pessoas que estão de mais. (*beijando-a*) Podemos conversar livremente.

BARONEZA — Estou afflictissima!

CONDESSA — Faço idéa!

BARONEZA — Que dirá o barão?!...

Condessa — Isso é o menos: que faremos nós?!

Baroneza — Comprehendes quanto é ridiculo ver-se uma mulher obrigada a ouvir rir do seu marido, no centro das suas proprias salas...

Condessa — Oh! querida... desculpa-me!...

Baroneza — Não fallo de ti; refiro-me ao riso dos estranhos; ao commentario de todos esses homens d'espirito que por ahi hãode apparecer... Deus meu! E dizes tu que a riqueza constitue a felicidade; dizias-m'o, pelo menos, quando eu hesitava, na provincia, em casar com aquelle homem, porque o achava em pouca harmonia com as minhas aspirações, com a minha phantasia, com o meu coração. Quando se é pobre sonha-se a felicidade na riqueza; quando se é rico, apenas conseguimos vêl-a atravez do prisma seductor da elegancia. Que bella figura hade meu marido fazer no centro da nossa elegante sociedade, e até na presença do mais infimo dos nossos criados! E eu que tenho, como sabes, resistido á galante perseguição do visconde de Sandomil, do conde d'Assumar, e mofado das melhores poesias dos nossos pobres poetas, heide dizer-lhes que me tenho comportado assim... porque sou mulher d'aquelle homem?! É para rir; é para me chamarem tola, hypocrita... que sei eu?! Não achas?

Condessa — No estado em que vejo as coisas...

Baroneza — Que coisas?

Condessa — Tudo. Viu-se já porventura a sociedade em tal estado? Abusam da liberdade a ponto de tornal-a em anarchia! Não ha freio que domine ninguem: as classes confundem-se: a nobreza é ridicularisada; os riços são insultados... Todos escrevem, todos gritam, e ninguem se entende!

Baroneza — Estás divagando, querida; não comprehendo a relação que tem tudo isso com o que te disse!

Condessa — Digo-te que é preciso *enfrear* essa gente.

Baroneza — Que gente?

Condessa — Todos!

Baroneza — Vamos; principia tu a enfreal-os; prometto ajudar-te.

Condessa — Comecemos pois pelo barão.

Baroneza — D'accordo.

Condessa — O barão chega: olha para tudo isto, e não percebe nada: evita que elle veja antes de perceber. Prepara-lhe o espirito antes de o apresentar. Sae de Lisboa... vae, por exemplo, para Pedrouços: recebe-o lá; passeia-o por lá um mez, e traz-o depois domesticado.

Baroneza — Optima idéa! E depois?

Condessa — Em segundo logar, para evitares a critica dos nossos elegantes, tens o escudo da religião. Precisas d'um confessor. Ha-os excellentes agora! Um lazarista, querida, um lazarista.

Baroneza — Por esse lado já estou prevenida. Se te lembrasses d'uma carta com que me obsequiaste, pedindo-me que protegesse aquella confraria...

Condessa — Ah!... quanto te devo!...

Baroneza — A mim, nada: ao capellão que despedi para admittir em seu logar o lazarista...

Condessa — Muito bem; recorre pois ás suas praticas. E' gente de muito espirito, e de grandes recursos d'intelligencia! E quando alguem não acreditar que amas devéras teu marido, hade ao menos dizer que te susteve a religião. O mundo precisa de ser illudido como qualquer creança. Dar-lhe explicações razoaveis é perdel-o. Além do que tenho dito, o lazarista é uma testemunha intelligente e constante da tua virtude bem entendida, que hade avultar no momento em que o despeito dos teus adoradores chegue a promover qualquer escandalo! Os boatos que te mancharem aos olhos de teu marido, hão-de morrer debaixo da sua palavra eloquente, e do seu testemunho irrecusavel.

Baroneza (*beijando-a*) — És um perfeito almanach de lembranças felizes!

Condessa — Segundo disseste, na tua carta de hon-

tem, o barão desembarca ámanhã? Parte hoje mesma para Pedrouços.

Baroneza — Vou já pôr o chapeo e dar as competentes ordens...

Criado (*annunciando da porta da ante-sala*) — O senhor visconde de Sandomil.

Baroneza — Ah... (*indec'sa*)

Condessa (*rindo com intenção*) — E' um dos que te perseguem... foge-lhe, querida.

Baroneza — Sim: vou fugir-lhe! (*sae pela galeria*)

SCENA IV

A CONDESSA DO LAVRE, E O VISCONDE DE SANDOMIL.

Condessa (*áparte*) — Pobre baroneza... (*rindo muito*)

Visconde — Não ha nada que mais nos encante do que o riso d'uma mulher amavel!...

Condessa — Conforme a mulher...

Visconde (*áparte*) — A condessa! (*alto*) V. ex.ª em primeiro logar.

Condessa — O visconde acordou hoje muito lisonjeiro: não é bom ser tão lisonjeiro, visconde!

Visconde — Tudo quanto a uma mulher se diz por lisonja diz se á condessa por convicção.

Condessa — O visconde tem um pessimo systema de conversar, tornando equivoco, pela seriedade dos seus exaggeros, o espirito de quem o escuta: pelo menos, comigo, assim é; mas... dos pobres d'espirito é o reino do ceo! de certo que lá não heide ter o gosto de o encontrar.

Visconde — Tão pobre d'elle como v. ex.ª eu fôra...

Condessa (*rindo*) — Que não teria aqui entrado n'este momento, não é assim, visconde?

Visconde — Eu? Permitta-me dizer-lhe que não... não entendi o que disse!

CONDESSA — E' o mesmo: basta-me que tivesse ouvido.

VISCONDE — Oh! a condessa está hoje, segundo concluo, n'uma disposição felicissima!

CONDESSA — Confesso que sim; e assim era preciso. Venho felicitar a minha amiga pelo regresso de seu marido.

VISCONDE — E' realmente felicidade ter um marido! mas, perdoe-me v. ex.ª: disse regresso...

CONDESSA — Impropriedade do termo; desculpe.

VISCONDE — E' a primeira vez que o barão d'Almodovar vem á capital; estou morto por lhe ser apresentado! Vinha sollicitar da senhora baroneza...

CONDESSA (*indicando-lhe a galeria; sorrindo com certa malicia*) — Olhe, visconde.

SCENA V

A CONDESSA, O VISCONDE, A BARONEZA, E O PADRE SALVADOR.

(Estes ultimos veém conversando a meia voz, atravessam vagarosamente a scena e saem pela direita. A figura do padre é solemne, sem affectação. A baroneza escuta-o com recolhimento, sem dar a menor attenção a coisa alguma da scena.)

CONDESSA — Desculpe-me, visconde; vou acompanhar a minha amiga. (*faz-lhe, sorrindo, uma mesura e sae pela direita*)

SCENA VI

O VISCONDE DE SANDOMIL, depois ALEIXO D'AZEVEDO.

VISCONDE (*só*) — Sua amiga!... Será possivel que sejam realmente amigas estas duas mulheres? Que a pureza quasi angelica do coração da baroneza sympathise com a maldade calculada do espirito da condessa? Não

creio! Não é senão filha d'uma insinuação perversa a habilidade com que a condessa tem conseguido dominar no coração da baroneza, talvez para expulsar-me d'elle! Que quer pois dizer a indifferença com que me recebem hoje?! Aquella piedade estudada com que a baroneza, esquecendo a sua doce confissão de ha tão poucos dias, por aqui passou entregue ás praticas d'esse padre lazarista?! Lembro-me de ter visto aquelle padre em casa da condessa... Encontro-o hoje ao lado da baroneza... Quem me diz que, insinuado pela primeira, não vem destruir toda a minha influencia no coração da segunda?

CRIADO (*annunciando da porta da ante-sala*) — O senhor Aleixo d'Azeredo.

(O visconde desvia-se pensativo para um angulo da scena.)

ALEIXO — Annunciado... aos moveis e ás paredes... (*consultando o relogio*) Enganei-me, talvez, na hora; quatro e um quarto; não: nunca deixei d'apparecer a esta hora, e nunca deixei de achar a baroneza risonhamente disposta a jantar, e a ouvir descrever a sessão da camara! Trazia-lhe hoje noticias fresquissimas a respeito das irmãs de caridade... Ah!... que dei no vinte! quem sabe se a questão da caridade franceza não é causa d'esta desintelligencia! Não! Se por causa d'ella perco esta mesa de quatro cobertas, e sobre tudo o amor da baroneza, protesto immediatamente a favor! (*vê o visconde e vae comprimental-o*) Mil desculpas, senhor visconde; v. ex.ª já aqui estava quando entrei?

VISCONDE — Creio que sim: não o vi entrar.

ALEIXO — Pelo menos annunciaram-me.

VISCONDE — O annuncio é tão vulgar, que passa muitas vezes desapercebido...

ALEIXO — E' que certos annuncios não são para todos.

VISCONDE — Do mesmo modo que nem tudo é digno d'annuncio.

ALEIXO — E' uma provocação que v. ex.ª me dirige?

VISCONDE — Não sei com que fundamento julga similhante coisa: se tem motivos particulares para acreditar que desejo provocal-o:..

ALEIXO — Pois bem, sejamos francos: alguns tenho, e emquanto esperamos a baroneza, desçamos a algumas explicações cujo resultado será fixar os limites em que cada um de nós deve manter-se em relação ao outro. Notando o modo sarcastico com que v. ex.ª me falla sempre que nos encontramos n'esta casa, conclui que lhe desagradava a minha presença!

VISCONDE — Perdão; concluiu mal: diverte-me.

ALEIXO — Note v. ex.ª porém, que não menos me diverte vêl-o n'este momento esperando, como eu, a baroneza; sobre o ter alguns direitos adquiridos que não são respeitados devidamente.

VISCONDE (*com dignidade*) — Senhor Azeredo!

ALEIXO — Sejamos francos, senhor visconde! Jogo descoberto. V. ex.ª ama a baroneza.

VISCONDE — E quando assim fosse?

ALEIXO — Commetto o mesmo peccado que v. ex.ª

VISCONDE (*rindo*) — E depois?

ALEIXO — Um de nós está aqui de mais.

VISCONDE — Provavelmente, o senhor.

ALEIXO — Não sei porque. Cheguei apenas ha meia hora, e v. ex.ª já aqui estava esperando. De dois homens que esperam, não se sabe qual é o preferido.

VISCONDE — Deve ser o mais digno da escolha.

ALEIXO — E' isso que v. ex.ª pretende decidir?

VISCONDE — Decerto! Entre o amor-paixão, e o amor-calculo, não ha muito que discutir. No primeiro, desculpa muitas vezes o mundo o erro anti-social, pela verdade do sentimento a que não sabe coração algum resistir: no segundo... quem ha ahi que não ria, condemnando ao ridiculo o que, á maneira do lobo disfarçado em pastor, vem traiçoeiramente especular com uma illusão o

interesse material da sua existencia!? Pediu-me jogo descoberto? Eil-o. Ha homens que costumam aggregar-se a uma mulher d'espirito e que aproveitam qualquer occasião para esse fim, porque esperam tudo, se não directamente d'ella, pelo menos das suas relações. A questão das irmãs de caridade foi por v. s.ª habilmente aproveitada: prometteu á baroneza, se não defendel-as, retirar-se das fileiras que formaram cruzada contra essa gente; e assim conseguiu vencer terreno n'uma questão que talvez não deixe de ser-lhe proveitosa; e o interesse com que a baroneza procura defensores para as suas protegidas, garante-lhe sem duvida esse proveito que v. s.ª já tem calculado!

(N'este momento o padre Salvador apparece pela direita e escuta.)

ALEIXO - Senhor visconde: v. ex.ª está bastante preoccupado; desculpo-lhe por isso o excesso d'algumas expressões Nem eu, nem escriptor algum dos que não vendem a convicção, rebaixaria a sua missão a escrever contra essas mulheres, que não representam na questão jesuitica mais do que simples instrumentos do systema. Eu bato o systema em geral. E' mais um ponto em que discordamos. Proclamo-me contra esse apoio que a nobreza illudida pretende crear aos seus extinctos privilegios sociaes, no braço do fanatismo, e da inquisição de estado; e reprovo a admissão dos lazaristas, porque a considero o primeiro passo para similhante fim. Divergimos porém da nossa questão, e se v. ex.ª, pelo que me disse, pode acreditar que me sinto offendido, espero que não será perder tempo sollicitar do seu cavalheirismo algum genero de satisfação!

VISCONDE — Estou prompto a dar-lhe explicações, se v. s.ª retirar o que me disse a respeito da baroneza.

ALEIXO — Repito pelo contrario que amo involuntariamente essa mulher.

SCÉNA VII

O VISCONDE DE SANDOMIL, ALEIXO D'AZEREDO, E O PADRE SALVADOR.

Salvador — Espirito da liberdade, e do seculo — amae a mulher do proximo!

Aleixo (*surprehendido*) — Padre... no coração apenas penetra o juizo de Deus! Se não me confessei d'um erro, é escusado inquiril-o! Ainda felizmente a inquisição não vigora. (*ao visconde*) Estou ás suas ordens, senhor visconde.

Salvador — Acceitaria o senhor visconde uma provocação d'esse genero diante de mim?

Aleixo — Decerto, porque v. rev.ma está aqui sobremaneira deslocado. S. ex.a respeita como eu a religião; mas não possue a virtude d'um santo.

Salvador — Respeitar a religião, não é dizer que se respeita: *é saber respeital-a!* A hypocrisia não é curvar a cabeça perante o altar de Christo crucificado; é escrever a moral, e dizer a immoralidade! Tenho na minha presença um inimigo das ordens religiosas, e devo dizer-lhe que o abuso da liberdade foi o que despertou o abuso do poder sacerdotal! Estamos felizmente n'este momento representando aqui as tres principaes classes da sociedade: equilibremos os nossos raciocinios, e teremos em nós o exemplo da felicidade social. E' porventura ser livre entregar-se ao dominio das paixões? E' possivel defender d'ellas o espirito sem o auxilio da idéa religiosa? manter a idéa religiosa sem o auxilio da forma? (*a Aleixo d'Azeredo*) Diga-me, senhor Azeredo, defensor da liberdade popular, que é o primeiro a deixar-se dominar pela paixão, para lançar a discordia n'uma familia. (*ao visconde*) Diga-me, senhor visconde de Sandomil, descendente das primeiras casas do reino, que não duvida cuspir na dignidade d'um pobre homem que confiou a honra do seu nome ao espirito de sua mulher; digam-

me ambos, se é abusar da religião obstar ao escandalo d'uma familia perante a sociedade!

ALEIXO (*despeitado, pegando no chapeo*) — Isso mesmo teria dito qualquer dos nossos seminaristas: escusava d'incommodar-se. (*prompto a sair*)

VISCONDE — A theoria dos seus pensamentos não admitte contradicção. (*pega no chapeo e corteja*)

SCENA VIII

ALEIXO D'AZEREDO E O VISCONDE DE SANDOMIL promptos a sairem, A CONDESSA E A BARONEZA, pela direita, ambas de chapeo.

BARONEZA — Espero que me desculpem, meus senhores O doutor Silva prescreveu-me o ar do campo: vou partir para... (*suspende-se a um gesto da condessa*)

CONDESSA — Hasde voltar completamente restabelecida.

CRIADO (*apparecendo pela galeria*) — O trem está á porta.

BARONEZA — Até á volta, meus senhores.

CONDESSA (*beijando-a*) — Vae, vae, minha Leonor.

VISCONDE — Quer v. ex.ª dar-me o gosto d'acceitar o braço até á carruagem?

ALEIXO (*ao mesmo tempo*) — V. ex.ª quer acceitar o meu braço até á carruagem?

BARONEZA — A sua amabilidade, meus senhores, colloca-me n'uma posição difficil! e para evitar alguma injustiça, hãode permittir-me que vá só. (*corteja e sae pela ante-sala seguida pelo padre Salvador*)

CONDESSA — Senhor visconde, dá-me o seu braço? Vamos pelo jardim para me juntar com minha filha. (*rindo*) Está pensativo?

VISCONDE — Eu, condessa? pensava na doença da baroneza...

Condessa (*rindo*) — Não é de cuidado: hade curar-se.

(Saem pela galeria.)

SCENA IX

ALEIXO, depois PEDRO.

Aleixo (*só*) — E não disse para onde vae!... (*passeando*) Mulheres... mulheres... apocalipses de novo genero que tanto mais folheamos quanto menos comprehendemos! Um dia, um engano; depois um desengano! ramalhete inexplicavel d'illusões, de arrependimentos, e de saudade, ligado constantemente pelo desejo! Felicissimo philosopho que passa por vós sem commover-se, á maneira do homem sobrio, pela vidraça do Matta; felicissimo philosopho... nem tu sabes do que te livras! Mas a proposito do Matta... maldita idéa que sempre nos assalta no auge até das nossas mais sérias reflexões! (*passeia um momento em silencio, e detem-se olhando para a galeria*) Ah!... ahi vem o Pedro: janto com elle. Na ausencia dos paes, o filho é dono da casa. (*Pedro, pallido e pensativo, entra pela galeria*) — Então como vamos nós, meu caro? Vim de proposito visitar-te.

Pedro — Disseram-te que estava doente?

Aleixo — Notei a tua falta no Marrare, no gremio, no passeio... Estás arrufado com a tua gata franceza?

Pedro — Esqueci-me d'ella.

Aleixo — Negaram-te a mão da filha da condessa do Lavre?

Pedro — Não lhe dou attenção alguma. Recuso o casamento. (*sentando-se*)

Aleixo — Oh! o caso é mais serio do que parecia. Temos por ahi algum novo capitulo de paixão... Quem cala, consente! Conta-me essa historia... isto é, se não achas melhor reserval-a para o *toast*.

Pedro — O medico manda-me jantar cedo. Ha oito dias que janto ás duas horas. Estupidez!

Aleixo (*áparté*) — Fatalidade!

Pedro — Vou contar-te a historia...

Aleixo (*inquieto*) — Olha... vê lá não te faça mal recordar coisas tristes...

Pedro — E bem tristes!...

Aleixo — Então deixa-a para outra vez. Quem está doente não deve... sim, não deve commover-se muito. Eu volto em outra occasião.

Pedro — Tem paciencia. Hasde ouvir-me. Preciso do conselho d'um homem intelligente. E' tal o meu segredo... Aleixo, estou perdido... Sem esperança de salvar-me! Sonho!... tenho illusões terriveis. Sinto mexer o coração... de um modo que assusta! Dá cá a mão. Sentes?

Aleixo — E' nervoso.

Pedro — Tu és pró ou contra as irmãs de caridade?

Aleixo — Nem pró nem contra.

Pedro — Que pensas da virtude d'essas mulheres?

Aleixo — Por em quanto... nada.

Pedro — Será verdade o que diz o *Asmodeu?* o que vociferam os jornaes em nome do povo?

Aleixo — Talvez que sim, talvez que não.

Pedro — Será uma d'essas mulheres incapaz de commover-se em presença d'uma vida que se extingue, e que só podia reanimar-se com a completa satisfação do amor que aliás a devora?

Aleixo — *L'habit ne fait pas le moine.*

Pedro — Eu to digo. Vi uma d'essas mulheres, e tive coragem d'amal-a atravez d'aquella touca anti-social! Indaguei tudo. Chamava-se Maria. Procurei por todos os modos fallar-lhe; era impossivel! Escrevi-lhe; foi-me devolvida a carta. Recorri á estrategia; fingi-me doente, fallei á condessa na presença d'uma irmã de ca-

ridade; indiquei-lhe aquella, de quem disse ter boas informações; minha mãe não desapprovou a vinda da enfermeira; veiu a mulher e ha oito dias que vivo junto d'ella: não vivo... morro ha oito dias, devorado por esta febre que devéras se me desinvolveu! Quando delíro, vejo-a como um anjo ao lado do leito, e sinto o brando contacto da sua mão delicada sobre a minha cabeça a arder! Abracei-a já uma vez sem saber o que fazia! Pronuncio constantemente o seu nome... e ainda não me atrevi a declarar-lhe que a amo!

ALEIXO — Creancice.

PEDRO — Como? que dizes?...

ALEIXO — Atira-te aos mares... Uma irmã de caridade não é uma *fille de marbre;* a caridade é infinita; o animo pode ser grande... *E quem porfia mata caça.*

PEDRO *(levantando-se)* — Ámanhã!...

ALEIXO — Comporta-te de modo que honres o sexo.

PEDRO — Qual d'elles?

ALEIXO — O nosso!

PEDRO — Ah.

ALEIXO — Não desanimes no primeiro tiroteio. Vence, e dá-me parte para cantar a tua gloria.

PEDRO — Até ámanhã. *(sae pela direita)*

SCENA IX

ALEIXO *(só)* — E' d'esperar que seja um capitulo escandaloso para a historia da caridade franceza: assumpto para dois ou tres folhetins, e um artigo de seis columnas. Era o que faltava para a accusação; provas! e vamos tel-as... Por em quanto só o *Asmodeu* se atreve a publicar algumas caricaturas... *caprichosas:* os jornaes politicos fallam apenas contra a educação gallicista... e nada mais: refilam de quando em quando; mas não mordem; porém ao apparecer descripta por mim a primeira scena... O caso está no principiar. *(pausa)* A baroneza abandonou-me? Guerra de morte... *(depois*

de nova pausa, com tristeza) Vamos jantar na *Horta secca*...

(N'este momento, apparece João Chrisostomo á porta da ante-sala: ar extremamente simples; vestuario sem luxo.)

SCENA X

ALEIXO D'AZEREDO, E JOÃO CHRISOSTOMO.

ALEIXO (*suspendendo-se, áparte*) — Será criado da baroneza? Talvez... E' com certeza! Até me recordo de já o ter visto: d'esses criados antigos... de muita confiança, que não roubam menos do que os modernos, e que teem a vantagem de serem muito mais velhacos. Este homem vae dizer-me para onde se retirou a baroneza

JOÃO (*áparte*) — Que firma será esta?!... Ainda não encontrei na minha casa senão francezes, e...

ALEIXO — Olá, amigo; é raro encontrar um criado de certa edade, que não seja dotado de certo grau d'intelligencia...

JOÃO — Isso é comigo?

ALEIXO — Dize-me cá; serves a baroneza ha muitos annos?

JOÃO (*áparte*) — Este vae tomando-me por criado. (*alto*) Olhe, para lhe fallar com verdade, ha bastantes annos que não tenho o gosto de a servir; mas se quer alguma coisa...

ALEIXO (*áparte*) — Tentemos poupar a recompensa; vejamos se o faço vomitar. (*alto*) Quando a senhora baroneza se retirou, disse-me para onde ia; mas... não sei porque... esqueceu-me totalmente! Ora, tu sabes que deixar de visital-a seria uma falta imperdoavel...

JOÃO — Imperdoavel? Ah... sim, senhor...

ALEIXO — Sabes, porque sem duvida terás ouvido dizer que as nossas relações... quero dizer que a senhora

baroneza faz-me a honra de considerar-me sobre todas as outras pessoas que de ordinario a rodeiam.

JOÃO — Sim, senhor, sei tudo isso muito bem!

ALEIXO — E então...

JOÃO — Pois, meu senhor... a senhora baroneza não me deu parte do logar para onde foi.

ALEIXO — Ah!... queres vender o teu segredo?... seja; aqui tens uma libra.

JOÃO — Uma libra! Logo o segredo vale a pena? V. s.ª ama a baroneza?...

ALEIXO (*rindo*) — Eu, não. Onde está ella?

JOÃO (*com seriedade*) — Aqui, ámanhã ás nove horas.

ALEIXO — Aqui!?... Ah... comprehendo, tu vinhas encarregado de me dizer isso?!

JOÃO — Sim, meu senhor!

ALEIXO — Quem tal diria!... (*áparte*) Cedeu finalmente ao meu rogo... Concede-me uma entrevista! Sou feliz! (*sae pela ante-sala*)

(No mesmo momento o visconde de Sandomil entra com precaução pela galeria.)

SCENA XI

JOÃO CHRISOSTOMO, E O VISCONDE DE SANDOMIL.

(João Chrisostomo passeia agitado, mettendo as mãos pelos cabellos.)

VISCONDE — Preciso saber para onde foi a baroneza. Apostava que esta fuga precipitada é um meio como qualquer outro para a entrevista que tantas vezes tem promettido. Quem será aquelle homem?

JOÃO — Procura alguem?

VISCONDE — Procuro um criado.

JOÃO — Aqui tem um ás suas ordens.

VISCONDE — Serves a baroneza?

JOÃO (*áparte*) — Temos outro! (*alto*) Sim, senhor.

VISCONDE — Logo não hade ser-te estranho o nome do visconde de Sandomil.

JOÃO — Tenho a honra de o conhecer. E' v. ex.ª

VISCONDE (*dando-lhe uma bolsa com dinheiro*) — Para onde foi a baroneza?

JOÃO (*sorrindo contrafeito e pegando na bolsa*) — Generosidade de fidalgo... mas quem quér a *moça anda com o pé e bole com a bolsa!*... Se o barão soubesse... que faria o barão á baroneza, e que faria o barão a v. ex.ª?

VISCONDE — Perguntei-te para onde foi a baroneza.

JOÃO — A baroneza estará aqui ámanhã ás nove horas.

VISCONDE — Fallas verdade?

JOÃO — Nunca menti!

VISCONDE — Bem: entrega-lhe tambem este bilhete; e sirva-te de norma que nunca deixei de castigar uma mentira, nem de recompensar um serviço. (*áparte*) Comprehendo a estrategia da baroneza. Ah! bem hajas, mulher encantadora! (*Sáe pela ante-sala; João Chrisostomo inclina-se*)

SCENA XII

JOÃO CHRISOSTOMO, depois as diversas pessoas que a seu tempo hãode ser enunciadas.

JOÃO (*passeando agitado, pá a finalmente soltando uma risada secca e nervosa*) — Infamia e deshonra! eis o que em Lisboa preparam constantemente aos que, longe d'este fausto enganador, gastam a vida convertendo as bagas do seu suor n'este oiro com que por cá se premeia o vicio! Oh! heide guardal-o... heide guardal-o bem para o devolver, em occasião opportuna, com este bilhete que nem me atrevo a ler!... Deixem estar, meus senhores, que a baroneza não hade faltar á entrevista!

Mas onde está minha mulher? onde está a minha familia... esta familia que eu lá do fundo da minha provincia tenho sustentado no luxo da capital, hombreando com as primeiras do reino, e que julga ter-me pago a sua divida atirando-me com um titulo de barão!?... Tenho um filho que me consumiu seis contos de réis na sua educação; onde está elle? e minha filha?... quero ver a minha filha. Oh! entrei na minha casa e ninguem correu a abraçar-me! nem um dos criados veiu pedir as minhas ordens! (*entra um criado pelo fundo trazendo uma carta, João Chrisostomo toma-lhe o caminho*) Detem-te.

Criado (*affectando fallar francez*) — Oh! impossible! lettre, mr. baron...

Barão (*tirando-lh'a*) — Fica entregue.

Criado — Oh! non pas! Oh! impossible...

Barão — Fica entregue.

Criado — Vae dono queixar a *s'nhor* baron. Oh! (*sae pela direita*)

Barão (*abrindo a carta*) — «Pedro, ainda que eu cuide de acabar ao máu tratamento que recebo de minha mãe, não caso comtigo. As desfeitas que hoje me fizeste por amor da irmã de caridade hãode lembrar-me sempre. Além d'isso, os vicios que em ti já dominam, desde que chegaste de Paris, repugnam-me; a tendencia que tens para as cartas, rivaes tão poderosas do amor d'uma mulher, acaba de decidir-me a pôr um termo á nossa correspondencia. Por ultimo, a doença que nossas mães dizem ser causada pelo meu despreso, não é senão um vil pretexto para teres junto de ti essa mulher franceza que te allucina: e a suspeita que sempre tiveste de eu amar em silencio o visconde de Sandomil, fica agora justificada.» (*representando*) Noticias de meu filho! tem feito progressos, e dá esperanças!... Oh! isto não pode ser! Venha alguem! Venha alguem com quem me entenda, preciso... preciso desabafar! (*é in-*

terrompido pela chegada de mademoiselle Norbert que traz pela mão Mimi abraçada a um ramo de flores)

MIMI (*impertinente*) — Maman... sorti... sorti... Veux la voir.

M.elle NORBERT — Taisez-vous, ma charmante.

BARÃO — Ah... perdão, esta menina é filha da baroneza? Deixei-a tão pequenina... mas estou adivinhando que é ella!

M.elle NORBERT — Comprends pas, monsieur.

BARÃO — Não comprehende!? Então na minha casa não ha gente que falle portuguez, e que me entenda?!... Está bom! Vem cá minha filha, minha Mimi... dá-me um abraço, abraça teu pae. (*querendo abraçal-a*)

MIMI (*esquivando-se*) — Connais pas!

BARÃO — O que!? minha filha tambem não entende portuguez!?... Não; isto é um absurdo!... um impossivel! Ella não me conhece; teve medo. Vejamos. (*querendo abraçal-a*) Sou teu pae; então tu não queres dar-me um abraço? trago-te um bolo, vem cá... Dás-me uma flor?

MIMI (*atirando o ramo ao chão e puxando mademoiselle Norbert para o lado da porta*) — Connais pas! connais pas! connais pas!...

BARÃO — Oh! maldição do ceo! (*apertando a cabeça*) Onde estou eu... que até já principio a desconhecer-me!... (*passeando*) Tenho medo de endoidecer... A' entrada, um frade lazarista; depois uma irmã de caridade, uma criada franceza, criados francezes, meu filho afrancezado, minha filha á franceza... Parece-me que vejo a cidade de Paris toda em peso dentro da minha propria casa!... Oh! isto hade acabar!

PEDRO (*entrando precipitadamente pela direita seguido pelo criado*) — Quem... quem foi que se atreveu a interceptar a carta?!

BARÃO — Eu!

PEDRO — O senhor... (*perturbando-se*)

BARÃO — Esperava que viesse tambem fallar-me fran-

vez; porém uma vez que não esqueceu totalmente a lingua que se falla na sua terra, saiba que se por lá o educaram *á franceza*, eu venho muito disposto a ensinal-o *á portugueza!*

PEDRO (*com respeito filho do medo*) — Meu pae!

Cae o panno.

ACTO II.

(A mesma decoração.)

SCENA I

O PADRE SALVADOR, depois MARIA.

(Ao levantar do panno, o padre Salvador está sentado junto d'uma das mesas, sobre a qual apoia os cotovellos, descansando a cabeça entre as mãos; momentos depois, Maria entra pelo fundo. É noite; a scena está apenas esclarecida pelo reflexo d'uma lanterna de furta-fogo collocada ao lado do padre sobre a mesa. Ouvem-se distinctamente tres pancadas pausadas em uma das portas.)

SALVADOR (*levantando-se*) — Benedicti qui veniunt in nomine Domini.

(A estas palavras abre-se a segunda porta da direita e apparece Maria.)

MARIA (*inclinando-se*) — A paz do Senhor seja comvosco!

Salvador (*inclinando-se*) — S. Francisco de Paula vos proteja! (*aproximando-se da mesa*) O homem dorme!

Maria — Espero que durma até ás seis horas da manhã.

Salvador — Muito bem. Tendes realmente estudado aquelle coração?

Maria — O vicio existe n'elle como o aspide na flor: ai de quem ali procurar uma affeição!

Salvador — E' pois incapaz d'um sentimento generoso?

Maria — De tudo que n'esta vida commove e obriga a reconhecer a infinita bondade de Deus, na expansão dos sentimentos piedosos! Cego pela paixão desordenada que o incendeia, sacrificaria tudo que podesse contrarial-a ao capricho de um momento

Salvador — Logo está completamente destruida a affeição pela filha da condessa do Lavre?

Maria — Completamente extincta!

Salvador — Induziste-lo a escrever a carta que vos prescrevi?

Maria — Eil-a. (*dando-lhe uma carta*)

Salvador (*tomando-a*) — Oh! que felicidade para o conde d'Assumar que é tão nosso amigo! (*para Maria*) Minha filha, fizemos uma grande obra de caridade!

Maria — Confio na vossa piedade, e preso-me de seguir escrupulosamente os vossos dictames.

Salvador — Fostes o instrumento por meio do qual impedi a desgraça d'uma mulher, tornando outra feliz.

Maria — Feliz?

Salvador — A filha do conde d'Assumar é mentecapta.

Maria — E tendes razão: só os mentecaptos teem a fraqueza de se julgarem felizes n'este mundo.

Salvador — Muito bem, minha irmã; ide na paz do Senhor, e na guarda do vosso santo patrono. As por-

tas abrir-se-hão diante de vós: espera-vos uma sege á quina da rua. Ide.

Maria — Porém esta desapparição inesperada...

Salvador — Eu a explicarei.

(Maria e o padre Salvador inclinam-se beatamente na presença um do outro. Maria vae sair pelo fundo, a porta da direita abre-se com violencia; o padre fecha immediatamente a lanterna de furta-fogo.)

SCENA II

O PADRE SALVADOR, MARIA, E PEDRO.

Pedro *(com uma risada nervosa)* — Extinguiram a luz! Não importa. Tenho-os fechados na mão! *(fecha a porta sobre si)* Escusam tentar evadir-se. Todas essas portas estão fechadas; e de todas tenho as chaves n'algibeira. Fui previdente; não tomei o narcotico. Oh! a piedosa, a virtuosa irmã de caridade... estava dando razão, alta noite, á maledicencia do povo, á reprovação do jornalismo, aos insultos dos escribas!.. Só o crime se esconde nas trevas! Se aqui estavam dois justos, porque não apparece a luz? *(n'este momento torna a esclarecer-se o theatro. A luz reflecte sobre Maria que está no centro da scena; Pedro corre a lançar-se-lhe aos pés)* Ah!... A saude do meu coração! Maria, para que fim quiz a Providencia que eu te encontrasse... se constantemente me foges! E se tu sonharas ao menos quanto ha d'amor verdadeiro, santo, n'este coração... comprehenderias como sinto, pela influencia do teu olhar, penetrar em mim a inspiração divina. E não sei expressar-t'a senão pelas mesmas palavras já tão repetidas e despresadas: amo-te! *(breve pausa)* Manda-te porventura a religião que descreias do mais bello mysterio de Deus? que mascares a tua alma com a indifferença; que regeles o coração no voto de humildade... o teu coração de mulher, que não foi creado senão para estreme-

cer d'amor? e não estremeces tu devéras quando eu aperto nas minhas mãos as tuas, e te juro pela salvação da minha alma um amor eterno? (*pausa*) Resfrias, tremes... pobre mulher a quem talvez estranhos prejuizos tornam forte no que tu mais desejarias ser fraca... (*repentinamente*) E esta luz... quem a segura?!... Quem está ali!?...

Salvador — E' o *prejuizo* que torna essa mulher forte; é a religião que lhe recorda a todos os momentos as suas obrigações. Acha que a religião seja um prejuizo?

Pedro — Padre, n'um paiz livre como o nosso, não se contrahem obrigações a despeito das instituições liberaes! O que ha entre nós que impeça o livre arbitrio nas condições especiaes das nossas leis civis e religiosas?

Salvador — Ha o amor de Deus, meu filho, tão infelizmente contrariado pelo exaggero do amor da liberdade. Não prosigamos, porém, n'uma questão onde o meu zelo podia levar-me tão longe como a allucinação das suas idéas. A principal virtude consiste em saber moderar a paixão. Seja prudente: se devéras ama essa mulher, ella pouco lhe pede: apenas um generoso esquecimento. (*para Maria*) Mas parece-me distinguir uma lagrima nos seus olhos, minha irmã; será precursora do erro?

Pedro — As lagrimas do crime são frias e turvas; estas que borbulham cristalinas... (*pegando-lhe na mão*) e escaldam, como senti agora, são filhas d'essa commoção sublime que tanto procuro merecer, e que já ellas veem annunciar-me.

Maria (*àparte*) — Deus meu, dae-me força para resistir até ao fim!

Salvador — Minha irmã, entre o amor dos desgraçados, que é o de Deus; e o d'esse homem...

Maria — Padre... a desgraça tem-me perseguido tanto, que um momento de graça abala-me, bem contra

a minha vontade, o coração todo! Contrariada pela minha familia a contrahir um casamento desproporcionado, soffri, recusando, tudo quanto uma mulher pode soffrer das mãos de seus paes! O que o mundo offerece grandioso e bello a uma rapariga de dezoito annos, como que para enflorar-lhe o quadro das primeiras illusões, foi para mim luto e desespero! reputei-me desgraçada e quiz no amor da desgraça achar o allivio do meu soffrimento. Ha tres annos que presto com todo o possivel zelo religioso auxilio aos infelizes, velando, esquecida de mim propria, á cabeceira dos que soffrem. Mas eu tambem devo a Deus a minha alma, a minha existencia, e sinto que a minha alma se perde na falta que commetti fugindo a meus paes, como sinto que me suicido pouco a pouco n'este esquecimento a que votei o coração! Quero purificar uma; reanimar o outro: e o amor verdadeiro purifica, e a felicidade reanima.

Pedro — Oh! bem hajas que me salvas, Maria!

Salvador — Creio que deliraes, irmã! Já não temeis o *vicio que existe n'esse coração como o aspide na flor?* Não receiaes procurar n'elle *uma affeição?*...

Maria — Se o vicio resistir. e vencer, morrerei martyr das minhas crenças depois de ter empenhado o coração em ganhar uma alma para Deus; e se é um crime o que faço, Deus que me castigue! Se a religião absolveu a filha que renegou seus paes, amaldiçoará acaso a que sae do centro da irmandade onde foi apenas para esconder ao mundo o coração criminoso? Pelo amor de Deus, meu padre, sêde compassivo, deixae-me voltar a esse mundo que não posso esquecer...

Pedro (*enthusiasmado*) — E onde este sentimento que m'inspiras hade fazer-te feliz e invejada!

Maria (*ajoelhando aos pés do padre*) — Que eu ache o castigo do meu erro no desengano d'esta illusão, se elle não souber realisal-a!

(O theatro principia a esclarecer-se pelo primeiro alvor do dia.)

PEDRO — Que eu perca para sempre dos meus olhos esta luz que vem de Deus, se um momento esquecer o meu juramento. (*ajoelhando*) E' a primeira vez na minha vida que dobro com verdadeiro respeito o joelho perante um ministro do altar. Acreditae-me agora; é um anjo que me conduz a vossos pés.

SALVADOR (*com enthusiasmo religioso*) — Meu filho, a religião, triumphando em vosso peito á vez d'esta mulher, desarma o escrupulo do sacerdote. Sêde bemditos! (*levantando-os nos braços*)

PEDRO — Sou feliz! parece-me que sinto dentro do coração a luz magnifica d'este dia que nasce!

MARIA — Agora, padre, queira examinar essa carta escripta por elle, que ha pouco lhe dei, e perdoar-me se não é no sentido prescripto.

(O padre abre repentinamente a carta e corre-a com a vista.)

SALVADOR (*áparte*) — A ordem perde; mas a religião ganha! (*alto a Pedro*) Meu filho, o triumpho é completo. Não recuso cumprir a vossa vontade.

PEDRO (*a Maria*) — E tudo te devo, anjo de caridade! Oh! partamos! (*saem pela direita*)

SCENA III

JOÃO CHRISOSTOMO, depois o CRIADO.

JOÃO (*dentro, junto da porta do fundo*) — Está fechada, digo-te que está fechada, entendes, bruto? Vae de roda abril-a, depressa!

CRIADO (*entrando pela direita vae abrir a porta do fundo*) — Voila, monsieur.

JOÃO — Quem estava n'esta sala?!

CRIADO — Oh! n'esta sala? (*afrancezando a pronuncia*)

JOÃO — Sim! n'esta sala?

CRIADO (*sorrindo*) — Não entender, senhor.

JOÃO (*fazendo-lhe signal para abrir as janellas*) — Abra as janellas.

CRIADO — Voila, monsieur. (*abre as janellas*)

JOÃO (*acompanhando com acções tudo que diz ao criado*) — Quero almoçar.

CRIADO — Oh!... bom!...

JOÃO (*sentando-se*) — Quero prezunto, ovos fritos...

CRIADO — Omelette souflée.

JOÃO — Ovos fritos.

CRIADO — Si: omelette souflée.

JOÃO — Creio que não tenho remedio senão almoçar á franceza. Vá chamar o copeiro e o cozinheiro.

CRIADO — Oh! cozinheiro, copeiro, voila, monsieur. (*sae*)

JOÃO (*levantando-se*) — Ser portuguez dos quatro costados e parecer estrangeiro dentro da sua propria casa... quem teria dito similhante coisa a meu avô, quando ganhava d'aquillo com que se compram os melões que estes senhores comem *á franceza!*...

(O criado, o cozinheiro e o copeiro, typos afrancezados, apparecem ao fundo.)

CRIADO — Voilá, monsieur.

JOÃO (*medindo-os com a vista*) — Ando de mal a peior! esta gente não é portugueza. (*ao cozinheiro*) Que sabe você cozinhar para o almoço?

COZINHEIRO — Cozinhar tudo que monsieur encontra em grandes mesas; grandes molhos, grandes assados, grandes *fricassés*...

JOÃO — Sabe fazer assorda com alho?

COZINHEIRO (*indignado*) — Oh!... Ter servido grandes casas, preparado grandes almoços, e merecer grandes elogios do ministro da França, do embaixador de Hespanha, do ministro d'Inglaterra e da Russia.

JOÃO (*ao copeiro*) — Que qualidade de vinho ha na copa?

COPEIRO — Château-Margaux, Château Laffitte, Santerne, Château Yquem, Clos-Vougeat, Champagne... e toda a qualidade de cremes.

JOÃO — Muito bem. (*passeando muito contrariado*) Muito bem! Lavradio, Madeira, Porto... isso tudo não presta!... E' antigo, é mau, é portuguez! (*chegando á janella*) Pscio! Pscio! Ó freguez? Venha cá acima; suba a escada e volte á direita. (*ao criado*) Ponha a toalha e quatro talheres n'aquella mesa. (*ao cozinheiro e ao copeiro*) Podem ir passear meus senhores; vão para onde quizerem: estão dispensados do serviço. (*os dois saem; o criado occupa-se a preparar a mesa, João Chrisostomo dirige-se ao gallego que apparece ao fundo*) Olá, freguez; quer-se já uma boa dose de mão de vacca e uma garrafa de bom vinho da Madeira. Aqui está dinheiro. (*o gallego sae*) E' preciso que cada qual se entenda com quem se entende. E' tempo de remediar esta doença contagiosa que vae grassando em minha casa, e de mostrar que ninguem hade fazer de mim o que quizer por me ter feito barão. Sou barão, convenho; prezo-me muito de o ser; mas quero ser barão portuguez.

CRIADO — Senhora baroneza, arrivée.

JOÃO — Prohibo-lhe que me torne a fallar! Está posta a mesa? muito bem: retire-se, e diga á senhora baroneza, quando chegar, que eu cá estou ás suas ordens.

SCENA IV

JOÃO CHRISOSTOMO, E A BARONEZA, entrando pela galeria.

BARONEZA — Não esperava que tivesse desembarcado hontem, barão; por isso me retirei para Pedrouços, onde desejava recebel-o. E' tão lindo aquelle sitio! Como está, chegou bem?

JOÃO — Peço-lhe desculpa de a ter mandado incom-

modar a Pedrouços: é tão lindo aquelle sitio!... Porém sentia-me sem animo de ir até lá.

BARONEZA (*tirando o chale e o chapeo, e em acção de tocar o timbre*) — Parece que ninguem deu pela minha chegada...

JOÃO — Perdão, baroneza, vae chamar alguem?

BARONEZA — Sim, mademoiselle Nórbert a quem desejo dar algumas instrucções.

JOÃO — Não está cá.

BARONEZA — Não está? Quem lhe permittiu sair? abandonar Mimi?

JOÃO — Eu, minha senhora.

BARONEZA — Ah...

JOÃO — Era a mestra de Mimi, não? Despedi-a hontem.

BARONEZA — Permitte-me perguntar-lhe porque?

JOÃO — Educava muito mal a menina. Não lhe ensinava portuguez.

BARONEZA (*rindo*) — Portuguez... isso aprende-se com o tempo.

JOÃO — Eu quero que minha filha o aprenda com mestres.

BARONEZA (*sentando-se*) — Ha tantos...

JOÃO — Não parece, porque meu filho teve de ir a Paris para ser educado.

BARONEZA — De certo! Que aprenderia elle em Lisboa!

JOÃO — Pois, baroneza, meu filho voltou de lá muito mal creado! Gostava de saber em que n'este ultimo anno gastou quatro contos de réis!... Escuso perguntar similhante coisa, bem sei; estou informado de que o rapaz é uma especie de despota em segunda mão n'esta casa, onde vive sem rei nem roque!

(N'este momento apparece o gallego trazendo um prato coberto e uma garrafa preta.)

Baroneza — Que quer este homem?!...

João — Vem trazer-me o almoço. (*tomando das mãos do gallego o prato, a garrafa, e dispondo-se a almoçar, despedindo-o depois de lhe dar dinheiro*)

Baroneza — Vem trazer-lhe o almoço! Parece que não ha criados em casa...

João — Não se incommode; entendo-me mais com hespanhoes do que francezes. Quer almoçar?

Baroneza (*rindo, depois de meditar um momento*) — Quero: só pela excentricidade. Que temos? Que é isto, barão?

João — Mão de vacca.

Baroneza — A' portugueza: mas... o barão esperava, sem duvida, que mais duas pessoas viessem honrar-lhe a sua *mão de vacca*.

João — E' verdade, baroneza; espero dois patuscos, perdoe-me a expressão, que de certo não faltarão a honrar a minha mão de vacca. (*consultando o relogio*) Oito e tres quartos. A's nove, estarão comnosco.

Baroneza — Terei muito gosto de receber os amigos de meu marido.

João — São favores que lhe devo, baroneza. Uma mulher que se confessa uma vez por semana, deve saber considerar seu marido! Temos alguem doente em casa, baroneza?

Baroneza — Infelizmente, Pedro.

João — Muito doente?

Baroneza — Bastante; foi por isso que mandei chamar uma d'essas piedosas irmãs de caridade...

João — A proposito, já não existem d'essas boas e santas mulheres portuguezas, nossas verdadeiras irmãs?

Baroneza — Pedro, habituado a fallar francez, preferiu uma das francezas.

João — Fez bem; a caridade á franceza é muito mais caridade do que á portugueza! As mulheres portuguezas já não teem caridade; dispensaram-se d'essa virtude que as incommodava; quando seus filhos estão doentes,

entregam-n'os a mãos estranhas, e partem para o campo, quando não teem de ir a algum baile: recusam ás filhas ministrar-lhes pela sua propria intelligencia o pão do espirito, entregam-nas a preceptoras estrangeiras que fazem d'ellas tudo excepto mulheres portuguezas; e confiam illimitadamente ó futuro d'ellas á sua educação gallicista! A mão de vacca tem pimenta de mais; não lhe parece, baroneza?

Baroneza — Acho-a com certas pretenções a guizado de encommenda! Entretanto é preciso confessar que está muito no gosto portuguez! (*áparte*) A condessa demora-se!... principio a inquietar-me!

Criado (*annunciando do fundo*) — O senhor Aleixo d'Azeredo.

Baroneza — Aleixo d'Azeredo, n'este momento... (*para o criado*) Mande entrar para a sala azul. (*ao barão*) Naturalmente vem comprimentar-me pela sua chegada, barão.

João — Engana-se, baroneza; vem almoçar comnosco.

Baroneza — Almoçar?... Deus meu! seria d'um ridiculo tal... similhante almoço!...

Outro criado (*annunciando pela galeria*) — Monsieur le vicomte de Sandomil.

Baroneza — Ah!...

João — Este chega em francez.

Baroneza (*ao criado*) — Receba o senhor visconde... não; diga-lhe que ainda não voltei.

João — Perdão, baroneza; o visconde é o segundo convidado que eu esperava.

Baroneza — Que o barão esperava? não comprehendo... O barão conhece o visconde?

João — E' elle que não me conhece; mas a baroneza hade ter a bondade de apresentar-me tanto a um como a outro. (*ao criado que annunciou Aleixo d'Azeredo*) Mande entrar o senhor Aleixo d'Azeredo.

Baroneza — Convenho; e em quanto ao visconde...

JOÃO — Já que chegou em francez, queira mandar que o introduzam em francez.

BARONEZA (*áparte*) — Deus meu, não sei o que adivinho!

JOÃO — Então, minha senhora; não pede a cortezia portugueza que obriguemos a esperar fidalgos!

BARONEZA — Mas, similhante coberta ..

JOÃO — Qual coberta?...

BARONEZA — Este serviço... (*indicando a mesa*)

JOÃO — Ah! o almoço chama-se coberta, serviço, excepto almoço. Baroneza..., eu não tenho culpa de não encontrar em casa um cozinheiro que me entendesse; nem de achar a copa recheada d'aguas com assucar baptisadas com titulos francezes! Era tal o aperto em que me via que não tive remedio senão recorrer a meios vulgares... Vamos, baroneza, queira mandar entrar o visconde!

BARONEZA (*áparte*) — Oh! eu vou morrer de ridiculo diante d'elle!... (*alto*) Permitta-me advertir-lhe, barão, que a franqueza, que é amabilidade na provincia, torna-se ridicula, e muitas vezes insultante, nos costumes de Lisboa. Ha certas visitas que não devem ser recebidas familiarmente; e o visconde...

JOÃO — Está perdendo tempo, baroneza. Não deixemos esfriar a mão de vacca!

BARONEZA — O visconde não deve de ser recebido n'esta sem ceremonia, muito conveniente para um amigo intimo, convenho, ou algum inferior; mas altamente revoltante para um diplomata distincto, que julga honrar-nos com a sua presença, e que não veria de certo n'este genero de recepção mais do que uma prova de...

JOÃO — D'incivilidade?

BARONEZA — Talvez!

JOÃO — O visconde bem sabe que sou provinciano; pé de boi, avesso a todos estes prejuizos da capital, e d'isso a que por cá estão chamando o *grande mundo!* Se a

baroneza não manda entrar o visconde, vou eu mesmo recebel-o.

Baroneza — Por quem é, barão!

João — Socegue, baroneza; eu lhe explico tudo. Fui portador d'uma carta para o visconde que me dispensa de certas formalidades. O visconde é todo do governo; o governo precisa d'algum dinheiro; além d'isso proponho-me construir á minha custa algumas estradas na minha provincia, e tudo isto quer dizer que desejo ser feito visconde. Mande-o entrar, baroneza; asseguro-lhe que nos entenderemos perfeitamente.

Baroneza *(áparte)* — Se ao menos chegasse a condessa... Não sei o que me adivinha o coração que me inquieta!...

João *(ao criado)* — Mande entrar o senhor visconde.

Baroneza *(áparte)* — Jesus!... que desespero!

SCENA IV

João Chrisostomo, a baroneza, e momentos depois Aleixo d'Azeredo pela galeria, e o visconde de Sandomil pela ante-sala.

(João Chrisostomo conserva-se em pé ao lado da mesa: a baroneza está no centro da scena e vae sentar-se no sophá, no momento que elles entram.)

Visconde *(indo comprimental-a)* — Querida Laura: *(a baroneza faz-lhe um gesto expressivo; o visconde corre a scena com os olhos e vê João Chrisostomo, a quem entrega o chapeo e a capa)* Achei muita graça á sua supposta partida... não sei para onde; e o prazer que me causa esta entrevista... *(novo gesto da baroneza; o visconde olha para João Chrisostomo e diz-lhe)* Queira mandar dizer ao meu jockey que volte com o tylbury ao meio dia.

BARONEZA (*áparte*) — Oh! Deus meu! Deus meu! que significa isto?... Estou perdida!

ALEIXO (*entrando, áparte*) — Que vejo! O visconde está cá?

VISCONDE — Que tem, Laura; que pallidez é essa...

BARONEZA (*levantando-se precipitadamente, áparte*) — Oh! se eu tivera a facilidade de desmaiar...

ALEIXO (*aproximando-se rapidamente d'ella, a meia voz*) — Senhora baroneza, lamento que v. ex.ª não se tivesse lembrado de negar-se ao visconde, uma vez que me dava a honra de me esperar!

VISCONDE (*áparte*) — Aquelle maldito periodiqueiro tem o instincto fatal de chegar sempre na peior occasião!

BARONEZA (*esquivando-se a Aleixo que lhe falla devagar, e tornando a sentar-se*) — Realmente, meus senhores, estou encantada da sollicitude que empregaram em vir comprimentar-me... (*João Chrisostomo senta-se vagarosamente n'uma cadeira ao lado do sophá; o visconde levanta-se logo machinalmente; Aleixo faz um gesto de surpreza*) E rogo que me permittam de os apresentar... a meu marido. (*indicando o barão*)

VISCONDE (*estupefacto, áparte*) — Seu marido!...

ALEIXO (*estupefacto, áparte*) — Seu marido!...

VISCONDE (*áparte*) — Qual d'elles me preparou esta scena ridicula!... Oh! se o periodiqueiro soubesse!...

ALEIXO (*áparte*) — Estou codilhado! Se o visconde adivinhasse!...

BARÃO — Preso-me na verdade de receber tanto o senhor Aleixo d'Azeredo como o senhor visconde de Sandomil; e peço-lhes, se é possivel, que me contem no numero dos seus amigos.

ALEIXO (*com descaramento*) — E para principio das honrosas relações que v. ex.ª tem a bondade de propôr-me, permitta-me pedir-lhe o seu auxilio para a gloriosa e nova cruzada que hoje se levanta em Portugal! (*tirando um papel*)

BARÃO (*áparte*) — Acho graça á impudencia d'este homem! Naturalmente foi educado em Paris: e no fim de tudo sou eu que faço figura ridicula n'esta scena!

VISCONDE (*baixo á baroneza*) — Não me explicará para que fim me comprometteu?

BARONEZA (*baixo ao visconde*) — Era justamente o que eu estava para lhe perguntar, visconde!

ALEIXO — Não é um Pedro o eremita que vem pelo dom da sua eloquencia mover-nos o animo contra a ferocidade dos barbaros. E' a voz da liberdade, que tanto sangue nos custou, que hoje se eleva em Portugal chamando os bons portuguezes contra o gigante que intenta levantar-se para esmagar-nos!

BARÃO — Qual é pois o gigante que tanto nos ameaça?

ALEIXO — A inquisição.

BARÃO — O que! depois de lhe terem convertido a casa em theatro? Qual historia! Hoje, a verdadeira inquisição *é cada qual na sua casa com sua mulher e seus filhos*. Não lhe parece, baroneza? Agora fallando seriamente, o excesso de liberdade a que tudo isto tem chegado é que faz receiar a volta da inquisição, e, segundo li n'um cartapasio, que lá tenho na provincia, foi tambem o abuso da liberdade que a fez apparecer no reinado de D. João III, ainda que alguns autores principiaram a queimar tratantes no tempo de D. Manuel. Em todo o caso, meus senhores, se ella apparecesse hoje, creio que nem todo o pinhal d'Azambuja lhe bastaria para queimar os insolentes!

ALEIXO (*áparte*) — Toma que te dá João Braz! alto calibre, á queima-roupa!

VISCONDE (*áparte*) — E' uma provocação! (*levantando-se*)

BARONEZA (*lançando um olhar supplicante ao visconde*) — Jesus, meu Deus!

VISCONDE — Senhor barão, por vezes trilham o mesmo caminho homens que todavia não devem confundir-se.

ALEIXO (*áparte*) — Aquillo é comigo! que desgraçada idéa que tive de fallar na inquisição!

BARÃO — Não tive o gosto de o comprehender, senhor visconde.

VISCONDE — Quero dizer que o tratante e o insolente é o tratante e o insolente. O passo que avança é cynicamente calculado antes e depois; e tão cynico se mostra ao avançal-o como em mostrar que o avançou: em quanto que outros homens, illudidos pelas circunstancias ou por um sentimento irreflectido, commettendo como elle uma acção pouco em harmonia com a moral, sabem todavia indemnisar honrosamente o prejudicado.

BARÃO — Dizem lá na minha terra, que quem veste a pelle do lobo é lobo; e quem não o quer ser, que não a envergue. Voltando porém ao que diziamos...

ALEIXO — Todos os bons portuguezes teem assignado este protesto contra a importação dos frades lazaristas e das irmãs de caridade...

BARÃO — A fallar verdade, *temos tantas*... que escusamos importal-as.

ALEIXO — E eu apresso-me a pedir a assignatura de v. ex.ª, porque a introducção d'ésta gente é um passo avançado para o imperio da inquisição!

BARÃO — V. s.ª sonha com a inquisição. (*ao visconde*) V. ex.ª assigna tambem o protesto?

VISCONDE — Quando vir ahi o nome de um homem verdadeiramente nobre tanto pelo seu comportamento politico, como moral e religioso.

ALEIXO (*áparte*) — Vou embrulhal-os! (*alto*) Senhor barão, espero que v. ex.ª não queira mallograr-me a esperança que tive nos altos sentimentos que lhe attribuo. (*apresenta-lhe o papel, o barão assigna; volta-se depois para o visconde com um sorriso de velhaco*) E v. ex.ª não assigna agora?

(O visconde hesitando troca um olhar com a baroneza, o barão finge-se distrahido.)

Visconde (*baixo á baroneza*) — É segunda provocação! Comprehende quanto me fica devendo se eu assignar?

(A baroneza baixa os olhos; o visconde faz um passo para a mesa.)

Criado (*annunciando pela ante-sala*) — A senhora condessa do Lavre.

Baroneza (*correndo a recebel-a*) — Ah!... minha amiga..., vem livrar-me, talvez, d'um credor inexoravel!

SCENA V

A BARONEZA, O BARÃO, O VISCONDE, ALEIXO D'AZEREDO, A CONDESSA DO LAVRE, E JULIA.

Condessa — Corro a abraçar-te, querida. Como chegou teu marido? (*baixo*) Que tens... parece-me que não estás longe de chorar!?

Baroneza (*beijando Julia*) — Minha filha...

Barão — Doze annos d'ausencia não me tornaram desconhecido á filha do meu velho amigo?

Condessa — Ah! senhor barão, com que prazer o vejo. Apresento-lhe a nela (*indicando-lhe Julia*) que sem duvida já conhecia de nome.

Barão — E' o retrato d'elle! e tão interessante como sua mãe.

(A baroneza convida a condessa e Julia a sentarem-se.)

Visconde — Como está v. ex.ª, senhora condessa? (*cortejando a condessa e depois Julia*)

Aleixo (*comprimentando-as*) — Tenho o gosto de comprimentar a vv. ex.as

Condessa (*baixo á baroneza*) — Não me explicarás, querida, o enigma d'estes dois homens aqui?

Baroneza — Hasde pedir ao visconde que o decifre.

CONDESSA (*ao barão*) — Acho-o em bella disposição. Desde já o previno que a sua presença veiu encher de alegria dois corações innocentes!

BARÃO — Assim o creio, senhora condessa.

CONDESSA — E já que estamos em familia, aproveito sem mais delonga o momento de tratarmos d'aquelle casamento em projecto, que não deve ser por mais tempo addiado, sem grave prejuizo e alteração do espirito dos interessados! E' tão doce advogar a causa d'uma filha, que espero achar desculpa da pressa com que desejo ventilar a questão.

JULIA (*baixo á condessa*) — Minha mãe, está tratando do meu maior desgosto!

BARONEZA — Todos nós sabemos avaliar o sentimento materno. Junto-me á minha amiga para pugnar pelo meu filho.

ALEIXO — E' a epoca das cruzadas! Esta é sobre todas magnifica!...

VISCONDE — Onde haveria força para resistir-lhe!?

BARÃO — Ha tres annos porém que lhe resisto eu. Sim, meus senhores, tenho-lhe resistido com toda a pertinacia d'um verdadeiro provinciano, aferrado ás suas convicções e crenças; e sem pejo declaro que não tenho remorso algum da doença que a paixão tem, segundo affirma a baroneza, produzido em meu filho; nem das lagrimas que me parece distinguir nos lindos olhos d'esta amavel menina. (*indicando Julia*)

CONDESSA — Desculpem-lhe esta fraqueza tão natural... Minha filha!...

BARONEZA (*levantando-se, e indo afagal-a*) — Querida, confia em nós. Somos tão amigas tuas!...

JULIA — Oh!... não, minha senhora... não choro... Era um argueiro... já estou melhor.

BARONEZA — Vamos tomar ar... Eu tambem sou assim; o calor traz-me as lagrimas aos olhos!... Vamos.

SCENA VI

O BARÃO, A CONDESSA, O VISCONDE, E ALEIXO D'AZEREDO; A BARONEZA, E JULIA proximas do fundo.

VISCONDE — Minha senhora, sem me recusar a assistir a uma questão em que me presaria de tomar parte, dando por findo o objecto da minha visita, peço as ordens de v. ex.ª

(A baroneza corteja, e sae com Julia pela galeria.)

BARÃO — Como assim, senhor visconde?! Ainda não é meio dia, ainda não chegou o seu trem. E eu tomei a liberdade de mandar dizer ao cocheiro que não voltasse senão ás seis horas, esperando que v. ex.ª se digne honrar a nossa mesa. V. ex.ª expendeu ha pouco certas idéas que me fazem esperar tudo da sua delicadeza! Além d'isso desejo que seja ouvido por testemunhas competentes o que tenho a dizer á senhora condessa.

ALEIXO (*áparte*) — Vou comprehendendo que nos usos da vida o melhor meio de *se tirer d'affaire*, é um *sans façon* a toda a prova!

VISCONDE (*áparte*) — Aleixo ri-se de mim! E' o partido dos velhacos. (*senta-se*)

CONDESSA (*inclinando-se para o visconde, a meia voz*) — Dou-lhe parabens, visconde, pelo sorriso que o barão parece querer consagrar-lhe.

VISCONDE (*áparte*) — Se esta mulher soubesse o valor do epigramma que me jogou, rir-se-hia de mim toda a vida!

BARÃO — Tenho que justificar-me do que ha pouco avancei a respeito d'este endurecimento do coração que não me deixa acreditar nem na paixão de meu filho, nem nas lagrimas da sua filha, senhora condessa.

CONDESSA — Hade ser-lhe difficil.

BARÃO — Meu filho é muito creança; trouxe de Pa-

ris idéas extravagantes que precisam d'alguma reforma: e eu venho buscal-o para aperfeiçoar-lh'as por meio do trabalho no silencio e na obscuridade da minha provincia. Senhor visconde de Sandomil, quer dar-se ao incommodo de ler á senhora condessa esta carta? *(dá-lhe uma carta)*

Condessa — Uma carta? de quem?! Mas eu a leio.

Barão — Perdão. Eu disse a v. ex.ª que precisava de testemunhas. E' por isso que me atrevo a incommodar o senhor visconde.

Visconde *(áparte)* — E' lettra de mulher!... *(breve pausa durante a qual parece consultar o conteudo da carta)*

Condessa — Então?

Visconde *(lendo)* — «Pedro, ainda que eu cuide de acabar ao mau tratamento que recebo de minha mãe, não caso comtigo. As desfeitas que me tens feito pelo amor da irmã de caridade hãode lembrar-me sempre! Além d'isso os vicios que em ti já dominam desde que chegaste de Paris, repugnam-me: a tendencia que tens para as cartas, rivaes tão poderosas do amor d'uma mulher, acaba de decidir-me a pôr um termo á nossa correspondencia: por ultimo, a doença que nossas mães dizem ser causada pelo meu desprezo, não é senão um pretexto para teres junto de ti essa franceza que te allucina; e a suspeita que sempre tiveste de eu amar em silencio...» *(suspende-se rapidamente, e perturba-se)*

Condessa — Quem?!... Visconde, dê-me essa carta! Dê-me essa carta!...

Visconde — Perdão, senhora condessa, devo restituil-a a quem m'a entregou. *(entregando-a ao barão)*

Aleixo *(áparte)* — Que bello assumpto para o *Braz Tizana!*

Condessa — Senhor barão d'Almodovar, espero que me entregue essa carta!

Barão — Esta carta pertence a meu filho, senhora condessa.

Condessa — Quem sabe se é calumniosa! Minha filha era incapaz de a ter escripto: não ousaria por certo commetter similhante falta, ainda mesmo que fosse verdade tudo que ahi se diz!...

Barão — Regulo-me pelas camponezas da minha villa, senhora condessa; quando teem dezoito annos e um coração cheio d'amor, são incapazes de se entregarem ao mais *pintado*, como ellas dizem.

Condessa — Senhor barão, v. ex.ª falla tanto da sua villa e da sua provincia que me obriga a dizer-lhe que desconhece completamente a vida em Lisboa!

Aleixo — E v. ex.ª já leu o romance do nosso Julio Cesar Machado?

Barão — Não duvido, senhora condessa, e acho n'isso mesmo sufficiente desculpa, se porventura vou ainda commetter nova inconveniencia! (*tirando d'algibeira outra carta*) Hontem ás seis horas da tarde, pouco mais ou menos, honrou-me alguem com esta carta que devia ser entregue á baroneza.

Visconde (*áparte*) — Que vae este homem dizer! ?...

Barão — E' um cavalheiro completo. Esta carta, dirigida á baroneza, tinha por fim empenhal-a junto de v. ex.ª em obter-lhe a mão de sua filha.

Condessa — Senhor barão, agradeço-lhe o interesse que toma pela felicidade de Julia, mas... a felicidade de minha filha, hade ser como eu a entender.

Barão — E v. ex.ª hade entender que sua filha pode ser feliz quando eu lhe disser o nome do cavalheiro que a sollicita, e que...

Visconde (*a meia voz*) — Senhor, barão!...

Barão — E' o unico meio de resgatar a carta, que eu não li, consentindo que a improvise n'este sentido. Meu amigo, *casar ou metter freira!*

Condessa — E quem é esse homem?

Barão — Tenho o gosto de o apresentar a v. ex.ª (*indicando o visconde*)

Condessa — O senhor visconde de Sandomil! ? (*ápar-*

te) Será possivel que Julia se atreva a amar este homem!?

Aleixo — Ó senhora condessa, o nosso povo tem rifões bem certos! *D'onde não se espera sae o coelho!*

Condessa (*despeitada*) — Senhor visconde, v. ex.ª ratifica tudo quanto acabo d'ouvir?

Visconde — Accrescentando que d'ahi resultará a minha felicidade!

Aleixo (*áparte*) — Bravo! E' curioso!...

Condessa (*áparte*) — A baroneza soube da minha affeição e vinga-se de um modo bem cruel! (*baixo ao visconde*) A baroneza é muito sua amiga, visconde!

Visconde — Calcúlo a sua amizade pela inimizade de v. ex.ª

Barão — Creio que brinquei com elles como um verdadeiro gato amestrado!

SCENA VII

OS MESMOS, A BARONEZA, E JULIA.

Condessa — Ah! minha amiga, comprehendo agora o motivo da tua ausencia em companhia de Julia. Quizeste dar ao negocio um caracter puramente official. Bem me parecia que a presença d'estes dois homens era um enigma! Já está decifrado.

Baroneza — Pelo amor de Deus, Anna, respeita a minha dôr! vê lá que comprometlimento!

Condessa — Não me digas epigrammas, porque se eu quizer, ainda posso esmagar-te!

Baroneza — Que dizes tu? Não entendi!

Condessa — Entende como quizeres e quando quizeres; é o mesmo. (*para a filha*) Julia, acabam de pedir-me a tua mão.

Julia — A minha mão?...

Condessa — Não quiz decidir sem te consultar. É o senhor visconde de Sandomil.

Julia (*transportada*) — O visconde?... Ah! minha querida mãe...

Condessa (*detendo-a com um olhar severo*) — Responda, minha filha.

Julia — Que heide eu responder... que heide eu dizer, uma vez que o senhor visconde soube adivinhar... perdão.... Eu subjeito a minha resposta á vontade de minha mãe.

Condessa (*ao visconde, áparte*) — Que contradicção ridicula em que me sinto!

Baroneza — Anna... tu descoras... que tens? Que quer dizer isto?

Condessa (*baixo*) — Quer dizer, Laura, que heide saber vingar-me da intriga com que me feres! (*ao visconde*) Senhor visconde, espero que fará a felicidade de minha filha.

Baroneza (*áparte*) — Que escuto! que mudança é esta!? (*alto*) Dou-lhe os parabens, senhor visconde.

Barão (*entregando-lhe surrateiramente a carta e a bolsa que elle lhe deu no primeiro acto*) — E eu tambem, senhor visconde, e eu tambem. (*a meia voz*) A minha vingança limitou-se a fazer-lhe um casamento.

Baroneza (*áparte*) — Quem me dera achar a chave de toda esta intriga! A condessa está altamente contrariada.

Aleixo — Aqui ha um grande assumpto para folhetim: o caso é pilhal-o a dente!

Barão (*a Aleixo*) — Em quanto a v. s.ª, aqui tem a libra com que teve a generosidade de brindar hontem o criado que lhe deu noticias de minha mulher.

Baroneza — Que escuto!...

(Rumor geral.)

Barão — Sim, minha querida, este senhor pagava

por uma libra noticias tuas. O que fará, quando estiveres comigo na provincia?! Devemos-lhe muito!

(Risadas geraes.)

ALEIXO — Senhor barão, v. ex.ª exaggera!... Senhora baroneza acredite v. ex.ª... (*muito atrapalhado, pega no chapeo que o barão lhe offerece, e sae precipitadamente*)

SCENA VIII

A BARONEZA, O VISCONDE, A CONDESSA, JULIA, E O BARÃO.

VISCONDE (*baixo á baroneza*) — Minha senhora, deve a seu marido muito mais do que julga. Evite os exemplos da condessa, e, dizendo um adeus eterno á nossa louca affeição, dedique-se inteiramente á sua felicidade.

BARÃO — Então, senhor visconde, ainda não está disposto a assignar contra as irmãs de caridade franceza?

VISCONDE — Sim, senhor barão: existe na lista o nome do homem mais nobre e honrado que conheço, e ao qual desejaria estender a mão, tão leal e cavalheiramente como elle se tem comportado!

BARÃO — Oh! senhor... (*apertando-lhe a mão*) — Oh! senhor visconde... simplicidades de provinciano, e nada mais! Bem ouviu dizer á senhora condessa que eu desconheço completamente os usos da vida em Lisboa!...

VISCONDE — Oh! mas é d'esperar do juizo da senhora condessa que retire qualquer dia o sentido de tal asserção! (*dirige-se a fallar á condessa que está junto de Julia, a quem o visconde tambem parece dirigir a palavra*)

BARONEZA (*approximando-se do barão, que a recebe amavelmente*) — Hade levar-me para a provincia este verão, sim?

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.° francez. 400
Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.° e 2.° vol. em folio. Preço.. 4:500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr........ 720
Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 400

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.° francez. Preço.... 600
Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 8. francez. Preço.................................... 360
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 400
O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr...... 160
A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.° fr...... 160

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.° francez. Preço 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.° fr...... .. 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr....... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.° fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço...... 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos 180

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. Preço....................... 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço...... 240

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 240

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr........ 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 8.° francez, Preço.................................... 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.° francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr. 200

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.° fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.° fr.................................... 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr......... 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr. 200
Memorias do Coração. Preço 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos................ 160

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço............. 320

M. JOSE' DA ROCHA.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.° francez. Preço.......... 360

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.° francez. Preço..... 1:800

J. M. ALMEIDA RIBEIRO.

Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço........... 100

MANUEL JOAQUIM BARRADAS.

Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço.......... 100

CASIMIRO ABREU

Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço.............. 100

F. A. MARQUES PEREIRA.

Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 8.° port. Preço................................ 200

F. V. DA SILVA BARRADAS.

Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.° fr. Preço..... 200

J. MESQUITA DA ROSA.

Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.° port.

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço..................... 360

L. PAULINO BORGES.

Ensaios poeticos. Preço........................... 60

D. J. PONCE DE LEÃO.

O Mentor da mocidade.............................. 120

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240

O Pae prodigo, comedia em tres actos................ 200

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço........ 240

H. VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.° fr. Preço......................... 240

APRIGIO FAFES.

E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça.............................. 80

PADRE CLAUDIO AQUAVIVEI.

Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.. 80

NO PRELO.

Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo.

Os Brasões das cidades e villas de Portugal por I. de V. Barbosa.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos.

Devem estar promptas até Março as seguintes:

Tudo no mundo é comedia; comedia em tres actos.
O Homem das Cautellas, comedia em dois actos.
Já não ha tolos! ... comedia em um acto.
O Marido no Prégo, comedia em um acto.
Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos.
A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos.
Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.
A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos.
Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos.
A Conquista das Amazonas, comedia-drama em dois actos.
A Mascara social, comedia-drama em tres actos.

(4)

JA NÃO HA TOLOS!...

COMEDIA EM UM ACTO

POR

ALFREDO HOGAN

PREÇO 80 RÉIS.

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1860.

OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM NA SUA LOJA, RUA AUREA N.° 109.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000
Encadernada 27:000

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600
Encadernados 13:600

Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro V =Um folheto com dez gravuras 200

M. M. B. DU BOCAGE.

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. em 8.° francez. Preço 4:320

F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO.

Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço....... 720

BARRETO FEIO.

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 8.° francez.. 2:880
O 3.° volume só 1:000

LIMA LEITAO.

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.° 800
O 2.° volume só.. 480

Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.° francez.................................... 1:200

REBELLO DA SILVA.

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2. vol. 8.° francez.................................. 960

A Mocidade de D. João V, comedia-drama em 5 actos....... 480

Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.° francez. Preço.......................... 300

MENDES LEAL JUNIOR.

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr... 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.° francez................. 300

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.° francez. Preço................................ 400

Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço......... 400

A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.° francez. Preço.. 480

Canticos, 1 vol. 8.° francez. Preço.......................... 720

Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço. 300

A. ABRANCHES.

Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.° fr..... 300

F. SOARES FRANCO.

Sermões, 1 vol. 8.° francez. Preço. 480

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.° francez. 400

Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.° e 2.° vol. em folio. Preço... 4:500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr........ 720

Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. . . 400

JÁ NÃO HA TOLOS!...

COMEDIA EM UM ACTO

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA.
TRAVESSA DA VICTORIA, 73.

1860.

PERSONAGENS.

LEOPOLDINA DA SILVA.

CARLOTA, criada.

BENTO DA SILVA, homem de negocio.

ANTONIO ANTUNES, procurador.

A acção é em Lisboa na actualidade.

ACTO UNICO.

(Sala em casa de Bento da Silva, janella á direita, portas á esquerda e no fundo, mobilia regular).

SCENA I

CARLOTA sacudindo o pó, depois LEOPOLDINA.

CARLOTA — Era bem bom se ainda houvesse...
Acabou-se; já não ha!
Hoje em dia.. se eu pudesse...
(*Rindo*) Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

Logo um chapeo de palhinha;
Logo uma *saia balão*;
Sedas e branca luvinha;
E p'r'o não chega um barão!...

Era bem bom se ainda houvesse...
Acabou-se já não ha!
Hoje em dia .. se eu pudesse...
(*Rindo*) Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

LEOPOLDINA (*pela esquerda, cabello caido, e penteador*) — Não posso soffrer similhante loucura!... De que te ris?

CARLOTA — D'outras coisas...

LEOPOLDINA — Que coisas!? Não vês como estou triste, abatida, desconcertada?!

CARLOTA — Desconcertada?!

LEOPOLDINA — Se te pareço...

CARLOTA — Não me parece nada!

LEOPOLDINA — Tola?

Carlota — Seja pelo amor de Deus...
Leopoldina — É o unico amor verdadeiro!
Carlota — Lá isso é! (*suspirando*) Mas esperem ahi...
Leopoldina — Já não espero nada, nada... nada e nada!...
Carlota — Quem bem nada não se afoga. Mas venha cá; diga-me que loucura é essa tal que não pode soffrer?
Leopoldina — Não posso ouvir cantar quando eu choro!
Carlota — Lá isso tambem eu não... que até me dão cá certas *aquellas*...
Leopoldina (*com os punhos fechados, correndo pela scena*) — Tambem a mim, de esganar alguem!...
Carlota — Menos esta! Vamos, socegue... sente-se, e conte-me o que lhe succedeu lá pelo banho:.. Ah! banhos! banhos!...
Leopoldina — Se eu tornar a tomal-os... dou-te licença que digas...
Carlota — Que toma banhos: pois sim. Que... eu nunca tive muita fé nos taes banhos... Ora... está-se a gente a lavar na agua que já lá vem dos outros...
Leopoldina — Pois sim; d'esta feita fiquei lavada por uma vez..
Carlota — E' muito melhor, menina; lave-se em casa. Olhe, isto de banhos...

Em agua de doces prantos,
Para o mal do coração,
Por banheiro o padre cura;
D'estes só e d'outros não!

Mas isto, hoje em dia, é muito difficil... muito! Aqui estou eu que bem necessitava de curar-me d'uns estremecimentos que tenho, a que o cirurgião chama nervo-

so, e que não acho... Ai, minha querida menina! já não ha tolos!

Leopoldina — Um que tinha... (*com emphase*) mandei-o passear!

Carlota — Quem, o senhor Zeferino?!

Leopoldina — Esse mesmo!

Carlota — Conte-me, conte-me isso.

Leopoldina — Ha tres dias que não calçava luvas! Ora, um homem sem luvas...

Carlota — Credo! o que é um homem sem luvas!?...

Leopoldina — Eu cá sou assim; tenho estas idéas, e não admitto que m'as contrariem! Além d'isso... um homem que não calça luvas, é por que não as compra; e quem não compra um triste par de luvas...

Carlota — Está visto, não tem vintem!...

Leopoldina — Concluiste o que eu conclui!

Carlota — E d'esse modo, fica tudo concluido...

Leopoldina — Tudo!... (*sentando-se*) Mas... isto custa!... não custa? (*leva o lenço aos olhos*).

Carlota — Coitadinha! quem lhe dera um bem rico! Um d'esses *brazileiros de Braga* que vão buscar ao Brazil que deixar á sua familia; que veem de lá com as algibeiras conqertadas e os bofes desfeitos...

Leopoldina — Ora..

Carlota — O que?

Leopoldina — Um marido sem bofes!...

Carlota (*rindo*) — Isto digo eu cá; e bem me entendo!

Leopoldina — Era melhor que pensasses na minha posição.

Carlota — Pois sim, pensemos. No caso em que as coisas estão... por exemplo. temos aquelle esganarello d'ali de fronte, da porta do botequim, que fuma charutos de pataco e de tres vintens... Ai, senhora, muitos tres vintens hade aquelle homem ter... nunca vi fumar assim!

Leopoldina (*com desdem*) — E' alto!...

Carlota — Dizem que os *altos* dobram-se muito...

LEOPOLDINA — Que quer isso dizer?

CARLOTA — Sim, que são doceis... mas... oh! que idéa! E o filho do dono da casa de pasto? Traz uns taes berloques na cadêa!...

LEOPOLDINA (*como acima*) — E' gordo!...

CARLOTA — Pudera, tem casa de pasto!... Os gordos dormem muito...

LEOPOLDINA — Um marido a dormir!...

CARLOTA — E' verdade! lume e marido...

LEOPOLDINA — Adiante...

CARLOTA — Ai que lembrança! E o homem do cavallo côr de mangericão secco? Esse, sim! nem gordo nem magro, nem alto nem baixo...

LEOPOLDINA — Já o viste a pé?

CARLOTA — E' como diz! A pé e ao pé.

LEOPOLDINA — Quando? (*levantando-se*).

CARLOTA (*com mysterio*) — Certo dia!

LEOPOLDINA — Falla...

CARLOTA — Quer que falle?

LEOPOLDINA — Que demora!

CARTOTA — Saiba então que o homem anda mesmo por sua causa... da côr do cavallo! Uma vez, *truz truz*, na porta: quem é?! Faz favor? O senhor saiu, digo. Tenho uma carta para lhe deixar, respondeu elle. Ah!... então eu abro. E abri. Qual historia, n'uma mão a carta... e na outra...

LEOPOLDINA — E na outra?

CARLOTA — Aquelles brincos que me deu o meu padrinho.

LEOPOLDINA — Olha como tu és!...

CARLOTA — Que lhe havia de eu fazer?... pedia com tão bom modo... o modo é tudo! Mas... espere... sinto patas de cavallo... será elle? (*vae á janella*) Tal qual! Venha cá, menina... venha cá depressa, que vem trotando...

LEOPOLDINA — Ora, aquillo é choto!

CARLOTA — Qual choto! Um trote inglez rasgado... pobre bruto... até por sua causa anda o bruto n'aquelle trote por esta calçada acima...

LEOPOLDINA — E' aquelle que passou pela direita da sége?

CARLOTA — E' aquelle mesmo.

LEOPOLDINA (*retirando-se da janella*) — Com o que tu vens á praça! aquelle sujeito já eu conhecia... dos banhos. Ouvi dizer que era um jogador a toda a prova!

CARLOTA — Jogador.. jogador o que!?... E que seja ou não...

Isto de jogo é fatia
A que o mundo em peso acode!
Joga toda a fidalguia...
Só não joga quem não pode!

Aproveite, menina, aproveite! olhe que os tempos não estão para tolices. O seu papá tem alguma coisa, é verdade; mas é um *forreta* que não pensa senão em negocio; e a respeito de a trazer no luxo... isso não entende!

LEOPOLDINA — Tola! eu tenho saia-balão...

CARLOTA — E pulseiras de *pechibeque*...

LEOPOLDINA — Oiro francez, se faz favor!

CARLOTA — Oiro francez... oiro francez!... é bonito! Não vale mais bom oiro do Porto, bons brilhantes... bons *aquelles*... Pense n'isto... deixe-se do bonifrates...

LEOPOLDINA — Tens razão.

Eu quizera um marido bem feito,
Que brilhantes me desse tambem!
Que estes mimos são de mais effeito,
Do que os beijos que chovem aos cem!

CARLOTA — Ora... tem lá que ver?!...

A edade, menina é negocio
Que não tira... não tira nem põe?

Se é velhote proponha não ocio,
Que a mulher sabiamente dispõe!

LEOPOLDINA — Tal e qual! bom caleche para Cintra... e mais coisas...
CARLOTA — Já se entende, outras coisas e loisas.
LEOPOLDINA — No inverno, S. Carlos e bailes.
CARLOTA — Bom regalo, menina... e bons *chales*.
LEOPOLDINA — Mas eu estou com pena do meu Zeferino!
CARLOTA — Ora cale-se ahi com o seu Zeferino! Olhe, para o formoso castello que temos estado a fazer no ar, não vejo senão um inconveniente!
LEOPOLDINA — Qual?
CARLOTA — E' que já não ha tolos: mas emfim... muito alcança quem não cança... e talvez que procurando bem...
LEOPOLDINA — Como se chama o tal sujeito...
CARLOTA — O do cavallo côr de mangericão secco?
LEOPOLDINA — Sim.
CARLOTA — Tenho-o debaixo da lingua! Ah! já me recordo... chama-se... José.
LEOPOLDINA — De que?...
CARLOTA — Ai... de que?... de que, Carlota?!... Elle é coisa assim como canudo... canu... Canuto! José Canuto! E até me parece que já d'ali do botequim lhe ouvi chamar D. José... sim, elle bem se vê que tem Dom! aquelle ar...

(Ouve-se uma argolada na porta).

LEOPOLDINA — Estão batendo...
CARLOTA — Ora... fallae no mau...
LEOPOLDINA — Não! não! isso não! Logo vi que me estavas armando alguma... E' escusado, não quero...
CARLOTA — Ora, que lhe hade fazer, se fôr elle!?
LEOPOLDINA — Era o que me faltava! n'este estado...
CARLOTA — Então que tem esse estado?

LEOPOLDINA — De penteador... cabellos soltos...

CARLOTA — Então; é um estado de penteador e cabellos soltos; teem-se visto muito peiores estados! Sente-se, que eu vou abrir...

LEOPOLDINA — Logo á primeira.. não!

CARLOTA — Descanse que eu sei como se fazem estas coisas; tenho uma tia que vende fruta. Caluda... vou abrir. (*vae á porta*) Quem é? (*uma voz*) E' o Jornal do Commercio.

(Apparece o jornal por debaixo da porta).

CARLOTA — Ora, o Jornal do Commercio!

LEOPOLDINA — Quando nós esperavamos... quero dizer, tu é que esperavas!... (*rindo*) A esta hora, estará elle jogando... Deus queira que perca tudo! até o cavallo côr de mangericão secco, como tu dizes! (*áparte*) Ainda me bate o coração!

CARLOTA — Emfim, não vale desanimar! O jornal sempre nos traz noticias frescas... (*percorrendo-o*) « Noticiario » E' o que me interessa.

LEOPOLDINA — Lê, para eu ouvir.

CARLOTA — Então, escute lá.

(Leopoldina senta-se: Carlota aproxima-se e lê).

CARLOTA — « Suicidio » (*declama*) Ai!... suicidio... ó menina quem será este... Suicidio?... esperem... « matou-se » (*declama*) Credo!... matou-se! o tal Suicidio matou-se!... coitado... quem seria?!... Aqui hade dizer; vejamos. (*lendo*) « Suicidio » matou-se hontem um homem, Zeferi..

LEOPOLDINA (*interrompendo-a*) — O que?!... Oh! Deus meu! que dizes tu?...Zeferi... seria Zeferino?!... (*tirando-lhe o jornal*).

CARLOTA — Elle pelo nome parece!

LEOPOLDINA — Ora, quem se fia no que tu lês! Isto é « referimos »... (*repetindo*) Referimos este caso... *et*

cætra: não interessa. *(continua a ler)* Oh! aqui está uma noticia muito interessante!

CARLOTA — Diga, diga, menina.

LEOPOLDINA *(lendo)* — «Chegada» Annunciamos ás nossas compatriotas solteiras, a chegada, a esta capital, de um celebre viajante, nosso compatriota, que traz duas minas de oiro nas algibeiras, e que segundo affirma, vem disposto a fazer uma mulher feliz, por que promettera lá aos seus santos não casar senão com uma pessoa pobre, e que não tivesse esperança alguma de herdar dos parentes.

CARLOTA — Viva o Jornal do Commercio! Que pechincha! que bello casamento para uma pobre de Christo! *(chegando machinalmente á janella)*. Se elle por aqui passasse... hade passar! Pelo Chiado passa tudo...

LEOPOLDINA — Pois sim! vinha mesmo por aqui passar para te namorar!... Vamos... tira-te d'ahi! ahi não é o teu logar!...

CARLOTA — Ai, deixe estar que não a assombro! já cuida que lhe faço sombra, que...

(Batem na porta do fundo)

LEOPOLDINA — Olha, se fôr o teu amigalhaço do cavallo côr de mangericão secco, diz-lhe logo que não pode ser.

CARLOTA — Deixe estar, que não hade ser! Minha rica... já não ha tolos! *(áparte)* Quem seria aquelle homem que estava a olhar tanto para cá?!... *(junto da porta)* Quem é?

ANTUNES *(de fóra)* — Está cá o senhor Bento da Silva?

CARLOTA — O senhor Bento da Silva saiu.

ANTUNES — Mas é aqui que elle mora?

CARLOTA — Está visto que sim!

ANTUNES — Eu queria fallar-lhe com urgencia.

CARLOTA — E' o mesmo que nada já disse; que não está em casa.

ANTUNES — Mas diga-lhe que...

CARLOTA — O' senhor... já lhe disse que não está em casa!

ANTUNES — Queria deixar-lhe uma carta.

CARLOTA — Metta-a por debaixo da porta, se faz favor.

ANTUNES — Queria tambem deixar-lhe outra coisa.

CARLOTA — Metta por debaixo da porta.

ANTUNES — A outra coisa não cabe!

CARLOTA — Então não sei como isto hade ser, por que o senhor não está em casa.

LEOPOLDINA — E' coisa de muita pressa?

ANTUNES — E' sim *senhor*! Já fallei com elle, e queria cá deixar isto... A menina é a filha da casa?

LEOPOLDINA — Nada; eu sou filha do senhor Bento da Silva. Ó Carlota, abre a porta a esse senhor.

SCENA II

CARLOTA, LEOPOLDINA e ANTONIO ANTUNES.

(Antonio Antunes, padece muito de nervos: tem ataques que o obrigam a abrir rapidamente a bocca de maneira que parece que quer morder; e ao mesmo tempo encolhe a perna esquerda e o braço. Logo que entra, tem um dos seus ataques)

CARLOTA — Credo! que homem é este?...

ANTUNES — A senhora.. (*outro ataque*).

CARLOTA — Nada! eu cá tenho medo d'elle! E esta!... parecia mesmo que me queria morder!

ANTUNES (*áparte*) — Mau... *agora* estou de tal modo atacado... Eu em vendo mulheres... fico assim!...

LEOPOLDINA — Então que quer o senhor?

CARLOTA — Ó menina, não se lhe chegue muito!...

ANTUNES (*áparte*) — Mau... mau... eu bem *nizia ao Jé Canuto* qu'eu não ena pâ isto... Em vendo mulhees... fico assim! (*alto*) minha senhona, eu *quenia nizele*... (*outro ataque*).

LEOPOLDINA — Ai!...

Carlota — Vê? Eu bem lhe dizia que este homem não era certo! Que empada?

Leopoldina — Vamos, senhor, despache; diga o que quer, e deixe o que quer deixar para o pae.

Antunes — Eu nigo, eu nigo .. *(áparte)* Tem uns olhos tão mananões!... está nito... estou a temee... Tenho os nevos tonos a temeem.

Leopoldina — Então, faz favor?

Antunes — Eu vinha aqui... pá tazee ao senho Silva... Ai!... *(tem um ataque fortissimo, no momento em que vae tirar d'algibeira da cazaca um embrulho que lhe cae no chão)* Não s'assustem; é nevôso... é nevoso... *(áparte)* Pois se ella tem uns olhos tão mananões!...

Leopoldina *(áparte)* — O tolo parece que me está namorando!

Antunes *(áparte)* — São uns olhos tão mananões!...

Leopoldina — Está bom, senhor, quer tomar um copo d'agua? talvez lhe passe.

Carlota — Talvez: isso é flato, que eu tambem tenho ás vezes!

Leopoldina — Pois vae buscar-lhe um copo com agua.

Antunes — Nana... nana, não é peciso... já passou.

Leopoldina — Então o que é que queria para o pae? Não se demore, por que eu não quero que elle venha entretanto, e que diga que...

Carlota — E' verdade... e que diga!...

Antunes — Ona... e que hane elle nizee!? Uu tolo... um penaço n'asno... como eu, não mette meno a ninguem!... *(rindo)* Não é assim?... *(áparte)* Oh! que olhos tão mananões! .. *(alto)* Entetanto eu não quenia senão tê uma fotuna pâ vê se niziam qu'eu ena penaço n'asno pô causa ne-tê uma alma tão sensivel... E depois ha olhos tão monitos que é mesmo... Ai! *(tem outro ataque)*.

Leopoldina *(áparte a Carlota)* — Pobre tolo! Car-

loto, fica-o tu por cá aturando, que eu já me safo.

CARLOTA — Eu, ficar com similhante homem!? Um homem que parece que está a querer morder a cada instante... lá isso não!

ANTUNES (*querendo deter Leopoldina*) — Mas faz favô... eu lhe nigo o que queno pô senhô seu pae...

LEOPOLDINA — Ahi está a criada; diga isso que quer à criada. (*bate-lhe com a porta, e sae*).

SCENA III

ANTONIO ANTUNES, E CARLOTA.

ANTUNES — E foi-se embona!... Quando tonanei eu a vê uns olhos tão mananões!?

CARLOTA — Vamos, senhor, despache; que a gente tem mais que fazer! (*tropeçando no embrulho que caiu da algibeira d'Antonio Antunes*) Ai que será isto? (*apanhando-o*) E' um estojo... (*abrindo-o*) Que vejo! Brincos, e collar de brilhantes!? Como elles brilham!

ANTUNES — Eu bem nizia ao Jé Canuto que eu não ena pâ estas coisas... mas elle teimou...

CARLOTA — Que riqueza?... O' senhor, isto é seu?... Que lindeza?.. Ora, um homem que traz d'estas coisas n'algibeira...

ANTUNES — N'algibeira?... caiu cetamente...

CARLOTA — Isto é seu, devéras? Oh! que bons brincos! E o collar... só o collar... isto de collares!... morro pelos collares...

ANTUNES — Mone? Esse é de bilhantes... (*áparte*) A tal quiadinha tambem não tem maus olhos... não... mas não são tão mananões!...

CARLOTA — Ora uma mulher que traz d'isto, brilha tanto como uma estrella! por força!... Então para que trazia o senhor isto na algibeira? Uma coisa d'estas n'algibeira!

ANTUNES — Eu tazia pâ dá à menina...

Carlota — A' menina?... á menina?!... Porque... isto é seu?!

Antunes (*áparte*) — Tenem vê? (*alto*) E' sim senhô...

Carlota (*áparte*) — Uhm!... Pois olhem que pela carroagem ninguem seria capaz... (*alto*) Então o senhor já conhecia a menina?

Antunes — Já, sim senhô... Pois se ella tem uns olhos tão mananões!...

Carlota (*áparte*) — Coitado! (*alto*) Está melhor do seu nervoso? Sente-se, quer um copo de vinho?

Antunes (*áparte*) — Olhem como as mulhees são! (*alto*) Muito ananecido!

Carlota (*áparte*) — E eu que dizia que já não havia tolos! (*alto*) Então, sim, para offerecer isto á menina, é certamente por que... sim, por que a ama. Ora não ha! E para um homem dar prendas d'estas... é preciso que seja muito rico!

Antunes — E' venane! sou nico! muito nico!...

Carlota (*áparte*) — E bem nico me parece elle! (*alto*) Então quem é o senhor? algum brazileiro!

Antunes — Neu no vinte! Sou bazileio...

Carlota — Ora não ha! A menina morre pelos brazileiros.

Antunes — Sim? isso é venane? E ella hade amáme? mesmo apesá d'eu sê um penaço n'asno?

Carlota — Que desconfiança! O senhor o que tem, é esse seu padecimento nervoso, que parece atacal-o mais quando se commove; mas é por que não está acostumado a commover-se... em se costumando, logo isso lhe hade passar.

Antunes — Eu sou puo bazileio,
Pois nasci no Mananhão:
Minha mãe ena n'An-ola
E meu pae ne Montalvão.

Tenho mais ne nois engenhos...
Tenho petos de Niné.
Tenho mais ne cem navios...

CARLOTA *(interrompendo)* — Que riqueza que isso é!...

ANTUNES — Venho a Lisboa casá-me
Com moça no nosto meu;
Que o qu'eu lá vi pô fóa
As meninas não m'encheu!

Eu sou puo bazileio
Pois nasci no Mananhão.
Minha mãe ena n'An-ola,
E meu pae ne Montalvão.

CARLOTA *(áparte)* — Ai! que é a esta hora o brazileiro das minas nas algibeiras, de que falla o Jornal do Commercio! Ora não ha!... corro a prevenir a menina. *(alto)* Diga-me cá; e o senhor está ha muito tempo em Lisboa?

ANTUNES — Nána: nina hontem.

CARLOTA — Então como conhece a menina?

ANTUNES — Ni na nanella: e innanci quem ena.

CARLOTA — Estes magauões! não ha tempo a perder... com licença... *(sae pela mesma porta por onde saiu Leopoldina).*

SCENA IV

ANTUNES *(só)* — Ahi está o que é este mundo! Ona eu bem conheço... sou assim!... chamam-me penaço n'asno... e nollam-me as costas! mas se eu tiesse uma foluna... outro gallo me cantaria!... maș é que eu não ena então pâ ellas! Tão tolo que me fosse mellêe na bocca no lobo!

SCENA V.

ANTONIO ANTUNES, LEOPOLDINA e CARLOTA.

CARLOTA *(baixo a Leopoldina)* — E' como lhe digo, menina; o brazileiro que o Jornal do Commercio annunciou! Diz que mal a viu na janella foi tirar informações... E os brilhantes... hein? que lindas joias! Isto sim?...

LEOPOLDINA (*com o estojo das joias*) — Custa-me a crer similhante fortuna!...

ANTUNES (*áparte*) — Estou aqui, estou a têe outo ataque!

CARLOTA — O que me parece é que elle é muito atado! São genios! Ande... agradeça-lhe... mas sempre lhe aconselho que se acautele! Um homem com aquelles ataques...

LEOPOLDINA — Meu senhor... eu não sei se deva acreditar...

ANTUNES — Sim, pone aqueditá tuno, minha senhoa. (*ápárte*) O diabo dos olhos tão mananões!... estou aqui, estou...

LEOPOLDINA — Estas joias...

ANTUNES — Pone nuanal-as, pone nuanal-as.. pô que eu já nisse que... e o que nisse está nito! Mas não sei se a senhôa, que é fomosa... tão intessante, se dina ostá n'um tolo, n'um penaço n'asno... feio e noente...

CARLOTA (*ápa te*) — Faz dó!

LEOPOLDINA — Oh! por quem é... não diga tal! O coração é tudo. E segundo me parece, o seu coração...

ANTUNES — E'uma alava que não osso onunciá! ecusou-me até a natureza a entua ne onunciá essa alava... (*áparte*) Cana vez estou mais atacano!... (*alto*) Mas com o seu amô... seei omletamente feliz! muito feliz! E se me ná licença... (*que endo pega -lhe na mão*)

CARLOTA (*baixo a Leopoldina*) — Cautela, menina, cautela, olhe que é muito capaz de lhe morder...

ANTUNES (*áparte*) — Como ellas são... e não ha meia hóa que me oltou as costas!

LEOPOLDINA (*áparte*) — Pobre tolo!

ANTUNES — Quéo ainda demoá um momento a felicinane ne eiar-lhe a mão, pâ sê feliz em pensá que o sou! E'este, outo eneo ne felicinane que só entenne quem é infeliz! Oh! agona... (*vae beijar-lhe a mão que ella lhe estende; mas é interrompido por um fortissimo ataque de nervos*).

LEOPOLDINA (*recuando*) — Ai!

CARLOTA — Chegou a morder-lhe?!... Pois eu não lhe tinha dito que nunca fiando?!

LEOPOLDINA — Ainda me chegou com os dentes!... Carlota, este infeliz é capaz de me devorar em sendo meu marido!

CARLOTA — Não faça reflexões, menina: não estamos em tempo de fazer reflexões! Ai que sinto passos... E' certamente o senhor!

LEOPOLDINA — Hade ser o pae! E se elle vir este homem aqui!...

CARLOTA — Não o assuste que pode ter algum ataque mais forte! mas elle hade querer fallar a seu pae...

LEOPOLDINA — Por ora não... Meu Deus! Vê se o escondes ali na casa de jantar em quanto meu pae entra...

CARLOTA — Pois sim, eu vou. (*para Antunes*). Meu senhor, vem ahi o pae da menina; e ella queria primeiro prevenil-o... Se o senhor quizesse ter a bondade de entrar aqui para a casa de jantar...

ANTUNES — Pois sim... vamos; mas imeiro, que elle me nia ainna uma vez...

CARLOTA — Que o ama? Pois sim; diga-lhe, menina. (*baixo*) Vale a pena!

LEOPOLDINA — Sim... amo-o...

ANTUNES — Muito?

LEOPOLDINA — Muito!

CARLOTA — Muitissimo!

ANTUNES — Então ê-me licença que lhe 'eije a mão... e mais esta ez!... Só esta...

CARLOTA (*baixo a Leopoldina*) — Acautele-se sempre! (*Antonio Antunes beija-lhe a mão e sae pela direita: Carlota fecha-lhe a porta*).

SCENA VI

LEOPOLDINA, CARLOTA e BENTO DA SILVA.

BENTO — O jantar na mesa.

CARLOTA (*áparte*) — Ai, credo! com aquella empada lá na casa de jantar!

LEOPOLDINA — Passou bem, meu pae?

BENTO — Bem obrigado. Veiu cá um homem trazer uma coisa?

LEOPOLDINA — Uma coisa?...

BENTO — Sim, coisa é tudo que existe, lá diz Genuense. Um estojo de joias.

CARLOTA (áparte) — Ai, menina!...

BENTO — Vamos, que tenho pressa; quero vêl-as: são de um tal D. José Canuto que precisa de duzentos mil réis sobre ellas, e se ellas valerem pelo menos quatrocentos... não terei duvida de lhe fazer o negocio.

CARLOTA (áparte a Leopoldina) — Estamos perdidas!...

LEOPOLDINA — Fomos logradas...

CARLOTA — E por um tolo!...

ANTUNES (apparecendo) — Pò um penaço n'asno!... E' venane.

BENTO — Olá, seu Antunes, trouxe as joias?

ANTUNES — Neias á menina, sim senhô.

BENTO (*Tomando o estojo da mão de Leopoldina*). Venham ellas. Carlota, põe o jantar na mesa. Espere ahi, senhor Antunes; vou examinal-as. (*sae pela esquerda*).

LEOPOLDINA (*baixo a Carlota*) — Ai, Carlota! morro de vergonha!

CARLOTA — Então menina, nem já n'este desgraçado paiz ha tolos! Tudo lhe falta hoje em dia! Bem dizia eu, quando a menina me ouviu cantar...

> Era bem bom se inda houvesse...
> Acabou-se já não ha!
> Hoje em dia... se eu podesse...
> (*Rindo*) Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

Cae o panno.

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 600
Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 360
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400
O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr...... 160
A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.º fr...... 160

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.º fr...... .. 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr....... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.º fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço...... 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos 180
Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço....... 300

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço...... 240
Uma Victima, drama original em tres actos.... 160

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. —Preço 80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, drama em tres actos.... 160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr...... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 8.º francez, Preço.... 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. 200

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.º fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.... 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr........ 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr. 200
Memorias do Coração. Preço.... 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos.... 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço 240
O Marido no Prégo, comedia em um acto.... 160
Já não ha tolos!... comedia em um acto.... 80

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço.... 320

M. JOSE' DA ROCHA.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 360

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.º francez. Preço..... 1:800

J. M. ALMEIDA RIBEIRO.

Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço.... 100

MANUEL JOAQUIM BARRADAS.

Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço.... 100

CASIMIRO ABREU

Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço.... 100

F. A. MARQUES PEREIRA.

Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 8.° port. Preço 200

F. V. DA SILVA BARRADAS.

Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.° fr. Preço..... 200

J. MESQUITA DA ROSA.

Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.° port.

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço 360

L. PAULINO BORGES.

Ensaios poeticos. Preço 60

D. J. PONCE DE LEÃO.

O Mentor da mocidade 120

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240

O Pae prodigo, comedia em tres actos 200

O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço.... 200

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço....... 240

APRIGIO FAFES.

E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça.................................. 80

PADRE CLAUDIO AQUAVIVEI.

Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.. 80

JOSE' IGNACIO D'ARAUJO.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. 160

A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos...... 200

Um Bico em Verso, scena comica. — Preço.......... 60

JOSE' DE TORRES.

Tudo no mundo é comedia ; comedia em tres actos....... 200

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. — Preço 360

NO PRELO.

Amor e Amizade, comedia em um acto.

Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos.

A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos.

Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.

A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos.

Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos.

A Conquista das Amazonas, comedia-drama em dois actos.

Um Risco, comedia em dois actos.

Coração de Ferro, drama phantastico de grande espectaculo em cinco actos.

A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.

O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos.

O Colono, comedia-drama em tres actos.

Não despreses sem saber, comedia em um acto.

Gil Braz de Santilhana, comedía em tres actos.

Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em um acto.

A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.

Pedro Cem, comedia em cinco actos.

O Maestro Favilla, drama em tres actos.

Remechido o Guerrilheiro, ou os ultimos dez annos da sua vida, drama em quatro actos, e duas epocas, precedido de um prologo.

Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em quatro actos.

Os Brasões das cidades e villas de Portugal por I. de V. Barbosa.

O JUIZO DO MUNDO

COMEDIA DRAMA EM TRES ACTOS

ORIGINAL

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1861.

OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 133.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837.
 Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000
 Encadernada 27:000

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600
 Encadernados.. 13:600

Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro v — Um folheto com dez gravuras 200

M. M. B. DU BOCAGE.

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. 4:320

F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO.

Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço....... 720

BARRETO FEIO.

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 2:880

LIMA LEITÃO.

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º 800

Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º francez.......................... 1:200

REBELLO DA SILVA.

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º francez.......................... 960

A Mocidade de D. João v, comedia-drama em 5 actos...... 480

Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º francez. Preço.......................... 300

MENDES LEAL JUNIOR.

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr... 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º francez................ 300

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º francez. Preço.......................... 400

Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço........ 400

A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º francez. Preço.......................... 480

Canticos, 1 vol. 8.º francez. Preço.......................... 720

Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço.......... 300

A. ABRANCHES.

Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.º fr..... 300

F. SOARES FRANCO.

Sermões, 1 vol. 8.º francez. Preço.......................... 480

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez. 400

Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.º e 2.º vol. em folio. Preço.......................... 4:500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr........ 720

Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.... 400

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 600

Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 360

Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400

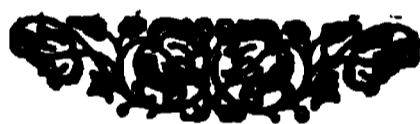
O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr...... 160

O JUIZO DO MUNDO

COMEDIA DRAMA EM TRES ACTOS

ORIGINAL

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1861.

INTERLOCUTORES

D. PEDRO, marquez de Castro.

D. JOÃO, filho do marquez.

MANUEL DO COUTO, homem rico.

THOMÉ, por alcunha — Thomé-pilhou — sapateiro retirado.

D. HERMINIA, baroneza de S. Romão.

D. ROBERTA, viuva de tres maridos.

VIOLANTE, pupilla de Thomé-pilhou e educanda de D. Roberta.

JOANNA, criada de D. Roberta.

JERONYMO, criado de Thomé-pilhou.

UM CRIADO, da baroneza.

1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª Damas

1.º, 2.º, 3.º, 4.º Cavalheiros

Convidados de ambos os sexos, criados.

A acção passa-se em Lisboa, em 185*

ACTO I.

(O theatro representa um salão. Janellas no fundo, portas lateraes, mobilia magnifica. É dia.)

SCENA I

(Ao levantar do panno, a baroneza de S. Romão está sentada n'um sophá tomando a visita de Manuel do Couto.)

MANUEL — Sim, sim, baroneza, é um perfeito milagre! (*rindo*) E dizem que já os não ha! (*rindo mais*) Ha-os... e grandes!

HERMINIA — O senhor Manuel do Couto está hoje muito pobre de idéas! ainda me não fallou n'outra coisa! Tenho conhecido que não gosta de variar a conversação.

MANUEL — Pois se eu não dou o assumpto por discutido, baroneza.

HERMINIA — É pertinacia.

MANUEL — E' espirito de discussão.

HERMINIA — Mas o seu espirito desagrada-me.

MANUEL — Paciencia, baroneza, paciencia. Tem-me acostumado a desagradar-lhe em tudo! Já não estranho: entretanto devo porfiar...

HERMINIA — Perde o seu tempo.

MANUEL — Quem sabe! as senhoras variam tanto...

HERMINIA (*rindo*) — Que são umas variações constantes!

MANUEL — Já rí; é bom signal! Ora diga-me! baroneza; que mal lhe fazia a fortuna d'este pobre peccador ?!

HERMINIA — Não incommode os seus contos de réis: não vale a pena.

MANUEL — Ah! baroneza... ferir-me é crueldade!

HERMINIA — Por que se não casou no Brazil, senhor Manuel do Couto? Talvez que lá não achasse baronezas?!... (*rindo*).

MANUEL — Não abundam; principalmente d'estas, parecidas com uma que conheço... (*áparte*) O pé, o pé d'esta mulher é o bico d'uma setta. (*alto*) Senhora baroneza, eu tambem sei o que são conveniencias! se v. ex.ª se ri, hoje, das pretenções de Manuel do Couto, que genero d'attenção daria, por exemplo, ás propostas do *barão* do Couto?

HERMINIA — Do barão do Couto?

MANUEL — Sim! um barão vale uma baroneza.

HERMINIA — Se ella o estimar...

MANUEL — E se elle fôr rico...

HERMINIA (*com ironia*) — Heide pensar: entretanto vá procurando, vá procurando, senhor Couto. Ha tantas baronezas...

MANUEL — Minha senhora...

SCENA II

HERMINIA, MANUEL DO COUTO, um CRIADO, depois o MARQUEZ DE CASTRO.

CRIADO (*annunciando*) — S. ex.ª o senhor marquez de Castro.

MANUEL (*levantando-se, áparte*) — Sempre o marquez!

Herminia — Retira-se, senhor Manuel do Couto?

Manuel — Eu? não, minha senhora. Preparo-me para receber o marquez.

D. Pedro (*entrando, sem reparar em Manuel do Couto, vae apertar a mão da baroneza*). — Como está, Herminia?

Herminia — Com o senhor Manuel do Couto sempre se está bem.

D. Pedro (*voltando-se*) — Ah! o senhor Manuel do Couto... (*corteja-o*).

Manuel (*comprimentando-o*) — Um seu criado, senhor marquez!

Herminia (*ao marquez*) — O que me trouxe da feira, marquez?

D. Pedro — Quando lá fôr, que quer que lhe traga?

Herminia — Traga-me um ai.

D. Pedro — Ais, baroneza? ha-os tão delicados que é pena experimental-os!

Herminia — Quando se não aproveitem, podem guardar-se para lembrança. Traga-m'os sempre.

D. Pedro (*com intenção*) — Acho que os merece.

Herminia — Acha?

D. Pedro — Das pessoas que a estimam sinceramente.

Herminia — Acredite que os heide guardar. (*para Manuel do Couto*) Retira-se, senhor Manuel do Couto?

Manuel — Não, minha senhora; é que eu não queria...

Herminia — Não fallavamos em segredo.

Manuel — Mas por *algarismos*, que é o mesmo.

D. Pedro — Ora essa... por algarismos!? Desperta-me a curiosidade, senhor Manuel do Couto; qual é o verdadeiro sentido da sua expressão?

Manuel — E' um modo delicado de se fallar das pessoas diante d'ellas...

D. Pedro — Mas as pessoas que teem a consciencia pura, não devem suppor que se falla d'ellas!

Manuel — Tambem não me importa que se falle: o que desejo é que se não julgue...

D. Pedro — Ah! não deseja que se julgue.. (*sorrindo*) Não entendo!...

Manuel — Decerto! quando se não teem vistas censuraveis...

D. Pedro — Acredito que as não tem. (*baixo a Herminia*) Comprehende? (*alto a Manuel do Couto*) A sua observação foi inutil.

Herminia — O senhor Manuel do Couto é d'uma susceptibilidade...

Manuel — *O senhor Manuel do Couto!*... Estão sempre a atirar-me este nome plebeu!...

Herminia — A susceptibilidade exaggerada torna-se n'um tormento perpetuo!...

Manuel — Não, não, minha senhora; o senhor marquez entendeu perfeitamente.

D. Pedro — Eu? pelo contrario; olhe que não entendi nada.

Manuel (*á baroneza*) — Que quer v. ex.ª que lhe eu traga da feira?

Herminia — Eu sei?!... um mialheiro.

Manuel — Cheio?

Herminia — Oh! não incommode as suas... libras!

(D. Pedro ri-se. Manuel do Couto despede-se)

Manuel (*áparte*) — Eu lhe mostrarei que um plebeu rico vale mais do que um marquez pobre! (*sae*).

SCENA III

HERMINIA, O MARQUEZ DE CASTRO.

D. Pedro (*sentando-se ao lado de Herminia e pegan-*

do-lhe na mão) — Herminia, confesse que é muito desagradavel dever obsequios a certas pessoas.

HERMINIA — Pois suppõe que devo alguns a Manuel do Couto?! Em que baseia similhante supposição?

D. PEDRO — E' pelo menos, o juizo do mundo, Herminia!

HERMINIA — Ora... um juizo falso!

D. PEDRO — Ai... que o não fôra...

HERMINIA *(rindo)* — E' tão subtil esse ai, marquez!...

D. PEDRO — Entende-o, baroneza?

HERMINIA — Parece-me que não!

D. PEDRO — E' um ai sentido no coração! Ai das pessoas que a estimam, Herminia, e que não podem desmentir esse juizo temerario, que o mundo avança!

HERMINIA — Então que diz o mundo?

D. PEDRO — Queira ler. *(apresentando-lhe um papel impresso que tira d'algibeira)*

HERMINIA — E' o Jornal do Porto.

D. PEDRO *(indicando-lhe o artigo)* — Ali.

HERMINIA *(lendo)* — «Informam-nos que o senhor Manuel do Couto poz os seus milhões em acção no assedio da baroneza de** A baroneza defende-se com heroismo, tendo já aprisionado alguns». Ah! isto é infame!

D. PEDRO — Infelizmente, estas coisas que apparecem... *(correndo a vista pela scena)* umas vão dando pasto ás outras...

HERMINIA — Tambem o marquez!?

D. PEDRO — Eu, não! não, Erminia!... Eu tenho o meu juizo suspenso, e...

HERMINIA — Venha cá; sente-se e escute-me. *(com familiaridade)*. O marquez é meu amigo?

D. PEDRO — Como se fosse seu pae, Herminia! e esta doce familiaridade que me concede, é a maior recompensa que me pode offerecer..

HERMINIA — Queira ouvir.

D. PEDRO — Escuto.

HERMINIA — Disse-me que era meu amigo, e é debaixo d'esse titulo que vou fazel-o meu confidente; talvez... meu conselheiro. Quer? Muito bem. Conhece-me quasi desde creança... Meus paes casaram-me aos dezoito annos; e Deus tornou-me viuva aos dezenove. Diziam-me que era formosa e rica; e eu gostava d'ouvir esse mundo adulador, que hoje me fere! Diverti-me e gastei; mas depois endividei-me, e afinal...

D. PEDRO — E afinal?...

HERMINIA — Reconheci o meu erro. Logo que rompi com todas aquellas pessoas que me pareceram suspeitas na *minha côrte*, permitta-me a expressão, os credores appareceram-me á porta! Pagar-lhes, era impossivel...

D. PEDRO — E que fez então?

HERMINIA — Chorei. Foi a primeira vez que me lembra de ter chorado.

D. PEDRO — Lagrimas não embolsam credores...

HERMINIA — Tambem, não foi diante d'elles que chorei! chorei aos pés d'uma cruz, onde me refugiei das tentações que me perseguiam!

D. PEDRO — Entre os tentadores, vamos, aposto que estava o *senhor* Manuel do Couto...

HERMINIA — Estava!

D. PEDRO — E... (*pausa*) Ai, baroneza!...

HERMINIA — Deus ouviu a minha supplica! Eu não devo nada áquelle homem!

D. PEDRO — Ah... n'esse caso, retiro o meu segundo ai.

HERMINIA — Heide fazer que retire todos!

D. PEDRO — Falle...

HERMINIA — Queira ler. (*tira d'algibeira uma carteira e d'ella uma carta que offerece ao marquez*)

D PEDRO (*lendo*) — Minha senhora, uma pessoa inteiramente desinteressada, e ao facto de tudo que se tem passado, põe á disposição de v. ex.ª a inclusa lettra, á sua ordem, no valor de trinta contos de réis, pa-

gavel á vista, sobre a casa Lima & Comp.ª d'esta praça. Assignado, A.

HERMINIA — Perturbou-se !?...

D. PEDRO (*dobrando a carta*) — E' celebre...

HERMINIA — Conheceu a lettra?...

D. PEDRO — Não.., não conheci!... (*entregando-lhe a carta*).

HERMINIA — Aqui está pois decifrado o segredo que regenerou a minha casa. De dois males, o menor é um bem. E agora, não retira tambem o seu primeiro ai!?

D. PEDRO — Não; esse deixo-o ficar! Ai... se lhe não tivesse caido das nuvens este recurso...

HERMINIA — Concedo. Para completar o programma que lhe apresentei, falta-me fazel-o meu conselheiro. Dá-me um conselho?

D. PEDRO — Case-se, Herminia.

HERMINIA — Com quem?

D. PEDRO — Com meu filho.

HERMINIA — Com seu filho?!... (*áparte*) Oh! meu Deus!...

D. PEDRO — Está visto que não hade ser comigo!

HERMINIA — Porque?

D. PEDRO — Porque!? Que pergunta, Herminia! Não vê que já passei a edade das illusões? Um marido velho... E o juizo do mundo? Não. Quando lhe aconselhei que se casasse, foi com o sentido d'abrigal-a d'esse juizo terrivel e inconsiderado a que se vê exposta uma senhora, viuva, moça e formosa! Esse abrigo, Herminia, bem longe estava de o encontrar em mim! O mundo ri-se dos velhos, e persegue as mulheres dos velhos!... Prefiro ser seu pae. Acceita o marido que lhe offereço?

HERMINIA — O senhor D. João... (*baixando os olhos*).

D. PEDRO (*pegando-lhe na mão*) — Acredite que é um excellente moço, e que a estima!

SCENA IV

HERMINIA, D PEDRO, D. JOÃO, pela direita.

D. João (*observando*) — Bravo! Tem as honras de minha mãe!... E eu, que... (*rindo e passando a mão pelo cabello*) Dá licença, baroneza?...

Herminia — Ah!...

D. Pedro — A proposito...

D. João (*apertando-lhe a mão*) — Como está?... (*inclinando-se para o pae*) Meu pae!

Herminia — O senhor D. João sempre nos dá o prazer da surpresa.

D. Pedro — É mau costume; porém desculpa-se...

D. João — Não conheço nada mais doce do que surprehender as pessoas que estimo. Parabens pela sua nova casa! E' linda!

Herminia — Já a viu bem?

D. João — Entrei pelo jardim, e fiquei maravilhado!

D. Pedro — Estimo isso, D. João; porém como se não deve julgar só pelo exterior, a baroneza vae ter a bondade de te mostrar as salas...

D. João (*áparte*) — Mostrar-me as salas!?

D. Pedro — Não é verdade, Herminia?... (*a meia voz*). Vamos, trate-o como creança...

Herminia (*áparte*) — Que pensará elle!...

D. João (*examinando um quadro*) — Aquella cara faz-me lembrar Violante!

D. Pedro (*a Herminia*) — Aproveito para ir á feira comprar os ais.

Herminia (*com tristeza*) — Bem póde trazer provimento! (*D. Pedro sae*).

SCENA V

HERMINIA, D. JOÃO.

Herminia (*áparte*) — Se o marquez soubesse o mal que me fez!...

D. João (*áparte*) — Quaes serão as idéas de meu pae!?... (*notando que estão sós*) Estamos sós: percebo! Vae mostrar-me as salas... (*alto*) Está hoje muito triste, baroneza!

Herminia — Parece-lhe?

D. João — Não tem razão. Uma bella casa, um dia magnifico, uma estrada concorrida, feira d'aqui a dois passos...

Herminia — Sim; tudo isso é bom quando podemos dar-lhe apreço; mas...

D. João — Mas... o que?

Herminia — Uma viuva...

D. João — Melhor! Uma mulher bella, vestida de preto, é uma dôr ou uma tentação. Em qualquer dos casos, interessa!

Herminia — Serei dôr! já vê que não tenho nada de commum com a sociedade...

D. João — Ora, não tem! A baroneza pode dizer o que quizer; o mundo ajuizará como lhe parecer mais justo.

Herminia — Crê nos juizos do mundo?

D. João — Raras vezes mentem.

Herminia — Raras vezes acertam.

D. João (*sentando-se no sophá onde esteve Herminia*) — Creio que o seu criado vem annunciar-lhe visita.

SCENA VI

HERMINIA, D. JOÃO, O CRIADO, depois MANUEL DO COUTO.

Criado — O senhor Manuel do Couto.

HERMINIA — Importuno!

D. JOÃO (*rindo*) — Não seja assim! Perca esse genio.

HERMINIA (*áparte*) — Como elle me trata!

MANUEL — Não quiz passar sem vir receber as suas ordens, senhora baroneza.

HERMINIA — Tanta bondade...

MANUEL — É uma necessidade do meu coração, que o seu não entende!

D. JOÃO — Pois o senhor Manuel do Couto...

MANUEL — Ah! o senhor D. João...

D. JOÃO — Acho-o muito adiantado!... já falla em coração ás senhoras...

MANUEL — Está na proporção... Tambem ha creanças que principiam muito cedo a fazer a barba para parecerem homens!

D. JOÃO — Bella tirada! (*rindo*).

HERMINIA — Que me trouxe da feira?

MANUEL — Um annel... E' coisa que uma senhora não pode recusar!... Aqui está.

HERMINIA — Ah... sim... é bonito.

(João pega no jornal, que Herminia deixou no sophá, e principia a ler).

MANUEL — Então, não o mette no dedo?...

HERMINIA (*áparte*) — D. João vae ler!... (*alto*) O senhor D. João espera grandes noticias do Porto?

D. JOÃO — O Jornal do Porto costuma dizer-nos sempre o que se faz em nossa casa.

MANUEL (*áparte*) — A baroneza está transtornada com a presença do rapaz!

HERMINIA — Então... senhor Couto... a feira... gostou?...

D. JOÃO (*rindo levantando-se*) — Aqui está uma coisa que eu não sabia. (*dando o jornal á baroneza, indicando o artigo*) Já leu, baroneza?

Manuel — Que é?... Vejamos; eu leio, minha senhora...

Herminia (*para D. João*) — Senhor D. João...

D. João (*rindo*) — Vou examinar o seu trem novo. Hontem, no Chiado, não se fallava n'outra coisa. Talvez volte. (*corteja ironicamente e sae*).

SCENA VII

HERMINIA, MANUEL DO COUTO.

Manuel (*querendo pegar no jornal*) — Vejamos a noticia... vejamos...

Herminia (*recusando, e amorrotando o jornal*) — Oh! é realmente preciso ser muito desgraçada, para...

Manuel (*áparte*) — Que diz ella!? (*alto*) Que tem, baroneza?

Herminia — Senhor Manuel do Couto, a sua obsequiosa assiduidade compromette-me! E' necessario desmentir...

Manuel — Sim, compromette-a a minha assiduidade; mas a do marquez de Castro, não! Está visto; um marquez!... Eu comprehendo! se não fosse elle...

Herminia — Se não fosse elle... que diz, senhor?!...

Manuel — Se não fosse elle, v. ex.ª não teria desempenhado a sua casa, nem satisfeito as suas dividas, senão com o meu dinheiro!

Herminia — Então, julga que foi o marquez?...

Manuel — Julgo...

Herminia — Mas o juizo do mundo é outro! leia. (*alisa o jornal e offerece-lh'o*) E' preciso desmentir esse artigo.

Manuel (*depois de ler*) — Desmentil-o?! De que modo?

Herminia — Protestando contra elle!

Manuel — É o que me faltava! Não me importam

essas coisas, baroneza, não me importam essas coisas!... Ora, o que tenho eu com o que diz o mundo?!...

HERMINIA — Então, o senhor Manuel do Couto está disposto a comprometter-me por todos os modos!?... Jurou perder-me!? Recusei todas as suas *offertas generosas*, e apezar d'isso, consente que se julgue... Oh! o seu procedimento, é...

MANUEL — E'?

HERMINIA — Poupe-me a expressão...

MANUEL — Quem tem telhados de vidro...

HERMINIA — E' mais um favor que lhe devo. (*tocando o reclamo, diz ao criado*) Mande chegar o trem d'este senhor.

MANUEL — Então, despede-me!...

HERMINIA — Não desejo incommodal-o.

MANUEL — Muito bem, baroneza; aproveitarei o tempo que me deixa livre para tratar da minha demanda contra o marquez. Comprei os titulos de todos os seus credores... Espero vencer. Boa tarde, baroneza! (*sae*).

HERMINIA — Ah!...

(N'este momento ouve-se grande ruido na estrada: vozes de mulher pedindo misericordia, gritos de homem, e o rodar de um carro, que vae d'encontro á parede.

HERMINIA — Jesus! que é isto?... (*indo á janella*) Oh! meu Deus... pobres senhoras!.. quasi que ficaram debaixo do carro! Lá está D. João. (*fallando para a estrada*) Senhor D. João... queira conduzir essas senhoras..: venham, venham depressa... (*retirando-se da janella*) Oh! ha certos dias fataes!... (*vae á porta do salão*) Se tivesse saido hoje, estou certa de que me teria acontecido o mesmo! Pobres senhoras! Em tão boa hora que se não tivessem pisado...

SCENA VIII

HERMINIA, O MARQUEZ DE CASTRO, depois D. JOÃO, amparando D. VIOLANTE, em seguida D. ROBERTA, e o senhor THOMÉ.

D. Pedro — Socegue, baroneza ; podia ter sido peior... as senhoras pouco soffreram. Eu vinha entrando, justamente quando os cavallos vieram d'encontro ao gradil da casa. Dois bellos hanoverianos!... mal empregados !

Herminia — Queiram entrar... queiram entrar... (*para D. Roberta*) Sente-se, minha senhora. (*para João*) Encostemos esta menina n'aquelle sophá (*ajudando*).

D. João (*áparte*) — Pobre Violante!...

Herminia — Isto não hade ser coisa de cuidado... (*tocando o reclamo*) Paulo, traze vinho do Porto... Talvez seja melhor cerveja preta,.. é excellente para quedas!... Agua .. Depressa ! depressa !... (*voltando para o sophá onde está Violante*) Ah! já voltou a si...

Thomé (*entrando*) — Ficou tudo n'um bolo! Mal empregado trem! parece que não tinha sido baptisado!...

D. Pedro (*áparte*) — Este é dos taes que não precisam de lettreiro!

Thomé (*limpando o suor com o lenço e dirigindo-se ao marquez*). Pobres animaes! Um está completamente estragado! partiu o pescoço; *mas... tambem*, para que tem um homem dinheiro?! Lá se me foi d'esta vez uma boa maquia .... aqui por via d'esta senhora, (*indicando Roberta*) que não gosta d'andar senão *zeet*!... (*olhando para a baroneza*) Quem é aquella que acolá está?...

(O marquez volta-lhe as costas).

D. João — Sentes-te melhor, Violante? (*a meia voz*).

Herminia (*apresentando-lhe um copo que tirou da*

bandeja) — Isto hade fazer-lhe bem, minha senhora.

D. João (*pegando no copo*) — Bebe, Violante...

Herminia (*desviando-se*) — Ah!...

Violante (*a meia voz a D. João*) — Estou melhor; o que tive foi apenas um susto de te perder... Oh! quando te vi correr ao encontro dos cavallos...

D. João — Violante... (*continua a fallar-lhe*).

Herminia (*para Roberta dissimulando*) — V. ex.ª não sente incommodo algum? Não quer tomar um calix de vinho, ao menos?...

D. Roberta — Sim, minha senhora, muito agradecida...

Thomé — Olá... convidem-na para a missa... que não é certo acceitar: porém... (*rindo*) Basta dizer que o vinho do Porto diante d'ella é manteiga em nariz de cão!

D. Roberta (*baixo a Thomé*) — Thomé!...

(A baroneza troca um sorriso com o marquez de Castro).

Thomé (*enchendo um copo*) — Vá o primeiro...

D. Roberta — Thomé!... (*esgotando o copo*) Ah...

Thomé — Descança, descança, já me calo. (*enche outro copo e despeja-o d'uma assentada*) Boa pinga, sim senhor! O' senhora... (*para a baroneza*) Perdão, que não sei como é a sua graça; onde comprou este seu vinho?...

D. Roberta (*baixo a Thomé*) — Olha que ella é fidalga!

Thomé — Ora adeus! tambem eu sou barão do meu dinheiro! Historias! isto hoje em dia, cada qual está valendo o que pesa. (*bebendo segundo copo*) Aposto que em me vendo com tão boa cara, apezar de ter perdido o meu carro e uma parelha de cavallos, hade convidar-nos para jantar!... Vê lá que horas são na tua *cebolinha*? O meu relogio parou com o *trambulhão*! (*bebe*

terceiro copo: depois aproveita o momento em que lhe voltam os costas, e põe a garrafa á bocca).

D. Pedro (*a Herminia*) — E' preciso despedir esta gente do melhor modo possivel... Offereça-lhe o trem para os conduzir.

Herminia — Já me tinha lembrado. (*a Roberta*) Minha senhora, se v. ex.ª quizesse dar-me o gosto d'aceitar o meu trem para a conduzir... Talvez que seu marido...

Thomé — Que é lá isso? seu marido!? (*rindo*) Lá caía eu n'essa! Uma viuva que já enterrou tres...

D. Roberta — Thomé!... Thomé!... (*puxando-lhe pelo fato, áparte*) Se Deus quizer tu hasde ser o quarto!

Thomé (*reparando em D. João*) — Mas esperem... onde está a Violante? O'lá!... ó caro amigo, isso não são modos d'estar n'uma sala!... todo derreado!... parece até que quer engolir a pequena!

D João (*voltando-se*) — O senhor está em casa da senhora baroneza de S. Romão; as pessoas que o rodeiam não são da sua egualha; deve pois escolher as palavras, senhor Thomé-pilhou!

D. Pedro (*sorrindo*) — Thomé-pilhou!...

Thomé — Que lhe importa se *pilhei* ou se não *pilhei?!* O proveito é meu!

D. Roberta — O' Thomé, vê lá o que fazes!...

Thomé — O que lhe eu tinha dito, foi muito bem dito! Isso não são termos...

Herminia (*ao marquez*) — Senhor D. Pedro...

D. Pedro — Socegue; escutemos...

D. João — Eu sei conduzir-me; não preciso das suas admoestações, senhor Thomé! e...

Violante — Cala-te, D. João... bem sabes que depois...

D. João — Sim, sim, Violante... é mais uma que soffro; mas...

Thomé (*a Violante*) — Levante-se d'ahi! Nós não havemos de cá ficar de conserva!...

D. Roberta — Thomé! mas se a menina está incommodada!... Oh! seria abusar das suas forças obrigal-a agora...

Thome' — Então háde cá ficar?!

D. João — Parece-me que a senhora baroneza...

Herminia — Decerto: creia que me interesso o mais que é possivel...

Thome' (*baixo a D. Roberta*) — Que dizes tu, ó Roberta?

D. Roberta — Então que tem?! a pequena fica muito bem! (*alto*) N'esse caso, minha senhora, uma vez que v. ex.ª quer ter a bondade d'incommodar-se...

Herminia — Eu não me incommodo!... Bem vê que...

D. Roberta — E' muita bondade! nós aproveitamos; e se nos permitte, mandar-lhe-hemos o nosso medico.

Thome' (*áparte*) — Lá para fallar, ainda não vi outra; isso é verdade!

D. Roberta (*a Violante*) — Violante, a menina, fica Heide mandar-lhe o senhor Gaspar, e se elle entender que lhe não fará mal o transito, então virei buscal-a amanhã. (*baixo a D. João*) Cá lhe fica! aproveite o acaso, e empregue bem o tempo (*a Herminia*) Não quero incommodal-a mais, minha senhora; acredite no nosso reconhecimento!... Eu virei n'outra occasião cumprir os meus deveres.

Thome' (*cortejando*) — Aquella casa lá está ás suas ordens...

D. Roberta (*puxando-lhe o fato*) — Thomé!...

Thome' — Então disse alguma asneira?!...

D. Roberta (*fazendo uma mesura muito pretenciosa*) — Minha senhora...

Herminia (*correspondendo*) — Minha senhora...

Thome' (*da porta*) — Até mais ver, até mais ver.

(Herminia acompanha D. Roberta, á porta do salão, e corresponde á sua ultima mesura.)

SCENA IX

HERMINIA, D. PEDRO, D. JOÃO, VIOLANTE, no sophá.

HERMINIA (*áparte*) — Elle falla-lhe, e ella sorri! . . (*aproximando-se do sophá*) O descanço hade fazer-lhe bem, se quer repousar em mais socego. . .

D. PEDRO — E' melhor; n'estes casos o socego é meio caminho andado.

VIOLANTE — Porém eu não desejava abusar de tanta bondade.

HERMINIA — Venha; eu a amparo. . .

D. JOÃO — Descance no meu braço.

(Violante levanta-se, Herminia ampara-a, D. João acompanha-as até á porta.)

SCENA X

O MARQUEZ, e D. JOÃO.

D. PEDRO (*com ironia*) — Desde quando o meu sangue deixou de ferver, ao ouvir uma expressão grosseira, senhor D. João?

D. JOÃO — Desde que os marquezes de Castro professam os nobres sentimentos de lealdade e cavalheirismo que eu herdei de meu pae!

D. PEDRO — Admitto-lhe a razão; mas peço-lhe algumas explicações ácerca do modo pelo qual entende essa lealdade e esse cavalheirismo.

D. JOÃO — Qual é o homem que não se sacrifica pelas pessoas que mais estima, e que. . . Meu pae, obriga-me a confessar-lhe. . .

D. PEDRO — Basta. E' preciso não ir mais longe. As primeiras impressões d'esse genero não passam geralmente d'um ensaio do coração. Já sabe que o tem;

agora é preciso empregal-o como melhor convier aos seus interesses.

D. João — Aos meus interesses?!...

D. Pedro — Decerto, se pensa em casar-se; creio que lhe não convem a filha do senhor Thomé pilhou...

D. João — Violante não é sua filha.

D. Pedro — Então que é?

D. João — E' sua pupilla.

D. Pedro — Filha de quem?

D. João — De quem?...

D. Pedro — Creio que lhe não será facil responder. Vamos; para um simples ensaio, não era preciso mais. Agora, se quizesse seguir o meu conselho, acho que devia empregar o seu tempo em provar á baroneza que não é ingrato á verdadeira estima que ella lhe consagra, e que...

D. João — Perdão, meu pae; estima... amizade de mãe?...

D. Pedro — De mãe?! Não, senhor; Herminia tem-me dado a conhecer que...

D. João — A baroneza!?...

D. Pedro — Sim, a baroneza!

D. João — Oh! então o meu pae não sabe o que o mundo ajuiza da baroneza!?...

D. Pedro — E' justamente d'esse juizo infundado que desejo salval-a!

D. João — Sacrificando-me?

D. Pedro — Ainda ha pouco me citou a lealdade e o cavalheirismo que tinha herdado de seus avós. Esses principios verdadeiramente nobres, não se provam com palavras; são precisos factos para os demonstrar. E quando na minha presença soffreu insultos d'um miseravel, por amor d'uma rapariga plebeá, que muito seria affrontar um dia o juizo do mundo pelo interesse d'uma pobre senhora que se vê isolada, e exposta...

D. João — Meu pae...

D. Pedro — Não posso dar-lhe o titulo d'esposa;

quizera chamar-lhe filha; o meu nome era o melhor escudo que podia offerecer-lhe contra os improperios do mundo! Seja, na extensão da palavra, digno d'esse nome, ennobrecendo-o ainda mais, se é possivel, com este exemplo de dedicação que lhe aconselho (*pega no chapeo e sae*).

SCENA XI

D João (*só*) — Oh! a baroneza... de quem ultimamente se diz.... Não ha que duvidar, meu pae está fascinado! Meu pae, um homem de principios tão austeros... tão cioso do seu nome e da sua reputação... tão escrupuloso... aconselhar-me um casamento d'esta ordem! Ah! baroneza... baroneza! quer uma salva guarda... e conta comigo! Pois sim; quando eu vir desmentido o artigo do jornal do Porto; quando souber de onde lhe veiu este soccorro inesperado que a salvou das garras dos credores... talvez. N'este negocio não basta a convicção de meu pae; é preciso que eu tambem me convença. Entretanto com esperto, esperto e meio; vou escrever-lhe duas linhas (*procurando com a vista o que precisa para escrever*) Ah... ali tenho papel e tinteiro; estamos servidos. (*senta-se a uma das mesas*) No salão d'uma mulher da moda, nunca faltam d'estes recursos. (*pegando na pena*) Uma penna excellente, e papel inglez, a tinta hade ser franceza... (*molhando a penna*) Comecemos. (*escreve*).

SCENA XII

D. JOÃO, escrevendo, HERMINIA pela direita.

(D. João, tendo-se sentado com as costas voltadas para a porta, não pode notar a presença da baroneza que o observa.)

HERMINIA — Escreve!... A quem escreverá elle?!... Provavelmente hade ser a Violante!

D. JOÃO (*repetindo algumas palavras que escreveu*)

— Acredito que esta carta não passará das suas mãos, por isso escrevo-lhe com toda a franqueza... (*breve pausa: continua escrevendo, e depois repete*) Sim, Herminia, um amor assim, o primeiro que... (*continua escrevendo*).

HERMINIA (*dando um passo e suspendendo-se*) — Oh! meu Deus... (*repetindo*) «um amor assim, o primeiro que...» Ter-me-hia eu enganado?!...

D. JOÃO (*escrevendo*) — Agradecendo-lhe as suas generosas intenções. (*dobra a carta*).

HERMINIA — Ah!...

D. JOÃO (*levantando-se*) — Agora... (*vendo Herminia*) Estava aqui?!... (*um pouco perturbado*).

HERMINIA — Entrei n'este momento... (*perturbando-se tambem: depois d'um momento de hesitação*) Escrevia para o Porto?...

D. JOÃO — Não, baroneza; para Lisboa, e para v. ex.ª.

HERMINIA — Ah!... escreveu-me?..

D. JOÃO — Não contava tornal-a a ver hoje... mas uma vez que já fiz a carta... (*offerecendo-lh'a*).

HERMINIA (*hesitando*) — Por que me não diz vocalmente?...

D. JOÃO — Desculpe, baroneza; ha certas coisas que... que produzem mais effeito lidas com attenção...

HERMINIA (*áparte, reanimando-se*) — Está mais perturbado que eu!... (*alto*) Falle, falle, D. João... Uma carta não pode ter a expressão d'uns labios que... Oh!... uma carta *revela*, mas não *diz!* E' melhor ouvir dizer!...

D. JOÃO (*serio*) — Ouvir dizer o que, baroneza?

HERMINIA — O que!?...

D. JOÃO — Faça-me o obsequio de ler. Ha certas coisas que um homem não pode dizer a uma senhora: é melhor revelar-lh'as.

HERMINIA — Convenho; quando se não tem a certeza de ser ouvido com prazer... mas...

D. JOÃO — Eu não tenho essa certeza, nem posso tel-a!

Herminia — Que a não tem, concedo; que a não pode ter, isso não! Sou tão velha como o senhor; depois, a nossa familiaridade... o visivel interesse que me produzem sempre as suas visitas... D. João!...

D. João — Não insista, baroneza! Tudo isso que allegou é exacto, e mais uma razão para... Mil desculpas! queira ler.

(Entrega-lhe a carta, corteja-a, pega no chapeo e sae; porém momentos depois volta ao limiar da porta e observa.)

SCENA XIII

herminia, d. joão, entre portas.

Herminia (*sorrindo e abrindo a carta*) — E' tão innocente!.. . Oh! feliz da mulher que merece uma aspiração d'estas! Obrigada... obrigada, D. João!... (*beijando a carta*).

D. João (*áparte*) — Ella ama-me!!...

Herminia — Eu esperava anciosa esta declaração!... Tenho-a aqui... e não me atrevo a lêl-a! Porque?... Que facto ha na minha vida, passada ou presente, que me torne indigna d'esta carta?... indigna d'um homem de honra, d'um coração ingenuo e nobre!?... Filha obediente, esposa sincera, viuva sem mancha... porque vacillo pois n'este momento em que, pela primeira vez, me offerecem a recompensa d'um amor, que é tambem o meu primeiro amor!?... Oh! (*beijando a carta*) Bem hajas tu, D. João!... que vaes recompensar-me de tantas lagrimas que tenho chorado em silencio!...

D. João (*áparte*) — Meu Deus! que fui eu fazer!?...

Herminia — E' de joelhos que quero ler a tua carta... por que esta carta é uma esperança que me cae das tuas mãos no centro da minha triste viuvez! Vou ler...

SCENA XIV

HERMINIA, D. JOÃO, precipitando-se na scena.

D. JOÃO — Não ! Não leia, Herminia !
HERMINIA (*levantando-se*) — Ah !...

(Breve pausa : D. João está confundido, Herminia indecisa.)

D. JOÃO — Perdão, Herminia... não leia essa carta...

HERMINIA — Não quer que a leia ?!...

D. JOÃO — Não ! Restitua-m'a... eu lhe direi, depois...

HERMINIA — Oh! hade convir que estou no direito de ler a sua carta, D. João !... Era melhor ter reflectido antes d'escrever... porém agora... ao menos, ao menos quero ler !...

D. JOÃO — Não! Eu retiro todas as expressões d'essa carta !

HERMINIA — Retira-as !?... (*vacillando*).

D. JOÃO — Todas !

HERMINIA — Não importa... quero ajuizar se faz bem ou mal ! (*querendo sair*).

D. JOÃO (*deitando-se-lhe aos pés*) — Herminia !... Herminia !... Dê-me essa carta... bem vê que lh'o peço de joelhos, e faço-o pelo seu interesse!

HERMINIA — N'esse caso.... vejo que a minha insistencia é uma loucura... e... e aqui tem a sua carta ! (*deixa cair a carta da mão, e com a outra leva o lenço aos olhos*).

SCENA XV

HERMINIA, D. JOÃO de joelhos, VIOLANTE pela esquerda.

VIOLANTE (*vendo D. João de joelhos, e sorrindo*) — Parecia-me que o estava adivinhando !

D. João (*levantando-se*) — Violante...

Violante — Sou eu, sou!... (*para Herminia*) Minha senhora... Oh! mande conduzir-me a casa do meu tutor... eu já me sinto boa... não quero continuar a incommodal-a!

D. João — Violante ..

Violante — Para que me tem enganado!?... merecia-lh'o eu?...

Herminia (*vacillando, aproxima-se pouco a pouco d'um sophá, onde cae*) Ah!... Dôres! dôres sempre; e nunca uma esperança!

Violante (*indicando-a*) — Qual de nós, D. João?!

Cae o panno.

ACTO II.

(Sala : duas portas no fundo; a do lado direito, para um corredor; a do esquerdo para uma saleta. Portas lateraes, envidraçadas. Moveis rico, porém de mau gosto, collocados quasi sem conveniencia alguma : notando-se em tudo desleixo e abandono.)

SCENA I

(Ao levantar do panno, está uma cadeira com fato de homem, proxima da porta lateral da esquerda ; um dos sophás carregado de fato de mulher, que para ali foi atirado ao acaso. Um chapeo que parece ter rolado de cima d'algum movel até ao meio da casa : uma meia de mulher ao lado. Sobre uma jardineira, uma lampada franceza, apagada, e sem cupula: algumas jarras partidas, uma licoreira e alguns copos quebrados. Jeronymo entra pela saleta, trazendo um par de botas engraxadas de fresco que vae collocar em frente da porta lateral da direita: batendo em seguida nos vidros. Momentos depois entra Joanna).

JERONYMO — Olá!... sôr Thomé? O' sôr Thomé?... Olhe que já lá vae a manhã, sim senhor. (*batendo*) Então! ó *seu* Thomé?...

THOMÉ' (*de dentro, com voz rouquenha*) — Dize lá que não ha obra feita...

JERONYMO (*comsigo*) — Que não ha obra feita?! Que quer elle dizer na sua!? Ai que já percebo! (*alteando a voz*) Sim senhor, as botas?... cá lh'as deixo á porta. Olhe... ouviu? cá lhe ficam as botas.

JOANNA (*entrando pelo corredor*) — Que está você ahi a gritar, senhor Jeronymo!? Quer acordar a senhora?!

JERONYMO — A senhora? pois esta não é a porta do patrão?

JOANNA — Mas o quarto d'ella não fica longe, e a senhora tem o somno muito leve!

JERONYMO — Olhe; palavra, qu'antes qu'ria acordal-a duzentas vezes na manhã, do que uma só o patrão! Estou aqui ha meia hora, e nada de novo! Sabe o que elle respondeu? que não tinha obra feita; ora veja lá; inté faz aborrecer uma pessoa!

JOANNA (*rindo*) — Estava a sonhar com o tempo em que... (*continua rindo*).

JERONYMO — Que tempo?...

JOANNA — Isso são contos largos, senhor Jeronymo; (*andando para a scena, pisa o chapeo*) Ai! que é isto que eu pisei?!...

JERONYMO — Ora! ora! o chapeo do *seu* Thomé!... pois se você nunca vê onde pranta os pés!

JOANNA — E quem lhe manda estar ahi *badalando* em logar d'arrumar as coisas?!

JERONYMO — Olhem quem falla! A respeito d'arrumação, (*levantando o chapeo*) é o que se vê!... (*indicando o fato sobre o sophá; e depois, a meia que está no chão*) inté uma meia desgarrilhada...

JOANNA (*apanhando a meia*) — E que fez você da outra?...

JERONYMO — Eu pego cá nas meias da patrôa!? Vocè está sonhando. Parece que lhe pergunto alguma vez pelas piugas do patrão!

JOANNA — Era o que faltava! (*principiando a arrumar o fato que está no sophá*).

JERONYMO — Ora vamos, vamos; sempre quero ser bom para *você*, senhora Joanna. (*querendo ajudal-a a dobrar e arrumar o fato*). Ah! que se um dia um homem chegar a ter dinheiro, senhora Joanna...

JOANNA — Tire-se lá! Então que hade você fazer?

JERONYMO (*sorrindo*) — Qu'heide fazer?... Ai, senhora Joanna... só o que lhe digo, é que...

JOANNA — Que faz você? dobrando uma saia de gomma!... Então! já viram uma coisa assim?... Arreda! arreda! (*dando-lhe com a mão no hombro*).

JERONYMO — Castiga, meu bem... castiga...

THOMÉ' (*dentro do quarto*) — Jeronymo!

JOANNA — Olhe que o chamam...

D. ROBERTA (*dentro do quarto*) — Joanna!...

JERONYMO — Já vou... já vou!

D. ROBERTA — Não és tu, bruto! Estou chamando a Joanna.

JERONYMO — Sim senhora; eu cá respondia ao patrão..

THOMÉ' — Jeronymo!! Traze-me com que matar o bicho, ahi do licoreiro.

D ROBERTA — Joanna!...

JOANNA — Já vou, minha senhora, já vou.

JERONYMO (*enchendo um copo com aguardente: para Joanna*) — O' sôra Joanna, quer matal-o? o patrão a modo qu'alembrou bem!

JOANNA — Isso hade ser muito forte, e as bebidas fortes fazem-me inflammar a garganta.

JERONYMO — Tem razão! estas coisas inflammam muito as raparigas, e... Olhe, aqui tem do *mascarrino* qu'é a bebida da patrôa. Tambem... não tem senão um copo!... Vá abaixo!

JOANNA (*despejando o copo*) — Ai! que parecia fogo! Isto não é tal marrasquino!

JERONYMO — Depois de o engulir! e é verdade! Era *canhaco!*

JOANNA — Foi peça que você me pregou, não tem duvida! deixe estar!... Parece-me que morro se não fôr beber agua... (*sae correndo*)

THOMÉ' — Jeronymo!

JERONYMO — Já vou, já vou; estou enchendo o copo...

(Enche o copo e bebe, tornando logo a encher.)

Thomé' — Tu ouviste, Jeronymo?!...

Jeronymo — Sim senhor; estou enchendo o copo! (*bebe: e quando vae encher terceiro copo, vê que não ha mais na garrafa*) Olhe, a garrafa está vasia!... Vou buscar mais á dispensa. (*pega na garrafa e sae pelo corredor*).

SCENA II

(Momentos depois, entreabrem-se ao mesmo tempo as portas lateraes. Thomé-pilhou e D. Roberta espreitam a scena.)

Thomé' — Desconfio que o maroto do Jeronymo...

D. Roberta (*tossindo*) — Não é possivel aturar aquella Joanna! (*vendo Thomé*) Oh! o seu comportamento é *inclassificavel*, senhor Thomé!...

Thomé' — Olá! bons dias. Então que mal lhe fiz eu?!

D. Roberta — Não me parece decente espreitar, d'esse modo, os movimentos d'uma senhora que julga estar só! Como por exemplo...

Thomé' — Então! querem-no assim?... Não tinha eu mais que fazer do que espreitar-lhe os movimentos!

D. Roberta — Bem se vê! E se eu tivesse tido a innocencia d'avançar mais um passo... na persuasão d'estar só!...

Thomé' (*gritando*) — Jeronymo! Ó Jeronymo!...

D. Roberta — Sempre gostaria de o ouvir... senhor Thomé!... Ah! isso não são termos, repito! E' um abuso!... espreitar-me!?... Ora não ha!

Thomé' — Sabe o que lhe digo, senhora D. Roberta? Tenho conhecido que a senhora diverte-se em armar-me ratoeiras!

D. Roberta — Ratoeiras!?...

Thomé' — É verdade; porém fique certa que perde o seu tempo!

D. Roberta — Quem foi que abriu primeiro a porta?

Thomé' — A senhora!

D. ROBERTA — Não ha tal! foi o senhor.

THOMÉ' — Então, se diz que fui eu, ainda mais me ajuda!

D. ROBERTA — Eis ao que uma pobre viuva anda exposta! Pedem-lhe para servir de tutora a uma menina, e no fim... Ah! eu me vingarei, senhor Thomé-pilhou. (*fecha-lhe a porta*)

THOMÉ' — Se pilhei meu proveito, não é da conta de você! (*zangado*) Ainda por causa do seu dito, hade aqui haver grande mexida!

D. ROBERTA (*dentro soluçando*) — Sim, já se esqueceu do tempo em que era sapateiro, quando ia tomar-me medida de botinhas de salto!?

THOMÉ' — D. Roberta, D. Roberta!...

SCENA III

THOMÉ' á porta, JERONYMO pelo corredor com uma garrafa e um copo.

JERONYMO — Prompto! prompto! Fui buscal-o á dispensa, por signal qu'a senhora Joanna não me queria dar a chave; mas eu disse comigo: ah, sim, elle é isso...

THOMÉ' (*gritando*) — Não me importa saber do que disseste! Vamos, traga-me o fato, e venha ajudar-me a vestir.

(Recolhe-se. Jeronymo leva-lhe o fato. Joanna vem pelo corredor, leva tambem o fato de D. Roberta e entra no quarto d'ella. Ouve-se tocar com violencia a campainha da porta. Jeronymo torna a apparecer: Thomé grita-lhe do quarto.)

THOMÉ' — Vê lá quem é: se fôr *gente* manda entrar.

JERONYMO — Sim senhor: e se não fôr?

THOMÉ — Pois o que hade ser, bruto !?

(Jeronymo sae pela saleta e volta instantes depois, seguido de Manuel do Couto.)

SCENA IV

MANUEL DO COUTO, E JERONYMO.

MANUEL — Diga-lhe que é o commendador Manuel do Couto, que deseja fallar-lhe ácerca d'um negocio importante.

JERONYMO — Sim senhor; queira sentar-se. (*principia a arrumar a sala*)

MANUEL (*fallando comsigo*) — Se a baroneza estima o marquez, é claro que hade interessar-se por elle. O marquez não tem vintem para pagar. A penhora e o vexame são-lhe inevitaveis; e só o empenho da baroneza...

JERONYMO — O senhor faz favor d'estar á sua vontade?

MANUEL — Estou muito bem; não lhe dê cuidado: o que desejo é que vá prevenir seu amo...

JERONYMO — Sim senhor; agora mesmo (*começa a sacudir o pó dos moveis*) É qu'o patrão reuniu hontem ahi uns amigos por via d'outro amigo que lhe chegou lá dos *Brazis*, e que traz chelpa... que é mesmo uma mina d'oiro!

MANUEL — Ah! sim? e quem é esse amigo?

JERONYMO — O tal amigo é o pae da menina *Violanta*, sim senhor; e quer dotal-a para a casar bem.

MANUEL — Com quem?

JERONYMO — Eu sei cá! verdade seja o patrão parece que... e é por isso qu'o *seu* D. João anda com a pedra no sapato, qu'é mesmo um dó vêl-o! é verdade! de modo que...

MANUEL — E o que se diz?

JERONYMO — O que se diz é qu'o tal *seu* D. João, qu'é fidalgo ás direitas, o que quer é apanhar o dote ás

unhas, por que tem a casa empenhada até aos telhados, e...

Manuel — E a menina?

Jeronymo — A menina Violanta? está bom! Essa veiu lá de casa da fidalga, que *pracia* mesmo uma *bicha a rabear!* De sorte que nim se importou com o pae, nim nada! Em que se vingou foi em pôr a Joanna mais rasa do que... (*rindo*).

Manuel — Então diz-se?...

Jeronymo — Sim senhor, qu'o *seu* D. João o que quer é casar, só por via da *melgueira*. .

Manuel — Está bom, está bom. Vá prevenir o senhor Thomé, que é o seu dever.

Jeronymo — Agora mesmo, sim senhor; Intó já ia, mesmo... (*pega no candeeiro e sae pelo corredor*).

SCENA V

MANUEL DO COUTO, depois THOMÉ'

Manuel — Ahi está como resoam no mundo os mais intimos segredos d'uma familia! E quando não é d'este modo, a noticia dada á noite na tenda sobe de manhã ás cabeceiras dos leitos; é discutida nas repartições, e mais tarde declamada nos botequins, onde acaba por se tornar publica! No dia seguinte, o mundo ajuiza; e quantas vezes, este juizo quiçá infundado, transtorna o socego d'uma familia inteira! Muito bem. Aproveitemos a noticia que não deixa de vir a proposito, e deixemos reflexões.

Thomé' (*entrando*) — Quem me faz o favor?... Ah!... o senhor Manuel do Couto!... e aquelle Jeronymo que me não tinha dito nada!... Então... por quem é?! queira sentar-se...

Manuel — Desculpe-me de vir incommodal-o tão cedo... senhor Thomé...

Thomé' — Essa é boa! o seu chapeo...

Manuel (*depondo o chapeo*) — Sem incommodo... (*sentam-se*) O assumpto que me traz é propôr-lhe um negocio d'interesse. O marquez de Castro tem a casa empenhada. Os credores são poucos; mas as dividas grandes e claras. Examinei-as, calculei quanto a casa podia render, bem administrada, e comprei os titulos d'essas dividas na certeza de um lucro de meio por cento. Entretanto, não me convindo figurar directamente n'esta questão, em consequencia de ter recebido a dignidade de commendador...

Thomé — Ah!... saiu commendador?... Ora, diga-me, que passos deu o senhor para isso? Tenho tambem minhas idéas...

Manuel — Oh! é difficil!... Merecimentos pessoaes... serviços... e...

Thomé — E... dinheiro?!...

Manuel — Tambem.

Thomé — Por esse lado...

Manuel — Voltando á questão; disse-lhe que...

Thomé — Que tinha saido commendador.

Manuel — E que por isso não me convinha figurar, directamente, contra o marquez. Entre nós, na classe aristocratica, ha certas conveniencias que... (*endireitando o laço da gravata*) Em summa, venho propôr-lhe a agencia d'este negocio, assegurando-lhe, desde já, um lucro...

Thomé — E o marquez tem por onde pagar?

Manuel — Eu lhe digo. O filho do marquez, querendo salval-o d'esta crise que o ameaça, diz-se que mettera n'algibeira os seus prejuizos aristocraticos, para se casar, ahi não sei com que rapariga plebea, mas riquissima...

Thomé (*levantando-se*) — Pois, senhor, asseguro-lhe que o rapaz não hade casar! por que a rapariga conhece muito bem as intenções com que a procuram; por que a rapariga sabe que o rapaz está d'amores, ahi com a baroneza...

Manuel (*levantando-se*) — Com a baroneza!?... qual baroneza?

Thomé' — Sim; essa, *que lhe chamam* a baroneza de S. Romão...

Manuel — Está bem certo que?...

Thomé' — Sim senhor; a rapariga sabe toda essa historia, e, como tem *seu bocado de tino*, faz muito bem em não querer! Ah! estes peralvilhos de bigodinho louro e retorcido, julgam que nol-a hãode pregar assim, sem mais nem menos, na menina dos olhos!... Meu amigo, as raparigas, hoje em dia, teem os olhos muito abertos!...

Manuel — Basta; não faço questão do casamento. O que desejo é saber se lhe convém o negocio, assegurando-lhe, repito, um lucro.

Thomé' — É preciso pensar...

Jeronymo (*chegando á porta do corredor*) — O almoço está na mesa.

Thomé' — A proposito. A' mesa é onde eu sei melhor tratar certos negocios. Venha fazer um *bocado de companhia*, e lá conversaremos com vagar. Vamos... Uma vez que o lucro é certo!...

Manuel (*áparte*) — Se consigo fazer chegar este negocio aos ouvidos da baroneza, calculando quanto eu seria capaz d'intentar contra o marquez, o que não fará ella para lhe evitar este desgosto?!

(saem pelo corredor.)

SCENA VI

D. ROBERTA, saindo do seu quarto, acompanhada de JOANNA, depois VIOLANTE.

D. Roberta — Vae dizer á menina Violante que desejo fallar-lhe antes do almoço. Olha, se vier o senhor D. João, manda-o entrar.

Joanna — Mas o senhor Thomé deu ordem para se lhe dizer que não estavam em casa.

D. ROBERTA — Isso é uma grossaria do senhor Thomé. Faze o que te digo! (*Joanna sae*) Ah! senhor Thomé... deixe estar que comigo hade haver-se! Não se muda assim d'opinião a respeito d'uma senhora que... que não está ainda no caso de se metter a um canto! Apezar de completar os meus quarenta, no dia de Santa Brigida, á tarde, e de ter enterrado os meus tres maridos, parece-me que.. (*arredondando a saia do vestido*) Ah .. ahi vem Violante.

VIOLANTE (*com mau modo*) — Que me quer?!

D. ROBERTA (*sorrindo*) — Que lhe quero?... Ora venha cá: sente-se aqui, e converse um bocadinho.

VIOLANTE — Estou pouco para conversas!

D. ROBERTA — Ferrinho! pois o que hade ser?! Isso passa!

VIOLANTE — Hade passar bem! Surprehendel-o de joelhos aos pés d'ella beijando-lhe a mão! Isto, depois de me ter dito, como sabe, que não tinha outra affeição no mundo, senão a minha; que... e muitas coisas que eu não quero repetir!

D. ROBERTA — Ora, todos fazem outro tanto... e ás vezes ainda peior!

VIOLANTE — Que tenho eu com o que fazem outros? cada qual sente e responde por si. E demais, sabe o que se diz? Diz-se que elle não gosta de mim senão por interesse!

D. ROBERTA — Dizem que Diogenes respondera aos que o interrogaram vendo-o atravessar ao meio dia, com uma lampada accesa, a praça d'Athenas, que procurava um homem. Pois se a menina procurar do mesmo modo um rapaz que se não case por interesse, receio muito que não o ache. E a menina não tem razão de pensar que *elle* é interesseiro! Foi antes de hontem que seu pae a dotou: o pobre do rapaz ainda não tem tempo de saber..

VIOLANTE — Todos dizem que sabe!

D. ROBERTA — Juizos do mundo!... Pois não se

diz tambem que o senhor Thomé está compromettido comigo... *(rindo)* quando eu lhe conheço outras inclinações?!...

VIOLANTE — Quaes?

D. ROBERTA *(com intenção)* — Outras... outras...

VIOLANTE *(rindo)* — Hãode ser boas!... Diga.

D. ROBERTA — Tentadora! pois sim, eu lhe conto; mas... *(com seriedade; engrossando a voz)* Silencio! *(chegando-se-lhe)* Olhe, o senhor Thomé está enamorado da menina...

VIOLANTE — De mim!?

D. ROBERTA — Ha muito tempo!

VIOLANTE — Ora essa... que *poeira*, senhora D. Roberta!

D. ROBERTA — Consta-me que já fallou a seu pae, e que se dispõe a empregar todos os meios...

VIOLANTE — Está cassoando?

D. ROBERTA — Fallo serio!

VIOLANTE — Por isso elle tratava tão mal o pobre D. João!... Sim, sim, agora é que comprehendo certas coisas passadas!... Ora não se dá!... E n'esse caso...

D. ROBERTA — O caso é melindroso!...

VIOLANTE — Tenho medo!...

D. ROBERTA — Acho natural. *(áparte)* Não ha nada para assustar mais uma rapariga, como um marido — Thomé — em perspectiva!

VIOLANTE — Meu Deus!... Estou devéras sobresaltada! Se o senhor Thomé instar, e meu pae quizer...

D. ROBERTA — Que se lhe hade fazer?!

VIOLANTE *(levantando-se)* — Oh! tudo, tudo! menos condescender!... Senhora D. Roberta... veja lá... já que me deu a noticia... dê-me tambem um conselho.

D. ROBERTA — Em casos taes...

VIOLANTE — Então?

D. ROBERTA — Eu sou sua governante; e n'esta qualidade, não devo dar-lhe maus conselhos...

VIOLANTE — Ha males que veem por bens. Talvez

que d'um mau conselho dependa a minha felicidade...

D. Roberta — Se...

Violante — O que?

D. Roberta — Se a menina tiver coragem... (*áparte*) Está por tudo, não ha duvida! Agora a situação fará o resto.

Violante — Que me aconselha?

D. Roberta — Que siga a vontade do seu tutor, e que...

Violante — Nunca ouvi peior conselho!...

D. Roberta (*sorrindo*) — Quem sabe!? talvez que lhe não fosse mal...

Violante (*fallando comsigo*) — Ouvir dizer que apenas m'estima por interesse!... não saber com certeza se... Oh! a desconfiança é o peior de todos os tormentos! Tel-o amado, como o amei, e tão illudida pelo meu bem querer!... Se elle ao menos viesse...

SCENA VI

VIOLANTE, D. ROBERTA JOANNA, depois D. JOÃO.

Joanna — Alviçaras! Lá vem o senhor D. João.

Violante — Ah!...

D. Roberta (*áparte*) — Por força... (*rindo*).

Joanna — Mando entrar?

Violante (*a D. Roberta*) — Que lhe parece?...

D. Roberta — Eu sei!?... (*fazendo-lhe signal affirmativo*) Uma vez que o senhor Thomé declarou que o não queria em casa, o mais que posso fazer, é tomar a responsabilidade do facto. Descance.

(D. João apparece á porta da saleta. D. Roberta sae pelo corredor, Violante finge prestar attenção a um ramalhete de flores que está n'uma jarra.)

D. João (*entrando vagarosamente e detendo-se a alguma distancia de Violante*) — Violante...

VIOLANTE (*voltando-se com rapidez*) — Ah!... que susto! julgava estar só...

D. JOÃO — Quer dar a entender que não me esperava!?

VIOLANTE — É verdade; principalmente, a esta hora.

D. JOÃO — Pode dizer-se que é cedo para uma entrevista amorosa; mas para um acto de justificação... nunca chegamos cedo de mais!

VIOLANTE — Não tem de que justificar-se. O que o senhor fez, não é para admirar.

D. JOÃO — Então, que fiz eu, Violante?

VIOLANTE — Parece-me que faz uma pergunta!

D. JOÃO — Tem razão; não devo perguntar, depois de lhe ter annunciado que venho justificar-me.

VIOLANTE — Perdão; leva muito tempo a justificar-se?

D. JOÃO — Não empregue a ironia antes d'ouvir-me...

VIOLANTE — Não, é que o meu tutor...

D. JOÃO — Sei que estou *banido* d'esta casa; não importa: o que não desejo é deixar impressões desfavoraveis, uma vez que tenho a consciencia tranquilla, e o coração completamente convicto dos nobres sentimentos que muitas vezes lhe confessei. (*tirando uma carta; convulso de commovido*) Essas confissões, Violante, não lhe mereciam esta carta! Podia dizer-me que se tinha enfastiado das nossas relações; que dava preferencia a outrem; que... nem eu sei! tudo quanto quizesse, menos uma ironia d'estas... permitta-me a expressão, um insulto...

VIOLANTE (*interrompendo*) — Desculpe; expressões de gente grosseira.

D. JOÃO — Pois não acha que é um insulto recordar ao pobre a sua pobreza, lançar-lhe em rosto a fatalidade da sua posição social no momento em que, illudido, como todos se illudem, tem a fraqueza de julgar-se elevado, pela pureza dos seus sentimentos, acima das miserias humanas!?

VIOLANTE — Eu não o insultei: disse-lhe simplesmente que d'amor ninguem vivia...

D. JOÃO — Tem razão! essas palavras não insultam.... matam o espirito! Oh! não se illudem quatro annos da existencia d'um homem, para se lhe arrancarem d'uma vez com tanta frieza todas as esperanças que se lhe tinham concedido! Violante, que diria de mim se eu tivesse feito o mesmo!?

VIOLANTE — Ora, o que diria!?... diria, diria que tinha feito o que todos fazem! E quem sabe o que teria succedido!? E quem sabe se não teria de arrepender-me, um dia, de não ter feito o que fiz!?

D. JOÃO — Vejo que me enganei completamente no conceito em que a tive até hoje!

VIOLANTE — Tambem me succedeu o mesmo a seu respeito.

D. JOÃO — Sem fundamento!

VIOLANTE — Creio que o juizo do mundo é fundamento bastante.

D. JOÃO — O juizo do mundo!?

VIOLANTE — Sim: essas coisas que se dizem...

D. JOÃO — Então o que ouviu dizer?

VIOLANTE — Ha dias, entrando eu e D. Roberta n'uma loja de modas, emquanto fazia as minhas compras, cairam me por acaso nos ouvidos estas palavras: «Sabem que D. João vae pedir a pupilla do *pilhou?*» «Pudera, se tem sessenta contos de dote!»

D. JOÃO — Ah!...

VIOLANTE (*rindo*) — O mundo bem sabe o que diz.

D. JOÃO — Violante... dize-me tu que não ha tal; dize-me que não tens esse dote, que és ainda tão desvalida como no primeiro dia em que te vi! Deixa-me acreditar que a vaidade da riqueza não matou ainda esse coração que batia por mim... Dize-me que és orphã... repete-me, repete-me, como ha um anno, que não tens outra fortuna que não seja o meu amor, nem outro abrigo além do meu coração! Poupa-me, se ainda é tempo, á dece-

pção mortal que ameaça o espirito de quem te amou tanto !... tanto que nem te eu sei dizer... que nem tu comprehendes... que ninguem imagina!

VIOLANTE (*distrahida com as flores*) — Pobres flores, se eu aqui não viesse, murchavam por falta d'agua! (*pega n'uma garrafa com agua que está n'outra mesa e volta*).

D. JOÃO (*tirando o ramalhete da jarra e desfazendo-o*) — Deixa-as morrer! tambem eu morro .. e és tu que me matas!

VIOLANTE (*mostrando-lhe a garrafa*) — Se morre por falta d'agua... não vale a pena.

D. JOÃO (*cruzando os braços e encarando-a*) — Pois tu és a mesma que eu conheci ha oito dias!? Será possivel que oito dias só de opulencia tenham envelhecido tanto esse coração!?... Que queres que eu pense de ti, e do mundo? que queres que eu faça de mim? .. em que queres tu que eu tenha fé amanhã?!

VIOLANTE — Acabemos com isto; hade ter-lhe succedido muitas vezes acreditar no que ouve dizer a respeito d'alguma senhora...

D. JOÃO (*com uma idéa occulta*) — Ah!

VIOLANTE — Fica uma coisa pela outra.

D. JOÃO (*áparte*) — E quem sabe se é verdade o que se diz de Herminia!

VIOLANTE — Não posso convencer-me que o filho d'um marquez gostasse sinceramente d'uma rapariga que se não sabe ao certo quem é...

D. JOÃO — Oh! e quando tu me repetias que era eu a tua unica esperança, Violante, eu tambem podia ter duvidado que m'o dissesses sinceramente! Não te offerecia uma fortuna; mas trazia-te um titulo de marqueza.

VIOLANTE — E por que me não pediu antes d'esse acaso que me tornou rica? (*rindo*) Quem se lembra de dar um titulo a uma rapariga pobre!? E depois... a baroneza...

D. João — Fallas da baroneza!...

Violante — Não se assuste; não tenho ciumes.

D. João — Mal sabes tu, Violante...

Violante — Nem quero saber.

D. João — Perdoa; hasde ouvir-me...

Violante — Se não muda d'assumpto, vou-me embora!

D. João — Já agora, é preciso ouvir; vim aqui para me justificar; e quero convencer-te que os teus juizós são falsos!

Violante — É perder tempo! Bem me recordo de o ter visto ajoelhado aos pés da baroneza, beijando-lhe a mão, e proximo a entregar-lhe uma carta, que... (*rindo*) Não tinha animo de lhe dizer vocalmente o mesmo que já me tinha dito a mim; e sabe Deus a quantas, antes de mim!

D. João — Escuta-me... escuta-me Violante....

Violante — O senhor está-me incommodando horrivelmente! já me deitou por terra o meu ramo de florés; agora quer por força prégar-me um sermão!...

D. João — Basta, não insisto. Já me não amas?

Violante (*depois de pausa*) — Heide por força responder-lhe?

D. João — Preciso ouvir-te.

Violante — Pois bem; já não! ao menos... por emquanto é o que lhe respondo.

D. João — N'esse caso é preciso satisfazer o que me pedes no teu bilhete. (*tirando do bolso um massinho de cartas, e deixando cair uma em que não repara*) Aqui estão as tuas cartas.

Violante — Todas?

D. João (*cortejando*) — Todas! Estimarei que sejas muito feliz.

Violante (*sem cortejar*) — Outro tanto.

D. João (*saindo, áparte*) — Se Herminia está innocente do que se diz, Deus vingou-a bem! (*detendo-se*) Violante!...

Violante (*áparte*) — Elle hade voltar...

D. João — Hade arrepender-se! (*sae*).

Violante (*vindo á scena*) — Saiu. (*phrenetica*) Oh!... para que quero eu estas cartas?! (*rasgando algumas ao acaso*) Que vão fazer companhia áquellas flores! de hoje em diante não quero gostar mais de flores, nem... de nada! Diz que veiu justificar-se... Olhem como se justificou bem! pois não... Isso era d'esperar; o que se diz sempre é certo, e mentir não é para todos. (*vendo a carta que caiu a D. João*) Que papel será este? Caiu-lhe d'algibeira... (*apanhando-o*) É uma carta... (*lendo o sobscripto*) Senhora baroneza de... Ah! uma carta d'elle para a baroneza!...

(N'este momento D. João torna a apparecer como quem procura alguma coisa, vê a carta nas mãos de Violante e suspende-se.)

D. João (*áparte*) — Achou a carta!...

Violante (*rindo convulsa*) — Hade ser curiosa! Agora... agora é que eu vou saber tudo *por miudos*! Vejamos: (*vae abril-a e detem-se*) é melhor não!... Quem sabe se me faria mal?! Quem sabe como eu ficaria depois de a ler!? porem tel-a aqui nas mãos, e não a ler... O que haverá em mim que me diz que a leia!... Para que quero eu saber d'isto!? Elle ama-a, é o mesmo; bem sei que a ama!... é inutil ler o que já sei. Rasguemol-a! (*fazendo acção de rasgar a carta, suspende-se outra vez*) Não: já agora... por tão pouco... (*abrindo-a*) Oh! D. João, D. João! Deus te perdoe o fel que vaes entornar na minha existencia! Eu dera toda a minha fortuna só para que este papel se me queimasse nas mãos! (*desviando n'uma das mãos a carta, e passando a outra pelos olhos*) Não! não quero ler! (*depois de pausa, com um sorriso seductor e ingenuo*) Que importa eu não querer, se o coração m'o está pedindo!? Vejamos. (*principia a ler*) « Acredito que esta carta não passará das suas mãos, e por isso escrevo-lhe com toda a

franqueza. O meu coração é incapaz da menor falsidade. (*interrompendo*) Bem se vê! (*continuando*) Faltaria ao mais justo dever de gratidão, se deixasse de lhe confessar immediatamente um sentimento puro que nutre.. . (*interrompendo*) Oh! não!... não! isto faz-me mal!... é loucura continuar!... Basta-me este periodo. (*pausa*) Mas... quem sabe se lhe diz ainda mais!? (*lendo*) Sim, Herminia, um amor assim; o primeiro que... (*interrompendo-se*) Aqui está! diz-lhe que é o primeiro! e mentiu d'este modo!? Oh! agora, agora é que eu não posso deixar de ler... quando se tem sêde, até o fel satisfaz! (*lendo*) Um sentimento d'estes deve ser respeitado, até pelas pessoas que fazem da vida um jogo, e do coração um commercio. (*com rapidez*) Meu pae fallou-me de v. ex.ª Guarde-se de perturbar a minha felicidade intima; e o respeito que devo a meu pae. Troco as pompas do mundo pelo coração de Violante; (*muito rapido*) e agradeço a v. ex.ª as suas generosas.. » (*interrompendo-se com um grito de alegria*) Ah!...

D. João (*commovido e querendo conter-se*) — E amava-te por interesse.. .

Violante (*lançando-se-lhe nos braços*) — D. João! D. João!... (*apertando-lhe as mãos sobre o peito*) Ah! Sustém-me a alma que se me vae de prazer!

D. João — Violante!...

SCENA VII

VIOLANTE nos braços de D. JOÃO, JOANNA apressada.

Joanna — Leva de rumor... o senhor Thomé levantou-se da mesa, e não tarda ahi!

D. João — Joanna, Violante não dá accordo de si! Violante?.. . Violante?...

Joanna — Sim!? alguma lhe fez o senhor!... Menina.. . (*sacudindo-lhe o braço*).

D. João — Meu Deus!...

JOANNA — Não hade ser nada! Eu tambem padeço d'isto quando apertam comigo. Encostemol-a n'este sophá... Vamos, depressa... sinto os passos do senhor Thomé *(encostam Violante no sophá)*.

D. JOÃO *(beijando-lhe a mão)* — Violante...

JOANNA — Então! diante d'outra mulher, senhor D. João! *(áparte)* Ai! quem me dera ter tambem *o meu D. João!* Era capaz de lhe desmaiar tres ou quatro vezes por dia, sem contar de noite! *(alto)* Saia d'ahi... ai! ai... que elles lá veem... depressa, esconda-se n'este quarto.

D. JOÃO — Joanna, esconder-me!?

JOANNA — Por amor da menina... não ha remedio.., *(vae conduzindo-o mau grado seu para o quarto de D. Roberta e fecha-lhe a porta, voltando junto de Violante)*.

SCENA VIII

VIOLANTE no sophá, JOANNA junto d'ella, THOMÉ, MANUEL DO COUTO, D. ROBERTA pelo corredor.

THOMÉ — O negocio tem seu risco; mas se me garante o lucro, estou prompto a demandar o marquez.

MANUEL — Está dito. O senhor não desembolsa vintem antes de liquidar: e as despezas correm por minha conta.

THOMÉ — Mande-me os titulos dos credores.

D. ROBERTA — Menino, veja lá em que se mette!...

THOMÉ — Que tem a senhora com isso? Parece que...

MANUEL — As senhoras não entendem nada d'estas transacções.

THOMÉ — É verdade; diz muito bem! Quem nasceu para os trinta réis não pode chegar ao meio tostão!

D. ROBERTA — Ahi está como este mundo ajuiza das mulheres! das mulheres que tantas vezes influem nos seus destinos, verbi gratia, Helena que perdeu Troia! Lucrecia por amor de quem se expulsou Tarquinio de

Roma! Cava, que introduziu os moiros em Hespanha... e finalmente, *madama* Pompadour que foi causa da batalha de Rosbac por lhe terem feito um certo versinho de que ella não gostou nada!

MANUEL (*baixo a Thomé*) — Sabe a historia como um Catão!

THOMÉ — Pois não lhe disse já que é viuva de tres maridos?!

D. ROBERTA (*áparte*) — Sempre é bom mostrar o que se sabe! (*Thomé e Manuel do Couto conversam um momento em particu'ar. D. Roberta repara em Violante que já voltou a si*) Então que tem, Violante?...

VIOLANTE — Já me passou mais alguma coisa...

D. ROBERTA — Commoção nervosa.

VIOLANTE — Logo lhe conto.

D. ROBERTA — Pois sim, pois sim; agora vá tomar o seu chocolate. Joanna, acompanhe a menina.

(Violante sae acompanhada de Joanna.)

SCENA IX

MANUEL DO COUTO, THOMÉ, D. ROBERTA.

MANUEL — Muito bem, estamos d'accordo, senhor Thomé. Até mais ver. (*cortejando D. Roberta*) Sou um seu criado, minha senhora.

D. ROBERTA — Essa é boa! não quero criados tão graves!... (*faz-lhe uma mesura*) Meu senhor... (*Manuel do Couto sae*).

SCENA X

THOMÉ, D. ROBERTA.

D. ROBERTA — Agora nós, senhor Thomé.

THOMÉ — Tomara eu que a senhora me deixasse!

D. ROBERTA — Decididamente que assim hade acon-

tecer, se o senhor não fôr assás cavalheiro para fazer o que deve!

THOMÉ — Eu não lhe devo senão uma mezada; e já que me falla n'essa miseria, vou pagar-lh'a...

D. ROBERTA — Oh! o seu coração é feito de patacos falsos, senhor Thomé! Quem lhe falla em dinheiro?... Quem lhe pede dinheiro?! Aprenda a conhecer melhor as senhoras! E saiba que prescindo da mezada!

THOMÉ (áparte) — E' a primeira vez que gosto de a ouvir?

D. ROBERTA — Senhor Thomé, é preciso attender ao que se diz...

THOMÉ — Então que se diz?

D. ROBERTA — Dizem-se coisas que me compromettem! Por força!... Dizem que ha certas relações entre nós...

THOMÉ — Ora adeus! quem se occupa a fallar na senhora?... Isso é presumpção.

D. ROBERTA — Presumpção!? Pergunte, pergunte ao seu criado o que se diz pela tenda, pela botica... no barbeiro... em toda a parte!? E' preciso dar um *cavaco* formal ao juizo do mundo! Estas coisas compromettem o credito d'uma senhora, e deixam-na depois mais rasa do que as coisas rasas! Em summa, senhor Thomé, é preciso cumprir a sua palavra.

THOMÉ — Que palavra?! Está sonhando, senhora D. Roberta!

D. ROBERTA — Sonhando!? Pois não se lembra do passado? Oh! *tempora, ó mores!* Quando eu estava no Porto, e o senhor morava nas minhas sobrelojas, passando a vida a bater sola, e que eu o mandava chamar para me tomar medida de botinhas, que por signal lh'as ensinei a fazer de salto?! Não se lembra?

THOMÉ (*zangado*) — E tambem por signal que me ficou devendo tres pares até hoje; oh! se me lembra! Sempre é bom recordar mais esta.

D. ROBERTA — Nunca hade deixar de ser sapatei-

ro, senhor Thomé! Se lh'as fiquei devendo, foi por que o senhor sabia pagar-se muito bem d'ellas, apertandome maliciosamente o tornozelo!... Depois, tendo pilhado *a grande de Hespanha*, não me pareceu decente darlhe aquella ridicularia...

Thomé — Muito obrigado ao seu favor: pode encontral-a com a mezada que lhe devo, e prescindir então do resto. Ora esta, não está má! Por que um homem teve a fortuna de *pilhar a grande d'Hespanha*, hade, á mão de Deus padre, casar-se com uma freguesa a quem, por extravagancia, apertou um dia o tornozelo?! Então, querem-no assim?

D. Roberta — Não é só por isso, não senhor! Lembre-se que o senhor foi procurar-me, pedindo-me que me dignasse acompanhal-o para Lisboa, para servir de tutora a uma menina que um amigo seu lhe queria confiar; lembre-se das promessas que me fez; lembre-se que me expatriei por sua causa... e que...

Thomé — Lá por isso não seja a duvida! se quer, pago-lhe a passagem para o Porto.

D. Roberta — E com que cara heide regressar agora á minha patria?!... (*levando o lenço aos olhos*).

Thomé' — Com que cara?! A mesma com que de lá saiu.

D. Roberta — E quem hade ficar com a menina Violante? pobre innocentinha que mal *desabrocha* na vida!?...

Thomé' — A menina Violante... tem dezoito annos.

D. Roberta — É verdade, completa-os hoje! (*ápar-te)* Oh! que bella idéa!...

Thomé' — Está na edade de casar; e o pae... o pae disse-me que não se importava com isso.

D. Roberta — E que pae é esse, que...

Thomé' — Ora o que é? Um homem a quem, ha quinze annos, disseram que esta menina era sua filha; que soube ganhar muito dinheiro no Brazil; e que por fim de contas, voltou de lá, ha quatro mezes, para o

Porto; depois do Porto para Lisboa; abraçou a menina, pagou-me, e dotou-a com sessenta contos!

D. ROBERTA — Que homem tão excentrico!

THOMÉ — Faz muito bem, faz muito bem; estas coisas não deixam dinheiro!... Pegou em si e foi para a Inglaterra; fez muito bem!..

D. ROBERTA — Visto isso, o senhor Thomé considera-se hoje o arbitro do destino d'essa menina; não é verdade?

THOMÉ' — Ainda bem que me fallou do homem.., por que me trouxe á memoria uma carta que me deixou para a baroneza de S. Romão. É preciso mandar-lh'a logo.

D. ROBERTA — Então, não me responde?

THOMÉ' — Que lhe importam os meus projectos a respeito da pequena?!...

D. ROBERTA — Ah! tem seus projectos a respeito da pequena?!

THOMÉ' — Estou no meu direito!... Quero, posso, e mando!

D. ROBERTA — Muito bem! E se ella não quizer?...

THOMÉ' — Hade querer por força; bem sabe que...

D. ROBERTA *(dando-lhe uma gargalhada)* — Era o que lhe queria ouvir! Ha muito tempo que já desconfiava... agora certifiquei-me!

THOMÉ' *(áparte)* — Até que dei com a lingua nos dentes! *(alto, irado)* Senhora D. Roberta, sabe que mais? já estou farto de a aturar!

D. ROBERTA — Senhor Thomé, as suas intenções são um tanto precipitadas, e eu, para evitar desgostos á minha educanda, estou determinada a oppôr-me... por todos os modos judiciaes, inclusivè; se fôr necessario.

THOMÉ' *(puxando o reclamo)* — Pois sim, pois sim... isso, hade ser muita gente a ver e ninguem a olhar. *(a Jeronymo, dando-lhe uma carta)* Dize a Paulo que leve esta carta á estrada do Campo Grande n.° 32. Não

tem resposta. (*dá-lhe a carta, Jeronymo vae sair*) Espera, animal! Mal se te dizem as coisas, deitas a correr! Como se desmanchou cá a *futrica do carro*, vae alugar-me um, do meio dia em diante. Olha que quero um carro aceado!... Vae-te embora. (*Jeronymo sae*).

D. ROBERTA — Tenciona sair?

THOMÉ — Sim senhor: e queira prevenir a minha pupilla, que é preciso acompanhar-me para um negocio de seu interesse.

D. ROBERTA — Ah! pois não! Eu vou.. (*áparte*) dar-lhe um conselho que hade pôr tudo em confusão!

SCENA XI

THOMÉ só, depois JOANNA.

THOMÉ (*rindo maliciosamente*) — Podendo eu casar-me com sessenta contos de réis, havia d'ir metter-me na bocca do sapo!?... (*sentindo entrar Joanna*) Quem está ahi?... Que quer? (*vendo-a*).

JOANNA — Não se assuste, senhor Thomé; vou ao quarto da senhora D. Roberta.

THOMÉ — Mente! você estava escutando...

JOANNA — Eu? (*áparte*) Fiquei passada como um figo, como dizia o outro.

THOMÉ — Está bom; vá lá onde ia...

JOANNA (*áparte*) — Safa.. não me metto n'outra!

(**Entra no quarto de D. Roberta e fecha a porta.**)

THOMÉ (*puxando o reclamo*) — Veremos quem vence!

JERONYMO (*correndo*) — Prompto.

THOMÉ (*fallando a meia voz*) — Depois de teres alugado o carro, pega nas chaves da minha casa de Campolide...

JERONYMO (*interrompendo*) — Sim senhor: hade lá

haver rato por *tres direita!* é raça d'inquilinos que *tem cão!*

Thomé' — Abre as janellas dos quartos baixos para arejar. Em sendo duas horas, hade lá parar uma carruagem á porta. Depois... sintas o que sentires... (*com mysterio*)

Jeronymo — Nem pio!... Isso é o costume. (*sae um gesto de Thomé*).

Thomé' — Agora vamos tratar de nos vestirmos... (*encaminha-se para o quarto. N'este momento, abre-se a porta do outro quarto, D. João apparece sem fazer ruido*)

SCENA XII

THOME', D. JOÃO.

D. João (*áparte*) — Infame!

Thomé (*voltando á scena, como quem vae procurar alguma coisa sobre uma das mesas, depara com D. João que o contempla de braços encruzados e com um sorriso ironico*). Oh!

D. João — Como está, senhor Thomé?!...

Thomé (*áparte*) — A que proposito viria aqui este *badameco!?* Violante já o tinha despedido...

D. João — Estou realmente gostando de o ver, senhor Thomé-pilhou...

Thomé — Pois se pilhei, meu proveito! Antes uma fortuna do que um titulo de fidalgo! Entende? A verdadeira fidalguia é o dinheiro!

D. João — Onde irá parar o mundo, se a sorte grande de Hespanha continua a sympathisar com a tripeça? Receio muito que falte quem nos faça botas.

Thomé — E' verdade, diz muito bem; e n'esse caso, tenho a esperança de ver ainda algum fidalgo vir descalço pedir a mão e a fortuna da filha d'um sapateiro!

D. João — Quem tem um coração verdadeiramente

nobre, reconhece e aprecia a virtude debaixo de qualquer condição que se lhe apresente! e, tendo a coragem de sacrificar-se por ella, alcança novos titulos de nobreza que Deus lhe outorga, ainda que o mundo lh'os não conceda!

Thomé — Sim senhor; hade ser isso, pouco mais ou menos. Queira dispensar-me; tenho que sair com a minha pupilla. Ah, e ella que já ahi vem prompta!...

SCENA XIII

D. JOÃO, THOMÉ, VIOLANTE, e D. ROBERTA, ambas com chapeo e vestidas para sair.

Thomé (*a D. Roberta*) — Então que é isto, a senhora tambem sae?!

D. Roberta — O meu dever é acompanhar a menina; depois voltarei.

D. João — Violante...

Violante — D. João...

Thomé (*desconfiado*) — Acompanhal-a? Então, eu não sou sufficiente companhia para a minha pupilla?

Violante — Senhor Thomé; completo hoje dezoito annos; meu pae declarou-me maior n'uma carta que me deixou, e a sociedade descarrega-o do peso da minha tutela. Agradeço-lhe a maneira por que me tem tratado, e o muito que sempre me quiz; mas não posso continuar a viver em sua casa por que se oppõe a um acto da minha vontade que ninguem pode contestar-me. Este cavalheiro sollicita a minha mão, e eu concedo-lh'a annuindo ao desejo que manifesta de collocar-me em casa d'uma senhora das suas relações até ao dia do nosso casamento.

Jeronymo (*apparecendo á porta da saleta*) — E' meio dia, a carruagem está á porta.

Thomé (*como aturdido*) — Endoideceram todos em minha casa!... Não quero! tenho dito que não quero!...

É do meu dever impedir um escandalo d'estes... (*ápar-te*) Lá se me vão aquelles sessenta contos, pela porta fora... ora, ora esta!!...

D. ROBERTA (*a meia voz a Thomé*) — Não se desespere, que eu heide voltar, senhor Thomé.

THOMÉ — Tomara eu que você me deixasse uma vez para sempre!

D JOÃO (*a Thomé*) — Tenha paciencia, senhor Thomé; um coração nobre é como a pedra philosophal, torna de oiro aquelles em que toca. (*dando a mão a Violante*) Violante! não posso dar-te uma fortuna; mas conduzo-te ao gremio d'uma sociedade distincta de que o teu coração é digno. (*saindo com ella*).

D. ROBERTA (*a Thomé*) — Não se desconsole! logo volto, logo volto...

(Thomé faz um jogo de scena. D. Roberta segue D. João e Violante)

Cae o panno.

ACTO III

(Salas magnificas em casa da baroneza de S. Romão. É noite. Por toda a parte, luzes e flores.)

SCENA I

(Ao levantar do panno, a sala do fundo está guarnecida de senhoras; os cavalheiros passeiam e conversam, pelo centro da casa. Ouve se de quando em quando a sineta annunciar a chegada dos convidados, que apparecem e se distribuem convenientemente pelas salas. A direita da scena, um circulo de pessoas sentadas, conversando e rindo: a orchestra executará por algum tempo, depois de subir o panno, uma abertura adequada ao effeito: muitas vezes interrompida pelo ruido da scena.)

1.ª DAMA — Conte-nos, senhor D. Miguel Amaro, essa anecdota de D. João.

1.º CAVALHEIRO — A' maneira de D. João de Castro que empenhou as barbas para salvar Goa, o nosso D. João, tambem de Castro, á falta de barbas, empenhou o coração para salvar a casa de seu pae.

2.ª DAMA (*rindo*) — Foi um nobre sacrificio!

3.ª DAMA — Que Deus hade levar-lhe em conta.

4.ª DAMA — E que diz o marquez?

1.º CAVALHEIRO — Respeita as conveniencias; mas parece contristado pelo casamento do filho.

1.ª DAMA — Logo, a noiva era de condição muito obscura?

1.° CAVALHEIRO — Tanto, não sei, minha senhora; posso apenas informar que era pupilla d'um tal Thomé-pilhou...

2.° CAVALHEIRO — O homem do desastre do Campo-Grande. Não se recordam d'aquelle carro que foi dar d'encontro á parede?

3.ª DAMA — E' verdade; eu passava n'esse instante! por signal que tive um susto!...

1.ª DAMA — Faz-me dó! Sacrificou-se tão cedo... Pobre D. João!

2.ª DAMA — Tinha muito espirito; e se a casa do marquez não estivesse tão empenhada, era um casamento vantajoso.

1.ª DAMA — Ver-se tão cedo obrigado a casar por interesse, é passar á morte sem ter vivido! E é consideravel a fortuna da menina?

2.° CAVALHEIRO — Cento e vinte contos, segundo affirmam.

4.ª DAMA — Ah! julguei que fosse menos.

1.ª DAMA — Ainda que ella seja d'uma condição obscura, estou certa de que hade merecer-nos algumas sympathias!... D. João terá o cuidado de a educar convenientemente.

3.ª DAMA — Não se despresa assim uma senhora, só por que nasceu na mediocridade.

1.° CAVALHEIRO — Pois não! Tambem já ouvi dizer que era bonita e muito interessante.

1.ª DAMA — Mas onde escondeu D. João a sua perola, que não apparece?

2.° CAVALHEIRO — Consta-me que a senhora baroneza convidou-os.

1.ª DAMA — Sim? Estimo muito; por que desejo vêl-os. Se bem que a entrada da noiva não produza no mundo uma impressão lisonjeira, D. João deve considerar-se muito superior a essas bagatellas, por se ter sacrificado a uma causa tal, como os interesses da sua casa: mas estou muito convencida de que a noiva ha-

de apresentar-se bem! nas classes inferiores da sociedade, acredita-se geralmente que a fortuna nivela as pessoas e por isso...

1.º CAVALHEIRO — Ahi vem a senhora baroneza.

(*A estas palavras succede um pequeno movimento. Os cavalheiros vão recebel-a á porta da direita.*)

SCENA II

DAMAS e CAVALHEIROS, HERMINIA pela direita, ricamente vestida, penteada no gosto de Maria Stuart, bella e seductora.

HERMINIA (*comprimentando os cavalheiros*) — Meus senhores! (*atravessando o theatro para fallar ás senhoras que a recebem de pé*) Como estão, minhas senhoras?... (*demora-se um momento entre ellas fallando-lhes; depois vem á scena*) Meu Deus! dae-me forças por esta noite! (*caminha vagarosamente para a outra sala*)

SCENA III

DAMAS e CAVALHEIROS, como na scena primeira
depois o MARQUEZ.

1.º CAVALHEIRO (*indicando a baroneza que passa para o salão; e sorrindo*) — É o sol que brilha no occaso!...

1.ª DAMA — Que quer dizer, senhor D. Miguel Amaro?!

1.º CAVALHEIRO (*voltando ao circulo*) — Estamos n'um circulo quasi familiar, e por isso a noticia pode dar-se. Minhas senhoras, a baroneza embarca ámanhã para Alemanha.

TODAS — Para Alemanha!? Então que lhe aconteceu?

1.º CAVALHEIRO — Oh! nada... nada que eu saiba!

Consta-me, apenas, por pessoa fidedigna, que vae entrar na religiosa instituição das irmãs de S. Lazaro!

(A esta falla succede certo rumor, ouvem-se algumas risadas abafadas etc. O marquez de Castro entra n'este momento, e lançando um olhar pela scena, conserva-se a alguma distancia do grupo.)

1.ª DAMA — E' d'uma piedade tal, que...

2.ª DAMA — Talvez seja penitencia...

3.ª DAMA — Ou coisa parecida com uma expiação...

4.ª DAMA — As grandes resoluções quasi sempre provam crises delicadas...

MARQUEZ (*áparte*) — Fallam de Herminia!

1.º CAVALHEIRO — E' verdade, minha senhora. Não fogem do mundo senão aquelles que temem o seu juizo!

D. PEDRO (*aproximando-se do grupo*) — Quando uma estrella se desprende do firmamento, corre... e desapparece!... o mundo não sabe por que mysterios se desprendeu, nem para onde vae!

(Ha um momento de surpresa, levantam-se todos, algumas pessoas cortejam e fallam ao marquez, outras passam para o salão. Ouve-se a orchestra tocar uma quadrilha, e o baile principia a animar-se.

SCENA IV

D. PEDRO só, depois HERMINIA

D. PEDRO — Assim é o mundo! Este mundo que ajuiza e condemna!... Que mundo este! (*com despreso*) Um mixto d'estouvados e de mulheres da moda, que passam os dias no leito, e as noites nos bailes, alimentando o espirito com os soffrimentos alheios, rindo dos que choram, em quanto não choram tambem de os ver rir. E é este o tribunal terrivel a que estão subjeitos até as mais consideraveis reputações d'esta sociedade mal constituida, onde o merito é nada e a apparencia, tudo!

Herminia (*entrando pelo fundo*) — Estava meditando, marquez? Já vejo que não o distrahe o meu baile!

D. Pedro — Ah! baroneza... como vem bella!

Herminia — Não desejei causar medo aos meus convidados; mas parece-me que o marquez estava com algum medo de mim, por que me não procurava!

D. Pedro — Para lhe fallar com franqueza, Herminia... *tinha medo... tinha!*

Herminia (*sentando-se*) — É sem razão. Já me disse que me achava bella...

D. Pedro (*sentando-se*) — Mas assusta-me a sua disposição d'espirito, Herminia; se eu fosse rapaz, não sei; talvez que não pensasse bem a respeito d'ella!

Herminia — E' que...

D. Pedro — A flor occulta o aspide, como o sorriso o tormento. Lagrimas que caem sobre o coração, não as vê ninguem!

Herminia — E como me falla das minhas?!

D. Pedro — Por que as adivinharia, á falta de as sentir tambem! Oh! não me illudem estas apparencias! O seu coração está ferido, e, não querendo humilhar-se pelo soffrimento aos olhos do mundo, transforma os prantos em risos, as dôres em flores... e... mas cuidado, Herminia, que o mundo está desfolhando-as!... e cada folha que se desprende, é mais uma lagrima que terá de chorar!

Herminia (*sopeando a dôr*) — Está illudido, marquez; sinto-me perfeitamente tranquilla!

D. Pedro — Se a tranquillidade fosse verdadeira, não precisava d'estas apparencias!

Herminia — A verdade precisa, algumas vezes, ser demonstrada.

D. Pedro — Em auxilio da verdade, invoca-se Deus! Deus que protege sempre a innocencia collocando-lhe ao lado um amigo... um protector... (*com intenção*).

Herminia (*perturbando-se*) — Marquez...

D. Pedro — Pela nossa amizade, Herminia, que é tão sincera, tão desinteressada...

Herminia — Que quer que faça, marquez?!

D. Pedro — Que se lembre de si e de quem a estima antes de dar um passo precipitado!

Herminia — Oh! tenho soffrido tanto, que já não devo esperar outra sorte! O dia do meu casamento esse dia que para as outras mulheres é de prazer e de gloria, foi-me apenas de lucto e de lagrimas. A corôa de noiva pesou-me como um circulo de ferro debaixo do qual senti morrerem-me as illusões!... ai, tantas que tive!... e todas sacrifiquei aos meus novos deveres. Quando enviuvei, foi-me pena a sorte que me desligava d'elles; mas o coração não teve nem uma lagrima para me dar, confesso-lh'o, porque lhe renasciam com a liberdade as illusões que sacrificara! Eram toda a minha fortuna, eram toda a minha ventura... e a mão de um amigo tornou a roubar-m'as... e d'esta vez para sempre!

D. Pedro — Comprehendo! Pobre senhora!

Herminia — Tomei por esperança a decepção, e o desengano matou-me! Oh! agora já não posso, não quero soffrer mais; preciso esconder estas lagrimas do mundo que não tolera prantos.

D. Pedro — Oh! D. João, D. João! o juizo do mundo roubou-te um anjo!

Herminia — E' preciso que lhe não roube tambem a amizade de seu pae!

D. Pedro — Que diz, baroneza? interessa-se por meu filho... por um ingrato...

Herminia — Escute-me, marquez: n'este adeus extremo que digo ao mundo, no meio d'estas flores, d'estas luzes e d'estas harmonias, com que me cerco na ultima hora da minha vida elegante, quero deixar a cada um dos meus amigos uma lembrança indelevel! A D. João, a amizade de seu pae...

D. Pedro (*interrompendo*) — Herminia... Herminia... que tenciona pois fazer?!...

Herminia — Morrer para este mundo que me condemna innocente! para este mundo desleal que insulta a mulher sem protecção, que lhe exige o sacrificio da honra e que se ri da sua miseria quando já não tem nada que lhe roubar!

D. Pedro — Oh! não! não será assim! Um nome respeitavel e sem mancha pode ainda abrigal-a d'esse juizo insensato com que o mundo a insulta!... Herminia, (*pegando-lhe na mão*) perdoe-me... mas eu quero salval-a!

Herminia — O meu coração está morto, marquez; o sacrificio era inutil.

D. Pedro — Sacrificio?! oh! não, é um dever d'amizade... é...

Herminia — Silencio! vem gente.

SCENA V

HERMINIA, O MARQUEZ, D. JOÃO e VIOLANTE.

(Tendo primeiro sido annunciados pelo criado. Entram alguns convidados pelo fundo.)

D. Pedro — Meu filho!...

Herminia — Marquez, lembre-se do que lhe pedi!

D. Pedro — Oh! estou de tal modo commovido, que n'este momento...

Herminia — Pois bem; será logo.

D. Pedro (*áparte*) — E' um sacrificio que lhe faço!

(Sae pela esquerda. N'este momento, Herminia vae receber os recem chegados.)

Violante (*áparte a D. João*) — Veja se me faz arrepender!

D. João (*baixo a Violante*) — Estou completamente frio.

Herminia (*áparte*) — Como eu soffro!

(N'este momento toca-se dentro uma valsa, e o baile anima-se. Um cavalheiro vem pedir para valsar a D. Violante.)

1.º cavalheiro — Minha senhora, v. ex.ª concede-me esta valsa?

Violante — Com muito gosto. (*para Herminia*) Se v. ex.ª me permitte, minha senhora. (*áparte*) Quem sabe se já estava isto assim combinado para ficar só com elle! (*dá o braço ao primeiro cavalheiro que a conduz*).

Herminia — Agora vou offerecer-lhe um par, senhor D. João...

D. João — Se v. ex.ª não quer valsar, é inutil.

Herminia (*querendo vencer a commoção*) — Eu?...

D. João (*áparte*) — Ella amava-me! e agora... (*alto*) Recusa, minha senhora?

Herminia — Recusar?... mas...

D. João — Conceda-me esta distincção! (*passando-lhe o braço pela cintura para principiar a valsa*).

Herminia (*áparte*) — Primeiro e ultimo momento de prazer! (*alto*) Vamos.

(Saem valsando para a sala do fundo onde se confundem na multidão.)

SCENA VI

manuel do couto, entra momentos depois pelo fundo, seguido pelo 2.º e 3.º cavalheiros; mais tarde, o marquez, pela esquerda.

2.º cavalheiro — Então, commendador, que lhe parece aquella valsa com o filho do marquez?

Manuel — Não me dá abalo.

3.º CAVALHEIRO — Ora, o commendador está seguro!...

MANUEL — Isso é que é ver as coisas como ellas são! Gosto do senhor pelo espirito que tem!

3.º CAVALHEIRO (*áparte*) — Chama-me estupido.

2.º CAVALHEIRO — Ó commendador, permita-me que lhe lembre aquellas trinta libras que lhe pedi...

MANUEL — Isso amanhã: não vae lá almoçar? Agora, vamos ao caso: quero dar-lhes parte do que succede.

3.º CAVALHEIRO — Então que é? (*áparte*) Se eu tivesse occasião de lhe lembrar o meu pedido...

MANUEL — Os senhores sabiam do que por ahi se dizia de mim e da baroneza?!

3.º CAVALHEIRO — Se sabiamos! Este nosso amigo... (*rindo*) Quem é que o não sabe! mas, tem-lhe custado caro! a proposito... (*mais baixo*) Não se esqueça dos trezentos mil réis em que lhe fallei!

MANUEL — Amanhã. Vamos ao caso...

2.º CAVALHEIRO — É verdade; conte-nos isso.

MANUEL — A coisa é muito simples: a baroneza, a formosa baroneza, é finalmente minha!

(N'este momento o 4.º cavalheiro vem pelo fundo e enfia o braço a Manuel do Couto.)

4.º CAVALHEIRO — Perdão, commendador. Venho dar-lhe os parabens! A baroneza está disposta a seu favor: acabo de perder uma somma consideravel! Tem ahi dez libras que me empreste?

MANUEL (*tirando dinheiro da bolsa*) — Então a baroneza?... o que foi que ouviu dizer, ó amigo?

4.º CAVALHEIRO (*recebendo o dinheiro*) — Sim, dizia-se já por ahi... Perdão, agora não posso demorar-me, os parceiros esperam-me! (*sae*).

MANUEL — Bem! bem! já se diz, já se falla... muito bem! (*voltando para os dois cavalheiros*). Pois,

meus amigos, a baroneza... (*continuam a fallar em voz baixa*).

(O marquez entra pela esquerda.)

D. PEDRO — Oh! aquelle homem aqui...

(Manuel do Couto e os cavalheiros riem-se.)

D. PEDRO — Desconfio d'aquelle *terceto*...

MANUEL — Pois está claro! O bilhete, eil-o aqui. (*mostrando-lhes um bilhete*) Escutem «Senhor, venha ámanhã a minha casa, e traga-me o que sabe: ás duas horas, espere-me na sala verde». Assignado H.

D. PEDRO (*áparte*) — Que quer aquillo dizer?!

2.° CAVALHEIRO — Então vae finalmente possuil-a, commendador! Parabens!

3.° CAVALHEIRO — Parabens. Foi uma conquista difficil!

2.° CAVALHEIRO — Eu já a tinha previsto! A baroneza gosta de gastar: e quando lhe faltarem os recursos...

MANUEL — E' verdade!

D. PEDRO (*áparte*) — Que estou eu ouvindo!?

3.° CAVALHEIRO — Para um homem rico, não ha impossiveis!

MANUEL — E' o caso! Não ha virtude que resista ao dinheiro!

D. PEDRO — Singular contraste offerece a sua moral com o emblema de honra que lhe decora o peito!

1.° e 2.° CAVALHEIROS (*áparte*) — O marquez!

MANUEL (*surprehendido*) — Que diz v. ex.ª?!...

D. PEDRO — Digo que vejo ahi uma commenda de Christo bem mal assente sobre um coração desvirtuado!

MANUEL — Senhor marquez!

D. PEDRO — Oh! emquanto estas condecorações servirem de mascara ao vicio, torna-se problematica a hon-

ra de um cavalheiro! (*arrancando a sua commenda*).

MANUEL — É de mais! V. ex.ª hade me dar uma satisfação!

D. PEDRO — Já lh'a dei: metti a minha commenda n'algibeira!

MANUEL — Oh! isto não ficará assim!

(sae pelo fundo.)

SCENA VII

D. PEDRO (*só*) — Infame! Oh! porém que devo eu pensar do que lhe ouvi dizer? Será possivel que Herminia... Meu Deus! A insolencia d'aquelle miseravel é grande! e o coração das mulheres tão fraco... não! não quero ainda ajuizar mal da baroneza! mas já d'aqui não me retiro sem ser testemunha da entrevista! Quero ver de que lado está o engano a respeito do caracter de Herminia; do meu ou do do mundo! Sinto passos... Ah! é meu filho.. desviemo-nos; se bem que m'o não pedê o coração, o meu resentimento exige!... (*sae pela esquerda.*)

SCENA VIII

VIOLANTE, e D. JOÃO pelo fundo.

VIOLANTE — Sim, não me sinto boa, estou afflicta; retiremo-nos.

D. JOÃO — Não sei o que parece esta retirada assim!

VIOLANTE — Pareça o que parecer. E' da minha vontade!

D. JOÃO — Apezar de não ser da minha?

VIOLANTE — Oh! isso sei eu!

D. JOÃO — Prometti á baroneza demorar-me até ás duas horas...

VIOLANTE — Fez mal; podia ter-lhe promettido até ás cinco: mas eu quero sair já!

D. JOÃO — Perdoa-me, Violante! Ha um mez que estamos casados, e até hoje não tens feito senão contrariar-me. Deixa-me pois n'este momento fazer a minha vontade.

VIOLANTE — E' justo: naturalmente, deseja dar ainda algumas voltas com a baroneza... pois vá: não quero *contrarial-o* mais!

D. JOÃO — Como és injusta, Violante!...

VIOLANTE — Sou, sou, não ha duvida! agora que estamos casados, pode voltar aos tempos antigos. Aquella carta que eu li, foi um estratagema! E eu que soffra o meu engano! que o soffra calada, por que não tenho recurso contra a força de meu marido, senão as lagrimas que não o commovem!

D. JOÃO — Violante...

VIOLANTE — Desculpe-me de lhe dizer estas verdades que nenhum homem gosta de ouvir: mas eu heide dizer-lh'as por que não tenho genio para me calar

D. JOÃO — Violante, o ciume é prova de fraqueza de espirito! Uma senhora que tem confiança nos sentimentos que tributa a seu marido, deve julgal-o por si!

VIOLANTE — Agora, para dar alguma razão ao seu comportamento, quer deitar veneno nas minhas acções! Então, é verdade que tem muitos ciumes de mim? (*com ironia, rindo*).

D. JOÃO — Olha, Violante, esta discussão não deve durar. Desejo sempre evitar o fim desagradavel, a que pode conduzir-nos um similhante dialogo! Queres retirar-te, eu cedo.

VIOLANTE — Muito agradecida. Vou ao toucador buscar a minha capa de pelles, e volto já.

(sae pela direita alta.)

SCENA IX

HERMINIA, apparece ao fundo, e logo que VIOLANTE sae, vem para a scena.

HERMINIA (*á parte*) — Está só!... meu Deus! que venho eu aqui fazer.

D. JOÃO (*vendo-a*) — Herminia!...

HERMINIA — Ah...

D. JOÃO — Fez bem em me apparecer... eu precisava desabafar!

HERMINIA — Senhor D. João...

D. JOÃO — Oh! Saciados que foram os anceios do coração, o veo das illusões eil-o caido! ficou-me uma recordação fatal, um remorso, e nada para o combater! Minha mulher tambem deixou de ter illusões... e não lhe ficaram para agradar-me mais do que os recursos da educação! infelizmente recebeu uma educação pessima, e hoje...

HERMINIA — D. João! D. João, que está dizendo!?...

D. JOÃO — Digo-lhe, Herminia, que me pesa o remorso de a ter offendido, e que lhe peço perdão! Insultei-lhe o coração no meio dos seus martyrios! Foi grande o crime; mas o castigo é maior, porque principiei a amal-a quando já não tinha direito de o fazer!

HERMINIA — Oh! por piedade, cale-se!

D. JOÃO — Que se calcule se é possivel o meu soffrimento! pergunte-se á fatalidade qual é o peior dos seus supplicios antes de se ajuizar d'este amor que me acompanha e fere! Vamos separar-nos para sempre; mas fique certa que...

(O criado apparece e annuncia)

CRIADO — A senhora D. Roberta, e o senhor Thomé.

D. JOÃO — Perdão, Herminia... (*beijando-lhe a*

mão) e adeus para sempre! (*sae por onde saiu Violante*).

HERMINIA — Oh! meu Deus! meu Deus! que commoção esta!... como poderei disfarçal-a!... se ao menos aqui estivesse o marquez... Ah! se me não engano, vejo-o n'aquella sala... e elle viu-me tambem. (*fazendo-lhe signal*).

SCENA X

HERMINIA, O MARQUEZ, depois D. ROBERTA e THOMÉ-PILHOU.

HERMINIA — Não sabe, marquez, chegam duas pessoas que não convidei, e que me compromettém... Ah! eil-os.

(D. Roberta e Thomé entram pela direita.)

D. ROBERTA (*cortejando a baroneza*) — Minha senhora...

THOMÉ — Sem incommodo! fazem favor de não se incommodar por nossa causa! E não se admirem de cá nos ver sem convite, por que eu lhes conto como a coisa foi. Senhora D. Roberta, disse eu, apromple-se para fazermos uma visita á senhora baroneza, para lhe agradecermos o favor que nos fez; e d'uma *paulada matemos lojo do's coelhos*, como se lá diz.

D. ROBERTA (*a meia voz*) — Thomé!...

THOMÉ (*a meia voz*) — Deixe-me; é sentido figurado! (*alto*) E' verdade, e eu aproveito o ensejo para fallar com o senhor marquez, a respeito de um negocio que nos interessa.

D. PEDRO — Um negocio!?...

D. ROBERTA (*a Herminia*) — E v. ex.ª terá a bondade de nos desculpar...

HERMINIA — Não ha de que... (*risonha*).

THOMÉ — Foi o que eu logo disse! Em noites de *balancé*, mais um não enche a casa! E depois, o senhor marquez hade estimar muito...

D. PEDRO — Perdão, não estou na minha casa.

Thomé — Então que tem lá isso? Para tratar d'um negocio importante, toda a casa é casa.

D. Pedro — Não é tanto assim; será melhor procurar-me amanhã.

Herminia — Então, marquez?! (com um sorriso).

Thomé — Diz o ditado «guarda que comer, não guardes que fazer» e é bem certo. Emquanto ellas lá conversam, isto de mulheres sempre teem que dizer umas ás outras, vamos nós cá tratar do nosso negocio. (enfiando-lhe o braço).

D. Pedro (desembaraçando-se d'elle) — Faz tanto calor!

Thomé — E' verdade, diz bem. Vamos a contas: Olhe, o senhor bem sabe que hoje em dia, cada qual está valendo o que pesa; segundo dizem por ahi os jornaes, todos nós somos eguaes; quero dizer, cidadãos; pois não é assim?

D. Pedro — De certo!... só com a differença dos nomes e dos corações; bagatella!

Thomé — Diz muito bem, cada qual vê as coisas a seu modo, e não importa que se chame Pedro, Paulo, ou...

D. Pedro — Ou Thomé.

Thomé — Um seu criado! é verdade. Pois eu, sou a dizer-lhe que estou, graças a Deus, em estado de poder viver com acceio... e...

D. Pedro — E' uma felicidade! (rindo)

Thomé — E assim, disse comigo — como quem diz que já está farto d'uma vida — nada, é preciso fazer brilhar o que tenho, e ver se arranjo por ahi alguma commendasita; por que ellas fizeram-se para quem tem de seu; e quem hade servir-me de padrinho, é fulano; venho a dizer o senhor marquez.

D. Pedro — Escolheu mal. Olhe que eu nunca negociei n'essas coisas; não estou no caso de lhe servir d'agente...

THOMÉ (*interrompendo*) — Quando o senhor souber a qualidade de serviço que eu posso fazer-lhe...

D. PEDRO — Um serviço a mim?

THOMÉ — Sim senhor, um serviço!

D. PEDRO — Está bem certo d'isso?

THOMÉ — Eu lh'o digo. O senhor conhece um tal maroto que anda por ahi, usurario, agiota e tudo quanto ha de mau, um tal Manuel do Couto, que faz emprestimos ao governo? Pois este amigo, não sei que tranquibernia fez, que comprou todos os titulos dos credores de v. s.ª (*emendando-se ao ouvir tossir D. Roberta*) de v. ex.ª, e foi procurar-me para lhe servir de testa de ferro... n'este negocio: o senhor entende?! A coisa, arranja-se d'este modo; digo-lhe que sim, apanho-lhe a papelada e depois... depois v. ex.ª hade arranjar-me tambem cá o meu negociosinho, hein?

D. PEDRO — Eu não vendo commendas, senhor!

THOMÉ — Isso é modestia! ao menos, hade ensinar-me a loja.

D. PEDRO — Uma que tenho não a comprei! Ignoro onde seja o mercado... com licença...

THOMÉ — Então que é isso, ó sôr marquez!? Pois um negocio d'estes é mau? tendo o senhor a sua casa empenhada?

D. PEDRO (*sorrindo*) — Espera-me alguem; com licença.

HERMINIA (*levantando-se*) — Dá-me o braço, marquez? (*o marquez offerece-lhe o braço*).

SCENA XI

THOMÉ, E D. ROBERTA.

THOMÉ — Olhem que cortezia aquella! Os diabos me levem, se eu não sou mais delicado na minha casa, apezar de não ser fidalgo!

D. ROBERTA — Não lhe dizia eu, senhor Thomé,

que nos haviamos de arrepender! Eu bem lh'o dizia; mas o senhor é teimoso...

Thomé (*sentando-se brutalmente n'um sophá*) — Pois agora quero ver até onde isto vae dar comsigo!

D. Roberta — Eu sei!?... Mas é bem feito! muito bem feito!

Thomé — Ó senhora D. Roberta, não principie *você* a azedar-me!

D. Roberta — Repito que é bem feito! e muito bem feito! O senhor Thomé não me quer receber; e emquanto o não fizer, olhe que não é tolerado em parte alguma! E quer uma commenda como tem o senhor Couto? (*rindo*).

Thomé — Pois se eu casasse com a senhora, então é que elles não m'a davam por que me julgavam maluco.

D. Roberta — Peço-lhe que não exceda os limites da decencia! Estamos em casa da baroneza, e...

Thomé — Como você enche essa bocca de *baroneza*.. a baroneza tem ainda peior nota do que a senhora!

D. Roberta — Senhor Thomé!?...

Thomé (*áparte*) — No fim de contas, não terei outro remedio senão casar-me com ella; mas, ao menos, heide moel-a!...

D. Roberta — Dizer-me que tenho má nota! (*áparte*) Hasde pagar tudo junto; deixa-me ser tua mulher... (*alto*) Então, senhor Thomé, ficamos aqui a olhar um para o outro? Ou sair, ou entrar. Ah! se eu fosse sua mulher... quem lhe arranjava a commenda era eu.

Thomé' (*levantando-se, áparte*) — Não duvido nada! Sabe fallar como um procurador!... (*alto*) Assim mesmo, não seria possivel tentar por ahi alguma coisa, como o outro que diz... Vamos; o D. João hade cá estar e mais a pequena... (*áparte*) Ai, que passo aquelle da pequena! (*sacudindo a cabeça, alto*) Vamos, vamos lá dar uma entrada no salão...

D. Roberta — No salão!... ó senhor Thomé, veja lá se estou muito córada?

Thomé — Pudera! pois se a caixa da tinta ficou vasia!...

D. Roberta — Ai!... ai... o que é isso que me está mordendo ahi nas costas!? Veja lá... faça favor.

Thomé — Ora adeus! o que quer é que eu lh'o bula!

D. Roberta — Parece-me que é um alfinete mal pregado.. veja; se o vir, queira pregal-o melhor; em paga, quando tiver a sua commenda, heide pregar-lh'a pela minha mão no peito da sua casaca.

Thomé — Casaca preta, abotoada, já se sabe... (*examinando as rendas do decote de D. Roberta e procurando o alfinete*) O tal alfinete é que não apparece!

D. Roberta — Senti-o cair agora mesmo... ai! ai!

(N'este momento Manuel do Couto apparece ao fundo, e solta uma risada.)

SCENA XII

D. ROBERTA, THOMÉ, MANUEL DO COUTO.

D. Roberta — Ah!... (*para Thomé*) Quando se fazem d'estes serviços, sempre se repara se vem alguem! E' mais um comprommettimento. (*alto para Manuel do Couto*) Desculpe, senhor commendador Couto; a nossa união está já tão proxima, que...

Manuel — Era melhor terem-na concluido, antes de se apresentarem n'uma reunião d'esta ordem! A baroneza está altamente escandalisada, e pede-me o obsequio de vir intimar-lhes que se retirem.

Thomé — Que se retirem!? Então que genero de cortezia é essa?

Manuel — Não estranhe; entre nós, na alta sociedade, ninguem apresenta uma senhora d'uma posição equivoca...

D. Roberta — Equivoca !? O senhor acha-me equivoca ?!... Permitta-me dizer-lhe que é muito grosseiro!

Thomé — Deixa-o ; elle julga que está fallando com os negros, que vendeu lá na Africa !

D. Roberta — E' verdade ! retiremo-nos ; a *catinga* chega a produzir-me syncopes mortaes !

Thomé — Mas lá por isso não fiquemos mal: quando quizer concluir aquelle negocio, appareça.

Manuel — A esse respeito, modifiquei as minhas idéas.

D. Roberta (*saindo com Thomé*) — Ora não ha !

Thomé — Negocio de negreiros é sempre assim.

SCENA XIII

MANUEL DO COUTO só, depois o MARQUEZ.

Manuel — Em tão boa hora que não tivesse fallado d'elle ao marquez. Sempre ha gente !... (*puxando os colarinhos*) Julgam que todos são eguaes, que não existem distancias, nem conveniencias... (*consultando o relogio*) Quando terminará este baile !? tem-me parecido eterno !

D. Pedro (*entrando pelo fundo e tocando-lhe sobre a espadoa*) — O senhor commendador, quanto ganhou v. ex.ª na compra das minhas dividas ? quero levar em conta o prejuizo dos credores.

Manuel — Não costumo confessar-me, senhor marquez !

D. Pedro (*rindo*) — Já isso é uma confissão que lhe faz honra. (*sae pela esquerda*).

Manuel — Pobre e sempre soberbo ! Se não fosse a baroneza eu te faria arrepender... mas, é o mesmo : quem te salva é quem me vinga ! A proposito... elle ahi vem !

SCENA XIV

(A baroneza entra e fecha a porta do fundo, examina a scena, e vae sentar-se n'um sophá. Manuel do Couto aproveita o tempo em puxar o fato, alisar o cabello, etc.)

HERMINIA — Já me disse que tinha recebido o meu bilhete, se me não engano...

MANUEL — Tenho-o sobre o coração, baroneza.

HERMINIA — E antes do bilhete de hontem, ratifica a resposta á minha carta?

MANUEL — Ratifico.

HERMINIA — N'esse caso, vem munido de todos os documentos dos credores do marquez?

MANUEL — De todos!

HERMINIA — Muito bem. O baile não acabou ainda; mas é o mesmo; estamos perfeitamente sós, e á vontade; entretanto as ultimas pessoas que por ahi dançam ainda, irão saindo...

MANUEL — Oh!... baroneza, não tenho expressões para agradecer-lhe tanta bondade!

HERMINIA — Bondade, por lhe conceder uma entrevista!? Ha nada mais natural?

MANUEL (*sentando-se muito chegado ao sophá*) — Baroneza...

HERMINIA — Sollicitei do seu cavalheirismo e das suas protestadas inclinações, que me sacrificasse os documentos que possue contra o marquez. Pediu-me em troca uma entrevista... (*recostando-se com graça*) Aqui estou.

MANUEL (*chegando mais a cadeira*) — Aqui está...

HERMINIA — Prostrada de fadiga! Não faz idéa.

MANUEL — E mais formosa do que nunca!

HERMINIA — Bravo! como está flammante... de commenda!?

MANUEL — Pois não tinha ainda reparado!?

HERMINIA — Ainda não.

MANUEL — E' toda de brilhantes!

HERMINIA (*com ingenuidade*) — Cada um representa milhares de lagrimas dos captivos que vendeu, não é verdade?

MANUEL (*desconcertado*) — Essa reflexão, baroneza!..

HERMINIA — As lagrimas dos captivos tornam-se em brilhantes na mão dos senhores.

MANUEL — Felizes d'elles se soubessem que essas lagrimas, assim transformadas, podiam-me ornar tão lindo collo, baroneza!

HERMINIA — Acho que produzem mais effeito na sua commenda! São gostos.

MANUEL — Então a baroneza interessa-se muito pelo socego do marquez?

HERMINIA — E' um amigo velho; não quero que soffra. A proposito, trouxe os papeis?

MANUEL (*tirando do bolso do peito da casaca um masso de papeis*) — A minha palavra é uma! Eil-os aqui.

(N'este momento, o marquez abre a porta da esquerda, repara no que se passa, e suspende-se.)

SCENA XV

HERMINIA recostada no sophá, MANUEL DO COUTO sentado ao lado d'ella, O MARQUEZ DE CASTRO escutando

D. PEDRO (*áparte*) — Ah!... escutemos...

HERMINIA (*estendendo o braço para os papeis*) — Então, não m'os dá?

MANUEL — E' um sacrificio pecuniario... dos mais pesados! Sabe quanto empreguei n'estes papeis?

HERMINIA — Nem quero sabel-o. Sacrifica-m'os?

MANUEL — Que me pediria v. ex.ª que eu, de prompto, lhe não fizesse!?

(Herminia pega nos papeis; apenas consegue tirar um á custa d'um beijo que Manuel do Couto lhe imprime na mão.)

recimentos e continuou; Procura-a, e vêla pelo seu commodo, em quanto fôr possivel. Tens sido até hoje um criado fiel, e por isso deposito no teu coração o meu ultimo acto de confiança. E Deus chamou-o a si.»

Herminia — Meu pae!...

Manuel (*continuando*) — «Um dia, v. ex.ª, que era então uma creancinha de sete annos, já virtuosa como sempre o tem sido, e cheia d'essa piedade evangelica que os pobres bem dizem, encontrou no seu caminho uma mulher, com uma menina nos braços, que lhe pediu esmola — Não tenho dinheiro, respondeu v. ex.ª; mas aqui está esta corrente e esta cruz de oiro que foi presente de meu pae. —» (*interrompendo a leitura*) Pois deu-lhe tanto?!

Herminia (*com as lagrimas nos olhos*) — Não tinha mais!... Continue.

Manuel (*lendo*) — «O valor d'aquella joia salvou da fome a mãe e a filhinha, que era sua irmã Violante, senhora baroneza. (*o marquez faz um movimento*). A mulher morreu e só um dia depois da sua morte consegui encontrar a orphã, para cumprir o legado de meu amo. Tinha um amigo, entreguei-lhe o pouco dinheiro que possuia, e confiei a menina ao encargo d'uma senhora que elle chamou para casa, e fui tentar fortuna longe da patria. Annos depois, voltei rico, mas sempre na minha condição obscura. Soube do apuro em que v. ex.ª estava e tomei então a liberdade de lhe remetter um recurso de trinta contos, lembrado do acto de caridade que v. ex.ª tinha feito á mendiga da estrada. Dotei Violante, como se fôra minha filha, e agora, ponho á disposição de v. ex.ª em Londres, Regent Street, os serviços do seu muito fiel e velho criado. — Antonio.»

Herminia — Agora, commendador, diga-me que juizo faz d'essa carta?

Manuel — Que juizo?! Pois a baroneza pretende ainda obrigar-me a fazer um juizo!? Não seja tão cruel...

Herminia — Perdão; diga-me com franqueza o que

ajuiza d'esse homem, que fez, e escreveu tudo isto!?

MANUEL — Oh! baroneza... bem vê que estou de tal modo preoccupado que...

HERMINIA (*levantando-se com dignidade*) — Preoccupado de que!?

MANUEL (*sobresaltado*) — De que!?

HERMINIA — Senhor commendador Manuel do Couto, vexa-se do contraste que faz com esse homem virtuoso que foi criado de meu pae! Compare o seu peito condecorado áquelle peito cheio de sentimentos tão nobres... e diga-me com franqueza se não encontra no seu procedimento, a meu respeito, alguma coisa parecida com a infamia!

MANUEL (*áparte*) — Ora esta! (*com o desespero da fera que se sente ferida*) Senhora baroneza, nenhuma mulher prudente abusa por este modo das sympathias e da credulidade d'um homem! Bem vê que estamos sós...

D. PEDRO (*intervindo*) — Não tanto como julga.

HERMINIA — Ah!...

MANUEL — O marquez!!...

MARQUEZ (*cruzando os braços e rindo em face d'elle*) — Ainda quer que lhe dê algum genero de satisfação?

MANUEL — A satisfação deve-m'a a senhora baroneza, porque não é decente abusar assim d'um cavalheiro, para o illudir...

D. PEDRO — Então illudiram-no; e se me não engano, o senhor beijou ainda em cima as mãos que o ensinaram!... (*rindo de raiva*).

MANUEL — Fizeram mais do que illudir-me! A senhora baroneza estava d'accordo com v. ex.ª para extorquir-me, á força de mimos, os titulos dos seus credores que eu tinha comprado...

D. PEDRO — Oh! que diz aquelle miseravel!? (*para Herminia*) Que diz elle?!... estes papeis que vejo aqui rasgados... (*commovido*) Herminia... Herminia...

Herminia — Desculpe, marquez; eu queria evitar... (*levando o lenço aos olhos*).

D. Pedro — Ah! expor-se a um homem d'estes, por minha causa, sem reflectir que podia perder-se!? E' um sacrificio tão nobre, que a recompensa não cabe nas forças humanas! (*para Manuel do Couto*) Descanse, senhor Manuel do Couto: amanhã convocarei todos os meus ex-credores, para esclarecimento da compra que lhe fez; e se na verdade a compra fôr julgada valida...

Manuel (*fazendo um movimento de susto*) — Oh! não é necessario tanto incommodo... Uma vez que os papeis estão rasgados... eu não quero saber d'isso mais! Com licença...

D. Pedro (*comprehendendo, e tomando-lhe a passagem*) — Perdão. E' para fazer desconfiar essa generosidade no senhor Manuel do Couto!

Manuel — Com licença, senhor marquez... essa é boa. Não quer que eu saia?!

D. Pedro — Hade permittir-me que mande primeiro prevenir os cabos de policia. (*dispondo-se a puxar o cordão*)

Manuel — Com licença, senhor marquez... deixe-me passar!... Tenho aonde ir!... Isso é teima!

D. Pedro (*rindo*) — Desejo apreciar o effeito d'uma commenda de brilhantes entre espadas.

Manuel (*áparte*) — Estou perdido!... (*alto para Herminia*) Minha senhora... (*áparte*) Se me descobrem uma, desenrolam a meada! (*alto*) Minha senhora!... seria um escandalo terrivel!... Peço-lhe pelo amor de Deus...

D. Pedro (*com seriedade, abrindo uma porta*) — Vá-se embora, senhor!

Manuel (*áparte*) — Salvei-me n'uma *taboinha!* (*sae com rapidez*).

SCENA XVI

HERMINIA, O MARQUEZ DE CASTRO.

D. PEDRO (*pegando na mão de Herminia e chegando-a aos labios*) — E agora, Herminia, por que não dá a este seu amigo velho a satisfação d'offerecer-lhe um nome sem mancha, que podia abrigal-a para sempre do juizo do mundo?!

HERMINIA — Por que não quero atraiçoal-o, marquez! O meu coração resente-se ainda muito do golpe que soffreu; e só a resignação pode cural-o. Tomei uma resolução immutavel; vou exilar-me, desapparecer debaixo d'um habito humilde, e retribuir ao mundo, em caridade evangelica, o mal que o mundo me fez!

D. PEDRO (*muito commovido*) — Deus precisava de mais um anjo; purificou uma mulher no martyrio das dôres moraes. O mundo perdeu... mas o ceo ganhou!

Cae o panno.

A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.° fr...... 160

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol. 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.° fr....... 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr....... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.° fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço...... 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos.... 180
Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço....... 300
A Aristocracia e o dinheiro, comedia em tres actos....... 300
Coração de Ferro, drama phantastico em cinco actos....... 300

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. Preço.................. 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço...... 240
Uma Victima, drama original em tres actos............. 160

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. —Preço 80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, drama em tres actos............. 160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

F. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr...... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.° francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr. 200
As Obras de Horacio, imitação, comedia em um acto. Preço 120
Um Homem de Consciencia, comedia em dois actos....... 160

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.° fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr........ 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr. 200
Memorias do Coração. Preço................ 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos.................. 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço 240
O Marido no Prégo, comedia em um acto............... 160
Já não ha tolos!... comedia em um acto............... 80
Não desprese sem saber, comedia em um acto........... 120
O Colono, comedia-drama em tres actos................ 160
Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos...... 200
O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos........ 240

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN.

A Vida em Lisboa, comedia-drama em 4 actos........... 300

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço........... 320

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.° francez. Preço..... 1:800

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço.................. 360

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240
O Pae prodigo, comedia em tres actos.................. 200
O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço.... 200
Gil Braz de Santilhana, comedia em tres actos............ 180

PELO AUTOR DO CAMÕES DO ROCIO.

Remechido, o Guerrilheiro, ou os ultimos dez annos da sua vida, drama em 3 actos, e duas epocas, precedido de um prologo.. 300

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço....... 240

JOSE' IGNACIO D'ARAUJO.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos...... 200
Um Bico em Verso, scena comica. — Preço.............. 60

JOSE' DE TORRES.

Tudo no mundo é comedia ; comedia em tres actos....... 200

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. — Preço.................. 360

J. E. COELHO.

Amor e Amizade, comedia em um acto.................. 80

JOSE' DE VASCONCELLOS HASSE.

A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos........ 160

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA.

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos, 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda == Les quatre fils Aymon. — Preço............. 320

GUILHERME AGUIAR.

Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos... 200

MANUEL ODORICO MENDES.

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. — Preço................ 200

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.° francez. Preço.......... 360
Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço................ 100
Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.° fr. Preço..... 200
Rudimentos de economia politica, para uso las escolas, 1 vol. 200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus...................................... 80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça.................................. 80
O Mentor da mocidade................................ 120
Ensaios poeticos. Preço............................... 60
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.° port. 120

NO PRELO.

Um Risco, comedia em dois actos.
A Mascara Social, comedia-drama em tres actos.
Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em quatro actos.
A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos.
Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.
A Conquista d as Amazonas, comedia-drama em dois actos.
A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.
Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em um acto.
A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.
Pedro Cem, comedia em cinco actos.
O Maestro Favilla, drama em tres actos.
O Arrependimento salva, drama em 1 acto.
Amor e arte, drama em 3 actos.
Fernando, comedia-drama em 4 actos.
Graziella, drama e 1 acto.
Não envenenes tu, a mulher, qui-proquo em 1 acto.
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.
Dois cães a um osso, comedia em 1 acto.
Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo.
Os Brasões das cidades e villas de Portugal por I. de V. Barbosa.

O MARIDO NO PREGO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA.
TRAVESSA DA VICTORIA, 73.

1860.

O MARIDO NO PREGO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

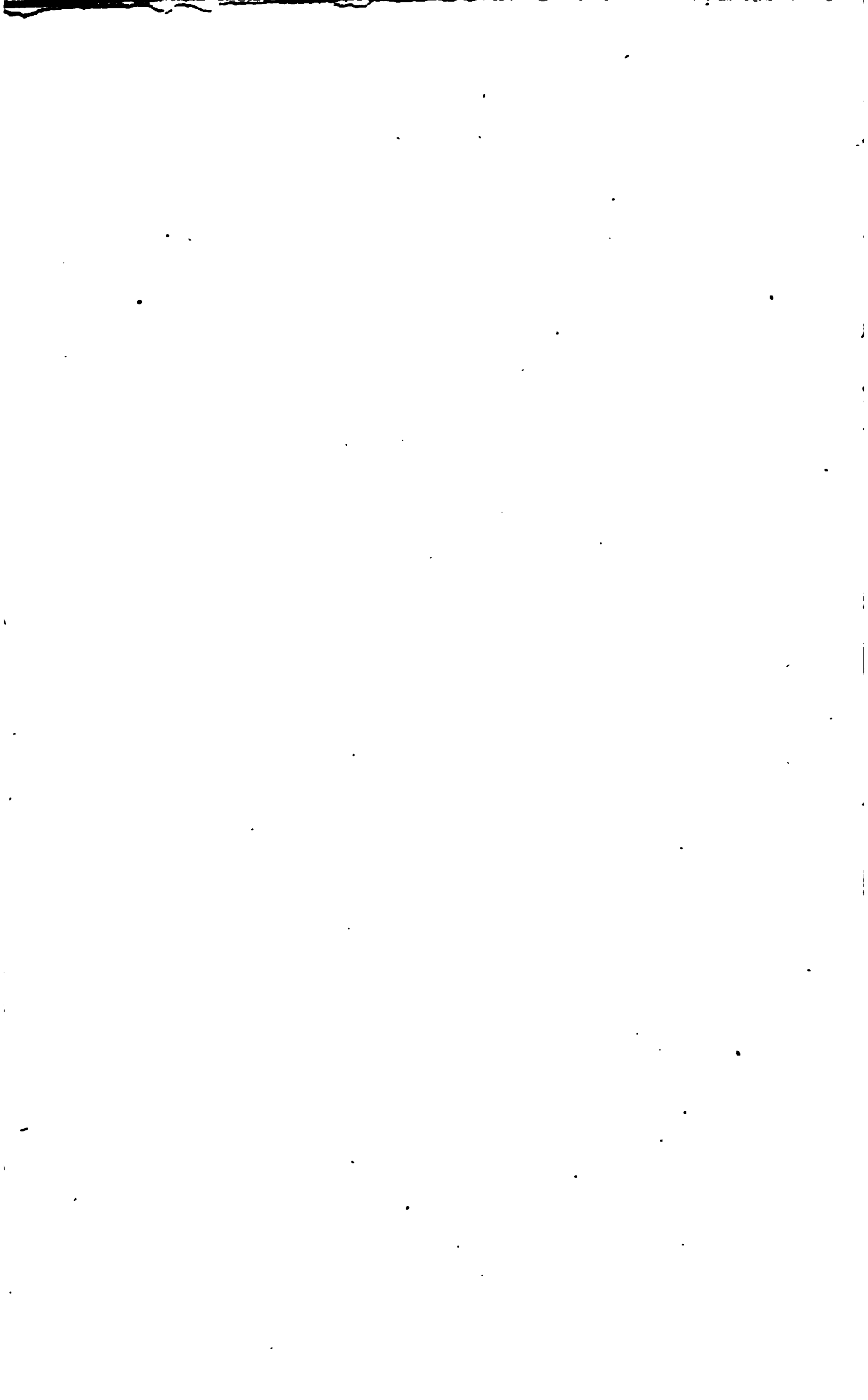
ALFREDO HOGAN

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA.
TRAVESSA DA VICTORIA, 73.

1860.

PERSONAGENS.

Aleixo Teixo d'Azeredo Queixo. Advogado.
João Cesar Fernandes.
Bruto da Rocha .... Criado.
D. Lucrecia.................. Mulher do advogado.
Rosa .... Criada.

A scena passa-se em Lisboa, em casa de D. Lucrecia, na actualidade.

ACTO UNICO.

(Sala. Portas lateraes e no fundo; á direita uma secretaria. Na parede do fundo um retrato de homem com oculos e gravata branca: do outro lado da porta, fazendo symetria, outro quadro representando um cão sentado, com um laço encarnado no pescoço.)

SCENA I

ROSA, depois JOÃO CESAR FERNANDES.

ROSA (*sacudindo o pó, e olhando depois para o retrato*) — Tinha bem bons bigodes o primeiro marido da senhora, Deus lhe falle n'alma, que bigodes nunca elle *avezou*, mas é como o outro que diz... Coitado, não posso olhar para elle sem me dar vontade de rir! Pobre do tal senhor Feliciano dos Anjos; cada vez que me lembro que a esta hora está a senhora na freguezia á casar com o advogado!... (*fallando ao retrato*) Deixa estar, deixa-o aproveitar o teu sobejo, que não hade ser assim mesmo por muito tempo, não. Vão tirar-te d'ahi para pôr o outro no teu prego? Deixa estar que...

Por mais que faça o segundo,
Tu sempre hasde ser melhor:
Que um marido no outro mundo
Nunca pode ser peior.

Ora eu nunca cheguei a crer que a senhora tornasse a casar!... pelo menos tão cedo! Estas viuvinhas que dão na vista a chorar os seus maridos... Muita bulha para nada no fim de contas: está-se vendo todos os dias!

João (*entra pelo fundo e vem para a scena*) — Está em casa o senhor Aleixo Teixo d'Azeredo Queixo? Ande diga-lhe que lhe quero fallar; ande que tenho pressa!

Rosa — O senhor saiu.

João — Isso não pode ser! Estava eu então bem aviado! Um advogado não deve sair nunca!

Rosa — Nem ao menos para ir casar?

João — Ora, um advogado cae lá em similhante esparrella?!

Rosa — Cae, sim senhor, porque um advogado é homem que sabe muito bem onde tem o seu nariz!

João — Está bom, não lhe peço explicações; de mais, o nariz não vem nada a proposito de casamento. A que hora se casa elle?

Rosa — Ao meio dia.

João — N'esse caso voltarei aqui um quarto depois do meio dia... (*saindo*) Boa noite.

Rosa — Bom dia, se faz favor. Já viram homem mais mal acabado? Credo, parece que nem atina com o que quer dizer!

SCENA II

ROSA, E BRUTO DA ROCHA.

Bruto (*espreguiçando-se, entra pela direita e principia a bocejar de somno*) — Ah!... que rapozeira!...

Rosa — Boa madrugada, senhor Bruto...

Bruto — Mau... não principie você a chamar-me Bruto... Eu cá chamo-me Rocha.

Rosa — Era o que eu ia dizer, senhor Bruto da Rocha. Tambem... quem dorme até ás onze horas do dia...

Bruto — E' bruto, não é verdade?

Rosa — Credo que não me deixa acabar nunca! Eu ia dizer que lá irá para onde o pague.

Bruto — Não é da conta de ninguem! Julgam que por ter morrido quem morreu, o meu amo, o meu amigo... hão-de estar agora sempre com *aquellas*... Vamos a saber, o meu café está quente?

Rosa — Olhe... vá perguntal-o á cozinha. Cuida tambem que isto hade continuar assim? *Dêem ali a papinha ao menino*... Meu rico, a coisa é outra agora!

Bruto — Que coisa?

Rosa (*sorrindo*) — Aquellas coisas que nós sabemos, senhor Brut...

Bruto — E você a dar-lhe!

Rosa — Rocha, queria eu dizer.

Bruto — Maldito nome!... Vamos, diga lá.

Rosa — Ah! quer que diga? pois sim. Que faz você n'esta casa, senão almoçar, jantar e ceiar?

Bruto — E que tem você que eu almoce, jante e ceie... como um bruto!?...

Rosa (*soltando uma gargalhada*) — Você alguma vez havia de convencer-se...

Bruto — E' por sua causa; é por sua causa, senhora Rosa. Você está sempre, bruto cá, bruto lá... Ora eu chamo-me Bruto, é verdade...

Rosa — E confessa que come como um bruto!

Bruto — Mau! E' verdade que tenho esse nome; mas... a gente nem sempre gosta que lhe chamem como se chama!... E quer saber a razão? Eu lhe digo. Bruto foi um heroe, dizem que um heroe...

Rosa — Ora, d'isso ha tanto...

Bruto — Mas olhe que foi um heroe d'estes que não accendiam charutos com phosphoros almiscarados. Era um heroe, você já leu a historia de Carlos Magno?... Pois então, leia-a! E pensar eu que tenho um nome d'essa ordem... Nada! meu pae quiz que eu fosse grande coisa, e começou por me dar um nome grande! Sabe agora?

Rosa — Pois sim, não vá fugindo ao que diziamos. Que faz você n'esta casa? faz favor de me dizer? Lá por ter sido muito amigo do defunto, a senhora deixou-o para ahi ficar. Você falla-lhe d'elle, recorda-lhe as suas pieguices, commove-a, faz-a chorar... e ahi está!

Bruto — E' verdade, choramos juntos sobre as cinzas d'aquelle pobre diabo... (*suspendendo-se*)

Rosa — Então, não querem lá ouvir!?...

Bruto — Isto é aqui entre nós, senhora Rosa; olhe que elle é que era um tal brutinho... (*designando o retrato do cão*) Ainda mais animalejo que o seu Neptuno que ali está com seu laço de fita encarnada, com olhos de quem se lembra de *quem o servia*. E avarento... ih!... gulotão... desconfiado, cabeçudo... n'isso então não fallemos!

Rosa — Uma coisa é ver, outra é ouvir! E quem o vir a você andar todo o santissimo dia a choral-o...

Bruto — Pois ahi está; é isso justamente o que eu tenho que fazer n'esta casa.

Da 'sposa o pranto sagrado
Trazer sempre a borbulhar,
Chorando o triste finado
P'ra a saudade eternisar!

ROSA.

Logo é você junto d'ella
Uma especie de chorão?

BRUTO.

Você diz bem; basta vêl-a;
Eis a minha *posição*.

Rosa (*rindo*) — Que labia que você soube arranjar!

Bruto — Não é de todo má, vamos com Deus.

Rosa — Entretanto, *fia-te na Virgem não corras...*

Bruto — Porque diz você isso, ó senhora Rosa?

Rosa — Não ha nada mais claro: se a senhora pro-

curou segundo marido, não deseja certamente lembrar-se muito do primeiro.

Bruto — Esquecer aquelle santo homem? Isso não é possivel!

Rosa — Verá se é ou não. Digo-lhe com toda a certeza que vão despendural-o.

Bruto — Despendurar o senhor Feliciano dos Anjos!?... Você não está em si! Você não conhece a senhora.

Rosa (*fazendo-lhe sorriada*) — Hãode despendural-o!

SCENA III

BRUTO, ROSA, ALEIXO, D. LUCRECIA, vestida de noiva, E CONVIDADOS.

(D. Lucrecia entra pela mão do advogado, seguida pelos convidados.)

CÔRO.

Deus bemdiga o doce enlace
D'estes meigos corações,
Que á virtude dão realce
N'este largo do Camões.

Aleixo — Muito obrigado, meus amigos, de terem assistido ao meu casamento. (*a D. Lucrecia*) Em presença de tantas testemunhas... já não ha dizer que não... Estamos finalmente casados!

D. Lucrecia (*suspirando*) — E' verdade!

Bruto (*idem*) — E' verdade!

Aleixo (*aos convidados*) — Meus senhores, sinto muito não ser possivel offerecer-lhes algum genero de refeição... pelo menos um pato e um prato de arroz doce. Isto é feito á capucha, e...

D. Lucrecia — O calado é o melhor: além d'isso, o arroz doce caiu em desuso, e os patos este anno estão magrissimos!

BRUTO — Magrissimos!

ALEIXO (*áparte, olhando para Bruto*) — Este homem parece que se encarregou de ser o ecco da familia!

D. LUCRECIA — Na minha posição, qualquer coisa que tivesse geito de festa ou regosijo, ser-me-hia d'um peso insupportavel! Sentiria logo um tal remorso...

ALEIXO — Um remorso?!...

BRUTO — Um remorso muito grande!

ALEIXO (*áparte*) — Então, querem-no assim? Maldito animal!

D. LUCRECIA (*cortejando os convidados*) — Meus senhores...

CONVIDADOS (*retirando-se*) — Minha senhora!... (*repetem o côro e saem*)

(D. Lucrecia sae pela esquerda; Bruto e Rosa pela direita; Aleixo fica olhando para todos os lados com ar de estupido.)

SCENA IV

ALEIXO (*só*) — O passo está dado! Está dado o passo, não ha que duvidar! Eis-me casado. Não ha nada mais certo do que esta vida ser uma verdadeira roda d'alcatruzes! Não ha ainda quinze dias, eu não era mais do que um triste primeiro escrevente, e tratava de pôr em dia a escripturação do Feliciano dos Anjos, que está com os anjos, e que não era tão tolo como parecia, apezar de parecer tolissimo! Fechava-me no gabinete para trabalhar... e principiava a fazer barquinhos de cascas de nozes que guardava do jantar, costume innocente que não fazia mal a ninguem! de repente, truz, truz, na porta: entre lá quem é: está fechada! É verdade, eu abro; abri; e dou de cara com um parente... como todos os parentes! Era um parente que no momento supremo se tinha lembrado de incommodar ainda o defunto com um discurso... muito estupido,

mas muito sentimental! E' verdade. Como está? bom, muito obrigado, et cætera, queira sentar-se. Meu amigo, venho encarregado de lhe dizer, que a viuva do senhor Feliciano dos Anjos interessa-se por você. Obrigado ao seu favor, et cætera; d'aqui e d'ali, propõe-lhe a sua mão, e as suas economias. Fiquei attonito! ainda que, a fallar verdade, eu já descobrira que tinha não sei o que na minha pessoa que attrahia viuvas: os olhos, talvez; tenho olho para viuvas! Quiz ir immediatamente lançar-me aos pés da tal viuvinha, mas o parente prohibiu-me de lá ir, prudencia e juizo! D. Lucrecia não quer que você a veja senão no momento de dar o passo. Caspite! disse comigo: mas a coisa não é assim mesmo para recusar! Uma mulher encantadora, algumas economias... casa posta, e bem posta... (*olhando para todos os lados vê o retrato*) Ah! lá está o patrão! Bom dia, patrão... Vá-se fartando que não hade estar ahi muito tempo no meu logar. Era o que me faltava... ter aquella empada ali, e eu aqui a abraçar-lhe a mulher, quero dizer, a minha mulher, que cada qual que tem uma tem direito para isso! mas havia de parecer-me sempre que o outro me dizia lá de cima: «isso mesmo já eu fiz antes de ti.» Bonito! nada... abaixo!... não lhe aproveito senão a moldura para metter tambem o meu todo gracioso.

SCENA V

ALEIXO, E BRUTO entrando pela direita, escovando um paletot.

ALEIXO — Ahi temos nós este baboca do... Que estás tu a fazer, bruto...

BRUTO — Sim, senhor, eu é que o sou: o senhor não vê o que faço?

ALEIXO — Estás escovando o paletot; com um calor d'estes... quem te disse que eu queria vestir o paletot?

Bruto — Ha mais Marias na terra.

Aleixo — Mas quem te encommendou o sermão do paletot?! quem é que veste um paletot com este calor?

Bruto — Nada... este paletot ninguem veste.

Aleixo — Ninguem veste? Ora, dá cá... dá cá... por isso mesmo vou vestil-o agora.

Bruto — Este paletot não é seu.

Aleixo — Então de quem é?

Bruto — E' de quem o não veste, nem pode vestir... porque está no ceo... e no ceo ninguem usa d'estas miserias!... (*chorando*) Ora ahi está!

Aleixo — Então que cantiga é esta!?...

Bruto — A senhora disse-me: hasde continuar a servil-o. E todas as manhãs escovo-lhe o fato, limpo-lhe as botas, levo-lhe agua morna para a barba, tudo tal qual elle fosse vivo, sem differença alguma! Já sabe? E no fim de tudo, sou bruto! E' para que saiba que eu não tenho do bruto animal senão os instinctos e do Bruto homem a sensibilidade... E' por isso que todas as noites lhe preparo ainda o seu copo d'agua com assucar, que ponho em cima da commoda, e que o bebo todas as manhãs pela sua alma. Coitadinho... está com os anjos!

Aleixo (*aparte*) — Não ha nada mais agradavel! (*alto*) Fazes-me tu um favor?

Bruto — Se estiver na minha mão...

Aleixo — Tira o teu amo cuidadosamente d'aquelle prego, carrega-te com elle, e vae choral-o á tua vontade lá nas aguas furtadas.

Bruto — Para isso seria preciso que eu fosse um verdadeiro bruto animal!

Aleixo — Faze o que te digo, e não digas mais nada.

Bruto — Com licença, vou fazer-lhe a cama. (*batendo mansamente á porta da esquerda*) Dá licença, meu senhor?

Aleixo — Que me importa... uma vez que elle não stá lá...

Bruto — E' como se estivesse! Eu costumava bater assim, e continuo na mesma: a senhora não quer que se percam os costumes do tempo d'elle... (*sae*)

SCENA VI

ALEIXO, E ROSA.

Aleixo — Está caçoando comigo, não tem duvida! Deixem estar que não me pára muito tempo em casa. Vou pedir a minha mulher que lhe ponha os quartos na rua. (*dirigindo-se a uma das portas*)

Rosa (*apparecendo de repente*) — Perdão, meu senhor, aqui ninguem entra.

Aleixo — Ninguem entra!? Então porque?

Rosa — E' o quarto da senhora.

Aleixo — Ah! n'esse caso creio que...

Rosa — Cada qual tem o seu.

Aleixo — O que?! dois quartos?... nada, eu não entendo isso!

Rosa — São as ordens que tenho: a senhora que lh'as explique. Ella ahi vem.

Aleixo — Pois bem, vae-te; preciso fallar-lhe!

(Rosa sae pelo fundo.)

SCENA VII

ALEIXO, E D. LUCRECIA vestida de escuro com um cesto de costura na mão, pensativa, fallando comsigo mesma, entra pela esquerda.

Aleixo (*áparte*) — Já não estou nada contente!

D. Lucrecia — Fiz eu bem de me casar com aquelle escrevente? O futuro m'o dirá!

ALEIXO — Querida Lucrecia...

D. LUCRECIA (*com indifferença*) — Ah! é o senhor?...

ALEIXO (*áparte*) — Lá que ella é boa mulher... (*alto*) Queria pedir-lhe um favor... Que vejo! despiu o seu vestido de noivado?...

D. LUCRECIA — Não vê?

ALEIXO — Não acha triste de mais, para as circunstancias em que estamos, esse vestido?!

D. LUCRECIA — Então que quer?... uma viuva...

ALEIXO — Viuva!? Então que figuro eu aqui?! Oh!... em breve espero convencel-a... (*rindo*)

D. LUCRECIA (*com severidade*) — Senhor Aleixo, detesto as pretenções a espirito!

ALEIXO — Perdão! (*áparte*) Parece-me que é algum tanto caprichosa! (*alto*) Não se escandalise, querida Lucrecia...

D. LUCRECIA — Faça favor de me chamar senhora D. Lucrecia dos Anjos.

ALEIXO — Quer dizer, D. Lucrecia Teixo d'Azeredo Queixo, pois sim!...

D. LUCRECIA — Tem razão: tinha-me esquecido...

ALEIXO — Peço licença para lhe recordar de quando em quando...

D. LUCRECIA — Então! Já lhe disse que não tolero...

ALEIXO (*áparte*) — Ao menos entende! (*alto*) Pois bem: não torno a fallar em tal: juro-o sobre esta mãosinha tão branca.. (*tentando pegar-lhe na mão*)

D. LUCRECIA (*repellindo-o com presteza*) — Basta, deixe-me: detesto a licença...

ALEIXO — Licença!? Ha nada mais innocente que...

D. LUCRECIA — Acha? diante d'aquelle augusto retrato?!...

ALEIXO — Tem razão. (*áparte*) E' uma sociedade de tres, Feliciano dos Anjos & C.ª! (*offerecendo-lhe o braço*) Ainda me não mostrou as casas! Consta-me que tem uma excellente livraria...

D. Lucrecia — Não é da sua conta.

Aleixo — Não é?!

D. Lucrecia — Vejamos: que pretende o senhor?

Aleixo — O que pretendo! Cumprir o meu dever!

D. Lucrecia — O seu dever é comportar-se bem.

Aleixo — E nada mais?...

D. Lucrecia — Prohibo-lhe que desça a mais explicações.

Aleixo (*áparte*) — Vamos, ao menos não é destituida de intelligencia! entende tudo!

D. Lucrecia — Senhor Aleixo, queira sentar-se: sou eu que devo dar-lhe algumas explicações a respeito da nossa reciproca posição, que me parece não ter comprehendido bem. (*senta-se*)

Aleixo — Estou por tudo. (*puxa uma cadeira e senta-se ao lado de D. Lucrecia*)

D. Lucrecia — Queira afastar-se mais...

Aleixo — Ah! pois não!... (*recuando a cadeira*) Tanto faz perto como distante. Casados já nós estamos.

D. Lucrecia — Ainda lhe não ouvi dizer outra coisa.

Aleixo — Entremos em materia.

D. Lucrecia — Serei franca, senhor Aleixo: amo apaixonadamente meu marido...

Aleixo (*levantando-se enthusiasmado*) — Ah! querida Lucrecia, que amabilidade!... Creia que do meu lado...

D. Lucrecia — Não trato do senhor. Referia-me ao senhor Feliciano dos Anjos!

Aleixo (*sentando-se*) — Ah! pois sim; refira-se a quem quizer. (*áparte*) E' um dia de noivado bem passado!

D. Lucrecia — O senhor conheceu aquella excellente e notavel creatura?

Aleixo — Oh! na verdade excellente... (*áparte*) E notavel pela gordura!

D. Lucrecia — Oh! se tivesse, como eu, tido a felicidade de folhear o coração de Feliciano...

ALEIXO — Confesso ingenuamente que nunca me passou pela cabeça similhante idéa!

D. LUCRECIA — Era complacente, generoso, sobrio.. basta dizer que não tomava mais do que um ovo ao almoço.

ALEIXO — Era por galanteria...

D. LUCRECIA — Em tudo era galante!

ALEIXO — Estou certo, minha senhora; de outro tanto me não gabo eu, nem quero.

D. LUCRECIA — Deixe estar que heide mostrar-lhe as cartas que me escrevia antes de casar; verá como era terno, fiel, apaixonado... Oh!... que ternura! se soubesse...

ALEIXO — Basta, minha senhora! nem tenho vontade de saber!... não pedi similhantes explicações. Não recuso uma lagrima ao meu digno antecessor... mas, sejamos claros; não quero de modo algum conhecer as vivacidades do seu caracter. Tudo que lhe posso dizer, minha senhora, é que não receio comparação alguma! (*levanta-se*)

D. LUCRECIA (*levantando-se*) — Em conclusão, senhor Aleixo, fiz um juramento de nunca mais pertencer a outro homem.

ALEIXO — Ora essa não está má! Então para que se casou?

D. LUCRECIA — Não insista, meu caro; não quebro o meu juramento!

ALEIXO — Bonito!...

D. LUCRECIA — Ah! meu Feliciano... (*atirando beijos ao retrato*)

ALEIXO — Basta, basta, minha senhora! .. Quer que lhe diga? Isto assim não tem geito! Ninguem tem direito de fazer collecção de maridos pelo amor da arte! Quando o senhor seu parente me fez a honra de me propôr este casamento, não me preveniu de modo algum d'esta clausula... platonica!

D. Lucrecia — De certo que não; aliás o senhor teria recusado.

Aleixo — Não digo tanto; mas de ordinario... ninguem gosta de empregar fundos n'uma sociedade que não dá dividendos!

D. Lucrecia — Ver-me-hia obrigada a deixar esta casa, tão cheia de lembranças d'elle!... Renunciar a contemplar constantemente os seus livros, a sua secretaria, o seu tinteiro, a sua penna...

Aleixo — Sim, tudo que é preciso para escrever...

D. Lucrecia — Renunciar a sentar-me na sua cadeira!... (*sentando-se n'uma poltrona*) a mirar-me no espelhinho em que elle costumava fazer a barba!... Oh! similhantes sacrificios eram superiores ás minhas forças! (*com socego d'espirito*) Decidi-me então a pensar no senhor Aleixo.

Aleixo — E eu fico-lhe muito obrigado, minha senhora!

D. Lucrecia — Um simples escrevente, disse eu comigo mesma, sem posição, sem futuro algum...

Aleixo — Pois olhe, minha senhora, a posição e o futuro que por esse modo quiz estabelecer-me, são muito peiores do que imaginou! Acho-os até... immoraes!

D. Lucrecia — Depois, continuei eu, o senhor Aleixo não é um estranho n'esta casa: conheceu muito bem o senhor Feliciano dos Anjos... vivia dos seus beneficios...

Aleixo — Sim, de uns tristes dez mil réis que elle me dava por mez!

D. Lucrecia — E assim, pensava eu, havemos de á noite conversar a respeito do meu pobre defunto... enternecer-nos... Oh! não é verdade que havemos de conversar muito d'elle?

Aleixo — Sim, minha senhora, muito, muitissimo! (*passeiando*)

D. Lucrecia — Ao menos terei alguem que me con-

solo nas minhas horas de tristeza! Terei quem me enxugue o pranto.

ALEIXO — Tal qual!

Quer que eu seja — mudo e quedo,
Successor d'um mais feliz,
Junto á viuvinha em prantos,
Estatua de chafariz?

D. LUCRECIA.

E' isso mesmo que diz!...

ALEIXO.

Que lhe lembre do defunto
Muita virtude exemplar;
Que lhe enxugue o triste pranto
Que por elle derramar?

D. LUCRECIA.

'Stá-me a idéa a adivinhar!...

ALEIXO.

Pois então, querida senhora,
Fez muito mal em casar!
O 'sposo que lhe convinha
Era um lenço d'assoar!

D. LUCRECIA — Oh! mas parece-me que não é de todo má a posição que lhe offereço! casa, cama e mesa... de verão refrescado, de inverno agasalhado...

ALEIXO — E lavado, na minha qualidade de lenço d'assoar! Acabemos com isto, minha senhora. Acho muito bonito o que diz; mas... não posso de modo algum combinar com as suas combinações!

D. LUCRECIA — Que quer dizer?

ALEIXO — A lei concede-me certos direitos que eu não estou disposto a deixar entortar! e...

D. LUCRECIA — Direitos!... pois que!? Ousaria porventura...

ALEIXO — Ousaria tambem a senhora... pensar que eu não ousava... Que ousadia!

D. Lucrecia — Perdão, senhor Aleixo. (*designando o retrato*) Eu sou casada!

Aleixo — E eu? eu sou solteiro?

D. Lucrecia.

Livrae-me, ó Deus, d'este susto!
Senhor Aleixo entre em si!
Respeite o retrato augusto
Do homem que tanto cri!
Quando cega obediencia
No altar lhe prometti,
Salvei do rol a innocencia,
No rol o amor não metti!

Aleixo.

Laboras n'um erro, querida,
Que eu pretendo esclarecer!
Não quero mulher fingida,
Quero mulher p'ra viver!
Quando em tudo obediencia
Me quizeste prometter
Mandou da egreja a clemencia
O amor no rol metter!

(D. Lucrecia refugia-se no quarto de Feliciano dos Anjos.)

SCENA VIII

ALEIXO, E ROSA.

Aleixo — Estou aviado... não me casei com uma mulher! Casei-me com uma urna de saudade! E eu que tinha promettido a meu pae... Nada, isto hade tomar caminho! (*olhando para o retrato do cão*) E pensar que tenho ali o meu rival... Oh! não é aquelle! (*voltando-se rapidamente para o outro retrato*) E pensar que tenho aqui o meu rival!... Não tinha boa cara! Se eu

podesse descobrir-lhe alguns defeitos para lhe destruir a memoria... Sim! por força; um nariz d'aquelles, e aquelle olhar tão desconfiado, são signaes certos de vicio encoberto! Aposto que illudia sua mulher! Oh! se me fosse possivel descobrir similhante coisa...

Rosa (*entrando*) — Minha senhora, está ali uma pessoa...

Aleixo — Rosa, vem cá.

Rosa — Ah!...

Aleixo — Não tenhas medo, vem cá; preciso de ti...

Rosa — De mim!? E a senhora?!...

Aleixo — Espera; preciso que me ajudes a rebolir a sombra do senhor Feliciano dos Anjos!

Rosa — Credo!

Aleixo — Hasde fazer constar que elle te abraçava á queima roupa; que te fazia esperas pela escada; que te mimoseou com um cordão de oiro, brincos e anneis, e o mais que te parecer, tudo de oiro de lei!

Rosa — Bonito!... ficava arranjadinha quando quizesse achar marido... nada, não senhor, isso não!

Aleixo — Ah! queres um marido?! falla... conheço um em disponibilidade...

Rosa — Não é por ahi que vae o gato ás filhozes!... Isso é labia que o senhor tem!

Aleixo — Está bom; no dia em que tu me apresentares alguma prova da infidelidade do senhor Feliciano dos Anjos, dou-te vinte mil réis em oiro.

Rosa — Oh! senhor, isso é tão difficil... todos os maridos defuntos são exemplos de virtudes conjugaes! Vão lá achar agora...

Aleixo — Procura, indaga; só não acha quem não procura! Liga-te com o sapateiro cá da escada.

Rosa — Ai, senhor, já se mudou; agora é um barbeiro!

Aleixo — Tanto melhor! Um barbeiro d'escada vale por dois sapateiros. Eu tambem farei o que puder...

Vou esquadrinhar por toda a parte... Ah! eis-aqui a sua secretaria...

Rosa — Está dito; e eu vou dar palha ao barbeiro.

Aleixo — Promette-lhe um volume de Chateaubriand.

Rosa — Um... que vem a ser um volume d'essa coisa?

Aleixo — E' um livro de ricas poesias!

Rosa — Ora... elle não sabe ler!

Aleixo — E' o unico barbeiro.. é o mesmo; apezar d'isso hade ser litterato.

Rosa — Era melhor offerecer-lhe uma garrafa de vinho do Porto e quatro latas de sardinhas de Nantes, para os seus almoços?

Aleixo — Pois sim.

Rosa — E os vinte *mel réis?*

Aleixo — Estão certos.

(Rosa sae)

SCENA IX

ALEIXO, depois JOÃO.

Aleixo — Vamos, vamos... (*esquadrinhando a secretaria*) Muito alcança quem não cansa! Ah!... estes papeis... (*lendo*) «Documentos particulares; receita para pintar o cabello.» Isto não serve! Vejamos este. «Receita para economisar o pau de campeche na tintura de... (*largando estes e pegando em outros*) «Notas para servirem na historia da minha vida.» Olá!... (*examinando*) «9 de Janeiro; tomei um banho muito quente... que me enfraqueceu, e impossibilitou de...»

João (*entrando*) — O senhor doutor Aleixo Teixo d'Azeredo Queixo?

Aleixo — Sou eu; um seu criado.

João (*áparte*) — E' maior o nome que a pessoa! (*alto*) Encontro-o finalmente...

Aleixo — Em que posso ter o gosto de o servir?

João — Vou expôr-lhe o negocio em quatro palavras.

Aleixo — Se vem para negocio, é impossivel. Casei-me hoje... e faço feriado.

João — Que tenho eu com isso? Para um marido illudido... nunca ha feriado!

Aleixo — Ah! o senhor é?..

João — Sou, sim, senhor!

Aleixo — Queira sentar-se.

João — Não senhor, não quero sentar-me!

Aleixo — N'esse caso, não se sente. (*senta-se á secretaria e continua a ler*) «4 de Março: tomei um banho muito frio...»

João (*sentando-se junto d'ele*) — Senhor Aleixo; minha mulher... usa de saia bordada!

Aleixo — E' moda.

João — Levanta o vestido para mostrar a saia, e deixa ver o pé.

Aleixo — Se fossem os dois...

João — Pois supponha que são!

Aleixo — O caso torna-se mais aggravante!

João — Ora, o senhor não ignora quanto é capaz de causar o pé d'uma mulher!

Aleixo — Perdão; um pé, ou os dois pés?

João — E o senhor a dar-lhe! supponha que são os dois pés!

Aleixo — D'accordo. Adiante.

João — Minha mulher principiou a padecer de rheumatico.

Aleixo — Aonde?

João — Oh! senhor! que quisilia! no pé!

Aleixo — Perdão, n'um pé, ou nos dois pés?

João — Eu ainda não vi homem que mais se en-

gasgue com a questão dos pés ou do pé d'uma mulher! Supponha que são os dois pés!

Aleixo — E depois?

João — Receitaram-me os banhos das Caldas.

Aleixo — A quem?

João — Com effeito! Pois a quem havia de ser? Receitaram-m'os para minha mulher.

Aleixo — Perdão, para os pés de sua mulher?

João — Pelo amor de Deus... não fallemos mais em pés! Deixe os pés da minha mulher, e escute!

Aleixo — Queira continuar.

João — Banhos das Caldas. Partida para as Caldas, fiquei só, completamente só.

Aleixo — E' desagradavel. E depois?

João — Com a pedra no sapato andava eu! apenas só me vejo, corro, abro o guarda-vestidos, procuro, remexo, e... *tate* ha rato aqui!

Aleixo — Perdão, aonde?

João — Este — aqui — é lá no guarda-vestidos: e o rato...

Aleixo (*rindo*) — Ah! o rato...

João — O senhor ri-se de mim?!

Aleixo — Não... rio-me do rato.

João — Pois senhor, era o tal rato, um cofre de ebano contendo trinta e seis a cincoenta cartas d'amor, em que um tal Feliciano lhe fallava do *lindo pé*, e do effeito produzido pelo *lindo pé*... Oh! com um pé de cabra precisava elle!

Aleixo — Feliciano?!

João — Tal qual! que a tratava por tu, que lhe chamava *sua rosinha de toucar*, seu *pé de salsa!*...

Aleixo — Feliciano? mas talvez o senhor tivesse lido mal!...

João (*levantando-se*) — Senhor! Então eu não sei ler?

Aleixo — Não digo isso...

João — Então menti?!

Aleixo — Tambem não; queira escutar...

João — Sou algum bruto!... algum idiota!... Uma escripta que nunca mais me saiu da cabeça! uma lettra grande e grossa... que parecia bastardo de rapaz de escola!... (*vendo o caderno que Aleixo tem na mão*) Meu Deus!... parece-me que a estou vendo...

Aleixo — Onde?

João (*tirando-lhe o caderno*) — Dê-me licença... tal qual! E' a mesma!

Aleixo — A mesma?!

João — Tal qual! E' a lettra do tal Feliciano!

Aleixo — De Feliciano... será possivel?!

João — Não ha nada mais certo! O senhor conhece-o?

Aleixo — De vista... Ah! meu amigo... se soubesse!... Hade entregar-me as taes cartas, sim? Quero vêl-as ao menos; traga-m'as aqui...

João — Dentro de uma hora estarei de volta com ellas.

Aleixo — Dentro de uma hora... (*principia a dançar e a cantar*)

João — Que diabo tem elle?!... Será doido!!

Aleixo — Ah! meu caro senhor... não faz idéa do interesse que me causou a sua anecdota...

João — Interesse?! Então o senhor interessa-se em que minha mulher...

Aleixo — Se me interesso!... (*dançando e cantando*) Hade jantar hoje comigo... O senhor foi um anjo que me appareceu... Vá buscar as cartas... Vá buscar as cartas... Quer tomar um copo de vinho da Madeira?

João — Obrigado; não tenho sêde senão de vingança! Diga-me onde pára o tal Feliciano... quero partil-o em dois!

Aleixo — Ali o tem, meu amigo, ali o tem...

João — Ah! aquelle é o retrato d'elle?! (*arremettendo o retrato*) Estás em meu poder!

Aleixo (*detendo-o*) — Por em quanto nada de violencias!

João — Seductor! Seductor! Seductor!...

Aleixo — Mais alto, para a sua mulher ouvir...

João — E de mais a mais é casado?! Ah! tanto melhor! Hade pagar a divida na mesma moeda.

Aleixo — Na mesma moeda? Isso é mesquinho, é baixo... Não consinto! A vingança deve de ser grande!

João — Tem razão. Prefiro matal-o!

Aleixo — Justamente! (*áparte*) Hade incommodal-o menos.

João — Venha papel e penna; vou escrever-lhe para o provocar. Veremos se sae á espora.

SCENA X

JOÃO, ALEIXO, E D. LUCRECIA.

D. Lucrecia (*sáe do quarto da direita, muito commovida, e limpando o pranto*) — Acabo de contemplar a sua casaca... dei-lhe chá... depois tirei-lhe d'algibeira a caixa do rapé, meio grosso legitimo, e cheirei.. (*principia a espirrar*) Nunca me foi possivel acostumar-me ao meio grosso!

Aleixo — E' pena!

D. Lucrecia — Ah! é o senhor?...

Aleixo — Sinto perturbal-a nas suas saudosas reflexões; mas está ali um homem que deseja fallar-lhe a respeito do virtuoso senhor Feliciano que Deus haja!

D. Lucrecia — Um amigo de meu marido?!

Aleixo — Um amigo intimo!

D. Lucrecia — Mande entrar, mande entrar depressa!

Aleixo — Eil-o aqui. (*mostrando-lhe João*)

D. Lucrecia — Ah!...

Aleixo (*a João*) — E' a senhora D. Lucrecia dos Anjos.

D. LUCRECIA (*fazendo uma mesura*)—Uma sua criada. (*a Aleixo*) Queira deixar-nos um momento.

ALEIXO (*á parte*) —Isto hade ser muito bom: vou espreitar para rir... e evitar que o tal amigo se pague na mesma moeda! (*corteja e desapparece pelo fundo*)

SCENA XI

JOÃO, D. LUCRECIA, E ALEIXO occulto.

D. LUCRECIA —Então v. s.ª conheceu aquelle virtuoso homem? Foi seu amigo?

JOÃO —Amigo d'elle?! O seu marido, minha senhora, era um libertino!

D. LUCRECIA —O senhor Feliciano dos Anjos!

JOÃO —Engana-a! E' um seductor!

D. LUCRECIA —Oh! que calumnia terrivel!

JOÃO —Tenho em meu poder trinta e duas cartas escriptas pela sua propria mão... e para cumulo de immoralidade, dirigidas a minha mulher!...

D. LUCRECIA —E' impossivel! quero vêl-as. Onde estão?

JOÃO —Em minha casa! Vou buscal-as.

D. LUCRECIA —Repito que é impossivel!

JOÃO —Impossivel?! Verá! Até lhe chama por tu! chama-lhe o seu *pésinho de salsa!*

D. LUCRECIA (*despeitada*)—Que escuto! O nome que tambem me dava!? Deus meu... que não sei o que sinto., E' um golpe terrivel! (*caindo no sophá*) Ah!...

JOÃO —Desfallece... Oh! não ha duvida... é encantadora!... Se eu applicasse ao tal Feliciano a pena de Talião...

ALEIXO (*entreabrindo a porta e deitando a cabeça*) —Que significa este silencio!?

JOÃO —Está decidido, vou vingar-me! (*vae abraçar D. Lucrecia, mas suspende-se á voz de Aleixo, que vem correndo*)

Aleixo — Alto lá! alto lá... E' prohibido cada qual pagar-se por suas mãos!

João — Que tem o senhor com isso?... Metta-se lá com a sua vida!

Aleixo — Metto, sim senhor, e é por isso mesmo que não consinto! Vá-se embora... se não quer obrigar-me a algum extremo... E esta!?

Já lhe disse... rua! rua!
Cada um manda no que é seu!
Não lhe empeço que se vingue
Mas primeiro cá 'stou eu!

João.

Rua? rua? Vou puxando!
Já vou as provas buscar!
Mas primeiro da vingança
Um signal quero deixar! (*quer beijar D. Lucrecia, Aleixo evita; luctam e saem pelo fundo; a porta fecha-se com estrondo: D. Lucrecia desperta*).

SCENA XII

D. LUCRECIA, depois ROSA.

D. Lucrecia — Malvado!... E eu que andava com a sua memoria em panninhos quentes!... Chorando de noite e de dia!... Canalha!

N'esta vida é tudo engano!
Só cautela não faz mal!
O mais sincero é magano,
O mais fiel desleal! (*dirigindo-se ao retrato*)
Trahias-me sem consciencia
Ó velho tonto e venal,
E rias da minha innocencia
Lá com a tua bachanal?
Pois verás que sem clemencia
Heide pref'rir-te o rival! (*tocando o timbre*)

ROSA (*apparecendo*) — Minha senhora?

D. LUCRECIA (*indicando o retrato*) — Despendura-me d'ali aquillo.

ROSA (*áparte*) — Bravo! Ella já chama aquillo ao retrato!?

D. LUCRECIA (*enxugando os olhos*) — Malvados! hypocritas!... (*rindo*) Muito bem; acabo hoje o meu luto. (*sae pela esquerda*)

SCENA XIII

ROSA, E ALEIXO.

ROSA — Bonito! segundo a minha fraca opinião..., é nada menos do que uma *bernarda* á porta fechada! Este pobre marido que estava ha tanto tempo no prego... Ora não ha! Bem dizia eu que não havia de parar aqui muito tempo! Nada, isto foi coisa que o outro achou algum meio de lhe provar que um marido em vulto valia muito mais do que um marido pintado. Vamos, despenduremos o patrão. (*subindo a uma cadeira*)

ALEIXO (*entrando*) — Custou-me a livrar d'elle! (*vendo Rosa*) Ó Rosa, que fazes tu ahi?

ROSA — Vou apanhar o senhor Feliciano dos Anjos que já está maduro.

ALEIXO — Pois atreves-te...

ROSA — Não lhe dê cuidado; foi a senhora que mandou.

ALEIXO — Mandou!?... Ah! então... desce d'ahi... não queiras roubar-me similhante prazer! (*subindo á cadeira de que desceu Rosa*)

ROSA — Sim, senhor, é muito justo. Suba lá. Mais vale um gosto que quatro vintens!

ALEIXO — Já era tempo!... Irra!... está ferrado com unhas e dentes... Ah! eil-o emfim! Abaixo os Felicianos!...

Rosa — Acima os Aleixos!...

(Aleixo tira o painél e principia a correr com elle pela scena, imitando o som da trombeta. Rosa ri a bandeiras despregadas, até que elle atira com o quadro para um canto e cae estafado sobre o sophá.)

Aleixo — Victoria! Victoria! Victoria!

Rosa — Palavra que tenho medo que endoideça!

Aleixo (*levantando-se*) — Tambem eu! Ah! se tu soubesses, Rosa!... Estou prevendo um horisonte immenso de amor e de felicidade! Rosa, dá-me cá um abraço!

Rosa — Porque?! Tambem eu entro na conta?

Aleixo — Finge que não é nada comtigo... Oh!... sim... os abraços hãode ser assim... loucos... phreneticos... delirantes! (*abraçando-a*)

Rosa (*gritando*) — Ai!

SCENA XIV

OS MESMOS, E BRUTO com um jornal.

Bruto (*vendo Aleixo abraçar Rosa*) — Bonito! faz favor de não se incommodar...

Aleixo — Ah! (*vendo Bruto*) Julguei que era alguem!

Bruto — Não é ninguem, não senhor, sou eu que vou levar o jornal ao senhor Feliciano dos Anjos. Conservámos-lhe a assignatura d'esta folha tal qual...

Aleixo (*interrompendo-o*) — Não principies com as tuas brutalidades do costume...

Bruto — Sim, senhor, eu é que as tenho! O que eu vi ainda agora...

Rosa — Então que viu você?!...

Bruto (*arremedando-a*) — Então que viu você...

sôr... diga, diga... chame-me bruto á sua vontade, chame.

ROSA — Bruto á minha vontade!... se você soubesse qual ella era...

BRUTO — Faço idéa...

ALEIXO — *Chiton!* está tudo acabado!

BRUTO — Eu julguei que ainda agora principiava...

ALEIXO — O teu officio de *zelador*, meu amigo, está acabado! Sabe para teu governo que te ponho na rua!

ROSA — E' muito bem posto...

BRUTO — Sim? pois se a senhora soubesse... queriamos ver se você não era tambem muito bem posta...

ROSA — Olhe, senhor, não ouviu? foi procurar rodeio para me chamar *posta! Posta*, veja lá como falla, ouviu?

ALEIXO — Põe-te ao fresco.

BRUTO — Eu não recebo ordens senão do meu verdadeiro amo.

ALEIXO — Bem lembrado; é uma excellente labia para me ficares eternamente em casa! O teu amo acabou-se, gastou-se...

BRUTO — Gastou-se?

ALEIXO — Gastou, sim! gastei-o eu! Engoli-o... traguei-o!

BRUTO — Tragou-o?

ALEIXO — Era um farçola... Olha, se queres que te pague o mez por inteiro, conta-me alguma das suas.

BRUTO — Senhor, um Bruto não trahe seu amigo, morre por elle!

ALEIXO — Ah! sim? pois vae puxando! Rosa, leva este retrato para a agua furtada.

BRUTO — Para a agua furtada... Senhores, isto é nada menos do que uma profanação!

ALEIXO — Deixa ser. Vae arrumar o bahu, e põe-te ao fresco. Tenho dito!

BRUTO.

Ver assim, quem tal diria...
Seu retrato profanar!

ROSA.

E' bem feito! eu bem dizia
Que isto havia assim parar!

ALEIXO.

Hoje revive a alegria;
Vae esse gebo queimar!

BRUTO.

Mas, senhor, essas maldades...
Que hade a senhora dizer?!

ALEIXO.

Não digas brutalidades;
Que te importa o que disser?

Põe-te na rua,

BRUTO.

Não quero *prantar!*
A verdade nua,
Já vou contar! (*repete*)

(Rosa sae pelo fundo, Bruto pela direita, D. Lucrecia entra pela esquerda.)

SCENA XV

ALEIXO, E D. LUCRECIA vestida de côr de rosa.

ALEIXO — Respiro .. Consegui limpar alguma coisa a praça!

D. LUCRECIA — Ah... ah... ah!... não sei o que tenho.. Ha um quarto de hora que estou perdida de riso!... Naturalmente é nervoso!

ALEIXO — Bravo! vestida de côr de rosa... (*àparte*) Bom signal!

D. LUCRECIA.

Esta côr diz alegria
Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!...

ALEIXO.

Parabens! quem tal diria..

D. LUCRECIA.

Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!...

ALEIXO — Como é bonito ver rir uma mulher encantadora!... Ria-se, minha senhora... ria-se muito...

D. LUCRECIA — Riamos ambos!

(Riem muito.)

ALEIXO — Então está dito?

D. LUCRECIA — Dito está!

ALEIXO.

Que prazer, que alegria.

D. LUCRECIA.

Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

ALEIXO.

Parabens! quem tal diria!

D. LUCRECIA.

Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!
Sentemo-nos.

ALEIXO — Com muito gosto, senhora D. Lucrecia dos Anjos.

D. LUCRECIA — Lucrecia dos Anjos? Oh!

ALEIXO — Recordo magoas?

D. LUCRECIA — Não... Chegue-se mais. (*sentando-se*) Não ha que duvidar... o passo está dado.

ALEIXO — Creio que sim. (*recuando a cadeira*)

D. LUCRECIA — Não parece! Apenas nos conhecemos.

ALEIXO — Superficialmente.

D. LUCRECIA — Aleixo, tenho de lhe fazer confidencias.

ALEIXO — Escuto!

D. LUCRECIA — Jesus! seria preciso gritar...

ALEIXO — Aqui estou. (*aproximando a cadeira*)

D. LUCRECIA — Olhe... d'este lado, não; do outro...

ALEIXO — Obedeço: mas porque hade ser d'este lado? será possivel saber?

D. LUCRECIA — Era d'este lado que... que elle tambem escutava as minhas confidencias...

ALEIXO — Então, se me dá licença volto para a direita. (*passando rapidamente para a direita d'ella*) Ouço melhor d'este ouvido. Queira pois dizer.

D. LUCRECIA — Aleixo... é sentimental?

ALEIXO — Eu?... isto é .. com methodo e maneiras, bem entendido!

D. LUCRECIA — O seu coração faz versos?

ALEIXO — Versos, o meu coração? Ah! sim; sonho um viver que não é vida... sempre o mesmo... Não! não é isso! (*áparte*) Ia-me confundindo com Bernardim! (*alto*) Sonho... viver continuamente... continuamente viver... á roda d'um lago azul, á sombra d'uma mulher verde...

D. LUCRECIA — Uma mulher?..

ALEIXO — Perdão... equivoquei-me! os arrojos do coração teem d'isto! Eu queria dizer á sombra d'um bosque verde... e abraçar minha mulher... beijar meus filhos...

D. LUCRECIA — Como é pathetico! Ah!... combinamos perfeitamente! ainda agora reparo!

ALEIXO — E' exquisito..

D. LUCRECIA — E não hade enganar-me?

ALEIXO — Eu? juro-te que não!

D. LUCRECIA — Sou feliz!... (*olham-se por momentos e desatam a rir*) Que mulher que eu sou! quando amo... é assim, é com paixão! com .. furor!

ALEIXO — Approvo, gosto d'isso... sejamos furiosos.

D. LUCRECIA — Com furor!

ALEIXO — Com furor!

D. LUCRECIA (*desconsolada*) — Que furor tão frio.

ALEIXO — Acha? E' todo cá dentro. Eu ardo!

D. LUCRECIA — Arde?

ALEIXO — Ardo, sim, senhora D. Lucrecia dos Anjos!

D. LUCRECIA — Por me fazer chorar... não?

ALEIXO — Ah! desculpe... era costume...

D. LUCRECIA — Ninguem dirá que sou sua mulher!

ALEIXO — E porque não? Essa é boa! Se nos vissem... (*abraça-a*)

D. LUCRECIA — Hasde amar-me sempre?

ALEIXO — Sempre.

D. LUCRECIA — Prometles? E eu quero consagrarme á tua felicidade. Então, não dizes nada? Abraça-me!

ALEIXO — Mil vezes. (*abraça-a*) Estás satisfeita?

D. LUCRECIA — Eu? não; e tu?

ALEIXO — Eu...

D. LUCRECIA — Abraça-me.

ALEIXO (*áparte*) — Jesus! mal me deixa respirar. Vou fazer-lhe provimento d'abraços para todo o dia. (*abraça-a repetidas vezes*)

D. LUCRECIA — Agora, senta-te ao meu lado: dizme muitas coisas agradaveis... Quero que me digas varias coisas.

ALEIXO — Pois sim; que queres que te diga?

D. LUCRECIA — Que me tens muito amor.

ALEIXO — Isso entende-se.

D. LUCRECIA — Quero ouvir; quero que m'o digas.

ALEIXO — Está dito!

D. LUCRECIA — Mas tu não m'o disseste!

ALEIXO — Disse, está dito, amo-te muito.

D. LUCRECIA — Então abraça-me...

ALEIXO — (*áparte*) — Que tal está o da rabeca?! (*alto*) Pois sim, querida... minha querida, meu anjo... anjo meu! (*abraça-a*)

D. LUCRECIA — Anjo teu! Ah!...

ALEIXO — Que é?...

D. LUCRECIA — Vou desmaiar... sustém-me!

ALEIXO — Aqui, aqui n'este sophá... Desmaia aqui, minha querida, em quanto vou buscar um copo d'agua.

D. LUCRECIA — Não é preciso; volto a mim! Oh! repete-me... Espera, hasde repetir...

ALEIXO — O que?

D. LUCRECIA — Nada; hasde-me dar o teu retrato a oleo, com o codigo na mão, com moldura doirada... quero pôr-te n'aquelle prego.

ALEIXO — No prego? (*áparte*) Parece que tem a mania de pôr os maridos no prego! (*alto*) Prefiro ficar ahi em cima de qualquer mesa!

D. LUCRECIA — E as baratas?

ALEIXO — As baratas?

D. LUCRECIA — Por tres vezes roeram o nariz d'aquelle... Ai que lá ia lembrando-me d'elle... por amor de ti!

ALEIXO — Agradecido! hasde convir que foi por amor das baratas!

D. LUCRECIA — Não ha tal! se não teimasse...

ALEIXO — Em que?

D. LUCRECIA — Em não querer que o ponha no prego!

ALEIXO — Eu não teimo; digo que não quero, e não quero!

D. LUCRECIA — Hade querer!

ALEIXO — N'esse caso não consentirei que me retratem.

D. LUCRECIA — Ha artistas que sabem furtar retratos.

ALEIXO — Isso, minha senhora, não são artistas, são ladrões! e eu vou já escrever á familia pedindo-lhe que esconda o meu retrato que lá está!

D. LUCRECIA — Não vá, não vá; eu cedo.

ALEIXO — Está bom; não irei...

D. LUCRECIA — Então onde vae?

ALEIXO — Deixe-me passar... por quem é...

D. LUCRECIA — Hade dizer-me onde vae...

ALEIXO (*áparte*) — Estou n'um lago d'agua! (*alto*) Vou... vou vestir um paletot... vou a casa de um homem a quem tenho de fallar...

D. LUCRECIA — Hasde vir abraçar-me antes de sair.

ALEIXO — Venho, lá isso venho.

D. LUCRECIA — E quando voltares, sim?

ALEIXO — Tambem; descansa; antes e depois, depois e antes, a todas as horas, a todos os momentos... sempre! (*áparte*) — Oh! isto é de mais; enfastia... tira a vontade!

Se isto assim vae noite e dia,
Não sei que de mim será!
O excesso em tudo enfastia...
Tra, tra, tra, tra, lá, rá, lá!

D. LUCRECIA.

Esse tempo que eu perdia
E' preciso ganhar já!
Cesse o pranto, haja alegria...
Tra, tra, tra, tra, lá, rá, lá!

AMBOS.

Tra, tra, tra, tra, lá, rá lá!...

(Aleixo sae pela direita.)

SCENA XVI

D. LUCRECIA, E BRUTO.

D. Lucrecia — Mas não sei o que lhe acho... parece-me timido! qual!... que será?

Bruto (*entrando com um embrulho no lenço*) — Minha senhora... venho dizer-lhe adeus. Já lá vae aquelle... aquelle que acolá estava n'aquelle prego... e eu... eu... eu...

D. Lucrecia — Prohibo-lhe que me falle d'aquelle...

Bruto — D'aquelle?... Ah! d'aquelle...

D. Lucrecia — Sim! d'aquelle...

Bruto — Está dito... d'aquelle!...

D. Lucrecia — Pois se está dito, melhor!

Bruto — Fiquemos *n'aquelle.*

D. Lucrecia — D'aquella, cigano!

Bruto — Cigano!... (*chorando*)

D. Lucrecia — E já que tu eras o seu confidente, o seu espertalhão, o seu baboca... anda com a trouxa; vae puxando!

Bruto — Mas primeiro é preciso prevenir a senhora...

D. Lucrecia — Não quero ouvir!

Bruto — Que o senhor Aleixo... Adeus minha senhora!

D. Lucrecia — Espera, que dizes tu?

Bruto — Eu? digo-lhe adeus...

D. Lucrecia — Antes d'isso... que disseste?

Bruto — Disse... que ia prevenir a senhora...

D. Lucrecia — Tal qual! de que?

Bruto — De que me vou embora rebolindo... por ahi fora...

D. Lucrecia — Não!... tu disseste mais alguma coisa!

D. Lucrecia — Agora não.

Aleixo — Como assim?...

D. Lucrecia — Será possivel saber onde tenciona ir?

Aleixo — Nada mais facil: a casa do meu alfaiate.

D. Lucrecia — Já se vê; pretexto para sair... pois não hade sair!

Aleixo — Ora... preciso de ir encommendar-lhe fato de inverno... disse-lhe que lá ia ás tres horas...

D. Lucrecia (*tirando-lhe o chapeo que atira para o sophá*) — E eu digo-lhe que não hade ir!

Aleixo — Então... então... o meu chapeo novo!

D. Lucrecia — Ha muitos! e como o senhor ainda ha mais.

Aleixo — Chapeos? (*áparte*) Que tem ella?

D. Lucrecia — Se precisa fallar com o seu alfaiate, escreva-lhe, mande-o cá vir.

Aleixo — Que idéa! Um alfaiate já não vae a casa do freguez... senão para lhe pedir... E de mais, querida, ando tomando banhos, e de caminho vou á barca.

D. Lucrecia — Ah! tambem eu os ando tomando; temos tina e agua salgada em casa. (*tocando*)

Bruto — Minha senhora?

D. Lucrecia — Vá preparar o banho d'agua do mar para o senhor.

Aleixo (*áparte*) — Isto é de mais! (*alto*) Queria tambem passar pelo cabelleireiro...

D. Lucrecia — Pelo cabelleireiro?... (*tocando*)

Bruto — Minha senhora?

D. Lucrecia — Mande chamar o cabelleireiro para pentear o senhor.

Bruto (*áparte*) — Anda lá.. vae-te amanhando com essa cabelleira!... (*sae*)

Aleixo — Muito bem; agora mande-me prender pelo pé, se lhe parece...

D. Lucrecia — Não é necessario. Estarei sempre de olhos abertos... ao seu lado...

Aleixo — Tambem no banho?

D. Lucrecia — Advirto-lhe que não gracejo!

Aleixo — E' impossivel...

D. Lucrecia — Diga-me; desde que estamos casados não tem nada de que o accuse a consciencia?

Aleixo — Eu? quando ha apenas meia hora que nos casámos...

D. Lucrecia — E' capaz de jurar?

Aleixo — De certo!... juro!

D. Lucrecia — Oh! é realmente uma infamia!

Aleixo — Minha senhora, queira explicar-se!

D. Lucrecia — Tambem Feliciano dos Anjos jurava com o mesmo sangue frio!... tambem elle me abraçava assim, dando-me os nomes mais ternos que sabia!

Aleixo — Feliciano era um hypocrita!

D. Lucrecia — Nunca julguei que um marido fosse capaz de enganar sua mulher... tal era a minha innocencia! nem mesmo sabia o que era o ciume... tanto eu confiava no amor! Porém hoje... hoje... Oh! o senhor deu-me uma lição exemplar!

Aleixo (*áparte*) — Então que diabo fiz eu?

D. Lucrecia — Hoje não acredito já em ninguem; nem no senhor, nem n'elle... em ninguem!

Aleixo (*áparte*) — Será doida?

D. Lucrecia — Saiba pois que a contar de hoje, nunca mais o largarei! heide ser a sua verdadeira metade! seguil-o, observal-o, espial-o... Tem ahi a sua bolsa de dinheiro?

Aleixo (*áparte*) — E' doida, decididamente! passa por este modo de umas idéas a outras! (*alto*) Quer a minha bolsa de dinheiro?

D. Lucrecia — Se faz favor...

Aleixo — Pois não; eil-a. (*entrega-lh'a*)

D. Lucrecia — Muito bem, aqui tem... cinco tostões.

Aleixo — Cinco tostões? para que?

D. LUCRECIA — Dar-lhe-hei outro tanto todos os sabbados. Hoje é sabbado, não é?

ALEIXO (*rindo*) — Bravo... dá-me cinco tostões para bolos... Ora mande-me agora á escola com o cestinho da merenda no braço; mande, mande! E' o que falta.

D. LUCRECIA — Emquanto á chave da caixa, continuarei a guardal-a.

ALEIXO — Mas permitta-me advertir-lhe, minha senhora...

D. LUCRECIA — Escusa dizer coisa alguma! Sei tudo!

ALEIXO — Perdão, parece ignorar completamente certos deveres...

D. LUCRECIA — De me deixar enganar em todo o sentido, não? meu rico, isso foi tempo!

ALEIXO — Um marido é senhor de sua mulher... e...

D. LUCRECIA — Que quer dizer?

ALEIXO — Pode abraçal-a á sua vontade! (*fingindo que vae abraçal-a*)

D. LUCRECIA — Não me toque, senão...

ALEIXO (*áparte*) — Bravo... creio que vae aqui haver sôco!

SCENA XVIII

OS MESMOS, E ROSA.

ROSA — Está ali uma senhora que quer fallar ao senhor.

D. LUCRECIA — Uma senhora! Ah! já ellas o procuram... Vamos, diga quem é essa tal senhora que o procura, senhor Aleixo?

ALEIXO — Essa é melhor! se eu ainda não vi quem é!?

D. LUCRECIA — Ah! não queres dizer?

ALEIXO — Com a fortuna! pois eu adivinho?

D. Lucrecia — Não quer dizer quem seja?
Aleixo — Pois sim, digo... eu vou ver...
D. Lucrecia — Espere! Sou eu que quero recebel-a.
Aleixo — Receba...
D. Lucrecia (*áparte*) — Deixal-os sós... (*alto*) Rosa?
Rosa — Minha senhora?
D. Lucrecia — Mande entrar a tal senhora para o meu gabinete.

SCENA XIX

ALEIXO, depois ROSA.

Aleixo — Com trinta mil macacos! se isto assim vae... depressa me farto; porém que mau torto me viu que tudo assim torto me tem corrido?! Que diabrura fiz eu?... Ah! já sei! despendurei o Feliciano, calumniei-o, accordei a suspeita, exaltei o ciume, e eil-os agora comigo... é o que hade ser! Estou prompto!...
Rosa (*entrando apressada*) — Senhor? senhor?
Aleixo — Que ha de novo?
Rosa — Jesus! o que lá vae no *gabinete!*...
Aleixo — Falla; e a tal mulher, quem é? que quer?
Rosa — Chama-se... é a baroneza do Rio Secco.
Aleixo — A baroneza... A minha melhor cliente, com uma demanda infinita!...
Rosa — Pois sim... a senhora fel-a boa! se tivesse ouvido... até lhe chamou eu sei cá ..
Aleixo — *Eu sei cá!*...
Rosa — Isto digo eu de mim para mim; chamoulhe *mosquinha morta!*
Aleixo — Mosquinha morta, á baroneza que é viva como .. Ah! se eu lá não vou...
Rosa — Vá, que vae tudo pelo pó dó gato!

SCENA XX

OS MESMOS, E D. LUCRECIA.

D. Lucrecia (*áparte*) — Cá estavam juntos! se eu parecia adivinhar isto mesmo. (*alto*) Que dizia o senhor a esta rapariga?

Aleixo — Eu, nada!

D. Lucrecia — Sim! (*a Rosa*) Vae-te. (*Rosa sae*) Está muito agitado, senhor Aleixo, passeia tanto...

Aleixo — Agora, minha senhora, é preciso que me explique o seu comportamento com a baroneza de Rio Secco.

D. Lucrecia — Peguei-lhe pelo braço, e pul-a na rua!

Aleixo (*passeiando agitado*) — Póde limpar a mão á parede!

D. Lucrecia — E de hoje em diante quero receber todas as pessoas que vierem procural-o.

Aleixo — Se é para as tratar de similhante modo, perca d'ahi o sentido!

D. Lucrecia — Se eu tivera feito outro tanto com o tal senhor Feliciano dos Anjos...

Aleixo — Pelo amor de Deus, minha senhora, não me quebre mais a cabeça com esse homem! (*áparte*) É definitivamente necessario rehabilital-o e mudar de tactica. (*alto*) Minha querida, quero confessar-te uma coisa...

D. Lucrecia — Ah...

Aleixo — Enganei-te!

D. Lucrecia — Sim?!...

Aleixo — Confesso que tudo quanto disse a respeito d'elle, foi calumnia, gracejo... invenção.

D. Lucrecia — Com que fim?

Aleixo — Ora... para passar tempo. E tu acreditaste ao serio?...

D. Lucrecia — Se acreditei; ainda m'o pergunta!

ALEIXO — Tontinha! Maridos infieis é coisa que não ha; só no theatro é que vemos isso para realçar o enredo das peças... mas no mundo, nos usos da vida... (*rindo*) Qual historia!

D. LUCRECIA — Sim? e aquelle homem que me fallou de não sei quantas cartas...

ALEIXO (*rindo*) — Não adivinhaste quem era? um pobre barbeiro a quem prometti uma libra para representar aquelle papel.

D. LUCRECIA — Será possivel...

SCENA XXI

OS MESMOS, E JOÃO CESAR FERNANDES.

JOÃO — Prompto, prompto... vim a galope!

ALEIXO (*áparte*) — Não ter tropeçado e quebrado a cabeça!...

D. LUCRECIA (*áparte*) — Ah! é o tal barbeiro...

JOÃO (*tirando da algibeira um maço de cartas*) — Aqui trago as taes sugeitinhas.

ALEIXO (*áparte*) — Estamos servidos. (*alto*) Está bom... esta senhora já sabe tudo; o seu papel acabou-se.

JOÃO — Qual papel?

D. LUCRECIA — Dê-lhe a meia libra e mande-o embora.

JOÃO — *Meia libra.. e mande-o embora!?*

ALEIXO (*recebendo meia libra da mão de D. Lucrecia e querendo dál-a a João*) — Sim, sim... aqui tem o seu dinheiro, e passe muito bem.

JOÃO — Eu não careço do seu dinheiro, a minha fortuna não é ahi uma bagatella... tenho duas tendas, uma confeitaria... e faço descontos. Se não sabe a quem falla, fique sabendo: e se não quer encarregar-se de instaurar o meu processo, diga-o já sem mais rodeios, para meu governo!

ALEIXO — Muito bem... queira procurar outra pessoa...

JOÃO — A gente pelo fallar é que se entende! Saude.

D. LUCRECIA (*detendo-o*) — Um momento. Queira entregar-me essas cartas.

ALEIXO (*áparte*) — Estou perdido.

D. LUCRECIA — Não sei o que me adivinha o coração! (*examinando as cartas*) Ah! Deus meu!... estas expressões!... estas phrases!...

ALEIXO — O que?

D. LUCRECIA — Estas cartas... são as mesmas; as mesmas que elle me tinha escripto... e que eu tinha confiado aos cuidados de uma das minhas amigas chamada Rosalina.

JOÃO — Rosalina é o nome de minha mulher!

D. LUCRECIA — Tinham-me prohibido ler estas cartas, porque me faziam mal aos nervos, tanto eu me commovia ao lêl-as! foi por isso que as dei a guardar a Rosalina... Ah! Feliciano está innocente!.. Eu bem sabia que elle nunca me foi infiel!...

TODOS — Santo homem!

D. LUCRECIA (*para Aleixo*) — Calumniador!

JOÃO — Com a fortuna! E eu que escrevi a minha mulher uma verdadeira verrina conjugal!... Corramos ao fio electrico para reparar a offensa... Corramos! (*cortejando com pressa*) Minha senhora... Meu senhor.. (*sae*).

D. LUCRECIA — Ah! é preciso pôr immediatamente o retrato de Feliciano no seu logar.

ALEIXO — Não me opponho, minha senhora; ponhamol-o no prego quanto antes.

SCENA XXII

OS MESMOS, BRITO DA ROCHA com o retrato,
e depois ROSA.

BRUTO — Aqui está o innocente pedindo justiça.

ALEIXO — Que nobreza de cara! Não ha n'aquelle todo um gesto que não seja um caracteristico d'alguma virtude!

BRUTO — Tinha muitas!

ALEIXO (*dando um pontapé em Bruto*) — Bem se vê.

D. LUCRECIA — Ah! vou ler todas as suas cartas! (*a Aleixo*) Boa tarde.

ALEIXO — Boa tarde! Oh! permitta-me, por quem é, que a acompanhe. Offereço-me para fazer a leitura.

D. LUCRECIA — E' impossivel! Bem sabe que fiz um juramento!...

ALEIXO (*ápa te*) — Bonito, começa a historia do juramento. (*alto*) Pois bem, não fallaremos senão do senhor Feliciano dos Anjos, e das suas mil e uma virtudes.

D. LUCRECIA — Exclusivamente?

ALEIXO — Exclusivamente, *completamente!*

ROSA (*entrando*) — Senhor, o banho está prompto, e o cabelleireiro chegou agora.

ALEIXO — Sim? pois diz ao cabelleireiro que se metta no banho.

BRUTO (*a D. Lucrecia*) — Continúo a preparar-lhe todas as noites o *seu* copo d'agua com assucar?

D. LUCRECIA — Todas as noites, sem a menor differença...

ALEIXO — Excepto que sou eu que o devo tomar. (*ao publico*)

> Fiz uma promessa insensata,
> Que eu não sei se posso ou não,
> Junto d'ella, á concordata
> Subjeitar o coração!
>
> Mas no fim de nove mezes
> Venham cá que eu lhes direi
> Se apezar de taes revezes
> A promessa sustentei!...

Por ora não digam nada...
Só se querem applaudir
Do meu consorcio a farçada
Que não sei se vos fez rir!

Cae o panno.

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 600
Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 360
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400
O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr...... 160
A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.º fr...... 160

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.º fr........ 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr....... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.º fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço...... 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos.... 180

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço...... 240
Uma Victima, drama original em tres actos.... 160

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. —Preço 80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, drama em tres actos.... 160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr...... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 8.º francez, Preço.... 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. 200

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.º fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.... 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr........ 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr. 200
Memorias do Coração. Preço.... 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos.... 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço 240
O Marido no Prégo, comedia em um acto.... 160

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol 8.º fr. Preço.... 320

M. JOSE' DA ROCHA.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 360

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.º francez. Preço..... 1:800

J. M. ALMEIDA RIBEIRO.

Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço.... 100

MANUEL JOAQUIM BARRADAS.

Sermão do Santissimo Coração de Jesus. Preço.... 100

CASIMIRO ABREU.

Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço.... 100

F. A. MARQUES PEREIRA.

Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 8.º port. Preço.... 200

F. V. DA SILVA BARRADAS.

Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 200

J. MESQUITA DA ROSA.

Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.º port.

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço 360

L. PAULINO BORGES.

Ensaios poeticos. Preço 60

D. J. PONCE DE LEÃO.

O Mentor da mocidade 120

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240

O Pae prodigo, comedia em tres actos 200

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço....... 240

APRIGIO FAFES.

E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça.................................. 80

PADRE CLAUDIO AQUAVIVEI.

Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus... 80

JOSE' IGNACIO D'ARAUJO.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. 160

A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos...... 200

JOSE' DE TORRES.

Tudo no mundo é comedia ; comedia em tres actos....... 200

NO PRELO.

Trabalho e honra, comedia em tres actos.

O Homem das Cautellas, comedia em dois actos.

Já não ha tolos! ... comedia em um acto.

Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos.

A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos.

Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.

A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos.

Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos.

A Conquista das Amazonas, comedia-drama em dois actos.

Um Risco, comedia em dois actos.

Coração de Ferro, drama phantastico de grande espectaculo em cinco actos.

A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.

O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos.

O Colono, comedia-drama em tres actos.

Não despreses sem saber, comedia em um acto.

Gil Braz de Santilhana, comedía em tres actos.

Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em um acto.

A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.

Pedro Cem, comedia em cinco actos.

O Maestro Favilla, drama em tres actos.

Amor e Amizade, comedia em um acto.

Remechido o Guerrilheiro, ou os ultimos dez annos da sua vida, drama em quatro actos, e duas epocas, precedido de um prologo.

Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em quatro actos.

Os Brasões das cidades e villas de Portugal por I. de V. Barbosa.

(7)

A MASCARA SOCIAL

COMEDIA DRAMA EM TRES ACTOS

ORIGINAL

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1861.

OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 133.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837
Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000
Encadernada 27:000
Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600
Encadernados 13:600
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro v =Um folheto com dez gravuras 200

M. M. B. DU BOCAGE.

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. 4:320

F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO.

Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço....... 720

BARRETO FEIO.

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 2:880

LIMA LEITÃO.

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º 800
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º francez.................................. 1:200

REBELLO DA SILVA.

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2. vol. 8.º francez.................................. 960
A Mocidade de D. João v, comedia-drama em 5 actos....... 480
Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º francez. Preço.................................. 300

MENDES LEAL JUNIOR.

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr... 480
O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º francez.................. 300
A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º francez. Preço.................................. 400
Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço......... 400
A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º francez. Preço.................................. 480
Canticos, 1 vol. 8.º francez. Preço.................................. 720
Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço. 300

F. SOARES FRANCO.

Sermões, 1 vol. 8.º francez. Preço.................................. 480

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez. 400
Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio. 6:750

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr........ 720
Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço.... 600
Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos; 1 vol. 360
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400
O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr...... 160
A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.º fr...... 160

A. ABRANCHES.

Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.º fr..... 300

A MASCARA SOCIAL

COMEDIA DRAMA EM TRES ACTOS

ORIGINAL

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1861.

INTERLOCUTORES

O CONDE DE VILLA-NOVA DA SERRA, D. Carlos.
ANNIBAL DE SOUSA.
O DOUTOR CANDIDO DE ANDRADA.
ADELAIDE.
O BARÃO DE SOUZEL, Jorge Portalegre.
A BARONEZA DE SOUZEL, D. Luiza.
CARLOS MONTEIRO.
O CONDE DE SANTA BRIGIDA.
A CONDESSA DE SANTA BRIGIDA, D. Anna, beata.
ANDRÉ, o homem de negocio.
EZEQUIEL, o barbeiro.

Um cabo de policia, gente de baile, criados, e povo.

A acção tem logar na actualidade em Lisboa.

ACTO I.

> Plus jeune que la jeune aurore,
> Plus limpide que ce flot pur,
> Ton ame au bonheur vien d'éclore;
> Et jamais aucun souffle encore
> N'en a terni le vague azur.
>
> *La Martine. Meditações.*

(Salões de baile. Luzes e flores com profusão.)

SCENA I

(Ao levantar do panno as salas estão graciosamente cheias. Adelaide, sentada ao lado direito da baroneza de Souzel, que conversa com o conde de Santa Brigida, tem a vista fixa n'um ramalhete pequeno de camelias com que parece distrahir-se. O conde de Villa-nova da Serra, proximo d'ella, devora-a com um olhar apaixonado. No angulo esquerdo da scena um grupo de homens e entre elles Annibal de Sousa e Carlos Monteiro. A condessa de Santa Brigida está entre outras senhoras ao fundo da scena.)

CARLOS (*rindo*) — A beata condessa de Santa Brigida ainda não deixou de observar aquelle lado da sala.

ANNIBAL — Porque?

CARLOS — O conde de Santa Brigida parece empenhado em recordar á baroneza de Souzel o tempo em que era formosa. Não ha nada melhor, n'uma reunião

d'esta ordem, do que observar o que se passa. Vamos girar?

ANNIBAL — Não posso tirar-me d'aqui.

CARLOS — Ah! já sei o que te prende. Fazes a segunda á condessa de Santa Brigida.

ANNIBAL — Não reparas no olhar d'aquelle rapaz?

CARLOS — É um tolo que não sabe disfarçal-o.

ANNIBAL — E não estranhas o modo d'ella?

CARLOS — Sabe que a estão namorando, e finge que não: é natural. Espera... a condessa de Santa Brigida está-me fazendo signal de me aproximar.

ANNIBAL — Finge que não vês.

CARLOS — Ella manda-me salames tão bons!... *(aproxima-se da condessa e escuta-a um momento: depois aproxima-se do conde de Santa Brigida e diz-lhe)* V. ex.ª comprou, ha pouco, uma linda parelha de cavallos! Felicito-o pela feliz acquisição. A senhora condessa fez outra não menos feliz... um par de apostolos perfeitamente modelados! *(á baroneza de Souzel)* Como está v. ex.ª, baroneza?

(N'este momento ouve-se a orchestra nas salas interiores. Ha movimento na scena. Alguns cavalheiros tiram pares e saem pelo fundo.)

CONDE *(a Adelaide)* — V ex.ª faz-me a honra de dançar esta contradança?

ADELAIDE — Dá licença, minha mãe?

(A baroneza de Souzel faz um signal affirmativo. O conde offerece-lhe o braço, ella sorri-lhe com doçura).

ANNIBAL *(despeitado)* — Foi dançar com ella! *(sa pensativo)*

BARONEZA *(ao conde de Santa Brigida, dando-lhe o braço)* — Não a acha tão engraçada?

S. BRIGIDA — Convenho que é um anjo... como sua mãe.

BARONEZA (*em reprehensão*) — Conde!

(A condessa de Santa Brigida faz outro signal a Carlos Monteiro, que se aproxima.)

CONDESSA — Tire aquella mulher para par e vá dançar com ella.

(Carlos Monteiro aproxima-se outra vez do conde e da baroneza de Souzel que conversam a meia voz.)

S. BRIGIDA — Perdão, creio que desejam tiral-a para dançar.

CARLOS — Se v. ex.ª se dignasse...

(A baroneza de Souzel deixa o braço do conde e toma o de Carlos Monteiro, que sae com ella.)

CONDESSA (*indo ao encontro do conde de Santa Brigida*) — Vamos ver dançar, conde?

S. BRIGIDA — Já sei que comprou um par de apostolos... (*suspirando*) É com elles que hade salvar-se, condessa!

SCENA II

(Completamente deserta. O doutor Candido de Andrada entra, momentos depois pelo fundo, bocejando; e atira-se para um sophá.)

DOUTOR — Vamos, senhor conde, cá estou esperando que se farte... Qual historia! Quem, aos dezoito annos, se farta de flores e de mulheres? (*rindo*) Mulheres e flores! e dizemos estas duas palavras... como se não houvesse differença alguma entre uma flor e uma mulher!... Aos dezoito annos, uma é o synonymo da outra!

SCENA III

(O doutor sentado no sophá. O conde entrando pelo fundo, e beijando repetidas vezes um pequeno ramo de camelias.)

Conde — Que valsa aquella! tão depressa se fatigou... E estas mães que não deixam valsar as filhas até morrerem! E estas rosas?... todas suas! e tão chegadas as trazia ao seio que um beijo dado n'estas flores...

Doutor — Cuidado! não tenham por ahi alguma abelha que lhe morda...

Conde — Ah... o doutor...

Doutor — Tem gostado do baile?

Conde — Se tenho!... Vou dizer-lhe...

Doutor — Já sei. (*bocejando de somno*).

Conde — Já sabe?!...

Doutor — Admira-se? Um homem da minha edade é uma especie de lanterna magica, onde pode achar muitas illusões similhantes ás suas. Dê-se ao trabalho de me consultar.

Conde — Agora não, porque estes momentos...

Doutor — Cautela com elles, que podem custar-lhe annos de desgostos!

Conde — Oh! a fé que ligamos a coisas d'este genero é tão viva... que não consentiria, Deus...

Doutor (*interrompendo-o*) — Para que falla de Deus no centro d'um baile!? Para que invoca a verdade no meio de uma das mais notaveis mascaradas d'esta vida?! Crê, porventura, no que vê e no que ouve? (*com um sorriso ironico: batendo-lhe sobre a espadoa*) Amanhã hade esse lindo raminho de rosas, que tem na mão, estar sem côr, sem graça nem vida.

Conde — Que quer concluir?

Doutor — Pobre mocidade! Estas verdades destoamlhe como o som austero do bronze no domingo do caixeiro! A vida, a verdade, a ventura, estão aqui n'estas

noites perfumadas, tão cheias de flores, de musica, e de mulheres! O sonhar delicias, o esquecer trabalhos, deveres, conselhos, tudo, é aqui, na rapidez de uma valsa em que julgamos ingenuamente voar superiores ao mundo! Acredite, conde, que no centro de um baile os olhos não vêem, o coração não sente, e a cabeça não pensa! que o homem não é o homem; nem a mulher, esse ente excepcional que sonhamos ao entrar no mundo: a uns, domina-lhes a presumpção o espirito; a outros, afaga-lhes o coração a vaidade! (*dá-lhe o braço e passeia com elle pela scena, parando depois á porta do fundo*) Quer ver o avesso de todo este bello quadro? O capitalista reune todos os seus amigos e conhecidos, não para os obsequiar; mas sim para que estes lhe dêem o voto de confiança nas proximas eleições... Oh! quem é aquelle peralvilho que o está designando a outro?... E vem ter comnosco! (*vem para a scena*).

SCENA IV

O DOUTOR, O CONDE DE VILLA-NOVA DA SERRA, ANNIBAL DE SOUSA e CARLOS MONTEIRO.

CARLOS (*baixo a Annibal*) — Vi perfeitamente. Não foi ella que lh'o cedeu: foi elle que lh'o tirou.

ANNIBAL (*ao conde*) — Dá-me uma palavra?

CONDE — Com muito gosto. (*larga o braço do doutor e desvia-se com Annibal de Sousa para o angulo direito da scena*).

ANNIBAL — Venho encarregado de sollicitar que tenha a bondade de restituir esse ramo.

CONDE — Não sei a quem tenho a honra de fallar, e sinto dizer-lhe que a minha *bondade* não chega a tanto.

ANNIBAL — Senhor!

CARLOS — E' que este senhor não te conhece...

ANNIBAL — Chamo-me Annibal de Sousa, e sou... sou sobrinho do dono da casa.

CONDE — E' realmente um titulo honroso...

DOUTOR — E mais que sufficiente para lhe provar que o seu comportamento é pouco louvavel!

CARLOS — Não sei com que fim v. ex.ª vem intrometter-se n'uma questão particular do meu amigo...

DOUTOR — Ah!... são amigos?...

CARLOS — E não admitto que v. ex.ª duvide dos laços d'amizade que me ligam ao senhor Annibal de Sousa!

DOUTOR — Peço desculpa. A minha duvida era bem fundamentada. Sou assignante de quasi todas as folhas: e tendo lido, ha tempos, algumas diatribes escriptas pelo senhor Carlos Monteiro contra o senhor Annibal de Sousa, quando este senhor fez parte da commissão de... não me recordo de qual, julguei por isso...

ANNIBAL — O senhor Monteiro modificou as suas idéas.

CONDE — Bem: n'esse caso eu espero que v. ex.ª modifique tambem as suas a respeito da nossa questão.

DOUTOR (*áparte*) — Bem saccada! (*alto*) Sim.. por que o senhor conde presa muito as flores...

ANNIBAL — Bem se vê! e tanto, que se esquece de restituil-as... a quem estas pertencem.

CONDE — Rogo-lhe que retire a expressão!

DOUTOR — Será bom annuir... mesmo para fazer honra ás salas do seu tio.

ANNIBAL — Senhor commendador, v. ex.ª abusa da sua edade...

DOUTOR — Não admira quando v. s.ª não sabe respeital-a!

CONDE — Finalisemos, senhor Annibal de Sousa; moro na rua do Alecrim n.º 12; e se quizer dar-me a honra...

ANNIBAL — Não vale a pena! É questão que vae decidir-se já! (*sae com Carlos Monteiro, mas encontra na passagem o barão de Souzel dando o braço a Adelaide, e volta com elles á scena, fallando-lhes a meia voz*).

Conde (*ao doutor*) — Creio que meu pae, na minha edade, não teria respondido de outro modo áquelle fatuo?!

Doutor — Seu pae, na sua edade, fez muitas creancices e disse outras tantas.

SCENA V

O DOUTOR, O CONDE, ANNIBAL DE SOUSA, CARLOS MONTEIRO, O BARÃO DE SOUZEL e ADELAIDE.

Annibal (*depois de ter conversado com Adelaide um momento*) — Confessa que lhe deu o ramo? Logo, que figura fiz eu!? Agora é necessario insistir...

Barão — Decerto! Quem é elle?

Carlos — O conde de Villa-Nova da Serra: nullidade... uma creança...

Barão — Prohibo-te o conde! Finjamos que procuramos o teu ramo de camelias.

Adelaide — Meu pae...

Barão — Já disse!

Annibal (*do outro lado, a meia voz*) — Ingrata! o que me cumpria fazer... era retirar a minha palavra! E se não fossem algumas conveniencias de familia...

(N'este momento o conde vê Adelaide.)

Conde — Ella!...

Barão — O ramo hade apparecer... algum cavalheiro o apanhou, sem duvida, e espera saber de quem é para restituil-o. Ah! creio que o achámos.

Annibal — E' verdade, está nas mãos do senhor conde.

Doutor (*áparte*) — Estão comnosco.

Conde (*aproximando-se*) — Parece-me que ouvi fallar de mim...

Barão — V. ex.ª achou um ramo que pertence a minha filha, e que nós procuravamos.

Adelaide (*áparte*) — Meu Deus! que pensará elle de mim !?

Conde (*fixando Adelaide*) — Será este?

Annibal — Sem tirar nem pôr. Conheço-o perfeitamente! se fui eu que o fiz...

Conde — N'esse caso, minha senhora, estou prompto a restituil-o .. (*offerecendo-o*)

Adelaide (*largando o braço do barão: tremula, e sem levantar os olhos para o conde, examina, um momento, o ramo e devolve-lh'o, dizendo*) — Não é este.

Conde (*exultando*) — Ah!...

Annibal (*despeitado*) — Não é aquelle?!...

(Ha um momento de silencio em que Annibal de Sousa e o conde trocam alguns olhares expressivos. O barão de Souzel falla a meia voz com Adelaide que parece enxugar uma lagrima.)

Doutor (*tendo fixado o barão, aproxima-se de Carlos Monteiro e toca-lhe no braço*) — Desejava muito fallar-lhe.

(Toca-se, dentro, uma polka.)

Conde — Vae dançar-se... (*a Adelaide*) V. ex.ª concede-me esta polka?

Annibal — Perdão, eu tinha pedido primeiro!

Barão — E eu sou testemunha...

(Annibal offerece o braço a Adelaide e sae com ella, dizendo-lhe de passagem, a meia voz.)

Annibal — Hade explicar-me o seu comportamento. Quero ouvir como se desculpa...

Barão (*olhando por cima do hombro para o doutor que não deixou ainda de o contemplar com um sorriso ironico*) — Já vi aquelle homem!... Parece-me que

tambem não lhe sou estranho... mas aquelle sorriso ironico... Evitemol-o! (*sae*)

CONDE (*pensativo, olhando para o ramo que tem na mão*) — Sou amado! (*senta-se, ao fundo da scena*)

SCENA VI

O CONDE, sentado, O DOUTOR e MONTEIRO.

DOUTOR (*indicando a Carlos Monteiro, o barão de Souzel que vae entre portas*) — Sabe quem é aquelle homem?

CARLOS — Perfeitamente! (*sorrindo*) Uma das mais acreditadas firmas da nossa praça! O barão de Souzel.

DOUTOR — Tem propriedades?

CARLOS — Tem uma: saber ganhar dinheiro.

DOUTOR — E' d'elle que desejo fallar-lhe.

CARLOS — Estou ás suas ordens.

DOUTOR — V. s.ª é escriptor publico?

CARLOS — Sempre que se tratar de dar no governo!

DOUTOR — Historias, meu caro senhor, sempre que se tratar dos seus interesses.

CARLOS — Oh! v. ex.ª é d'uma franqueza tal... que é mais do que excentricidade!

DOUTOR — Pois se eu quero fallar-lhe a respeito dos seus interesses... Diga-me: que lhe parece a questão da moeda falsa, *para explorar*?

CARLOS — Está no espirito da epoca. Hoje tudo é fingido.

DOUTOR — Mas... permitta-me perguntar-lhe o que entende o senhor pela minha pergunta?

CARLOS — Ella foi, na verdade, tão simples que...

DOUTOR — Acredita que se faça moeda falsa?

CARLOS — Estamo-la nós fazendo, ha um quarto de hora, doutor. Conversando sem sabermos em que.

DOUTOR (*rindo*) — Gostei d'esse seu dito!

Carlos (*áparte*) — Apostara, sem receio de perder, que este homem tem vistas sobre mim.

Doutor — Olhe, a questão da moeda falsa é esta: ha homens, uns por que tiveram fortuna, outros por que trabalharam, que adquiriram, já pela inveja, já pelas circunstancias do seu modo de vida, inimigos acerrimos que tanto mais desceram em inimizade quanto em haveres subiram os primeiros. O espirito da liberdade da imprensa, mal interpretado por elles, abriu-lhes o campo do insulto gratuito e pessoal, da affronta publica e impune, do vituperio e de toda a casta de maledicencias que a raiva é susceptivel de vomitar! A abundancia do genero fel-o barato. O insulto tornou-se proverbial e o mundo principiou a encher-se então de *traficantes de escravos, moedeiros falsos*, e de toda a qualidade de falsarias, que andam, por ahi, *atirando lama*, *pisando e esmagando* a alguns centenares de *martyres* rotos e esfomeados; victimas infalliveis d'essa gente que não tem coração por que lhe attribuem dinheiro!

Carlos (*áparte*) — Este homem falla de um modo tal que não deixa conhecer o seu verdadeiro modo de pensar! e cada vez me convenço mais de que o seu fim é comprar-me!

Doutor — Se o homem enriqueceu, fez moeda falsa! Se vae ao poder, foi capacho, ou é tranquibernista: se se sustenta no poder, eil-o descomposto e injuriado, até em relação á sua vida privada, pelos jornaes da opposição! E ao cabo de tantas penas, martyr, considerado pelos seus amigos; monstro, pelos inimigos, o homem não passou de ser um excellente pae de familia, que ceou algumas vezes no Matta, e acabou perguntando, de manhã, no primeiro bocejo do somno, se já o tinham feito barão.

Carlos — Oh! v. ex.ª pensa de um modo inteiramente incompativel com o systema actual!

Doutor — Eu? ora essa! Vejamos: se eu quizesse dever a um jornal o obsequio de me chamar nomes?

Carlos (*áparte*) — Temos homem! (*alto*) Oh! v. ex.ª é de um espirito...

Doutor — Não acha que seria um meio de me tornar saliente? Em politica tudo são meios!

Carlos — Pois bem: divirja v. ex.ª das idéas da opposição...

Doutor — Vou com ella, meu caro senhor!

Carlos — Dê no governo, por exemplo.

Doutor — Eu! se tambem vou com o governo!...

Carlos — Senhor commendador... a sua politica é realmente...

Doutor — Furtacôres? Essencialmente furtacôres! Diabo... não haver quem me dê uma diatribe publica! Apenas se lembraram de me chamar, ha tempos, vendilhão de carne humana... *moedeiro falso*... e outras miserias! A coisas tão pequenas, julguei melhor não responder!... Sou millionario, na opinião da imprensa, quero dizer... tenho uma tal ou qual fortuna, que meu trabalho me custou! e Deus sabe...

Carlos — É verdade! Deus sabe de tantas coisas...

Doutor — Permitta-me que ponha á disposição de v. s.ª a minha casa na rua do Alecrim n.º 12.

Carlos — Sei perfeitamente onde é; e agradeço muito a v. ex.ª...

Doutor — Espero-o para almoçar, amanhã.

Carlos — Com muito gosto, senhor commendador!..

Doutor — Tinha vontade de organisar a empresa de um novo jornal politico.

Carlos (*áparte*) — Estou redactor em chefe!

Doutor (*áparte*) — Creio que lhe tenho inspirado confiança.

Carlos — A favor do governo?

Doutor — Achava talvez melhor... de quem mais garantias desse: está claro! Desejava muito dar no barão de Souzel...

Carlos — No barão?

Doutor — E em mais alguem: no capitalista que

tanto nos obsequeia esta noite. Sou inimigo d'elles; quero chamar a um moedeiro falso, e a outro, seu testa de ferro! E' natural.

CARLOS *(áparte)* — Misericordia! Corro a preveni-los.

DOUTOR — Tenho contra elles uma prevenção fatal! aquelles homens *fazem-me sombra!*

CALROS — Mas senhor... o barão é governo *pur sang!*

DOUTOR — A politica d'elle é mascara!

CARLOS — Mas, repito que o barão...

DOUTOR — Salvo se viesse a um accordo.

CARLOS — Qual?

DOUTOR — Elle que o procure, por que... *(dá-lhe o braço e continua a conversar com elle passando insensivelmente para as outras salas.)*

CONDE *(como saindo de um sonho, suspirando e beijando o ramo de camelias)* Mais pura que a aurora! mais innocente que estas flores!... Oh! como eu a amo! *(recae no mesmo lethargo, na mesma atonia, ficando quasi escondido pelas almofadas do sophá).*

SCENA VII

O CONDE, no sophá, ADELAIDE, pelo braço de ANNIBAL DE SOUSA.

ANNIBAL — Achamos, finalmente, uma sala deserta. Queira dizer-me o que devo colligir do seu procedimento?

ADELAIDE — Nada...

ANNIBAL — Essa resposta equivale a ter-me em conta de... parvo! Não posso, com franqueza, admittir que, depois do que está tratado entre as nossas familias, desconsidere, por similhante modo, aquelle que hade ser seu marido!

ADELAIDE — Senhor Annibal de Sousa, que o senhor

queira tomar-me conta restricta do tempo que me pertence ainda, é de uma *sofreguidão* que me assusta!

ANNIBAL — E' que você, estando-me promettida, se comporte assim, é de uma certa excentricidade que não deixa de me assustar menos!...

ADELAIDE — E' que a alegria traz o susto: isso é lisonjeiro! Diga-me, porém, senhor Annibal, a idéa que faz de mim.

ANNIBAL — Oh! é realmente uma boa pergunta!

ADELAIDE — Muito razoavel.

ANNIBAL — Sim, quando se deseja ouvir elogios...

ADELAIDE — Estou certa de que você hade ser franco bastante para me poupar ao ridiculo de ouvir o meu proprio elogio.

ANNIBAL — Não, pelo contrario .. nunca seria tão franco...

ADELAIDE — Porque?

ANNIBAL — Por que, algumas franquezas ha que destoam completamente no centro de certas conveniencias..

ADELAIDE — Ah... ainda bem que se lembrou d'isso!

ANNIBAL — Porque? cabe-me perguntar agora.

ADELAIDE — Por isso mesmo. Deixemos pois as primeiras, conservemos as segundas. E' um segredo de viver bem: não lhe parece?

ANNIBAL — Mas isto não deve ficar assim! Viver bem por similhante preço... Oh! quando se trata do nosso futuro, não se representa comedia alguma! convem, pelo contrario, que tiremos a mascara, que nos dispamos das illusões, e que nos apresentemos como realmente somos. Não quero ver o seu coração atravez do sorriso estudado das conveniencias: pretendo observal-o debaixo do seu verdadeiro ponto de vista, das suas verdadeiras commoções! Sei que ama o conde de Villanova da Serra...

CONDE (*que tem escutado parte do dialogo, diz áparte*) — Que escuto! (*levanta-se e vem para a scena*).

ADELAIDE — E quando assim fosse?. .

CONDE (*transportado de alegria*) — Oh! tornar-me-hia então bem feliz!...

ADELAIDE — Ah...

ANNIBAL (*áparte*) — Elle aqui! (*alto, despeitado*) Não lhe sabia da prenda, senhor conde, de escutar ás portas!

CONDE — E' a inveja que o faz fallar.

ANNIBAL (*com um riso contrafeito*) — Inveja? de que tenho eu, porventura, de a nutrir? Pelo contrario... Vou, de bom grado, ceder-lhe o terreno, por que as flores que por elle semearem agora, serão, sem muito esperar, abrolhos que hãode vingar-me! (*sae pelo fundo*).

CONDE (*pegando na mão de Adelaide*) — Oh! diga-me... diga-me o seu nome...

SCENA VIII

ADELAIDE, E O CONDE.

ADELAIDE (*perturbada*) — Conde...

CONDE — Eu estava ali, n'aquelle sophá, entregue aos doces pensamentos que a sua imagem me inspirava: sem outro querer nem outra esperança senão este lindo ramalhete de rosas, cada uma das quaes parecia repetir-me, ainda, aquellas palavras meigas, aquelle sorriso encantador que tive a honra de merecer-lhe na nossa primeira valsa! Estava para ali... entre a esperança e a incerteza, mais morto por uma que animado pela outra... E accordar d'essa altonia ouvindo justificar as minhas idéas... os meus pensamentos, as minhas esperanças; destruir a duvida, e firmar o imperio dos meus sentimentos... Oh! foi um accordar esse tão cheio, tão rico d'enlevos!... foi como se me tivera adormecido n'uma noite tormentosa, para despertar no seio de uma aurora perfumada, cheia de luz, de vida e de harmonias! Oh! diga-me... diga-me o seu nome!

ADELAIDE — Feliz de mim se, na verdade, não hou-

vera, n'essa aurora que idealisou, nuvens sombrias...

CONDE — Não!... não ha nem uma! E que as houvesse... ponho tanta fé n'este amor, que em vão taes nuvens viriam assombral-o! O soffrimento, querida, é o vidro de augmentar, pelo qual vemos muitas vezes engrandecer a idéa da nossa felicidade futura.

ADELAIDE — Se nos não exhaure as forças a cadêa dos males; nem rouba a energia, a desesperança d'essa felicidade! Entretanto, qualquer que sejam os males a que esta commoção nos conduza... asseguro-lhe que não tem outra mais intima o coração de Adelaide.

CONDE (*beijando-lhe rapidamente a mão que ella lhe abandona*) — Adelaide!

SCENA IX

ADELAIDE, O CONDE DE VILLA-NOVA DA SERRA, e a BARONEZA DE SOUZEL.

BARONEZA (*apressada e disfarçando n'um sorriso amavel certa prevenção contra o conde*) — Minha filha...

ADELAIDE (*com um sorriso angelico, lançando um olhar de despedida ao conde*) — Ah! minha mãe...

CONDE — Minha senhora!

BARONEZA (*á filha*) — Não te via no baile... assustou-me a tua ausencia! Julguei que estivesses incommodada! tinhas valsado tanto...

CONDE — A culpa é minha, de a ter alguns momentos roubado ás ternas vistas de v. ex.ª; mas, podia eu, porventura, cuidar de similhante culpa quando o meu pensamento estava completamente dominado...

BARONEZA — Senhor conde, os sentimentos que porfiam contra a felicidade real de quem os inspira... são egoistas! (*áparte, apertando a mão de Adelaide*) Oh! minha filha! Vamos. (*sae com Adelaide que se deixa conduzir abstractamente sem olhar para o conde*).

CONDE — Por que motivo, na sociedade, tudo pa-

rece, de ordinario, conspirar-se contra o sentimento mais perfeito que Deus poz no nosso coração?! Oh! meu pobre coração... mal de ti! (*sae pensativo seguindo a baroneza e Adelaide*).

SCENA X

O BARÃO DE SOUZEL, pelo braço de CARLOS MONTEIRO, conversando, entra por uma porta lateral.

CARLOS — E' como lhe digo, barão; agora mesmo deixei o homem, que me deu uma massada soffrivel! Acho que deve tomar algumas medidas de prevenção.

BARÃO — E que genero de medidas devo eu tomar?

CARLOS — Entenda-se com elle. E', pelo menos, o que eu faria no seu caso. O homem tem influencia... dispõe de fundos...

BARÃO — Entendo! Capazes de voltarem do avesso as convicções de todos quanto por ahi...

CARLOS — Perdão; fallemos com seriedade. V. ex.ª bem sabe que se estou na opposição é por simples convenção com v. ex.ª, para dar importancia ás suas idéas, batendo-as e censurando-as de certo modo...

BARÃO — Basta! isso não vem ao caso...

CARLOS — Pelo contrario: e no momento em que v. ex.ª se tornar *ridiculo*, passo-me para o governo. Isto é, perdem as idéas de v. ex.ª o contraste que achavam na minha critica...

BARÃO — Tornar-me ridiculo, eu!? O senhor emprega taes expressões!... Tornar-me ridiculo... por que?!

CARLOS — Por que o doutor é inimigo de v. ex.ª. Tem uma intelligencia superior... e não tolera quem lhe faz sombra nem na politica nem no commercio!

BARÃO — Então eu faço-lhe sombra?! (*meditando*) Está bem certo...

CARLOS — Certissimo!

BARÃO (*á parte*) — Isto salta aos olhos! (*alto*) E elle fallou-lhe de mim, directamente?

Carlos — E com tanta propriedade que...

Barão — Concluiu que me conhece?!

Carlos — Como eu conheço os meus artigos de fundo.

Barão — Tomara que assim fosse! era certo que não me conhecia muito bem; por que o senhor hade confessar, que não sabe, muitas vezes, o que os seus artigos querem dizer!

Carlos — Convenho, quando o assumpto é v. ex.ª a sua politica e o seu commercio a sua economia politica, e a de muitos mais...

Barão (*áparte*) — Comprehendo! O homem está, entre mim e o doutor, tratando de ver para qual dos lados hade armar o pulo! (*alto*) O doutor é governo ou opposição?

Carlos — E' como v. ex.ª

Barão — Não entendo. Ha dias que não me falla senão por enigmas... e charadas!

Carlos — Divirto-me a fazer charadas, e em breve lhe darei o conceito d'ellas. Quando os homens da politica e do commercio são como v. ex.ª, a missão do escriptor torna-se em dever de charaista... fallar em alhos para dar a entender que se refere a bugalhos! Barão... vou tomar um sorvete.

(Os criados atravessam as salas do fundo com bandejas de sorvete.)

Barão (*áparte*) — Se me falta a penna d'este homem, quem mais se occupará das minhas idéas! (*alto*) Senhor Monteiro, espero-o ámanhã para almoçar.

Carlos — Amanhã sou do doutor.

Barão — Então... para jantar...

Carlos — Talvez: mas se o doutor instar...

Barão (*áparte*) — Que desgraça! se a litteratura deixar de ter fome!...

(N'este momento um dos criados que faziam o serviço nas outras salas entra em scena com uma bandeja com refrescos, Carlos Monteiro offerece ao barão um sorvete.)

CARLOS — Um sorvete, barão.

BARÃO (*acceitando, áparte*) — Bem preciso d'elle!

SCENA XI

O BARÃO DE SOUZEL, CARLOS MONTEIRO, ANNIBAL DE SOUSA, depois O DOUTOR CANDIDO DE ANDRADA.

ANNIBAL (*como procurando alguem*) — Ah! procurava-te, Monteiro.

CARLOS — Que bellos sorvetes que nos offerece o teu bom tio!

ANNIBAL — Que te parece, terá vótos?...

CARLOS — E á deitar fora, se tiver ceia!

ANNIBAL (*dando-lhe o braço*) — Ouve cá. (*falla-lhe a meia voz*) Estou desesperado! Adelaide zomba de mim! Quero vingar-me!

CARLOS — De que modo?

ANNIBAL — Com escandalo... um escandalo publico! Não hade ser á vingança traiçoeira que se arrasta nas sombras para ferir pelas costas... Hade ser a vingança esplendida e risonha, no meio d'estas luzes, d'estas flores, d'esta gente perfumada e vaidosa que já se ri de mim!...

CARLOS — Tu ainda não tomaste sorvete?

BARÃO (*áparte, observando-os desconfiado*) — O que dirão aquelles dois? Um tolo e um tratante... não podem tratar de coisa boa! Fallemos-lhe. (*alto, approximando-se-lhes*) Então, relativamente ao que diziamos, senhor Monteiro... Ah! perdão, não reparei que estavam conferenciando!

ANNIBAL (*a Carlos Monteiro*) — Vem; vem comigo.

(Voltam as costas ao barão e saem pelo fundo. O doutor Candido de Andrada apparece a uma das portas, põe a luneta e fixa o barão com um sorriso ironico, e provocante.)

BARÃO (*vendo o doutor*) — Ora, este homem com

o seu sorriso invariavel e a sua luneta constante!... E' fatalidade!

DOUTOR (*depois de ter observado miudamente o barão*) — Cuido que tenho o gosto de tornar a ver o senhor... ó senhor?... Ah! o senhor Jorge Portalegre!

BARÃO — Perdão... Creio que v. ex.ª...

DOUTOR — Oh! perdão... perdão... estou certo de que...

BARÃO — Mas... desculpe... eu é que...

(Com repetidas cortezias de parte a parte: notando-se ridicularia, estudada, no doutor, e muito embaraço no barão.)

DOUTOR — Oh! v. ex.ª é cruel na sua teima...

BARÃO — Menos de que v. ex.ª na sua delicadeza...

DOUTOR — Vamos, sejamos rapazes: bem vê que o estou reconhecendo...

BARÃO — Então quem é v. ex.ª? (*fingindo*).

DOUTOR (*rindo*) — Quem sou?... Pois não se recorda d'aquelle philosopho por excellencia... o grande ratão do tempo de D. Luiza... e dos amores do Visconde de Villa-nova da Serra... que Deus tenha?

BARÃO — Ah!... sim... o doutor Candido de Andrada...

DOUTOR (*com malicia*) — Justamente!...

BARÃO — Quem tal diria!... (*áparte*) Estou servido... com *becca para o Porto!...* (*alto*) Pois, doutor...

DOUTOR — Folgo, realmente, de o ver tão bem disposto... enxertado em fidalgo!... Tendencias! tendencias!... Faz-me lembrar a historia do corvo que pedira a Juno a plumagem do pavão.

BARÃO (*com um riso amarello*) — Sempre o mesmo espirito!...

DOUTOR — Nunca tive mais do que v. ex.ª! (*áparte*) Elle quer convencer-se de que faço espirito!... mas vou desilludil-o. (*alto*) Como conseguiu escapar do li-

moeiro, senhor Portalegre, e metamorphosear-se por este modo ?!

Barão (*encordoado*) — Sejamos francos, doutor: não é sem má intenção que v. ex.ª está referindo-se ao que já lá vae, ha dezoito, ou dezenove annos! A vida tem accidentes que mudam a face das coisas, e o espirito dos homens...

Doutor — Excepto o seu, creio eu!

Barão — V. ex.ª foi sempre meu inimigo...

Doutor — Nunca me cansei n'isso.

Barão (*continuando e fallando rapido*) — E agora mais do que nunca, por que julga, e não julga bem, que eu, já pelo systema das minhas idéas politicas, já pela força e pelo genero das minhas transacções commerciaes, posso de algum modo fazer-lhe sombra... causar-lhe prejuizo... Oh! sejamos francos! sejamos francos!...

(N'este momento o conde de Villa-nova da Serra apparece ao fundo da scena, preoccupado, beijando o seu ramo de rosas, e atira-se para um sophá sem prestar attenção ao que se diz.)

SCENA XII

O barão de Souzel e o doutor Candido de Andrada, á bocca da scena; o conde sentado n'um sophá, ao fundo.

Doutor — V. ex.ª fallou-me no *systema das suas idéas politicas*, e na *força e genero das suas transacções commerciaes*: accrescentando que — julgava que me fazia sombra —

Barão — Perdão: *que v. ex.ª julgava que eu lhe fazia sombra.*

Doutor (*com mysterio e muita importancia*) — Logo confessa...

Barão (*duvidoso*) — Confesso o que?!

Doutor — Mau: se não houver franqueza, vejo que não nos podemos entender!

Barão — Sejamos pois muito francos. *(approximando-se do doutor, e fallando-lhe com mysterio)* O negocio está de tal modo ameaçado, que não tarda que me retire. O Brazil parece que abriu os olhos!

Doutor — Não ha muito tempo, dois honradissimos agentes que partiram d'aqui para o Maranhão...

Barão — Por esse lado vamos bem! isso sempre hade ser *maranhão!* Lá é que é a força...

Doutor — Emquanto lhe não tiram a cedilha a despeito dos nossos consules.

Barão — O consul é meu.

Doutor — Eu tenho uma facilidade incrivel em fazer despachar barris de manteiga no Pará.

Barão — Ah! v. ex.ª é Pará?...

Doutor — E' preciso acabar a força no Maranhão para a augmentar no Pará, onde, como lhe disse, tenho uma extrema facilidade...

Barão — Sim... os barris de manteiga. Percebo.

Doutor — E ha falta de manteiga no Pará!

Barão — Nós pozemos o Maranhão a nadar n'ella!

Doutor — Perdão, deixe-me observar se estamos cobertos...

Barão — Ah! aqui não chove, doutor.

(Dão as mãos, a estas palavras, e parecem fraternisar. O doutor dá uma volta pela scena, vê o conde, toca-lhe no hombro, e faz-lhe um gesto, como querendo dizer-lhe «escute o que se disser» Emquanto se effectua o jogo de scena acima dito, o barão fica pensativo, batendo com os dedos da mão direita entre as cavidades das juntas dos da mão esquerda.)

Barão *(áparte)* — O homem quer comprar... manteiga para o Pará.

Doutor — Já eramos observados; convem que continuemos, mudando de assumpto.

Barão — Mas não vejo ninguem!...

DOUTOR — Tanto melhor: conversaremos então um pouco da sua vida, senhor Portalegre. Diga-me, como depois de ter sido desbaratada a casa de jogo da D. Luiza, conseguiu entabolar os seus negocios. . .

BARÃO — Vicissitudes da vida. Emquanto estive no Brazil. . .

DOUTOR — Ah! esteve lá?. . .

BARÃO — Com o negocio da manteiga, doutor.

DOUTOR — Ah. . . Continue.

BARÃO — Emquanto por lá estive, D. Luiza caiu em desgraça. Depois, quando voltei, estava melhorsinha; mas tinha uma filha.

DOUTOR (*rindo*) — Já era tempo!

BARÃO — A apparição da menina parece que mudou inteiramente o caracter d'aquella mulher, que, entre nós, sempre teve bons extinctos!

DOUTOR — Entendo. Magdalena arrependeu-se.

BARÃO — Eis o caso. D Luiza estremeceu ao accordar do seu passado, em presença da filha. A idéa de córar, um dia, na presença d'essa filha innocente e pura, ella que de tanto devia córar quanto de mais se recordasse. . . Esta idéa vexou-a, e fel-a procurar, no abrigo do verdadeiro amor materno, a uncção para o seu coração quasi defunto! E o coração reviveu-lhe ás primeiras commoções d'esse amor!. . . Mas, faltava o pae da menina. . .

DOUTOR — E v. ex.ª remediou similhante falta?

BARÃO — Por fé!

DOUTOR — E' sempre a fé o que salva!

BARÃO — E hoje, D. Luiza é baroneza de Souzel; e Adelaide, minha filha.

CONDE (*áparte*) — Que escuto!?

DOUTOR — E. . . emquanto ao titulo?. . .

BARÃO — Fiz donativos piedosos.

DOUTOR (*com certo despreso que apenas disfarça*) — Donativos piedosos! Oh! quando taes donativos são, na verdade, feitos do coração, fica-se, como eu, na classe

obscura; por que não se manda inscrever o nome em seguimento á cifra!

Barão (*espantado pelo gesto do doutor*) — Essa é boa, ó senhor doutor, e essa commenda?...

Doutor — Devo-a ao zelo com que professei a sciencia, á justiça do rei, ao estudo e ao trabalho!

Barão — Ora, que o doutor sempre hade ser exotico!

(Sente-se algum rumor na sala do fundo. Apparece um criado que procura o barão.)

Criado — Senhor barão!... a senhora baroneza roga a v. ex.ª o obsequio de lá chegar...

Barão — Com licença, doutor. (*sae*)

SCENA XIII

O DOUTOR CANDIDO DE ANDRADA E O CONDE DE VILLA NOVA DA SERRA.

(NB. durante esta scena ha grande movimento nas salas do fundo. O ruido e o vozear augmentam gradualmente até ao fim do acto.

Doutor (*ao conde, que vem para a scena*) — Consegui arrancar a mascara social do rosto d'aquelle homem: fiz um grande serviço á nossa amizade, conde!

Conde — Oh! doutor... a sua amizade mata-me!

Doutor — Não seja insensato, conde; não julgue pelas apparencias, que era um proverbio de sua boa mãe. Mergulhe, por assim dizer, o pensamento no coração do amigo, antes de condemnar as affeições. Ouviu tudo que dissemos?...

Conde — Ouvi tudo!

Doutor — Logo, sabe que o pae de Adelaide era ainda hontem, pode-se dizer, um vadio, um jogador de má fé: e que hoje... Que sua mãe, de um proceder

publicamente irregular, especula com os seus attractivos, vendendo, quasi que em mercado, o coração! Que finalmente, Adelaide...

CONDE (*com impeto e nobre resentimento*) — Perdão, doutor, nem uma palavra de Adelaide!

DOUTOR — Arranquei, como lhe disse, a seus olhos, a mascara social d'aquella gente! Considere agora se a acha digna da sua alliança. E muito mais que a filha hade seguir o exemplo da mãe...

CONDE — A innocencia, a virtude, e a belleza, em qualquer logar que appareçam são dignas, sempre, dos sentimentos que inspiram a um coração verdadeiro e nobre! A rosa que nasce entre abrolhos não é menos pura nem menos digna que a do jardim cultivado! E a todas as razões que o doutor me apresentasse agora... contra Adelaide, responder-lhe-hia apenas que a amo!

DOUTOR — A despeito dos meus conselhos, do seu nome e da memoria de seus paes?

CONDE — Sim! de tudo!

DOUTOR — Ainda mesmo que eu lhe revelasse que a baroneza de Souzel foi, outr'ora, amante de seu pae?

CONDE — Oh! que diz, doutor?... quer dar-me a entender que Adelaide... é minha irmã?!

DOUTOR — Não: mas que, se os desgostos matam, um dos que matou sua mãe, conde, foi preparado pela baroneza!

CONDE — Oh! cale-se .. não desmascare mais esta sociedade, a meus olhos! Deixe-me vêl-a pelas minhas illusões! O que é a vida sem ellas?!

(O ruido que tem augmentado interrompe o dialogo.)

SCENA XIV

(O CONDE E O DOUTOR. Toda a gente entrando pelo fundo: as mulheres, despeitadas; e os homens rindo e murmurando. Um momento depois, A BARONEZA DE SOUZEL E ADELAIDE. Algumas d'estas pessoas que apparecem, homens e mulheres, veem promptos para sair e saem effectivamente pelas portas lateraes rindo com escandalo.)

Carlos — Com que brevidade se derramou a noticia! Mas que fizeste, Annibal de Sousa? matas aquella mulher! Um escandalo d'estes...

Annibal — Desmascarei-a, contei a sua chronica... vinguei-me d'ella e da filha! Oh! eu tinha promettido a Adelaide abrolhos, pelas rosas que dava ao conde; cumpri a minha promessa!

Conde (*áparte*) — Que escuto!?

Annibal (*a algumas pesso:s*) — Minhas senhoras, meus tios pedem-lhes desculpa. Nós ignoravamos completamente os precedentes d'aquella senhora .. Espero-a para a conduzir ao seu trem.

(N'este momento apparecem a baroneza e Adelaide. A primeira lançando um olhar altivo sobre a turba como o instincto da fera já ferida que pretende defender a cria: a segunda, pallida e tremula, olhando assustada, sem comprehender a situação, e refugiando-se nos braços da mãe.)

Doutor (*a meia voz ao conde*) — Desmascararam-na!

Conde — Oh! eu evitarei similhante escandalo...

Adelaide — Minha mãe... que é isto? que mal fizemos a esta gente para se rir assim de nós?

Conde — Deixe-me o braço, doutor! cumpre-me defendel-a!

Doutor — Deixe-se d'isso, conde, que não faria mais do que ir cobrir-se de ridiculo! Bella entrada no mundo!...

Conde — O mundo! pois não vê o que é este mundo, doutor, no procedimento insensato d'essa gente que esmaga a virtude com o crime, e não sabe perdoar ao crime pelo amor da virtude?! Oh! deixe-me, quero defendel-a...

Doutor — Defendel-a?... e com que razões...

Conde — N'um caso d'estes, quando faltam razões, sobra o coração!

Doutor (*ao escapar-se-lhe o conde*) — Imprudente!

A humanidade seria muito mais feliz se não tivesse coração!

(O conde animado pelo seu nobre impulso, consegue romper pela turba e chegar ate á baroneza de Sousel e Adelaide. Collocando-se então ao lado d'esta, no centro da scena, domina com um olhar energico a sociedade e exclama.)

CONDE — Para traz! Para traz, meus senhores e senhoras! que não se esmaga, d'este modo, o coração de uma mãe aos olhos de sua filha! (*um silencio profundo succede ao rumor que havia nas salas. O conde continua com a voz pausada e firme*) Olhae! escutae, todos! Aquelle, de entre vós, que tiver, conscienciosamente, um coração sem mancha, desfolhe este ramo de rosas virgens!

(Lança o seu ramo de rosas no centro da turba que murmura, impressionada, e recua.)

Cae o panno.

ACTO II.

Mon ame avec effroit se plonge,
Et je me dis : Ce n'est qu'un songe
Que le bonheur qui doit finir !

La Martine. Meditações.

(Sala em casa do barão de Souzel. Mobilia luxuosa e elegante.)

SCENA I

(Ao levantar do panno a baroneza está sentada : o doutor Candido de Andrada encostado a um movel.)

DOUTOR — Fallo-lhe sem mascara, baroneza ; ponhamos as coisas nos seus devidos logares, considerando a sociedade, não como nos convinha que fosse ; como ella é de facto, egoista e critica e pouco amiga de perdoar. (*rindo*) «Homens sem coração» dizeis vós outras quando, fartas do enredo, da mentira, e da hypocrisia, somos ainda tão bons que limitamos a vingança a desmascarar-vos as miserias do vosso passado, no meio das pompas luxuosas do vosso viver presente ! «Mulheres sem consciencia» respondemos nós, velhos ciosos da honra, e do porvir dos nossos filhos, sobrinhos, ou tutelados, mostrando-lhes, na lição das nossas decepções

moraes, os perigos a que as suas illusões podem conduzil-os! Sim, baroneza, ha homens que o tempo tem guardado, e guarda para martyrio de mais de uma mulher de espirito... e que as occasiões fazem surgir diante d'ellas, para vexame dos seus dias faustosas! Ha homens...

Baroneza — Basta, doutor! (*despeitada e querendo parecer risonha*) As suas palavras pretenciosas... cançam-me o espirito, e não me convencem de que a sociedade é justa! E emquanto ao que já temos dito de Adelaide, o doutor falla tão sem provas...

Doutor — Tão desavisado fôra que sem ellas cá viera?!... Baroneza, quando dou um passo, sei onde vou! quando avanço uma proposição sei o que quero concluir!

Baroneza — O doutor pretende entrar n'uma questão bastante delicada para o espirito de uma mãe...

Doutor — V. ex.ª devia ter evitado immediatamente as illusões de sua filha! auxilial-as foi desafiar os factos á publicidade!

Baroneza (*rasgando o lenço e levantando-se*) — Que factos, doutor?!

Doutor (*rindo*) — Alguns.

Baroneza — Oh! é preciso, realmente, não ter coração!...

Doutor — E não me sobra elle... pelo que faço? interessando-me tanto por uma creança ingrata que não é meu filho... que me envelhece com os seus desvarios...

Baroneza — O doutor foi sempre infeliz com as mulheres e com as creanças.

Doutor — Com as mulheres, por que nunca achei uma que o não fosse em todo o sentido material da palavra! com as creanças, pelo amor fingido das primeiras! mas se o visconde de Villa-nova da Serra foi o ludibrio de v. ex.ª, seu filho não o será nunca da sua filha, baroneza!

Baroneza — Ha realmente uma coisa bem difficil

n'este mundo! — é representar com propriedade a comedia, quando o nosso coração anceia por vomitar o fel que lhe derramaram! Diga-me se os meus erros, se o meu passado, que a sociedade ainda ha pouco me lançou cruelmente em rosto, devem acaso manchar a reputação da minha filha?

Doutor (*tirando um jornal que lhe apresenta para ler*) — É a sociedade que lhe responde. Queira ler.

Baroneza (*lendo*) — «A respeito da entrada que o conde de Villa-nova da Serra fez no mundo, o mais indecoroso e ridiculo é que a filha da baroneza já não podia corresponder á pureza d'aquellas rosas com que tanta bulha fez o conde! Todos sabem que a filha da baroneza tem tido bastantes relações com um cavalheiro, nosso amigo... (*largando o jornal*) — Oh! infames! É até onde pode chegar a intriga! o cumulo da malvadez!... Eu dera tudo que possuo por saber quem é o autor de similhante artigo!

Doutor — Comprehende agora, baroneza, a razão que me faz fallar? E' preciso que v. ex.ª convença sua filha a escrever ao conde, despersuadindo-o das illusões a que elle se entrega. Evitaremos, d'este modo, muitos desgostos...

Baroneza — E não haver uma voz que se levante a favor de Adelaide!... um coração nobre e justo que a defenda d'esses insultos gratuitos com que a sociedade pretende vexal-a! Oh! terei eu de vêl-a succumbir debaixo da minha cruz!?... perder-se como eu me perdi pela força da fatalidade, pela fieira das circunstancias, cair do engano no erro, e do erro, no crime... para arrastar-se depois até ao vicio... á perdição?! (*desesperada*) Doutor, aquelle artigo contém uma intriga... uma calumnia terrivel! E' obra sua ou de Annibal de Sousa!

Doutor — Oh! baroneza, não costumo defender-me de um modo tão vil!

Baroneza — Mas acredita o que elle diz?

DOUTOR — Não se trata de mim! é da sociedade. O que nos convem fazer, é dissuadirmos as nossas creanças das illusões a que se entregam: é, pelo menos, isto o que me interessa de mais perto. Espero que a baroneza não seja surda ás razões que lhe tenho exposto, e peço-lhe as suas ordens.

BARONEZA — Fique mais um instante, doutor; temos fallado com tanta franqueza que não devo hesitar em lhe revelar a difficuldade da minha actual posição; e vou revelar-lh'a por que desejo pedir-lhe um conselho. E' um segredo de familia que lhe vou contar. Quando a justiça, n'aquella noite fatal, invadiu e sequestrou a minha casa, fiquei, como sabe, quasi que sem recurso algum; não contando a protecção da viscondessa de Villa-nova da Serra, d'essa mulher que...

DOUTOR — Perdão, baroneza!

BARONEZA — Eu continuo. O conde de S. Brigida fez-me então a côrte. Vivi cinco annos com elle, e tive Adelaide. Quando, porém, esta menina nasceu, o conde, receioso do encargo, ou temendo as iras da condessa, que o dominava, abandonou-me. Desde esse periodo, o meu coração tornou-se outro: experimentou, ao primeiro grito, ao primeiro vagido de minha filha, não sei que suave moção de novos affectos que me tornou superior até á idéa da minha equivoca situação! Pareceu ter-me illuminado e fortalecido o espirito a idéa dos meus deveres de mãe! Adelaide era, para mim, o anjo que Deus tinha mandado ao centro do meu viver errado, d'essa vida de dissipações em que não tinha por minha culpa caido, para consolar-me o coração, tão triturado pela magoa; e lavar-me, com o seu pranto innocente, o rosto manchado pelo osculo do interesse! Pensei assim; e retirei-me do mundo. Mas Adelaide crescia, e eu tremia ainda da pergunta que ella podesse fazer-me um dia! Casei. A posição que Jorge em breve adquiriu chamava-o á sociedade. Tinham passado dez annos... dez annos de arrependimento... voltei com

elle e apresentei-me outra vez debaixo do seu nome e do seu titulo. A benevolencia com que a sociedade me recebeu, ai! illudiu-me tanto, que cheguei a varrer da memoria a recordação do meu passado! Hoje, repellida, escarnecida, menospresada, o pensamento que mais me tortura é o futuro de minha filha! Annibal de Sousa não a ama; capricha em possuil-a! Os interesses de Jorge estão de tal modo ligados aos do tio de Annibal, e esse homem presa tanto o sobrinho, que qualquer desintelligencia podia trazer graves desgostos Affrontal-os, ou soffrer! E eu, eu que nasci para a desgraça, para a vergonha, para o soffrimento emfim, sem amparo, sem um coração amigo que me aconselhe... que devo fazer?, hei de ver minha filha entregue a um homem que não a ama, a um devasso; em breve, ludibrio dos seus insultos, em breve perdida, em breve morta?! Oh! doutor... fui peccadora! não haverá, porém, no coração de um homem da sua edade, um sentimento favoravel á mulher que, em vez de lançar fora do leito da impudicicia o fructo da licença, teve o nobre instincto de o conservar junto de si, com a idéa de purificar-se no religioso cumprimento de todos os seus deveres de mãe?

(N'este momento Adelaide apparece, suspende-se e escuta.)

Doutor (*commovido*) — Que quer, baroneza?!... Que importa haver no meu coração d'esses sentimentos generosos, se elles não são admissiveis no espirito da sociedade?!

Baroneza — Oh! Eu metter-me-hia viva n'um tumulo pela felicidade da minha filha! (*em lagrimas*)

Doutor — Baroneza...

Baroneza — Seja nosso amigo, doutor... e salve-me Adelaide! Oh! os homens bons cumprem na terra uma missão sublime! Salve-me a minha filha...

Doutor (*áparte, commovido*) — Aqui está para que eu desmascarei tambem o meu coração... para o sentir

movido pela voz da desgraça! (*alto*) Baroneza... eu só consentiria na união do conde com a sua filha... permitta-me mais esta franqueza, se v. ex.ª quizesse recolher-se a um claustro para sempre! E' menos que metter-se viva n'um tumulo.

Baroneza — Dá-me a sua palavra?...

Doutor — É a primeira vez que acho uma occasião digna de a empenhar! Dou-lhe a minha palavra de honra, baroneza!

Baroneza — Acceito!

Doutor (*áparte, muito contrariado*) — E.. ora ahi está! eu que entrei aqui para desfazer justamente aquillo que fiz!... A minha sina é aturar creanças... está visto!

SCENA II

A BARONEZA, O DOUTOR, ADELAIDE.

Adelaide (*indo beijar a baroneza*) — Ainda hoje não lhe tinha fallado, minha querida mãe.

Baroneza — Anjo meu!... (*abraçando-a, áparte*) Meu Deus, teria ella escutado...

Doutor — Rogo á baroneza o favor de me apresentar a sua interessante filha.

Baroneza (*á filha*) — E' um coração nobre e generoso, que não tem mais de um defeito! persuadir-se de que é philosopho. O doutor Candido de Andrada.

Adelaide — Ah... (*faz uma mezura*).

Doutor (*áparte*) — Hade conhecer-me... por tradição! (*sorrindo amavelmente*).

(Adelaide depois de ter comprimentado o doutor, volta-se para a baroneza, encara-a com tristeza, e abaixa o rosto para occultar o pranto.)

Baroneza — Que tens tu, Adelaide?...

Adelaide (*baixo á baroneza*) — Nada... Parece-

me que soffro já o peso d'essa felicidade que hade custar-me o sacrificio de minha mãe!

Baroneza — Cala-te querida...

(Entra pelo fundo um criado.)

Criado (*annunciando*) — Os senhores Annibal de Sousa e Carlos Monteiro. (*sae*)

Baroneza — Annibal de Sousa!... (*baixo ao doutor*) Doutor... deu-me a sua palavra...

Doutor — Por uma vez para sempre!

Adelaide (*suspirando e enxugando o pranto*) — Annibal!...

Baroneza (*baixo, ao doutor*) — A presença d'aquelle homem torturar-me-hia tanto o coração que talvez destruisse a resignação de que preciso! (*para Adelaide*) Tu ficas, Adelaide. Esconde essas lagrimas e convence-te de que uma das maiores necessidades da vida social é saber mascarar com sorrisos a dôr que nos retalha o coração! (*beijando-a*) Lembra-te bem d'este conselho que este beijo assignala. (*sae*)

SCENA III

ADELAIDE, O DOUTOR, depois ANNIBAL DE SOUSA e CARLOS MONTEIRO.

Adelaide — Doutor, sabe dizer-me se ha algum segredo para sermos completamente felizes?

Doutor — Sei. Consiste em pouco: não fazermos do impossivel necessidade, nem das illusões verdades.

Adelaide — Oh! meu Deus... que não é, pois, mais do que um sonho a felicidade que tão depressa acaba! por que a necessidade é quasi sempre o impossivel, e a verdade as illusões!

Doutor (*áparte*) — Aprenda senhora philosophia, pela bocca d'esta creança!

(Annibal de Sousa e Carlos Monteiro entram n'este momento. Annibal detem-se e diz algumas palavras a Carlos Monteiro.)

Annibal — O doutor cá está.
Carlos — Pois se o barão o esperava.
Annibal — Que tal seria o effeito do artigo?
Carlos — Descança: ella é tua!

(Descem a scena e veem cortejar Adelaide que está sentada, á direita.)

Doutor — Oh! o senhor Sousa?...
Annibal — Prompto sempre a apertar-lhe a mão.
Carlos — Como está, doutor?
Doutor — Sempre prompto a admirar a sua indole articulista, senhor Monteiro.
Annibal — Creio que o ministerio cae.
Doutor — E' uma noticia bastante desagradavel, e muito mais para esta senhora que não tem o mau gosto d'interessar-se pela politica.
Annibal — Pelo contrario, é preciso fazer mais justiça ao espirito da senhora D. Adelaide. Esta senhora não ignora que os interesses do barão dependem do ministerio, e que, se o ministerio cair, a opposição pode esmagal-o!
Carlos (*baixo a Annibal de Sousa, rindo*) — Ó Sousa, nunca te ouvi dizer tantas sandices! Cuidas que ella não sabe dos barris de manteiga capturados pela policia brazileira?...
Annibal — Como passa o barão?
Adelaide — Bom: devem tel-o prevenido...
Annibal — Como está o conde, doutor?
Doutor — Esse, ri muito.
Annibal — Ri!? de que?

Doutor — De quem tem a vaidade de julgar que desacreditar uma mulher equivale a acreditar-se no espirito d'ella: dos fatuos que, sendo o escandalo vivo da sociedade, cuidam ser os seus principaes ornamentos: dos homens, finalmente, que no meio das suas lucubrações estultas contra os seus similhantes, pensam que escapam á justiça de Deus, como escapam á d'elles, debaixo da mascara impostora onde se occultam.

Annibal — O' doutor, o senhor imagina, pelo que vejo, grandes coisas! Representa-nos, ahi, uma especie de Cagliostro... por exemplo.

Doutor — Tanto, não! mas um homem que tem a sua policia muito regular e que está no caso de dizer... por exemplo, o dia e a hora em que entrou para casa de um certo capitalista a quantia de trezentos contos de réis em cedulas falsas do Brazil para serem vendidas...

Annibal (*amarello*) — Ah! n'esse caso retiro a expressão: não é um Cagliostro que representa; é apenas um simples denunciante; juntando á baixeza da denuncia a vilania do espião!

(Doutor solta uma risada, volta-lhe as costas e vae conversar com Adelaide.)

Annibal (*baixo, a Carlos Monteiro*) — Não te disse eu, sempre, que o homem não era o que se inculcava?! O barão abriu-se com elle, que simulou desejos de negociar... e... tem-nos em seu poder! Corre a prevenir meu tio e...

Doutor — Somos tão pouco amaveis... meus senhores, que ainda não achámos uma palavra agradavel para dizer a esta senhora!

Carlos — Eu peço desculpa de me retirar antes de comprimentar o barão. Lembrou-me um dever a que não posso faltar... (*corteja e sae*).

SCENA IV

ADELAIDE, O DOUTOR, E ANNIBAL DE SOUSA.

ANNIBAL (*áparte*) — Sangue frio!

DOUTOR (*olhando para Annibal e depois para Adelaide; com amabilidade*) — Creio que sou demais, aqui...

ADELAIDE — Asseguro-lhe que não.

ANNIBAL — Homens como o doutor, nunca são de mais nem de menos em parte alguma.

DOUTOR — Um velho conta historias que se ouvem ou não... continuando cada qual a pensar no que lhe convem. A proposito de conveniencia...

ADELAIDE (*interrompendo*) — A proposito, disse o doutor ha pouco uma coisa que me pareceu uma inconveniencia...

DOUTOR — Agrada-me a sua franqueza, D. Adelaide. Então que disse eu?

ADELAIDE — Disse que desacreditar uma mulher, equivale a acreditar-se no espirito d'ella. Explica-me o sentido verdadeiro d'estas palavras?

ANNIBAL — Que encerram uma grande verdade!

DOUTOR — Infelizmente! Supponha v. ex.ª que uma mulher, no seu caso, era publicamente desacreditada a favor de um homem... no caso do senhor Sousa...

ANNIBAL — O doutor esquece que entre nós já não ha caso algum!

DOUTOR — Foram supprimidos na grammatica; mas hade convir que. .

ANNIBAL — Não posso, doutor, por que o seu modo de fallar é tão equivoco...

DOUTOR — Não ha nada mais equivoco do que as interrupções reticenciadas feitas por uma pessoa a quem não nos dirigimos directamente.

ANNIBAL — É que, apezar de tudo, esta senhora merece-me vivos sentimentos... e eu... (*para Adelai-*

de) Perdão, minha senhora, todos sabem... e todos censuram a minha infelicidade!

ADELAIDE — O doutor dizia... que?...

DOUTOR — Que se um homem disser, ou fizer constar que tem relações com uma mulher, e taes relações não existam, embora, de facto... ficam existindo de direito no espirito da sociedade; porque a sociedade tem direito de acreditar tudo que lhe dizem os jornaes!

ADELAIDE — E depois?...

ANNIBAL — É uma coisa sem consequencia. Quem presta ouvidos ao que dizem os jornaes?!

DOUTOR — Ninguem, se contam a virtude... Todos, se promovem o escandalo! (*para Adelaide*) Como lhe dizia, minha senhora, uma vez produzida similhante impressão no espirito da sociedade, a mulher fica, por assim dizer, no dominio d'esse homem, sem outro recurso de fugir á censura, senão desposal-o. E' d'este modo que muitos fatuos conseguem acreditar-se no espirito da mulher que invejam e que os despresa, desacreditando-a aos olhos do mundo!

ADELAIDE — E não ha uma voz na consciencia de similhantes homens, que lhes falle a favor de uma pobre mulher, a quem elles, por vaidade, capricho ou conveniencia, procuram immolar na flor da edade sobre o seu coração defunto! Oh! se um homem qualquer se tivesse assim comportado comigo...

DOUTOR — Que faria v. ex.ª?

ADELAIDE — Eu? (*levantando-se*) Eu?... que faria eu? (*olhando com despreso para Annibal*) Nem lhe dava a importancia de lhe querer mal!... despresava-o!

ANNIBAL — O despreso de uma mulher interessante exalta muitas vezes o pensamento até á vertigem da paixão! e desafia o resentimento á vingança!

(O doutor ri-se. O barão de Souzel entra pela esquerda.)

SCENA V

ADELAIDE, O DOUTOR, ANNIBAL DE SOUSA, e o BARÃO DE SOUZEL.

Barão — Desculpem-me a demora, meus senhores: estava com o meu guarda-livros... Ah!... doutor... (*apertando-lhe a mão*) Como está, senhor Annibal de Sousa? (*fallando-lhe a meia voz*) Já fallaste com o homem?

Doutor (*notando a familiaridade com que o barão falla com Annibal*) — Como o interesse liga os homens a despeito da honra!

Adelaide (*áparte*) — E eu heide unir-me a quem despreso tanto?!

Barão (*tendo escutado Annibal: a meia voz*) — Estás fora de ti! pois se elle tratou formalmente comigo a compra d'aquella porção de fazenda...

Annibal (*baixo*) — Repito que é um jogo para nos apanhar!

Barão — Estás sonhando!... um jogo...

Annibal — Quiçá de accordo comtigo!

Barão — Comigo?! Sabes que mais? Tão de má fé és tu, como o teu tio...

Annibal — Não sei porque. O dinheiro de meu tio fez-te barão...

Barão — Mal feito... se eu lhe tenho ajudado a abarrotar a burra!...

Annibal — E as minhas inclinações pela tua filha...

Barão — Obrigado ao teu favor!

Annibal — Podiam tornal-a feliz.

Barão — Sim... isso é lá com ella

Annibal — Mas se tu nos atraiçoas, Jorge, nós saberemos esmagar o nosso testa de ferro, entendes? Bem sabes que não ha nada mais facil do que levantar a pedra que pesa sobre o processo dos barris de manteiga,

capturados no Maranhão, e a ti consignados por uma firma supposta!

Barão — Ora esta! pois será possivel que eu tenha sido logrado pelo doutor!?...

Annibal — A ponto de te abrires com elle a nosso respeito! Cuidado, Jorge, a pedra levanta-se, e o processo corre os seus tramites! Remedeia a tua imprudencia, sendo nas nossas mãos o que nós quizermos que sejas. A escriptura do teu divorcio está prompta: a do casamento de Adelaide, tambem: ámanhã, é preciso que tu obrigues a baroneza a assignar uma, e tua filha a assignar a outra. Isto é positivo! Emquanto á dotação de Adelaide, tambem esperamos ser obedecidos, barão.

Barão (*áparte*) — E' quasi o dinheiro que tenho ganho que lhes volta para as mãos! O bom filho á casa torna. Mas eu vou descoroçoando...

(Durante o dialogo entre o barão e Annibal de Sousa, Adelaide depois de ter conversado um momento com o doutor, senta-se no sophá sobre o qual a baroneza deixara o jornal que o doutor lhe deu a ler, pega-lhe, corre-o, e um momento depois solta um pequeno grito.)

Adelaide — Meu Deus!... que infamia li eu aqui!?... Será possivel... Oh! Annibal... Annibal...

Barão (*dirigindo-se ao doutor, mal contendo a vontade de o esganar*) — Doutor... tinha agora tanta vontade... de lhe offerecer um copo de vinho do Porto!...

Doutor (*rindo*) — É natural! pelos que teve a bondade de beber de mais no meu almoço de hontem. Convenho... que v. ex.ª não deve acceitar almoços sem ter a sabia precaução de se prevenir contra o vinho do Porto. Os testas de ferro tambem se exaltam...

Barão (*a meia voz*) — V. ex.ª é um traidor!

Annibal (*idem*) — Um denunciante!...

Doutor — Mas hãode confessar que os tenho na mão!

Annibal — Meu tio está a esta hora prevenido, e em sua casa nada se encontrará...

Doutor — Seu tio está na melhor fé possivel a meu respeito. O senhor Carlos Monteiro, em logar de ir prevenil-o, foi, aposto eu, redigir um artigo que hade sair amanhã no meu jornal, cujo é redactor em chefe! E eu peço licença para lhe ir dar os ultimos apontamentos... (*corteja e sae*).

Barão — Estamos desmascarados!

Annibal (*áparte*) — Ao menos, não suspeitou que eu trazia comigo as cedulas!

SCENA VI

ANNIBAL DE SOUSA, O BARÃO, E ADELAIDE.

Adelaide (*notando a preoccupação do barão, e approximando-se d'elle*) — Meu pae...

Barão (*áparte*) — A innocencia com que esta creatura... (*alto*) Não estou bem comtigo... Adelaide!... Teimas em contrariar a minha vontade.. . recebes mal um amigo meu que podia fazer-te feliz... E queres que te diga? Tambem a felicidade de teus paes depende muito...

Adelaide — Mas eu estou prompta a ceder... (*áparte*) Ai de ti, meu triste coração!

Annibal — Lembre-se do que lhe disse, barão.

Barão — Porque... retira-se?...

Annibal — Preciso ir entender-me com o tio...

Barão — Mas escute que... (*dá-lhe o braço e vae conversando com elle para o angulo direito da scena, ao fundo*).

Adelaide (*áparte, á bocca da scena*) — Sim! que eu seja ao menos feliz com a idéa de ter-me sacrificado por meus paes!

(N'este momento apparece ao fundo um criado.)

CRIADO (*annunciando*) — O senhor conde de Villa-nova da Serra.

(O barão e Annibal de Sousa fazem um gesto de surpresa. O conde entra immediatamente, vê Adelaide e corre a fallar-lhe sem reparar em nada mais.)

SCENA VII

ADELAIDE, O CONDE DE VILLA-NOVA DA SERRA, O BARÃO DE SOUZEL, e ANNIBAL DE SOUSA, ao fundo.

CONDE — Adelaide... Oh! eu venho aqui... nem te posso dizer como venho! como trago o coração, como sinto as idéas!... Adelaide... o mais horrivel veneno... uma ancia!... Oh! e todas as minhas illusões ameaçadas por uma verdade... uma verdade tal .. não; não quero chamar-lhe verdade; por uma desconfiança... não; tambem não quero dizer que é desconfiança... porque a desconfiança involve uma accusação tacita. e eu não te accuso! não tenho forças para tanto!... Creio em ti: n'esse respirar brando que não sae, por certo, de um peito desleal! no fogo d'esse teu olhar que não vem de uma alma traiçoeira!... na tranquillidade com que me escutas, que não é... não pode ser de uma culpada! mas apezar de tudo... Adelaide... ha não sei que terrivel, talvez o susto, sim, é simplesmente o susto de te perder; o susto de não ser verdade o que pensei de ti, o que adorei em ti! Oh! perdôa-me! perdôa-me, querida: ha umas palavras n'este jornal... (*tirando do bolso um jornal*) Calumnia, que tu vaes desmentir já, com os teus labios puros e a tua voz celestial... (*procurando rapidamente com a vista o artigo do jornal*).

ADELAIDE (*áparte*) — Expira, pobre coração, expira! que a hora do sacrificio é esta! Renuncia á felicidade, despede-te das tuas crenças... e offerece-te, innocente, no holocausto frio da conveniencia!...

Conde — Oh!... A imprensa... este orgão popular que devia reconhecer a honra da sua missão, e seguir, sem desvios, os nobres principios das suas instituições... o que é hoje entre nós? a lingua farpada da inveja e da intriga que nos fere, desapiedada, bem vezes no mais intimo do nosso coração! Pennas desvairadas que assim insultaes uma mulher, levando a virgem ao pelourinho da deshonra; que fazeis do vituperio um costume, correndo sem censura nem juizo sobre o papel que tudo vos consente!... Homens sem fé, sem convicções, sem merito; nodoas escandalosas da sociedade, que a todos julgaes pela vossa cartilha licenciosa... eu vos amaldiçôo, pelo fel que derramaes na minha existencia! Adelaide... Oh! pelo amor que te consagro... pela felicidade de teus paes dize-me... dize-me que este artigo é uma calumnia!

Adelaide — Carlos... é bem pela felicidade de meus paes que te vou responder. Esse artigo...

Conde — Devo eu ouvir-te?!...

Adelaide — E' verdadeiro!

Conde (*pallido e desfeito, recuando*) — Que diz ella!? Que dizes tu, Adelaide?... que fazes de mim?.... Oh! que deveremos nós respeitar, de hoje em diante, se a virtude nos engana, assim, n'este mundo!? Que deveremos respeitar...

Annibal (*que se tem aproximado vagarosamente responde-lhe, interrompendo-o*) — As conveniencias, senhor conde.

Barão — E o interesse das familias!

Conde (*encarando-os com profundo despreso*) — A conveniencia e o interesse das familias o que é, traduzido ao pé da lettra, senão a ambição mal entendida dos paes que, por satisfazel-a, vendem, quantas vezes, quasi que em mercado... no mercado das salas, as filhas a quem mais dá.

Barão — Insolente!

Annibal — As creanças teem liberdade poetica.

Conde — Corações interesseiros, vís! Homens ambiciosos que no centro das suas lucubrações escandalosas alcançaram crear um rosto inaccessivel ao pejo, por mais que lhe lancem em face os crimes e as vergonhas a que desceram! Oh! mas a virtude em vão tentará pôr a mascara da impudicicia! E' tão difficil de crer que seja v. ex.ª o pae d'esta senhora, como o ter-se ella deixado seduzir por aquelle homem sem coração e sem espirito! *(designando, com o dedo, Annibal de Sousa).*

Barão — Saia da minha casa, senhor conde!

Annibal — Ó barão, deixe-o... que nos diverte!

Conde — Oh! Adelaide... e nem uma palavra tua, senão aquelle sim fatal em que não tenho espirito para acreditar!...

Barão — Basta, senhor! Já lhe disse que se retirasse!

SCENA VIII

ADELAIDE, O BARÃO, ANNIBAL DE SOUSA, O CONDE, e a BARONEZA.

Baroneza *(abrindo rapidamente uma porta)* — E eu rogo-lhe que fique!

Adelaide *(correndo a abraçar a mãe)* — Oh! minha querida mãe... O sacrificio está feito! Eu disse-lhe que tudo era verdade!

Baroneza — Que loucura, filha!...

Barão *(áparte)* — Aqui ha, por força, alguma coisa que eu não entendo bem!

Baroneza — Não... não consinto que a intriga d'aquelle miseravel manche por similhante modo a tua innocencia! Senhor Annibal de Sousa, já que promoveu, em casa de seu tio, aquelle escandalo, desmascarando-me, soffra as consequencias agora...

Barão — Que escuto! Foste tu, que provocaste similhante escandalo?!... Tu, Annibal?!...

Annibal — A baroneza acredita pois?...

Baroneza — De tudo estou bem informada, por que o teu amigo Monteiro tem a virtude de não guardar segredos! Annibal, e não temeste achar debaixo d'aquella mascara que me arrancaste uns labios que te desmascarassem a ti; nem um pensamento que não cedesse a palma na arte de esmagar, sorrindo, tudo quanto pode haver, santo e puro, no intimo do coração?

Barão — Ora, vem cá, Annibal, no fim de tudo, vou concluindo que és um refinado velhaco! que te parece?

Annibal — Estou attonito! Creio que endoideceram todos... e n'esse caso retiro-me. Em breve te mostrarei, barão, que não se dizem, impunemente, certas coisas a um cavalheiro...

Baroneza (*rindo*) — O amor proprio!... Tu, cavalheiro? Cavalheiro é o conde e outros como elle que provam instinctos de honra, tanto nas suas acções como nas suas palavras! Tu dizes que és cavalheiro? de industria, convenho, por que tens nas algibeiras trezentos contos de réis em cedulas falsas do Brazil...

Annibal — Baroneza!

Barão (*assustado*) — Perdão, baroneza, com isso é que não devemos brincar!...

Baroneza (*para Annibal*) — E' bem pesada a arma com que te firo, não achas? e, todavia, não passa de um simples bilhete! (*mostrando-lhe um bilhete*).

Conde (*áparte*) — Que mundo este!

Barão (*idem*) — Que famosa idéa! (*para Annibal*) Vinhas, então, prevenido com a manteiga que o doutor simulou querer comprar? E affirmavas que não! Hasde convir que o doutor tem mais espirito do que nós!

Annibal — Jorge Portalegre... os teus interesses estão ligados com os nossos: prevejo uma cilada!... Põe-me em segurança...

Barão — Ah! isso de certo! seguro estás tu! Bem me recordo da ameaça, que me fizeste, de levantar aquel-

la certa pedra... do processo relativo aos barris de manteiga. Querias quebrar a cabeça do teu testa de ferro? pois agora é o testa de ferro que te quebra a tua!

ANNIBAL — Essa linguagem... barão, que intentas fazer?

BARÃO — Pôr-te em segurança; não te assustes... Vou chamar um criado...

ANNIBAL — Cuidado! não dês um passo! (*mettendo a mão n'algibeira, tira rapidamente alguma coisa que ninguem vê*).

BARONEZA (*prevendo a situação, por que notou o movimento de Annibal, colloca-se com rapidez na frente do barão que se dirigiu para a porta e diz*) — A victima serei eu! (*solta um grito, e cae*) Ah!...

ANNIBAL (*recuando*) — Quem o teria previsto!

ADELAIDE (*correndo a amparar a baroneza*) — Que tem, minha querida mãe?... Oh! que tem? falle-me... diga-me o que é...

CONDE — Que é isto, minha senhora? (*amparando-a tambem*).

BARÃO — Que succede?... Ah .. conduzamol-a para este sophá... E' uma syncope.

ANNIBAL (*áparte*) — Cala-te consciencia! Aproveitemos o tempo, e salvemo-nos.

(**Vae sair, mas o doutor Candido de Andrada, apparecendo de repente, toma-lhe a passagem.**)

DOUTOR — Por aqui ninguem sae!

SCENA IX

A BARONEZA, reclinada n'um sophá; ADELAIDE, amparando-lhe a cabeça; o CONDE, junto de Adelaide o BARÃO, pegando na mão da baroneza; ANNIBAL, no centro da scena, muito perturbado; o DOUTOR em frente da porta do fundo.

ANNIBAL — Estou perdido!

ADELAIDE — Oh! não vêem que minha mãe não está boa?... Jesus! não vêem como revira os olhos?... a pallidez... este suor frio... estas convulsões!... Ah! isto é já a morte!

BARÃO — A morte!?...

BARONEZA (*muito debil*) — Ainda ahi está Annibal de Sousa? Quero fallar-lhe.

CONDE — Senhor Sousa, a baroneza quer fallar-lhe.

ANNIBAL (*muito pallido e tremulo*) — A mim? (*approxima-se da baroneza*).

BARONEZA — Afastem-se todos... deixem-nos sós...

ADELAIDE — Oh! minha querida mãe... (*em lagrimas*).

BARONEZA — Deixa-me tambem um instante...

(Todos se retiram para o fundo da scena, cada figura com o gesto adequado á commoção que experimenta, e ás idéas que tem da acção.)

BARONEZA (*com a voz entrecortado constantemente pelo principio do estertor*) — Annibal de Sousa, o golpe que preparavas contra Jorge, que te embargava a passagem, previsto por mim, recebi-o eu! Não sei com que arma traiçoeira me feriste!... sinto as entranhas como traspassadas por uma agulha subutil! (*pausa*) Sei que vou morrer; e n'esta hora tremenda, em que me arrependo dos meus erros, já em face da eternidade; em que desejo que Deus me perdoe, quero perdoar-te tambem! Mas para que este perdão seja sincero é preciso que tranquillises o meu coração, desmentindo em presença do conde o artigo que escreveste contra minha pobre filha, pedindo-lhe perdão de a teres ultrajado. Apressa-te, que poucos momentos me restam de vida... (*profundo silencio, a baroneza continua*) Não contes, porém, deixar-me morrer n'uma esperança vã...

ANNIBAL (*áparte, observando-a*) — Estou salvo... pouco tarda que expire!... A agulha tocou-lhe o coração!

Baroneza (*no ultimo esforço da existencia*) — Annibal, assassinaste a mãe, e queres matar a honra da filha?... Duas vezes assassino! Vou denunciar-te...

Annibal — Baroneza... um momento!...

Baroneza — Já, se queres que leve para o tumulo o segredo do teu crime! Já, ou eu te denuncio...

Annibal — Oh! não!... não! Eu vou... (*em completa desordem de espirito, dá alguns passos e aproxima-se de Adelaide*).

Baroneza (*conseguindo erguer meio corpo, no sophá, estende o braço direito, designando-lhe imperiosamente a filha*) — Já!...

Annibal (*para Adelaide*) — Calumniei uma mulher... e peço-lhe perdão!

Baroneza (*caindo exhausta*) — Ah!... minha filha... vem dar-me o teu ultimo beijo!

Adelaide (*correndo a abraçal-a*) — Minha mãe da minh'alma!...

Baroneza — Filha!... (*pausa com voz sepulchral*) — Eu era a nodoa do teu viver innocente! O escandalo vivo que te acompanhava! A Providencia livra-te d'elle! Guarda a saudade de uma mãe infeliz... sê virtuosa... (*com o ultimo folego de vida*) sê feliz!...

Adelaide (*caindo de joelhos e encostando a fronte, sobre o peito do cadaver*) — Eil-a morta... Perdi tudo!

(O conde está sombrio, de braços cruzados sobre o peito. O barão, como um homem que não entendeu de tudo senão as ultimas palavras. Annibal, pallido e desfeito, encostado a um movel.)

Doutor (*approximando-se vagarosamente do conde e tocando-lhe no hombro*) — Tem fé na sociedade, conde?

Conde (*com formal despreso*) — Não!

Doutor — E crê em Deus?

Conde (*cheio de convicção*) — Creio!

Cae o panno.

ACTO III

Se no mal, porém, ha um bem, trazem comsigo os infortunios o fazer sentir uma impressão desconhecida e indifinivel, na primeira alegria que quebra a cadêa dos males.

Vid. *O Portuguez* de 20 de Maio de 1858.

(O theatro representa o interior de um quarto andar: duas salas pequenas, de uma das quaes o tecto é em declive para o fundo, divididas por um tabique até meia altura da parede, com uma porta: na da direita, um leito, uma mesa de pinho, e uma cadeira: em cima da mesa, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, em marfim, de palmo e meio d'altura: no quarto da esquerda não ha movel algum, excepto um pote. Na parede do fundo, porta praticavel. A scena offerece um aspecto de miseria sem desleixo.)

SCENA I

(Ao levantar do panno, Adelaide trajando simplesmente vestido de sarja preta, com os cabellos graciosamente sustidos por um pente (sem genero algum de penteado) está sentada na borda do leito, olhando e sorrindo para a imagem, em frente da qual uma pequena lampada ameaça apagar-se.)

Adelaide — A vida é como a chamma d'aquella luz! Apaga-se pouco a pouco, e parece-nos sempre que vae reanimar-se! E tu, minha boa e Santa Virgem, hasde ficar sem luz que te allumie a tua veneranda imagem?

Quem sabe se eu não morrerei primeiro !? assim o queria bem !.. . sinto-me tão desanimada.. . E aqui morrerei só ! Já não espero que Gertrudes appareça: ha quatro dias que não volta... foi procurar a sua vida ; fez muito bem ; que não lhe era vida esta existencia passada a par de mim, quando tão desvalida me vejo! (*levanta-se e vae machinalmente abrir a gaveta da mesa, onde mette o braço como procurando alguma coisa*) Pão?... (*sorrindo e abanando a cabeça*) que idéa que tive agora ! Pão ?.. . é um pensamento invariavel.. . (*fechadno a gaveta*) Acabou-se hontem de manhã. (*beijando a imagem*) Sustente-me a fé que tenho em ti, ó Virgem immaculada, e esperemos.. . (*sorrindo*) o que? Esperanças no mundo? Oh ! quantas illusões por lá deixei nos abrolhos por onde passava incauta !. (*pausa*) Mas.. . havia, ali, na gaveta, para um recanto.. . Vejamos. (*torna a abrir a gaveta e a procurar*) Não.. . nem migalha ! (*olhando agonisada ao redor de si*) Tenho fome ! (*pausa*) E se este soffrimento, que desafiei sorrindo ao fugir de casa, augmentar !.. . Meu Deus : quantas vezes passei, louca de illusões, farta de luxo, saciada de prazeres, por quem me dizia que tinha fome sem comprehender o que elles soffriam !? Anda-se, pelas ruas, tão cheio de amor proprio, que raras vezes se escuta a vóz que pede pelo amor de Deus ! Ninguem sabe o que é este soffrimento que me tortura agora ! Oh ! Virgem Santissima.. . livra-me tu do que a fome puder propor-me !... (*n'este momento batem na porta praticavel. Sobresaltada por uma esperança vaga, levanta-se, como para ir á porta ; mas suspende-se*) Se fosse Gertrudes.. . não ! não é : do contrario já tinha chamado. Estou só.. . e.. . Oh ! agora me recordo que não fechei aquella porta !... Tenho medo !

SCENA II

ADELAIDE, no quarto da esquerda: ANDRÉ, abrindo a porta praticavel.

ANDRÉ (*correndo a vista pela scena, antes de entrar*) — Ninguem! e a porta aberta! Tate! a pomba batteu azas? (*entrando*) Deus seja n'esta casa, ó lá de dentro...

ADELAIDE (*á parte*) — É o homem de negocio, que nos vendeu este leito...

ANDRÉ — O' lá de dentro?

ADELAIDE — Não é mau homem...

ANDRÉ — O' lá de dentro?... Volta redonda, creio que está a casa deserta!

ADELAIDE — Quando se soffre tanto... alguem que appareça é uma esperança que nos entra n'alma! (*em voz alta, junto da porta do quarto*) E' você, senhor André?

ANDRÉ — Um seu criado, em corpo e alma para a servir, menina Benta. Você está doente?

ADELAIDE — Não... doente, não: eu vou. (*abre a porta e passa para a sala de fora*).

ANDRÉ — Oh! que magreza! que amarelleza, menina Benta, você tem fome?!

ADELAIDE — Que lembrança, senhor André!

ANDRÉ — Vamos... não negue, que hoje em dia é o que se está vendo. Você aqui mettida sem ver sol nem lua; não vem aqui viv'alma, não desfazendo em mim; que historia de vida é esta? Ah!... mundo... mundo! Volta d'amores, hein?

ADELAIDE — O que o traz por cá, visinho?

ANDRÉ — Negocio.

ADELAIDE — Negocio?... não entendo! (*áparte*) Que terriveis dôres de cabeça!

ANDRÉ — É o caso. Puz-me a pensar e disse comigo, que você, que vive aqui sem officio nem beneficio,

nem coisa de onde elle lhe venha — o João da Cruz — modo de fallar! que os pintos, hoje são meias corôas... pouco mais ou menos; mas... são! lá isso... são! Ora, depois, alembrei-me d'aquella santa que você para ahi tem e que eu já vi, de volta redonda; mas que você não quiz vender nem trocar pelo leito...

Adelaide — A minha santa Virgem!?..

André — E' ella que cá me traz e anda sempre na minha guarda, pela devoção que lhe tenho d'alma! E' ella, repito, que cá me traz, pois bem sabe que assim lhe dará alguns recursos para ir esperando mais alguns dias; que isto de quem espera, é como o outro que diz... (*pausa*) Vamos, volta redonda, meia libra pela imagem.

Adelaide — Separar-me d'ella?!... da minha unica amiga e companheira... da estrella que me brilha, unica, n'este mar de angustias, n'este deserto... Oh!... (*entra no quarto e vae ajoelhar, exhausta, em frente da imagem, apoiando-se na mesa.*)

André — Temos negocio! A condessa de Santa Brigida morre pelas imagens de marfim. Volta redonda, ha tres mezes, quando me comprou o seu par d'apostolos, obra para ver! da mão do meu compadre Zé dos Santos, fallou-me n'ellas. Por esta dá-me ahi... pelo menos — volta redonda — as suas tres inglezas! (*chegando á porta do quarto*) Então você quer, ó menina Benta? e trate de ir, quanto antes, ás salchichas cá da casa de pasto da sobre-loja, que deitam um cheiro por essa escadaria arriba, que é mesmo — volta redonda — como o outro que diz... E mais, eu não morro por ellas! Como-as, como-as... mas é dizer que... sim, que não é com muita aquella! (*entrando no quarto*) E olhe que é por ser... que a imagem — volta redonda — está, a bem dizer... mas é por ser... é por ser!... Aqui lhe ponho meia libra. (*fazendo tenir sobre a mesa*) Escute como canta! Está mesmo a dizer — volta redonda — pão e salchichas!.. (*pegando na imagem e examinan-*

do-a) Julguei que fosse melhor! já agora — volta redonda — a minha palavra é uma! (*sae do quarto; tira do bolso dois jornaes para embrulhar a imagem; mas, sobejando-lhe um, deixa-o ao acaso no chão*) Vamos, amigo André! ala e larga á condessa de Santa Brigida... e, bem pensado, não farei nenhuma aquella se, ao passar, me desse venela de contar ao regedor a miseria em que esta pequena está, para que a levem — volta redonda — para o hospital.

SCENA III

ADELAIDE SÓ.

(**Ha um momento de profundo silencio: depois, a orchestra executa algumas harmonias adequadas ao sentido da scena, acompanhando o monologo de Adelaide.**)

ADELAIDE (*como accordando de um lethargo*) — Tinha uma mãe que me abraçava, e que, na minha infancia, me sentava sobre os joelhos, e me dizia assim — reza minha filha — Salve rainha, mãe de misericordia, vida, doçura, esperança nossa! (*pausa*) «Viu-te nascer, viu-te baptizar» e hade ver-me casar, accrescentava eu, e hade ver-me morrer, dizendo-lhe sempre — Salve rainha, mãe de misericordia, vida, doçura, esperança nossa (! *pausa. A orchestra deixa de se ouvir, pouco a pouco Adelaide lança pela scena uma vista quasi extincta; e correndo a mão pela aresta da mesa, como para amparar-se, encontra a moeda de oiro, que ali deixara André, e que se precipita. Adelaide, ouvindo aquelle som metalico, fixa a vista e procura*) Que foi isto que ouvi?... tenir dinheiro?... Mas... quem trouxe aqui este dinheiro?! que fiz eu para o ganhar?! (*amargurando-se*) Dinheiro .. oiro... oiro... e quem m'o deu?... (*nova pausa: olha pela scena com espanto, agitada pela febre; depois como fulminada por um pensamento doloroso, solta um grito agudo e dilacerante*) Ah!... desgraçada!

(cobre o rosto com as mãos, apoiando os cotovelos contra a parede).

SCENA IV

ADELAIDE, no quarto da esquerda, O DOUTOR CANDIDO DE ANDRADA, e O CONDE DE VILLA-NOVA DA SERRA, pela porta praticavel.

DOUTOR (*antes de entrar*) — Ainda é mais em cima?... Estou estafado! Um quinto andar... e que vamos nós lá fazer?!

CONDE (*antes de entrar*) — Subamos sempre.

DOUTOR (*idem*) — Podiamos ter esperado na rua, esperado que a maca subisse, que levassem o doente; e teriamos feito a nossa esmola sem este incommodo!

(Entram em scena.)

CONDE — A casa está deserta!

DOUTOR — E' que nos enganaram... viram-me velho e quizeram-me armar esta peça!

CONDE — Mas o cabo de policia tinha ordem de subir ao quinto andar! talvez estejamos no quarto.

DOUTOR — Eu, d'aqui, não subo nem mais um degrau. Por mais algum incommodo era melhor subir logo de vez para o ceo! E nem uma cadeira!... Ora, ora, os meus peccados!... Não, meu caro senhor! acho muito louvavel que tivesse mandado parar a carruagem quando avistou a maca; acho muito louvavel que tivesse perguntado se havia, aqui, algum infeliz que precisasse de soccorro, que se deliberasse a prestar-lh'o; mas o que de modo algum posso approvar, é ter-me obrigado a seguil-o! Acho pouco logico, podendo evitar o incommodo, expôr-nos, para fazer uma esmola, ao accommetimento d'essas legiões belligerantes que não assignam protocolo!

CONDE — Desculpe-me, doutor: desde aquelle dia fatal em que Adelaide desappareceu, que não acho pra-

zer senão em enxugar, pelas minhas proprias mãos, o pranto dos desgraçados! Oh! tenho soffrido tanto... que aproveito e procuro com ancia todas as occasiões de tornar os outros felizes!

DOUTOR — Não fallemos no que lá vae... A primeira virtude é a resignação, que bem vezes nos dá força para resistirmos ao insulto das desgraças! A proposito, vou contar-lhe uma historia... *(tomando uma pitada)*

CONDE *(aborrecido)* — Uma historia... aqui?

DOUTOR — Eu conto-as em toda a parte; caso é que venham a lume.

CONDE *(tendo visto o jornal que André deixara no chão)* — Que papel é este? O Jornal do Commercio...

DOUTOR — Aposto que é falso!

CONDE — O que? o jornal?...

DOUTOR — Ah! cuidei...

CONDE — Por que motivo estará aqui esta folha?!

DOUTOR — Talvez estejamos em casa de algum articulista, jornalista... até d'algum litterato!

CONDE — É natural!...

DOUTOR — Pela mobilia...

CONDE *(lendo ao acaso)* — «Degradados que embarcaram hontem para cumprirem sentença... Antonio Castro de Sousa»

DOUTOR — O tio de Annibal!

CONDE *(continuando)* — «Annibal de Sousa, Jorge Portalegre»

DOUTOR — Bravo! É assim que eu quero a justiça n'esta terra! sem olhar a commendas nem a titulos, quando se trata de castigar o crime! Agora, mais do que nunca, sou governo *pur sang!* na phrase do digno scriba Monteiro.

(O conde larga o jornal, e dispõe-se a sair: n'este momento apparece á porta o cabo de policia, quatro homens com a maca, e povo. Ezequiel não tarda, torna-se saliente pela curiosidade que o domina.)

CONDE — Ah !... ahi vem a maca.

DOUTOR — Sim? pois sempre desconfiei que nos tivessem enganado!

SCENA IV

O CONDE, O DOUTOR, O CABO de policia, EZEQUIEL, quatro homens com a maca e povo.

CONDE — E tanto conversámos... que não reparámos n'aquella porta. (*indicando a porta da esquerda*).

DOUTOR — E' verdade!

CONDE (*dirigindo-se á porta: áparte*) — Não sei que aperto me constrange o coração, sempre que venho em auxilio da miseria! e agora, mais do que nunca!... e ao mesmo tempo um prazer indefinivel!... (*entrando no quarto, vê uma mulher com o rosto occulto nas mãos e os cotovellos apoiados contra a parede*) Oh! ali está a infeliz!... mas, em que posição desesperada!... (*tirando machinalmente o chapeo e dirigindo-se devagar, a Adelaide, sem a reconhecer*) Minha senhora?... (*áparte*) Parece cadaver! Santo Deus.... teria ella expirado, assim, hirta de frio e de fome?! E nós estávamos, ali, a dois passos, conversando... (*examinando-a*) Ella respira. Ah!... que illusão é esta... que estou eu vendo!? .. (*perplexo de dôr e de alegria, sem poder soltar uma palavra nem fazer um movimento; até que, finalmente, exclama*) Adelaide! Adelaide!.. (*Adelaide volta-se para elle, que a abraça soffrego e selvagem, inteiramente dominado pelo seu amor violento*) Encontrei-a!

DOUTOR — Que escuto!? (*entrando no quarto*) Oh! será possivel!... Conde, conde... pelo amor de Deus.. esse transporte pode ser-lhes fatal! Por piedade... tenha juizo... seja prudente! (*querendo separal-os, e impedir os beijos loucos, freneticos com que o conde cobre as faces, o seio e as mãos de Adelaide*).

CONDE — O' minha Adelaide... anjo meu... querida!..., Vive, accorda e olha para mim; ou se morres,

estreita estes braços frios sobre o meu coração e une-o ao teu no abraço da morte!

DOUTOR — Isso é matal-a, conde! Deixe-me tomar-lhe o pulso, deixe-me soccorrel-a... E' preciso reanimar-lhe, sem demora, este viver que bruxulea já entre as sombras da morte!

CONDE — Resolve-se nos meus braços! sinto-lhe palpitar o coração... silencio!

(O povo principia a invadir o quarto, o doutor despede-o, e fecha a porta.)

DOUTOR — Sim, o calor do seu corpo transmittiu-se-lhe. E' um d'aquelles prodigios perante os quaes a sciencia pára espantada! fluencia do principio vital, magnetismo... o que quizerem!

ADELAIDE (*abrindo os olhos, lança ao conde um olhar desvairado, e faz esforços para lhe fugir, gritando*) — Infame! Voltaste? E' inutil... Oh! deixa-me!

CONDE — Adelaide...

ADELAIDE — Sim! sou eu!... accordei ainda uma vez da morte para te encarar com estas faces onde accendeste o pejo da vergonha, e lançar-te em rosto, infame, a tua vil moeda! (*atirando-lhe a moeda de oiro que conservava fechada na mão, cae nos braços do doutor que já lhe previa novo deliquio*).

CONDE (*recuando horrorisado*) — Que diz ella!?... Oh! doutor... perguntou-me um dia se acreditava em Deus? pois bem! na presença de tão profundos e irreparaveis desgostos...

DOUTOR — Não blaspheme, conde! A justiça de Deus é incomprehensivel!

CONDE (*saindo, furioso para a sala da direita*) — Quem esteve aqui antes de mim?! Digam-me... digam-me quem foi?... Quero saber! Oh! se alguem, ahi, tem amor a Deus, que me responda pelo amor de Deus!

EZEQUIEL — Aqui não esteve, que eu visse, senão

o André-ganha-dinheiro que passou lá pela loja. Eu sou *brabeiro* para servir a v. ex.ª, e que me disse que tinha vindo comprar uma santa de *marafim* cá ao quinto andar... que isto a bem dizer são aguas-furtadas!... e que lhe custara meia libra.

CONDE (*voltando para o quarto*) — Oh! Salve! Salve! Deus omnipotente e cheio de graça!... Ella delirava...

DOUTOR — Tragam agua, vão já buscar estes remedios á primeira botica...

EZEQUIEL (*apresentando-se e recebendo a receita*) — Sim senhor, eu vou á pharmacia...

DOUTOR — Aqui está dinheiro... (*dando-lhe dinheiro*).

EZEQUIEL (*tendo já saido. volta ao doutor e pergunta-lhe*) — E bixas hãode ser precisas, senhor doutor? Tenho-as magnificas!

(O doutor faz um gesto. Ezequiel sae correndo. O conde está de joelhos aos pés de Adelaide a quem o doutor faz respirar um vidro de saes.)

DOUTOR — Felizmente vinha munido dos meus saes. Noto que lhe vão fazendo bem.

CONDE — Doutor... ella morre?

DOUTOR — Peço á sciencia que a salve.

CONDE — Por que não pede antes a Deus?!

DOUTOR — Deus é a sciencia. Escute... ella abre os olhos...

CONDE — E sorri...

DOUTOR (*pulsando-a*) — Diminuiu-lhe a febre.

CONDE — Já não tem o olhar desvairado.

DOUTOR — A respiração regularisa...

CONDE — Olha para mim...

DOUTOR — Chame-a.

CONDE — Adelaide?... tu conheces-me?

Adelaide (*com a voz muito debil*) — Trouxe-te a minha santa Virgem da Conceição! E's Carlos...

Conde — Oh! bem hajas... querida! (*querendo abraçal-a*).

Doutor (*impedindo*) — Por emquanto, pregue sem bater no pulpito! E' um costume pessimo!

Conde (*a Adelaide*) — Ainda me queres e amas?

Doutor (*áparte*) — Sim, não é mal lembrado... Como confortativo.

Adelaide — Se te quero?! Se te amo?!... E tu?

Conde — Eu? Oh! minha Adelaide! Responde-me tu...

Adelaide — Não me interrogues... (*debruçando-se para elle que a ampara nos braços, sem se levantar*) Não me interrogues, metade de mim mesma; deixa-me abraçada por ti, quando me fallas do teu amor, arrepender-me do que te fiz soffrer... e pensar que sou feliz!

Conde — Para que nos fugiste? Para que nos abandonaste?

Adelaide — Perdendo minha mãe, tinha perdido tudo! não sentia mais do que a minha dôr, e queria morrer tambem! Pensava na minha posição e na tua; e lembrava-me das palavras que minha mãe me tinha dito, já moribunda!... «eu era o escandalo vivo que te acompanhava; a Providencia livra-te d'elle!» Ora eu tambem disse comigo: — mulher obscura e diffamada, não serei eu o escandalo vivo d'elle! —

Conde — Tu és um anjo, Adelaide! Se me fizeste soffrer, hasde, em recompensa, amar-me muito! Sim?

Adelaide — Mais do que já te amo? é impossivel! E' todo o amor de uma mulher, que te consagro! se achas que é pouco, pede a Deus que t'o explique melhor... saberás então como és amado!

(Continuam conversando a meia voz.)

SCENA VI

ADELAIDE e O CONDE, no quarto da esquerda; o DOUTOR, entre portas; EZEQUIEL, com os vidros dos remedios. Momentos depois o CONDE DE S. BRIGIDA, a CONDESSA e ANDRÉ.

(O povo occupa sempre a sala da entrada.)

EZEQUIEL — Aqui estou de volta, senhor doutor, com toda a *boticada!* Não quebrei senão o vidro do ether...

DOUTOR (*rindo*) — Pois, agora, podes quebrar todos á tua vontade.

EZEQUIEL — Então ella morreu?!

DOUTOR — Applicou-se-lhe outra medicina... Está lá com ella outro physico melhor.

EZEQUIEL — Ah! o francez que cura com agua fria e boccadinhos de camphora?!

DOUTOR — Não... coisa melhor! E' um que cura só com olhos.

EZEQUIEL — Que pena! E eu que tinha trazido por prevenção seis duzias de bixas, que são seis duzias de cobras!... Perguntemos-lhe sempre se elle as quer?... (*pretendendo entrar*).

UMA VOZ — Ahi vem os condes de Santa Brigida!

OUTRA — Os paes dos pobres!...

(O povo agita-se e corre para a escada.)

DOUTOR — Oh! a que proposito...

OUTRA VOZ — Ainda não ha oito dias, que o conde empregou meu filho na *fravica!*

OUTRA — O mez passado foi a condessa em pessoa levar-me esmola a casa; que eu estava para ali n'uma cama, estirada... mais morta que viva!

TODOS — Deus os traga! Deus os traga, que veem por bons!

DOUTOR — Estas vozes sinceras são os seus mais bellos diplomas de nobreza!

(N'este momento apparecem os condes: o povo faz-lhe roda. O doutor vae recebel-os.)

ANDRÉ — E' aqui, meus senhores.

DOUTOR — Vv. ex.as são sempre os primeiros a apparecer em auxilio da miseria, mas d'esta vez... hão-de perdoar-nos de lhe termos roubado esta palma!

S. BRIGIDA — Foi um acaso singular... que pode tomar-se por milagre! Depois da carta com que o doutor me honrou a respeito d'aquella menina...

CONDESSA — O doutor bem sabe, conde!

DOUTOR — Se fui eu que informei o senhor conde...

S. BRIGIDA — A condessa teve a bondade de annuir aos meus desejos de...

CONDESSA — Peço perdão. Foi o conde que se dignou tomar o meu conselho a favor d'essa pobre desprotegida...

DOUTOR — Perdoe-me, condessa! desprotegida, não! tinha as sympathias do conde de Villa-nova da Serra, e a minha amizade.

S. BRIGIDA — Finalmente, a condessa achou no espirito da sua religião verdadeira que...

CONDESSA — Devemos perdoar, para que Deus nos perdoe tambem. *(com intenção, olhando para o conde)*.

S. BRIGIDA — E assentámos em legitimar Adelaide.

DOUTOR — Oh! é uma resolução tão nobre que justifica os elevados sentimentos que a sociedade attribue a vv. ex.as.

CONDESSA — E' religião.

DOUTOR — Não, minha senhora, hade perdoar-me; é philosophia!

CONDESSA — Não convenho, doutor.

S. BRIGIDA — Continuemos: angustiados, como todos, pela fuga de Adelaide, tivemos hoje o prazer de lhe descobrir o asylo.

DOUTOR — Ah... sim?! mas já não recebem alviçaras!... E como foi que...

S. BRIGIDA — Havia uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, que eu tinha, ha annos, comprado...

CONDESSA — N'esse ponto não concordamos, conde!

S. BRIGIDA — Pois sim, condessa. Que eu tinha, ha dezoito annos offerecido...

CONDESSA — Quantos pormenores.... O conde é infatigavel...

S. BRIGIDA — Em resumo; a tal imagem foi-nos hoje apresentada para a comprarmos. Ora, sendo tão nossa conhecida, a condessa alegrou-se de a ver.

CONDESSA — Chorei muita lagrima por ella! Havia dezoito annos que desapparecera do meu oratorio!

S. BRIGIDA — Inquiri do vendilhão...

ANDRÉ — Um criado de v. ex.ª! (*cortejando*)

S. BRIGIDA — E finalmente aqui viemos ter.

DOUTOR — Em tão boa hora que Adelaide está salva, e capaz de acompanhar seus paes.. Perdão, v. ex.ª tinha-me dito que a senhora condessa consentia em ser a sua segunda mãe! (*a condessa faz um gesto de beata. O doutor continua*) Para evitar-lhe, porém, mais commoções perigosas, no estado em que está, rogo-lhe que por emquanto...

CONDESSA — É prudente, doutor.

S. BRIGIDA — Vamos pois tratar de conduzil-a. Onde está ella?

DOUTOR — Ali...

S. BRIGIDA — Só?

DOUTOR — Oh! muito bem acompanhada. Está com o medico.

S. BRIGIDA — O medico? pois v. ex.ª...

DOUTOR — Oh! eu nunca saberia curar o coração,

a não ser d'alguma simples congestão... com licença, conde, vou prevenil-os. (*entra no quarto*)

S. BRIGIDA (*observando da porta e commovendo-se*) — Minha pobre filha!

(O doutor aproxima-se do conde de Villa-nova da Serra, e diz-lhe algumas palavras.)

CONDE — Sim, vamos arrancal-a d'esta casa, d'esta miseria!

ADELAIDE — E vens comigo, Carlos?

CONDE — Se eu vou comtigo? e para sempre! Partamos.

(Adelaide levanta-se; o conde ampara-a de um lado, o doutor, do outro, e veem á bocca da scena. O conde de St.ª Brigida vae apertar a mão á condessa.)

S. BRIGIDA — Obrigado, condessa!

CONDESSA — E diga ámanhã que os meus santos não fazem milagres! Diga!...

ADELAIDE — Sou feliz, Carlos! A minha santa Virgem da Conceição trouxe-te e salvou-me! Os milagres, são assim: e só os comprehende quem sabe guardar a fé! Oh! sou feliz!...

CONDE — Partamos! E, para em tudo ser justificada a bondade infinita de Deus, reconheçamos que mesmo «no mal, ha o bem de trazerem comsigo os infortunios o fazer sentir uma impressão desconhecida e indefinivel, na primeira alegria que quebra a cadêa dos males.»

DOUTOR (*exultando*) — Verdadeiro triumpho para a philosophia!

(Adelaide, sempre amparada pelo conde e pelo doutor, atravessa vagarosamente o theatro.)

Cae o panno.

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto...... 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Um Risco, comedia em dois actos.................... 160
Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.° fr....... 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr....... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.° fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço...... 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos.... 180
Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço....... 300
A Aristocracia e o dinheiro, comedia em tres actos....... 300
Coração de Ferro, drama phantastico em cinco actos....... 300

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. Preço...................... 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço...... 240
Uma Victima, drama original em tres actos............. 160

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. —Preço 80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, drama em tres actos.............. 160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr...... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.° francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr. 200
As Obras de Horacio, imitação, comedia em um acto. Preço 120
Um Homem de Consciencia, comedia em dois actos....... 160

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.° fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr......... 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr. 200
Memorias do Coração. Preço.................. 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos.................. 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço 240
O Marido no Prégo, comedia em um acto............... 160
Já não ha tolos!... comedia em um acto.............. 80
Não desprese sem saber, comedia em um acto............ 120
O Colono, comedia-drama em tres actos................ 160
Segredos do Coração, comedia drama em tres actos...... 200
O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos......... 240
A Mascara Social, comedia-drama em tres actos......... 200

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN.

A Vida em Lisboa, comedia-drama em 4 actos............ 300

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço........... 320

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.° francez. Preço..... 1:800

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço.................. 360

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240
O Pae prodigo, comedia em tres actos.................. 200
O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço.... 200
Gil Braz de Santilhana, comedia em tres actos............ 180

PELO AUTOR DO CAMÕES DO ROCIO.

Remechido, o Guerrilheiro, ou os ultimos dez annos da sua vida, drama em 3 actos, e duas epocas, precedido de um prologo ... 300

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço ... 240

JOSE' IGNACIO D'ARAUJO.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos ... 200
Um Bico em Verso, scena comica. — Preço ... 60

JOSE' DE TORRES.

Tudo no mundo é comedia ; comedia em tres actos ... 200

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. — Preço ... 360

J. E. COELHO.

Amor e Amizade, comedia em um acto ... 80

JOSE' DE VASCONCELLOS HASSE.

A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos ... 160

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA.

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos, 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda = Les quatre fils Aymon. — Preço ... 320

GUILHERME AGUIAR.

Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos... 200

MANUEL ODORICO MENDES.

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. — Preço ... 200

I. DE VILHENA BARBOSA.

Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas : 3 vol. 8.° francez (com estampas lytographadas) 3:000

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.° francez. Preço ... 360
Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço ... 100
Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.° fr. Preço ... 200
Rudimentos de economia politica, para uso las escolas, 1 vol. 200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus ... 80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça... ... 80
O Mentor da mocidade ... 120
Ensaios poeticos. Preço ... 60
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.° port. 120

NO PRELO.

Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em quatro actos.
A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos.
Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.
A Conquista d as Amazonas, comedia-drama em dois actos.
A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.
Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em um acto.
A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.
Pedro Cem, comedia em cinco actos.
O Maestro Favilla, drama em tres actos.
O Arrependimento salva, drama em 1 acto.
Amor e arte, drama em 3 actos.
Fernando, comedia-drama em 4 actos.
Graziella, drama e 1 acto.
Não envenenes tu, a mulher, qui-proquo em 1 acto.
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.
Dois cães a um osso, comedia em 1 acto.
Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo.

É MELHOR

NÃO EXPERIMENTAR!

COMEDIA EM UM ACTO

ADQUADA Á SCENA PORTUGUEZA

por

ALFREDO HOGAN.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1858

OBRAS QUE SE VENDEM EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES, LIVREIRO, RUA AUREA, 227 E 228.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837, pela sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, e suspenso em 1844 — completo 8 volumes. Continuado em 1852, até o presente pelo seu editor e proprietario Antonio José Fernandes Lopes. E' redigid por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de folio com excellentes gravuras em madeira. Preço por assignatura — em Lisboa — pagamento adiantado — anno 1$200 réis — semestre 700 réis — cada numero, 30 réis — Não se fazendo adiantado o pagamento, anno, 1$560 réis — Nas Provincias (franco de porte) pago adiantado, 1:370 réis

As collecções completas, até ao presente anno, 15 volumes, em papel, réis 23$400 — encadernadas 28$000 réis.

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado pelos nossos mais distinctos escriptores, e fundado em 1856 pelo mesmo editor do *Panorama*. Tem completo o 1.° volume; em papel, preço em Lisboa, 3$600 réis, e encadernado 4$200 — Por graves motivos interrompida em 1857, continua no corrente anno de 1858, o 2.° volume, que se tem impresso regularmente. Preço d'este volume, em Lisboa, por assignatura 4$000 réis — e nas provincias 4$300 réis, franco de porte.

Poesias de M. M. de B. du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Luiz Augusto Rebello da Silva. Edição completa em 6 volumes de 8.° francez, com mais de 400 paginas cada um. Preço rs. - 4$320

Natureza das Coisas, poema de T. Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por A. J. de Lima Leitão. 1851—1853, 2 vol. 8.° br. rs. 800

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, por L. A. Rebello da Silva, com censura e autorisação do patriarcado. Publica-se em cadernos de 150 paginas; cada volume comprehende dois cadernos. — Estão publicados 4 cadernos, que constituem o 1.° e 2.° volumes, contendo a Vida de Nosso Senhor Jesus Christo completa: preço de cada volume em Lisboa, rs. - 480

Nas provincias, rs. - - - - - - - - - - - - - - - - - - 520

Poesias de L. A. Palmeirim — 2.ª edição, correcta e augmentada. 1 vol. de 8.° francez, rs. - 600

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, por José da Silva Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, um proloquio pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um esboço critico pelo sr. Lopes de Mendonça. 1 vol. de 8.° francez rs. 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos (continuação dos Homens de Marmore) por José da Silva Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, e um juizo critico pelo sr. Ernesto Biester. 1 vol. de 8.° francez br., rs. - 300

Addições ao Manual do Tabellião, por F. V da Silva Barradas. 1 vol. 8.° francez. br., rs. - 200

Memorias de Litteratura Contemporanea, por A. P. Lopes de Mendonça. 1 vol. 8.° francez, rs - 720

Medicina Legal, por Sédillot; traduzida pelo doutor Lima Leitão — 2.ª edição augmentada de notas. 2 vol., em 8.° francez, rs. - - - - - - - - 1200

A Cruz, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos d'Azevedo e Silva. 1 vol. 8.° francez, rs. - 320

Um Quadro da Vida, drama em 5 actos, por Ernesto Biester, com um prologo pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um juizo critico pelo sr. L. de Mendonça, 1 vol. 8.° francez, rs - 480

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos e em verso, por José da Silva Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.° br. rs. - - - - - - - - - - - - - 400
A Redempção, comedia-drama em 3 actos por Ernesto Biester, com uma introducção pelo sr. Mendes Leal Junior, 1 vol 8.° francez, rs. - - - - - 360
Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, 1 vol 8.° francez, rs. - - - - - - - - - - - - - - - 300
Dois Casamentos de Conveniencia, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim. 1 vol 8.° francez, rs. - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 360
Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.° francez, rs. 400
Camões e o Jáo, scena dramatica, por Casimiro Abreu, 8.° rs. - - - - - - 100
Duas Epocas da Vida, comedia em 3 actos por E. Biester, 8.° rs - - - - 240
Camões do Rocio, comedia em 3 actos por I. M. Feijoó, 1 vol, 8.° francez, rs. 300
Casamento e Despacho, comedia em 2 actos por A. de Serpa. - - - - - - 320
Sermões do doutor Francisco Soares Franco Junior, 1 vol. em 8.° francez, rs. 480
Eneida de Virgilio em portuguez, 3 vol. 8.° francez — br. rs. - - - - 2:880
O 3.° vol. só — 1:000 rs.
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo pelo autor do Camões do Rocio, com o parecer do excellentissimo senhor conselheiro Garrett.—Preço rs. - 400
A Mocidade de D. João V, comedia drama em 5 actos, por Luiz Augusto Rebello da Silva e Ernesto Biester, 8.° francez br - - - - - - - - 480
Uma viagem pela litteratura contemporanea, por Ernesto Biester, 8.° br. rs. - 200
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, por J. Mesquita da Rosa, 8.° port, br. rs. - 120
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 8.° br. 400
O Sapateiro d'escada, comedia de costumes em 1 acto. por L. A. Palmeirim. 160
Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire,— Candido Luzitano, —8.° br , 3 vol. - - - - - - - - - - - - - - - - - - 720
Stamboul, comedia em 3 actos, e 9 quadros, por Aristides Abranches, 8.° fr. br. Preço 300 rs.
Scenas de familia, comedia em tres actos, por A. C. de Lacerda. Preço 320.
As Brasileiras, comedia-drama em tres actos, por Alfredo Hogan. Preço 300.
A Domadora de feras, comedia em um acto, por L. A. Palmeirim Preço 160
Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.° vol. de 416 pag. em folio. —Preço 2$250 rs.
Rudimentos de Economia Politica para uso das escolas, por Feliciano Antonio Marques Pereira. — Preço 120.
Ensaios poeticos, por Luiz Paulino Borges. Preço 60.
Canticos de J. da S. Mendes Leal Junior. Preço 720.
Pedro, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior. Preço 400.
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em tres actos, por Alfredo Hogan. Preço 360
A' tarde, entre a murta, alta comedia em 3 actos, por João d'Aboim Preço 240.
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, por Alfredo Hogan— Preço 400 réis.
29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, offerecida a S. M. El-Rei o Senhor D. Pedro V. por José Romano — Preço 360 réis.
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto adquada á scena portugueza, por Alfredo Hogan — Preço 200 réis.

Tambem se acham á venda no armazem de livros do Editor A. J F. Lopes, rua Aurea, n.° 227 e 228, os primeiros dez volumes da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza de 1603 em diante, annotada pelo Dr. José Justino d'Andrade e Silva. — Preço de cada volume 2:200.

No prelo :

Poesias de Mendes Leal (Antonio).

O Genio da lingua portugueza, obra necessaria a quem quizer adquirir perfeito conhecimento do idioma de Camões.

A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, por José da Silva Mendes Leal.

Está-se imprimindo em separado a comedia, Lições para maridos.

É MELHOR NÃO EXPERIMENTAR

COMEDIA EM UM ACTO.

É MELHOR

NÃO EXPERIMENTAR!

COMEDÍA EM UM ACTO

ADQUADA Á SCENA PORTUGUEZA

por

ALFREDO HOGAN.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1858

INTERLOCUTORES.

ANSELMO DOS REIS, negociante retirado.

CATÃO, seu filho — 16 annos.

ALFENIM, pedagogo.

JOÃO, caseiro.

O SENHOR CASTRO-VERDE }
O SENHOR CASTRO-ROXO } Fidalgos de provincia.

JOSÉ, criado }
LEONOR, filha } do senhor Castro-roxo.

ANNINHA, mulher de José.

Na provincia — 1700.

ACTO UNICO.

(Campo e arvoredo. A' direita uma casa com uma porta e janella.)

SCENA I.

(Ao levantar do panno, ouve-se a detonação d'um tiro d'espingarda ; em seguida dois gritos de mulheres : Catão, em trem de caçador, vem correndo pelo fundo e topa com João que sae da casa.)

JOÃO.

Irra ! Logo pela manhã, uma d'estas ! . . .

CATÃO.

Vistel-os ? . . Eu ia jurar que levaram chumbo ! . . . Espera. . . (*escutando*)

JOÃO.

De chumbo tem *você* os pés, *seu* Catão ! E esta ! Ainda me doe !

CATÃO.

Empresta-me o teu cão...

JOÃO.

Qual cão, nem meio cão!!... Ora não se dá!... Então que significa... (*áparte*) Pareceu-me que tinha ouvido gritar mulheres...

CATÃO.

(*Sempre distrahido, prestando ouvidos ao menor som que lhe parece*) Eu t'o digo, João. Levantei-me com o primeiro alvor do dia: abri a janella para tomar fresco...

JOÃO.

E' o que o senhor seu pae lhe recommenda!

CATÃO.

Rezei...

JOÃO.

Tal qual!

CATÃO.

Lavei-me...

JOÃO.

Outro tanto não fiz eu...

CATÃO.

Fumei...

JOÃO.

Fumou!? O' *seu* Catão... pois *você* já fuma? E se o pae vem a saber?..

CATÃO.

E já faço muitas coisas que elle não sabe...

JOÃO.

Heim?

CATÃO.

Depois... imagina o que eu vi!... Imagina...

JOÃO.

Eu sei cá imaginar!...

CATÃO.

Vi... vi...

JOÃO.

Então que viu?

CATÃO.

(*Pensativo*) Vi...

JOÃO.

(*A'parte*) Que diabo viu o rapaz!.. (*observando-o*) Aquelles modos!... Homem! parece-me, assim... como quem perdeu...

CATÃO.

Vi...

JOÃO.

Seria lagarto?!..

CATÃO.

(*Com ingenuidade*) Nada!... lagarto?!.. Elles voavam...

JOÃO.

Então eram passaros!...

CATÃO.

Oh! que passaros!... (*fica pensativo*)

JOÃO.

(*A'parte*) O rapaz não está em si! (*alto*) O' *seu* Catãosinho... então que é isso, homem!?

CATÃO.

Peguei na espingarda, corro... metto á cara, e... zas!

JOÃO.

Não caiu nem um?

CATÃO.

Gritaram e fugiram!... Não os ouviste gritar?..

JOÃO.

Ai... ai, que dei nos vinte! O que eu ouvi gritar, eram... (*áparte*) Safa! o que me ia saltando pela bocca fóra!

CATÃO.

(*Com enthusiasmo*) Porém eu vou jurar que um levou chumbo! Sim; levou chumbo e anda ahi pelo milho... Empresta-me cá o teu cão para o descobrir... Vae buscal-o.

JOÃO.

(*A'parte*) O que faz a innocencia!

CATÃO.

Não te demores... parece-me que estou ouvindo piar...

JOÃO.

(*Rindo*) Aquillo é *coxixar*...

CATÃO.

(*Dispondo-se a carregar a arma*) Dou-te a minha palavra; heide virar um dos taes passaros se tornam a apparecer-me!...

JOÃO.

(*Impedindo*) O' *seu* Catão, deixe-se d'isso!

CATÃO.

Que me deixe d'isso?!.. Deixa-me tu.

JOÃO.

Não deixo, não senhor! Quer matar os pavões aqui do visinho fidalgo?...

CATÃO.

Pavões! qual historia!... Eu sei muito bem o que são pavões!... (*querendo carregar*)

JOÃO.

(*Impedindo sempre*) O' *seu* Catão! *seu* Catão!..

CATÃO.

Arreda...

JOÃO.

(*Tomando-lhe a arma*) Não seja creança, meu senhor!...

CATÃO.

(*Chorando*) Dá-me a arma, João!

JOÃO.

Não dou, não, senhor! O menino anda a fazer desatinos, a perseguir os pavões!...

CATÃO.

Não são pavões, já t'o disse! Mas... espera... se me não dás a espingarda vou queixar-me ao papá... (*sae, chorando*)

SCENA II.

JOÃO, SÓ.

Ainda não estou em mim! O senhor Catão á caça de mulheres, como quem anda atirando a gallinholas! E mulheres cá na fazenda!... Bravo! Se o senhor Anselmo dos Reis toma conhecimento da asneira do seu filho... quem o hade pagar, sou eu! Vamos tratar de descobrir o gado... e pôl-o ao fresco... Mulheres cá na fazenda! E' preciso vestir a minha vestia azul e o meu collete de guizos!... Vamos, ainda que é para as enxotar como quem enxota pardaes.., mas, sempre são mulheres!.. (*entra na casa, e sae momentos depois*)

SCENA III.

LEONOR E ANNINHA, depois JOÃO.

ANNINHA.

Não tenha susto, menina; eu conheço o caseiro...

LEONOR.

Mas se o maldito nos descobre!... Ah! quem o havia de crer! atirar a mulheres como quem atira aos pardaes!

INTERLOCUTORES.

ANSELMO DOS REIS, negociante retirado.

CATÃO, seu filho — 16 annos.

ALFENIM, pedagogo.

JOÃO, caseiro.

O SENHOR CASTRO-VERDE } Fidalgos de provincia.
O SENHOR CASTRO-ROXO }

JOSÉ, criado } do senhor Castro-roxo.
LEONOR, filha }

ANNINHA, mulher de José.

Na provincia — 1700.

res... que não está mais na sua mão!... E se elle soubesse que...

LEONOR.

Quando tu lhe disseres que sou uma pobre rapariga, perseguida por uma desapiedada madrasta, sem protecção de ninguem, nem de meu proprio pae; que fugi de casa com medo de casar com um pobre diabo, que é seu sobrinho, e que ella me quer dar por marido... Oh!.. estou certa que hade commover-se.

JOÃO.

Qual carapuça! O patrão não crê nas cantilenas de mulheres! Conheço-o muito bem.

ANNINHA.

Pois eu aposto que as nossas lagrimas hãode tocal-o! Principalmente aqui as da menina Leonor. Olha, eu, apenas as vi correr por aquelle semblante abaixo, não pude resistir... Abandonei a minha casa, para a acompanhar, e deixei o meu José, que vem a ser criado do senhor seu pae, e com quem estou casada ha onze mezes, apesar de ser o melhor marido que conheço! O teu patrão não hade ter mais escrupulos do que eu!

JOÃO.

Valha-me Sant'Anna! Isso é teima.

LEONOR.

Ao menos vae chamar-nos o filho; veremos se elle resiste!... hade alcançar-nos a protecção do pae.

JOÃO.

(*Rindo*) E' bem certo que não ha nada mais duro do que uma cabeça de mulher! E' mesmo por causa do filho que elle não quer mulheres cá na fazenda! Pois eu não lhes tinha dito que...

LEONOR.

Não; tu não nos disseste nada...

ANNINHA.

Conta-nos...

JOÃO.

O pae não quer que o filho veja mulheres; o filho não sabe o que são mulheres...

ANNINHA.

(*Interrompendo-o a rir-se*) E não lhe pergunta pela mãe?...

JOÃO.

Sim... o pae conta-lhe tudo a seu modo... e o filho, que não vê, como se lá diz, um palmo adiante do nariz, acredita que... que... Valha-te a *breca*, rapariga, eu não contei já tudo isso?...

LEONOR.

E porque não quer elle que o filho saiba o que são mulheres? Seremos porventura tão má gente que...

JOÃO.

Valha-me S. Barnabé! Isso adivinha-se!.. principalmente tendo-lhes eu já contado de *fio* a *pavio*...

ANNINHA.

Enganas-te; ainda não contaste coisa alguma.

JOÃO.

(*Aproximando-se e olhando pela scena*) E' que o pae...

ANNINHA.

Conta. . Ninguem nos ouve.

JOÃO.

Sim, venho a dizer que o pae... tendo-se casado... parece que a mulher era d'estas que mandavam vir as modas lá da França... Heim? Vocês percebem. Ora, succede que... o homem, vendo-se viuvo, e com um filho. não quer, pelos modos, que o rapazote... não digo bem; não quer que... sim, era o que eu lhes dizia; não quer que o *estorninho* do filho vá cair na mesma *esparrella!* Heim? (*ellas riem*) Mas.. que estou eu aqui a dar á lingua, á maneira do sino da freguezia em dia de festa! Vamos... ponham-se ao fresco!

LEONOR.

(*Dando-lhe dinheiro*) Já que fallaste em dia de festa, toma lá para a festa.

JOÃO.

(*Mostrando mau modo e acceitando*) Toma lá para a festa!.. em boa festa me mettem *vocês*; mas eu não caio!...

ANNINHA.

Fica-te a matar o teu collete de guizos!

JOÃO.

E' o que se póde arranjar.

LEONOR.

(*Dando-lhe mais dinheiro*) Pobre rapaz...

JOÃO.

(*A'parte*) Ai que me querem namorar!... Isto de mulheres... bem o diz o patrão; homem! (*rindo e coçando a cabeça*)

ANNINHA.

Anda, vem d'ahi...

JOÃO.

Vem d'ahi?... (*áparte*) E então...

ANNINHA.

Vamos; nós não podemos ficar aqui, expostas...

LEONOR.

(*Dando-lhe dinheiro*) E não digas a ninguem que nos tens em casa!

JOÃO.

O' mulheres, vocês não teem vergonha de me estarem *átintar?!...* (*tolamente*)

LEONOR.

Vamos...

JOÃO.

Mas se o rapaz por ahi apparece; elle, que mette o nariz em toda a parte...

LEONOR.

Havia de ficar bem satisfeito de nos ver, e fallar. Eu lhe ensinaria que se não atira d'aquelle modo, a mulheres!

ANNINHA.

A raparigas bonitas...

JOÃO.

Pois sim, fiem-se n'elle! Aquillo é um gralha que não deixaria de ir contar tudo ao pae... E' um riso ouvil-o a *prêcurar-lhe* certas coisas!... Esperem vocês; eu vou observar se não está ninguem ahi pelos *órredores. (sae pelo fundo)*

SCENA IV.

LEONOR E ANNINHA.

LEONOR.

Respiro, Annica; temos abrigo por hoje.

ANNINHA.

E' verdade; porém é necessario advertir que não estamos nada longe de casa... Receio muito que por ahi venham procurar-nos.

LEONOR.

Quem hade desconfiar que estou ao abrigo do caseiro d'esta quinta?

ANNINHA.

E até quando? E' preciso pensar no dia d'amanhã.

LEONOR.

Dizes bem: pensaremos. Por emquanto, o melhor que temos a fazer, é uma obra de caridade para agradarmos a Deus.

ANNINHA.

Qual é a obra? Bem sabe que sou muito caridosa!

LEONOR.

A obra é, nem mais nem menos, tirarmos esse pobre rapaz das trevas da ignorancia em que o traz sepultado o tonto do pae!

ANNINHA.

(*Sorrindo*) Sim? Olhem lá como vae puxando a braza á sua sardinha!..

LEONOR.

Não entendo o que dizes.

ANNINHA.

Eu não sou tão desassisada como pareço. Certo dia, quando eu a vi espreitar com o oculo o rapaz que andava ás carreiras cá pela quinta, disse comigo: Ahi está a menina Leonor que... não sei se me entende!? E se o sobrinho da patrôa tivesse tão bonita presença como aquelle *novilho*, creio que não teriamos de andar fugidas pelas quintas alheias!

LEONOR.

Percebeste mais do que eu! Se te disse que tinha vontade de tirar o rapaz da cegueira em que o trazem, dou-te a minha palavra, entendi que o meu coração apenas se commovia de compaixão.

ANNINHA.

Pois sim: as senhoras de *tratamento* são todas as-

sim; em vez d'irem direitas ao que pretendem, tomam por atalhos, e fingem não querer o que querem! No fim de tudo iá vão ter!.. As pobres de Deus, nós outras, não fazemos a mesma ceremonia; quando o meu José, que Deus ajude, me pegou na mão, pela primeira vez, para dançarmos, apertou-m'a tanto que me deu a entender... E eu, tambem, não estive *com mais aquellas*: respondi-lhe que, se queria casar, era despachar logo!

(Ouve-se gritar, a voz de)

JOSÉ.

Olá!.. Olá!...

LEONOR.

Credo!...

ANNINHA.

Ah! que é a voz do meu José!...

JOSÉ.

O' da quinta!... Olá... se tem cão por ahi, prenda-o...

LEONOR.

Estamos perdidas.

ANNINHA.

Depressa, minha senhora, corramos para o cubiculo do caseiro!...

(Ouve-se a voz de)

ALFENIM.

João!! O' João?..

SCENA V.

LEONOR, ANNINHA, JOÃO, apressado.

JOÃO.

Não ha um momento a perder! Para casa... para casa! Fechem a porta, e não a abram a ninguem! (*Leonor e Anninha entram na casa*)

SCENA VI.

ALFENIM, JOÃO, JOSÉ, que não tem deixado de gritar.

ALFENIM.

Quem está a gritar d'este modo!?..

JOÃO.

Hade ser alguem que está por ahi a gritar.

ALFENIM.

Alguem hade ser!... Vejamos...

JOSÉ.

Com a fortuna! E' uma quinta de mudos! O' senhor! o senhor é mudo?

ALFENIM.

Eu creio que não!

JOSÉ.

Talvez seja surdo?

ALFENIM.

Senhor, veja como falla! (*com importancia*) Eu sou o pedagogo da casa!

JOSÉ.

Que diabo é *você* da casa?...

ALFENIM.

Pedagogo.

JOSÉ.

Raios me partam se eu o entendo!..

JOÃO.

Pedagogo!

JOSÉ.

Pois, senhor... pedagogo, (*voltando-se para João*) com perdão de *vocemecê*, não sei se o offendo...

ALFENIM.

Que quer o senhor?

JOSÉ.

O senhor saberá dizer-me se vou bem, por aqui, para achar o que procuro?...

ALFENIM.

Ora adeus! Eu não sei o que *você* procura! Deixe-me! Não é d'esse modo que se prende a attenção d'um pedagogo!

JOSÉ.

Perdoe *vocemecê* senhor *pedagogo*. (*custando-lhe a pronunciar aquella palavra. A'parte*) Que nome tão cheio de *gôgos* que tem este *raio d'homem!* (*alto*) Meu senhor...

ALFENIM.

Não me deixará?

JOSÉ.

Mas o senhor não sabe o que procuro?... Procuro minha mulher...

ALFENIM.

Sua mulher?!

JOSÉ.

Sim, senhor: minha mulher...

ALFENIM.

Faz bem em procurar mulheres n'esta quinta!... Hade achal-as!

JOÃO.

Lá isso é uma verdade.

JOSÉ.

A minha, chama-se Annica; outros chamam-lhe Anninha; é alta, bem feita, muito prendada; nunca teve filhos... E depois, vae... fugiu de casa para fazer favor á filha da patroa que queria casar a enteada com o *papa-moscas* do sobrinho, que é mesmo um *papa-moscas*, não desfazendo nos senhores!... E d'ahi, succede que, tendo-me deitado, hontem, ao lado da minha *ametade*, vae acordo, hoje, sem a ver!... O senhor já ouviu nada mais exquisito?...

ALFENIM.

E' o cumulo da immoralidade!..

JOSÉ.

Tal e qual! Foi o que eu pensei logo, e por isso *alembrei-me* de cá vir *precurar*...

ALFENIM.

(*Rindo para João*) Hade achal-a; hade...

JOSÉ.

O' senhor, *vocemecê* não m'amostre os dentes d'essa maneira, que me faz andar a cabeça *ó redor!*

ALFENIM.

Socega; não tenhas medo ..

JOSÉ.

Então um homem, que não sabe onde pára a sua mulher, não hade ter medo!?..

ALFENIM.

Se quizer saber o que ella faz... não ha nada mais simples.

JOSÉ.

Sim, o senhor acha simples... Então como é isso? Saber o que ella faz! Em casa, sei eu o que ella faz, porque não faz nada.

JOÃO.

E por fora?

JOSÉ.

Essa pergunta é para deixar patota um homem! Eu sei cá!... Ainda que lhe perguntasse o que faz por fora, era capaz de não responder nem *pio! Você* não sabe o que é a minha Annica!

ALFENIM.

Temos um meio excellente de a experimentar!

JOSÉ.

De a experimentar!...

JOÃO.

Sim. Ali o senhor diz bem.

JOSÉ.

Faz favor...

ALFENIM.

O senhor Anselmo dos Reis tem um certo copo de prata que serve para esse fim. Enche-se de vinho...

JOSÉ.

De vinho bom!

ALFENIM.

Depois, bebe-se...

JOSÉ.

Perdão; nós é que bebemos?!

ALFENIM.

Bebe o marido.

JOÃO.

O marido; entende?

JOSÉ.

Sim, eu é que bebo.

ALFENIM.

Se a sua mulher lhe fôr fiel...

JOSÉ.

E se o não fôr?

ALFENIM.

O vinho inflamma-se, referve, e trasvasa-se!

JOSÉ.

E' ratão! E onde comprou elle esse copo?

ALFENIM.

Trouxe-o d'uma terra d'arabes, por curiosidade.

JOSÉ.

Elle era casado?...

ALFENIM.

Era.

JOÃO.

Está claro...

JOSÉ.

E experimentou?

ALFENIM.

Creio que sim.

JOSÉ.

E o vinho, trasvasou-se?

ALFENIM.

Creio que não...

JOSÉ.

Está feito!... E não experimentou segunda vez?

ALFENIM.

Experimentou.

JOSÉ.

Caiu n'essa?!... E que tal?

ALFENIM.

D'esta vez...

JOSÉ.

O' senhor pedag...g...o...ógo... perdão, que me esqueceu a sua graça...

ALFENIM.

Chamo-me Alfenim.

JOSÉ.

Meu caro senhor Alfenim, conte-me essa historia para rir um *boccado*.

ALFENIM.

O homem quiz experimentar a fidelidade de sua mulher. Escreveu-lhe, mandou-lhe presentes sob um nome supposto, e afinal recebeu um bilhete d'ella. Assim que o leu, corre ao copo, enche-o de vinho. .

JOSÉ.

(Rindo ás gargalhadas) Ai que patela!... E o vinho?...

ALFENIM.

Saltou-lhe ao nariz!...

JOSÉ.

(Rindo muito) Quem alcança o que procura, a si o deve!...

ALFENIM.

Desgostoso com a experiencia, apartou-se da senhora, que foi passear até ao Rio de Janeiro, sua patria, e veiu encerrar-se com o filho n'esta quinta solitaria, onde, por assim dizer, é raro entrar viv'alma!..

JOSÉ.

Pois meu caro senhor, esse tal copo é maravilhoso O meu patrão anda sempre *ás resingas* com o pobre do cunhado, a respeito da patroa; e eu estou, *como o outro que diz*, que não seria mau convidal-os para beberem uma pinga. . .

JOÃO.

Silencio! Ahi vem o patrão.

SCENA VII.

ANSELMO, ALFENIM, JOSÉ, JOÃO.

ANSELMO.

Ah!.. Senhor Alfenim, senhor Alfenim... todo o nosso trabalho está perdido!..

ALFENIM.

Que succede, senhor Anselmo?

ANSELMO.

Estou desesperado!... não sei o que devo fazer! Meu... (*vendo José que o sauda*) Quem é aquelle homem?

ALFENIM.

E' um pobre homem que deseja experimentar o copo.

JOSÉ.

E se me dá licença vou buscar mais dois amigos para o mesmo fim.

ANSELMO

Pois sim; vae... vae meu filho! (*tragico*) Trema

o mundo! tremam as infieis!... Nada de piedade! nada de capitulação!.. A verdade nua e crua!... Eis, amigos, a nossa divisa!

(José comprimenta e sae.)

JOÃO.

(*A' parte*) O patrão, hoje, está bravo!

SCENA VIII.

ANSELMO, ALFENIM, JOÃO.

ANSELMO.

(*Depois de pausa, tomando uma pitada de tabaco*) Senhor Alfenim... para que lhe pago eu, com o meu dinheiro?

ALFENIM.

Essa é boa! Para educar o senhor Catão.

JOÃO.

(*A' parte, collocando-se de modo que possa ouvir o que se vae dizer entre elles*) Dar-se-ha o caso que o rapaz lhe tivesse dito...

ANSELMO.

Pois o meu filho... (*vendo João, dá-lhe um pontapé*) Que fazes aqui, maroto?

JOÃO.

Nada...

ANSELMO.

Vae-te!

JOÃO.

(*A'parte*) Com os pavões do visinho mettidos em casa!... que tal está o negocio, heim?!...

SCENA IX.

ANSELMO ALFENIM.

ANSELMO.

Senhor Alfenim, meu filho, aquelle Catão innocente e ingenuo; um verdadeiro Catão de innocencia, que tanto trabalho me tem dado a educar; e que eu tenho educado com o esmero que podia empregar um jardineiro, no tratamento d'uma planta d'estufa... aquelle virgineo mocinho, que mette doze mil réis por mez n'algibeira de vossa senhoria a troco de quatro palavras de latim e de grego, acaba de fazer-me perguntas que me deixaram o espirito grego!! (*passeando agitado*)

ALFENIM.

O senhor Catão?! Apostara que o meu pupillo não estava no caso de fazer perguntas...

ANSELMO.

Asseguro-lhe que m'as fez! Perguntas que me deixaram tremulo! que me tocaram o nervoso!..: . que...

ALFENIM.

Ahi está o que faz a natureza!...

ANSELMO.

Qual natureza! Eu não entendo assim! Não quero que meu filho tenha natureza alguma! Cá tenho as minhas razões! Estou no meu direito!

ALFENIM.

Mas escute, senhor Anselmo; o menino tem genio. Eu, é verdade que lhe fallo só das flores, das arvores, dos fructos; de Cicero, de S. Matheus, dos peixes, de Carlos Magno...

ANSELMO.

Pois sim, falla-lhe muito bem; mas o rapaz foi perguntar-me se haviam cavallos-eguas!... D'aqui a pouco perguntar-me-ha se ha peixes-mulheres; e ahi o temos a sonhar no bello sexo, senhor Alfenim! n'esse escolho terrivel em que naufragam tantas intelligencias! n'esse pomo de discordia que traz o mundo n'uma confusão constante! E eu tenho-lhe dito, senhor Alfenim, que quero acabar a minha raça! que quero poupar o meu filho aos desgostos que... o senhor bem me entende.

ALFENIM.

Valha-me Deus, senhor Anselmo. O homem não

vem a este mundo ahi como qualquer pepino ou beringela. Tudo lhe dá a entender que a sua natureza é rica de recursos... O coração palpita, esta palpitação desperta os sentidos; os sentidos formam as idéas... e aqui está como a coisa succede.

ANSELMO.

Tudo isso é bom; mas eu não quero! Tenho dito! não quero que meu filho... Ah! eil-o ahi... Cuidado, senhor Alfenim! cuidado... senão!.. (*sae pelo lado opposto*)

SCENA X.

ALFENIM, CATÃO.

CATÃO.

Parece que o papá anda a fugir diante de mim!

ALFENIM.

E sou eu que o pago!... Ora esta...

CATÃO.

Ah! senhor Alfenim; ainda bem que o encontro. Diga-me: como se chamam uns passaros que eu vi, muito loiros... um era loiro, o outro... o outro não me lembra. E tinham uns olhos muito bellos... que olhavam para mim!... Oh! que lindos passaros! Como se chamam?

ALFENIM.

(*A'parte*) Bravo! o rapaz viu mulheres, não ha que duvidar! (*alto*) Isso hãode ser pavões.

CATÃO.

Ora, pavões! estes passaros que eu vi não tinham rabo de côres. O que elles tinham era um papo... um papo!... que lindo papo! (*fica pensativo*)

ALFENIM.

(*Limpando o rosto*) Estou aviado! perco os meus doze mil réis! O rapaz está examinado... está prompto!.. As lições que lhe faltam... essas não é de mim que tem de as receber!...

CATÃO.

E os meus passaros, como se chamam, senhor Alfenim?

ALFENIM.

Não sei, não sei!.. elles que lh'o digam!

CATÃO.

Ah! elles fallam? Sim, o senhor ensinou-me que *in illo tempore* havia animaes palradores...

ALFENIM.

E ainda os ha, meu senhor! Ainda os ha!

CATÃO.

Não sabe, senhor Alfenim, estou disposto a sair d'esta quinta.

ALFENIM.

A sair?..

CATÃO.

Sim! o verbo sair... eu saio...

ALFENIM.

Percebo. Quer pôr o verbo em acção! E onde vae?

CATÃO.

Vou ver o que por ahi ha. Cá na quinta não vejo novidades! Arvores de fructa...

ALFENIM.

E não lhe mostrei hontem umas que se chamam mosqueiros, *e que dão moscas?*

CATÃO.

Foi o que me despertou a lembrança de ir procurar as que dão os outros animaes; por exemplo, bois...

ALFENIM.

Não seja creança! Os animaes não nascem das arvores.

CATÃO.

O' senhor Alfenim, e o senhor de que nasceu?

ALFENIM.

(*A parte*) O rapaz põe-me a torturas!

CATÃO.

O senhor não é animal?

ALFENIM.

Não sei, não sei o que sou! O que lhe digo é que se não tomar juizo, senhor Catão, heide dizer ao senhor seu pae que... (*gritando muito*) Sim, senhor! Aprenda o que lhe digo, e não aprenda mais do que lhe digo! Estude!... estude o que deve estudar! as suas licões, e nada mais! *Hora, horæ*, ablativo do singular?... (*Catão dá uma risada*)

CATÃO.

Escute, senhor Alfenim; o que eu queria aprender era a ler n'um livro portuguez como o senhor lê, e como lê meu pae: mas uma vez que não querem ensinar-me, estou determinado a... a fugir! Convido-o para acompanhar-me.

ALFENIM.

Senhor Catão, não diga disparates. Isso não lhe ensinei eu!

CATÃO.

Decida-se até á noite. Dinheiro não faltará; ire-

mos por esse mundo fora á procura dos meus passaros. Tome sentido; se fôr denunciar-me ao papá, dir-lhe-hei que o senhor ensinou-me que havia peixes-mulheres! (*Alfenim dá um salto*)

ALFENIM.

(*A'parte*) O caso é serio! Elle já falla em mulheres!... Se o denuncio ao pae, o pae volta-se contra mim! Se o acompanho, acaba-se a historia dos meus doze mil réis!

CATÃO.

Em que pensa, senhor Alfenim?

ALFENIM.

Com sua licença... até logo.

CATÃO.

Decida-se. Esperal-o-hei, ás oito horas, ao pé das *arvores que dão moscas*.

ALFENIM.

Talvez. (*sae*)

SCENA XI.

CATÃO só, depois LEONOR E ANNINHA.

CATÃO.

Está dito; heide sair d'aqui, ainda que eu soubesse que ficava esmagado debaixo da porta!

(Leonor e Anninha entreabrem a porta da casa, examinam, e veem para a scena.)

ANNINHA.

(*A' parte*) Lá está elle só.

LEONOR.

Vejamos o que faz quando nos vir.

CATÃO.

(*Sem as ver*) Meu pae não é bom pae porque me não ensina tudo o que sabe! E heide ter pena de o deixar?

ANNINHA.

(*A Leonor*) Não devemos dizer-lhe quem somos. Veremos se elle adivinha.

CATÃO.

Naturalmente, o que elles me não ensinam é cem mil vezes melhor do que latim e grego! Sabe Deus quantas coisas bonitas ha por esse mundo fóra. (*Vendo Leonor e Anninha, recua maravilhado*) Que vejo!... Os meus passaros!... (*fica maravilhado*)

ANNINHA.

Passaros!? E' mais tolo que innocente!...

(Catão, sem ousar aproximar-se, contempla-as n'um verdadeiro extasi. — A orchestra preludia e acompanha as seguintes estrophes.)

CATÃO.

Oh! que lindos passarinhos!...
Mas... sem bico! é de pasmar!
Heide procurar-lh'os ninhos,
P'ra a meu modo os educar.

(Ellas fazem-lhe mesuras.)

CATÃO.

Elles fazem como as rôlas...

ANNINHA E LEONOR.

Deus o guarde, meu senhor!

CATÃO.

Eu sinto idéas tão tolas!...

ANNINHA E LEONOR.

Venha cá, se faz favor!..

CATÃO.

'Stão fallando! serão gente?
Mas sem pernas? nunca vi!
Eu não sei que coisa ardente...
Só d'ouvil-os já senti!

ANNINHA.

Acabemos com isto! Parece que nunca viu...

LEONOR.

Que lhe parece *este?*

CATÃO.

Os teus olhos... se eu pudera,
O que m'inspiram dizer!...
E o teu riso... Oh! quem me dera...
(Recitando) Ri-te mais um pouco para eu ver...

LEONOR.

(Rindo) Então amas-me, não é assim?

CATÃO.

Se te amo!...

ANNINHA.

Vamos: mas é preciso saber para que?

CATÃO.

Esse *que* põe-me a torturas!
Eu não sei dizer *para que;*
Minh'alma sonha as ternuras,
Que lhe inspira isto que vê!...

ANNINHA.

Então?

CATÃO.

Peço oito dias para responder.

LEONOR.

Entretanto, não tens nada bonito para me contar?

CATÃO.

Oh! se tenho! mas... não sei expressar-me...

ANNINHA.

Eu o auxilio. O que faria o senhor para lhe provar que a ama?

CATÃO.

Tudo!

ANNINHA.

E' o costume: porém como te decides a estimarnos, vamos dar-te alguns conselhos que não deves esquecer. Escuta.

DUETO.

Se quizeres ser um dia
Completamente feliz,
Da mulher que te dá mimos
Não creias o que se diz!

Ao mundo não dês ouvidos!
Só no que tu vires, crê,
Não a enganes, nem lhe peças,
Mais do que tem, que te dê!

Não a sigas por teimoso,
Nem a guardes por traição;
Se não quer's que o mundo ria
Dos teus trabalhos em vão!

LEONOR.

(*A'parte para Anninha*) Que faremos?

ALFENIM.

Então que pretendem?

CATÃO.

Vê? Veja bem que não são pavões, como o senhor dizia!

ALFENIM.

Cale-se! (*olhando para ellas*)

ANNINHA.

(*A'parte*) Como elle está olhando para nós!

LEONOR.

(*A'parte*) Se soubesse como é feio!....

ALFENIM.

Quero saber o que vieram cá buscar!?

ANNINHA.

(*A'parte*) E' peior que um lobo cerval!

CATÃO.

Ora, senhor Alfenim, não as espante!

ALFENIM.

Cale-se, imprudente! (*áparte*) Que bellas raparigas!

LEONOR.

Se é crime estar aqui, desculpe; nós ignoravamos...

ALFENIM.

(*A'parte, indicando Leonor*) E' seductora!...

ANNINHA.

Se soubessemos que nos haviam de receber tão mal, não teriamos vindo!

ALFENIM.

(*A'parte*) E os olhos d'esta!...

CATÃO.

O' senhor Alfenim, não é verdade que não ha nada tão lindo como...

ALFENIM.

Deixe estar, que seu pae lh'o dirá!

CATÃO.

Hade ficar contentissimo quando as vir. Eu mesmo quero leval-lh'as.

ALFENIM.

O que! atrever-se-hia?!.. Oh! saia da minha presença!...

CATÃO.

E' o que me faltava...

ALFENIM.

Senhor Catão, ordeno-lhe que se retire.

CATÃO.

E eu não quero.

ALFENIM.

Pagará tudo junto. (*A Anninha, dando-lhe uma chave*) Corram a occultar-se no meu quarto... no fim d'esta rua, á direita. Aqui está a chave.

LEONOR.

(*A Anninha*) No quarto d'elle! Eu cá não vou.

ALFENIM.

(*Vendo-as hesitar*) Depressa...

CATÃO.

Qual depressa! Depressa... o que? Oh! não façam caso do que elle diz! Eu vou procurar meu pae; tral-o-hei aqui... e veremos quem manda! (*sae correndo*)

SCENA XIII.

LEONOR, ANNINHA, ALFENIM.

ALFENIM.

Agora é que as senhoras devem considerar-se perdidas! Sabem o que vae succeder?...

LEONOR.

Oh! será coisa sem remedio?

ANNINHA.

Nós esperamos tudo da sua bondade.

ALFENIM.

A belleza sempre encontra defensores, nas mais arriscadas crises!

ANNINHA.

Obrigadas ao seu favor.

ALFENIM.

Não se fiem n'aquella creança que d'aqui saiu: é uma cabeça de vento capaz de transtornar tudo...

ANNINHA.

Assim nos pareceu...

ALFENIM.

O pae jurou acabar a sua raça; e não consentiria nunca....

ANNINHA.

Perde-se a casa dos bicos!

LEONOR.

Conduza-nos a um logar seguro, onde possamos contar-lhe a nossa desgraça, e ouvir os seus conselhos.

ALFENIM.

Queiram seguir-me.

SCENA XIV.

OS MESMOS, E JOÃO.

JOÃO.

(*Surprehendendo-os*) Viva a bella sociedade! Com que então...

ALFENIM.

Que contratempo!

JOÃO.

Sem ceremonia!.. Uma vez que o senhor quer carregar com ellas, eu faço-lh'o barato... se a coisa der de

si... seremos ambos postos ao fresco! E' uma consolação não ir só...

ALFENIM.

Não te calarás, tagarela!

JOÃO.

Calar-me! Só se consentem que retire o meu alfinete do jogo.

ALFENIM.

Que queres dizer?

JOÃO.

Quero dizer, sim, venho a dizer como quem diz que se houver perigo seja todo para o seu lado: e que não se falle no meu nome, se perguntarem por quem as escondeu! Senão, vou d'aqui procurar o patrão, e...

ALFENIM.

Basta! Eu só me sacrificarei.

JOÃO.

E' como quem diz que toma o fardo todo em peso sobre si?.. N'esse caso...

ANNICHA.

Estamos de mal a peior! Ahi vem gente...

LEONOR.

Entremos... (*dirigindo-se á casa da direita*)

JOÃO.

(*Tomando a porta*) Entremos!?.. Aqui entro eu só.

ALFENIM.

João... deixa-as entrar...

JOÃO.

Leve-as o senhor lá para o seu quarto! E esta!...

ANNINHA.

Tenham compaixão...

LEONOR.

(*Dando dinheiro a João*) Tu és um bom rapaz. (*el e deixa-as entrar*)

JOÃO.

Rapaz!.. Aï que fico rico e moço d'esta vez!..

SCENA XV.

ANSELMO, CATÃO. ALFENIM, JOÃO.

CATÃO.

Sim, papá, é impossivel que me recuse este favor depois de ter visto... (*olhando espantado pela scena*) Onde estão elles?... Senhor Alfenim, que fez o senhor dos meus rapazes?

ALFENIM.

O senhor não está em si! (*áparte*) Que carranca, meu Deus, que traz o velho!

ANSELMO.

Então que é isto! Tu estás cassoando comigo!?..

CATÃO.

O' João, para onde foram elles?!..

JOÃO.

Elles, quem, meu senhor?

CATÃO.

Senhor Alfenim, dê-me conta dos meus rapazes... ou, apesar da presença de meu pae....

ALFENIM.

Não o entendo...

CATÃO.

(*Pegando com força n'um braço de João*) João, declara-me o que lhes succedeu!... Quero saber!...

JOÃO.

Ai!.. meu senhor... ai o meu braço!... O senhor está louco!?...

CATÃO.

Meu pae... ordene que m'os restituam, senão morro desesperado!

JOÃO.

Não é dos pavões que *vocemecê* quer fallar, senhor Catão?

CATÃO.

Não são pavões, não, velhaco!...

JOÃO.

Espere... pareceu-me ouvir piar... Vamos em *cata d'elles*... por aqui.. por aqui... (*indicando o lado opposto á casa*)

CATÃO.

Vamos, meu bom João... vamos... Ah!... se os não achar, o senhor Alfenim é quem me hade pagar!

(Sae com João.)

SCENA XVI.

ANSELMO, ALFENIM.

ALFENIM.

Senhor Anselmo dos Reis, o seu filho é incorrigivel!

ANSELMO.

Vou mandal-o prender.

ALFENIM.

Não; deixe-o ir... talvez lhe faça bem a distracção...

ANSELMO.

Tenho medo que endoideça!... Se ouvisse a trapalhada que elle me foi contar...

ALFENIM.

Justamente; é o que eu lhe dizia inda agora. São idéas que lhe passam pela cabeça; e aposto que são idéas de mulher...

ANSELMO.

De mulher! O senhor deseja divertir-se comigo? Ninguem tem idéas do que nunca viu!

ALFENIM.

Bella theoria! Ora diga-me: nunca lhe aconteceu sonhar?

ANSELMO.

Poucas vezes...

ALFENIM.

E ver coisas que não teria visto se não tivesse dormido?

ANSELMO.

Mas o meu filho anda acordado... aquillo não é sonhar!

ALFENIM.

E' sonhar acordado; é um sonho de poeta...

ANSELMO.

Ora adeus! o rapaz não é poeta!

ALFENIM.

Aos dezeseis annos todos os homens são mais ou menos poetas.

ANSELMO.

Oh! o senhor dá razão de tudo! E eu não admitto que meu filho pense em mulheres!

ALFENIM.

Cada qual admitte o que lhe convem; mas receio muito...

ANSELMO.

Ao menos, se lhe não puder occultar absolutamente a existencia das mulheres, heide conseguir que elle as odeie ainda mais do que eu!

ALFENIM.

E' difficil...

ANSELMO.

No fim de tudo, o senhor Alfenim é um apostolo do bello sexo! Faz bem! Emprega muito bem o seu tempo! Quem vem ali?..

ALFENIM.

Ah! é aquelle homem que deseja experimentar o copo. (*áparte*) Chega á proposito.

SCENA XVII.

ANSELMO, ALFENIM, O SENHOR CASTRO-VERDE, O SENHOR CASTRO-ROXO, JOSÉ, LEONOR E ANNINHA, na janella da casa.

ANNINHA.

(*A Leonor*) O rapaz já lá não está...

LEONOR.

E' o mesmo; vejamos o que se passa.

CASTRO-VERDE.

E' como lh'o digo! imbecil! o senhor é um pessimo cunhado!

CASTRO-ROXO.

Oh! meu senhor, seja mais delicado com o marido da senhora sua irmã!

ANNINHA.

Menina, lá está o meu José...

LEONOR.

(*A Anninha*) E meu pae, tambem! E meu tio...

CASTRO-VERDE.

(*A Castro-roxo*) O senhor é um intrigante!..

CASTRO-ROXO.

(*A Castro-verde*) E o senhor, um... um...

JOSÉ.

(*Intervindo*) Por quem são, meus senhores...

CASTRO-VERDE.

(*A Castro-roxo*) A sua irmã!...

CASTRO-ROXO.

(*A Castro-verde*) E a sua!...

CASTRO-VERDE.

A minha, não tem nada que se lhe dizer!... E' uma fidalga da minha raça... que comprehende perfeitamente os seus deveres!

CASTRO-ROXO.

A minha nobreza é mais antiga! E minha irmã, além de ser muito mais illustre que a sua, tem a vantagem de ser martyr nas suas mãos, senhor Castro-verde!

CASTRO-VERDE.

Senhor Castro-roxo, quando eu fallo da sua irmã, tenho razão!

CASTRO-ROXO.

Não tem!

CASTRO-VERDE.

Tenho, sim senhor!

CASTRO-ROXO.

Não tem!...

JOSÉ

(Recorrendo a Anselmo e Alfenim) Meus senhores, ajudem-me a apartal-os! Se elles pegam á unha, a coisa tem que se lhe diga!...

ANSELMO.

Olá, meus senhores, que é isso?... Dois homens maduros!

CASTRO-VERDE.

Ah! ainda bem que temos um terceiro: vou fazel-o juiz da nossa causa. Queira escutar: eu faço a honra áquelle senhor, de dar meu filho, que é tão nobre como eu, em casamento á sua filha, que não é tão nobre como meu filho! E como a sua filha evacuou a casa paterna na vespera do casamento, elle tem a insolencia de dizer que foi por minha culpa; porque sou severo de mais com a familia, e que por isso a pequena tendo medo de ir para minha casa....

CASTRO-ROXO.

O negocio é este: eu dou a minha filha, que tem

dez contos de réis, ao filho d'este senhor que é pobre como Job! Ora, succede que a menina foge de casa por que lhe desagrada o casamento; e este senhor injuria-me dizendo que sou um pae relaxado, sem animo nem vigor, para se fazer respeitar! que a minha mulher está sempre ao redor de mim a fazer-me meiguices; e que eu soffro que ella me chame seu menino, seu brinquinho, seu néné... e mais coisas que não quero dizer!... Porém aquillo é inveja! Se a minha mulher me faz festas é porque me estima devéras! não é como a d'elle que...

CASTRO-VERDE.

Que tem o senhor que dizer da sua irmã!?..

CASTRO-ROXO.

Digo que é martyr nas suas mãos, e heide dizel-o sempre! Se não gostar do senhor, faz muito bem!

ANSELMO.

Segundo concluo, os senhores discordam sobre capitulos d'amor conjugal O caso não é novo, e admitte uma experiencia infallivel! (*Para Alfenim*) Faz favor de ir buscar a ferramenta.

ALFENIM.

Sim senhor. (*sae e volta momentos depois trazendo um copo de prata e uma garrafa*)

CASTRO-VERDE.

Muito bem! Vamos ver!... Eu sou austero, é verdade... mas...

CASTRO-ROXO.

Vamos ver! Vamos ver!...

ANNINHA.

(*A Leonor*) Isto hade ser bom.

LEONOR.

(*A Anninha*) Eu cá não entendo nada...

ANSELMO.

A José) E você, tambem quer experimentar?..

JOSÉ.

(*Coçando a cabeça*) Veremos... veremos...

ALFENIM.

Aqui está o copo. (*enchendo-o de vinho*)

CASTRO-VERDE.

Dê cá, dê cá; tenho tanta certeza do que se passa, que quero ser o primeiro a experimentar (*pega no copo, e quando vae a aproximal-o da bocca, treme-lhe a mão, e o vinho entorna-se.*)

TODOS.

Ah! Ah! Ah!..

CASTRO-VERDE.

Que quer isto dizer?..

TODOS.

Isso quer dizer... *(hilaridade geral)*

CASTRO-VERDE.

Não percebo...

CASTRO-ROXO.

Se a minha irmã se comporta mal, a culpa é sua, meu senhor! Hade dar-me uma satisfação com as armas, na mão!

CASTRO-VERDE.

O que! se o vinho se entornou foi porque me tremeu o braço! Este maldito nervoso.. Vamos: quero mostrar-lhes que... *(enchendo o copo)* Lá vae. *(torna a tremer-lhe a mão; o vinho salta-lhe ao rosto.)* Ah!...

(Grandes risadas)

CASTRO-ROXO.

E então?

CASTRO-VERDE.

Pois se a minha mulher me não ama, o senhor é que me deve uma explicação!... Bem se vê que é sua irmã! Uma familia ordinaria!... Vejam de que meu filho se livra!.. a sobrinha hade sair á tia!

ANSELMO.

(*Apresentando o copo a Castro-roxo*) Agora o senhor.

CASTRO-ROXO.

Pois se lhe eu digo que minha mulher está sempre a fazer-me festas, a chamar-me seu *néné*...

CASTRO-VERDE.

E' verdade! prohibo-lhe que beba! Duvidar dos sentimentos da minha irmã, que é tão nobre como eu, é insultar-me!

CASTRO-ROXO.

Agora, quero experimentar!

(O vinho salta-lhe ao rosto. Todos riem.)

CASTRO-VERDE.

Foi elle que o fez de proposito!

CASTRO-ROXO.

Não ha tal! Assim como *usas cuidas!*... O senhor foi que entornou duas vezes o vinho, para desacreditar minha irmã!... Eu percebi muito bem o seu *machavelismo!*

CASTRO-VERDE.

Insolente! traidor!... Entornar o vinho só para comprometter uma senhora!... Eu lhe farei ver o que é um homem de probidade e de honra quando lhe tocam

na familia!... O senhor é um mau cunhado e um pessimo irmão! (*sae enfurecido*)

SCENA XVIII.

ANSELMO, O SENHOR CASTRO-ROXO, JOSÉ, ALFENIM, LEONOR E ANNINHA, na janella.

ALFENIM.

Agora, meu camponio, (*para José*) é chegada a tua vez. Andavas procurando tua mulher, e não tinhas grande certeza de ser amado... Vamos, experimenta... (*apresentando-lhe o copo*)

JOSÉ.

Isso é comigo?

ANSELMO.

(*A Castro-roxo*) Não se contriste, meu senhor! não vale a pena! A's vezes succede tremer a mão...

ALFENIM.

(*Para José*) Então?..

LEONOR.

(*Para Anninha*) Anninha, o teu marido vae beber.

ANNINHA.

E' o seu forte; porém era melhor que se deixasse

d'isso!... não que eu tenha algum receio.... entretanto...

ALFENIM.

(*Insistindo*) Quando se tem certeza de ser amado, bebe-se sem hesitar! Vá abaixo!

JOSÉ.

Nada!... Eu não tenho sêde.

ALFENIM.

Não se trata de ter sêde; trata-se de saber se tua mulher te ama...

ANNINHA.

(*A'parte*) Pobre José...

JOSÉ.

O' *seu* pedagogo, ou que diabo é *você*; e se o vinho me saltar ao nariz! o que lucro eu com isso? Ahi fica um homem pateta a scismar na *macaca*... Nada! Eu cá não bebo! Beba *você* e mais a su'alma.

ANNINHA.

(*A'parte*) Nunca pensei que o meu José fosse tão assizado!

ANSELMO.

(*A'parte*) E' para admirar o espirito d'este bruto!

CASTRO-ROXO.

Então que é isso, José? não queres beber á saude da tua mulher?

JOSÉ.

Ella tem uma saude de ferro, como se lá diz, capaz de dar e vender! Graças a Deus. E' minha mulher para Deus e para o mundo; estimo-a, e não teria figados de a trocar por outra! Lá se ella me quer ou não, isso é um segredo que só ella sabe e que não diz a ninguem! O caso é que a encontro sempre á minha espera, quando vou para casa; é verdade! e ainda que não acho nada feito, ella faz, depois, tantas coisas que me agradam, que até me obrigam a mostrar-lhe os dentes. Eu cá, sigo um systema que me ensinou o cura da freguezia, que é um homem que sabe dar duas palavras: e vem a ser *deixar ir as coisas como vão, nem muito bem, nem muito mal, dizendo sempre bem do padre capellão*. E assim, venho a dizer, como quem diz que *é melhor não experimentar!*

ALFENIM.

Tu és o typo do marido prudente!

ANNINHA.

Ah! estou de tal modo contente que não posso resistir ao desejo de lhe saltar ao pescoço!

LEONOR.

Espera, Annica... vaes deitar-nos a perder...

(Retiram-se da janella; momentos depois apparecem na scena.)

ALFENIM.

Toca n'esta mão: és o beijinho dos maridos!

JOSÉ.

Sou um seu criado.

CASTRO-ROXO.

E' o exemplo das pessoas de bem. Abraça-me, José!

JOSÉ.

Meu senhor!

ANSELMO.

Verdadeiro espelho da vida domestica!

JOSÉ.

Obrigado ao seu favor!

SCENA XIX.

OS MESMOS, ANNINHA, LEONOR.

ANNINHA.

(*Correndo a abraçal-o*) Meu José, não ha palavras que expliquem os teus merecimentos!

JOSÉ.

O' Annica, tu por aqui!...

ANSELMO.

Santo Deus! Mulheres na minha fazenda!?

JOSÉ.

(*A Anninha*) Que te parece, o copo ter-me-hia dito alguma coisa?...

ANNINHA.

Asseguro-te que não; mas fizeste muito bem em não querer experimentar! Agora, ainda gosto mais de ti, meu José.

CASTRO-ROXO.

Anninha, onde está minha filha? Já se fartou de correr por montes e valles?...

LEONOR.

Eis-me aqui, meu pae: queira perdoar-me!...

CASTRO-ROXO.

Filha indigna!.. (*áparte*) Se o meu cunhado aqui estivesse, veria se tenho ou não vigor para...

TODOS.

Senhor Castro-roxo, por quem é, perdoe-lhe...

CASTRO-ROXO.

Está perdoada.

ANSELMO.

Mas o que vieram estas mulheres cá fazer á minha fazenda?!...

SCENA XX.

OS MESMOS, CATÃO E JOÃO, pelo fundo.

JOÃO.

Não estão lá, não senhor, é engano! Pois eu havia de os ter em casa!?...

ANSELMO.

(*Torcendo-lhe uma orelha*) Ah! tu é que as tinhas escondido! maroto...

JOÃO.

Não senhor... não senhor!.. foi o mestre...

CATÃO.

Meu pae... (*vendo as duas mulheres*) Ah! bem o dizia eu! Cá estão os meus rapazes!... Meu pae...

CATÃO.

(*Para as duas mulheres*) Ora os meus rapazes!... Heim? (*pegando na mão de Leonor*) Heim? (*batendo levemente no rosto de Anninha*)

JOSÉ.

Então que é isso?!...

ANNINHA.

O que hade ser! não vês que é innocente?..

JOSÉ.

Ah! é innocente...

LEONOR.

(*Para Catão*) O senhor, por pouco me não matou esta manhã! Isso faz-se?

CATÃO.

Perdoa!.. agora és tu que me matas!...

ANSELMO.

Meu filho, acabo de tratar com o pae d'esta menina. Amanhã, far-se-ha o teu casamento, e ella ficará sendo tua mulher.

CATÃO.

(*Abraçando o pae*) Que bella coisa! mas... expli-

que-me, meu pae, o que quer dizer ser minha mulher?...

ANNINHA.

(*Ao marido*) Explica-lhe, coitado.

JOSÉ.

O pae que lh'o diga!..

ANSELMO.

Isso depois... depois...

CATÃO.

(*para Leonor*) Não estás contente?.. Como te chamas tu?

LEONOR.

Leonor...

ALFENIM.

Senhor Anselmo, creio que vae findar o meu magisterio; o meu pupillo já arranha o Tito-Livio, e a menina Leonor acabará de lhe formar o espirito: entretanto se precisar d'um preceptor intelligente para os seus netos vindouros...

ANSELMO.

Fallaremos. Agora, meus amigos, convido-os para jantar. Vamos. E tu tambem, honrado José...

JOSÉ.

Obrigado ao seu favor.

ANSELMO.

(*A' bocca da scena com o copo na mão*) Vamos: mas primeiro

Este copo enfeitiçado,
Que me fez encavacar...
(*Arrojando o copo*) Leve-o a bréca! Certas coisas
E' melhor não experimentar!

FIM.

OBRAS QUE SE VENDEM EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES, LIVREIRO, RUA AUREA, 227 E 228.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837, pela sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, e suspenso em 1844 — completa 8 volumes. Continuado em 1852, até o presente pelo seu editor e proprietario Antonio José Fernandes Lopes. E' redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de folio com excellentes gravuras em madeira. Preço por assignatura — em Lisboa — pagamento adiantado — anno 1$300 réis — semestre 700 réis — cada numero, 30 réis — Não se fazendo adiantado o pagamento, anno, 1$560 reis — Nas Provincias (franco de porte) pago adiantado, 1:570 réis

As collecções completas, até ao presente anno, 15 volumes, em papel, réis 23$400 — encadernadas 28$000 réis.

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado pelos nossos mais distinctos escriptores, e fundado em 1856 pelo mesmo editor do *Panorama*. Tem completo o 1.º volume; em papel, preço em Lisboa, 3$600 réis, e encadernado 4$200 — Por graves motivos interrompida em 1857, continua no corrente anno de 1858, o 2.º volume, que se tem impresso regularmente. Preço d'este volume, em Lisboa, por assignatura 1$000 réis — e nas provincias 1$300 réis, franco de porte.

Poesias de M. M de B. du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Luiz Augusto Rebello da Silva. Edição completa em 6 volumes de 8.º francez, com mais de 400 paginas cada um Preço rs.- 4$320

Natureza das Coisas, poema de T. Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por A. J de Lima Leitão. 1851—1853, 2 vol. 8.º br. rs. 800

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, por L. A. Rebello da Silva, com censura e autorisação do patriarcado. Publica-se em cadernos de 150 paginas; cada volume comprehende dois cadernos. — Estão publicados 4 cadernos, que constituem o 1.º e 2.º volumes, contendo a Vida de Nosso Senhor Jesus Christo completa: preço de cada volume em Lisboa, rs. - 480

Nas provincias, rs. - 520

Poesias de L. A. Palmeirim — 2.ª edição, correcta e augmentada. 1 vol. de 8.º francez, rs. - 600

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, por José da Silva Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, um proloquio pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um esboço critico pelo sr. Lopes de Mendonça. 1 vol. de 8.º francez rs. 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos (continuação dos Homens de Marmore) por José da Silva Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, e um juizo critico pelo sr. Ernesto Biester. 1 vol. de 8.º francez br., rs. - 300

Addições ao Manual do Tabellião, por F. V da Silva Barradas. 1 vol. 8.º francez. br., rs. - 200

Memorias de Litteratura Contemporanea; por A. P Lopes de Mendonça. 1 vol. 8.º francez, rs - 720

Medicina Legal, por Sédillot; traduzida pelo doutor Lima Leitão — 2.ª edição augmentada de notas. 2 vol., em 8.º francez, rs. - - - - - - - - 1200

A Cruz, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos d'Azevedo e Silva. 1 vol. 8.º francez, rs. - 320

Um Quadro da Vida, drama em 5 actos, por Ernesto Biester, com um prologo pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um juizo critico pelo sr. L. de Mendonça. 1 vol. 8.º francez, rs - 480

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos e em verso, por José da Silva Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.° br. rs. - - - - - - - - - - - - - 400
A Redempção, comedia-drama em 3 actos por Ernesto Biester, com uma introducção pelo sr. Mendes Leal Junior, 1 vol 8.° francez, rs - - - - - 360
Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, 1 vol 8.° francez, rs. - - - - - - - - - - - - - - - - 300
Dois Casamentos de Conveniencia, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim. 1 vol 8.° francez, rs. - 360
Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, por A de Serpa, 1 vol. 8.° francez, rs. 400
Camões e o Jáo, scena dramatica, por Casimiro Abreu, 8.° rs. - - - - - 100
Duas Epocas da Vida, comedia em 3 actos por E. Biester, 8.° rs - - - - 240
Camões do Rocio, comedia em 3 actos por I. M. Feijoó, 1 vol, 8.° francez, rs. 300
Casamento e Despacho, comedia em 3 actos por A. de Serpa. - - - - - 320
Sermões do doutor Francisco Soares Franco Junior, 1 vol. em 8.° francez, rs. 480
Eneida de Virgilio em portuguez, 3 vol. 8.° francez — br. rs. - - - - 2:800
O 2.° vol. só — 1:000 rs.
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo pelo autor do Camões do Rocio, com o parecer do excellentissimo senhor conselheiro Garrett.—Preço rs. - 400
A Mocidade de D. João V, comedia drama em 5 actos, por Luiz Augusto Rebello da Silva e Ernesto Biester, 8.° francez br - - - - - - - 480
Uma viagem pela litteratura contemporanea, por Ernesto Biester, 8.° br rs. - 200
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, por J. Mesquita da Rosa, 8.° port. br. rs. - 120
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 8.° br. 400
O Sapateiro d'escada, comedia de costumes em 1 acto. por L. A. Palmeirim. 160
Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire,—Candido Lusitano, —8.° br , 3 vol - - - - - - - - - - - - - - - - - - 720
Stamboul, comedia em 3 actos, e 9 quadros, por Aristides Abranches, 8.° fr. br Preço 300 rs.
Scenas de familia, comedia em tres actos, por A. C. de Lacerda. Preço 320.
As Brasileiras, comedia-drama em tres actos, por Alfredo Hogan. Preço 300.
A Domadora de feras, comedia em um acto, por L. A. Palmeirim Preço 160
Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.° vol. de 416 pag. em folio. —Preço 2$250 rs.
Rudimentos de Economia Politica para uso das escolas, por Feliciano Antonio Marques Pereira. — Preço 120.
Ensaios poeticos, por Luiz Paulino Borges. Preço 60.
Canticos de J. da S. Mendes Leal Junior. Preço 720.
Pedro, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior. Preço 400.
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em tres actos, por Alfredo Hogan. Preço 360
A' tarde, entre a murta, alta comedia em 3 actos, por João d'Aboim Preço 240
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, por Alfredo Hogan— Preço 400 réis.
29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, offerecida a S. M. El-Rei o Senhor D. Pedro V. por José Romano — Preço 360 réis.
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto adquada á scena portugueza por Alfredo Hogan — Preço 200 réis.

Tambem se acham á venda no armazem de livros do Editor A. J. F. Lopes, rua Aurea, n.° 227 e 228, os primeiros dez volumes da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza de 1603 em diante, annotada pelo Dr. José Justino d'Andrade e Silva. — Preço de cada volume 2:200.

No prelo:

Poesias de Mendes Leal (Antonio).

O Genio da lingua portugueza, obra necessaria a quem quizer adquirir perfeito conhecimento do idioma de Camões.

A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, por José da Silva Mendes Leal.

Está-se imprimindo em separado a comedia, Lições para maridos

(1)

NÃO DESPRESE SEM SABER...

COMEDIA EM UM ACTO

ORIGINAL PORTUGUEZ

POR

ALFREDO HOGAN

Para se representar no theatro do Gymnasio Dramatico.

PREÇO 120 RÉIS

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1861.

NÃO DESPRESE SEM SABER...

COMEDIA EM UM ACTO

ORIGINAL PORTUGUEZ

POR

ALFREDO HOGAN

Para se representar no theatro do Gymnasio Dramatico.

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1861.

NÃO DESPRESE SEM SABER

Quantas vezes teremos passado pela fortuna, despresando-a? E quantas nos desfazemos com indifferença de qualquer objecto de que depois sentimos a falta irreparavel? Isto succede-nos todos os dias, como muito bem o estão provando, a cada passo, estas palavras tão conhecidas e preverbiaes «se eu soubesse... «se eu adivinhara...» etc.

E o que nos acontece em relação aos objectos que nos cercam, tambem tem logar a respeito dos sentimentos que nos affectam. Vemos, por exemplo, uma pessoa, que o acaso nos depara no caminho da vida; e tanto mais sympathia lhe inspiramos, quanto menos dispostos nos sentimos a seu favor. Despresamos aquella sympathia; e lá vem depois, quantas vezes, o momento em que pretendemos acordal-a do somno em que a deixámos dormir! Para quem não vive encerrado, completamente encerrado na força da expressão, a vida apresenta phases tão diversas, tão inesperadas, que ninguem deve, por que não pode fazel-o com segurança, dizer que não hade precisar, um dia, das coisas ou das pessoas que abandonou na vespera. E por isso lá vem o dictado para se não dizer *d'esta agua não beberei.*

La Fontaine foi um dos que, com mais espirito e graça, tratou de comprovar, com exemplos notaveis, onde a verdade se encontra logo á flor do sentido, a exa-

ctidão d'esses dictados em geral, que, para os apreciadores, constituem um dos mais ricos legados de nossos avós.

Pena é que o estylo demasiadamente *franco* com que estão escriptos alguns dos mencionados exemplos, não permitta conservar-lhes a precisão graciosa com que o sabio nol-os deixou.

A fouce do moralista despoja-os de parte das suas bellezas, na resolução do problema difficil de os trazer ao theatro. A consciencia vacilla por vezes... como porém na resolução d'esses problemas, a necessidade do theatro impera, força é guardar a consciencia na gaveta e deixar a penna fazer a sua obrigação.

Não Desprese sem saber... é uma *tentativa* innocente de que o publico ajuizará. Vão, n'esta comedia, *dois contos* do illustre escriptor francez; talvez os mais espirituosos de toda a sua collecção. Vão, porém, *francos de porte* até para o mais escrupuloso leitor, que não verá no *folheto* coisa alguma além das scenas intimas de uma familia honesta, *na epoca do marquez de Pombal*, o que sem duvida me livra da *facilidade* dos nossos dias, onde podia, contra vontade, *naufragar* sem esperança de salvação.

O autor.

INTERLOCUTORES

MANUEL VICENTE BORGA.

PEDRO PERES CABRAL.

D. EPHIGENIA.

MARIANNA.

A acção tem logar em Lisboa em 17***
depois do terremoto.

ACTO UNICO.

« On ne s'avise jamais de tout »
Contes et nouvelles de LA FONTAINE.

(Sala de um palacio de Lisboa em 17*** No fundo entre as duas portas principaes o retrato do marquez de Pombal. Portas lateraes).

SCENA I

(Ao levantar do panno Marianna está sentada em frente do *cravo*: D. Ephigenia em pé ao lado d'ella).

MARIANNA — Gostou, senhora D. Ephigenia?

D. EPHIGENIA — Ai, se gostei, menina Marianna!? Quem é que não sente derreter-se-lhe, em ternuras, o coração, ao ouvir essa lettra tão mimosa... diga-a, diga-a lá!

MARIANNA (*entoando*) — Esta?

«Joven Lelia abandonada...
«Por seu lindo, ingrato, amante...

D. EPHIGENIA (*imitando*) — Por seu lindo ingrato amante...

MARIANNA (*rindo*) — Meio ponto abaixo!

D. EPHIGENIA — N'algum dia, assim é que era! Eu sei muito bem que não tenho voz; mas para curiosa...

MARIANNA (*levantando se*) — Sim; não é de todo má. O que a faz descer, é o demasiado sentimento de que se deixa possuir... (*rindo*)

D. EPHIGENIA — Mal feito que assim não fôra! Eu, tudo desculpo na voz, menos a falta de sentimento. *Olhe*, algum dia...

MARIANNA — Amava-se muito?

D. EPHIGENIA (*suspirando*) — O que sei dizer-lhe é que não se via o que hoje se está vendo, desgraçadamente a cada passo... E tudo, por causa de quem? Ah! desde que o senhor Sebastião de Carvalho se metteu a fazer casamentos... pode-se dizer sem mentira que o amor bateu ás azas!

MARIANNA — Mas, como é isso então, senhora D. Ephigenia; se o amor fugiu, como é que se casa?

D. EPHIGENIA — Pobre innocente! Casa-se... chega até a ser uma monstruosidade tal que... arripia!

MARIANNA — Credo!

D. EPHIGENIA — Olhe; (*vendo se alguem as escuta*) uma das maneiras que o senhor Sebastião de Carvalho tem de proteger os seus afilhados, é casal-os vantajosamente. Sabe, por exemplo, que ha esta ou aquella moça rica em circunstancias de casar; e o que faz elle?! Escreve uma carta ao pae, ao tutor, ou isso que é, da moça; manda-lh'a pelo afilhado; o pae, o tutor, ou isso que é, mette a viola no sacco; e d'ali a oito dias tem logar o casamento! Não... que ninguem se mette a jogar as peras com o tal senhor...

MARIANNA — O que devemos pedir a Deus é que s. ex.ª tenha afilhados bonitos... (*de repente*) Mas se a moça tiver quem lhe arraste a aza?...

D. EPHIGENIA — Ahi! ahi é que vae o meu dito! E' ahi mesmo! Se a moça tiver *rufião*... que remedio, minha rica? (*suspirando*) O sacrificio é urgente! E por isso, hoje, ninguem quer já arriscar-se... E' o que me dá razão de dizer que o amor bateu as azas! Vê?

MARIANNA — Hade ser desagradavel..

D. EPHIGENIA — Pois não é!?

MARIANNA — Já experimentou?

D. EPHIGENIA — Ai, deixe-me, menina; nem fallar n'isso é bom...

MARIANNA — Eu, por mim, venha que não venha por ahi algum afilhado de s. ex.ª...

D. EPHIGENIA — Louvado sejaes, meu Deus! E' até onde podia chegar! Uma menina de bem, dizer similhante coisa!

MARIANNA — Se eu não amo ninguem...

D. EPHIGENIA — Pombinha d'innocencia; é por isso que falla assim: (*suspirando*) senão...

MARIANNA — (*rindo*) Desconfio, senhora D. Ephigenia, que tenho na minha presença uma victima d'algum afilhado...!

D. EPHIGENIA (*suspirando*) — Só n'uma palavra se enganou. Eu lhe conto...

MARIANNA — Conte.

D. EPHIGENIA — Eu sempre fui uma mulher honesta, mui sizuda e recatada com os homens; e que nunca gostei de *dirás tu*, *direi eu*; nem d'esses *dares e tomares* que muitas outras.. Deus me perdoe! Vamos ao caso. Fui educada de pequena em casa da mãe do senhor seu tio, o senhor Manuel Vicente, que Deus guarde, e como creanças que eramos, tinhamos certa inclinação que não lhe sei explicar...

MARIANNA — Mas eu percebo. Continue.

D. EPHIGENIA — Esta inclinação foi notada pelos paes do senhor Manuel Vicente; e quando chegámos aos dezoito annos, determinaram casar-nos. Aquillo sim; é que era um casamento d'amor verdadeiro!... Mas o *dómo*, Deus me perdoe, que não cança d'armal-as, mordido de ver tão santa harmonia em casa, tece uma das suas, e eis que tudo se transtorna! O senhor Manuel Vicente casa-se com a vizinha do lado que era uma

fidalgota pobre... e que... *já lá está*, Deus lhe falle n'alma...

MARIANNA — Pobre de quem ama! E' o que eu sempre digo! Mas meu tio está viuvo, e v. m.^{cê} podia muito bem, agora...

D. EPHIGENIA — Silencio! silencio... sinto-lhe os passos. (*espreitando*) E' elle, é.

SCENA II

D. EPHIGENIA, MARIANNA, MANUEL VICENTE, vestido á côrte entrando pelo fundo, seguido de PEDRO PERES, que fica junto da porta.

MANUEL — O diabo não é tão feio como o pintam! (*fazendo uma profunda cortezia ao retrato do marquez*) Obrigado! obrigado, meu senhor! (*vindo para a scena*) Boas tardes, minha sobrinha! boas tardes, senhora D. Ephigenia.

D. EPHIGENIA (*áparte*) — Que differença agora! Ai tempo... tempo!

MARIANNA — Sua benção, meu tio? (*beijando-lhe a mão*).

MANUEL (*sorrindo*) — Deus a faça uma santa. (*sentando-se*) Senhora D. Ephigenia, trate de mandar abrir o oratorio e accender quatro velas ao Senhor dos Bem Casados que é promessa que lhe fiz.

D. EPHIGENIA — Então porque, v. m.^{cê} casa-se?!

MANUEL — Que remedio tenho!?

D. EPHIGEEIA (*áparte*) — Oh! meu Deus...

MARIANNA (*baixo a D. Ephigenia*) — Ouviu? já lhe dou os parabens.

D. EPHIGENIA (*áparte*) — Que sobresalto que sinto!

MANUEL — A minha fortuna não hade por ahi ficar ao Deus dará. E além d'isso a estreita familiaridade com que temos vivido, não podia trazer outro resultado...

D. Ephigenia — Ai, senhor Manuel Vicente... confesso que não estava preparada...

Manuel — Preparada para que?

D. Ephigenia — Verdade seja... (*áparte*) Morro d'alegria... Deus queira que não me dê o flato!...

Marianna (*baixo a D. Epigenia*) — Então! Anime-se.

Manuel — V. m.cê tem alguma coisa, senhora D. Ephigenia?

D. Ephigenia — Oh! Um caso d'estes... é quasi uma estocada... (*áparte*) Não estou boa! sinto tonturas...

Manuel — Que diz ella!? Uma estocada!?

Marianna — Sente-se n'esta cadeira, senhora D. Ephigenia; isso não hade ser nada. (*a meia voz*) Anime-se, anime-se...

D. Ephigenia — Ah! senhor Manuel Vicente... a sua sobrinha, esta amavel menina... que fortuna!

Marianna — Para v. m.cê

Manuel — E é mesmo uma fortuna. Minha sobrinha tem dezenove annos. É orphã, é minha pupila; as mesmas observações que a v. ex.ª fiz.

D. Ephigenia — Pois v. m.cê fallou-lhe de mim?

Manuel — Tambem, sim senhora, tambem lhe fallei de v. m.cê para lhe provar que minha sobrinha tem vivido santamente na minha companhia, e que não ha n'este negocio a menor manha...

D. Ephigenia — Não! lá isso, não. E accrescentou que era uma inclinação de vinte e tantos annos?...

Manuel — Que sandice! Pois se a menina não tem ainda os dezenove completos!?

Marianna (*áparte*) — Que escuto!... Dar-se-ha o caso...

D. Ephigenia — Não percebo!

Manuel — Tem pouco que perceber. Se a menina não completou ainda dezenove annos, como podia eu sentir inclinações ha vinte e tantos?

D. Ephigenia — Ainda não percebo! A minha con-

ta é outra, senhor Manuel Vicente! Olhe; v. m.cê tem cincoenta e oito...

MANUEL — Eh lá!... menos oito, se faz favor!

D. EPHIGENIA — Upa! se não fôr mais!

MANUEL — V. m.cê foi sempre muito mais velha do que eu!

D. EPHIGENIA — Não ha tal, senhor Manuel Vicente!

MANUEL — Foi, sim senhora.

D. EPHIGENIA — Menos essa! Olhe, lembre-se v. m.cê d'aquelle dia... sim, d'aquelle dia... do meu natalicio.

MANUEL — Qual dia nem meio dia! O dia não faz nada ao caso... E esta!

MARIANNA *(áparte)* — Ralham as comadres descobrem-se as verdades!

D. EPHIGENIA — Foi um dia que nunca me esqueceu, senhor Manuel Vicente Borga.

MANUEL — Nem a mim! que por uma coisa que não valeu a pena, fui bem tosado por meu pae, Deus lhe falle n'alma! Mas, no fim de contas, o que eu tenho para dizer é a minha sobrinha; e por consequencia, cale-se v. m.cê e deixe-me fallar.

MARIANNA *(áparte)* — Meus ditos, meus feitos! *(alto)* A mim, meu tio?

D. EPHIGENIA — Então que tem v. m.cê que dizer á sua sobrinha?

MANUEL — E' o seguinte. Minha sobrinha, seu pae deixou-m'a confiada á minha guarda e á minha tutella. Tenho todo o direito de dispor da sua mão e da sua fortuna. Foi o que fiz.

D. EPHIGENIA — Mas...

MARIANNA — Meu tio...

MANUEL — Deixem-me acabar, senhoras! Juntando a inclinação ao dever, satisfaço-os do melhor modo possivel dispondo da sua mão em meu favor, e...

D. EPHIGENIA — Ai!.. quem me acode...

Marianna — Senhora D. Ephigenia...

Manuel — Irra! Senhora D. Ephigenia, quem foi que lhe fez mal?... Que é isso que tem...

Pedro (*que tem observado tudo, batendo levemente no braço de Manuel Vicente, diz-lhe em segredo*) — Já descobri um!

Manuel — Um, que?!

Pedro — Um namoro.

Manuel — Ora essa... com quem?!

Pedro — Isso é que nós havemos de saber depois.

Manuel — Já percebo... (*áparte*) Por isso ella quer atrapalhar-me o fio da historia...

D. Ephigenia — Então v. m.cê deseja casar-se com a sua sobrinha? (*abraçando-a*) Coitadinha! (*soluçando*)

Manuel — S. ex.ª consente: e é quanto basta. A dispensa, alcança-se. Accenda-se pois as quatro velas ao Senhor Jesus dos Bem Casados, que assim lh'o prometti; e v. m.cê, minha sobrinha, se tem alguma coisa a objectar...

D. Ephigenia — Ella, que hade ter que objectar, pobre pombinha, que nem sabe, a bem dizer, o que são os homens...

Manuel — Tambem eu aos dezenove annos não sabia o que eram as mulheres... e...

D. Ephigenia — Ai, não? Ora vejam!...

Manuel — Cala-te bocca, vae bebendo o teu café. Estamos pois d'accordo Senhora D. Ephigenia, na sua qualidade de governante, aqui lhe apresento este rapaz que tomei para meu criado. E' preciso mandar-lhe dar roupa, e fazer conta com elle cá na familia. (*a Pedro Peres*) Anda, vae beijar a mão da tua ama, que está para ser. (*indicando-lhe Marianna*).

Pedro (*envergonhado*) — Se a senhora consentir...

Manuel — E por que não! E' dever de todo o fiel criado beijar a mão dos seus amos.

Pedro (*hesitando*) — Mas eu cá tenho vergonha!...

Manuel — Oh desaforado... pois espera... que eu te vou tirar a vergonha...

Marianna — Meu tio...

Manuel (*pegando-lhe n'uma orelha e fazendo-o ajoelhar diante de Marianna*) — Quem dá o pão, dá o ensino! Beije a mão de sua ama!

Pedro (*áparte*) — Vamos a este sacrificio... (*com ironia*)

Manuel — Ah! já?

Marianna — Meu tio, a noticia que me deu, commoveu-me tanto que não acho palavras para agradecer-lhe... Eu mesma quero *pela minha mão* accender as quatro velas ao Senhor Jesus dos Bem Casados: e n'esse caso, dê-me licença. (*faz uma mesura e sae*).

D Ephigenia (*áparte*) — E faz bem! Eu é que não lh'as accendia. (*corteja e segue Marianna*).

SCENA III

MANUEL VICENTE, e PEDRO PERES.

Pedro — Irra! v. m.cê puxou-me esta orelha!...

Manuel — Ora isso já lá vae...

Pedro (*áparte*) — Hade custar-lhe caro!

Manuel — Foi para mostrar a minha sobrinha que não ha a menor intelligencia entre nós.

Pedro — Sim, d'esse modo creio que não hade haver nenhuma!

Manuel — As mulheres são capazes de ver mosquitos na *outra banda:* aquelle segredo que me disseste, já a tinha feito desconfiar; e assim, bom foi que visse como eu te puxava pelas orelhas...

Pedro — Em paga do segredo?

Manuel — Isso é conta á parte. Se me servires com zelo, conforme s. ex.ª afiançou, terás no fim do anno tudo quanto quizeres de mim.

Pedro — E tambem da senhora?

Manuel — Já ella te deve muito!...

Pedro — É verdade! mais do que pensa!

Manuel — É andar sempre álerta! Como te disse, o teu maior serviço é vigiar quem entra e quem não entra n'esta casa. Ver o dar fé, se quizeres merecer, de tudo quanto se disser e não disser. Emfim...

Pedro — Já entendo. E para experiencia... veja se o que lhe digo é certo. Sua sobrinha tem *rufião!* Olé so tem... Não reparou nas caretas da velha? N'aquelle modo com que a menina pregou os olhos no chão... São signaes certos, que não falham.

Manuel (*áparte*) — O marquez tem razão. O rapaz é esperto. (*alto*) E' necessario descobrir tudo.

Pedro — Deixe v. m.cê estar, que mais tarde ou mais cedo, a coisa hade dar de si!

Manuel (*pensativo*) — Se não fosse o meu flato...

Pedro — Que fazia?

Manuel — Uma espera.

Pedro — Ora ahi está. Desengane-se que um namorado não é um coelho! Mais facilmente pode ser pato... e então...

Manuel — Sim, e então?

Pedro — Se fôr pato, melhor... E' sempre o que digo. Deixe v. m.cê o caso por minha conta.

Manuel (*áparte*) — Nunca me lembrei que ella podia ter um namorado!...

Pedro (*áparte*) — Tem ciumes e medo! Já não pode passar sem mim!

Manuel — Então, sempre é certo que desconfias?

Pedro — Como é certo eu ser Pedro Peres, filho de outro, e criado de v. m.cê N'estas manhas tenho faro. Antes de s. ex.ª me trazer para Lisboa, servi lá no Pombal um senhor que me fazia andar n a cola da senhora, e então, foi lá que me desinvolvi! Isto de mulheres, ainda ellas não fallam, já eu sei se fallam verdade ou não.

Manuel — Muito bem, meu rapaz. Descanso em i.

Contra um velho, qualquer pode tirar partido; e o que eu não puder fazer por velho...

Pedro — Heide fazel-o eu! Descanse em mim. Olhe, medo não me acompanha!

Manuel — Bravo!

Pedro — Sei respeitar os meus amos, e livre-se alguem de lhes fazer alguma...

Manuel — Bravo! bravo! Aqui tens para castanhas. (*dá-lhe algum dinheiro*) Fica por ahi, em quanto eu vou a casa do vizinho aqui do lado convidal-o para padrinho. Até logo. (*saindo, áparte quando passa pelo retrato*) Muito obrigado, meu senhor! Metteu-me em casa um leão que hade guardar-me a porta! (*sae*).

SCENA IV

Pedro (*só*) — Muito bem, senhor Pedro Peres: muito bem. O mais difficil está feito: já dei um passo para a fortuna. E que fortuna! Oh! bem me dizia meu padrinho, que eu faria fortuna em Lisboa! E elle que me trouxe para cá alguma condição boa achou em mim. Está claro! cada qual bem sente para o que nasceu. Não via s. ex.ª o geito com que eu lhe copiava as cartas, e a diligencia com que corria a entregal-as... e algumas bem arriscadas. Vamos com Deus, que maganão é elle! E de conta! (*dando com os olhos no retrato*) Ai! perdão... perdão, meu senhor, já aqui não está quem fallou. Chamam-lhe mau; é mau para quem o não serve, boa duvida. É mau para quem não o respeita; mas para as pessoas que o estimam... vejam isto! afiançou-me de modo tal ao bom do velho que... (*sentindo passos*) Caluda! vem gente.

SCENA V

PEDRO PERES, e MARIANNA.

MARIANNA — Meu tio, dou-lhe parte que accendi oito velas em logar de quatro...

PEDRO — Para que?

MARIANNA — Ah! meu tio já aqui não está?

PEDRO — A senhora não vê?

MARIANNA — Se visse não perguntava.

PEDRO — Parece que é cega!

MARIANNA — Atrevido!

PEDRO — O que? Veja lá como falla!

MARIANNA — Insolente! Vá já para a cozinha!

PEDRO — Olhem como falla já na cozinha: pudera, vae casar!...

MARIANNA — Isso não é da sua conta! E quem és tu para me fallares d'esse modo?!

PEDRO — E quem é a senhora para me mandar para a cozinha?

MARIANNA — Estou na minha casa!

PEDRO — Está bom, basta... não grite, que ninguem lhe faz mal! Se quer que vá para a cozinha, eu cá vou. *(sae e deixa cair um papel)*.

SCENA VI

MARIANNA só, depois MANUEL.

MARIANNA — E esta! *(passeando)* Ainda não estou em mim! Um mariola similhante... quando eu esperava encontrar outra coisa muito diversa!... Ah! o que são os sonhos d'esta vida? Illusões que não se realisam! Meu Deus! até me envergonho de lembrar o que me passou pela cabeça no momento em que senti aquelle beijo ardente n'esta mão... Fora com taes idéas! Fora com ellas que me perturbaram tanto, que não me dão

para o susto! Ah! sinto passos... se fosse meu tio... (*voltando*) Que pena casar-me com elle! É tão velho...

MANUEL — Só ás quatro horas é que está em casa. (*pisa o papel*) Olé!... que é isto? (*apanhando-o*) Uma carta...

MARIANNA — Ah! meu tio, ainda bem que chegou.

MANUEL — Sim?... Então porque?

MARIANNA — Porque? Estou muito zangada! Diga-me uma coisa: quem é aquelle rapaz que para cá nos trouxe?

MANUEL — Ah! o Peres? É um afilhado do senhor marquez, que s. ex.ª me recommendou, e que eu tomei para meu criado do quarto...

MARIANNA — E tem muita confiança n'elle?

MANUEL — Se é afilhado do senhor marquez!...

MARIANNA — E eu não o posso soffrer!

MANUEL — Caluda... Dizem que os retratos *do marquez* tem ouvidos que ouvem! Então que te fez o *marçano?*

MARIANNA — É um rapaz muito grosseiro, que não sabe tratar com senhoras, e... emfim, não gosto d'elle... Acho-o bruto!

MANUEL (*áparte*) — Aqui ha coisa! (*alto*) Se elle veiu lá dos saloios... (*rindo*) Devemos desculpal-o. Vamos: faltou ao respeito? Vou buscal-o por uma orelha.

MARIANNA — É melhor despedil-o.

MANUEL (*áparte*) — Bem bom! gosto d'isto. (*alto*) E o marquez! que diria o senhor marquez!? Além d'isso, as palavras do senhor marquez não costumam ficar em palavras...

MARIANNA — Diga-lhe que não serve por qualquer motivo...

MANUEL — Pensaremos n'isso.

MARIANNA — Então não se esqueça. Olhe que já accendi quatro velas ao Senhor Jesus dos Bem Casados. (*áparte, saindo*) E vou apagar outras quatro.

MANUEL (*áparte, observando-a*) — Muito bem, sim senhor... sim senhor... (*senta-se*).

SCENA VII

MANUEL VICENTE só, depois PEDRO PERES.

MANUEL — Vou comprehendendo! Vou comprehendendo! Olhem o que é um furão n'uma toca! (*abrindo a carta*) Saem logo os coelhos que é um gosto! (*lendo*) «Minha adorada M.» (*declama*) A inicial por causa dos tolos! (*lendo*) «O mais ardente ciume inflamma o peito «que se te rendeu d'amor! Trema quem ousa roubar-te «ao meu coração...» (*declamando*) Não me sinto nada bom!... não sei o que tenho... (*tocando a campainha*) Confesso que não nasci para isto!

PEDRO (*entrando*) — Perdão pela demora; a patrôa tinha-me mandado para a cozinha...

MANUEL — Vem cá... que papel é este?

PEDRO — Esse papel... é um papel!

MANUEL — E' uma carta.

PEDRO — Então já v. m.cê sabe o que é; e é o que eu ía dizer tambem.

MANUEL — E' uma carta...

PEDRO — E' sim senhor: d'onde veiu? Será do padrinho?

MANUEL — Esta carta achei eu!

PEDRO — Aonde?

MANUEL — Aqui!

PEDRO — Pois eu tenho outra para lhe mostrar, que tirei das mãos da patrôa... (*procurando na algibeira*)

MANUEL (*áparte*) — Por isso ella lhe chamou bruto!...

PEDRO — Ora esta... e então! não a acho! querem ver que me caiu com a pressa... Onde achou v. m.cê essa carta?

MANUEL — A' entrada d'aquella porta.

Pedro — Ah! então é a mesma que eu tinha tirado das mãos da patrôa...

Manuel — Tolo! E deixastel-a cair! Foi um acaso achal-a... E' preciso ter mais prudencia; ver como fazes as coisas, e...

Pedro — Sim, senhor; eu ia porém com tanta pressa que não reparei onde me ficava a algibeira; e além d'isso a patrôa estava tão assanhada contra mim, que eu receiava muito pela sorte futura das minhas orelhas!

Manuel — Vamos, deixemo-nos de petas. De quem é esta carta?

Pedro — Isso é lá com ella; muito fiz eu em lh'a sacar das mãos!

Manuel — E' urgente saber quem foi que escreveu esta carta!

Pedro — Tal qual!

Manuel — Que se hade pois fazer?...

Pedro — Pôr-se a gente á cogia...

Manuel — E depois?

Pedro — Dar para baixo!

Manuel — Em quem?

Pedro — No dito sujeito! Olhe, já cá tenho o meu plano. Que ha melro no bosque, isso é coisa que está nos livros. Agora é ver se elle vem ao reclamo, armar o laço e puxar a linha a tempo de o segurar. Falle v. m.cê com a patrôa, mostre-lhe a carta, ralhe, troveje á vontade, e deixe o resto por minha conta!

Manuel — Parecia-me melhor dissimular...

Pedro — Ora, persuade-se que não lhe haviam de prever a pedra no sapato? Nada: se quer vencer, siga o meu conselho. A patrôa quanto mais apertada fôr por v. m.cê tanto mais hade desejar desabafar com o tal sujeito da carta: naturalmente escreve-lhe, elle vem á falla, e depois... depois veremos o que succede. Fica n'isto.

Manuel — Muito bem, meu rapaz: vae-te, e manda-me cá a senhora D. Ephigenia.

Pedro — E' a velha, não, meu senhor?' (*saindo*) O' senhora D. Ephigenia!? Senhora D. Ephigenia.

(Ouve-se por algum tempo, no interior das casas, a voz de Pedro Peres chamando D. Ephigenia),

SCENA VIII

MANUEL VICENTE só, depois D. EPHIGENIA.

Manuel — Cada vez estou mais contente com elle! (*para o retrato*) Muito obrigado, meu senhor, muito obrigado!

D. Ephigenia (*dentro*) — Jesus! que querem dizer taes berros!? Olá... julgas que isto aqui é o Terreiro do Paço?!

Pedro (*dentro*) — Não, senhora, porque a estatua do Terreiro do Paço está a cavallo! Vá ter com o patrão que a chama.

D. Ephigenia (*entrando*) — Não ha um caso assim! E' positivamente um gaiato que o senhor Manuel Vicente nos trouxe para casa!

Manuel — Deixe-o ser! Ali onde o vê, é mais leal do que v. m.cê!

D. Ephigenia — Ah! v. m.cê está nos seus dias? pois por aqui me sirvo...

Manuel — Venha cá, senhora D. Ephigenia. Tenho muito que lhe dizer, e muita razão para lh'o dizer...

D. Ephigenia — V. m.cê sempre tem razão ás carradas! mesmo nos seus desarrazoados...

Manuel — Veremos se a tenho ou não! Senhora D. Ephigenia, dado o caso que v. m.cê seja capaz de me responder, diga-me cá uma palavra: quem é, e como se chama o namorado de minha sobrinha?

D. Ephigenia — Credo! Padre, Filho, Espirito San-

to! V. m.cê perdeu a cabeça, senhor Manuel Vicente Borga?

Manuel — Não me faça v. m.cê perder com as suas exclamações! Eu tenho nas minhas mãos um documento formidavel para confundil-a! E'...

D. Ephigenia — Não diga, que não posso ouvir mais...

Manuel — Hade ouvir! O documento é...

D. Ephigenia — Cale-se! Cale-se... que me faz desorientar!

Manuel — E'... é uma carta!

D. Ephigenia — Isso não se pode soffrer! E' uma tyrannia, um abuso de poder..

Manuel — Uma carta d'amores.

D. Ephigenia — Senhor Manuel Vicente!

Manuel — Ella aqui esta, minha senhora! E tendo v. m.cê promettido velar pela minha sóbrinha, admira muito que consentisse n'uma traição d'esta ordem! Esta carta, ameaça a minha tranquillidade! põe talvez em risco os meus dias... os meus dias que tão caros me são... senhora D. Ephigenia, que tão necessarios se tornam ao senhor marquez que tenho a honra de servir ha tantos annos... e que tão uteis iam tornar-se tambem ao commercio portuguez, por que eu tinha intenção de negociar com a fortuna de minha sobrinha!

D. Ephigenia (*áparte*) — Santo Deus! se eu podesse tirar partido da sua perturbação para chegar a brasa á minha sardinha...

Manuel — Então que me diz v. m.cê a isto?!

D. Ephigenia — Digo... eu lhe digo: digo que não percebo!

Manuel — Veja! (*dá-lhe a carta*).

D. Ephigenia (*passando a vista pelo papel*) — Ah!... (*fingindo-se perturbada*)

Manuel — Já percebe?

D. Ephigenia — Alguma coisinha melhor.

Manuel — Estimo muito, por que desejo que me dê algumas explicações.

D. Ephigenia — As explicações que posso dar-lhe... (*áparte*) Veremos o que sae. (*alto*) Sim; a respeito de explicações, não ha outras, senão que a senhora sua sobrinha ha muito que está apaixonada; e que... (*áparte*) Naturalmente estou fallando verdade! (*alto*) e que... n'esse caso, que podia eu fazer contra os arrancos de um coração sensivel...

Manuel — Não me faça *novella*! v. m.cê sempre teve queda para os *contos da caroxinha*, mas d'esta vez não lh'os consinto! Quero a verdade nua e crua!

D. Ephigenia — Já lh'a disse: e peço-lhe que não me comprometta com a menina! A paixão de que lhe fallei, é uma d'aquellas... que não está mais na nossa mão! O rapaz é militar, é afilhado do senhor marquez...

Manuel (*áparte*) — Ai, ai, ai, que estamos perdidos!

D. Ephigenia — E' mesmo um louquinho por ella; e não duvido que seja muito bem capaz de fazer por ahi alguma das suas! Isto de rapazes que trazem ferro ao lado e ferro no coração... são mesmo uns homens de ferro, quando se trata de *coisas e loisas... et cætra*; v. m.cê entende *bellamente*, o que lhe quero dizer.

Manuel (*sentando-se áparte*) — Um militar! Um afilhado do marquez!... (*levantando-se*) Mas v. m.cê é que tem a culpa; por que se v. m.cê tivesse torcido o pé ao pepino a tempo e a horas... (*exaltando-se*) nada teria succedido como succede! E eu já estou cançado de a aturar; não quero na minha casa quem me coma os olhos...

D. Ephigenia — Ora essa!... só se v. m.cê é *goraz*.

Manuel — Nem quem me desfructe a minha mesa para depois mofar de mim; e tenha v. m.cê entendido que se a tal paixão não acaba, eu dou-lhe ordem de despejo, e ponho-lhe os quartos na rua!

D. Ephigenia — Ora ahi está! E' tratar-me peior do que se trata uma criada... Deixe estar que v. m.cê se arrependerá de me haver injuriado assim! Pois não preciso nada de v. m.cê, tenho quem me queira... o afilhado do senhor marquez já me offereceu a sua casa para acompanhar a menina... e para lá vou puxando: fique-se por cá muito bem!

Manuel — Isso é indecoroso! Eu não consinto...

D. Ephigenia — Hade consentir...

Manuel — Não heide, não senhora!

D. Ephigenia — Hade sim senhor!

SCENA IX

D. EPHIGENIA, MANUEL VICENTE, MARIANNA entrando pela esquerda.

Marianna — Meu Deus! que altercação é *esta* ??...

D. Ephigenia — A minha vontade é livre; a lei fez-me maior!

Manuel — E os annos tornaram-na *menor!*

Marianna — Meu tio, então que motim é este... que dirá a vizinhança? (*para Ephigenia*) Socegue, senhora D. Ephigenia; a tempestade já vae passar... (*para o tio*) Meu tio!... (*carinhosa*).

Manuel (*repellindo-a*) — Deixe-me v. m.cê tambem!

Marianna (*áparte*) — Oh! D'esta vez chega a todos! (*alto*) Fiz-lhe algum mal, meu tio?

Manuel — Deixe-me, se quer!

Marianna — Deixal-o, eu? E para quem quer meu tio que me volte?

Manuel — Volte-se para o seu militar, para o afilhado do senhor marquez...

Marianna — Oh! meu Deus! meu tio enlouqueceu!...

Manuel — Ah! enlouqueci? Enlouqueci, hein? Pois eu lhe conto...

D. Ephigenia (*baixo á Manuel Vicente*) — Senhor, não me comprometta...

Manuel — Aqui está a sua mestra que me contou tudo!

Marianna — Tudo!... mas eu não sei ainda...

Manuel — Faça-se de novas! Eu não sei que, contra as minhas recommendações... ella, ella que repita o que já me contou!

D. Ephigenia — Eu?... perdão; creio que não contei nada!

Manuel — O que? não contou nada!?

D. Ephigenia — Ora veja a menina, que podia eu contar-lhe?!

Marianna — De certo.

Manuel — E a carta?...

D. Ephigenia — Ah! a carta que v. m.cê me deu; está aqui.

Marianna — Uma carta? (*pegando-lhe*) Ah!... Que quer isto dizer?...

Manuel — Escusado é chamar-se á ignorancia: por que a senhora D. Ephigenia já me contou...

D. Ephigenia — Perdão: insisto que não lhe contei nada.

Manuel — Não contou?

D. Ephigenia — E não!

Manuel — V. m.cês juraram endoidecer-me!? Pois v. m.cê não acabou agora mesmo de confessar que minha sobrinha...

D. Ephigenia — Não, não, e não! Ah! v. m.cê é que quer endoidecer a gente! E então, quando está lá com a lua, contra mim é que se volta sempre! Não ha uma mulher mais infeliz do que eu! Não ha, não ha, e não ha! Ora, está acabado! (*sae gritando estas ultimas palavras*).

SCENA X

MANUEL VICENTE, e MARIANNA.

MARIANNA (*áparte*) — Aqui ha segredo! E' preciso decifral-o.

MANUEL (*sentimental*) — Bem vê que está confundida, minha sobrinha!

MARIANNA — Sim, meu tio, nunca me vi em tão grande confusão! Mas... (*rasgando a carta*) para me livrar d'ella, principio d'este modo!...

MANUEL — Será possivel?!...

MARIANNA — Não vê?

MANUEL — E o militar... esse tal afilhado?..

MARIANNA — Não o conheço!

MANUEL — Comprehendo o sentido verdadeiro d'essa palavra, e agradeço-t'a muito. Oh! (*pegando-lhe na mão*) De um erro, ninguem se livra... Eu errei *muitas* vezes na tua edade; mas, hoje, louvado Deus, a experiencia tornou-me sensato. O mesmo hade acontecer-te. Verás que as illusões da juventude são chimeras *que ninguem* aprecia no mundo real onde temos de viver! que a belleza, essa mascara risonha que nos seduz, em breve tem de ser destruida pelo tempo!

MARIANNA — Meu tio está fazendo um discurso lindissimo!

MANUEL — E' para te provar que não devemos enganar-nos pelas apparencias; e que desgraçado d'aquelle... É melhor sentarmo-nos, não achas?

MARIANNA — Parecia-me melhor que meu tio fosse mandar pôr o jantar na mesa, por que lhe pode fazer mal a fraqueza em que está. Veja lá que horas são?

MANUEL — Que boa dona de casa que tu hasde ser! (*vendo o relogio*) E assim chegamos até ás quatro!... E' a hora de ir a casa do vizinho. Olha, se me demorar, vão jantando.

MARIANNA — Por que sae?

Manuel — Mas já venho. Adeus... e tu que vaes fazer entretanto?

Marianna — Accender quatro velas ao Senhor Jesus dos Bem Casados.

Manuel (*áparte*) — E' muita cera! Já lá tinha outras quatro. (*alto*) Talvez fosse melhor accender a lampada de prata, ou o cirio.

Marianna — Lembrou bem, vou accender tudo!

Manuel (*áparte, saindo*) — Sáfa! se me demoro, accende-me tambem!... *tanto é o demais como o de menos*!

SCENA XI

Marianna (*só*) — Deus o tenha por lá muito tempo. Que devo eu pensar de tudo isto! Aquella carta .. Oh! meu Deus! quem escreve uma carta d'aquellas, é por que ama devéras! E como deve ser bom ouvir dizer aquellas palavras... ouvil-as de quem se estima; estimal-o tambem... Ah! não será vida um viver assim, mais vida que esta que vou passando sem pena nem gloria, quasi que sem ver sol nem lua; exposta a ser dona de casa, depois de ter aqui vivido desde a infancia... Meu Deus! se mais cera houvesse em casa, mais cera accenderia por saber quem escreveu tal carta...

SCENA XII

MARIANNA, e PEDRO PERES entrando pelo fundo com uma vassoura e uma pá.

Pedro — Perdão, patrôa... venho apanhar o lixo.

Marianna — Qual lixo?

Pedro — O patrão foi que me mandou. (*juntando com a vassoura os bocados da carta*) Eu cá faço o que me mandam....

Marianna (*áparte*) — Este rapaz, ou é muito bom

ou muito mau! Cada vez que o vejo... (*alto*) De que te estás a rir?

PEDRO — De nada... é do lixo...

MARIANNA — Realmente, não ha nada melhor para rir. O lixo foi uma coisa que sempre fez rir...

PEDRO — Conforme...

MARIANNA — Conforme o que?

PEDRO — Quando se vê ir um coração no lixo...

MARIANNA — E onde o vês tu?

PEDRO — Estava ali n'aquelle bocado de papel.

MARIANNA — Sim!? Eu não vi.

PEDRO — Pois se quer ver...

MARIANNA — Só para te puxar as orelhas, se não fôr verdade...

PEDRO — D'esta vez, escapam ellas. Olhe, (*mostrando-lhe o papel*) c, o, co; r, a, ra; ç, ã, o, ção; coração...

MARIANNA (*puxando-lhe uma orelha*) — A, m, o, r, amôr, é o que eu lá vejo!

PEDRO — Ai! ai!... não puxe tanto... Espere v. m:cê que eu lhe apresento o coração que não deve estar muito longe do amor. Enganei-me... (*pegando n'outro pedaço de papel*) Será este? Ah! cá está... Menina, não puxe mais, que elle cá está: co, ra, ção: bem claro, não vê?

MARIANNA (*vendo*) — Ci, u, me. Mentiroso! (*torcendo-lhe a orelha*)

PEDRO — Valha-me santo Ambrosio; ai! a minha orelha! Prometto um par de calções a S. Sebastião se me apparecer já o que procuro! Elle não deve estar muito longe agora do ciume... Ah! Eil-o aqui!

MARIANNA — Agora sim. Cá está. Co, ra, ção.

PEDRO — E a minha orelha, ficou-lhe pegada á mão?...

MARIANNA (*largando-lhe a orelha*) — Já me não lembrava.

PEDRO — Não deve comer tanto queijo... E esta!

MARIANNA — Sim, dizem que nos torna esquecidos!...

PEDRO — Eu, por mim, em quanto durar a moda das orelhas, que é má como a breca, heide sempre lembrar-me do amor, do ciume e do coração, por mais queijo que metta no estomago!

MARIANNA — Então não apanhas o lixo?

PEDRO — Estava esperando que v. m.cê para lá botasse os papeis que tem na mão.

MARIANNA (*largando um dos pedaços de papel*) Ahi vae o ciume...

PEDRO — Faz bem, faz bem, patrôa...

MARIANNA — Prohibo-te que me chames patrôa.

PEDRO — Então como quer que lhe chame?

MARIANNA — O meu nome é Marianna.

PEDRO — Pois v. m.cê não estima ser patrôa d'esta casa? mulher do patrão?...

MARIANNA (*sentando-se ao cravo e mexendo, no teclado*) — Olha, a fallar-te verdade... E tu gostavas?

PEDRO — Eu!,? Ah! já entendo. Eu, no seu caso, talvez não desgostasse: se elle me tratasse bem...

MARIANNA — E a que chamas tu *tratar bem*?

PEDRO — Ter uma boa mesa. Muita sopa bom cozido, bom arroz, como em casa do meu padrinho...

MARIANNA — Qual padrinho?

PEDRO — O senhor marquez.

MARIANNA — Ah! és afilhado do marquez?! E depois?

PEDRO — Depois, dando-me boa sopa, boa carne e bom arroz... Saber girar com os meus fundos...

MARIANNA — Bem; se fosses mulher consideravas-te feliz com isso?

PEDRO — Se fosse mulher... a patrôa tem coisas!...

MARIANNA — N'esse caso julgas que a nossa felicidade consiste em comer muito e ter um marido esperto no commercio?!

PEDRO — Hoje em dia que mais é preciso!? Boa mesa e muito dinheiro, felicidade completa.

MARIANNA — Como te enganas!

PEDRO — Ora deixe-se de petas, patr...

MARIANNA (*interrompendo-o*) — O meu nome é Marianna!

PEDRO — Case-se com o tio, menina Marianna, e deixe ir o barco...

MARIANNA (*rasgando um dos papelinhos e suspirando*) — Que remedio tenho eu...

PEDRO — Ora ahi está!... está fazendo mais lixo! (*juntando os papelinhos com a vassoura*) Se não me engano, rasgou o coração... Mal sabe o que fez!

MARIANNA — Não o escrevessem; um coração de papel não pode esperar outro fim...

PEDRO — Coração de papel!? Como queria então que lhe confessassem amor se não fosse por escripto?

MARIANNA — Não sei: mas por escripto...

PEDRO — Vá para o lixo... (*sorrindo*) Falta ainda o amor...

MARIANNA — Este guardo-o.

PEDRO — Que tolice, patr...

MARIANNA — O meu nome é Marianna!

PEDRO — Guardar o *amor*... (*sorrindo*) Olhe que faz mal, menina Marianna, muito mal! Se o guarda verá como seu tio lhe parece logo mais velho, como os dias lhe parecem longos a pensar, e as noites curtas a sonhar!... Como perde a vontade de comer a sopa, a carne e o arroz; emfim, verá a vontade que tem de andar sempre a derriçar-me pelas orelhas... e eu despeço-me!

MARIANNA — Porque?

PEDRO — Porque não quero ficar sem orelhas na *physionomia!* Se lhe parece...

MARIANNA — Coitado... em paga do mal que te fiz pede-me o que quizeres...

PEDRO — Bravo, patr... perdão; sempre me esque-

ce!... Pedir-lhe o que quizer?... (*aproximando-se*) É certo o que me disse?... Oh!... então... então... (*hesitando parvamente*) Você engana-me, ó patr... (*suspendendo-se*) Sempre estou a enganar-me! Se eu lhe pedisse o que quero... (*aproximando-se mais*) Que posso eu querer... (*ajoelhando*) Perdão; deixou cair este papelinho. (*apanhando o pedacinho de papel que ella deixou cair*) Foi o *amor* que caiu entre nós!

Marianna (*áparte*) — Visto ao perto não é feio!...

Pedro — Então, dá-me na verdade licença que lhe peça o que quizer?... (*ajoelhando*) Sabe o que lhe peço?...

Marianna — Levanta-te... eu não sou *Nossa Senhora*.

Pedro — É a minha senhora, a minha patr... ai, desculpe-me, desculpe-me patrôa!... Mau... e eu a enganar-me...

Marianna — Avia-te... (*perturbada*)

Pedro — Isto custa... custa muito a pedir; mas, emfim, como é com sua licença, dá-me tres cruzados novos?

Marianna (*áparte*) — Ora esta!...

Pedro — Se lhe parece muito...

Marianna — E' só o que queres?

Pedro — Valha-me S. Barnabé, menina Marianna, v. m.cê mette-me em confusões! Que mais posso eu pedir-lhe? Eu, que desejava pedir-lhe tanto...

Marianna — Está bom; vou buscar os tres cruzados novos... (*rasgando o papel em pedacinhos*) Sou uma louca! (*alto*) Entretanto apanha o lixo.

Pedro — Pobre amor! E pobre coração!

Marianna — Que dizes tu?

Pedro — Nada... Fallava com a vassoura.

Marianna — Como se ella ouvisse!...

Pedro — Então!? Ha pessoas que só ás vassouras teem alma para dizer o que sentem! Eu cá sou assim.

Marianna — E' perder tempo sem resultado...

PEDRO — Olhe, tem razão! mas eu sigo um systema que me ensinou o padrinho, e não me tenho dado mal. Ás mulheres peço dinheiro, e ás vassouras amor.

MARIANNA — Conceituas pouco de umas, e muito de outras!

PEDRO — Se me quizesse ouvir, veria que não.

MARIANNA — Pilhas-me disposta. (*sentando-se*) Dize para ahi.

PEDRO (*encostando-se á cadeira em que ella se sentou*) Olhe, menina Marianna: *amor* e *dinheiro* são duas coisas tão differentes como *vassoura* e *mulher:* entretanto ha certa analogia entre ellas que passo a explicar. Com licença...

MARIANNA (*áparte*) — Se meu tio viesse!... Estou a tremer e a gostar!

PEDRO — Amor é uma coisa que serve para entreter o tempo tal e qual como a vassoura. A mulher para nos fazer o jantar, coser a roupa, ensaboar, engommar, *et cætra*, assim como o dinheiro para comprar o jantar, a roupa, o sabão, as linhas, as agulhas... e tudo mais á proporção...

MARIANNA — Visto isso tenho pena de ser mulher.

PEDRO — Gostava mais de ser vassoura?

MARIANNA — Talvez...

PEDRO — Não tem barbas para isso! Vamos ao caso. A mulher não ama sem dinheiro...

MARIANNA — Mentes, mentiroso!

PEDRO — Ah! minto? Está bom! quer dizer que a menina Marianna ama algum rapaz pobre? Dei no vinte!

MARIANNA — Pobre tambem eu sou...

PEDRO — Olhe, sabe que mais? Vá a menina buscar-me depressa os meus tres cruzados novos, e deixemo-nos de mais conversas, antes que me diga que não m'os pode dar!

MARIANNA — Cala-te ahi com isso! Continúa o que estavas a dizer.

PEDRO — Eu entendo que uma mulher nunca é po-

bre quando tem... bastante credito para se lhe pedirem tres cruzados novos! Ande, vá-m'os buscar...

MARIANNA — És um usurario! um homem feito de dinheiro, que não pensa n'outra coisa, que não vê, não deseja mais do que dinheiro!

PEDRO — Na minha posição, tres cruzados novos é uma fortuna! Em quanto me durarem heide pensar em v. m.cê Depois volto a fallar com a vassoura... para entreter tempo. A vassoura não precisa de agulhas nem de linhas, nem de sabão nem de sopas. E' sempre a mesma com as suas saias muito direitas, o seu corpinho muito apertado a dançar diante da gente... Que faça calma, que faça frio...

MARIANNA — E se te apparecesse uma mulher rica?

PEDRO — Oh! Essas dizem que o que teem não lhes chega para viver, e querem o dobro para viverem melhor.

MARIANNA — Se tu nunca foste mulher, não digas o que não sabes. Disseste coisas que me entristeceram, e se não fosse porque, tinha um desmaio; mas vou chorar... porque chorar...

PEDRO — E' um passatempo... tem razão.

MARIANNA (*limpando os olhos*) — Por amor de ti!

PEDRO — Ora ahi está! Vingue-se, vingue-se aqui n'esta orelha... ande, puxe á vontade...

MARIANNA — Não quero! Se eu não te tivésse puxado a outra, talvez que não tivesse razão para chorar agora! Não sei o que tinha a tua orelha...

PEDRO — Que a faz chorar! Bem lembrado... Eu soffri a dôr e v. m.cê é quem chora! Mas não chore mais; o que lhe disse já lá vae com o vento... Foi chalaça, menina Marianna! As vassouras não servem senão para apanhar o lixo... E as mulheres...

MARIANNA — Sim, para ensaboarem, comerem sopas, e...

PEDRO — Oh! não... o que a bocca repete, nem sempre vem cá de dentro! De que servem as estrellas

nó ceo, e as rosas n'um jardim? para embellezarem a natureza, como as mulheres nos enchem de encantos a vida! Se tivesse aqui um espelho, veria como fallo verdade! Veria se essas duas lagrimas parecem ou não duas perolas formosas que a usura traz de tributo ao amor! Oh! quero recolher essas lagrimas... (*pegando-lhe na mão*) Quero, n'esta mão que me fez mal... (*chegando-a aos labios*)

MARIANNA (*levantando-se*) — Meu Deus!... que atrevimento!

PEDRO — Marianna...

MARIANNA — Marianna!?...

PEDRO — Vê? se eu tivesse fallado á vassoura, ella não se teria zangado!

MARIANNA (*perturbada*) — Oh! não sei o que sinto! (*saindo*) Tenho vergonha de estar diante d'elle!... Lembrar-me que lhe puxei as orelhas!...

PEDRO (*pegando rapidamente na vassoura e na pá*) — Ahi vem seu tio!... (*finge que varre*)

SCENA XIII

MARIANNA, PEDRO PERES, e MANUEL VICENTE, entrando; depois MARIANNA, e MANUEL VICENTE sós.

MANUEL — Padrinho já tenho. Agora é preciso tratar do resto. Olé! (*áparte*) Que teremos por cá!? (*a Pedro Peres*) Que fazes aqui?

PEDRO — A patrôa chamou-me para apanhar o lixo. (*apanha os papeis na pá, e sae*)

MANUEL — E tu que tens, Marianna? Vejo-te os olhos tão vermelhos...

MARIANNA — Estive chorando.

MANUEL — Ora essa! Porque?

MARIANNA — Porque v. m.cê se demorava para jantar.

Manuel — E jantei com o vizinho.

Marianna — Ora ahi está!

Manuel — Não sejas creança! Se isto assim vae, que será depois?...

Marianna — Depois... depois de que?

Manuel — De que?! Do passo que vamos dar.

Marianna — Ah! Primeiro hade v. m.cê... (*áparte*) Lancemos uma ameixa á pucara... (*alto*) Faz-me isto que lhe pedi?

Manuel — Ainda não me pediste nada! (*áparte*) Quem sabe se é algum vestido de seda!... (*alto*) Olha, Marianna, eu tive idéas de te comprar um corte de seda; mas resolvi esperar que ella baixasse mais...

Marianna (*áparte*) — Quando isto é agora, que faria depois!? (*alto*) O que lhe quero pedir é differente.

Manuel — Cassas?... as cassas, sim: quantos covados pouco mais ou menos...

Marianna — Queira ouvir. Olhe, meu tio, o afilhado do marquez...

Manuel — Ora deixa-te d'isso; é um bom rapaz!

Marianna — Eu fallava-lhe d'aquelle que... Do militar...

Manuel — Ah! E então?!...

Marianna — É preciso despedil-o para sempre; mas de um modo energico!...

Manuel — Não sei que comi em casa do vizinho, que me fez tanto peso no estomago! quasi que não posso com elle... (*senta-se*)

Marianna — Eu tinha-lhe promettido uma coisa...

Manuel — Que coisa, filha?!...

Marianna — Desculpe-me, meu tio. Tinha promettido uma entrevista...

Manuel — Realmente; sinto-me agoniado...

Marianna — E elle...

Manuel — Sabes que mais? não me sinto nada bom...

Marianna — Elle hade vir...

MANUEL (*aparte*) — Em tão boa hora que já cá não esteja!...

MARIANNA — Esta noite...

MANUEL — Isso é uma asneira, minha sobrinha! Vou mettel-a n'um convento!

MARIANNA (*rindo*) — Valha-o Deus, meu tio, o que eu quero é que v. m.cê tenha uma explicação com elle.

MANUEL — Eu?!... Eu sei cá explicar o que não fiz!? Não me mettas em confusões! Que o leve o diabo...

MARIANNA — Uma explicação . por exemplo: v. m.cê explica-lhe que o estimo...

MANUEL — Eu não sirvo para isso, minha sobrinha! E veja como falla...

MARIANNA — Que o estimo a v. m.cê; que quero condescender com a sua vontade...

MANUEL — Ah... e eu que não te comprehendia! Marianna, tu és a rainha das raparigas! mas o que me parece asneira é explicar-lhe uma coisa que o tempo lhe podia mostrar...

MARIANNA — Não, senhor; com militares toda a cortezia é pouca. V. m.cê deve fazer-me o que lhe peço, e dar-me assim uma prova de estima. Fiquemos pois entendidos. Esta noite o militar vem, v. m.cê apparece-lhe em meu logar, diz-lhe o que ha...

MANUEL — Mas, se podessemos guardar isso para ámanhã... sinto-me tão incommodado.

MARIANNA — «Guarda que comer não guardes que fazer.» Lembre-se, meu tio, que é o meu defensor, o meu protector, o meu abrigo. Já o era, e agóra muito mais, visto o desejo que tem de me dar o seu nome. É quasi noite: vou jantar. (*sae*).

SCENA XIV

MANUEL (*só*) — Vae jantar... é quasi noite, e... boas noites; eu cá fico, tia *Annica*! Ora, ora, ora, o

diabo da rapariga que parece que veiu ao mundo para apoquentar a gente!... Safa! Divertiu-se a tecel-as, e eu que as desfaça! Estamos aviados! Ver-me a barbas com um militar; por ahi algum espadachim... Ah! Pedro Peres te valha! (*indo ao fundo e cortejando o retrato*) Obrigado, obrigado, meu senhor! mettestes-me em casa um homem que é o meu braço direito! (*chamando*) Pedro Peres?

Pedro (*dentro*) — A's ordens, meu amo!

SCENA XV

MANUEL VICENTE, e PEDRO PERES.

Manuel — Vem cá, Pedro: ha muita obra na loja!

Pedro — Vamos a ella.

Manuel — Um militar pela prôa!

Pedro — Virar de bordo, e correr com o tempo.

Manuel — É tarde.

Pedro — Já deram cinco e meia.

Manuel — O homem hade cá vir. É preciso ter uma explicação com elle...

Pedro — Ah! isso é facil: v. m.cê explica-se muito bem.

Manuel — Tenho uma dôr de dentes que não me deixa fallar: para a noite é provavel que augmente. Eu padeço dos dentes.

Pedro — Então que quer que lhe faça?

Manuel — Que tu falles por mim.

Pedro — A quem?

Manuel — Ao militar.

Pedro — Qual militar?

Manuel — Um que hade cá vir.

Pedro — Que hade cá vir?! Para que?

Manuel — Para ter uma explicação comigo.

Pedro (*áparte*) — Que diabo de *tramoia* é esta!?... (*alto*) Ah! já percebo...

MANUEL — Esse militar foi quem escreveu a carta a minha sobrinha: vem pedil-a, talvez; e é necessario explicar-lhe decentemente a razão por que lh'a não dou. Entendes?

PEDRO — Perfeitamente. (*aparte*) E mais do que elle julga! Elle, é que me parece que não entende, nada! (*alto*) E então?...

MANUEL — E' preciso combinar...

PEDRO — Olhe; v. m.cê está com os olhos abotoados. Este negocio, não é assim. O homem não é militar. Já o vi rondar ahi pela rua. E' um rapaz da minha estatura... parecido comigo... um joão ninguem que até faz dó! E' um d'esses meninos bonitos, de punhos de renda, cabelleira á franceza, lenço almiscarado, e que não é capaz de puxar pelo espadim para matar uma mosca.

MANUEL — Espadim! Então é fidalgo?

PEDRO — Não tem ares de outra coisa, porém eu até o conheço; é filho de um negociante rico... Deixe lá ser o que é. Eu no seu caso, fazia outra coisa: *disfarçava-me de mulher*; sentava-me n'aquelle recanto: mandava-lhe abrir a porta, e quando elle julgasse que estava na presença da menina Marianna, saltava-lhe com um cacete no lombo! Dê-lhe sem medo! que se elle respingar, acudo eu! Eu cá estou!

MANUEL — Sim?! parece-me que não dizes mal!

PEDRO — Leve o caso como um homem, e deixe-se de petas...

MANUEL — Dizes bem; bravo, meu rapaz! Um vestido da D Ephigenia faz a festa. Ellas estão a jantar, e eu vou aproveitar o tempo para me vestir. Toma sentido! se elle respingar, acode logo!

PEDRO — Vá descançado.

(Manuel Vicente sae pela direita)

SCENA XVI

PEDRO PERES só, depois MARIANNA

PEDRO — E eu... á guarda roupa! (*sae pelo fundo*)

(Principia a escurecer; a orchestra executa uma harmonia adquada á situação. Marianna entra pela esquerda, tremula e agitada).

MARIANNA — Meu Deus, quaes serão os seus planos?... Que irá elle fazer?... É noite! Meu tio disfarçado em mulher... sentado n'aquelle recanto... Oh! como as coisas succedem! Quem me teria dito que este rapaz que para aqui entrou com um ar tão estupido... E quem será elle!?... Que me importa! É um rapaz bonito e bem feito... e se fôr um João Fernandes?... Oh! não, não é possivel! mas se o fôr?! N'esse caso.. como não ha o menor compromettimento, salvo-me com toda a decencia: finjo que não entendi nada do que se tem passado. Que pena se assim acontecer!... (*escurece de todo*) E é noite fechada. Escutemos... (*vae escutar á porta da direita*) Meu tio está no quarto de D. Ephigenia, vestindo-se com um vestido d'ella... (*espreitando pela fechadura*) Se ella o visse... lá põe uma touca... fica-lhe tão bem!... (*rindo*) Que pena o candeeiro não dar mais luz para o ver melhor... Isto hade ser bom!... Vamo-nos esconder para ouvir tudo. (*sae pela esquerda*)

(O reflexo de luz que vinha da porta da direita extingue-se. Manuel Vicente, coberto com um vestido de mulher, vae cautelosamente sentar-se no canapé, collocando sobre os joelhos uma bengala).

SCENA XVII

MANUEL (*só*) — Faço idéa de como estou interessante! Pois não! Deixa estar meu almiscarado que tu

me pagarás o trabalho que tive! Hade sair-te do lombo... mas caluda... sinto passos. É elle; pelo cheiro já se conhece! Irra! Almiscar puro! E' de tombar.

SCENA XVIII

MANUEL VICENTE, e PEDRO PERES elegantemente vestido; com espadim e bengala.

PEDRO (*disfarçando a voz em falsete*) — Cheguei ao paraizo! Eis-me a teus pés, oh casta, mimosa, rubicunda Marianna! És tu, que eu adivinho ahi, n'essa dubia posição tão cheia de graças e d'enlevos... no fôfo canapé que, como um throno d'amores, se eleva ao lado?

(Manuel Vicente suspira)

PEDRO — Sabe pois, ó deusa do meu *pensamento*, sabe, Marianna adorada, que o mais nefando projecto ameaça os dias do teu presado tio, enluctando assim o nosso já tão ameaçado consorcio.

MANUEL (*áparte*) — Que diabo diz elle dos meus dias?!

PEDRO — O afilhado do marquez, que por amor de ti, matei em duello, tem um irmão que jurou vingal-o. Esse irmão, suppondo que o matador é o teu presado tio, jurou aos seus santos a morte do pobre innocente! Ainda isto não é tudo. Aquelle celebre procurador de causas que te fazia a côrte aos domingos, juntando-se, no seu desespero, com o amanuense da secretaria do reino que te fallava aos sabbados, juraram tambem differentes coisas contra elle, e por ultimo, eu não espero senão que tu cases para obter o que me promettes depois de viuva — a posse da tua mão! E para esse fim, rogo-te que annuas quanto antes aos desejos do teu presado tio, antes que os homens façam por ahi alguma travessura, e desde já deposito nas tuas mimosas e ala-

bastrinas mãos o vidrinho da essencia que deve mandal-o para a vida eterna, que bem merece!

MANUEL (*levantando-se e caminhando para a scena até chegar á porta da direita, áparte*) — São dignos um do outro! Eu é que não me reputo digno de nenhum d'elles... Com licença. (*despe apressado o vestido, tira a touca, atira tudo ao chão, e grita*) Marianna! Senhora D. Ephigenia, venham cá e tragam luz.

PEDRO (*desfarçando sempre a voz*) — Um homem!? Cruzemos o ferro!

MANUEL — Não incommode o seu espadim, que não é necessario.

PEDRO — E', sim senhor! Exigem-no as leis da etiqueta. Em guarda!

MANUEL — Accommode-se, senhor! O senhor é quizilento!

PEDRO — Em guarda!...

MANUEL — E' d'isso que vou tratar. Marianna!?

SCENA XIX

MANUEL VICENTE, PEDRO PERES, MARIANNA, e D. EPHIGENIA, trazendo um candeeiro de cobre, de tres bicos.

MARIANNA — Aqui estou, meu tio...

D. EPHIGENIA — Que me quer, senhor Borga?

MARIANNA (*áparte*) — Ouvi tudo! Estou contentissima.

MANUEL — Minha sobrinha, este cavalheiro vem pedir a tua mão, e eu não me opponho. Acho-o até muito digno de ti. Mas... que é isto!... parece-me... (*áparte*) que já vi aquella cara em outra cabeça!...

PEDRO (*a Marianna, com o mais distincto galanteio*) — A esperança é muitas vezes um sentimento que mata consolando!

D. EPHIGENIA (*áparte*) — Elegante e galanteador! Perfeito rapaz! (*a Manuel Vicente*) Reconciderou, senhor

Manuel Vicente Borga; e fez muito bem! mas, aquelle não é o militar . de que lhe fallei! (*áparte*) Pudera! (*alto*) Quem é pois?

MANUEL — É outros! Deixe-os comigo! Ella tinha-os ás duzias... Deixe-os comigo!

PEDRO (*que tem conversado com Marianna*) — Beijo, com o mais verdadeiro prazer, a mão que se me confia! (*beijando-lhe a mão*).

MANUEL — Muito bem; estamos d'accordo. Ora... (*para Pedro Peres*) vossa mercê sabe que minha sobrinha herdou de seu pae, meu irmão que Deus tenha, uma fortuna de quinze mil cruzados. E' natural que saiba. Muito bem; ha todavia uma carta legal de meu defunto irmão, a respeito do casamento da minha sobrinha, que passo a ler. Com licença. (*indo buscar a carta a um movel*).

PEDRO — Marianna!...

MARIANNA — Que será! ?...

MANUEL — Eil-a aqui. (*abrindo*) Como este papel está legal e tem de apparecer em juizo, passo a ler o ultimo paragrapho do seu conteudo. Queiram ouvir, «*lendo*» Se, porém, minha filha Marianna casar contra vontade de seu tio, Manuel Vicente Borga, *cujo* deixo por seu tutor, ficará desherdada da minha deixa, etc.

D. EPHIGENIA — Ora ahi está... coitadinha.

PEDRO — Guarde os seus muitos mil cruzados, senhor Manuel Vicente, junte-lhes ainda os que deviam pertencer a sua sobrinha, e compre com elles, se é possivel, o que a posse d'esta mão vem trazer-me. Um coração verdadeiro! A respeito de «noiva antes pobre com amor, que muito rica sem elle» Aprenda mais esta maxima do seu criado Pedro Peres.

MANUEL — Pedro Peres!...

D. EPHIGENIA — Ai que tem que rir! Ora não ha!

MANUEL (*áparte*) — Estou codilhado...

PEDRO — Eu sou Pedro Peres Cabral, escrevente particular e afilhado de s. ex.ª. Tinha visto esta me-

nina, quiz estudal-a de perto, e conhecendo a difficuldade que v. m.cê oppunha, determinei servir-me do estratagema que empreguei. Estou muito satisfeito, senhora D. Ephigenia; quando o casamento se concluir, offereço-lhe a minha casa.

MANUEL — Pois vão-se todos com a fortuna... Deixem-me para ahi finar-me só no meio das ratazanas!...

D. EPHIGENIA — Descance, que eu ficarei, senhor Borga: quero amparar-lhe a velhice.

MANUEL — Olhem quem falla!...

PEDRO — O melhor é convir em amparar-se mutuamente. Senhor Manuel Vicente, siga ainda o conselho do seu criado Pedro Peres...

MANUEL — Ao menos, tem razão, vá até ao fim... Conte comigo, senhora D. Ephigenia...

D. EPHIGENIA (*com affecto ridiculo*) — Que suave alegria derrama no meu amante coração!...

MANUEL (*pensando um momento*) — Sejamos tambem generosos! (*áparte*) E' preciso não escandalisar o marquez! (*alto*) Minha sobrinha, podes contar egualmente com os teus quinze mil cruzados, que eu abençôo o teu casamento, em nome de teu pae.

MARIANNA — Ah! meu tio!... quanto lhe devo...

MANUEL — Sim... sim... elle que te ature; que eu já não sirvo senão para as ratazanas Dê-me a sua mão, senhora D. Ephigenia.

PEDRO (*beijando a mão a Marianna*) — Foi um amor que apanhei no lixo...

MARIANNA — Desculpe-me. Deitava-o fora, sem saber o que era.

PEDRO — Pois bem, Marianna, para o futuro « *Não Desprese sem saber...* »

D. EPHIGENIA — Sim, minha filha, que nunca é bom!...

Cae o panno.

Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 400
O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr...... 160
A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.° fr...... 160

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol. 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.° fr....... 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr....... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.° fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço...... 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos 180
Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço....... 300
A Aristocracia e o dinheiro, comedia em tres actos....... 300

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. Preço.................. 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço...... 240
Uma Victima, drama original em tres actos............ 160

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. — Preço 80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, drama em tres actos............. 160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr...... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.° francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr. 200
As Obras de Horacio, imitação, comedia em um acto. Preço 120
Um Homem de Consciencia, comedia em dois actos....... 160

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.° fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr........ 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr. 200
Memorias do Coração. Preço 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos................ 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço 240
O Marido no Prégo, comedia em um acto 160
Já não ha tolos! ... comedia em um acto............... 80
Não desprese sem saber, comedia em um acto........... 120

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço............ 320

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.° francez. Preço..... 1:800

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço.................. 360

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240
O Pae prodigo, comedia em tres actos................. 200
O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço.... 200

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço....... 240

JOSE' IGNACIO D'ARAUJO.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos...... 200
Um Bico em Verso, scena comica. — Preço............ 60

JOSE' DE TORRES.

Tudo no mundo é comedia; comedia em tres actos........ 200

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.º francez. — Preço.................... 360

J. E. COELHO.

Amor e Amizade, comedia em um acto................. 80

JOSE' DE VASCONCELLOS HASSE.

A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos........ 160

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA.

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos, 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda — Les quatre fils Aymon. — Preço............. 320

GUILHERME AGUIAR.

Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos... 200

MANUEL ODORICO MENDES.

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. — Preço................ 200

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.º francez. Preço.......... 360
Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço............... 100
Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.. 80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça.. 80
O Mentor da mocidade.............................. 120
Ensaios poeticos. Preço................................ 60
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.º port.. 120

NO PRELO.

Coração de Ferro, drama phantastico em cinco actos.
Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos.
A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos.
Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.
A Conquista d as Amazonas, comedia-drama em dois actos.
Um Risco, comedia em dois actos.
A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.
O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos.
O Colóno, comedia-drama em tres actos.
Gil Braz de Santilhana, comedía em tres actos.
Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em um acto.
A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.
Pedro Cem, comedia em cinco actos.
O Maestro Favilla, drama em tres actos.
Remechido o Guerrilheiro, ou os ultimos dez annos da sua vida, drama em 4 actos, e duas epocas, precedido de um prologo.
Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em quatro actos.
Os Brasões das cidades e villas de Portugal por I. de V. Barbosa.

N. B. — Todas as obras que estão no prélo devem estar promptas até ao fim de Março.

PILATOS NO CREDO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA

TRAVESSA DA VICTORIA, 73

1862

OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 133.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837
Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000
Encadernada 27:000

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600
Encadernados.. 13:600

Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro V = Um folheto com dez gravuras 200

M. M. B. DU BOCAGE.

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. 4:320

BARRETO FEIO.

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 2:880

LIMA LEITÃO.

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.º 800
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º francez........ .... 1:200

REBELLO DA SILVA.

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2. vol. 8.º francez.......................... 960
A Mocidade de D. João V, comedia-drama em 5 actos....... 480
Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º francez. Preço............ 300

MENDES LEAL JUNIOR.

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º fr... 480
O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º francez.................. 300
A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º francez. Preço.............................. 400
Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez. Preço......... 400
A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º francez. Preço.............................. 480
Canticos, 1 vol. 8.º francez. Preço.............,........ 720
Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço. 300

F. SOARES FRANCO.

Sermões, 2 vol. 8.º francez, contendo vinte e quatro Sermões 960

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.º francez. 400
Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio. 6:750

LOPES DE MENDONÇA.

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr....... 720
Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. . . 400

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º francez. Preço. . . . 600
Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 360
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 400
O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr...... 160
A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr...... 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Um Risco, comedia em dois actos.......................... 160
Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.º fr 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr....... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.º fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço. 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos 180

PILATOS NO CREDO

COMEDIA EM UM ACTO

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 73

1862

INTERLOCUTORES

Pantaleão Penteado

Carlos Penteado

Julio da Silva

Julieta

Marianna

Augusto de Azevedo

Um criado

ACTO UNICO

Sala regularmente mobilada em casa de Pantaleão.

SCENA I.

JULIETA E MARIANNA

(Julieta a ler, Marianna a bordar.)

MARIANNA—Cuidado, Julieta; ainda tens a vista fraca; não deves abusar.

JULIETA—Nem o livro convida. Oh! lembrar-me que casei cega, e ver como vejo agora..

MARIANNA—Não és a primeira a quem o casamento abriu os olhos.

JULIETA—O casamento! que magica palavra! É um sol que surge na aurora da nossa existencia, que declina enão torna a nascer.

MARIANNA—Hade tornar. Quando teu marido vier...

JULIETA—Amar-me tanto, aquelle homem, apezar de cega; casar comigo assim mesmo; e abandonar-me depois para ir viajar...

MARIANNA—Os homens amam de ordinario a fortuna que lhes levamos. Não chores...,

JULIETA—Ingrato!

MARIANNA—Bem fizeste de saír tambem do Rio de Janeiro para fugir ás recordações do teu infeliz e cego amor. Deus permittiu que recuperasses a vista... e agora deves ser bastante senhora de ti para te vingares!

JULIETA—Já lhe escrevi...

MARIANNA—Dizendo-lhe que estavas cá muito bem sem elle, e que estivesse elle por lá quanto tempo quizesse?

JULIETA—Tal qual. Pedi-lhe tambem que me mandasse o seu retrato.

MARIANNA—Então disseste-lhe que tinhas recuperado a vista?

JULIETA—Não. A minha vingança é a surpresa que quero causar-lhe quando o abraçar. Pedi-lhe o retrato para o ter sobre o coração .. oh! estou morta por ver as feições de meu marido.

MARIANNA—E se fôr feio?

JULIETA—Feio? Deus meu! se fôr feio... Oh! ter recuperado a vista para ver um marido feio! Feio! não é possivel: todos os Julios são bonitos... ao menos por fora: e não ha ninguem que não ame um Julio.

MARIANNA—É assim que eu penso a respeito dos Carlos.

JULIETA—Amas algum?

MARIANNA—Meu primo, o filho de meu tio Penteado, que foi para o Rio de Janeiro... por ser extravagante... Oh! mas era o rei dos primos! Amo-o do coração; e elle tem-me escripto promettendo-me sempre voltar para casar comigo.

JULIETA (*suspirando*)—Tomara já que chegasse o paquete...

MARIANNA (*suspirando*)—Tomara já que chegasse o primo!

SCENA II

AS MESMAS E PANTALEÃO PENTEADO

PATALEÃO—Já chegou... elle cá está.

MARIANNA—O primo?

JULIETA—O paquete?

MARIANNA—Vem muito gordo?

PANTALEÃO—Gordo!? Ó sobrinha... um paquete gordo!...

MARIANNA—Pois não fallava do primo?

PANTALEÃO—Qual! O extravagante... foi para Paris: tive noticias.

MARIANNA—Ingrato!

PANTALEÃO—O paquete francez é que chegou...

JULIETA—E veiu a encommenda?

PANTALEÃO—Corri ao correio, e assim que fizeram a primeira distribuição, entregaram-me...

JULIETA—Dê cá, dê cá...

PANTALEÃO (*dando-lhe uma carta*)—Eil-a, com as iniciaes J. S.—E custou-me a havel-a, foi preciso assignar um recibo, e lá assignei: Pantaleão Penteado.

JULIETA (*abrindo a carta*) Ah! Finalmente vou ver as feições de meu marido!... (*hesitando*) Mas se fôr feio... horrendo...

PANTALEÃO Vamos; vejamos emfim a veronica do tal senhor que teve bojo para abandonar sua mulher... e ir comer-lhe o dote em Paris. Ah! é o que se está vendo! E ellas sempre a caír!

JULIETA—Vejamos primeiro o que me diz. (*lendo*) «Querida, ahi vae o retrato; o original fica de perfeita «saude.»

MARIANNA (*rindo*)—É amavel...

PANTALEÃO—Pois não diz mais nada?

JULIETA—Para que? Elle julga que ainda estou cega...

PANTALEÃO—Sabe que mais, menina, seu marido é um homem sem coração! Bom era eu para me ter comportado assim com a minha mulher!... andava-lhe ali derretido como um *tótó!...*

JULIETA (*tirando o retrato*).—Eil-o emfim! Eis o meu marido... Ah que bonito rapaz! Sou feliz.

MARIANNA—É bonito? (*vendo o retrato*)

PANTALEÃO—E eu teria apostado que era mais feio do que um pé de cabra!

MARIANNA—Ah!... que vejo eu?! Jesus! quem me soccorre...

PANTALEÃO—Então que temos?... tão bonito é elle que faça deslumbramentos?

MARIANNA—Veja, veja, meu tio! Ah! infeliz de mim!

PANTALEÃO (*vendo o retrato*)—E é verdade... é a cara do Carlos! E' o nosso Carlos!

MARIANNA (*enraivecida, a Julieta*)—Senhora, prohibo-lhe que beije esse retrato, ao menos na minha presença!

JULIETA—Ora essa .. que lhe importa que eu beije o retrato de meu marido? Heide beijar uma, duas, mil, muitas mil vezes!

MARIANNA—Esse homem...

PANTALEÃO—Accommoda-te, sobrinha, por quem és!... Vamos elucidar-nos primeiro...

JULIETA—Mas de que se trata? Senhor Pantaleão, conhece meu marido?

MARIANNA (*batendo o pé*).—Seu marido? E' impossivel; repito, impossivel!

PANTALEÃO—Accommoda-te, sobrinha...

MARIANNA—Não sei onde estou... que não faço algum disparate maior... que não a engulo'... (*batendo os pés*)

PANTALEÃO—Minha sobrinha... aquillo não hade ser nada de cuidado!.. pois o Carlos casava lá'...

JULIETA—Finalmente, senhores, expliquem-me...

PANTALEÃO—Já. A senhora conhece bem esse homem?

JULIETA—Pois não diz esta carta de meu marido que é o seu retrato, este?

PANTALEÃO—E como se chama seu marido?

JULIETA—Julio da Silva.

PANTALEÃO—Ahi está o engano. Esse retrato é de meu filho Carlos.

JULIETA—De seu filho? Então sou eu mulher de seu filho? que feliz acaso!

MARIANNA—Feliz acaso!? E atreve-se na minha presença a dizer que é feliz similhante acaso? Oh! não lhe chame acaso, chama lhe astucioso enredo! Faça-me crer que não foi de proposito que pediu recommendações para nossa casa; comeram o que tinham; a senhora veiu metter-se em casa do sogro e elle... quem sabe o que elle foi fazer a Paris... alguma das suas!

JULIETA—Oh! é de mais! E não estás aqui para me vingar, meu Julio...

MARIANNA—Seu Julio?!... Que diria elle, diante de mim que posso apresentar-lhe as cartas em que falsamente me promette casamento'? Talvez negasse: não admira. Um homem que muda de nome é capaz de tudo.

PANTALEÃO—E effectivamente o maganão mudou de nome. Apezar de Penteado, metteu-se pelas Silvas... pois fez mal; o nome de Penteado vale muito mais: é historico.

JULIETA—Seja como fôr, eu não tinha obrigação de adivinhar...

MARIANNA—Uma de nós vae saír já d'esta casa! *(a Pantaleão)* Será justo que seja eu?... Eu, meu querido tio, que não tenho outro tecto, eu que fui enganada pelo primo?...

JULIETA—E eu, que sou mulher de seu filho; eu que não conheço mais ninguem em Lisboa... que será do seu innocente neto, sr. Pantaleão?

MARIANNA—Vamos, decida!

PANTALEÃO—Que decida? é tão engrime que escorrego... Safa!

MARIANNA—Eu ou ella!

PANTALEÃO—Ou eu. Sim, é o mais prudente: saio eu, e arranjem-se cá do melhor modo possivel.

MARIANNA—Ah! meu tio, ainda em cima graceja?! Quem hade pois livrar-me da companhia d'aquella mulher!

JULIETA—Basta, senhora, já não posso soffrel-a!

MARIANNA—Eu, que era tão sua amiga... que me deixei illudir pe'a sua astucia!... Está visto, o que a senhora quiz foi metter-se em casa para deitar os bracinhos de fora.

JULIETA—Pois bem; acredite o que quizer: mas uma vez que cá estou, e sou nora do sr. Pantaleão, se não valho alguma coisa... appello pelos direitos do seu neto ..

PANTALEÃO—Está claro: quem nunca teve filhos choram-lhe os netos.

MARIANNA—Era o que faltava, expulsarem-me por amor do tal neto..

PANTALEÃO—Vamos lá, basta de desatino; é preciso que nos conformemos todos; cada qual com o seu mau bocado!

MARIANNA—Eu não vejo, em tudo isto, quem tenha peior bocado do que eu Ella está casada e em casa de seu sogro: o tio tem um neto; mas eu... victima do primo, sem achar apoio no tio!

PANTALEÃO—Hasde ter todo o apoio possivel, descança. Olha, o Carlos era um extravagante; deixal-o lá. Temos aquelle rapazito que ahi vem ás vezes.. vou tomal-o para caixeiro, e . hein, não sei se me entende. Mas... biquinho calado. Olha... fallae no mau...

SCENA III

OS MESMOS e AUGUSTO DE AZEVEDO.

AUGUSTO—Bons dias, boas novas, e muitos parabens.

TODOS—Que mais teremos?

AUGUSTO—Chegou o homem.

TODOS—Qual homem?

AUGUSTO—Ora qual?! O que esperavam ..

MARIANNA—O primo?

JULIETA—O meu marido?

PANTALEÃO—O Carlos?

AUGUSTO—Veiu no paquete. Fui a bordo fallar-lhe, e corri a trazer a noticia. Venham alviçaras em rebuçados de ovos.

MARIANNA—Eu dava-lh'as em rebuçados de fel!

PANTALEÃO—E eu em rebuçados... de casca de carvalho!

JULIETA—Pois eu heide-lh'as dar em rebuçados .. do que quizer.

AUGUSTO—Ora esta!

JULIETA—Dou-lhe já um abraço pela noticia.... (*abraça-o rapidamente e sae*)

AUGUSTO—Um abraço, e sem rebuço.... Dar-se-ha o caso que estejam todos doidos cá em casa?

SCENA IV

PANTALEÃO, MARIANNA, e AUGUSTO.

MARIANNA—Então, meu tio, que faremos? Devo eu tornar a ver aquelle monstro?

PANTALEÃO—Monstro? (*risonho*) Dobre a lingua, chame-lhe tudo menos monstro, porque, segundo diziam, o Carlos era o meu retrato.

AUGUSTO—Mas, senhor Pantaleão, v. s.ª não me dirá...

PANTALEÃO—Cale-se, senhor! nem uma palavra a respeito d'elle! Não vê as lagrimas de minha sobrinha?

AUGUSTO—Sem duvida, de alegria!

MARIANNA—Oh! é impossivel que o senhor não saiba!...

AUGUSTO—Eu?

MARIANNA—Elle já lhe havia de ter contado! E o que o trouxe a dar a noticia, não foi a idéa de nos obsequiar, a mim nem a meu tio! O senhor foi sempre amigo d'elle... e lá se entendem!

AUGUSTO (*á parte*)—É o que eu digo; estão affectados da cabeça...

PANTALEÃO (*á parte*)—Convém preparar as coisas já, para evitar maiores conflictos. (*alto a Augusto, chamando-o á parte*) Diga-me, senhor Augusto, já tem emprego?

AUGUSTO (*á parte*)—Que salto na conversa! Está positivamente desvairado!

PANTALEÃO—Já tem emprego?

AUGUSTO (*á parte*)—Vamos, é preciso não o enfurecer. (*alto*) Ando ha dez annos a sollicitar um logar..

PANTALEÃO—Rasgue todos os seus requerimentos. Está servido.

AUGUSTO—Ah! de certo... conto com isso...

PANTALEÃO—Eu me responsabiliso; palavra de honra! E... ainda outra coisa: está compromettido?

AUGUSTO—Hein? compromettido?

PANTALEÃO—Ah! seu maganão...

AUGUSTO (*á parte*)—Que desgraça... que atacou esta pobre familia!

MARIANNA (*á parte*)—O tio está-lhe fallando a meu respeito. Se elle não disser que não, eu... só para mostrar, ao tal senhor primo, que não fiquei com agua na bocca...

PANTALEÃO (*que tem fallado a meia voz com Augusto*)—É negocio feito.

AUGUSTO—Mas... senhor... eu não sei se devo acreditar!... Sua sobrinha estava promettida á Carlos; elle ainda hoje me fallou d'ella...

PANTALEÃO—Nem mais uma palavra, senhor! não aggrave a situação! Prohibo-lhe que nos falle...

MARIANNA—D'aquelle monstro!

PANTALEÃO—E a dar-lhe! Lá isso, não, Marianna; um monstro é uma coisa tão feia...

AUGUSTO (*á parte*)—Decididamente, esta pobre gente não está boa de cabeça. Far-lhes-hia um favor se fosse fallar d'elles ao sr. Pulido...

PANTALEÃO—Então, sr. Augusto de Azevedo, o emprego é com a tal condiçãosinha, quer? hein, seu maganão, quer? Olhe, eu, na sua edade... não sei o que faria... e era bem modesto! Até me chamavam o D. Maria. (*acotovelando-o*) Ande, vá-lhe dizer já alguma fineza...

AUGUSTO—Mas... (*á parte*) Se o contrario é peior; saio d'aqui certamente com algumas azas de pau. (*alto*) Mas o Carlos...

PANTALEÃO—Nem meia palavra! nem uma syllaba d'esse nome... (*tossindo em ar de convenção*) Tem entendido? E.. até logo. (*sae*)

SCENA V

AUGUSTO e MARIANNA

AUGUSTO—E deixa-me só com ella... Oh! mas eu não quero atraiçoar o Carlos que ainda hoje de bordo do paquete me perguntou tanto por ella...dizendo-me que vinha disposto a casar... Se podesse safar-me...

MARIANNA—Retira-se, sr. Augusto?

AUGUSTO (*á parte*)—Peior! (*alto*) Minha senhora...

MARIANNA—Ha tantos dias que não vinha ver-nos..

AUGUSTO—V. ex.ª estava sempre tão entretida com a sua amiga...

MARIANNA (*levantando-se*)—Minha amiga! Sabe o que diz?!

AUGUSTO (*á parte*)—Mau!... esta creio que está perto de furiosa!

MARIANNA—Amiga! Uma vibora que aqueci no seio e que me mordeu sem piedade! Eu quizera mordel-a tambem com dentes de leão, de elephante!... e mettel-a debaixo dos pés!

AUGUSTO (*á parte*)—Estou servido!

MARIANNA (*chorando*)—Oh! mas eu não posso esquecel-o... é impossivel! Ah! Carlos .. Carlos...

AUGUSTO—Pois é mesmo o Carlos que chegou, que não tarda ahi; anime-se, minha senhora, a presença do meu amigo hade fazer-lhe bem.

MARIANNA—Cale-se, senhor, cale-se, pelo seu e pelo meu futuro. Eu esqueço tudo, tudo, tudo...

AUGUSTO (*á parte*)—Está cada vez peior! Olhem o bello quadro que o pobre Carlos vem achar no seio da sua familia? Sempre acontecem coisas...

MARIANNA (*aproximando-se de Augusto*)—Meu tio fallou lhe? O senhor disse-lhe que sim? ainda bem! Eis a minha mão, sr. Augusto de Azevedo...

AUGUSTO—Acceito-a com procuração de Carlos.

MARIANNA—Oh! sempre a mesma ironia! Fique certo, sr. Augusto, digo-lh'o eu! Carlos... morreu!

AUGUSTO—Parou uma sege... querem ver... que é elle que vem resuscitado?

MARIANNA—Se fôr?... Está dito, morreu! (*sae rapidamente*)

AUGUSTO (*indo á janella*)—E é elle! Coitado; não sei como devo preparar lhe o espirito... Pobre rapaz... Ahi está como o diabo costuma tecel-as!

SCENA VI

AUGUSTO e CARLOS

CARLOS—*Eccomi al fine in Babilonia!...*

AUGUSTO—Carlos...

CARLOS—Olá, meu Augusto!... Vieste dar a noticia da minha chegada? Fizeste bem. Onde está meu pae?

AUGUSTO—Teu pae...

CARLOS—E Marianna!

AUGUSTO—Tua prima...

CARLOS—Augusto! Pareces-me triste!... Respondes-me de tal modo...

AUGUSTO—O que está para succeder a Deus pertence, diz o ditado.

CARLOS—Com a fortuna! Deixa-te de preambulos... acaba já!

AUGUSTO—Teu pae... não está bom.

CARLOS—E Marianna?...

AUGUSTO—Tambem soffre...

CARLOS—Mas de que soffrem?

AUGUSTO—Da cabeça.

CARLOS—Dôres?

AUGUSTO—Não. Preoccupações...

CARLOS—Falla claro...

AUGUSTO—Não te digo mais... soffrem certas preoccupações...

CARLOS—Preoccupações, preoccupações, e não saes d'ahi! Pois quero saber o que vem a ser isso; quero vêl-os! (*dirigindo-se a uma porta, recua á apparição de Pantaleão*) Meu pae...

SCENA VII

AUGUSTO, CARLOS e PANTALEÃO

PANTALEÃO (*de gravissimo aspecto comico*)—Quem é você?

CARLOS—Quem sou? pois tão mudado estarei que me não reconheça?!

PANTALEÃO—O seu nome?

CARLOS—Meu pae...

PANTALEÃO—O seu nome, senhor?!

AUGUSTO (*baixo a Carlos*)—Não teimes, não teimes; tem paciencia.

CARLOS (*á parte*)—Oh! meu Deus! (*alto*) Pois não reconhece o seu filho Carlos?

PANTALEÃO—Carlos? E... sabe dizer-me quem será um sugeito chamado, chamado... Julio da Silva, que mandou o seu retrato a sua mulher, e que promettia casamento a sua prima, e que casou sem consultar a vontade de seu pae, e que é um tratante, um troca tintas que enganava duas mulheres, e que afinal mandou sua mulher para casa de seu pae, assim por portas travessas, com um filhinho nos braços, em quanto que o tal senhor ia gastar o resto do dote de sua esposa em Paris?

CARLOS—Meu pae... (*á parte*) Que barafunda de idéas! (*encostando-se a Augusto*) Ah! meu amigo!

PANTALEÃO—E não cae ahi de joelhos a pedir perdão?..

CARLOS (*animando-se*)—Perdão, meu pae: diga-me agora como está a prima Marianna?

PANTALEÃO—Eu lhe respondo (*abre uma porta e conduz pela mão uma creancinha*)

CARLOS—Que vejo?!

PANTALEÃO—Atreve-se em face d'este innocente a perguntar pela prima Marianna?

CARLOS—Linda creança! mas então a prima Marianna... casou?

Pantaleão—Não reconhece este menino?

Carlos—Mas meu pae...

Pantaleão—Sim ou não?

Augusto (*á parte*)—O negocio vae-se complicando...

Pantaleão—Responda, senhor!

Carlos—É realmente uma creança... linda!

Pantaleão—Dá seus ares do avô...

Carlos—Então quem é o avô?

Pantaleão—Quem é o avô, hein?' (*sentimental dramatico* Ainda ha pouco eu não sabia! Ha horas, apenas, que sinto esta doce commoç o! . Ah! Carlos! Carlos... como é possivel que tanta maldade caiba em teu peito!?

Carlos—Em meu peito?

Pantaleão—Não finjas mais... Eu devia ser o teu severo juiz; mas a presença d'este innocente desarma a minha colera! Carlos, aqui me tens supplicante... sê humano, abraça o teu filho..

Carlos (*sobresaltado*) Meu filho!?

Augusto—Seu filho?... (*á parte*) Ora esta; e não queria então o velho casar-me com Marianna?!

Pantaleão—Carlos, Carlos...

Carlos—Meu pae, eu não entendo nada do que está acontecendo! Parece-me até que estou louco

Pantaleão—E o que tens sido até agora senão louco, abandonando tua mulher?...

Carlos Minha mulher?!

Augusto—Ah. tinhas casado?

Carlos—Deixa-me! que já não sei o que digo nem o que faço! É realmente uma interessante historia; mas, sabe o que lhe digo, meu pae, é que me vejo n'ella como Pilatos no credo!

Pantaleão—Logo pensarás de outro modo; quando souberes que tua mulher herdou de um padrinho perto de meio milhão...

Carlos—Supplico-lhe que me não falle mais em similhante coisa, se não quer endoidecer-me!...

Pantaleão—Sr. Augusto, junte a sua voz á mi-

nha... rogue-lhe que abrace este innocente e que receba sua mulher...

AUGUSTO—Então, Carlos, sempre fostes muito bom rapaz; o que estás fazendo é indigno de ti!

CARLOS—Ora livrem-se lá de uma d'estas! Com a fortuna! então onde está essa minha improvisada mulher? quero vêl-a. é preciso acabar similhante engano!

PANTALEÃO—Engano, engano, hein? maganão! Eu a vou chamar... coitada, e é linda como as flores! (*sae com a creança nos braços*)

SCENA VIII

AUGUSTO, CARLOS, momentos depois MARIANNA

AUGUSTO—E eu a pensar que estavam doidos, e no fim de tudo...

CARLOS—Tambem tu? no fim de tudo... o que?

AUGUSTO—Ora... o que?

CARLOS—Sim... falla... falla, ou arrebento de curiosidade!

AUGUSTO—Silencio, ahi vem tua prima Marianna; e eu deixo-te em plena liberdade com ella (*em acção de saír*)

MARIANNA (*entrando*)—Perdão, sr. Augusto, queira demorar-se para ser testemunha do que vou dizer áquelle senhor.

CARLOS—Oh! prima Marianna...

MARIANNA—Detenha-se, senhor!

CARLOS—Nem um abraço, ao menos, á minha chegada...

MARIANNA—Um abraço!

CARLOS—Um simples abraço...

MARIANNA—O senhor ignora que eu... sei tudo!?

CARLOS—Sabe tudo?! É muito mais feliz do que eu, que não sei nada.

MARIANNA—Não julgue, porém, que me tem feito chorar a sua ingratidão! O que quero é mostrar lhe bem o apreço que dou ás suas cartas e promessas! Olhe, veja! (*principia a rasgar cartas que tira da algibeira*)

Primeira! segunda! terceira! quarta! Todas, todas, todas! E está tudo acabado.

CARLOS—Safa! isto é para endoidecer um homem! Se me demoro mais uma hora n'esta casa, vou decerto d'aqui para Rilhafolles! Expliquem-me emfim o que querem de mim, o que quer dizer tóda esta embrulhada... Olá! olá... venha mais alguem, toda a gente, toda a gente de casa...

MARIANNA—Agora, sr. Augusto, o meu coração é completamente seu!

AUGUSTO—Minha senhora...

CARLOS—Que escuto Ah! tu atraiçoaste-me, Augusto?!

AUGUSTO—Socega, Carlos: olha que eu não estou mais ao facto d'esta historia .

CARLOS—Comprehendo. E' tudo intriga tua, para pilhar um bom casamento, hein?

AUGUSTO—Por quem és, Carlos, não creias tal. Desde esta manhã, apenas, é que me vejo n'isto: constituido em noivo, do pé para a mão, sem saber porque.

MARIANNA—A razão é obvia. Assim como elle casou no Rio de Janeiro com quem lhe pareceu, posso eu casar em Lisboa com quem fôr do meu agrado

CARLOS—Oh! minha senhora, não diga despropositos! Aposto que foi este meu *amigo de Peniche* quem propagou similhante falsidade?

AUGUSTO—Eu?! ..

CARLOS—Hasde arrepender-te! Não sei onde estou que não te imprimo já a cabeça na parede!

AUGUSTO—Então... então!... Ora esta! em que eu estou mettido!

MARIANNA—Deixe-o, sr. Augusto. Elle ignora que sua mulher saiu *di lá;* que veiu para Lisboa, e que por um feliz acaso... está entre nós.

CARLOS—Sabe que mais? *entre nós* estou eu; mas se os não desatam depressa, dou por paus e por pedras!... Já me falta a paciencia...

MARIANNA—Faz o mal e a *caramunha. (rindo)* Ora,

senhor meu primo, o melhor é dar as mãos á palmatoria .. (*para Augusto*) Sr. Augusto... o dito, dito! (*sae*)

SCENA IX

AUGUSTO e CARLOS.

CARLOS—Então?
AUGUSTO—Que dizes a isto?
CARLOS—Que digo?... que és um infame!
AUGUSTO—Por quem és, Carlos, não me condemnes assim. Teu pae offereceu-me um emprego de guarda livros no seu escriptorio, sob a condição de acceitar por esposa a tua prima Mar anna: e todos n'esta casa acreditam que estás c sado, não sei se clandestinamente..
CARLOS—Va'ha-os a fortuna! Casa-se então assim... sem a gente saber; e é-se pae como quem tem um ataque de febre amarella? Mas aonde está então minha mulher?

SCENA X

OS MESMOS E PANTALEÃO

PANTALEÃO—Tua mulher, uma vez que tu recusaste reconhecer teu filho, tambem recusa ver-te. Está lá dentro a chorar... que parece mesmo um chafariz!
CARLOS—Meu pae é preciso acabar com isto por uma vez! Eu nunca èm dias da minha vida .. nem por sonhos...
PANTALEÃO—Cala-te ahi, que até de te ouvir se me arripiam as carnes e os cabellos! Marido immoral, pae desnaturado... Casaste no Rio de Janeiro com um nome supposto, abandonaste tua mulher, e hoje recusas estender os braços a teu filho! .. E o mais foi que atraiçoaste a prima Marianna... que eu amo como se fôra minha filha! Es immoral, Carlos, muito immoral!
CARLOS—Então! Livrem-se lá de uma d'estas!... Oh! mas isto... parece até impossivel... Uma mulher

e um filho talhados á queima roupa logo que ponho pé em terra! Segundo vejo os casamentos cá na minha terra estão-se fazendo por magia... e os filhos deram em nascer como o arroz de telhado?!

SCENA XI

OS MESMOS e UM CRIADO, logo JULIO DA SILVA

CRIADO—Está lá fora um sugeito que deseja fallar ao sr. Pantaleão.

PANTALEÃO—Como se chama?

CRIADO—Diz que vem de França.

PANTALEÃO—De França? Manda entrar.(*o criado sae —entra momentos depois Julio da Silva: typo excentrico, fallando afranceza·l , maneiras desabusadas*)

JULIO—*Mr Pantaleon?*

PANTALEÃO—Pois não, um seu criado...

JULIO—*Capitaliste?...*

PANTALEÃO—.. liste. Queira sentar-se, por quem é..

(Julio senta-se)

CARLOS (*á parte*)—Creio que vi aquella cara a bordo do paquete. Era um pobre diabo que vinha sempre enjoado... e constipado...

AUGUSTO (*baixo a Julio*)—Tem maneiras de tolo.

PANTALEÃO—V. s.ª é?...

JULIO—Jules de Silve. *Vôtre serviteur.*

PANTALEÃO—Julio da Silva?

AUGUSTO—Julio da Silva?

CARLOS—Julio da Silva?

JULIO—*Serviteur!*

PANTALEÃO—Portuguez?

CARLOS—Brazileiro?

JULIO (*a Pantaleão*.—Comment donc?! *Chega no paquebot* e traz sobre *vous une* lettra pagavel á vista..

PANTALEÃO—Uma lettra pagavel á vista? É a primeira coisa que diz em bom portuguez!

JULIO (*apresentando a lettra*)—*Voi-là.*

PANTALEÃO—Sim, senhor: está em regra, vou satisfazer: mas... diga-me uma coisa, v. s.ª entende bem portuguez?

JULIO—Qualquer *cose*...

CARLOS—V. s.ª chama-se Julio da Silva?

JULIO (*levantando se*)—Oh! o principe de Kossuthtenber...

PANTALEÃO—O que?

JULIO—Mr. le princo...

AUGUSTO—Qual principe?

CARLOS—Eu?!...

JULIO—Eu *acheté* portrait de vosse *altesse* en Paris.

CARLOS—O meu retrato?... Mas eu não sou principe, senhor! Bravo, este agora quer fazer-me principe!

JULIO—Eu ser *amateur* de *photographies*, e comprar *portion Entre elles, acheter portrait de vôtre altesse*, que tem nome por baixo. Oh! *permettez, Mr*....

AUGUSTO É divertido este afrancezado, que comprou a photographia de Carlos pela do principe de tal...

CARLOS—Pois meu caro senhor, eu sou tanto principe, como v. s.ª é francez. Se o vendilhão de retratos escreveu o nome do tal principe por baixo do meu retrato, ou foi por engano ou para o vender melhor.

PANTALEÃO—Mas..

JULIO—*Serviteur*. Eu estar *pressé* .. ter alguma pressa... de realisar minha lettra...

PANTALEÃO—Ora, uma palavra, v. s.ª já esteve no Brazil?

JULIO—Brazil, senhor?

CARLOS—E casou lá?

JULIO—Orror *au* mariage! *Sapristi!*

AUGUSTO—Ah' detesta o casamento?

PANTALEÃO—Temos homem. Mas o senhor chamàse Julio da Silva, Julio da Silva, hein?

JULIO—Plait-il?

AUGUSTO—Sabes que mais, Carlos; desconfio d'elle. Chama-se Julio da Silva, veiu de Paris, esteve no Rio

de Janeiro, e comprou o teu retrato.... Quem sabe!....

CARLOS—Quem sabe!?

PANTALEÃO—Com que então, *senhor... Julio da Silva...*

JULIO—*Finissons-en!*

PANTALEÃO—Vou pagar-lhe a lettra; queira esperar um momento. (*sae olhando muitas vezes para elle*)

SCENA XII

CARLOS, JULIO, e AUGUSTO

JULIO (*á parte*)—Estão a olhar para mim de um certo modo que... Qual historia! Não me conhecem... e acasos d'estes são rarissimos!

AUGUSTO (*a Carlos*)—O homem parece-me preoccupado!

CARLOS—Tens razão!... não sei que pense...

AUGUSTO—Até me parece mais branco.

CARLOS—Olhou para a porta.

AUGUSTO—Pelo sim pelo não, vamos tomando-lhe o caminho.

CARLOS—Sinto passos, ahi vem meu pae. Mas eu não o deixo saír sem mais alguma explicação O homem chamar-se Julio da Silva ..

AUGUSTO—É verdade: o teu supposto nome!

SCENA XIII

OS MESMOS; PANTALEÃO com o menino em um braço, e dando a mão a JULIETA, que traz uma pala de seda verde sobre os olhos

PANTALEÃO—*Mr. Jules da Silva .. voi là.*

JULIO—*De l'argent?* Ah! que vejo eu! Será possivel? Que imprevisto acontecimento!

PANTALEÃO—Affectos do coração tambem dão o seu

juro como qualquer capital empregado. Creio que posso entregar o capital *a resentando Julieta*) e o juro (*apresentando lhe a creança*) ao seu verdadeiro proprietario.

JULIO (*de bocca aberta, com a creança nos braços*) Riqueza inaudita!

CARLOS — O que? será possivel... achou-se finalmente a palavra d'este enigma?

JULIO—Julieta ..

JULIETA—Cada vez mais cega... por ti... apezar de tudo!

JULIO (*ironico*)—Sou feliz...

CARLOS—Onde lá que essa *felicidade* tenho eu gosado até agora.

JULIO—O que? que diz este homem?!..

PANTALEÃO—Não admira; como v s.ª enviou a sua mulher o retrato de meu filho, e como sua mulher é *cega*, e não tem o gosto de conhecer as feições de seu marido, nós todos investimos Carlos com os plenos poderes e direitos que só a v. s.ª pertenciam.

CARLOS—É exacto.

JULIO — Oh! isto agora é monstruoso! é para endoidecer! Senhora, com que direito saiu do Rio de Janeiro?

JULIETA—E com que direito me abandonaste, Julio?

JULIO—O seu castigo.. hade ser uma separação eterna.

PANTALEÃO—Ah! a senhora hade viver muito bem com a herança de duzentos contos que tem por morte do padrinho.

JULIO—Como duzentos... (*á parte*) E eu que estou tão necessitado de fundos...

CARLOS (*á parte*) —Duzentos pontapés precisavas tu, meu estroina!

AUGUSTO (*á parte*)—Adeus meu casamento com a prima Marianna!

JULIO — Julieta, meus senhores, confesso que tenho sido extravagante... Que mandei a minha mulher o retrato... um retrato qualquer em logar do meu, porque

temia que em Lisboa soubessem do meu casamento... por motivos particulares. Queira desculpar senhor... (*a Carlos*)

CARLOS—Essa é boa, não tem de que pedir-me desculpa: constituiu-me por momentos marido de um anjo, sou eu que devo agradecer...

JULIO—Mau!... não me diga similhante coisa, que vou aos ares!

CARLOS (*a Julieta*)—E peço desculpa a v. ex.ª se n'esses breves instantes fui tão mau marido que nem ao menos a abracei!

JULIO—Ah! nem ao menos a abraçou? Respiro!

PANTALEÃO (*a Julio*)—Mas suou' suou devéras!

AUGUSTO (*á parte*)—Adeus casamento com a prima Marianna!

JULIO—Pois, Julieta, já que tão singular acaso nos juntou, juro-te pelo nosso filho que continuarei sempre a amar-te.

JULIETA—Assim mesmo cega?

JULIO – Juro!

CARLOS (*á parte*)—Pudera! com duzentos contos... ama-se até uma tinhosa...

PANTALEÃO (*a Carlos*)—E tu... desculpa algum termo mais forte que empreguei... E Marianna, onde está Marianna?

SCENA XIV

OS MESMOS, e MARIANNA

MARIANNA—Aqui estou, meu tio: tudo ouvi d'aquella porta Ah! Carlos...

CARLOS—Comprehendo o teu suspiro, prima, tudo te desculpo. Eu bem te dizia que andava n'esta historia como Pilatos no credo!

AUGUSTO (*a Marianna*) – M nha senhora, acceito a minha demissão.

PANTALEÃO—Mas hade ficar com o emprego. E' meu

guarda livros. Pobre rapaz... já que perde a moça... Eu cá sou assim.

Marianna (*a Julieta*)—Abraça-me, minha amiga, está tudo nos eixos e ninguem tem já razão de queixa. Então já viste o teu marido?

Julio—O que? se já me viu? Pois ella vê? Ai de mim! acha-me bexigoso... ¡adeus amores!

Julieta (*tirando a pala*)—Quando Deus me restitue meu marido, seria injusto se me não tivesse concedido a vista para o ver! Sou feliz!

Julio—E eu. . eu mais do que mereço! Mas... é verdade. . agora reparo que estamos dando espectaculo! Tanta gente!... pois, meus senhores .. (*ao publico*)

«O Pilatos que andou n'este credo,
«Por momentos me fez descorar!
«Mas a culpa foi toda do enredo;
«Que eu não sei, com franqueza enredar!

«Mas, já que tão calados ouvistes,
«Minha historia, por elles contar,
«Contentae-me dizendo que vistes,
«O *Pilatos* as mãos ir lavar!

TODOS

«Contentae-o dizendo que vistes,
«O *Pilatos* as mãos ir lavar.

FIM

Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço.......
A Aristocracia e o dinheiro, comedia em tres actos....... 300
Coração de Ferro, drama phantastico em cinco actos....... 300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda.. 120
E' perigoso ser rico, comedia em um acto............. 160

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. Preço.................. 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço...... 240
Uma Victima, drama original em tres actos... 160
Dôr e Amor, comedia-drama em 3 actos................ 200

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. — Preço 80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, drama em tres actos............. 160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr...... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 400
Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em 4 actos... 240
Pedro Cem, comedia em cinco actos...... 300
Remechido, o Guerrilheiro, drama em 3 actos.......... 300

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.° francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr. 200
As Obras de Horacio, imitação, comedia em um acto. Preço 120
Um Homem de Consciencia, comedia em dois actos...... 160

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.° fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr...... .. 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr. 200
Memorias do Coração. Preço 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos.. 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço 240
O Marido no Prégo, comedia em um acto.............. 160
Já não ha tolos!... comedia em um acto............. 80
Não desprese sem saber, comedia em um acto........... 120
O Colono, comedia-drama em tres actos............... 160
Segredos do Coração, comedia drama em tres actos...... 200
O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos......... 240
A Mascara Social, comedia-drama em tres actos......... 200
A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.......... 200
A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos........ 160
Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos. 200
O dia 1.° de Dezembro de 1640, comedia heroica, original em tres actos.................................... 200
O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo.... 200
Pilatos no Credo, comedia em um acto. 80

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN.

A Vida em Lisboa, comedia-drama em 4 actos........... 300
Primeiro o dever! comedia-drama em tres actos.......... 160

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.° francez. Preço..... 1:800

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240
O Pae prodigo, comedia em tres actos................ 200
O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço.... 200
Gil Braz de Santilhana, comedia em tres actos 160

Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em dois actos....... 180
Uma chavena de chá, comedia em um acto.......... 120
Convido o coronel !!... comedia em um acto........... 100
A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.......... 220

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. — Preço.................. 360
Os moedeiros falsos, comedia drama original, em tres actos. 160

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA.

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos, 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda = Les quatre fils Aymon. — Preço............. 320

MANUEL ODORICO MENDES.

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. — Preço................ 200

I. DE VILHENA BARBOSA.

Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas : 3 vol. 8.° francez (com estampas lytographadas) 3:000

JULIO CESAR MACHADO.

A esposa deve acompanhar seu marido, comedia em um acto 140
O Capitão Bitterlin, comedia n'um acto............. 140

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES.

Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço....... 720
Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.° francez. Preço.......... 360
Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço.............. 100
Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.° fr. Preço..... 200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.. 80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio............... 80
O Mentor da mocidade...................... 120
Ensaios poeticos. Preço.................... 60
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.° port. 120
Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos... 200
Amor e Amizade, comedia em um acto................. 80
O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço....... 240
A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos...... 200
Um Bico em Verso, scena comica. — Preço............. 60
O segredo d'uma esmola, comedia-drama em dois actos.. 180
Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.° fr..... 300
Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto...... 160
A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço.......... 320
29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço................ 360
Tudo no mundo é comedia ; comedia em tres actos....... 200
A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos......... 160
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em quatro actos sete quadros e um prologo.................. 300
Graziella, drama em um acto.................... 100
Amor e arte, drama em tres actos.................. 220
Os dois irmãos, drama em quatro actos............. 200
O Arrependimento salva, drama em 1 acto............ 100
O Princepe Escarlate, tragedia burlesca em 2 actos em verso. 190

NO PRELO.

A Conquista das Amazonas, comedia-drama em dois actos.
O Maestro Favilla, drama em tres actos.
Fernando, comedia-drama em 4 actos.
Não envenenes tu, a mulher, qui-proquo em 1 acto.
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.
Dois cães a um osso, comedia em 1 acto.
Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo.
O Prestigiador, drama em 5 actos.
As Joias de familia, comedia-drama em 3 actos.

A RODA DA FORTUNA

COMEDIA DRAMA EM TRES ACTOS

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria, 73.

1861.

OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM NA SUA LOJA, RUA AUREA N.° 132 E 133.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837
Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000
Encadernada 27:000

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600
Encadernados 13:600

Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro V — Um folheto com dez gravuras 200

M. M. B. DU BOCAGE.

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. 4:320

F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO.

Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço....... 720

BARRETO FEIO.

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 2:880

LIMA LEITÃO.

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.° 800

Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.° francez........................ 1:200

REBELLO DA SILVA.

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2. vol. 8.° francez........................ 960

A Mocidade de D. João V, comedia-drama em 5 actos....... 480

Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.° francez. Preço........................ 300

MENDES LEAL JUNIOR.

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr... 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.° francez.................. 300

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.° francez. Preço........................ 400

Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço.......... 400

A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.° francez. Preço........................ 480

Canticos, 1 vol. 8.° francez. Preço........................ 720

Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço. 300

F. SOARES FRANCO.

Sermões, 1 vol. 8.° francez. Preço........................ 480

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.° francez. 400

Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio. 6:750

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr........ 720

Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. . . 400

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.° francez. Preço. . . . 600

Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 360

Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 400

O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr...... 160

A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.° fr...... 160

A. ABRANCHES.

Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.° fr..... 300

A RODA DA FORTUNA

COMEDIA DRAMA EM TRES ACTOS

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria, 73.

1861.

INTERLOCUTORES

O MARQUEZ DE MONTALVÃO....................	50 annos
EDUARDO BARTHOLOMEU........................	23 »
D. MARGARIDA DE CASTRO....................	40 »
SOPHIA..	19 »
ANSELMO DIAS.................................	24 »
POLYCARPO.....................................	60 »
ESTEVÃO DIAS.................................	70 »
UMA MULHER, de capa e lenço................	
1.º HOMEM, de sobrecasaca e de capa..........	
2.º HOMEM, de fraque...........................	
UM LACAIO......................................	
UM RAPAZ, que vende cautelas..................	
CRIADOS..	

Actualidade

DESIGNAÇÃO DOS ACTOS

1.º No bazaar.
2.º Na sala.
3.º Na rua.

Do 1.º ao 2.º passa-se um dia; do 2.º ao 3.º, dois.

ACTO I

NO BAZAAR

(O theatro representa o interior de um rico bazaar. À direita um biombo formando com a parede um pequeno recinto onde está uma carteira, uma cadeira e um cofre de ferro. Tres portas no fundo, para a rua; e uma á esquerda, chapeada de ferro, que dá serventia para a loja contigua.)

SCENA I

(Ao levantar do panno, Polycarpo acaba de fechar o cofre, e vae entregar algum dinheiro a um homem ainda moço que está no centro da scena. O homem tem nos hombros uma capa.)

POLYCARPO (*dando-lhe o dinheiro*) — Uma libra.

HOMEM (*recebendo-a e voltando-lhe as costas*) — É a conta.

POLYCARPO (*tirando-lhe a capa dos hombros.* — Adeus, meu senhor. (*o homem sae pela porta lateral. Polycarpo cobre-se com a capa*) Aquece que nem um brazeiro! Gosto mais das capas que dos ponches. Mas... não venha elle por ahi... qual historia! Em dez minutos perde a libra... passam-se quinze dias a liquidar outra; jogo te valha, e a capa é minha! Tenho por ahi tantas... E' celebre! desde que abri aquella porta, para os envergonhados, tem sido este anno uma inundação de ponches e de capas!...

SCENA II

POLYCARPO e a MULHER de capa e lenço

MULHER — Dá licença, senhor Polycarpo?

POLYCARPO — Essa é boa, minha senhora... senhora?...

MULHER — Rosa Brites Martha para servir a v. m.cê.

POLYCARPO — Obrigado ao seu favor.
MULHER — Eu venho aqui...

SCENA III

POLICARPO, a MULHER, e o HOMEM entrando apressado com um pequeno embrulho.

HOMEM — O senhor quer comprar estes oculos?
POLYCARPO — Dou quatro pintos por elles.
HOMEM — Essa é boa! pois se o senhor ainda não os viu... (*desembrulhando-os*)
POLYCARPO — Ai, são brancos?!... Dou tres pintos.
HOMEM — Essa agora é melhor! de quatro passa a tres!?. .
POLYCARPO (*para a mulher*) — Diga então o que quer, minha senhora!
MULHER — Eu vinha aqui ver se v. m.cê queria comprar esta casaca.
HOMEM — Então não chega aos cinco!?
POLYCARPO (*á mulher*) — Casacas! isso hoje está pela hora da morte! não deixa nada.
HOMEM — Então, senhor? não me demore... não quero que me vejam aqui...
POLYCARPO — Descance, meu senhor, que muita gente boa aqui tem entrado! Não julgue que é só o senhor.
HOMEM — Pois, está bom. Tome lá os oculos.
POLYCARPO — Elles são d'estes que... (*pegando-lhe*) Ai, tome, tome... Não fazem arranjo.
HOMEM — Então já não quer!?...
POLYCARPO — Por um quartinho, se lhe serve.
HOMEM — Mas o senhor...
POLYCARPO (*á mulher*) — Traz ahi a casaca?
HOMEM — Mas senhor Polycarpo...
POLYCARPO — Já lhe disse, meu senhor: se serve, serve. Eu não obrigo ninguem!
HOMEM — Ahi os tem. (*àparte*) Um quartinho são cinco paradas.
POLYCARPO (*dando-lhe o dinheiro*) — E é por ser para o senhor.

(O homem sae pela porta lateral.)

Mulher — Aqui está a casaca. *(desembrulhando-a)* Era de um rapaz fino, janota, olhe... olhe para a largura das mangas. O dito rapaz metteu-se lá na hospedaria, eu alugo quartos, e vae depois... Veja que é toda forrada de seda, e que seda! Mas como ia dizendo a v. m.cê, comeu, bebeu, e poz-se ao fresco até hoje! vae em oito dias. E eu, digo, nada, isto é desaforo! Vi-lhe a casaca no cabide... e cada qual não pode ter o seu dinheiro empatado! Não! que os tempos não estão para graças. Quanto dá v. m.cê por ella?

Polycarpo — Olhe, para lhe fallar a verdade, eu não dou nada: mas o que lhe posso fazer...

Mulher — Pois sim senhor. Tudo quanto fizer é favor que me faz.

Polycarpo — Ha ahi alguem que me encommendou uma casaca, se apparecesse coisa capaz, e n'esse caso, se quer deixal-a ficar...

Mulher — Deixo, sim senhor. Então ahi lhe fica; e eu logo volto pela resposta. Adeus, meu senhor. *(sae)*

(Polycarpo vae guardar a casaca n'uma gaveta.)

SCENA IV

POLYCARPO, só, depois EDUARDO

Polycarpo — Parece que hade servir-lhe. Isto é por lhe fazer favor; que eu, a respeito de negocios d'estes...

Eduardo *(entrando pela porta lateral)* — Decididamente, quando ella começa a desandar não é possivel ter-lhe mão!

Polycarpo — Olé! fallae no mau, apparelhae o pau!

Eduardo — Parece incrivel! Até aos ultimos cinco réis!...

Polycarpo — Sim? pois a coisa cá está.

Eduardo — Que coisa?

Polycarpo — A casaca. E papa fina!

Eduardo — Ah! esquecia-me dar-lhe aquelle annel de que lhe fallei. Pouco vale, mas sempre vale mais do que os quatro pintos que me emprestou por elle. *(dá-lhe um annel)*

Polycarpo *(áparte)* — É um homem de palavra! que pena, não ter por lá mais d'estes anneis! *(alto)* Ora, isto não era pressa... Então tem-se dado mal no primeiro andar?

Eduardo — Tão mal que lhe fiz cruzes á porta! Se sou-

*

besse quanto estou arrependido de lá ter entrado!. . Se não me tivessem desinquietado... em occasião que tinha dinheiro, e um bom jantar no estomago...

POLYCARPO — Mas para que continuou?!

EDUARDO — Diz bem. Então que quer? o jogo tem isso!... Quem perde quer a desforra, e quem procura a desforra perde tudo!

SCENA V

POLYCARPO, EDUARDO, e ANSELMO pela porta lateral

ANSELMO — — Diabo! já não tenho nada que empenhar! E de que modo heide começar a desforrar-me... (*vendo Eduardo*) Ah!... Ó Eduardo, empresta-me cá uma de doze para lá ir acima fazer uma vacca. Tem paciencia..

EDUARDO — Volta-me de cima para baixo... dou-te o que me cair das algibeiras.

ANSELMO — Está bom, está bom! Estamos aviados com beca para o Porto. Eu tambem perdi tudo! Como hade ser isto, senhores!? (*passeando*) Não ha um diabo mais infeliz que eu! (*parando de subito*) Ah! que idéa! Ó Eduardo, tu ainda tens um recurso.

EDUARDO — Eu?!

ANSELMO — Sim! Aquella medalha de oiro que para ahi trazes ao peito em ar de *bentinhos*...

EDUARDO — Não penses n'isso. Quando tivesse de vendel-a ou empenhal-a, seria para comer, se me faltasse a coragem de morrer á mingua! Nunca para o jogo!

ANSELMO — Ora que parvoice, homem! Pareces-me creança!...

EDUARDO (*suspirando*) — São prejuizos...

ANSELMO — Prejuizos? Eu chamo-lhe asneiras! Que apêgo tens tu a essa medalha?...

EDUARDO — Perdão, Anselmo: fallemos d'outra coisa.

ANSELMO — Pois sim: fallemos. Dá-me cá um cigarro.

EDUARDO (*dando-lh'o*) — Filho unico.

ANSELMO (*accendendo um phosphoro e depois o cigarro*) — Está bom, está bom! E a respeito do jantar de hoje... Quero dizer; o jantar está para a ceia de hoje, como o almoço d'amanhã está para X. Olha que, assim mesmo, ainda me recordo... Oh! n'esse tempo, almoçava-se, jantava-se e ceiava-se, por costume! Que bello tempo, ó Eduardo! Um

pataco de cigarros, uma de seis para o monte, e um murro em quem o levava... olha que tempo aquelle! Raposas por tres direita...

EDUARDO — E por causa d'ellas andamos agora n'este bello estado! O estudo está para a pandega como a pandega para a miseria. Esta, agora, é uma proporção...

ANSELMO — Geometrica. Bem percebi.

EDUARDO — Se não fossem as pandegas, o *anda d'ahi* constante dos amigos...

ANSELMO — Obrigado pela carapuça.

EDUARDO — Serviu-te?

ANSELMO — Olha, o que não me serve é aturar malcreados! Isto é fallar-te com franqueza.

EDUARDO — Puz-te um dedo na ferida; doeu-te a consciencia...

ANSELMO — Não doeu, não. Quem vae lá acima, ao primeiro andar, costuma deixar a consciencia cá em baixo. Eu segui o exemplo.

EDUARDO — Fizeste bem! Do contrario, irias expôl-a ao remorso! Anselmo, os degraus que conduzem á sala de jogo, elevam-nos, muitas vezes, ao nivel da forca!

ANSELMO — Bella coisa. Reflexões de moral com môlho de lagrimas. E' um jantar economico, e muito hygienico!

EDUARDO — Estas lagrimas, Anselmo, provam-te...

ANSELMO — Que tiveste ferro de perder, nada mais. Isso é natural. Não estás ainda acostumado...

EDUARDO — Provam-te que me envergonho do que fiz!

ANSELMO — Então que fizeste?!

EDUARDO — Eu te digo. Sabes que andava sem vintem...

ANSELMO — E' um mal epidemico.

EDUARDO — Que sollicitava um emprego, um arranjo...

ANSELMO — Andam todos assim.

EDUARDO — Diz o ditado «quem procura sempre acha» E eu achei o que procurava.

ANSELMO — Um emprego?

EDUARDO — Um arranjo, ahi para fora... Tratei de compor o negocio, e recebi vinte moedas...

ANSELMO — Não digas mais.

EDUARDO — Porque fazes idéa do resto! Encontraste-me n'esse dia e convidaste-me para jantar...

ANSELMO — Vilão ruim!...

EDUARDO — Paguei o jantar...

ANSELMO — Por que quizeste! Ora ahi está.

EDUARDO — Fizeste-me beber mais... e no fim...

ANSELMO — E no fim viemos jogar. Grande coisa!...

EDUARDO — Perdi. Quiz desforrar-me, no dia seguinte, e tornei a perder! Continuei, hoje, e foram-se as vinte moedas!

ANSELMO — Meu amigo, são unhas do officio... Olha, tambem, não ha muito tempo que me succedeu uma coisa muito exquisita. Queres saber? Fui receber o importe de umas lettras do patrão, e... lettras foram ellas... não te conto nada! Isto de lettras tem que se lhe diga!

EDUARDO — E agora...

ANSELMO — Agora, o teu homem espera por ti, como o patrão por mim. Olha que os principios da mathematica servem de muito nos usos da vida! Ha uma hora que estamos a fazer proporções!

EDUARDO — O que te invejo é esse teu genio...

ANSELMO — Então que queres?! Se a roda da fortuna principiou a desandar, heide enforcar-me por isso? Não! Eu até já me lembrei de roubar, por ahi, algum diabo...

EDUARDO — Com que sangue frio fallas no crime!

ANSELMO — Deixemo-nos de *coisas e loisas*. Ladrões, já não nos livramos que nos chamem. E se não roubámos mais, foi por que não pudemos. Cá o meu systema é «morra Martha, morra farta»

EDUARDO — Oh! não foi, porém, com a idéa de roubar que dispuz d'aquella somma: ao recebel-a, julguei que a fortuna me tivesse favorecido, e que podia, arriscando-a, ganhar o dobro: porque, n'esse caso, restituia-a e ficava em Lisboa...

ANSELMO — Foi exactamente o que me succedeu com o importe da lettra; mas, sabes o que te digo? d'aguas passadas não moem moinhos! E eu estou determinado...

EDUARDO — Se a fatalidade nos impelliu para o caminho do erro, lembremo-nos que o horisonte do crime é limitado, triste e sombrio como as abobadas do carcere!

ANSELMO — Ora adeus! Não ha por esse mundo tantas coisas que desmentem a tua logica? Queres que te diga? Os ladrões são os que roubam pouco. E depois, que havemos de fazer? morrer de fome. é absurdo! Por ultimo, queres pôr a tal medalha no prego, para ir buscar, decentemente, a desforra lá acima? Se não queres... adeus!

POLYCARPO (*que os tem escutado, tocando sobre a espadoa de Eduardo, em voz baixa*) — Senhor Eduardo, siga um conselho de ruim cabeça; livrar-se de más companhias.

ANSELMO (*a Eduardo*) — Metta-lhe a medalha nas unhas!..

EDUARDO — Silencio! Vem gente...

SCENA VI

EDUARDO, POLYCARPO, ANSELMO, a mulher de capa e lenço

MULHER — Com sua licença, senhor Polycarpo; então já tem alguma resposta para me dar?

ANSELMO — Ai! ai... ai... aquella voz!...

MULHER — Ora esperem!... Não me engano. . (*examinando Anselmo que lhe volta as costas*) E' elle, é!... Agora é que vae haver aqui o bom e o bonito. Uma sua criada, senhor Anselmo Dias...

ANSELMO — Ó Eduardo... vamo-nos tingando...

MULHER — Que é isso! você quer raspar-se! Os lobos me comam se eu lhe não derriçar pelas abas da quinzena...

EDUARDO — Que é isso, senhora?! Anselmo, que quer esta mulher?

MULHER — Espere que eu lhe digo o que quero... Ora não ha!...

ANSELMO (*a Eduardo*) — Tu não vês? E' um *cão*...

MULHER — Guarde lá os seus olhos franzidos para quem lhe tiver medo; ouviu seu janota? Eu cá, Rosa Brites Martha, o que quero é que este senhor me pague o que comeu, senão protesto que o heide envergonhar aqui!

ANSELMO — Senhora Rosa, v. m.cê tem razão; mas n'este momento...

MULHER — Hade ser já! Eu não o largo sem você me pagar!

ANSELMO — Mas attenda...

MULHER — A tenda fica ali para baixo. Não quero cá saber de coisas: quero o meu dinheiro.

ANSELMO (*a Polycarpo*) — Ó senhor Polycarpo, empreste-me v. m.cê...

POLYCARPO — Eu?! Nem a duzentos por cento!

ANSELMO (*a Eduardo*) — Ó Eduardo, como hade ser isto!? Eu esgano aquelle cão! Estou sem vintem... vale-me pelo amor de Deus! Bem sabes que sou teu amigo! Peço-

te que me valhas... que me tires d'esta enrascação....

Eduardo — Mas, como posso eu valer-te? valha-me Deus a mim, que não tenho vintem!

Anselmo — Eu estou nos mesmos apuros. . peior ainda, por que não tenho o recurso que tu tens! Ó Eduardo...

Mulher — Então, vem ou não vem dinheiro?! Eu cá estou de verga d'alto; e não arrio o patarraz! Tome sentido!

Anselmo (*a Eduardo*) — Que vergonha, Eduardo! Aquella vibora é da Ribeira nova, capaz de tudo! Ninguem tira partido contra um demonio d'aquelles, quando solta a lingua...

Eduardo — Não sei, não quero saber! Quem as arma, que as desarme!... Tu bem vês que não te posso ser bom...

Anselmo — Empenhemos a medalha. Eduardo, faze-me este sacrificio...

Eduardo — Deixa-me, deixa-me! tudo te faria *menos* isso!

Anselmo — Pelo que tu mais estimas, Eduardo...

Mulher — Então, vocês despacham d'ahi?!

Anselmo — Pelo que tu mais estimas... faze-me o que te peço, Eduardo!

Eduardo — Oh! basta! basta, Anselmo! Pelo que eu mais estimo daria até a vida!

Mulher — Ai que a temos travada! Vocês não acabam com essas *resingas*, e eu solto a lingua, ouviram seus janotas?...

Eduardo — Senhora! Veja com quem está fallando!?

Mulher — Os grandes *lordes* que vocês são!... Não querem lá ouvir...

Eduardo — Este senhor vae pagar-lhe. E de que modo pagará *você* os insultos que nos dirige?

Mulher — Não é insulto nenhum, cada qual pedir o que é seu! E esta!?

Eduardo — Pedir por meios licitos.

Mulher — Não sei d'isso! o que quero é o meu dinheiro. E não se ponha você com mais *aquellas*, se não quer ouvir então o que é bom! Olhe que Rosa Brites Martha quando solta a lingua, é peior que o diabo. Entende?

Polycarpo — Está bom, senhora, se quer gritar vá para a rua!

Eduardo — Anselmo, quanto deves tu a esta mulher?

Mulher — Doze mil réis, nem mais nem menos.

Eduardo (*a Anselmo*) — E' preciso pagar-lhe.

Anselmo (*baixo a Eduardo*) — E' sim, infelizmente!

Eduardo (*dando uma volta e tirando do peito uma medalha amarella, volta junto de Anselmo e entrega-lh'a disfarçadamente*) Vae empenhal-a.

Anselmo — Oh! que generoso coração! Dize-me cá, sabes quanto vale?

Eduardo — Nada. E' fazenda que ninguem aprecia.

Anselmo — Ora, pois então se não vale nada... Olha, toma-a lá; fico-te muito obrigado!

Eduardo — Eu referia-me ao coração.

Anselmo — Ah! e eu á medalha. Isso, sim! (*tomando um gesto d'importancia e passando pela mulher*) Senhora Brites Martha, já lhe pago. (*a Polycarpo*) Dê-me uma palavra, senhor Polycarpo. (*desvia-se com elle para o recinto formado pelo biombo, falla-lhe e mostra-lhe a medalha.*)

Eduardo (*áparte*) — Pediu-me pelo que eu mais estimo n'esta vida... que lhe recusaria eu... se eu estimo tanto Sophia! (*vae sair pelo fundo, encontra-se com D. Margarida de Castro e Sophia, que entram. Entretanto, Polycarpo pesa a medalha, toca-a na pedra, depois abre o cofre, e dá o dinheiro a Anselmo.*)

SCENA VII

POLYCARPO, e ANSELMO, no recinto formado pelo biombo, a MULHER de capa e lenço, EDUARDO, a sair, D. MARGARIDA e SOPHIA, entrando seguidas de um LACAIO.

Eduardo (*áparte*) — Ella e a tia!

Sophia (*áparte*) — Eduardo!

D. Margarida (*ao lacaio*) — Espera.

Eduardo (*áparte*) — E' preciso comprimental-a. (*alto*) Minha senhora... (*cortejando D. Margarida; depois Sophia*)

D. Margarida — Oh! não esperava ter o gosto...

Eduardo (*áparte*) — Não disse de que! (*alto*) Nem eu, minha senhora. E', realmente, uma surpresa.

D. Margarida (*com malicia*) — Agradavel, não?

Eduardo — V. ex.ª tem a certeza dos sentimentos que merece.

D. Margarida (*rindo*) — Tenho, é verdade! (*deitando-lhe a luneta*) Peço-lhe desculpa de não o ter *favorecido*...

SOPHIA (*áparte*) — Que diz ella?

EDUARDO (*sem comprehender*) — Não tive a satisfação de...

D. MARGARIDA — E espero que não torne a dar-me occasião de um tão vivo desgosto... por que os tempos...

EDUARDO (*áparte*) — Que veia d'estupidez com que estou! Não entendo nem palavra!...

(N'este momento é interrompido o dialogo, pela presença de Anselmo.)

ANSELMO (*dirigindo-se á mulher de capa e lenço*) — Prompto. (*dá-lhe o dinheiro.*)

MULHER — Malditas libras! Em cada uma perde-se dinheiro! E' a conta. Passe muito bem

ANSELMO — Viva. (*dando com os olhos em D. Margarida, áparte*) — Ai que é a viuva! Ó diabo! Ella já *teria* fallado na carta a Eduardo? (*cortejando*) Minhas senhoras...

D. MARGARIDA (*a Polycarpo*) — Constou-me que o senhor tinha excellentes perolas. Desejo comprar algumas.

POLYCARPO — Sim, minha senhora. Vou mostrar-lhe as que ha. Tenham a bondade de sentar-se emquanto vou... (*indo buscar as perolas a uma vidraça*) Bom! aqui posso ferrar a unha á vontade.

ANSELMO (*a Eduardo*) — Ó Eduardo, vem d'ahi. Sobejaram dez tostões. Vamos fazer duas *vaccas*...

EDUARDO — Deixa-me; por favor.

ANSELMO — Pois eu vou... E em sendo cinco horas, podes encontrar-me nos Irmãos-unidos. Convido-te para jantar.

EDUARDO — Á minha custa.

ANSELMO — Qual historia. Verás que vou ganhar. (*sae pela porta lateral.*)

SCENA VIII

D. MARGARIDA, SOPHIA, EDUARDO, POLYCARPO, e o LACAIO ao fundo.

D. MARGARIDA (*baixo a Sophia*) — Vês, minha Sophia, a qualidade de gente com que Eduardo convive? Aquelle rapaz era caixeiro da casa Braga & Comp.ª e roubou, ha dias, os patrões. E' um ladrão.

SOPHIA (*com ingenuidade*) — Talvez que Eduardo não saiba.

D. MARGARIDA — Talvez que seja seu complice...

SOPHIA — Ora !...

D. MARGARIDA — Aqui, no primeiro andar, ha uma sala de jogo. Eduardo veiu talvez empenhar alguma roupa... para jogar. E' um jogador, por isso lhe não emprestei o dinheiro, que, ha tempos, me mandou pedir n'aquella carta...

SOPHIA — E talvez que precissasse bem d'elle!

D. MARGARIDA — Como tu o defendes...

SOPHIA — Eu?!... (*áparte*) Pobre Eduardo! (*suspirando.*)

POLYCARPO — Aqui estão as perolas, minhas senhoras. (*mostrando-lhe os fios de perolas*)

EDUARDO (*áparte*) — Ella encarou-me e suspirou...

D. MARGARIDA — São boas... é preciso, porém, escolher... (*baixo a Polycarpo*) Conhece aquelle cavalheiro, que ali está?

POLYCARPO — Cavalheiro? Só se fôr de industria...

SOPHIA (*baixo a Polycarpo*) — Por que diz isso?

POLYCARPO — Por que é pobre como Job. Mas... assim mesmo, não é dos peiores, vamos com Deus. O seu maior mal é uma paixão que lhe conheço...

SOPHIA — Ah... conhece?

POLYCARPO — A paixão; lá por quem ella é, não sei. Creio que é coisa que o obriga a andar mais puxado do que lhe permittem as posses...

EDUARDO (*áparte*) — Quem sabe se fallam de mim. Convem cortar o dialogo; n'este logar, não podia ser bom! (*alto*) Não teria achado, minha senhora, um vendedor mais consciencioso.

POLYCARPO — Nem melhor fazenda! Isso é verdade.

D. MARGARIDA (*para Sophia*) — Queres dois, ou tres fios?

SOPHIA — Basta-me um.

EDUARDO — A singeleza é um dos principios d'elegancia.

D. MARGARIDA — Quando não fôr exaggerada, tanto no vestuario, *quanto nas palavras*.

EDUARDO — Eu distingo, minha senhora, o singelo, do simples.

D. MARGARIDA — Confunde-os, por vezes, quando *escreve*. Não admira. O estylo epistolar é difficil.

SOPHIA (*baixo a D. Margarida*) — Minha tia...

Eduardo (*áparte*)—Esta linguagem... estas palavras tão accentuadas... (*alto*) Minha senhora, v. ex.ª dá-me a entender que me tem feito a honra de ler os meus escriptos...

D. Margarida — Ah... E' escriptor?

Eduardo — Pelo não ser admira-me a censura com que v. ex.ª deseja obsequiar-me.

D. Margarida (*a Polycarpo*) — Quero estes dois fios de perolas. Quanto é?... (*continua a fallar em voz baixa com Polycarpo.*)

Sophia (*áparte*) — Quanto mais o amo tanto mais ella o odeia! E ter que mascarar, constantemente, debaixo das apparencias mais frias, o sentimento mais vivo do meu coração!...

Eduardo (*áparte*) — Não tornou mais a olhar!... A primeira vez, foi por acaso! Mas, aquelle suspiro que á flor dos labios lhe veiu?... uma coincidencia.

Sophia (*áparte*) — Perturba-se.... Amar-me-ha como eu o amo?

Eduardo (*timido*) — Vae a algum baile, minha senhora?

Sophia (*sobresaltada*) — Ah... perdão, tinha-me esquecido que estava ahi.

Eduardo (*áparte*) — Em tudo sou infeliz! Oh! se ella sentisse por mim algum affecto, tratar-me-hia com esta indifferença?

Sophia — Perguntou-me, se gostava de perolas, não?...

Eduardo — Creio que sim, minha senhora...

Sophia — Minha tia gosta muito!

Eduardo — Mas v. ex.ª?

Sophia (*com intenção*) — Devo tantas obrigações a minha tia que preciso seguir... (*áparte*) Comprehenderá elle porventura. .

Eduardo — N'esse caso, não tem gosto seu? perdão; eu queria dizer que sacrificava sempre o seu gosto...

Sophia — Á conveniencia.

Eduardo — Esses sacrificios custam e são louvaveis... até certo ponto.

Sophia — Que ponto?

Eduardo — O de não se tornarem fataes.

Sophia — Desgostos não matam..

Eduardo — Physicamente: mas partem-nos o coração....

Sophia — Deus o concertará. A consciencia é muitas vezes um medico excellente.., para as affecções intimas.

EDUARDO (*áparte*) — Estas palavras!
D. MARGARIDA (*a Polycarpo*) — Estamos d'accordo. Creio que é a conta... (*dando-lhe dinheiro*).
POLYCARPO — Exactamente.

SCENA IX

D. MARGARIDA, SOPHIA, EDUARDO, O LACAIO, entre portas, O MARQUEZ DE MONTALVÃO, entrando.

MARQUEZ (*ao lacaio*) — A senhora D. Margarida está aqui?
LACAIO — Sim, meu senhor.
MARQUEZ (*vindo á scena*) — Oh! (*apertando a mão de D. Margarida*) Como está v. ex.ª? (*a Sophia idem*) Venho surprehendel-as... comprando, talvez, muitos objectos de gosto. (*a Sophia*) V. ex.ª parece que estava em ajuste... *satyrico.*
EDUARDO — Porem não chegava ao preço.
MARQUEZ — Oh! o senhor... Eduardo...
EDUARDO — Bartholomeu. (*cortejando*)
MARQUEZ — De?...
EDUARDO (*áparte*) — Não tenho um appellido nobre!
MARQUEZ — Do que Deus fôr servido. (*rindo amavelmente*) Então v. ex.ª, minha senhora... Está visto! preparativos para o seu baile!...
SOPHIA (*a D. Margarida*) — Não convida Eduardo? Elle decerto hade reparar...
MARQUEZ — Ah! sim... D. Margarida, como raridade...
SOPHIA (*sorrindo*) — Para rir...
MARQUEZ (*baixo a D. Margarida, tendo notado o riso a Sophia*) — Convide-o sem receio. Ella não lhe dá attenção alguma.
D. MARGARIDA (*para Eduardo*) — Até ámanhã, senhor Eduardo. Espero que nos dê o prazer de ir tomar uma chavana de chá comnosco.
MARQUEZ — E dançar uma schottich com a interessante Sophia... E' um par muito egual... (*lançando-lhe a luneta*)
SOPHIA — Na côr.
EDUARDO (*áparte*) — Ridiculisam-me!
D. MARGARIDA — Vamos, marquez?... Chegou ao desmanchar da feira.

POLYCARPO — Sou consciencioso. (*áparte*) Renego da fortuna se ella é assim!

MARQUEZ — Agora, desejava conhecer quem lh'a vendeu.

POLYCARPO — Nada! lá isso não, senhor marquez. Não quero compromettter ninguem...

MARQUEZ — Não ha o menor comprometttimento. Esta medalha não foi roubada.

POLYCARPO — Mas ninguem gosta que se lhe ponham as calvas *á mostra*. Quem m'a vendeu estava necessitado...

MARQUEZ (*áparte*) — Comprehendo! (*alto*) Senhor Polycarpo, conheço o valor d'esta peça, e sabendo que a comprei barato, junto mais cinco libras...

POLYCARPO — V. ex.ª quer tentar-me a consciencia!

SCENA XI

POLYCARPO, O MARQUEZ, e ANSELMO, pela porta lateral.

ANSELMO — Não sei que torto me viu, que perco em todas as cartas!.. E' fatalidade! Parece que está alguem a torcer contra mim!

POLYCARPO (*baixo ao marquez, indicando-lhe Anselmo*) — Ali o tem.

ANSELMO — Ó senhor Polycarpo, o Eduardo já lá vae?...

POLYCARPO — Foi esperal-o para jantar.

ANSELMO (*áparte, vendo o marquez*) — Que susto! pareceu-me que era algum dos meus patrões!

MARQUEZ (*áparte*) — Pois será possivel... (*contemplando Anselmo*)

ANSELMO (*áparte*) — Desconfio da moca! Não tira os olhos de mim! Mas eu vou-me raspando...

MARQUEZ (*detendo-o*) — Perdão...

ANSELMO (*áparte*) — Não sei o que adivinho... (*alto*) Eu tinha alguma pressa...

MARQUEZ (*áparte*) — Deve ter vinte e tres annos!...

ANSELMO (*áparte*) — Querem ver que me salta por ahi algum cão, sem ser esperado...

MARQUEZ — O senhor foi caixeiro dos senhores Bragas?

ANSELMO (*áparte*) — Ai ai ai!... Adeus minhas encommendas! No limoeiro jantar-se-ha?

MARQUEZ — Recordo-me de o ter visto, ha dois mezes, n'aquelle escriptorio...

ANSELMO — Nada! Isso era, naturalmente, um irmão que tenho...

MARQUEZ — Ah! tem um irmão... (*áparte*) Perturba-se, está mentindo! (*alto*) Olhe, eu desejava dizer-lhe algumas palavras em particular... Negocio de seu interesse, e se quizesse dar-me o gosto de vir jantar comigo...

ANSELMO (*áparte*) — Bem percebo! o jantar é isca... (*alto*) Agradecido ao seu favor; mas o meu estomago .. sim, eu padeço alguma coisa do estomago... (*áparte*) Quando está vasio!...

MARQUEZ (*áparte*) — Perturba-se e desconfia! É velhaco! (*alto*) Então? o carro está á nossa espera.

ANSELMO (*áparte*) — Estou entre a *cruz e a caldeirinha.* Nada! isto é *marosca!* Ora que *entalação* esta, *senhores!*

MARQUEZ (*dando-lhe o braço*) — Venha que não hade arrepender-se. Preciso de um trabalho de escripta. Sei que tem boa lettra; e asseguro-lhe que nos entenderemos perfeitamente!

ANSELMO — Emfim... como v. ex.ª exige... (*áparte*) Isto se não fôr uma grande pouca vergonha hade ser uma fortuna! Quem não arrisca, não ganha! Animo! (*alto*) Estou á sua disposição, senhor marquez. (*saem pelo fundo*)

SCENA XII

POLYCARPO só, depois EDUARDO

POLYCARPO (*que os observou durante o dialogo*) — A medalha comprada a olhos fechados! Cinco libras, para saber quem m'a tinha vendido!... Tacto! aqui ha rato! Mas que tenho eu com as vidas alheias? Deus permitta que chovam medalhas e que haja muitos marquezes assim. Olé... quem teremos agora?...

EDUARDO (*voltando pelo fundo*) — Anselmo pelo braço do marquez de Montalvão! Era elle, era! Até me disse adeus... é lá sobe para o calèche... lá partem... Que mysterio é este, pois!? (*vindo para a scena*) Ó senhor Polycarpo, Anselmo esteve aqui?...

POLYCARPO — Esteve, sim; esta casa é o passadiço da sala do primeiro andar... olhe que admiração! Elle então, que entra e sae trezentas vezes por dia...

Eduardo — Mas... perdão, não é isso que lhe queria perguntar... Tenho a cabeça em tal estado... E ámanhã o baile, e eu sem vintem!... O marquez tambem aqui esteve?

Polycarpo — E d'aqui saiu com o senhor Anselmo.

Eduardo — Pois elles conheciam-se?! Que devo eu pensar?...

Polycarpo — Que o seu amigo foi jantar com o marquez. É dar um passo no caminho da fortuna. Agora, a respeito do nosso negocio, tenho ali a tal casaca... vou mostrar-lh'a. (*vae buscal-a*) Ora experimente.

Eduardo — Que remedio... não posso faltar áquelle baile! Isso hade servir...

Polycarpo — Experimente sempre! (*áparte*) Fazer dinheiro de todos os modos. E além d'isso, interesso-me por este pobre diabo.

(Eduardo pega na casaca, examina-a, despe a quinzena e vae enfiar o braço, porém mette-o na algibeira furtada)

Eduardo — Enfiei o braço pela algibeira! Ah!... uma carta? (*ao tirar o braço cae uma carta, e elle levanta-a, lendo o sobreescripto*) «Ill.^{mo} senhor Eduardo Bartholomeu» (*declamando*) O meu nome!... Logo, posso ler... (*abrindo-a e lendo*) «Em resposta á sua carta, só tenho a dizer-lhe que não me é possivel emprestar-lhe os duzentos mil réis que me pede. Ainda que tenho alguma fortuna, não é para despender com vadios e jogadores! (*declamando*) Ah! Eu enlouqueço!... Mas, de quem é... de quem é esta carta?... (*vendo a assignatura*) D. Margarida de Castro. (*declamando*) Porém eu não pedi nada a esta senhora!... Isto é uma falsidade! E' uma intriga! Comprehendo, agora, as suas palavras equivocas... Ah! minha senhora... minha senhora!... *um vadio*, *um jogador*... Insensato! E que sou eu, eu que não tenho um emprego? Eu, que joguei, e que joguei o que não era meu!

Polycarpo — A fallar a verdade...

Eduardo — E esta carta... aqui! E' claro que alguem escreveu em meu nome! Que infamia! (*a Polycarpo*) Oh! diga-me de quem era este fato...

Polycarpo — Para que?! Para fazer intrigas! O senhor bem sabe que não é dos meus costumes...

Eduardo — Quero que m'o diga!

Polycarpo — Isso não lhe faço eu. Socegue, sirva-se d'ella, ámanhã, por um quartinho, que é por ser para quem é! e o dono não hade envergonhal-o.

Eduardo — Oh! tudo, tudo se junta para me perder! mas se eu conhecer o infame que, assim, abusou do meu nome...

SCENA XIII

EDUARDO, POLYCARPO, O RAPAZ das cautelas, entrando pelo fundo.

Rapaz — Vá! uma de seis que è o resto! Fique-me com esta que é o resto... (*para Eduardo*)

Eduardo — Vae para o inferno! Deixa-me... Oh! se eu conhecesse o infame..

Polycarpo (*ironico*) — Quem sabe! talvez seja algum *amigo seu.*

Rapaz — Ora... fique-me com esta que é o resto. (*offerecendo a cautela a Eduardo, que lhe faz um gesto ameaçador*) Aqui está como se dá um pontapé na fortuna! (*correndo para o fundo e saindo*) Sortes! Sortes! Quem se habilita ás sortes!?...

Cae o panno.

ACTO II

NA SALA

(Salões ricamente mobilados em casa de D. Margarida de Castro. É dia.)

SCENA I

(Ao levantar do panno, D. Margarida está sentada. O marquez, em pé de chapeo na mão, como quem vae sair. Sophia passeia na segunda sala, pelo braço de Anselmo.) (*)

D. Margarida — Visto isso, D. José, desconfia que é elle?

Marquez — Nega sempre! porém... não posso duvidar! E' elle! Oh! abençoado momento em que chamou a minha attenção para aquellas joias, hontem, no bazaar de Polycarpo! Creia que tiro um peso da consciencia...

D. Margarida (*suspirando*) — Pudera eu fazer outro tanto...

Marquez — Era sobre mim que pesava o remorso.

D. Margarida — Cada qual sente por si. E só tu, D. José... só tu podias, com uma palavra, dar-me o prazer de o abraçar!

Marquez — Os annos teem-me tornado sceptico... não creio n'esse prazer.

D. Margarida — Duvidar do affecto maternal!...

Marquez — Que nunca appareceu senão hoje!

D. Margarida — Por que estava suffocado...

Marquez — Por que não existia.

D. Margarida — Dormia sob a idéa de ter perdido o meu filho.

(*) Anselmo, está vestido com luxo exaggerado.

Marquez — Nós discutiremos com vagar essa questão... esse projecto d'amor maternal. Ora... ha vinte e tres annos!... Emfim, respeite aquellas inclinações. (*indicando-lhe a sala do fundo*) Olhe que é o meu herdeiro. E até logo.

D. Margarida — Não tarda?

Marquez — Vou fallar ainda a Polycarpo, e voltarei breve. (*corteja e sae*)

SCENA II

D. MARGARIDA, só, depois ANSELMO e SOPHIA

D. Margarida — Esta corôa de marqueza que pula constantemente diante de mim!... Este titulo de nobreza, que sempre me fascinou... que por uma vez julguei alcançar... e que me fugiu até hoje... ha vinte e tres annos!... e que torna a aproximar-se... Oh! Eu o segurarei d'esta vez! Se o coração da donzella era fraco, a vontade da mulher será forte!

(N'este momento, Anselmo entra, dando o braço a Sophia)

Sophia (*baixo a Anselmo*) — Não tenho duvida alguma. Entretanto é preciso entender-se com o seu amigo, no sentido que lhe disse...

Anselmo — Descanse. Heide entender-me perfeitamente com elle. Escrevi-lhe, e espero-o por instantes.

Sophia — Então, vou buscar o que lhe disse, e espero que advogue a minha causa, de modo, porém, que não o escandalise.

Anselmo — Fique descançada.

Sophia (*largando-lhe o braço*) — Até logo. (*áparte*) Coitados dos pobres d'espirito! d'elles é o reino do ceo. (*sae*)

Anselmo (*áparte*) — Que fortuna! (*vendo D. Margarida*) Ah... V. ex.ª estava aqui?!...

SCENA III

ANSELMO, e D. MARGARIDA

D. Margarida — Não se perturbe. Approvo as felizes inclinações que vejo nascer entre o senhor e minha sobrinha.

Anselmo (*áparte*) — Casta isempção, no genero das tias!

Desde hontem que a roda da fortuna gira para o meu *lado*, com tal velocidade, que nem me dá tempo de entender bem o que se passa! (*alto*) Realmente, minha senhora, parece incrivel que tendo sido apresentado a v. ex.ª, apenas esta manhã...

D. MARGARIDA — Os mais puros affectos são os que nascem de momento!

ANSELMO (*áparte*) — Sim, eu queria segurar-me por este lado, por que me parece pouco firme o terreno em que me collocou a fortuna. (*alto*) V. ex.ª é muito amavel!

D. MARGARIDA (*áparte*) — Ironico e lisonjeiro como seu pae! (*alto*) Senhor Anselmo...

ANSELMO — Minha senhora...

D. MARGARIDA (*áparte*) — Em vão procuro n'alma o affecto que este rapaz devia merecer-me. É um mysterio da natureza!...

ANSELMO (*áparte*) — Embirro altamente como *esta* mulher, sem saber porque! Lembrar-me que recusou emprestar uma ridicularia de duzentos mil réis!...

D. MARGARIDA — Senhor Anselmo...

ANSELMO — Minha senhora?...

D. MARGARIDA (*aparte*) — Eia! coragem! (*alto*) senhor Anselmo...

ANSELMO (*áparte*) — Terceira vez! (*alto*) Minha senhora... (*áparte*) Eu creio que nenhum de nós está no seu elemento.

D. MARGARIDA — Quando duas pessoas se encontram pela primeira vez, no caminho da vida, senhor Anselmo... (*áparte*) Anselmo! Com que nome o foram baptisar! um nome villão!...

ANSELMO — V. ex.ª dizia que?

D. MARGARIDA — Queria perguntar-lhe... Não era isso; olhe, escute.

ANSELMO (*áparte*) — Estou aqui, estou fazendo-me atrevido..

D. MARGARIDA (*indicando-lhe um logar no sophá*) — Queira ouvir...

ANSELMO (*indo sentar-se ao lado d'ella*) — Sou todo ouvidos.

D. MARGARIDA — Quando duas pessoas se encontram, pela primeira vez, no caminho da vida, sentem forçosamente,

uma impressão favoravel ou desfavoravel, a respeito uma da outra...

ANSELMO — Convenho, minha senhora, e não sei com que palavras exprima a que v. ex.ª me produziu...

D. MARGARIDA (*áparte*) — E' a voz do sangue que falla!

ANSELMO (*áparte*) — Mentir é um principio d'amabilidade!

D. MARGARIDA — Senhor Anselmo... isso que me disse é exacto?

ANSELMO (*áparte*) — Onde iremos nós dar com os ossos, se vamos por este andar?!

D. MARGARIDA — Diga...

ANSELMO — Eu lhe digo, minha senhora... V. ex.ª, apezar de ter mais edade... (*áparte*) Qual será mais rica, a tia ou a sobrinha?!

MARGARIDA — Então?

ANSELMO — Pode ter a certeza que o meu coração...

D. MARGARIDA — Oh! já que me fallou do coração, peço-lhe que o interrogue muito... muito! Ha entre nós um segredo que é preciso esclarecer! Estamos n'uma posição falsa de que precisamos sair.

ANSELMO (*áparte*) — Ora esta! que devo pois entender...

D. MARGARIDA — Ha uma ferida no meu coração, que é preciso curar...

ANSELMO (*muito admirado*) — Mas, que quer v. ex.ª que eu faça?...

D. MARGARIDA — A mão da minha sobrinha será o preço do que fizer para curar o meu soffrimento.

ANSELMO — Porém, diga, minha senhora, diga que diabo é isso que quer que eu faça...

D. MARGARIDA — Que vá lançar-se aos pés de seu pae! que lhe supplique, pela sua honra... por tudo, Anselmo, por tudo que lhe lembrar, que cumpra a sua palavra, ha vinte e quatro annos compromettida! Que não zombe por mais tempo da minha affeição, nem despreze estas lagrimas...

ANSELMO (*no auge do espanto*) — Pois meu pae... (*áparte*) Oh! que maganão de pae! (*alto*) Basta, basta, minha senhora: dou-lhe a minha palavra... Elle é viuvo... Oh! minha querida senhora, parece-me que já posso ter o gosto de lhe dar o titulo de mãe!

D. MARGARIDA — Será a sua felicidade, Anselmo, e a minha! (*áparte*) Realisar o meu sonho, preencher toda a mi-

nha ambição! Oh!... (*alto*) Desculpe-me... (*retirando-se áparte*) Veremos quem vence agora, senhor marquez de Montalvão!

SCENA IV

ANSELMO (*só*) — Se isto não é um conto das mil e uma noites, não sei que lhe chame! Com que então o senhor meu pae, com aquelles oculos verdes e o seu bigode branco, faz pular, assim, o coração d'esta *bicha de rabiar?!* Vão lá fiar-se nos velhos! Não; que elles agora são peiores que nós outros! muito peiores! Está dito, vou escrever-lhe para cá vir. E que arranjo este para a familia! O pae com a tia, e eu com a sobrinha! Realmente que me parece um sonho! O marquez declarando-se meu protector, dando-me dinheiro; Sophia attendendo a minha confissão; D. Margarida a querer casar com meu pae!... Bem certo é o ditado que «a fortuna é cega» Vamos a isto... ali ha papel e pennas...

SCENA V

ANSELMO, sentado a escrever, SOPHIA, entrando

SOPHIA — Estou de volta, senhor Anselmo.

ANSELMO — Faz favor de ir dizendo, emquanto escrevo?

SOPHIA — Pois sim; escreva á sua vontade; não faça ceremonia. Esteja como na sua casa.

ANSELMO — Vá dizendo, vá dizendo; eu não escrevo com os ouvidos. (*escrevendo*)

SOPHIA (*áparte*) — Não parece filho do marquez! E queriam endossar-me esta *firma!?* E' lettra que não desconto nem a meio por meio! Um incivil, pedante e presumpçoso, sobre o ser malcreado a não mais! (*rindo*) Oh! eu lhe darei uma lição de *espirito*, que o hade corrigir para o futuro!

ANSELMO (*levantando-se*) — Já lhe dou attenção, minha senhora...

SOPHIA — Quando queira. Para quem é essa carta?

ANSELMO — E' cá um negocio...

SOPHIA (*tocando o reclamo, diz ao criado que apparece*) — Receba as ordens d'este senhor.

Anselmo (*ao criado dando-lhe uma carta*) — Leve esta carta, a correr, ao beco do Imaginario n.º 1.

(O criado recebe a carta e sae.)

Anselmo (*vindo para a scena*) — Agora, estou ao seu dispôr, minha senhora. (*áparte*) Já não é preciso ser delicado; isto é negocio feito...

Sophia — Muito bem. Recebi, como lhe disse, algumas insinuações a seu respeito, que muito estimei por que sympathiso com o senhor. Sou orphã; devo muitas obrigações a minha tia; devo ao marquez a tutela da minha fortuna, que nas suas mãos tem augmentado; e não quero ser-lhes ingrata, rejeitando, sem motivo, essas insinuações que não me contrariam. Preciso pois dispôr-me a ser sua amiga, e a maior prova d'amizade que lhe offereço, reduz-se ao acto de confiança que vou praticar. O seu amigo Eduardo, sendo um d'esses rapazes elegantes, que das mais pequenas coisas sabem tirar partido aos olhos de uma rapariga, que não tem pretenções de passar por santa, mereceu-me, um dia, um olhar, talvez mais demorado, mais expressivo...

Anselmo — Sim?! pois *olhe que olhou* para boa peça, não ha duvida! E' um tal especulador de olhos...

Sophia — Depois soube que era pobre...

Anselmo (*enfatuado*) — E, já se sabe, deu-lhe de mão!

Sophia — Porém, elle insistiu...

Anselmo — E' o seu costume! teimoso, até ali!

Sophia — Faz-me rir! Escreveu-me; tornou a escrever... Depois disse-me que, para evitar que lhe interceptassem as cartas, iria depôl-as á meia noite debaixo do portão, e que as mandasse eu lá buscar por uma criada de confiança; emfim, mandou-me este annel... (*rindo*) Ora vejam para que quero eu o annel?... Basta, poupemos o pobre rapaz. Agora, senhor Anselmo, entrego nas suas mãos *este symbolo de uma alliança* que não me convem, e peço-lhe que o restitua da minha parte a Eduardo, dizendo-lhe...

Anselmo — Entendo! Que tire d'ahi o sentido.

Sophia — Por boas maneiras...

ANSELMO — Deixe-o comigo. Estou á espera d'elle, e... deixe-o, deixe-o comigo.

(N'este momento apparece um criado)

CRIADO (*annunciando*) — O senhor Eduardo Bartholomeu.

SOPHIA — Ah...

SCENA VI

SOPHIA, ANSELMO, E EDUARDO

ANSELMO (*a Sophia*) — Dê-me o braço.

(Sophia dá-lhe o braço e passeia com elle pela scena rindo e conversando)

EDUARDO (*entrando e vendo-os*) — Que quer dizer esta intimidade !?

(N'este momento Anselmo e Sophia passam por elle, dirigindo-se para a sala do fundo)

ANSELMO (*com desdem*) — Ah... és tu ? já te dou attenção.

EDUARDO (*cortejando Sophia, áparte*) — Estarei sonhando !?... (*vem para a scena*)

SCENA VII

EDUARDO, só, depois ANSELMO

EDUARDO — Eu acabo por endoidecer! Anselmo passeando por aqui, como nós por nossa casa; Sophia pelo seu braço, rindo e conversando como se o conhecesse ha muito tempo!... Meu Deus! meu Deus... quem me explicará. .

ANSELMO (*entrando pelo fundo e fechando as portas*) — E quem sabe explicar os caprichos da fortuna? Recebeste a minha carta?

EDUARDO — Recebi sim; que me queres?

ANSELMO — Quero... quero fazer-te feliz.

EDUARDO — Fazer-me feliz !?

Anselmo — Sim! então que ha para admirar, em eu querer fazer-te feliz? Quando o homem sobe, não deve esquecer-se dos que ficaram em baixo. Era teu amigo; que muito é que me torne agora teu protector!?

Eduardo — Meu protector!?

Anselmo — Sim! sim! Diabo... Parece que não entendes portuguez! A pobreza podia representar-se por um ponto de admiração.

Eduardo — Então, estás rico?

Anselmo — Arranjado, arranjado.

Eduardo — Choveu-te dinheiro?!

Anselmo — Levei um pontapé da fortuna, que me atirou para cima d'estes sophás. (*senta-se*)

Eduardo — Ensinas-me por que preço ella vende os seus pontapés?

Anselmo — Senta-te para aqui, e vamos a contas. Tu, já se sabe, estás sem vintem!? É escusado perguntar. Olha, a fallar a verdade, és um pobre diabo que me fazes dó. Dize-me uma coisa. Tu, és orphão, não é assim? Tinhas-me dito que foste creado... em casa de uma madrinha que te dava *surras* quando eras *petiz*...

(N'este momento entra um criado trazendo uma bandeja de prata com duas garrafas de vinho e biscoitos, que põe sobre uma mesa em frente do sophá, retirando-se depois.)

Eduardo — E já mandas aqui como nós em nossa casa?

Anselmo — Isto naturalmente foi lembrança da Sophia para obsequiar-me. (*vendo as garrafas*) Vinho do Porto! (*enchendo os copos*) Bebamos. Muito bem; agora, tratemos de negocios. Olha, Eduardo, é preciso fallar-te com franqueza. A franqueza é o meu elemento, bem sabes. Pois, como te disse, mudei de posição...

Eduardo — E que posição tens agora?

Anselmo — A posição que tenho... (*áparte*) Verdade seja, eu não percebo qual é! (*alto*) Sim, a minha actual posição... Deixemo-nos de coisas! (*batendo no bolso*) Aqui ha dinheiro!

Eduardo — Deus sabe por que preço, Anselmo!

Anselmo — Ora essa! Cuidas?... que diabo cuidas tu?!

Eduardo — Representam-se, por vezes, nas classes medias e ricas da sociedade, dramas terriveis...

ANSELMO — Nada, nada! cá, ninguem pensa em tal! Olha, o negocio é este. Lá vae, sem prologo, a historia. Estou para me casar com Sophia.

EDUARDO (*levantando-se*) — Tu?!...

ANSELMO (*offerecendo-lhe*) — Come um biscoito...

EDUARDO — Então disseste-me...

ANSELMO — Que me caso com Sophia. Caso-me, sim! Já vês que é preciso entender a coisa ao pé da lettra, e deixar de a apouquentar com as tuas declarações, com as tuas dadivas...

EDUARDO — Que diabo estás tu ahi a dizer!?...

ANSELMO — E olha, para te provar que não invento, que não ponho de minha casa, dize-me. conheces este annel? (*mostra-lh'o.*)

EDUARDO — E' a primeira vez que o vejo!

ANSELMO — Ora não te faças de novas! Este annel é o que tu mandaste a Sophia! Tem paciencia; ella devolve-t'o. Anda lá: ahi o tens. (*entregando-lh'o*)

EDUARDO (*pensativo, pondo o annel no dedo*) — Dar-se-ha caso que eu seja tolo!?

ANSELMO — Tolissimo!

EDUARDO — Ainda mais do que tu?!

ANSELMO — A prova é que pensaste que Sophia se cançava em ir ou mandar procurar as tuas cartas debaixo do portão, á meia noite! Se soubesses como se riu quando m'o contou...

EDUARDO (*comprehendendo*) — Ah! sim?... (*áparte*) Fico sabendo!

ANSELMO — Isto é de tolo! Tem paciencia, meu pobre Eduardo, tira d'ali o sentido; e se queres que te proteja, toma juizo.

EDUARDO — Sim, preciso ter juizo e prudencia! (*áparte*) Obrigado, obrigado, Sophia, por esta prova d'affeição, (*beijando a furto o annel*) que tão graciosamente me offereces!

ANSELMO (*com dignidade estudada*) — Eduardo, não é dado ao homem adivinhar os caprichos da fortuna; e todo o homem... sim, todo o homem, ou, para melhor dizer, os homens todos, devem subjeitar-se de cara alegre... (*chulo*) E por isso, não te desconsoles!

EDUARDO — Não, não me desconsolo! Tenho bastante

philosophia para soffrer d'estes revezes. Sophia despreza-me, e eu tambem a desprezo!

Anselmo — Bravo!

Eduardo — Vou dar-te uma prova...

Anselmo — Toma um biscoito. (*offerecendo-lhe e comendo*)

Eduardo — A prova é remetter-lhe tambem um annel que me tinha dado. Eil-o aqui. E, em vista da bondade que tiveste, rogo-te que lh'o restituas da minha parte.

Anselmo — Dá cá. (*guardando o annel*) Mas, hasde prometter-me...

Eduardo — Que está tudo acabado? Pois não vês?! (*áparte*) Coitados dos cegos!

Anselmo — Muito bem! Agora, venha um abraço; e, se precisas de dinheiro... Eduardo, entretem-te por aqui um instante, emquanto vou perguntar pela resposta de uma carta que mandei... A proposito, dou-te a noticia do proximo casamento de meu pae com D. Margarida.

Eduardo — Ora essa!?...

Anselmo — E' o que te digo! Podes acreditar.

Eduardo — Estás caçoando comigo!

Anselmo — Vêl-o-has. O caso não tem outra explicação: D. Margarida ama-o ha vinte e tres para vinte e quatro annos! Então ficamos d'accordo, se precisas de dinheiro... Tu tens uma casaca muito bem feita! *caspitè!* Ainda agora eu reparo... (*surprehendendo-se, áparte*) Já me tinha dado na vista! E se o meu olho me não mente... é a minha casaca!... Não ha que duvidar...

Eduardo — Acha-la boa? (*áparte*) Que suspeita!...

Anselmo — Pudera! (*rindo*) Tem, ahi na manga esquerda, uma farpa muito bem serzida.

Eduardo (*áparte*) — A suspeita verifica-se! (*alto, examinando*) E é verdade... que vista! (*olhando fixo para Anselmo.*)

Anselmo (*rindo*) — Ora o que são as vissicitudes d'esta vida! Mal sabia a minha casaca... (*rindo*) Que tinha de vir um dia visitar-me... (*rindo mais*) Uma casaca nunca sabe para que foi feita!

Eduardo (*tirando da algibeira a carta que ahi achou, no final do primeiro acto*) — Dizes bem! mal sabiam ellas, que de ordinario são talhadas para o homem cavalheiro, que

teem muitas vezes de esconder nas algibeiras os documentos das maiores infamias!...

ANSELMO — Que queres dizer !?...

EDUARDO — Quero dizer que te serviste do meu nome para assignar uma carta, pedindo dinheiro! a resposta aqui está.

ANSELMO (*áparte*) — Oh! De todo me esqueceu rasgar aquelle papel quando abandonei a infeliz ás furias da tia Brites Martha!

(N'este momento, Sophia entreabre uma porta lateral e espreita para a scena, escutando.)

SCENA VIII

EDUARDO, ANSELMO, SOPHIA, entre portas.

EDUARDO — Anselmo! Esta senhora a quem tu pediste dinheiro em meu nome, para poupares o teu, seria a ultima a quem teria recorrido se me perseguisse, um dia, a fome! Envergonhaste-me; e não tiveste duvida de me obrigar ao sacrificio que te fiz hontem, para te salvar da vergonha!

ANSELMO — Obrigar-te !? Se te parece dize que te puz uma faca aos peitos!

EDUARDO — D'esse modo não o terias conseguido! Empregaste, por velhaco, uma arma ainda mais forte — a invocação de quem eu mais estimava! E o que deixaria eu de fazer pelo amor d'essa mulher?...

ANSELMO — Que hoje te diz um adeus *saudoso!*

EDUARDO — A tua amizade era pois velhacaria! Felizmente os velhacos deixam por onde passam um rasto pelo qual, tarde ou cedo, são conhecidos!

ANSELMO — Leva de prégações. Diz quanto queres pela medalha...

EDUARDO — Quanto quero? quero que m'a restituas! Vae desempenhal-a.

ANSELMO — Ora adeus! eu vendi-a.

EDUARDO — Vendeste-a?! Oh! E' bem feito! O meu castigo devia ser maior! Aprendi bem á minha custa o que são as más companhias; mas fico sabendo esta lição tremendo! Adeus, Anselmo. (*sae precipitadamente*)

ANSELMO — *Tanto se me dá como se me deu!* Saude.

SCENA IX

ANSELMO, depois SOPHIA

ANSELMO — Ora ahi está para que um homem tem sentimentos de gratidão! Chamei aquelle estupido, com idéas de o proteger. .

SOPHIA (*entrando*) — Não faça caso. Os pobres são *uns villões ruins!*

ANSELMO — Ah! E' v. ex.ª?... E são, diz muito bem.

SOPHIA — Deu-lhe o annel?

ANSELMO — Dei, e disse-lhe tudo que tinhamos combinado. E' verdade, aqui tem o outro que elle lhe devolve tambem. (*dando-lh'o*)

SOPHIA (*mettendo-o no dedo*) — Ah! já d'aqui não sairá! (*áparte*) Comprehendeu-me! Desafio agora a mais sagaz vigilancia... (*alto*) Senhor Anselmo, asseguro-lhe que, d'esde este momento, principio a considerar-me feliz!

ANSELMO (*com ternura*) — E' exactamente o que me succede! (*querendo pegar-lhe na mão*)

SOPHIA (*esquivando-se*) — E as conveniencias!? .. Perdão...

ANSELMO — Era um transporte involuntario... mas respeitoso! Guardarei, pois, para esta noite...

SOPHIA — O que!?

ANSELMO — O prazer de lhe apertar a mão, se me conceder uma polka. E' verdade; a que proposito se dá este baile?

SOPHIA — Para festejar o natalicio do marquez. E' um costume velho de minha tia...

ANSELMO (*áparte*) — Que meu pae lhe fará perder! Por essa fico eu. Conheço-lhe o genio.

SCENA X

ANSELMO, SOPHIA, UM CRIADO, depois ESTEVÃO DIAS

CRIADO — O senhor major Estevão Dias.

ANSELMO (*áparte*) — Meu pae!...

SOPHIA — Permitta-me que me retire. Não conheço o major, e uma senhora solteira não deve receber as visitas.

(*sae por uma porta lateral, ao mesmo tempo que Estevão Dias entra pelo fundo.*)

ESTEVÃO (*vendo-a*) — Olé!... Tem bom olho o meu rapaz!

ANSELMO (*ao criado*) — Previna a senhora D. Margarida. (*o criado sae*) Bons dias, meu pae.

ESTEVÃO — Bons dias, meu tratante!

ANSELMO — Recebeu o meu bilhete?

ESTEVÃO — E venho a marche marche saber que genero de embrulhada é esta! Que tu eras extravagante, gastador e tratante, isso já eu sabia; mas que fosses capaz de te metteres a caçoar comigo...

ANSELMO — Caçoar? Não senhor! o que lhe disse, é exacto! O meu casamento, a minha fortuna, tudo depende de que meu pae seja humano com...

ESTEVÃO — Se não te explicas mais, quebro-te a bengala nos ossos! Olha que é a tua conhecida, hein?

ANSELMO — Venha á razão, meu pae. Não seja ingrato com uma senhora que o estima tanto... e que tem tantos direitos ao seu affecto...

ESTEVÃO — Anselmo, Anselmo! não brinques...

ANSELMO — Peço-lhe até de joelhos, se preciso fôr, meu querido pae. A minha fortuna, depende do seu casamento. Além d'isso, ha vinte e tres annos que a sua palavra está compromettida! Pela sua honra, meu pae, pela sua honra de militar. .

ESTEVÃO — Tu endoideceste, Anselmo!? Que diabo de historia, de *palavra compromettida ha vinte e tres annos*, estás para ahi prégando!? Eu conheço cá essa tal senhora!?... Onde está ella?... Quero-lhe fallar.

ANSELMO — Verá, verá, meu pae, que sulcos profundos a paixão lhe tem cavado n'aquelle rosto piedoso! Oh! se não fizer o que lhe peço, dar-me-ha um exemplo, que eu não esperava!

ESTEVÃO — Mas tu és um tolo, por que não sabes que eu nunca olhei para outra mulher além da tua mãe, e que eu não faço caso de mulheres... e que não como araras...

ANSELMO — Olhe, o que lhe digo é que ella, com o genio que tem, é capaz de ir fazer queixa ao general. Tome um biscoito, meu pae, beba um copo de vinho do Porto. (*offerecendo-lhe*)

Estevão — Qual carapuça, com mil bombas! Pois eu acredito cá em amor, aos setenta annos!? Aqui ha uma grande tratada, seja ella qual fôr, e não estou disposto a servir de capa de velhacos! Pouco mais ou menos, já desconfio em que pára o negocio... Mas, onde está ella, onde está? Tenho alguma curiosidade de lhe ver os bigodes...

Anselmo — Pelo amor de Deus, meu pae! Ella ahi vem.

Estevão — Que venha!

Anselmo — Escute, meu pae, se não está convencido do que lhe tenho dito, façamos uma coisa: esconda-se detraz d'aquelle reposteiro, e escute.

Estevão — Estrategia! Approvo.

Anselmo — Talvez que lhe desperte as idéas...

Estevão — E tu a dar-lhe! Já te disse que eu nunca olhei para mulheres...

Anselmo — Depressa! Não ha um momento a perder!

Estevão — Cá vou. (*esconde-se com o reposteiro de uma porta lateral.*

Anselmo — Ora! se ella não tivesse a certeza do que se passou, tinha-me porventura fallado em meu pae?!

SCENA XI

ANSELMO, D. MARGARIDA, ESTEVÃO DIAS occulto.

D. Margarida — Disseram-me que tinha chegado alguem...

Anselmo (*fazendo-lhe signal de silencio, e a meia voz*) — Chegou meu pae.

D. Margarida (*áparte*) — Ah! (*alto*) Fallou-lhe?

Anselmo — Elle duvída.

D. Margarida — Duvída!?

Anselmo — Que um homem, na sua edade, possa merecer um sentimento d'essa ordem...

D. Margarida — É o insulto que em todas as edades me tem feito! Felizmente a mãe encontra um defensor no filho. Seu pae, Anselmo, seu pae que até hoje tem zombado dos meus sentimentos... e que recusa, á voz de seu filho, satisfazer o coração de quem lhe deu o ser...

Estevão (*apresentando-se de subito*) — Isso é falso, minha senhora!

D. Margarida (*assustada*) — Ah!...

Anselmo — Que modo de fallar é este agora?!

D. Margarida — Quem é aquelle senhor !?

Anselmo — Quem é? Pois v. ex.ª não conhece quem é?...

D. Margarida — Eu !?

Estevão — Sim! Diga lá quem eu sou, se faz favor!

D. Margarida (*para Anselmo*) — Mas, senhor Anselmo...

Anselmo — Sabe que mais, minha senhora! Eu não a entendo! Apresento-lhe meu pae, e passe muito bem!

D. Margarida — Seu pae !?... Oh! meu Deus... meu Deus!...

Estevão — Então v. ex.ª duvída que eu seja o pae d'este rapaz !?

D. Margarida — Oh! isto não é possivel, senhores...

Anselmo (*encolerisando-se*) — Como?! não é possivel, diz a senhora? Não é possivel? Pois eu havia de ter esperado até aos setenta annos para me dizerem uma coisa d'estas !?

D. Margarida — Aqui ha equivoco, por força! Senhor Anselmo, quando lhe fallei de seu pae, referi-me ao senhor marquez...

Anselmo — Ora essa... ao marquez?!

Estevão (*áparte*) — Não ha um caso egual! (*alto*) Minha senhora, eu não tolero equivocos d'esta ordem! E' preciso apparecer um homem que me responda... que me dê uma explicação razoavel!...

SCENA XII

D. MARGARIDA, ANSELMO, ESTEVÃO DIAS, O MARQUEZ DE MONTALVÃO.

Anselmo — A proposito, ahi vem o senhor marquez.

D. Margarida — Oh! ainda bem que chegou. (*ao marquez.*)

Marquez — Que succede?

Estevão — Succede, meu senhor, um caso singular, que me parece uma invenção de comedia! E' positivamente uma comedia, que v. ex.ª vae, segundo espero, explicar-me sem demora.

Marquez — Quando souber de que se trata.

ANSELMO — Eu lhe digo, senhor marquez. E' que meu pae, que tenho o gosto de lhe apresentar. .

MARQUEZ (*sorrindo*) — Ah! já sei, já sei a que se reduz a questão.

ESTEVÃO (*áparte*) — Elle ri-se!

MARQUEZ (*a D. Margarida em particular*) — Fez mal de lhe tocar em similhante ponto! Eu ainda lhe não tinha declarado coisa alguma!

D. MARGARIDA — Por que m'o não disse a tempo?

MARQUEZ — Julguei que não levasse a precipitação até aqui! (*ironico*) Effeitos do seu *amor maternal!*

D. MARGARIDA — Marquez!?

ESTEVÃO (*a Anselmo*) — Esta gente será doida?

MARQUEZ (*a D. Margarida*) — Queira deixar-nos. E' preciso entender-me com elles. (*alto*) Senhor Anselmo, tenho de conferenciar com o senhor major, e n'esse caso...

(D. Margarida sae pela porta lateral, Anselmo pelo fundo.)

SCENA XIII

O MARQUEZ, E ESTEVÃO DIAS

MARQUEZ — Estamos sós. Queira sentar-se, senhor...

ESTEVÃO — Estevão Dias, major de artilheria reformado, para servir a v. ex.ª. (*senta-se*)

MARQUEZ (*sentando-se*) — Senhor major, ha certos casos n'esta vida social das cidades, aos quaes ninguem concederia as honras de historicos, se porventura nos lembrassemos de os levar ao dominio do publico. Todavia, esses casos formam, por assim dizer, a chronica, mais ou menos escandalosa, do reino das nossas paixões; e acham-se muitas vezes registadas, de uma maneira indelevel, na vida privada das familias.

ESTEVÃO — Senhor marquez, na minha, não houve, nunca, d'esses taes casos.

MARQUEZ — Peço perdão.

ESTEVÃO — Mas...

MARQUEZ — Queira escutar. Ha vinte e quatro annos... tinha eu vinte e seis.

ESTEVÃO — E eu quarenta e seis.

MARQUEZ — A senhora D. Margarida era uma menina

de dezeseis para dezesete: solteira, espirituosa... direi até, um tanto *emprehendedora*.

ESTEVÃO — Percebo.

MARQUEZ — Eu, muito facil de me apaixonar.

ESTEVÃO — Mas, senhor marquez, vamos ao facto...

MARQUEZ — O facto foi este. Aquella menina tinha imaginado fazer-se marqueza de Montalvão; porém, sua familia, que conhecia toda a influencia dos prejuizos aristocraticos, calculando a opposição que devia encontrar da parte de meus paes, deu o negocio por concluido, e, para encurtar razões, casou-a com um homem quasi da sua egualha. Aos vinte e seis annos, ama-se ainda sinceramente; e o meu coração resentiu-se d'aquelle golpe. O marido da senhora D. Margarida era capitão de navios. Fez uma viagem, de interesse inesperado, um mez depois do seu casamento, e em breve correu a noticia da perda do navio. Indagou-se, e na verdade, o navio tinha-se perdido, dando-se por morta a tripulação. A dôr não foi profunda no coração da viuva, por que não fez mais do que livral-o d'esses laços que tant.. o contrariavam! As nossas relações augmentaram. Uma noite, noite de S. Bartholomeu...

ESTEVÃO — Mas, senhor marquez, vamos ao facto! Quero saber... quero que v. ex.ª me explique...

MARQUEZ — Queira ouvir.

ESTEVÃO — Mas a sua historia parece que não tem capitulo final!

MARQUEZ — Tinhamos ficado... na noite de S. Bartholomeu de 1832. N'essa noite, não havia luar. Eu tinha ido visitar a senhora D. Margarida, que, por incommodada, não saíra do seu quarto. Tendo acabo de conversar, escutavamos ainda em silencio o echo intimo que as nossas palavras nos tinham, por assim dizer, despertado no coração. Eu tinha a mão d'ella unida aos labios...

ESTEVÃO — Senhor marquez! Essas recordações são de um ridiculo... que me faz nojo!

MARQUEZ — Por que não sabe avaliar uma recordação d'estas! Imagine, uma noite perfumada; luz, o reflexo das estrellas; amor... quanto uma mulher d'espirito é capaz de accordar em peito de homem...

ESTEVÃO — Oh! passemos tudo isso em claro. O cantar das vivandeiras ao som da metralha tinha muito mais graça. No campo, ama-se com honra. Nas cidades, com ver-

gonha! (*encolerisado*) Mas, senhor marquez, tudo isso não me diz...

MARQUEZ — Vou dizer-lhe tudo. Dê-me licença que eu sinta, por momentos, o effeito d'essas recordações... Era uma noite perfumada...

ESTEVÃO — Voltamos á vacca fria!

MARQUEZ — De repente, abre-se a porta, e o capitão, que se julgava morto, cae sobre mim! Lutámos Eu, como se pretendesse aterrar o espectro que vinha assombrar-me a felicidade. Elle, como se quizesse esmagar entre as mãos calosas a vespa que lhe mordera no rosto!

ESTEVÃO — E eu assim o teria feito.

MARQUEZ — Sentindo-me agarrado pelo fato, faço um esforço, e deixando-lhe nas mãos o peitilho da camisa, um cordão de oiro, e uma medalha que por devoção trazia, alcanço a janella, pulo, e desappareço pela noite dentro!

ESTEVÃO — O facto, senhor marquez! Vamos ao que me interessa! Quero saber por que motivo parece que se duvida n'esta casa de um facto, de que eu não tenho duvida alguma!

MARQUEZ — Vá ouvindo: lá chegaremos. Pouco tempo depois, nasceu um menino. O capitão tinha uma suspeita cruel! Não podia culpar a mulher, que se julgava viuva; mas repudiou o filho. Lançou-lhe ao pescoço a medalha, que me tinha caído na luta, e mandou-o expôr na santa casa. Muito bem. Passaram-se vinte e quatro annos. Achei a medalha, achei o homem que a possuia, de vinte e quatro annos de edade. Devo ou não suppôr que esse homem é meu filho?

ESTEVÃO — Mas, senhor marquez...

MARQUEZ — Queira responder.

ESTEVÃO — E quem é esse homem?...

MARQUEZ — E' Anselmo.

ESTEVÃO — Meu filho!

MARQUEZ — O major viu-o nascer?

ESTEVÃO — Oh! que pergunta esta! Que barafunda de paes para um filho só! Quando o meu rapaz nasceu, estava eu nas linhas do Porto!

MARQUEZ — Logo não pode affirmar!

ESTEVÃO — Eu sempre tive muita fé em minha mulher, que Deus haja. E além d'isso nunca ouvi fallar em tal medalha...

MARQUEZ — Elle affirma que a possue desde que se entende.

ESTEVÃO — Pois sabe que mais, senhor marquez?... (*encolerisando-se*) Irra! Uma d'estas não parece questão de homens serios! Se v. ex.ª julga que o rapaz é seu, como lhe attribue outra mãe, que é o principal, faça d'elle o que quizer. Um filho homem, não é coisa que se dispute á ponta da espada. Guarde-o. Dê-lhe dinheiro, empregos, honras, tudo quanto lhe lembrar, que eu não abro bico! E passe por cá muito bem; o meu temperamento não é para estas comedias...

MARQUEZ — E o que é, infelizmente, a vida, major?

ESTEVÃO — Senhor marquez, n'esta vida ha comediantes e espectadores: a gloria é dos primeiros, por que representam; mas a felicidade verdadeira, intima, sem sobresaltos, sem remorsos, essa é dos segundos! E passe muito bem: sou um seu criado. (*áparte*) Nada, tudo isto não passa de uma grande entremezada para algum fim! (*sae.*)

SCENA XIV

O MARQUEZ, só, depois D. MARGARIDA

MARQUEZ — Sim! Elle tem razão. Leva a consciencia traquilla, emquanto que eu, pobre comediante que a edade recolhe aos bastidores, não encontro ahi essa felicidade que elle vae gozar no centro da sua existencia obscura mas tranquilla. Para elle, foi o amor um sentimento puro! Para mim, um pensamento criminoso! Gozou, e na recordação, encontra ainda um prazer. Eu, não acho mais do que a infamia, e o remorso! (*D. Margarida entra pela esquerda, o marquez continua*) Sim! A minha mocidade foi um prejuizo; o meu amor, um crime; o que será a velhice!?... Não! Essa, ha-de ser o arrependimento; mas o arrependimento por acções, que é o que mais vale ao homem, na eternidade!

D. MARGARIDA (*com ironia*) — Como é ridicula a sua commoção, marquez!

MARQUEZ — Ah! estava ahi!... (*perturbado*)

D. MARGARIDA (*com sarcasmo*) — Vim recolher a lagrima que vejo nos olhos do sceptico! (*rindo*)

MARQUEZ — E talvez não creia que esta lagrima...

D. MARGARIDA (*rindo*) — Seja uma fraqueza da velhice?

MARQUEZ — Margarida!... Não me faz justiça!

D. MARGARIDA — Os velhos choram como as creanças. Uns pedem bolos; os outros, piedade...

MARQUEZ (*ferido*) — Fez mal em cantar a victoria, minha senhora!

D. MARGARIDA (*rindo sempre*) — Pobre marquez. Quer que me cale?

MARQUEZ — Falle, se quizer, minha senhora! Acredite porém que não chegou o momento de lhe *pedir piedade!* O laço que nos podia prender, creio que não existe como suppunhamos! Illudi-me!...

D. MARGARIDA — Que escuto!

MARQUEZ (*ironico*) — Que resfriamento para o *seu amor materno!*

D. MARGARIDA (*áparte*) — Oh! ainda d'esta vez se dissipa o meu sonho!? Será possivel?

Cae o panno.

ACTO III

NA RUA

(Rua com arvores. À direita, no segundo plano, um muro com um portão de postigos. O muro segue até um predio de dois andares que se projecta no panno do fundo. Vêem-se ao longe as principaes torres da cidade, desenhadas n'um horisonte esclarecido pelo luar.)

SCENA I

(Ao levantar do panno, Eduardo, embuçado n'uma capa e o chapeo carregado, sobre o rosto, vem pela esquerda, como quem deseja esquivar-se d'alguem que o persegue.)

EDUARDO — Perderam-me de vista. (*olhando em diversas direcções*) Pareceu-me que me seguiam os passos... Foi talvez uma desconfiança infundada. (*vindo para a scena*) Quem me persegue, é a minha propria consciencia! Oh! ainda bem que assim é. O vadio, o homem errante, que se esconde de dia, para apparecer de noite, precisa d'essa voz inexplicavel que lhe brade, incessante, acautela-te! Quando passa, a desconfiança geral caminha ao seu lado. Quando olha para qualquer pessoa, esse olhar inquieto e invejoso indispõe o animo! Todos se afastam d'elle, o burguez, o homem honrado, por que o julga um ladrão! o ladrão, por que o suppõe um agente de policia; e só a policia lhe vae na colla, só ella o procura, só ella lhe abre os braços! E para que? Será porventura para o julgar, pesando-lhe os sentimentos na balança da justiça, e fazer d'elle, se tal merecer, um homem de bem, um cidadão util? Não! É para lhe suffocar, n'esse abraço correccional, os restos de pundonor que a miseria e as privações, ainda, por acaso, lhe tiverem deixado n'alma! E quando fôr dito que um d'estes homens, sem abrigo, abriga n'alma uma paixão sincera que lhe eleva o pensamento

desde o lodo da miseria até Deus; que o sustém na beira do precipicio do crime, superior ás tentações, que fascinam os pobres, os desvalidos... quem, ainda assim, ousaria crer que esse desgraçado é um homem de bem!? Mas, para que nutro eu esse sentimento? Para que conservo estes pensamentos de brio e de honra, que me fazem morrer de fome, sem pedir uma esmola para comer?! Oh! Esmolas! Ninguem as dá a quem não cobrem os ultimos *farrapos* da miseria! Os outros... que o *vão ganhar*. Ganhar aonde? De que modo? Oh! não pensemos em tal! Pedir uma esmola? (*com desprezo*) Quem ha que ligue ao coração uma idéa nobre, que vá envergonhar o rosto na presença de outro homem!? Esmolas?... Quem ha ahi que as saiba fazer, sem orgulho, para que possa haver quem as receba contricto?! Oh! não! Sou pobre, mas sou nobre como qualquer homem que não verga a fronte, nem abaixa o olhar, nem estende a mão, senão para saudar ou punir! Sou, portanto, digno d'esse amor que mereci em dias mais felizes... e... (*n'este momento, illumina-se uma janella do predio, projectando na scena um reflexo pallido*) Oh! lá está o signal... E' a hora. (*tirando uma carta*) Ultima carta... despedida... quem sabe se para sempre!? (*detendo-se*) E atrever-me-hei a perturbar aquelle coração verdadeiro, aquella felicidade intima que é tambem a minha felicidade unica?... Mas... podem, porventura, continuar estas relações?!... Não! Animo... (*dirigindo-se ao portão, a luz desapparece*) Animo! que o meu dever é este!

(Logo que Eduardo se aproxima do portão, como para ali passar a carta que tem não, abre-se um dos postigos e apparece um vulto.)

SCENA II

EDUARDO, e SOPHIA

EDUARDO (*recuando um passo, áparte*) — Traição!...

SOPHIA (*aproximando-se*) — Perdôa ao traidor?

EDUARDO — Sophia!?...

SOPHIA — Não pense mal de mim, pelo que faço. Escute, Eduardo. Eu tinha necessidade de o ver, de lhe fallar, de o ouvir. As suas cartas não me satisfaziam; o que eu tinha para lhe dizer tambem não podia ser expresso por uma

carta. Uma carta não dá a um *adeus de despedida* a dôr exacta com que nos sae do coração!

EDUARDO — Oh! tambem tu... tambem tu pensavas n'esse adeus?!... E' a primeira vez que me favorece a fortuna!

SOPHIA — Que queres dizer?!

EDUARDO — Que não me custará tanto a despedida. Então não será isto uma fortuna, para quem não tem outra?

SOPHIA — Meu Deus! Oh! se me vissem aqui... só... tão só comtigo! Meu Deus, agora é que tenho medo do que fiz...

EDUARDO — E' infundado o medo que sentes Sophia! Eu, não seria tão ingrato que te pagasse com a mais leve affronta o instante de felicidade que me concedes! Sê tranquilla; dá-me a tua mão... e...

SOPHIA (*áparte*) — Elle abraza!

EDUARDO — E crê que não terás outro amor mais sincero, nem mais profundo!

SOPHIA — Cala-te, cala-te, Eduardo... não me falles, não te fallarei tambem! E' melhor assim. Estejamos um instante juntos, silenciosos... (*pausa*) E adeus!

EDUARDO — Para sempre?! (*pausa*) Oh! que noite esta! (*estendendo o braço esquerdo para o ceo*) Qual será, d'aquellas, a minha estrella no ceo; quando os teus olhos me deixam na terra!?

SOPHIA — Eduardo! Oh! não... não posso separar-me de ti, assim, sem uma promessa, sem uma esperança... Mas que promessa, mas que esperança, triste de mim, posso eu deixar-te!? Contrariam-me; obrigam-me!... Queres ouvir? O marquez casa com minha tia. Desejam viajar. E para se livrarem de mim, casam-me tambem... Resistir? de que serve?! Posso porventura dizer-lhes qual é a minha verdadeira affeição?...

EDUARDO (*atalhando*) — Oh! não! seria provocar o desprezo e expôr-me ao ridiculo! Comprehendo bem a necessidade que temos de nos separar! Desculpa-me aquellas palavras sentidas que te abalaram o animo! O que tem de ser, é immutavel! Seja pois!

SOPHIA — Muito obrigada, Eduardo! Agradeço-te muito... muito, mais do que é possivel dizer, mais do que é possivel pensar, essa nobre resolução que me fortalece o animo, n'este momento, que eu já de longe tinha previsto!

Fica-me, ao menos, a consolação de ter sido o meu primeiro amor inspirado por um homem de um coração nobre e generoso! Esta lembrança, acredita-me, é o que vae consolar-me nas magoas da minha vida futura. E' tudo que posso dizer-te! Quizera deixar-te uma lembrança tambem...

EDUARDO (•) — Oh! Esta. (*indo beijal-a na fronte, detem-se rapidamente*) Não! Quem d'este modo se confiou á honra de um homem, não deve levar ao leito do esposo a fronte já manchada pelo osculo do amante! (*conduzindo-a ao portão*) Entra! E que esta porta nos separe para sempre, fechando-se sobre ti com o mysterio da campa!

SOPHIA — Eduardo...

EDUARDO (*dando-lhe a carta*) — Sophia!.. Adeus! Adeus! (*involve-se na capa e sae precipitadamente.*)

(N'este momento, um homem que deve ter apparecido onde está este signal (•), aproxima-se rapidamente.)

SCENA III

SOPHIA, O ANSELMO.

SOPHIA — E deixou-me! Nunca me persuadi que o fizesse!... Mas eu fallei-lhe de dever... de honra... Oh! que coração aquelle! Podia porventura uma mulher, pensar mais nas conveniencias d'este mundo, se fosse possivel achar outro egual? (*vendo Anselmo que se conserva immovel*) Ah! Eduardo!... Eu amo-te!... (*correndo para elle.*)

ANSELMO — Colhi a rosa, não me importa o espinho!

SOPHIA — Jesus!?...

ANSELMO — Aposto que tem medo, agora!?

SOPHIA — Pelo amor de Deus...

ANSELMO — Não grite que se perde.

SOPHIA — Que pretende fazer?

ANSELMO — Demonstrar-lhe que a *força*, na rua, equivale ao *espirito*, nas salas. Zombou de mim; constituiu-me seu *correio de novas:* é o mesmo. Agora, porém, hade acompanhar-me...

SOPHIA — Para casa?!

ANSELMO — Salvo a differença das ruas.

SOPHIA — Pois quer roubar-me? Para que?

ANSELMO — Para brincar. Não tenho nada que fazer...

Sophia — Não vale a pena. Amanhã assignam-se as escripturas... Vamos, não me aperte a mão!

Anselmo — Não faça espirito comigo, Sophia, que o não tenho! Nem zombe do homem que tomou uma resolução d'esta ordem! Tenho ali uma sege, todas as noites ali tem esperado o momento de me ser util. E' agora! Acompanhe-me por bem, senão quer...

Sophia — Mas que mania de roubar as mulheres com quem está para se casar!

Anselmo — Obriga-me a empregar outros meios!

Sophia — Visto isso, o senhor é um facinora?

Anselmo — Pois bem! entenda como quizer... e n'esse caso, deve convencer-se que serei capaz de tudo!

Sophia — Vou comprehendendo!... mas, o senhor Anselmo Dias esquece que fez favor de attribuir-me algum espirito. Ora, uma rapariga de espirito, não faria o que eu fiz, sem vir accompanhada de uma criada de confiança, que no momento em que me viu perigar, teve a feliz idéa de ir chamar em meu auxilio o marquez...

(À proporção que Sophia vae fallando, um homem sae vagarosamente do portão, e rodeia a scena, tomando o angulo opposto áquelle onde Anselmo podia esperal-o.)

Anselmo — Bella invenção; faz-lhe honra!

Sophia (*continuando*) — E que o marquez...

SCENA IV

SOPHIA, ANSELMO, O MARQUEZ

Marquez (*tocando-lhe sobre a espadoa*) — Tenho o gosto de saudal-o, senhor Anselmo!

Anselmo — Oh! (*tirando uma faca*) Passagem!..

Marquez (*guardando-se com um florete*) — Aqui ninguem passa!

Anselmo (*largando a mão de Sophia, áparte*) — Estou perdido!

Sophia (*saindo pelo portão*) — Estou salva.

Marquez — Imagine o senhor o effeito que lhe podia produzir em todo o systema das suas idéas a apparição de uma serpente no logar onde fosse mitigar a sêde, que não

calculará exactamente o que me produz esta scena desagradavel! Então essa faca, esse ferro que vi luzir, era para me matar?

ANSELMO — Senhor marquez! (*áparte*) Ahi me principia a fortuna a desandar!

MARQUEZ — Estava enfastiado dos beneficios que lhe tenho feito, e premeditou descarregar, da gratidão, a consciencia, mettendo-me um ferro no peito?

ANSELMO — Mas... v. ex.ª... tambem está armado...

MARQUEZ — E dou-me parabens pela minha fortuna! Deixemos, porém, este incidente, e tratemos de coisa mais seria. Durante este pouco tempo que temos vivido, por assim dizer, juntos, deve suppor, que não me esqueci de estudar minuciosamente o seu caracter, tanto pelas indagações, quanto pelas observações directas que tenho feito. O resultado do estudo, longe de satisfazer as minhas esperanças, inspirou-me suspeitas pouco lisonjeiras que este seu ultimo acto acaba de confirmar.

ANSELMO (*áparte*) — Coragem e sangue frio, aliás estou perdido sem recurso! (*alto*) Mas, eu desejava que v. ex.ª tivesse a bondade de me explicar o comportamento d'quella senhora; por que... eu vim encontral-a aqui...

MARQUEZ — A comedia que o senhor tem representado até hoje, torna-se impossivel desde o momento em que puxou por uma faca para mim! Senhor Anselmo, creio que ambos nos enganámos! E para evitar questões, vamos a um resultado positivo! Eu sou o marquez de Montalvão. V. s.ª quem é?

ANSELMO — Essa é boa! V. ex.ª que me procurou, deve saber...

MARQUEZ — Se soubesse com certeza tel-o-hia procurado de outro modo. Illudi-me talvez. Houve uma coincidencia que não posso revelar-lhe... e não ha meio de me certificar senão confiando-me na sua declaração.

ANSELMO (*áparte*) — Se tivesse um meio de me livrar d'este homem... (*alto*) Senhor marquez, o que posso é ratificar as respostas que já dei ás perguntas que me fez. Chamo-me Anselmo Dias. A medalha de que se tem tratado é minha, e...

MARQUEZ — E' sua!?

ANSELMO — Sim, senhor, lembra-me que brincava com ella quando era pequeno; que a trazia ao peito... (*áparte*)

Estou mentindo como um desesperado!... Ao ponto a que chegaram as coisas, não tenho outro recurso...

MARQUEZ (*áparte*) — Experimentemos ainda! (*alto*) Mas se eu lhe disser que está mentindo... que lhe vou provar o contrario do que affirmou...

ANSELMO (*recuando, dá com o pé no florete que o marquez largou, e fica pensativo, áparte*) — Este homem é a minha perdição!

MARQUEZ — Recua?...

(N'este momento, Eduardo apparece ao fundo, junto do predio, e detem-se.)

SCENA V

O MARQUEZ, ANSELMO, EDUARDO

EDUARDO (*áparte*) — Não tenho forças que me tirem d'estes logares!

ANSELMO (*aparte*) — A noite, a solidão... tudo parece favorecer-me!

MARQUEZ — Então?

ANSELMO — Senhor, marquez, não comprehendo o seu comportamento. Obriga-me a dizer-lhe que estou farto de soffrer os seus equivocos dos quaes me não julgo pago pelos beneficios que me tem feito. Não lhe pedi que m'os fizesse! A gratidão pesa-me, todas as vezes que me falla d'elles! E n'este caso, (*pegando no florete*) Restitua-me a medalha.

MARQUEZ — Anselmo!...

ANSELMO — Não admitto replicas...

MARQUEZ (*áparte*) — Meu Deus! (*alto*) Mas... n'esse caso, é um monstro d'ingratidão!

ANSELMO — Serei!... (*fere-o no peito com o florete*)

MARQUEZ — Ah!... (*vacillando.*)

EDUARDO (*correndo*) — Este grito...

MARQUEZ (*com voz debil*) — Soccorro...

EDUARDO (*detendo Anselmo*) — Para traz! Quem pede soccorro?...

ANSELMO — Eduardo... ah! deixa-me...

EDUARDO — Anselmo! Tu, aqui! Que surpreza!... Meu Deus! Apostara que não está longe o crime!

Marquez (*encostando-se. ao portão*) — Quem me soccorre! (*puxando pelo cordão da sineta.*)

Eduardo — Que é isto, Anselmo!? Que homem é aquelle que pede soccorro... (*sem largar o braço de Anselmo, caminhando para o marquez*) Ah! senhor marquez...

Marquez (*caindo*) — Parece-me que morro!

SCENA VI

o marquez, eduardo, anselmo, e dois criados, pelo portão

Eduardo (*aos criados*) — Segurem este homem! (*entregando-lhes Anselmo. Ao marquez, querendo ajudal-o a levantar-se*) Animo, senhor marquez... aqui está um amigo... Vejamos onde é a ferida... (*rasgando-lhe o fato no peito*) Animo, animo! (*áparte*) Mas elle desfallece...

Marquez — Sinto-me mal! Se eu desfallecer queira ter a bondade de se responsabilisar por esta medalha que tenho ao peito...

Eduardo — Esta medalha.. (*observando-a ao reflexo do lampião*) Oh...

Marquez — Que é?...

Eduardo — A minha medalha! Como a encontro aqui!?

Marquez — Que escuto!? Meu Deus! qual d'elles será o meu filho! Quem me salva, ou quem me fere?!...

Eduardo (*gritando*) — Soccorro! Soccorro!... Venha alguem...

(A este grito saem diversas pessoas pelo portão, que cercam o grupo O panno desce.)

SCENA VII

(Interior de uma sala terrea, especie de armazem vasto e profundo, cortado em alguns pontos por pilares de alvenaria que sustentam o sobrado superior. No fundo uma porta forte, com tres degraus de pedra. Um lampião sobre os degraus.

eduardo, está encostado ao muro, do lado esquerdo; anselmo examinando a scena.

Anselmo — Já lá vão oito a dez horas que estamos aqui!

Eu adivinhava, por instincto, que não podia ter bom resultado aquelle pontapé da fortuna! E estamos aceados! Um quarto decente!... cama, á vontade!... Boa illuminação... A proposito: ó Eduardo, dá-me cá um cigarro.

EDUARDO — Pensa no que fizeste... é melhor!

ANSELMO — Se não fiz uma obra capaz, foi por tua causa; ora ahi tens! Eu apenas arranhei o marquez para me ver livre d'elle: o meu plano era tocar depois a sineta do portão para que lhe acudissem, e metter pernas ao caminho! Entendes? E tu o que fizeste? Eu t'o digo. Agarraste-me por uma aza, que parecia que m'a querias arrancar, gritaste, mandaste-me filar, e... emfim... fizeste uma récua de sandices, e... o premio ahi o tens! É bem feito!

EDUARDO — Tenho a consciencia tranquilla.

ANSELMO — Ah! a consciencia... Pois sim; mas se um de nós é criminoso, vão lá adivinhar qual é o innocente, uma vez que estamos presos! Que é um grande desaforo, não sei se sabes. Carcere privado...

EDUARDO — Em breve seremos mudados... E quando ouvires fechar as portas do Limoeiro sobre ti... Anselmo, verás a sensação que te accommette!

ANSELMO — Ora essa... parece que já lá estiveste!

EDUARDO — Faço uma perfeita idéa! O homem que lá entra por criminoso, deve ter uma commoção similhante á que podia soffrer um homem enterrado vivo, sob um epitaphio diffamante!

ANSELMO — Tens coisas!...

EDUARDO — E depois, o remorso, a lembrança, e a saudade do mundo... a comparação mental do que fomos com o que somos... Todos esses tormentos preenchem as noites do condemnado, até lhe endurecerem o coração...

ANSELMO — Mas... espera, eu não estou n'esse caso. O meu crime...

EDUARDO — Perante Deus, é dos peiores: a ingratidão! Perante os homens, o mais degradante: o assassinio.

ANSELMO — Eu não sei: tu sempre tens resposta para tudo, na ponta da lingua; e o caso é que me fazes... assim, meio medroso...

EDUARDO (*dando-lhe a mão*) — É justo que tenhas medo, Anselmo. E' assim que te quero ver... tremendo... Mas, o que tu sentes, não é medo. E' o principio do remorso, é a reacção tremenda do espirito contra a materia! Do pensa-

mento contra o instincto. Hontem, o homem venceu a alma, hoje, a alma vence o homem! Oh! deixa-te prostrar na luta, que alcançarás, caindo, uma palma de gloria, e arrependimento!

Anselmo — Sim, para te fallar a verdade... apezar de estarmos juntos, ambos prezos, a tranquillidade com que me fallas, e o suor frio que me cobre... Ó Eduardo, aqui faz frio, não faz?

Eduardo — Não te disse eu, um dia, Anselmo, que o horisonte do vicio era triste e limitado como as abobadas do carcere? A experiencia evidenciou a minha asserção!

Anselmo — Olha, o que te digo, é que se o arrependimento salvasse o culpado, já eu aqui não estava, não!

Eduardo — Oh! abraça-me! abraça-me, Anselmo!

Anselmo (*recuando*, *áparte*) — Que o abrace... Eu!? Eu que lhe fiz tanto mal... (*alto*) Oh! desculpa-me, Eduardo, tu não estás de boa fé! sim, é impossivel que estejas de boa fé comigo, lembrando-te do mal que te fiz: abusar da tua generosidade, roubar-te, por assim dizer, a mulher de quem gostavas, dizer mal de ti, metter-te a ridiculo... Oh! o que tu queres é humilhar-me! Sim; desejas humilhar-me; e esse abraço, quem sabe para que seria...

Eduardo — Que dizes tu!?

Anselmo — A tua má sina, sou eu! Fui eu que te roubei o dinheiro, jogando de má fé; tu já o sabias, cuidas que não percebo?! Fui eu que te arrastei para o vicio, que te desinquietei... E que tomei o teu logar, dizendo ao marquez que a medalha era minha...

Eduardo — Que escuto!...

Anselmo — Ora já vês que não posso acreditar na boa fé com que desejavas dar-me um abraço! Eu estou desarmado... tu és pouco animoso... querias abraçar-me para me ferir pelas costas...

Eduardo — Anselmo! Anselmo!... Estás louco?! Eu, ferir-te? Pois julgas-me tão perverso?...

Anselmo — Tambem eu não era assassino, nunca o fui, e n'um momento de não sei que allucinação fatal, peguei n'um florete para ferir o marquez! E não tinha contra elle as razões que tu tens contra mim!...

Eduardo — Escuta-me, Anselmo. Estavas representando com o marquez uma comedia impossivel, achavas-te compromettido, illudiam-te projectos loucos, e aquelle assassi-

nato livrava-te, segundo o teu juizo, de um desfecho desagradavel. O teu pensamento era este. Agora, tratando de mim, que conveniencia podia eu tirar do crime?! Evadir-me? não. Vingar-me?...

ANSELMO — E cuidas que te não percebi!?...

EDUARDO — Anselmo, todo o mal, que a tua propria consciencia te accusa de me teres feito, é menor do que me causas, pensando que te quero assassinar!

ANSELMO — Como és velhaco! Mas, tu bem vês que é uma covardia... (*áparte*) Oh! nem isso tenho direito de lhe dizer! attentar contra um homem indefeso... E o que fiz eu!...

EDUARDO — Anselmo... Anselmo...

ANSELMO — Não te movas! se dás d'ahi um passo...

EDUARDO (*áparte*) — O desgraçado enlouquece! (*alto*) Anselmo...

ANSELMO (*allucinado*) — Oh! e nem uma arma para me defender ..

EDUARDO (*seguindo-o*) — Escuta-me, Anselmo; tranquillisa-te...

ANSELMO — Estou em seu poder! Ah! Eduardo... Eduardo... perdôa ao assassino de teu pae! (*caindo de joelhos.*)

EDUARDO (*recuando*) — Ah!... (*momento de silencio*) De meu pae! .. (*levantando-o*) Que dizes tu, Anselmo? Quem é então meu pae?... Não sabes que sou orphão, enjeitado... filho da misericordia?... (*áparte*) Oh! mas que pensamento me esclarece agora!... Aquella medalha... (*tirando-a*) Esta reliquia que o marquez me confiou... Meu Deus! Comprehendo tudo! (*para Anselmo*) E's realmente mau, Anselmo! Tinhas razão de vergar, por esse modo, ao peso da tua consciencia... Mas eu perdôo-te!

ANSELMO — E salvas-me?! Pela vida do teu pae, Eduardo!

SCENA VIII

ANSELMO, EDUARDO, O MARQUEZ, SOPHIA, E D. MARGARIDA, pela porta do fundo. O marquez vem amparado pelas duas senhoras.

D. MARGARIDA — O marquez compromette a sua saude! O ar d'este armazem é humido...

MARQUEZ — E quem mandou encerral-os aqui!? Sophia

disse muito bem. O castigo de um está no seu proprio delicto! como a recompensa do outro acima das mais vivas demonstrações!...

D. Margarida — Emquanto á segunda parte, convenho.

Marquez — E hade convir tambem a respeito da primeira! *(para Eduardo)* Senhor Eduardo, desculpe a hospedagem que lhe deram... Foram prendendo a torto e a direito!...

Eduardo — Agradou-me mais do que lhe parece, senhor marquez, por que obtive mais um exemplo da bondade infinita de Deus!

Marquez — Essa linguagem, dá-me a entender os principios que professa!

Eduardo — Improprios talvez de um homem, a quem seu pae dispensou de lhe honrar o nome!

Marquez — Esse pensamento é austero, e fére como a ponta de uma espada! Eduardo... Tinha-lhe confiado uma medalha...

Eduardo — Eil-a, senhor marquez. *(com firmeza)*

Marquez *(commovido)* — E quizera, em recompensa do serviço que me prestou...

Eduardo — Perdão, senhor marquez. A unica recompensa que posso acceitar é a liberdade do seu aggressor.

Marquez — Oh! depois do que se me tem contado... Tanta nobreza d'alma, que mais provas quero eu para lhe chamar meu filho, Eduardo!?... *(abrindo-lhe os braços.)*

Eduardo — Senhor marquez... mas, como sabe v. ex.ª?..

Marquez — Esquece a carta que escreveu a Sophia, despedindo-se d'ella, dizendo-lhe as razões por que a abandonava? não lhe confessou que era um triste enjeitado, filho da misericordia?... E a sua edade? E esta medalha?...

Eduardo — Ah! basta! basta! O enjeitado não pronuncia com facilidade a palavra pae!

Marquez — Eduardo!...

Eduardo — Senhor marquez! Enjeitado, era filho de Deus, e o mysterio do meu nascimento era um mysterio de Deus que não podia envergonhar-me! Se a fortuna de achar um pae me traz comsigo a deshonra da bastardia... não a quero!

Marquez — Eduardo! D. Margarida de Castro é marqueza de Montalvão!

D. Margarida *(áparte)* — Caiu-me, finalmente, aos pés esta corôa!

EDUARDO — Ah! Agora... agora sim! quero pois experimentar o abraço, o beijo materno! (*ajoelhando diante de D. Margarida que o levanta nos braços.*)

MARQUEZ — E tu, Sophia, que tão calada tens presenceado a minha felicidade, não queres partilhal-a comigo, dando uma familia a meu filho?. .

SOPHIA — Marquez... Ah! Eduardo!...

EDUARDO — Sophia! Oh! bem haja, meu pae! Sou feliz, muito feliz!

MARQUEZ (*a D. Margarida*) — E muito mais do que eu! Elle encontra ali um amor verdadeiro! Eu... nunca achei mais do que a ambição mascarada pelo amor.

EDUARDO — Oh! sou verdadeiramente feliz! De tudo o que a roda da fortuna lança sobre os homens, o dom mais precioso, mais preciso e raro, que geralmente não acham os que se empenham com avidez na colheita das honras, das distincções e do dinheiro, é o *amor sincero* de uma mulher!

Cae o panno.

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto...... 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Um Risco, comedia em dois actos........................ 160
Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.° fr....... 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr....... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.° fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço...... 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos.... 180
Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço....... 300
A Aristocracia e o dinheiro, comedia em tres actos....... 300
Coração de Ferro, drama phantastico em cinco actos....... 300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda.. 120

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. Preço.................... 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço...... 240
Uma Victima, drama original em tres actos............. 160

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. — Preço 80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, drama em tres actos............. 160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr...... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 400
Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em 4 actos... 240
Pedro Cem, comedia em cinco actos..................... 300

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.° francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr. 200
As Obras de Horacio, imitação, comedia em um acto. Preço 120
Um Homem de Consciencia, comedia em dois actos....... 160

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.° fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr........ 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr. 200
Memorias do Coração. Preço.................... 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos.............. 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço 240
O Marido no Prégo, comedia em um acto.............. 160
Já não ha tolos!... comedia em um acto............. 80
Não desprese sem saber, comedia em um acto.......... 120
O Colono, comedia-drama em tres actos............... 160
Segredos do Coração, comedia drama em tres actos...... 200
O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos........ 240
A Mascara Social, comedia-drama em tres actos......... 200
A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.......... 200
A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos........ 160

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN.

A Vida em Lisboa, comedia-drama em 4 actos........... 300

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol 8.° fr. Preço........... 320

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.° francez. Preço..... 1:800

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3

actos, 1 vol. 8.º francez. Preço........ 360

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240
O Pae prodigo, comedia em tres actos................ 200
O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço... 200
Gil Braz de Santilhana, comedia em tres actos.............. 180
Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em dois actos....... 180

PELO AUTOR DO CAMÕES DO ROCIO.

Remechido, o Guerrilheiro, ou os ultimos dez annos da sua vida, drama em 3 actos, e duas epocas, precedido de um prologo.. 300

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço....... 240

JOSE' IGNACIO D'ARAUJO.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos...... 200
Um Bico em Verso, scena comica.— Preço............ 60

JOSE' DE TORRES.

Tudo no mundo é comedia; comedia em tres actos....... 200

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.º francez. — Preço.................. 360

JOSE' DE VASCONCELLOS HASSE.

A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos......... 160

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA.

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos, 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda = Les quatre fils Aymon. — Preço............ 320

MANUEL ODORICO MENDES.

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. — Preço.................. 200

I. DE VILHENA BARBOSA.

Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º francez (com estampas lytographadas) 3:000

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.º francez. Preço.......... 360
Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço.............. 160
Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.º fr. Preço..... 200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.. 80
E já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça.............................. 80
O Mentor da mocidade.......................... 120
Ensaios poeticos. Preço........................ 60
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.º port. 120
Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos... 200
Amor e Amizade, comedia em um acto.................. 80

NO PRELO.

Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.
A Conquista d as Amazonas, comedia-drama em dois actos.
A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.
O Maestro Favilla, drama em tres actos.
O Arrependimento salva, drama em 1 acto.
Amor e arte, drama em 3 actos.
Fernando, comedia-drama em 4 actos.
Graziella, drama e 1 acto.
Não envenenes tu, a mulher, qui-proquo em 1 acto.
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.
Dois cães a um osso, comedia em 1 acto.
Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo.

(12)

SEGREDOS

DO

CORAÇÃO

COMEDIA DRAMA EM TRES ACTOS

POR

ALFREDO HOGAN

PREÇO 200 RÉIS

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1861.

OBRAS DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR, E SE VENDEM NA SUA LOJA, RUA AUREA N.° 132 E 133.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 volumes, sendo o preço em papel 22:000
Encadernada 27:000

Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos tres volumes, sendo o preço dos tres em papel 11:600
Encadernados 13:600

Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o senhor D. Pedro v — Um folheto com dez gravuras 200

M. M. B. DU BOCAGE.

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva — 6 vol. 4:320

F. J. FREIRE — CANDIDO LUSITANO.

Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço 720

BARRETO FEIO.

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino — 3 vol. 2:880

LIMA LEITÃO.

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez — 2 vol. 8.° 800

Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.° francez 1:200

REBELLO DA SILVA.

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e autorisação do patriarchado, 2. vol. 8.° francez 960

A Mocidade de D. João v, comedia-drama em 5 actos 480

Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.° francez. Preço 300

MENDES LEAL JUNIOR.

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr... 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.° francez 300

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos em verso, 1 vol. 8.° francez. Preço 400

Pedro, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço 400

A Pobreza envergonhada, drama em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.° francez. Preço 480

Canticos, 1 vol. 8.° francez. Preço 720

Alva Estrella, drama em 5 actos. Preço 300

A. ABRANCHES.

Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.° fr..... 300

F. SOARES FRANCO.

Sermões, 1 vol. 8.° francez. Preço 480

ANTONIO DE SERPA.

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, 1 vol. 8.° francez. 400

Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Chronica da Rainha D. Maria II. Acha-se impresso o 1.° e 2.° vol. em folio. Preço 4:500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr........ 720

Lições para maridos, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. . . 400

L. A. PALMEIRIM.

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.° francez. Preço. . . . 600

Dois casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos, 1 vol. 360

Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 400

O Sapateiro d'escada, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr...... 160

SEGREDOS

DO

CORAÇÃO

COMEDIA DRAMA EM TRES ACTOS

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA.
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA,
Travessa da Victoria, 73.

1861.

INTERLOCUTORES

THEODORO D'ALMEIDA, proprietario.
PEDRO ROBERTO, actor.
D. CESAR, amigo de Theodoro.
PASCOAL, soldado veterano, maneta.
LAURA, actriz, filha de Pascoal.
D. CECILIA, mulher de Theodoro.
ERSILIA, menina de 6 annos, filha de Cecilia.
UM CRIADO.
PAULINA, criada de D. Cecilia.
O CONTRA-REGRA, } de um theatro publico.
SERVENTES, }

ACTO I.

(Interior da caixa de um theatro publico, suppondo-se o palco á direita da scena (1.)

SCENA I

(Ao levantar do panno D. CESAR e THEODORO D'ALMEIDA estão conversando em scena; um pouco retirados para o fundo: PASCOAL, soldado invalido, maneta do braço direito, com sobrecasaca militar antiga e chapeo redondo, differentes pessoas occupando-se dos trabalhos proprios de uma noite de representação.)

THEODORO (*fumando um charuto*) — É realmente uma bella mulher! bella como ha poucas!

D. CESAR — E tu ama-la?

THEODORO — Que eu saiba, não.

D. CESAR — Mas estás aqui...

THEODORO — Como em outro qualquer logar.

D. CESAR — E não fallas senão de Laura...

THEODORO — Se é a novidade do dia! ..

PASCOAL (*áparte*) — Fallam de minha filha!

THEODORO — Tendo de julgal-a da platéa, quiz vêl-a ao perto.

(1) Na execução d'esta peça, a scena representa um gabinete fechado: uma porta lateral e outra no fundo.

D. Cesar — Não sei se fizeste bem... Para o coração indifferente do espectador é necessario a distancia da platéa ao palco. Lá os effeitos, aqui a causa.

Theodoro — Que queres dizer?

D. Cesar — Que essa causa é por vezes tão intima que interrogal-a chega a ser profanação!

Theodoro — Bravo! ahi principias tu a moralisar! mas permitte que te diga... moralisar aqui!... (*faz um gesto*).

D. Cesar — Cuidado, Theodoro; nas taboas que estás pisando, lagrimas sentidas mais de uma vez teem caído!

Pascoal (*caminhando para a scena*) — Oh! se teem!... e tão bem pagas quanto mal entendidas!

Theodoro (*baixo a D. Cesar*) — Quem é aquelle homem?

D. Cesar — É o pae de Laura.

Pascoal — E ahi vão tambem correr as da minha filha, por que é bem capaz de sentir o que disser! e Deus permitta que me não custem outras tantas! Sim, senhores, não estranhem estas palavras .. sandices talvez d'um velho; mas que querem, se o velho não tinha nascido para isto; para acceitar sacrificios d'esta ordem!

Theodoro (*baixo a D. Cesar*) — Tu entendes o que elle diz? Eu, por mim, nem palavra!

D. Cesar — A filha fez-se actriz para salvar da fome o pae.

Theodoro (*áparte, preoccupado*) — Ah...

D. Cesar (*a Pascoal*) — Creia no futuro artistico de sua filha. Um coração bem educado, sensivel, não póde deixar de reproduzir na scena commoções que arrebatem o publico!

Pascoal — Mas...

D. Cesar — Creia e espere!

Theodoro — E tem razão para esperar muito. Uma bella mulher produz sempre tal effeito, que...

Pascoal (*com amargura*) — E' d'isso mesmo que

tremo! Vel-a, ali, ermando pela scena debaixo dos olhares cubiçosos d'uma platéa.. . desculpem-me! tremo de que na sua coròa d'artista venha um espinho para o coração do pae!

Theodoro (*rindo*) — Ora deixe-se de petas meu caro senhor (*rindo mais*).

Pascoal (*ferido*) — Oh! o senhor é bem d'esse mundo indifferente que esmaga, sem mudar de gesto, o coração do artista debaixo da sua corôa de gloria! Deus permitta que essa corôa não pese um dia á minha filha!

Theodoro — Está fallando por enigmas, meu amigo. . .

Pascoal — Pois eu me expliço; fui soldado, tido e havido por valente e leal; e sempre o primeiro tanto no conceito dos meus superiores como no empenho dos combates. Ficou-me, por lá, o meu braço direito, e dei-o por bem empregado! Vamos adiante; das voltas que dá o mundo, digam quem pode livrar-se! Não dou razão nem a Pedro nem a Miguel; foi-se-me o braço no officio e fiquei, a bem dizer, incapaz de todo o real serviço. . . é o mesmo! fiz o que pude, prestei para o que prestei, e agora não presto para nada! Tinha uma familia a sustentar; esmolas não as sabia pedir o soldado, que o fui do coração! Caíam-me de vergonha as faces ao receber o obolo da miseria; e a miseria, a fome, depois doenças. . . Encurtemos razões. Ficou-me uma filha para amparo na velhice: triste amparo! Ao carvalho que verga não sustém o vime que lhe nascera ao pé; mas o vime fortaleceu debaixo do peso, como a coragem de minha filha ao apertar da miseria. N'uma palavra, eil-a encetando esta carreira para sustentar seu pae invalido! É nobre o empenho; corresponde-lhe o mundo!. . .

Theodoro — Oh! hade corresponder. . . (*áparte*) Muito bem, herdaram de Job; e a pequena hade ter sêde na carreira. . . (*tirando o porte monaie*) Meu amigo, preso o valor, e respeito a pobreza. . .

PASCOAL — Mas não me diz que presa tambem a virtude!... Guarde o seu dinheiro, por que a minha mão direita esqueceu-se de ensinar á esquerda o modo de receber uma esmola! (*retira-se para o fundo*).

(Theodoro faz um gesto de surpresa).

D. CESAR (*tocando-lhe sobre a espadoa*) — Heide aproveitar esta scena para um drama.

THEODORO — Desde que te metteste a autor dramatico, ficaste insupportavel! Então o terceiro acto não principia? essa gente não apparece? promettesle apresentar-me a Laura... (*enfiando-lhe o braço*) Bem sabes que...

D. CESAR — Perdão, eu não sei nada...

THEODORO (*fixando-o*) — D. Cesar, desconfio de ti! Essas tuas continuadas reticencias...

D. CESAR — Desculpa; é costume d'autor quando não sabe o que deve dizer.

THEODORO — Será; mas...

D. CESAR — E sou eu que faço reticencias?

THEODORO — É tão facil seguir exemplos...

D. CESAR — Lembra-te do que disseste!

THEODORO — Porque?

D. CESAR — Talvez t'o diga um dia.

THEODORO — Parece que estás em guerra com o senso commum! (*dando alguns passos e olhando para o bastidor*) Ah!... é ella... (*para D. Cesar*) Até já. (*sae pela esquerda*).

SCENA II

D. CESAR (*só*) — Quem pudera ler um coração assim! trocar, pelo menos, este que se me revolve e cança no lidar do sentimento, por um instante apenas, por algum d'esses que dormem ao ruidar das idéas! Pensar e não sentir, oh! quem pudera, d'esse modo, dar liberdade ao pensamento sem lhe ficar captivo o coração? reduzir-lhe as aspirações a desejos, e crer n'um dia de

satisfação sem lhe associar a idéa de um futuro de desgostos? desejar a mulher sem saber amal-a ; e fazer d'esse desejo a felicidade suprema sem lhe encontrar a dôr inexplicavel... esta que me punge, atormenta e que eu não sei definir !?

SCENA III

D. CESAR, PEDRO ROBERTO.

PEDRO (*calçando uma luva*) — Decididamente, se aquelle homem não sae d'aqui, não entro em scena! Ah! D. Cesar... (*cortejando-o*).

D. CESAR — Como vae, marquez?

PEDRO — Marquez de comedia, mascara de nobreza e de honradez; mas debaixo d'ella ha, realmente, um coração nobre e honrado; embora duvidem! Um coração que não comprehende muitas coisas que por ahi vejo fazer e que passam todavia por acções, senão louvaveis, ao menos naturaes!

D. CESAR — Que succedeu então?

PEDRO — Oh... nada, nada, senhor D. Cesar; hão-de dizer que é tontice minha; será, o homem de theatro nem sempre é actor; o coração que finge, tambem sente! e eu...

D. CESAR — Falle...

PEDRO — E' melhor calar-me! nasci para repetir o que outros dizem, e não tenho direito de dizer o que sinto! (*com ironia*) Se o mundo é assim!... Somos applaudidos no theatro, e...

D. CESAR — Perdão, Pedro Roberto; parece-me que não ia fazer justiça aos seus amigos!

PEDRO (*pegando-lhe na mão*) — Oh! D. Cesar! sinto uma dôr tão profunda que chegaria a autorisar tudo que o desespero me ditasse!... O sentimento que aos outros homens purifica e eleva, mancha-nos e confunde-nos. Perdão, deixe-me fallar. Ha quem se ria de

nós quando ouvem dizer que amamos! A arte revolve-se ainda, por assim dizer, no berço; e o mundo ignora o que é um artista!

D. Cesar — A civilisação do theatro lh'o dirá em breve. Quando a convicção do merito enraizar no coração das actrizes, elevando-as pelo seu comportamento a par dos seus irmãos d'arte, verá desapparecer da corôa artistica essas folhas fatidicas que muitas vezes lhes mancham a fronte! Pedro Roberto, o amor e o trabalho purificam tanto como as chammas do purgatorio! creia no futuro, por que o futuro é nosso; promettido por Deus, não pode ser-nos negado pelo mundo!

Pedro — Obrigado, D. Cesar, obrigado por essas palavras que me fortalecem o espirito!

(Ouve-se o apito do contra-regra, ha rumor na scena de pessoas que se retiram. Laura apparece pelo fundo vestida como para entrar em scena).

SCENA IV

PEDRO ROBERTO, D. CESAR, LAURA.

D. Cesar — O panno não tarda a subir; tenho que fazer algumas observações ao ensaiador, até já. Oh! ahi vem Laura. (*indo-lhe ao encontro e pegando-lhe na mão*) Minha senhora, Deus lhe dê uma estrêa tão feliz, como a desejo para a minha peça, (*condul-a até á scena, olha para Pedro Roberto, e sae*).

SCENA V

(No momento em que D. Cesar vae sair, encontra-se com Theodoro d'Almeida, e detem-no).

Theodoro — Deixa-me, é impossivel escutar-te agora! Lá está ella!... Não posso... não posso...

D. Cesar — Uma coisa de interesse...

THEODORO — Mas se eu não posso!...
D. CESAR — Hasde ouvir-me...
THEODORO — Que teima!...
D. CESAR — Vem... (*dando-lhe o braço*)
THEODORO — Estás insupportavel!... Já te disse... (*sae questionando*).

SCENA VI

PEDRO ROBERTO, e LAURA

PEDRO — Não esteja assustada, Laura, o publico hade recebel-a bem. Distraia-se agora; conversemos. Gosto tanto de lhe fallar, e de a ouvir...
LAURA — É bondade sua...
PEDRO — Ou força de sympathia: parece-me que é isto.
LAURA — Ha tão pouco tempo que me vê...
PEDRO — Engana-se.
LAURA — Como?
PEDRO — Quero dizer...
LAURA (*áparte*) — Perturba-se. (*alto*) Então que dizia?...
PEDRO — Dizia que . Oh! nem eu sei já!
LAURA — Esquecido! era alguma falsidade.
PEDRO — Falsidade não era, Laura; talvez que por demasiadamente verdadeiro...
LAURA — Era algum segredo do coração?
PEDRO — Era, sim; muito intimo! d'esses que nos causam medo, que nos collocam entre a vida e a morte, a esperança e a desesperação, e que...
LAURA — Diga-me, está representando antes de tempo?
PEDRO — Oh! quão mal conhece o coração d'um artista! E' a primeira vez que me arrependo de ter encetado esta carreira, onde se duvida da existencia do nosso coração!

Laura — Pelo costume de se dizer o que se não sente...

Pedro — Quem o disser d'esse modo não conseguirá fazel-o sentir ás platéas! Laura, pode recusar-me o direito de lhe manifestar o menor dos sentimentos que me inspira; más duvidar...

Laura — Cale-se, que me faz mal!

Pedro — Laura...

Laura — Teem-me dito que n'este recinto é tudo falsidade e fingimento. Que o interesse é o unico insentivo capaz de mover os animos, que...

Pedro — Oh! não creia tal! Mentiram-lhe, sim, Laura, quizeram dispôl-a para a perdição, para... Oh! não creia similhante coisa! Se eu a engano quando lhe digo que a amo, se esta confissão me não sae do intimo d'alma, que sei eu.... perca-se para sempre esta alma.... expire-me a fé, seja toda a minha existencia um tormento...

Laura — Basta...

Pedro — Concede-me alguma esperança?

Laura — Em vão quizera recusar-lh'a... mas, (*fixando-o*).

Pedro — Falle...

Laura — Jura-me...

Pedro — Pela memoria de meu pae, que eu abandonei, que impelli para o sepulchro á força de desgostos; pela terra que o cobre e que já fui beijar arrependido!... Mas a um juramento d'estes, Laura...

SCENA VII

LAURA, PEDRO ROBERTO, e o CONTRA-REGRA entrando

Contra-Regra (*interrompendo-os*) — Minha senhora, vae subir o panno, a symphonia está por instantes: queira vir para a scena.

Pedro — Vá, Leonor, é justamente uma scena d'amo-

res que tem de representar; conceda-me as esperanças que lhe pedi, creia no que lhe disse, creia em quem tanto a ama... Verá como o autor e o publico dirão que comprehende o seu papel.

(Offerece-lhe a mão e sae com ella pela esquerda.)

SCENA VIII

THEODORO DE ALMEIDA, e PASCOAL entra pelo fundo conversando.

THEODORO — Ora este caro veterano! preso a arte e interesso-me por todos aquelles que encetaram a carreira artistica. Se o offendi com a dadiva que ha pouco desejei fazer-lhe, creia, pelo menos, que eram puras as minhas intenções.

PASCOAL — Essa é boa, meu senhor, quem é um triste sargento invalido para merecer-lhe tal satisfação?

THEODORO — Um servidor da patria é digno de todas as attenções dos que se presam de portuguezes.

PASCOAL — Oh! e assim deve ser... tão pouco nos tem custado este pobre torrão!

THEODORO (*áparte*) — Levemol-o pelos sentimentos patrioticos. (*alto*) Com que então o amigo fez a guerra peninsular? foi lá que perdeu o braço?

PASCOAL — Não senhor; d'essas guerras só trouxe por lembrança quatro balas n'uma perna.

THEODORO (*áparte*) — É uma lembrança infeliz. (*alto*) E o braço...

PASCOAL — Isso é conto mais largo... vou contar-lh'o...

THEODORO (*áparte*) — Ai, que me vae contar o cêrco do Porto, de fio a pavio...

PASCOAL — Quando as tropas libertadoras desembarcaram no Mindello. . .

(N'este momento ouve-se em distancia o ruido dos applausos. Pascoal faz um gesto de surpresa. Theodoro d'Almeida, outro de contentamento.)

THEODORO (*áparte*) — Aproveitemos o ensejo para mudar d'assumpto. (*alto*) Ah! meu amigo. . . então que diz a isto? Não se commove. . . não exulta?. . .

PASCOAL (*surprehendido*) — Pois devéras?. . .

THEODORO — Sim, é sua filha que compra o titulo d'actriz.

PASCOAL — E por amor de mim!. . . Oh! filha da minha alma. . .

THEODORO (*apertando-lhe a mão*) — Muitos parabens. . . acredite que tambem sinto um vivo prazer. . . Ah! venha comigo. . . vamos beber um copo de vinho do Porto á saude da sua filha.

PASCOAL — Senhor, tanta honra para um pobre sargento. . . que o foi ás direitas. . . lá isso é verdade!

THEODORO — Um filho e neto de militares não se desdoura de lhe fazer esta offerta. Dê-me a sua mão. (*apertando-lhe a mão*) Vamos beber á saude de sua filha. . . .

PASCOAL — Ella merece!... pois vamos lá... (*saem pelo fundo*).

SCENA IX

(A scena fica por momentos vasia. Pedro Roberto e Laura entram pela esquerda).

PEDRO — Muito bem, Laura, muito bem!. . . Oh! quem sabe dar mais força ás palavras? mais expressão ao gesto?. . .

LAURA — Pensava em ti, Pedro Roberto.

PEDRO — Oh! minha Laura, merecia-te esse pen-

samento?!... Sim, bem t'o mereço por que te amo tanto... nem eu sei dizer como te amo!

Laura — Repete-m'o...

Pedro — Ai, se te amo! Eu que vivia tão só, sem paes, sem amigos... sem irmãos!... Eu, que sentia chorar-me em silencio o coração, sem poder offerecer-lhe uma esperança... porque pensava na tua vida modesta e recolhida, e não acreditava que me quizesses! Eu, que me consumia de dôr na desesperança da minha vida... Ai, se te amo agora, Laura!? não t'o diz a minha commoção? se te amo! pois não me dás tu uma familia, a mim, que não tinha ninguem?! Não me offereces um abrigo no teu coração, e a ventura nos teus sorrisos, no teu olhar?

Laura — E crês tudo isso? Bem hajas! Tambem eu em silencio te amava ha muito! Era pobre; não me enfeitavam sedas nem rendas, e por isso não me chamavam formosa nem olhavam sequer para mim; se por acaso alguem parava á minha janella, e me dizia uma palavra, essa palavra era um insulto! Todavia, um homem houve que me viu, e que me fallou sem me insultar; esse homem eras tu...

Pedro — Laura...

Laura — E a tua imagem ficou-me para sempre n'alma! Tambem te amo...

Pedro — Obrigado, obrigado, Laura; mas ha um homem que te persegue... um homem rico... um demonio que tem um cofre de dinheiro no logar do coração! O ar que se respira n'este recinto embriaga como o vapor do vinho... perdoa; porém, jura-me...

Laura — Pela memoria de minha mãe!

SCENA X

PEDRO ROBERTO, LAURA, PASCOAL e THEODORO D'ALMEIDA pelo fundo.

PASCOAL (*que ouviu as ultimas palavras, avançando*) — Sua mãe já deu baixa de serviço... (*dando leves signaes de embriaguez*) E eu não quero!...

LAURA — Ah!...

PEDRO (*áparte*) — Pascoal!... (*vendo Theodoro*) E tambem aquelle homem!...

PASCOAL (*olhando para Roberto*) — Tratante!... (*para a filha*) Estou bem informado de tudo... e eu lhe mostrarei o que é ser pae! Laura... eu fui sargento, e sargento ás direitas!... quando um recruta se mostrava insubordinado, dava-lhe um bilhete! (*fazendo acção de lhe dar*) Vê lá se queres...

LAURA — Ah! meu pae! meu pae... é a primeira vez que me trata assim! por que me não mata?... (*abraçando-o*).

PASCOAL (*como querendo vencer a allucinação do vinho*) — Filha... que te disse eu?!... Mas tu não sabes quem é aquelle vadio a quem pretendias entregar o teu coração puro, que lhe seria nas mãos um brinco de creança; e que elle esmagaria, rindo; depois de o ter manchado?...

PEDRO — Senhor, não lhe mereço tal conceito! Os meus sentimentos...

(N'este momento o Contra-regra entra pela esquerda).

CONTRA-REGRA (*interrompendo-o*) — Senhor Pedro Roberto, não se demore, que vão dizer-lhe a deixa.

PASCOAL — É bem bom para que nos deixe.

PEDRO — Oh! e ter de abandonar agora! (*contemplando Laura*). Levo o seu juramento! (*sae pela esquerda*).

SCENA XI

THEODORO D'ALMEIDA, PASCOAL, E LAURA.

PASCOAL — Laura .. isto não pode ser!... aquelle rapaz é um peralta... Oh! pergunta cá ao amigo quem elle é...

THEODORO — Oh! um extravagante, um... um jogador, um prodigo... (*continua a fallar a meia voz a Pascoal que faz signaes de intelligencia*).

LAURA — Meu Deus! (*áparte*) Será verdade!... mas eu tenho ouvido dizer o contrario! Aquelle homem é suspeito... Oh! eu não creio no que elle diz!

PASCOAL — Sim senhor, sim senhor, fico-lhe muito obrigado! heide sempre lembrar-me .. (*para a filha*) Está dito, minha filha, não quero qne olhes para elle! Desculpo-te o que fizeste; quem não sabe é como quem não vê: o mal remedeia-se; e a ferida não é mortal!

THEODORO — Permitta-me, minha senhora, que aproveite o momento para lhe dirigir as minhas attenções e protestar-lhe... sim, protestar-lhe...

LAURA (*com ironia*) — Oh! muito agradecida! (*áparte*) Comprehendo tudo!

THEODORO — A senhora debutou n'uma bella peça... é de um amigo meu: sim, eu sou amigo do autor...

PASCOAL — Ora se até foram collegas ..

THEODORO — Condiscipulos, condiscipulos, e...

LAURA — Perdão, tenho que dizer a meu pae .. (*voltando-lhe as costas, continua a meia voz*). Meu pae, como travou relações com aquelle homem?

THEODORO (*áparte*) — Isto hade ir indo... hade ir indo.

PASCOAL — Principiei por me zangar com elle, mas depois, o homem deu-me uma satisfação; declarou-me que tinha boas intenções; que só olhava para estas coisas pelo lado artistico; emfim, fomos tomar uma gar-

rafa de Porto, elle é filho de militar, fallou-me da guerra peninsular e do cêrco do Porto...

LAURA *(encostando-lhe a cabeça no peito)* — Oh! meu pae!...

PASCOAL — Então que tens tu? choras?!... Pois que diabo tem o cêrco do Porto para te fazer chorar !? A filha de um sargento que foi sargento ás direitas!... Laura?

THEODORO *(áparte)* — Isto hade ir indo; hade ir indo...

PASCOAL — Não derrices assim por mim, que me fazes dar um bordo, como dizem os marinheiros! E' má gente, pulam como macacos, e *não ha fazer-lhes* uma pontaria...

LAURA — Ah! isto é horrivel!

PASCOAL *(principiando a dar signaes de embriaguez)* — Ora vae-te confessar! Tu não pareces filha de um sargento que o foi ás direitas! Olha que subordinação esta...

LAURA — Cale-se, meu pae! Cale-se, pelo amor de Deus! pela amizade que minha mãe lhe tinha...

PASCOAL — Mau! já lhe disse que não fallasse lá na defunta! Você está insubordinada!

LAURA — Ah! que farei?... meu Deus!

THEODORO *(áparte)* — Isto hade ir indo; hade ir indo...

PASCOAL *(gritando)* — Tan, tan, tan, terran... tan! terran tan.... Tres direita...

LAURA — Meu pae, pelo amor de Deus, cale-se, olhe que estão representando... que está o panno em cima...

PASCOAL — Pois que o abaixem! Irra! querem impedir que eu me recorde d'aquelles tempos? Com mil bombas! *(batendo no peito)* Com mil bombas! Eu fui sargento, e fui-o ás direitas! *(passeia pela scena)*.

LAURA — Ah! isto é indigno!... *(para Theodoro)*.

THEODORO — Indigno, o que, minha senhora?

LAURA — Não pretenda disfarçar o seu procedimento: conheço-lhe as intenções e digo-lhe que faz mal em porfiar!

THEODORO — É cruel, Laura, não me crimine; por que eu amo-a... e não podia vêl-a entregar-se a um homem sem consideração alguma... que não faria nunca a sua felicidade...

LAURA — Basta, senhor! nem o seu bilhete rasgado e devolvido lhe despertou o menor resentimento!? Quem é pois o senhor, que vem fallar de amor a uma mulher que lhe deu tão verdadeira prova de desprezo?!

PASCOAL (*intervindo*) — Olá, olá... meia volta á direita, volver! não leve a sua insubordinação ao ponto de faltar ao respeito a um amigo de seu pae!

LAURA — Oh! coração que te desilludes!

PASCOAL — Então faz favor?... Já lhe dei a voz de meia volta! (*a Theodoro*) Vamos nós cá ver o fundo da segunda... e não faça caso do que diz aquella recruta!...

THEODORO (*a meia voz a Laura*) — Laura, pense bem!

PASCOAL — Então você vem d'ahi ó *sôr* não sei como se chama... (*rindo*) é o mesmo! Olhe, empreste-me você cá uma libra, que eu vou só...

THEODORO (*abrindo-lhe o porte monaie*) — Pode tirar...

PASCOAL (*fazendo continencia*) — Bravo! rasgo de capitão! bem se vê que é filho de militar!

LAURA — Não, não, meu pae... cada moeda que d'ahi tirar, é uma lagrima de sangue que eu terei de verter! Volte a si, lembre-se de mim...

PASCOAL — Silencio!

LAURA — Esse homem quer perder-nos!... esse homem é...

SCENA XII

OS MESMOS, E O CONTRA-REGRA.

CONTRA-REGRA — Senhora D. Laura, venha para a scena, já, sem demora! Vão dizer-lhe a deixa...

LAURA — Ah!... meu Deus... em que estado levo para a scena este coração!?...

CONTRA-REGRA — Não se demore nem um minuto!

LAURA — Oh! meu Deus! Valei-me... (*sae*)

PASCOAL — Tan, tan, tan, terran, tan, terran, tan. Ordinario, marche! (*sae cantarolando*).

THEODORO — Muito bem!

SCENA XIII

THEODORO SÓ, depois D CESAR.

THEODORO — Muito bem! veremos qual vence, o amor ou o dinheiro! Amor... (*rindo*) palavra, *palavra* irrisoria, ridicula, com que o mundo baptisa o desejo, e que fica erma de sentido logo que o desejo é satisfeito! Dinheiro, expressão abreviada de tudo que nos encanta satisfaz e concorre para a nossa felicidade! significa a vida no seio de todas as commodidades, os respeitos e as attenções do mundo, o luxo, a satisfação plena de todos os nossos caprichos... tudo, tudo! E chamam-nos devassos quando empregamos a influencia do dinheiro para mover corações que não cedem á supplica! Inveja! Foi decerto um invejoso que se lembrou de compor o primeiro compendio de moral! Mas que é isto?... (*ouve-se em distancia o ruido dos applausos*).

(D. Cesar entra pelo fundo muito satisfeito.)

D. CESAR — Ah! Theodoro... não é possivel representar com maior commoção! Laura comprehendeu as mi-

nhas palavras e sentiu-as! Escutas os applausos? Parecia que uma dôr verdadeira lhe pungia n'alma!...

THEODORO (*ironico*) — Dou-te os parabens...

D. CESAR — Se a ouvisses, quando ella repetiu estas palavras «meu pae, não vos percaes que me perdeis tambem!» O sentimento profundo, com que se exprimiu... as lagrimas sinceras que lhe correram pelas faces que o soffrer lhe desbotara... (*ouvem-se applausos*) Escuta... escuta!... E' ella que dá vida á minha composição; é ella que põe por obra o meu pensamento...

THEODORO — Ou a tua composição que a anima, o teu pensamento que a inspira... (*ironico*) Acho mais natural... (*rindo*) Ah! meu pobre D. Cesar, creio que vês tudo atravez do veo das tuas illusões! Poeta!

D. CESAR — Que queres dizer?

THEODORO — Que não estamos no Parnaso, e que as actrizes são mulheres como todas as outras! Não creias em inspiração, meu amigo. Agora sou eu que te ensino; quando as circunstancias commovem devéras, qualquer é bom actor!

D. CESAR — Explica-te melhor...

THEODORO — Um autor dramatico deve conhecer a fundo todos os segredos do coração (*rindo*).

D. CESAR — Receio conhecer todos! esse, por exemplo, que te afasta da tua mulher e que...

THEODORO — Mau! lá isso não; não me falles em coisas de que não entendes. Eu gosto de minha mulher...

D. CESAR — Bem lh'o provas!

THEODORO — Oha, meu amigo, mudemos de assumpto... minha mulher tem um genio muito particular, que não harmonisa com o meu! Por exemplo, gosto de ti, não posso passar sem ti, e ella aborrece-te!

D. CESAR (*risonho*) — Ah... aborrece-me?...

THEODORO — Disse-t'o para que te deixes de defendel-a; de hoje em diante espero, que me não mates o *bicho do ouvido*... Theodoro, olha tua mulher; e tua mulher para aqui, e tua mulher para ali... Desculpa a

franqueza e até logo; vou ver Laura. (*faz alguns passos para o fundo*).

D. Cesar (*áparte, satisfeito*) — Ella aborrece-me!... E eu que me julgava despresado... Oh! não sou tão infeliz como julgava!

SCENA XIV

D. CESAR, THEODORO D'ALMEIDA E PASCOAL completamente embriagado.

Pascoal — Alto lá, ó sôr capitão... (*rindo*) capit... ão... (*tomando a passagem de Theodoro*) Pois você é lá capit...ão?... é lá coisa alguma n'esta vid...a?

Theodoro — Amigo, quem tem dinheiro é alguma coisa! (*com intenção*).

Pascoal — Se tem muit...o dinheiro guarde... o! mas é melh...or passar alg...um par...a cá.

Theodoro — Sem duvida! já lhe disse que... e o dito, dito!

Pascoal (*arremedando-o*) — Já lhe dis...se que o dit...o, dit...o... não está má... sandi...ce! Olhe, eu não o larg...o sem você fazer... o que me promett...eu! A rico não dev...as e a pobre não promet-tas; dizia um recrut...a lá da companhi...a!...

D. Cesar (*que os tem observado*) — Theodoro, similhante procedimento!... lembra-te de tua mulher!

Theodoro — E tu com a teima! Ora não está má a cassoada! Se soubesses a raiva que lhe inspiras...

D. Cesar (*satisfeito, áparte*) — Raiva!... oh! mereço-lhe um sentimento d'esta ordem!?... Eu, eu que me suppunha apenas aborrecido por ella... (*alto*) Mas Theodoro, o teu comportamento...

(Theodoro faz um gesto de aborrecimento)

Pascoal — Olé! então que tem o comportamen...to

cá do amig...o !? Convidou-nos para pas...sar o dia na sua casa de camp...o....(*gritando*) Tres á frente... vol... ver...! Tan, tan, tan, terran, terran, tan! (*acaba rindo*).

D. Cesar (*aparte*) — E Cecilia ficará só! quem me dará forças para deixar de a ir ver!

SCENA XV

PASCOAL, D. CESAR, THEODORO, e PEDRO ROBERTO.

Pedro (*á D. Cesar*) — Ah! meu amigo, venho desesperado!... Laura teve occasião de me contar na scena o infame procedimento de Theodoro...

Theodoro — Então que lhe contou, meu caro senhor?

Pedro — Ah!... ouviu? é o mesmo; não retiro a expressão!

Theodoro — As coisas tomam-se como da mão de quem veem!

Pedro — Não me desdouro da minha posição na sua presença! Sou um artista; honro-me de o ser; ponho todas as mascaras; mas, tiro-as e fica-me tão desassombrado o rosto como tranquilla a consciencia! Em quanto que o senhor no desempenho do seu papel diffamante, não conseguirá nunca lavar-se das manchas que lhe deixar!

D. Cesar — Pedro Roberto...

Theodoro — E' um bello actor, este querido Pedro Roberto! Oh D. Cesar, isso que elle recitou é uma falla do teu drama, não é?

Pedro — Falta-lhe o final! Ha um homem cynico a tal ponto, que para lograr uma mulher, embebeda-lhe o pae, que era o seu unico abrigo, o seu unico protector, e por amor de quem ella abraçara esta carreira tão ardua!

Pascoal — Cale-se ahi *sôr* recrut..a que não sab...e

ond...e tem o nariz!... Tan, tan, terran, terran, plan,
Eu cá fui sargento, e fui-o ás direit...as!

(Pascoal passeia cambaleando pela scena.)

Pedro (*contemplando-o*) — Desgraçado, que te perdes arrastando na queda a filha! Em vão te morderás de remorso, ao accordar do teu erro! Oh! mas esta vida é na verdade um drama terrivel! (*ouvem-se em distancia os applausos do publico*).

Contra-Regra (*ao fundo*) — O publico chama o autor ao proscenio.

Pedro — Vá, vá, D. Cesar; vá receber essa ovação que lhe pertence.

D. Cesar (*pegando-lhe na mão*) — A execução é muitas vezes a condição do louvor publico: não prescindo da sua companhia! (*sae com Pedro Roberto*).

SCENA XVI

PASCOAL, THEODORO, depois LAURA, PEDRO ROBERTO, e D. CESAR.

Theodoro — Oh! possuil-a, possuil-a por um momento apenas! Apertar nos meus braços essa mulher que o publico admira applaude e inveja! Quem não daria metade da sua fortuna, metade da vida para se considerar superior a todos, no momento em que tocasse o pomo que a todos fascina, devolvendo-lh'o depois com desprezo! e ver ainda esse resto que desprezara ser acolhido com enthusiasmo, querido e disputado com ardor!?

(N'este momento entra D. Cesar conduzindo pela mão Laura e Pedro Roberto. D. Cesar traz na mão uma corôa de flores.).

D. Cesar (*conduzindo-os á bocca da scena*) — Laura, acaba de comprar o seu titulo d'actriz. (*mostran-*

do-lhe Pedro Roberto) Dou-lhe um irmão, e a corôa do merito (*collocando-lhe a corôa na fronte*) A quem escreve, basta a palma de martyr!

THEODORO — Que dizes, D. Cesar !?

D. CESAR — E' um segredo do coração!

THEODORO (*áparte*) — Poeta! (*para Laura*) Minha senhora, ponho á sua disposição a minha carroagem...

PEDRO (*áparte*) — Que diz elle !?...

LAURA — E' um favor immerecido. Onde está meu pae?... (*procurando-o com os olhos*).

SCENA XVII

OS MESMOS, e PASCOAL embriagado, depois um criado.

PASCOAL — Toca a retir,..ar! Tan, tan,... tan, terran, terran, tan!

LAURA — Meu Deus! Meu Deus!...

PASCOAL — Dá o braço ali ao amig...o e ordinari .. o... mar...che!

LAURA — Meu pae... pelo amor de Deus!...

PASCOAL — Embirrei para aqui. Olha que te dou uma bofet...a...da... se brinc...as!

PEDRO — Oh! isto é indigno!

LAURA (*áparte*) — Que farei?...

D. CESAR (*a meia voz*) — Evite o escandalo!

THEODORO — Estou á sua disposição, minha senhora!

LAURA (*áparte*) — Meu Deus!

PEDRO (*a meia voz*) — Laura...

PASCOAL — Então... vae.. ou... não vae?... Tres direita... volver...

LAURA (*dando o braço a Theodoro*) — Não venceu ainda!

PASCOAL — Marche! (*caminha cambaleando, Laura sae com Theodoro e Pascoal.*)

PEDRO — E eu, eu que a amo tanto! Oh! pelo amor

de Deus, D. Cesar... que me aconselha n'esta afflicção?

CHIADO (*entrando para entregar uma carta a D. Cesar*) — Uma carta para o autor.

D. CESAR — Uma carta? Que vejo! a letra de Cecilia!... será possivel!? (*abre*).

PEDRO — D. Cesar... eu morro de desesperação...

D. CESAR — Oh! tambem eu! tambem eu! (*fechando a carta na mão e fazendo um gesto de desespero*).

Cae o panno.

ACTO II.

(Camara mobilada no ultimo gosto. No fundo uma porta com reposteiro de veludo carmesim : ditas lateraes.)

SCENA I

(Ao levantar do panno Theodoro d'Almeida, vestido para sair, passeia pela scena com impaciencia e consulta o relogio.)

Theodoro — É um defeito que lhe não desculpo!... Hade, sempre, fazer-se esperar meia hora, pelo menos! Estou pelos cabellos... E' um excellente amigo, não ha duvida : pena é que junte ao defeito de se fazer esperar, o de ser poeta! Estes poetas!... primeiro que consigamos trazel-os, dos campos da imaginação, aos factos da vida positiva!...

SCENA II

THEODORO D'ALMEIDA, UM CRIADO, depois D. CESAR.

Criado (*afastando o reposteiro e annunciando*) — O senhor D. Cesar (*sae*).

Theodoro — Ah! fallae no mau apparelhae o pau! julguei que não viesses, D. Cesar...

D. Cesar — Desculpa a demora, Theodoro. O homem nem sempre é senhor de si...

Theodoro — Principalmente um poeta...

D. Cesar (*fazendo um gesto de aborrecimento, e sentando-se*) — Que me queres?

Theodoro — Eu t'o digo. A tua peça agradou muito; mas, infelizmente, não pode continuar.

D. Cesar — Porque?

Theodoro — Por que me lembrei de roubar Laura ás caricias d'esse publico indulgente...

D. Cesar — Que dizes?!...

Theodoro — Digo-te que morro pela actriz! amo-a a tal ponto, que chega a parecer-me impossivel! Levei-a para fora de Lisboa; tenho-a escondida... e não tornará a ser do publico, sem primeiro ser minha! Porém, como sou teu amigo, e calculo o transtorno que esta falta pode fazer-te, quero que me digas francamente que genero de indemnisação posso dar-te.

D Cesar — Olha, Theodoro, tambem sou teu amigo; e esta amizade dá-me o direito de te fallar com franqueza...

Theodoro — Sim, sim... quero que sejas franco!

D. Cesar — O teu procedimento é inclassificavel!

Theodoro — Ainda não te pedi o favor de o classificar.

D. Cesar — Se te commovera um sentimento profundo, d'esses a que não pode resistir, nem sabe, a intelligencia dos homens, seria eu então o primeiro a desculpar-te; mas...

Theodoro (*interrompendo-o*) — Não concedes logo que tenha um coração sensivel, por não ser poeta!?

D. Cesar — O coração que ama devéras, sacrifica-se, não sacrifica!

Theodoro (*comico*) — Oh! mas é um amor tal, que...

D. Cesar — Queres dizer que é um amor cego?

Theodoro — Achaste a palavra!

D. CESAR — O amor, Theodoro, esse amor puro e verdadeiro a que me refiro, sentimento sublime, quasi divino, que nos inspira o espirito da mulher, commove, não allucina! O que allucina, não é amor; é a paixão vulgar; é o desejo!

THEODORO — És um compendio de moral e de philosophia! Mas, desculpa-me em todo o caso: eu preciso partir...

D. CESAR — Partir...

THEODORO — Sim; quero ir passar uns dias com a minha Laura...

D. CESAR — E tua mulher?!...

THEODORO — Mau! D. Cesar, não me falles, pelo amor de Deus, de minha mulher! E' teima!... Eu amo Laura, está acabado!

D. CESAR — Não me digas tal!... desculpa-me, Theodoro, não posso ouvir-te. .

THEODORO — Não podes ouvir-me?. . quem te encarregou de advogar a causa de Cecilia? Se soubesses como te aborrece...

D. CESAR — E' sem razão... mas, não é d'ella, é de ti que se trata.

THEODORO — Pois bem; n'esse caso escuta-me. Vou partir e não sei o tempo que por lá ficarei. Quero que me faças um favor. Vigiar Cecilias.

D. CESAR — Vigial-a !? Vigial-a, emquanto vaes entregar-te a outra mulher!? (*áparte*) Oh! Cecilia! Cecilia!... (*alto*) Theodoro, o comportamento do homem serve de garantia ao da mulher. Além d'isso, bem sabes; as mulheres e as creanças são entes fracos... facilmente seguem o exemplo do mal!

THEODORO (*rindo*) — Descança, D. Cesar; Cecilia comprehende perfeitamente os seus deveres. Além d isso, quem lhe dirá que eu não respeito os meus? O unico depositario do meu segredo és tu.

D. CESAR — E pesa-me, como não imaginas, o deposito!

THEODORO — Não sei por que... Sou teu amigo, Cecilia aborrece-te!... A proposito, queres saber se te engano?... Esconde-te, aqui, n'este quarto e escuta. *(indicando-lhe a porta da esquerda)*.

D. CESAR — Escuta. . o que?

THEODORO — Vamos, não percas tempo; Cecilia vem ahi... olha não a vês? *(apontando-lhe a porta da direita)*.

D. CESAR *(áparte)* — Tem um coração que eu não entendo!...

THEODORO — Então, D. Cesar?... depressa! quem sabe se já te viu... *(abrindo a porta e empuxando-o para o quarto)*. Escuta, e ouvirás o que é bom! *(D. Cesar entra no quarto da esquerda)* Veremos se lhe faço perder aquellas idéas de patronato a favor de Cecilia, determinando-a a auxiliar-me.

SCENA III

THEODORO E CECILIA.

CECILIA *(áparte, correndo a scena com a vista)* — Já aqui não está!... *(alto)* Vinha procural-o, Theodoro.

THEODORO — Eu tambem ia, n'este momento, procural-a, Cecilia.

CECILIA — Isso é tão raro...

THEODORO — Mas succede algumas vezes. Eu ia procural-a...

CECILIA — E eu vinha procural-o para lhe pedir o favor de me acompanhar hoje para Cintra. Tenho passado tão mal com o calor...

THEODORO — Refrescos fazem bem... a neve, por exemplo...

CECILIA *(com tristeza)* — Obrigada.

THEODORO — Infelizmente, a repeito de Cintra, não posso ter o gosto de a acompanhar. Um negocio urgente...

CECILIA — Sempre *negocios urgentes!*

THEODORO — Então! quem os tem... Mas por tão pouco, não vale affligir-se. Peço ao meu amigo Cesar para a acompanhar...

CECILIA — Oh! pelo amor de Deus, senhor, não me falle de D. Cesar!

THEODORO — E' um amigo verdadeiro; tem-me dado, da sua amizade, taes provas que não posso duvidar...

CECILIA — Pois sim; porém não me fallo d'elle. Eu.. aborreço-o!

THEODORO — Não aborrece tal! é capricho... é teima!... é uma loucura...

CECILIA (*áparte*) — E' um segredo do coração!

THEODORO — D. Cesar é um rapaz de excellente comportamento, perfeito cavalheiro... hade lisonjear-se de a acompanhar a Cintra. Vá... vá com elle; vae muito bem!

CECILIA — Escute-me, Theodoro; confesso-lhe que me faz mal a presença d'aquelle homem! não sei que mau destino lhe inspirou aquella amizade. Não me falla senão d'elle; vive quasi exclusivamente com elle: elle sempre a chamal-o, a desinquietal-o, a privar-me da sua companhia.., Oh Theodoro, tu esqueces-me pouco a pouco... esqueces tudo...

THEODORO — Basta, Cecilia; já sei o que ia dizer... (*mais baixo*) Hade ser este anno.

CECILIA — Essa promessa já era do anno passado!

THEODORO — Hade ser este; este, sim: fica certa... mas, agora não é occasião opportuna para tratar d'essas coisas... tenho tanto que fazer! E' preciso partir quanto antes...

CECILIA — Outra vez? Ha oito dias que me não apparecias... vieste hontem, e tornas a deixar-me hoje? Oh! bem digo eu!... Não sei o que me presagia o coração... Theodoro! tu não sabes que o coração de uma mulher parece adivinhar?...

THEODORO — Não creio em feitiços.

CECILIA — Feitiços! não são feitiços! E' que eu leio-te no rosto os segredos do teu coração!

THEODORO — É justamente o que elle não tem.

CECILIA — Não? Diz-m'o sem desviar a vista. (*pegando-lhe na mão*) Diz-m'o, Theodoro!

THEODORO — Desculpa; tenho pressa. O tempo corre...

CECILIA — Oh! pelo amor de Deus, Theodoro, não me abandones; acompanha-me... eu preciso sair de Lisboa!

THEODORO — Sim, sim, hade fazer-te bem; eu vou escrever a D. Cesar...

CECILIA (*áparte*) — Oh! isto é um supplicio!... (*alto*) Não! não escrevas!... Prefiro ficar.

THEODORO — Cecilia, a raiva que tens a D. Cesar offende-me! E' inconcebivel!... faz-me suspeitar...

CECILIA — Meu Deus! o que? (*assustada*).

THEODORO — Suspeitar que... Suspeitar do seu cavalheirismo!

CECILIA — Oh! não! D. Cesar nunca me dirigiu a menor palavra offensiva. Este desamor que lhe tenho... nem t'o sei explicar. E' um segredo do coração!

THEODORO — *Vulgo*: capricho, phantasia. As senhoras presam e despresam os homens como gostam e desgostam das flores. Adeus...

CECILIA — Detem-te.

THEODORO — Faz-se-me tarde.

CECILIA — Um instante ainda, Theodoro! E a tua promessa realisar-se-ha este anno? (*pegando-lhe nas mãos*).

THEODORO — E' provavel.

CECILIA — Jura-m'o!

THEODORO — Faz-se-me tarde, Cecilia; adeus.

CECILIA (*áparte, levando o lenço aos olhos*) — Nem esta esperança para fortalecer-me o animo!

THEODORO (*áparte*) — Creio que vou comprehendendo! Estimo muito! (*alto*) Adeus, Cecilia, adeus. (*sae pela esquerda sem lhe dar tempo de o deter*).

SCENA III

CECILIA (*só*) — Ha presentimentos que nos assustam tanto que não podem deixar de realisar-se! E o que será de mim!... Oh! meu Deus, valei-me! valei-me! Aquelle homem que não cança d'amar-me em silencio, hade cançar-me de o desprezar! Ha oito dias que me sinto cançada!... E quando eu vinha procurar alento nas palavras de Theodoro, refugiar-me nos seus braços...: Theodoro, cala-se, abandona-me, deixa-me só; tão só que tenho medo.. Tenho medo, sim, de estar só, aqui, onde tudo que me cerca é uma lembrança de D. Cesar! Se procuro distracção no piano, as musicas em que pego foram enviadas por elle a Theodoro! Se recorro á leitura, os livros tambem foram escolhidos por elle... tudo, tudo é gosto seu; tudo me falla d'elle, até estas flores!... (*tirando uma rosa*). Tudo me diz que sou eu o seu pensamento constante, unico, invariavel! (*pondo abstractamente a flor no cabello*) Gosto tanto de flores.. Oh! vou mandar vir minha filha. (*chegando á porta do fundo*) Paulina, traze-me Ersilia. A recordação dos meus deveres, que não encontro em Theodoro, achal-a-hei no riso innocente da minha filha! (*indo recebel-a*) Vem, vem minha filha.

SCENA IV

(Paulina apparece á porta do fundo conduzindo Ersilia, que corre a precipitar-se nos braços de Cecilia.)

ERSILIA — Mamã... mamã...

CECILIA — Meu anjo! (*abraçando-a*)

ERSILIA — Olha, não sabes, elle deu-me um beijo.., perguntou-me pela mamã, e não tarda ahi...

CECILIA — Quem, minha filha?

ERSILIA — D. Cesar.

CECILIA — Ah!... Vem minha filha; vamos para o meu quarto...

ERSILIA — Eu sou muito sua amiga, porque elle gosta muito da minha mamã.

CECILIA — Oh! cala-te, Ersilia, cala-te!... Meu Deus! até esta creança! (*sae com ella pela direita*).

SCENA V

(A scena fica por momentos vasia. D. Cesar entra pelo fundo, triste e pensativo, seguido de um criado que traz luz.)

D. CESAR (*áparte*) — Amal-a assim, e ser confidente dos desvarios do marido!...

CRIADO (*pondo a lampada sobre a jardineira*) — Eu vou prevenir a senhora (*sae*).

D. CESAR — Amal-a com este sentimento inexplicavel que tanto mais augmenta quanto menos esperanças tem! E eu julgava tel-a esquecido! Insensato, esta carta (*tirando uma carta*) acordou-me o coração que dormia apenas atormentado pela dôr! (*abre a carta e lê*) « Cesar, estive no theatro e vi a tua composição! das commoções que recebi com o interesse d'aquelle drama de sentimentos, tão nobres, tão elevados, nasceu-me o desejo de te escrever para te felicitar. As relações que entre nós existiram estão hoje de tal maneira aniquiladas, e eu sinto-me tão senhora de mim, que não póde esta carta acordal-as, nem dar-te de mim outra idéa que não seja a de tua amiga sincera. Se não fiz um dia por ti todos os sacrificios, não foi minha a culpa, nem é ainda hoje, se me não sinto arrependida de ter cumprido o meu dever. Guardo no coração um tal sentimento, que outro algum terá força para desarreigar! Mas este sentimento não é, decerto, amor; se o fôra, assim como entendo que devia ser, e como tu o

descreves, que dever n'este mundo podiamos hesitar em sacrificar-lhe?! Adeus, não me respondas nem venhas ver-me; sou tua amiga; sel-o-hei até á morte! *(fechando a carta na mão)* Minha amiga! Oh! não! a amizade é preço muito diminuto para o valor da mercancia! Quizera-lhe antes merecer a raiva, o odio.... *(senta-se aniquilado)*.

SCENA VI

D. CESAR, CECILIA trazendo pela mão a filha.

CECILIA *(á parte)* — Dae-me coragem, meu Deus!..

ERSILIA — Adeus, D. Cesar... como está?

D. CESAR *(áparte)* — Ah! *(alto levantando-se)* Minha senhora...

CECILIA *(sentando-se)* — Senhor... *(pausa)*.

D. CESAR — Eu venho cumprir um dever lisonjeiro de educação: agradecer-lhe as obsequiosas expressões da sua inesperada carta...

CECILIA — É o que me fez arrepender de a ter escripto!

D. CESAR — Cecilia... o seu coração é inexplicavel!

CECILIA — Encerra segredos, fora da comprehensão dos homens!

ERSILIA *(em pé no sophá, e abraçada com a mãe)* — O' mamã, tu estás hoje tão bonita.., não está, D. Cesar? Com esta rosa no cabello...

CECILIA — Cale-se, menina! *(tirando a rosa)* Ahi tem para brincar.

ERSILIA *(cheirando-a)* — Cheira tão bem! Vou dal-a de presente a D. Cesar: quer, D. Cesar?...

D. CESAR *(pegando avidamente na rosa das mãos da menina e beijando-a)* — Quero!

CECILIA — Senhor D. Cesar, lembre-se que foi minha filha quem lh'a offereceu!...

D. CESAR — Cecilia!...

CECILIA — A recordação do meu dever, está n'este innocente!... A sua presença, senhor... contraria-me!

D. CESAR — Pois não me affirmou, que estava perfeitamente senhora de si, que não tinha força para acordar recordações do passado, a carta que me escreveu...

CECILIA — Disse...

D. CESAR — Para que me falla então dos seus deveres?....

CECILIA — Por que o senhor não está frio como eu; está-se lembrando do que desejo esquecer!

D. CESAR — Eu? e quem lh'o disse, minha senhora, senão a sua consciencia?!

CECILIA — A minha consciencia? (*agitada*) Oh!... D. Cesar... (*puxando rapidamente a filha e abraçando-a*) Minha filha!

ERSILIA — Elle fez-lhe mal, minha mamã?

CECILIA — Fez, sim, minha filha, não gostes d'elle que me atormenta!

ERSILIA — Mau!

D. CESAR — Eu atormental-a, Cecilia?... Eu?! Para que me escreveu então? para que fim arremeçou aquella carta ao centro da minha vida resignada?... Para que me acordou o coração?... E não seria crueldade acordal-o da resignação, para o ver expirar, na afflicção das saudades, á mingua de uma esperança?

CECILIA — Perdoe me. Revelou-me que soffria muito, commoveram-me as situações que descreveu... e quiz dar-lhe a amizade por balsamo, D. Cesar... (*mostrando-lhe a filha*) Bem vê qual é a conveniencia que me fecha n'um circulo de ferro o coração! mas ha dentro d'elle um sentimento... uma amizade eterna!...

D. CESAR — A amizade por amor, Cecilia, a amizade é um sentimento de convenção, que os factos estabelecem, que depende do tempo, e que o tempo aniquila de um instante a outro, sem nos deixar d'elle a menor impressão! O amor, sentimento inspirado, in-

voluntario que nos conduz do vicio á virtude, por um caminho de tormentos onde nos purifica! Veja se é possivel acceitar o primeiro em recompensa do segundo. Um que não tem aspirações algumas por outro que é todo esperanças e desejos...

CECILIA (*interrompendo-o*) — D. Cesar, devo á minha filha o exemplo do meu comportamento! Por tudo quanto para o senhor ha de sagrado, não só n'este mundo, como na eternidade, abandone-me! Eu sou mulher... sou fraca... (*abraçando a filha*) Oh! minha filha, que sacrificio estou fazendo ao teu futuro!

D. CESAR — Agora é essa a conveniencia que nos separa! Respeito-a; mas, diga-me, ha sete annos antes...

CECILIA (*interrompendo-o*) — Escute-me, D. Cesar, não me crimine. Ha sete annos, foram ainda as conveniencias que nos separaram! Fui, como sabe, educada na familia de Theodoro. Era orphã, e tinha por condão o soffrimento. Amava-o... amava-o muito, D. Cesar; era a minha unica felicidade esse amor! Mas o destino... (*perturbando-se*).

D. CESAR (*ironico*) — É sempre o destino...

CECILIA — Creia-me!...

D. CESAR — Enganou-me!

CECILIA — Eu amava-o...

D. CESAR — E Theodoro?...

CECILIA — Theodoro... (*perturbando-se*) Oh! pelo amor de Deus! respeite este segredo do meu coração!... por mim, pelo seu amigo... pois acredita que posso ter-lhe amizade? Eu?! ter amizade a Theodoro!... Eu que me tenho consumido de ciumes, invejando-lhe a sorte! que tenho supportado dias inteiros a sua presença para lograr um momento de a ver... Oh! maldito seja elle!

D. CESAR — Que diz? que diz, Cecilia? o meu amigo?...

CECILIA (*ajoelhando junto do sophá onde Ersilia se*

deitou e dorme) — Meu Deus, não escuteis aquella maldição! E' o pae d'este innocente!

SCENA VII

CECILIA, D. CESAR, ERSILIA dormindo, UM CRIADO, depois PEDRO ROBERTO

CRIADO — Senhor D. Cesar, apresentou-se ahi um senhor que deseja fallar-lhe sem perda de tempo...

D. CESAR — Devia tel-o despedido. Não estou em minha casa.

CECILIA *(ao criado)* — Mande entrar. *(o criado sae)*

D. CESAR — Mas, Cecilia, quem sabe o que me quer esse homem?...

CECILIA — E' algum amigo seu. *(senta-se e distrai-se folheando um livro).*

D. CESAR *(á parte)* — Desconfio!...

(N'este momento o criado torna a apparecer e annuncia.)

CRIADO — O senhor Camacho.

D. CESAR *(á parte)* — Camacho?!...

(N'este momento apresenta-se Pedro Roberto perfeitamente caracterisado de burguez pretencioso. Typo antipathico, revoltante e inconveniente, evitando todavia o ridiculo.)

PEDRO *(deitando a luneta)* — O senhor D. Cesar, é v. ex.ª?

D. CESAR *(á parte)* — Esta voz!... *(alto)* Em que posso servil-o, meu senhor?

PEDRO — Oh! servir-me!... sou eu que ponho á sua disposição os meus serviços, o meu prestimo... tudo! Chamo-me Pedro José Simões da Silva Xavier Camacho, um criado de v. ex.ª... e d'esta interessante senhora. *(cortejando)* Minha senhora!

CECILIA *(á parte)* — Antipathica figura!

D. CESAR *(á parte)* — Já vi este homem... não me recordo!... *(alto)* Senhor...

PEDRO (*interrompendo*) — Pedro José Simões da Silva Xavier Camacho, um criado seu aqui e em toda a parte... Oh! sem incommodo, senhor D. Cesar; por quem é... (*chegando cadeira*) Estou perfeitamente! (*senta-se*)

D. CESAR — Posso ter o gosto de saber em que lhe devo ser util?

PEDRO — Util, meu caro senhor!? Oh! sou eu que desejo servil-o, aqui e em toda a parte...

D. CESAR — Perdão; entremos em materia.

PEDRO — Entremos. Eu sou Pedro José Simões da Silva Xavier Camacho... morava em Campolide, mas desculpe-me de não lhe offerecer a casa, porque um facto escandaloso...

D. CESAR — Rogo-lhe que voltêmos ao assumpto.

PEDRO — Voltêmos; como tive o gosto de lhe dizer, eu sou Pedro José Simões da ...

D. CESAR — Pedão, senhor Camacho; abreviemos o mais possivel...

PEDRO — Concordo «le plus que possible» como dizem os francezes. Pois, *mon cher*, correspondo-me com o *Braz Tisana*, e tendo um interessantissimo assumpto, *trop interessant*, para fornecer-lhe, quiz todavia, sem perda de tempo, consultar a sua opinião... e aproveito o momento para o felicitar pelo bom resultado da sua peça.

D. CESAR — Mas talvez que o logar...

PEDRO — Estou perfeitamente. *A' mon aise* Entremos em materia Ha dias que desappareceu uma actriz chamada Laura, que tinha debutado na peça com que v. ex.ª nos mimoseou...

D. CESAR — Senhor, essa questão parece-me impropria do logar...

PEDRO — Perdão, conheço todas as etiquetas e estou convencido... Ora, diz-se que um tal Theodoro d'Almeida...

CECILIA — Como?!... (*sobresaltada*).

D. CESAR — Senhor... (*aparte*) Este homem...

PEDRO — Diz-se não sei, que o tal sujeito Theodoro roubara a actriz, tendo primeiro o cuidado de lhe embriagar o pae...

D. CESAR — Senhor rogo-lhe que mudemos de assumpto, reservando para melhor occasião...

CECILIA — Perdão, D. Cesar; (*a Pedro Roberto*) queira continuar...

PEDRO — O maganão do homem Theodoro roubou a mulher, como dizia, e foi encerral-a em uma casa de Campolide, paredes-meias com o meu predio; porém, como se não desse bem ali, entendeu-se comigo, e eu cedi-lhe a casa. Vi a actriz; é formosa, é mulher d'espirito; pouco mais ou menos, terá a edade de v. ex.ª, minha senhora.

CECILIA (*áparte*) — Meu Deus!

PEDRO — O homem está louco d'amores; ella resiste, e aborrece-o! scena de melodrama, *toujours*; supplicas, e ameaças de um lado; lagrimas e despresos, do outro; chega finalmente a hora dos sacrificios; Theodoro promette-lhe casamento!

CECILIA — Ah!...

D. CESAR — Senhor! Theodoro é casado!

PEDRO — Se é, não sei; era justamente a esse respeito que vinha pedir a sua opinião. (*para Cecilia*) Ora veja, minha senhora, colloque-se v. ex.ª no caso d'aquella pobre rapariga, que recusa a amizade de Theodoro, por lhe repugnar a felicidade, á custa da desgraça de outra mulher... porque Theodoro abandonara por ella, mulher e filhos, tudo...

CECILIA — Realmente, é infame!

D. CESAR — Minha senhora...

CECILIA — Sim! é infame! é até onde pode chegar a desmoralisação de um homem!

PEDRO — E' sim, minha senhora! Veja quantas victimas arrasta o seu louco desejo! O pae de Laura, pobre soldado veterano que morre de arrependimento e de vergonha! sem saber onde lhe pára a filha..

CECILIA — Eu sei, eu sei melhor do que ninguem o numero das victimas! Oh! senhor D. Cesar, isto é indigno! Ah! minha filha! Que hade ser de ti, pobre innocente!?

D. CESAR (*para Pedro Roberto*) — Senhor, nem mais uma palavra a este respeito! Não sabe que está em casa de Theodoro d'Almeida?...

PEDRO — Sim!? Então aquella...

D. CESAR — É sua mulher!

CECILIA (*áparte*) — Oh! comprehendo, agora, o procedimento de Theodoro; mas... quem me assegura que este homem diz a verdade?... D. Cesar parece entender-se com elle... Oh! Santo Deus, que suspeita!... (*dirigindo-se a Pedro Roberto*) Senhor, quem quer que seja, rogo-lhe por tudo quanto preza, que se desdiga sem demora! Sim, confesse que mentiu! que veiu comprado aqui para desconceituar Theodoro no meu espirito... Oh! não sabe como soffro...

PEDRO — Que vim comprado! (*para D. Cesar*) Faz favor de me explicar o que esta senhora quer dizer?!...

CECILIA — E v. ex.ª, senhor D. Cesar, que me persegue com o seu amor insensato, ponha os olhos n'aquelle innocente que ali dorme, e tenha dó de sua mãe!

D. CESAR — Cecilia! está allucinada...

CECILIA — Já me disse que odiava Theodoro, conheço-lhe os sentimentos... Oh! o seu procedimento... é indigno!

D. CESAR (*para Pedro Roberto*) — Senhor! saia immediatamente d'esta casa, se não quer que o faça pular pela janella!

PEDRO (*natural*) — Senhor D. Cesar, eu não sou arlequim, sou actor.

D. CESAR — Pedro Roberto...

PEDRO — A Providencia fará o resto! (*sae*)

D. CESAR — Ah!...

SCENA VIII

CECILIA e D. CESAR.

CECILIA — D. Cesar... perdoe-me o que lhe disse !... se soubesse o tormento que soffro .. Quem era aquelle homem ? Elle mentiu; não mentiu ?

D. CESAR — Não me pergunte nada, Cecilia. Deixe á conta de Deus o comportamento de Theodoro. Tranquillise-se, e separemo-nos !

CECILIA — Deixar-me ! quer deixar-me agora ?! ... Isso não, D. Cesar ; preciso fazer-lhe perguntas sobre perguntas...

D. CESAR — É melhor não. Modere o ciume que lhe causa o comportamento de Theodoro...

CECILIA (*com muita dôr*) — Oh ! não é ciume !...

D. CESAR — Então que é ?!

CECILIA — É... (*perturbada*).

D. CESAR — Incomprehensivel coração! Cecilia, Cecilia... Oh ! separemo-nos !

CECILIA — Pelo amor de Deus, D. Cesar !... não me abandone, se me tem algum amor !

D. CESAR — Algum amor ! Oh ! Cecilia, pois não comprehendeu ainda a que ponto chega esse amor... (*abraçando-a e beijando-lhe a mão*).

CECILIA — D. Cesar, acredite que arrisquei n'este momento o futuro de minha filha !...

SCENA IX

CECILIA, D. CESAR, THEODORO, entrando pela esquerda, sem fazer rumor e observando-os com um riso ironico.

D. CESAR (*tornando a beijar-lhe a mão*) — Mas deste-me uma esperança !...

THEODORO — Que eu venho autorisar !

CECILIA — Ah!...

D. CESAR (*áparte*) — Theodoro!...

THEODORO (*tranquill'o*) — É realmente para admirar a minha apparição, quando me suppunhas bem longe d'aqui! (*rindo*) Mas o teu comportamento, D. Cesar, admira muito mais!

D. CESAR — Basta, Theodoro; offendi-te, e reconheço o meu dever. Devo-te uma reparação! Tel-a-has quando quizeres. Agora que os laços da nossa amizade estão para sempre quebrados, por que me venceu, na luta, o coração; lavar-te-hei com o meu sangue da nodoa que te lancei!

THEODORO — Aconselho-te, D. Cesar, que para melhor occasião guardes o teu sangue nobre...

D. CESAR — Como assim, Theodoro, recusas...

THEODORO — Recuso, sim...

D. CESAR — Mas então és um homem infame!

THEODORO — Parece-te? Ora diz-me: qual será mais infame, o homem que, insultado d'este modo por um amigo que parecia merecer-lhe toda a sua confiança, recusa o duello; ou aquelle que se esquece de todos os deveres da amizade, de todos os preceitos da moral, para commetter uma acção d'estas!? Descança; se te fiz essa reflexão não foi para me justificar de não te acceitar o duello: para esse fim basta dizer-te...

CECILIA (*precipitando-se aos pés de Theodoro, fallando-lhe assustada, a meia voz, como se temera ser ouvida por D. Cesar*) — Perdão Theodoro! mata-me; mas não me aviltes na sua presença!

THEODORO (*repellindo-a com despreso e olhando para D. Cesar*) — D. Cesar, nenhum homem de senso commum se bate pela sua amante! (*apontando para Cecilia*)

CECILIA — Oh meu Deus! meu Deus... valei-me (*D. Cesar faz um gesto de surpresa*).

Cae o panno.

ACTO III

(Camara luxuosa. Portas no fundo para um jardim: ditas lateraes. Dois bellos retratos a oleo, representando uma mulher e um homem, decoram a parede principal nos intervallos das portas. Uma janella á direita.)

SCENA I

(Ao levantar do panno, Theodoro d'Almeida está entre os seus amigos. Reina a mais completa satisfação nos convivas — alguns criados servem-lhes vinho.)

1.° CONVIVA — A' saude de Theodoro!

TODOS — A' saude de Theodoro!

THEODORO — Agradecido; muito agradecido, meus amigos.

2.° CONVIVA — Somos realmente teus amigos: a tua felicidade enche-nos de jubilo!

3.° CONVIVA — E que felicidade! Tres coisas ao mesmo tempo. A herança de um tio, o agrado de Laura e a fuga de uma amante já usada!

4.° CONVIVA — Que levou comsigo a bagagem! accrescentem mais esta.

1.° CONVIVA — Como assim?

4.° CONVIVA — Levou comsigo uma filha.

Todos (*rindo*) — Para educar...

1.° conviva — Ora este caro Theodoro...

Theodoro (*áparte*) — E que será feito d'ella!... (*alto*) Vamos, meus amigos, uma saude a Laura!

Todos — Viva Laura!

1.° conviva (*aproximando-se de Theodoro*) — Mas, no fim de contas, és um maganão de bom gosto! todos te julgavam casado com Cecilia! Recebiam-na como se fôra tua mulher...

Theodoro — Ora, por saberem que eu era rico! Se o não fosse, nenhuma das senhoras que a obsequiavam se teriam dignado olhar para ella. Felizmente, Cecilia trahiu-me, e eu desfiz-me d'aquelle peso!...

1.° conviva — Foi ella que te fugiu?

Theodoro — Foi sim. Fiquei-lhe muito obrigado! Deixemos o que lá vae! Amigos, o que passou, passou! O futuro, ninguem vê. Occupemo-nos do presente, que é nosso! A' saude de Laura!

Todos — A' saude de Laura!

1.° conviva — Astro da scena!

2.° conviva — A perola das formosas!

3.° conviva — A mais fiel das amantes...

Todos — Viva Laura! Viva!...

Theodoro — Silencio... silencio... parece-me que ouvi parar uma carroagem... não me enganei... E' ella! E' ella...

(Theodoro sae pelo fundo, seguido de todos.)

SCENA II

(A scena fica por momentos vasia. Theodoro volta pelo fundo trazendo Laura pela mão. Laura vem toda vestida de negro, seguida pelos seus convidados.)

Theodoro — Esta casa pertence-lhe, Laura. E' o primeiro presente que lhe faço.

LAURA (*com despreso*) — Podia ser melhor.

THEODORO — Porém, note que o mais decidido luxo, os objectos de maior preço .

LAURA — A minha imaginação vae muito mais longe! Vá buscar o meu cãosinho que ficou na carroagem.

THEODORO — Ingrata!... Eu vou... (*sae pelo fundo. Laura senta-se*).

1.° CONVIVA (*baixo ao segundo*) — Onde vae elle?

2.° CONVIVA (*idem ao segundo*) — Vae buscar-lhe o cão...

1.° CONVIVA (*idem*) — Ora essa..,

2.° CONVIVA (*idem*) — E' natural! Eu iria buscar-lhe o cão, o gato... tudo que ella quizesse!

1.° CONVIVA — Menos essa! Fazer do amante moço de cães! não sei o que me parece.

LAURA — Meus cavalheiros, sinto-me tão fatigada que me incommoda o menor ruido. Quero estar só.

1.° CONVIVA (*áparte*) — Mal criada!

2.° CONVIVA (*aos outros*) — Como é interessante! (*saem cortejando-a*).

SCENA III

LAURA, THEODORO D'ALMEIDA trazendo um cãosinho, OS CONVIVAS prestes a sairem.

THEODORO — Que é isso, então retiram-se já?... Ora essa!... (*os convivas fazem-lhe algumas observações*) Queria que fossem testemunhas do rico serviço que comprei... (*n'este momento o cão lança um latido*).

LAURA — Tome cuidado no que faz! Parece que está pegando n'algum bruto!

THEODORO — E tão bruto que me deu já a entender quantos dentes tinha nas queixadas! Minha senhora, eu não me entendo com cães! Aqui o tem.

LAURA (*deitando-lhe a luneta*) — Hade aprender... (*pausa*) Vá deital-o sobre a minha cama, e corta-lhe as

cortinas para evitar os mosquitos. Se é que essa cama tem cortinas...

THEODORO — Pois não hade ter! Ora essa...

LAURA — Então, faça o que lhe digo.

THEODORO (*á parte*) — Muito soffre quem ama... (*saindo pela direita, e fingindo acariciar o cão*) Deixa estar meu interessante brutinho!...

LAURA (*recostando-se no sophá e levando o lenço aos olhos*) — Oh! meu pae!

(Theodoro volta momentos depois.)

THEODORO (*indo fechar as portas do jardim*) — Está correndo ar... pode constipal-a!... (*voltando á scena, contempla Laura, e falla-lhe com doçura*) Laura... não queres tirar o chapeo?

LAURA — Que lhe importa? se quizesse, não esperava que m'o perguntasse!

THEODORO — Desculpa. Foi uma pergunta indiscreta, conheço; mas...

LAURA — Vamos; não foi tanto como lhe pareceu: (*tira o chapeo. Theodoro vae pegar-lhe, ella atira-o para um sophá*) Theodoro, faz-me um favor?

THEODORO — Se te faço um favor?... mil!

LAURA — Sente-se aqui: deixe-me descançar os pés nos seus joelhos...

THEODORO — Minha Laura... (*subjeitando-se*) Sim; o meu logar é a teus pés. Vens encher-me de encantos a vida; é justo que te adore! A belleza subjuga o poder!

LAURA (*indolente*) — Falsa explicação que o orgulho inventa para não córar de pejo ao ver-se abatido! Quem te prende ahi, Theodoro?

THEODORO — Os teus attractivos, Laura!

LAURA — Os meus attractivos! Quando eu era pobre e vivia vida honesta, era acaso menos bella na pureza do meu viver? Quantas vezes passaste pela minha

porta, emproado e contente de ti no luxo do teu vestuario, sem te dignares lançar-me sequer um olhar de ternura atravez a nuvem de fumo que o teu charuto me deixava?

THEODORO (*interrompendo-a*) — Conhecias-me de vista... e gostavas de me ver?...

LAURA — Para rir. Eu ria-me dos ricos por ser pobre! Escuta. Viste-me depois nas salas do conservatorio applaudida pelos mestres; e mais tarde no theatro victoriada pelo publico. Foi no meio do meu triumpho que o teu coração sensivel descobriu os attractivos que te prendem agora, a meus pés!

THEODORO (*interrompendo*) — E já não ris de mim!?

LAURA — Tenho-te dó. A rapariga honesta, recolhida, e pura, não era digna dos teus olhares. A mulher victoriada, mereceu todos os teus desejos. Se alguem dissesse que te prendiam os attractivos da primeira, ria-se de ti o *mundo doirado!* Se proclamarem que desfructaste a actriz formosa, invejam-te a sorte! Uma não podia dar-te mais do que algumas horas de prazer. Outra, dá-te com ellas a importancia de te chamarem seu amante! A cada corôa que a benevolencia publica arrojar a meus pés, será o teu nome pronunciado com inveja! E tu hasde apresentar-te ufano e sobranceiro nas platéas, por que torturas e esmagas, sobre o teu coração de marmore, a mulher que o publico victoreia!

THEODORO — Laura! É o amor que me prende aqui! Tu amas-me?

LAURA — Dá-me um copo de *champagne*. (*Theodoro levanta-se e obedece*).

THEODORO (*áparte*) — Na noite das primicias, impera o capricho!

(**Laura esgota o copo e atira-o ao acaso.**)

THEODORO (*áparte*) — Quebra desapiedadamente!

(*alto*) Muito bem, Laura. Os sacrificios que lhe fiz, devem merecer-lhe alguma attenção! Ama-me?

Laura — A convivencia com o senhor fez-me notar que essa palavra não tinha *sentido*, e por isso risquei-a do meu diccionario.

Theodoro — O que? Como? pois não é ter-lhe amor, sacrificar-lhe a mulher a quem tinha promettido casamento, despresar uma filha, fazer gastos extraordinarios...

Laura (*rindo*) — Um coração indifferente ás lagrimas de uma mãe, recusando a sua filha o nome e o futuro que lhe deve, fica realmente muito habilitado para fallar d'amor a outra mulher! A palavra é tão facil de se dizer, como o sentimento difficil de se provar! Então, ama-me muito?

Theodoro — Se a amo!

Laura — Abusou da credulidade de meu pobre pae, embriagou-o, levou-nos enganados para fóra de Lisboa, depois encerrou-me; e durante esse tempo meu pae finou-se de arrependimento e vergonha! Roubou-me a unica affeição pura que tinha! E ama-me muito?

Theodoro — Muito! com loucura, com delirio!... Oh! tu tens muito espirito, Laura; sabes fazer de tudo um argumento logico, philosophico... o que quizeres! Eu não sou forte por esse lado; conheço; é defeito meu... involuntario... não vou bem por ahi! Mas em compensação, pede-me o que te parecer! Tudo que o capricho e a vaidade de uma mulher póde inventar até á saciedade, tudo satisfarei sem murmurar!

Laura — Pois sim! Vejamos se te acho fraco onde te julgas forte!

Theodoro — Oh! ainda que eu tivesse de ficar reduzido á miseria, a comer terra!...

Laura — Typo do demonio tentador! Admiro-te! És grande na tua obra de perdição!

Theodoro — Laura...

Laura — Não receies que te escape! Infelizmente

já colhi algumas d'essas flores que o mundo semeia no caminho do vicio e do erro para attrahir os incautos! Já tomei o gosto ao luxo e á opulencia! Sim, agradam-me estas sedas, estas rendas; amanhã, depois de amanhã, no outro dia; um dia, ao acabar o luto de meu pae, enganarei a dôr do coração cobrindo-me de joias e cravando n'ellas o meu olhar ambicioso! Theodoro! Eu não te amo! não me entrego!... (*mais baixo*) Vendo-me, porque me arrasta a ambição!

THEODORO — Mas és minha finalmente?!...

LAURA (*vacillando*) — Oh! ainda não, ainda não... Quero ainda por um instante conservar-me pura, para meditar n'aquelles que me votavam uma affeição sincera! Respeita esta despedida solemne do sentimento ao despejar-me o coração!... Oh! meu pae!... Oh! Pedro Roberto!...

SCENA IV

LAURA, THEODORO D'ALMEIDA, um criado, depois PEDRO ROBERTO.

CRIADO — Meu senhor, está ahi um homem que deseja ler uma peça á senhora.

THEODORO — Agora não pode ser.

LAURA — Mande entrar.

THEODORO — Não quero! É algum drama em cinco actos... Diga que não pode ser.

LAURA — Não teimes, Theodoro; eu não sei dobrar-me! Mande entrar!

(O criado sae.)

THEODORO — Realmente, é um despropósito!...

LAURA (*sentando-se*) — Tem graça!...

THEODORO (*muito contrariado*) — Um autor dramatico, n'estas alturas... excellente coisa!

(O criado introduz Pedro Roberto disfarçado, perfeito macaco social, cabelleira, luneta, fato usado e ridiculo, obrigado ao requinte da moda. Maneiras pouco desembaraçadas, e muita presumpção.)

PEDRO — Peço licença...

THEODORO — Pode entrar. (*áparte*) Perfeito macaco! Temo-la travada! O rolo de papel pesa mais do que elle!

PEDRO — A senhora D. Laura...

LAURA — Sou eu. (*deitando-lhe a luneta*).

PEDRO (*idem*) — Minha senhora...

LAURA (*áparte*) — Oh! meu Deus! aquella voz!...

PEDRO (*áparte*) — Quem sabe se venho a tempo!...

LAURA (*áparte*) — E' elle!...

THEODORO (*áparte*) — O insigne autor está perturbado. (*alto*) Então v. s.ª quer ler um drama a D. Laura? E' favor; D. Laura queixa-se de dôres de cabeça...

LAURA — Estou melhor, posso ouvir.

THEODORO (*áparte*) — Não ha remedio.

LAURA — Quando quizer... (*áparte*) Mal posso fallar!

PEDRO (*sentando-se*) — Tanta bondade!... (*tossindo ao desenrolar o papel*) E' um drama em cinco actos...

THEODORO — Em cinco actos! olhe... (*áparte*) que excellente idéa que tive. (*alto*) Diga-me uma coisa: o senhor quer vender a peça? compro-lh'a a olhos fechados! (*pegando-lhe e calculando o peso*) Com licença... ella parece boa... hade convir ao theatro. Compro-lh'a a olhos fechados!

PEDRO — E' como por ahi se está comprando tudo!... Vende-se quasi que a peso!

THEODORO — Quer vender?

PEDRO — Não senhor; quero ler.

THEODORO (*áparte*) — Este prefere a gloria! Casmurro!

PEDRO (*tossindo*) — V. ex.ª dá licença?

(Laura faz um gesto.)

THEODORO (*sentando-se em distancia, áparte*) — Que vontade que tinha de lhe torcer o pescoço!

PEDRO — O titulo é — *o amor de um actor.*

THEODORO — Perdão; o titulo cae em verso; e parece-me inverosimil, além de soar mal. (*áparte*) O erro começa pelo titulo!

PEDRO (*acanhado*) — Acha que sôa mal? E inverosimil, será? Pois um actor não pode amar?! Eu conheci um que...

LAURA — Queira ler. (*áparte*) Comprehendo tudo!

PEDRO — Os personagens do acto são um usurario, Thereza mulher do dito, Anna, filha do dito, Amancia, amante do dito, e Augusto, amante da amante do dito!

THEODORO — E' um catalogo de ditos!

PEDRO — O theatro representa uma casa, mas eu acho melhor que seja uma rua com a casa praticavel no fundo, e á roda lampeões de gaz. A casa do fundo que tem no fundo uma porta, deixa ver ao fundo, quando esta se abra, uma alcova funda.

THEODORO — Como o senhor arranjou ahi uma reunião de fundos! (*áparte*) Fundo não tem o tal autor!

PEDRO — Scena primeira, Augusto, que é o actor, vae beijar a porta do fundo.

THEODORO — Tem alguma novidade.

PEDRO — E diz, — Augusto — Ella habitava aqui Tão bella e pura na sua miseria... Branca açucena que a lama das cidades manchou!

LAURA (*áparte*) — Oh! meu Deus!

PEDRO (*áparte*) — Ella comprehendeu! (*alto*) Hoje, perdida no ruidar lisonjeiro dos salões, quem lhe terá

amparado o coração contra a vaidade dos homens! Amam-na por vaidade! Semeiam-lhe de flores o caminho, para que não pise os abrolhos que na volta hade encontrar! (*em tom differente*) N'isto vem uma rapariguinha e pede-lhe esmola. Dá uma esmolinha para sustentar minha mãe que morre de fome! — Augusto — E quem é tua mãe? — Rapariga — Era uma senhora que meu pae desprezou por amor de outra mulher. (*movimento de Theodoro. Pedro Roberto continua*) Se visse como se tem arrastado por essas ruas, de noite, pedindo esmola, que lhe não dão, para me sustentar; as lagrimas que eu lhe tenho enxugado com os meus beijos!... E agora que está doente, peço eu tambem para ella! Dá-me uma esmolinha?

THEODORO — Isso é *fastidioso*!...

LAURA — Mas interessa.

PEDRO — Pois é possivel — diz Augusto — que haja em peito de homem um coração assim!?...

THEODORO (*levantando-se*) — E' inverosimil!

PEDRO (*continuando*) — Será possivel que uma mulher acceite a felicidade á custa da desgraça de outra?! Que se não dôa de remorsos ao lembrar que...

LAURA — Perdão. Theodoro, dê-me um copo de champagne.

THEODORO — E' uma receita infallivel para ouvir com paciencia um drama discursador! (*collocando a garrafa e os copos sobre a mesa, e servindo Laura que bebe com avidez*).

PEDRO (*aparte*) — Oh! meu Deus! Embriaga-se para não sentir a dôr do remorso, nem a vergonha da sua posição!

THEODORO — O senhor não quer servir-se?

PEDRO (*continuando*) — E essa mulher que trahiu o mais sagrado juramento...

LAURA (*esgotando outro copo*) — Era realmente culpada! Que faria ella para não morrer de remorso?...

PEDRO — Faria o que v. ex.ª faz! Bebia com excesso!

THEODORO — Senhor!...

LAURA (*levantando-se e cambaleando um instante*) — Infeliz! talvez que já não podesse recuar! Teria, como eu, aspirado o perfume das grandezas, deslumbrado a vista na contemplação de joias e alfaias; ter-lhe-hia devorado o coração o luxo? pervertido a alma as pompas mundanas?!... Oh! meu Deus, se ha um Deus para quem se perde, valei-me! (*cae aniquilada em um sophá á direita da scena*).

PEDRO (*áparte*) — Infeliz! e desgraçado de mim!

THEODORO — Meu caro senhor, bem lhe tinha eu dito que Laura estava incommodada...

PEDRO — E' o mesmo; virei n'outra occasião. (*enrolando o papel, áparte*) Fiquei sabendo que ainda ha n'aquelle coração um resto de pudor! Empregarei o tempo!

THEODORO — Eu lhe vou indicar o caminho. Por aqui. (*indicando-lhe a porta da esquerda*). É mais breve.

SCENA V

LAURA só, momentos depois CECILIA, entrando pelo fundo, trazendo a filha pela mão, e dando signaes de alienação.

CECILIA (*olhando para traz*) — Já o não vejo!... Era elle... era elle!... (*correndo e largando a filha*).

ERSILIA (*dirigindo-se a Laura*) — Dá uma esmolinha para a minha mamã?

LAURA (*como acordando de um lethargo*) — Que voz é esta!?...

ERSILIA — Dá?

LAURA (*levantando-se*) — Meu Deus! Esta creança... (*olhando e vendo Cecilia*). Aquella mulher... Jesus!... quem é esta gente!?...

CECILIA — Onde estou eu? (*caminhando para Lau-*

ra) Senhora... (*desfallecida e supplicante*) A minha filha morre de fome!...

Laura (*comsigo mesma*) — Uma mãe ver padecer fome a filha! Deve ser horrivel!

Cecilia (*desconsolada*) — Ninguem escuta a voz da pedinte que mendiga a subsistencia de sua filha!... Ai! vamos, filha... Seja feita a vontade de Deus! (*dizendo isto, volta, e dando com os olhos no retrato de Theodoro, lança um grito*). Ah! Theodoro!...

Laura (*que tem ficado pensativa, acordando, e comprehendendo a situação*). Jesus! E' o meu remorso vivo, esta mulher! (*pausa: em uma luta fortissima de commoções intimas, Laura contempla Cecilia, e passa gradualmente da expressão do terror ao sorriso particular da mulher que se sente purificada pela concepção de um pensamento elevado*).

Cecilia (*murmurando*) — Seja feita a vontade de Deus!

Laura (*pegando-lhe na mão e conduzindo-a como inspirada*). — Venha comigo, senhora.

(Cecilia deixa-se conduzir abstractamente e ambas saem pelo fundo)

SCENA VI

(A scena fica por momentos vasia, sente-se quebrar o caixilho da janella da direita, momentos depois apparece Pascoal.)

Pascoal (*só*) — Bembom! Os annos não prostraram o vigor d'um soldado da restauração! (*com ironia*) Repelliram-me na porta, sem se lembrarem que me ficava a janella! Estou na praça! Falta-me o inimigo... Oh! d'estes que por aqui passam, em deleites, a vida, sobre sophás tão macios, mulherengos! que honra deixa combatel-os ao veterano usado nas mais duras cargas de cavallaria! (*com ironia*) E' o mesmo que se eu pegasse n'estas garrafas de vinho, (*pegando-lhes*) e as atirasse por esta janella fóra. (*atira-as*) Agora fechemos-

lhe as barreiras. (*dirigindo-se para as portas do fundo, depara com o retrato de Laura*) Ah! aquelle retrato... é de Laura! da minha filha! (*pausa, com muita commoção*) Quem sabe por que preço estás ahi retratada! filha da minha alma! E fui eu, eu, teu pae, teu unico defensor, que te... *entreguei!*... Mas, tinham-me embebedado! (*rindo e chorando amargamente*) Sim! tinham-me embebedado!

SCENA VII

PASCOAL ao fundo, THEODORO entrando pela esquerda sem o ver.

THEODORO — Pobre poeta... pilhou aquella historia a dente, e arvorou-a em drama! (*rindo*) Estes dramaturgos das duzias... Entretanto, Laura commoveu-se... vamos vêl-a.

PASCOAL (*que o escutou, tocando-lhe no hombro no momento em que elle vae abrir a porta da direita*). — Primeiro hade ajustar as contas com o pae.

THEODORO (*surprehendido*) — Quem está ahi!?

PASCOAL (*fazendo-lhe continencia com ironia*) — O pobre diabo do sargento Pascoal...

THEODORO (*perturbado, correndo a scena com a vista; áparte*)— Estou só com elle! (*alto*) Olá, nobre veterano, como o não esperava.. então não quer tomar um copo de champagne? (*procurando as garrafas*).

PASCOAL (*tirando do seio da sobrecasaca uma pistola, e engatilhando-a com placidez*) — O senhor sabe fazer o acto de contricção? (*tomando-lhe a retirada*).

THEODORO — Que quer dizer?...

PASCOAL (*com sangue frio*) — Que o vou matar.

THEODORO (*muito perturbado*) — Ora essa... (*tremendo de medo*) Ora essa... matar-me!... (*áparte*) Falta-me a voz! não posso chamar soccorro... (*caindo aniquilado e estupido de medo, sobre uma cadeira*).

Sargento! quer envilecer-se, commettendo um assassinato!?...

Pascoal — E quem é que me chama ao caminho da honra? o homem que me deshonrou! Então, este bigode branco, que me nasceu entre o fogo das fileiras; que um inimigo nunca, impunemente, viu de perto; o habito que a augusta mão do imperador me collocou ao peito; este peito que serviu de muralha ao throno dos nossos reis, e á liberdade do povo portuguez; tudo isto hade ficar assim deshonrado por um homem que nunca pegou n'uma espada, por um... Oh! meu senhor, isso não! A honra é um segredo do coração, que só o soldado entende!

Theodoro (*áparte*) — Elle mata-me! (*levantando-se*) Senhor Pascoal... mas bem sabe que n'este mundo a convenção faz tudo! Lembre-se da convenção d'Evora-monte... pois tambem nós convencionamos; eu dei-lhe... Perdão, não é por fallar n'aquella ridicularia; estou promplo a duplical-a!... Fal-o-hei feliz...

Pascoal (*atirando-lhe uma bolsa com dinheiro*) — Ahi tem o seu dinheiro! O meu castigo, é lembrar-me que estendi esta mão para o receber... mas, eu estava tonto! E' ahi onde vejo a sua maior infamia! Abusou de um pobre velho, que ha tanto tempo não via nem oiro nem vinho do Porto... e tirou partido de um momento de fraqueza!... Oh!... minha pobre filha...

Theodoro (*áparte*) — Oh! que idéa que tive! Não vejo aqui o champagne, naturalmente Laura fez-lhe as *honras da casa*, e decerto está embriagada!... E' capaz de despedir o pae ás gargalhadas...

Pascoal — Então, senhor, isto hade acabar! Consulte a sua consciencia... Oh! se a esta hora estou deshonrado...

Theodoro — Perdão; não senhor, não senhor; Laura vae lançar-se-lhe nos braços...

Pascoal — Oh! minha filha... com que vergonha vou apparecer diante de ti!...

Theodoro (*abrindo a porta*) — Estou certo que ha-de perdoar! (*com ironia*).

SCENA VIII

PASCOAL, THEODORO, e CECILIA apparecendo á porta com a filha

Cecilia (*precipitando-se-lhe nos braços*) — Sim, sim... eu te perdôo, Theodoro...

Theodoro — Ah!...

Cecilia — Aqui tens a tua filha que vem pedir-te o seu nome e a honra de sua mãe!

Pascoal (*ápa te*) — Oh! este homem, era pois um perverso!...

Theodoro — Cecilia..

Cecilia — Bem vês que se o erro, em que pequei por pensamento, me tivera manchado o coração, Theodoro, não me atreveria a levantar os olhos para ti! Desculpa-me um desvario, respeita aquelle segredo fatal do meu coração... e dá um nome á tua filha, cumprindo assim as tuas promessas!

Pascoal — E Laura?! quem hade restituir a um pae a filha, ao soldado a honra dos seus cabellos brancos!?...

SCENA IX

PASCOAL, THEODORO, CECILIA, ERSILIA, PEDRO ROBERTO trazendo pela mão LAURA.

Pedro — Eu, senhor Pascoal!

Pascoal — Ah!... Laura... minha Laura... (*abraçando-a*) Tu vês-me córar?!... É a primeira vez que se me fazem vermelhas as faces. E' de arrependimento!... Mas, falla, falla... dize-me... Mas eu tenho medo!... Tambem é a primeira vez que tenho medo! (*pegando-lhe nas mãos e apertando-as sobre o coração*). Oh! mas

a filha deshonràda não sorri assim diante do pae... (*abraçando-a*) Minha filha!.... minha Laura!... E tu, (*para Pedro Roberto*) Oh! bem hajas pelo que fizeste! devo-te tanto...

LAURA — Eu pagarei a divida de meu pae.

PEDRO — Quero o capital na forma da lei, e o juro em ternuras... (*pegando-lhe na mão*).

PASCOAL — Sim! Que Deus abençoará comigo!

PEDRO — Mas, escuto ali um gemido...

LAURA — Pobre mulher!

PEDRO — Representei uma comedia tão nova, quanto intima e original, a que vou pôr um termo, possuido do mais vivo prazer. (*para Theodoro*). Senhor, ha segredos tão profundos no coração humano, que nos não é dado comprehender, por mais que lhes estudemos os effeitos! Acredite-se na honra de um cavalheiro que se expatria para não faltar aos deveres da amizade! D. Cesar partiu hoje de Lisboa; embarcou-se para Africa.

THEODORO — Cecilia!... (*abraçando a filha*) Minha filha... Tens um pae!

Cae o panno.

A Domadora de feras, comedia em 1 acto, 1 vol, 8.° fr...... 160

BULHÃO PATO.

Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto, 1 vol. 160

A. CEZAR DE LACERDA.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, 1 vol. 8.° fr....... 320
A Duplice existencia, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr....... 240
A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo, 1 vol. 8.° fr. 300
Os Filhos dos trabalhos, drama em 4 actos. Preço....... 360
Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos.... 180
Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço....... 300
A Aristocracia e o dinheiro, comedia em tres actos....... 300
Coração de Ferro, drama phantastico em cinco actos....... 300

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. Preço..................... 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço..... 240
Uma Victima, drama original em tres actos............ 160

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr... 240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. —Preço 80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, drama em tres actos............ 160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr...... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 400

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.° francez . 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.° fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.° fr. 200
As Obras de Horacio, imitação, comedia em um acto. Preço 120
Um Homem de Consciencia, comedia em dois actos....... 160

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.° fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.° fr........ 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.° fr. 200
Memorias do Coração. Preço 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos............. 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço 240
O Marido no Prégo, comedia em um acto............. 160
Já não ha tolos!... comedia em um acto............... 80
Não desprese sem saber, comedia em um acto........... 120
O Colono, comedia-drama em tres actos.............. 160
Segredos do Coração, comedia-drama em tres actos...... 200

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN.

A Vida em Lisboa, comedia-drama em 4 actos........... 300

L. DE VASCONCELLOS.

A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço........... 320

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.° francez. Preço..... 1:800

J. ROMANO.

29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço 360

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240
O Pae prodigo, comedia em tres actos............... 200
O Homem das Cautelas, comedia em dois actos. Preço.... 200
Gil Braz de Santilhana, comedia em tres actos........... 180

F. SERRA.

O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço....... 240

JOSE' IGNACIO D'ARAUJO.

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos...... 200
Um Bico em Verso, scena comica. — Preço............ 60

JOSE' DE TORRES.

Tudo no mundo é comedia; comedia em tres actos....... 200

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. — Preço................ 360

J. E. COELHO.

Amor e Amizade, comedia em um acto............... 80

JOSE' DE VASCONCELLOS HASSE.

A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos........ 160

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA.

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos, 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda = Les quatre fils Aymon. — Preço............ 320

GUILHERME AGUIAR.

Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos... 200

MANUEL ODORICO MENDES.

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. — Preço................ 200

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES.

Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.° francez. Preço.......... 360
Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço............... 100
Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.° fr. Preço..... 200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.............................. 80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio ou metamorphoses politicas de um homem particular feito homem publico por obra e graça............................ 80
O Mentor da mocidade.......................... 120
Ensaios poeticos. Preço......................... 60
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.° port. 120

NO PRELO.

Remechido o Guerrilheiro, ou os ultimos dez annos da sua vida, drama em 3 actos, e duas epocas, precedido de um prologo.
Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em quatro actos
A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos.
Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos.
A Conquista d as Amazonas, comedia-drama em dois actos.
Um Risco, comedia em dois actos.
A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.
O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos.
Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em um acto.
A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.
Pedro Cem, comedia em cinco actos.
O Maestro Favilla, drama em tres actos.
O Arrependimento salva, drama em 1 acto.
Amor e arte, drama em 3 actos.
Fernando, comedia-drama em 4 actos.
Graziella, drama e 1 acto.
Não envenenes tu, a mulher, qui-proquo em 1 acto.
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto.
Dois cães a um osso, comedia em 1 acto.
Minhas Lembranças, poesias de F. D. d'Almeida Araujo.
Os Brasões das cidades e villas de Portugal por I. de V. Barbosa

O ULTIMO DIA DOS JESUITAS EM PORTUGAL

DRAMA ORIGINAL HISTORICO PORTUGUEZ

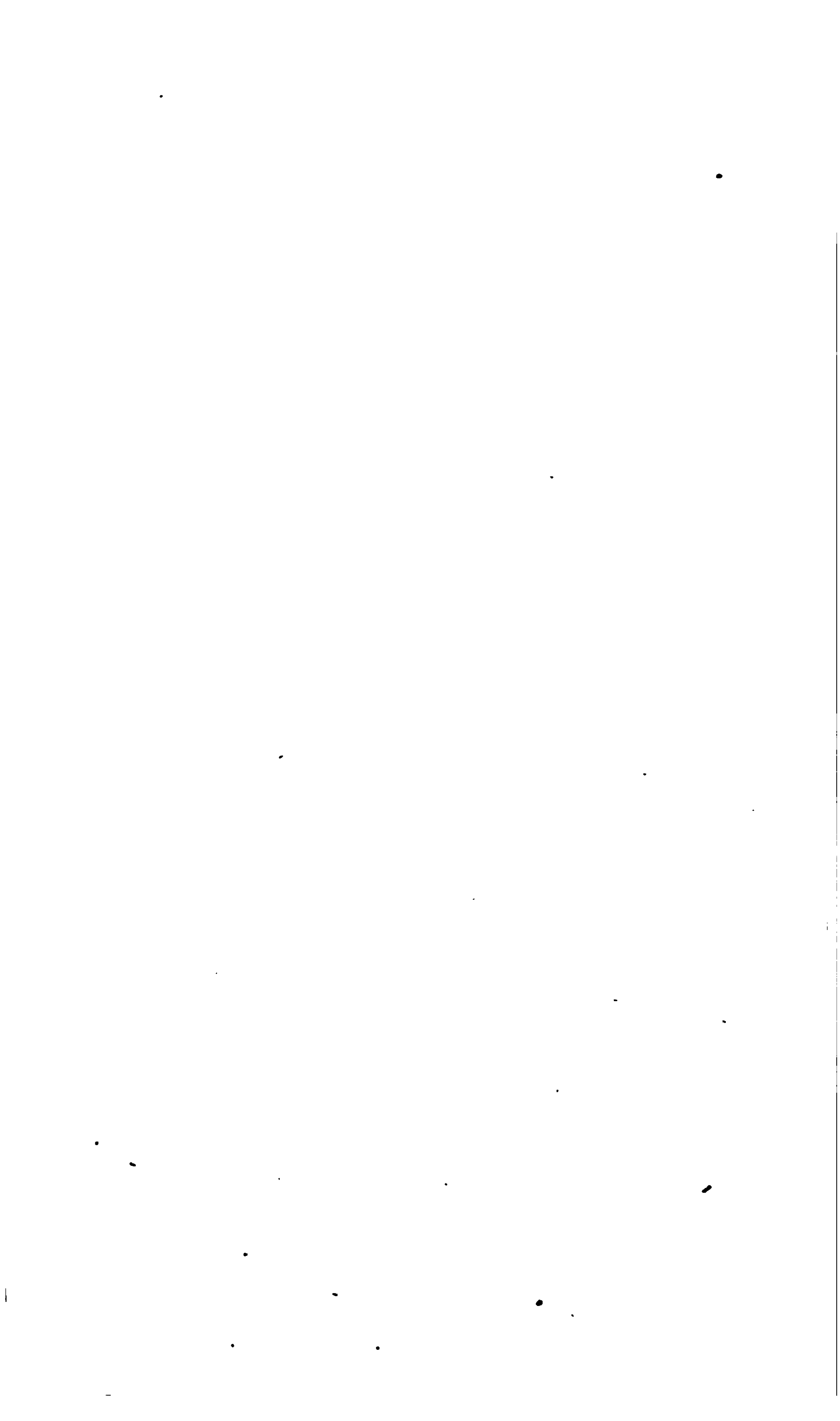
EM

QUATRO ACTOS, OITO QUADROS E UM EPILOGO

POR

ALFREDO HOGAN

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria 73

1862

ACTO I

QUADRO I — *O ministro e o jesuita.*

ACTO II

QUADRO II — *Uma jesuita!*
QUADRO III — *O desconhecido.*

ACTO III

QUADRO IV — *A vingança mallograda.*
QUADRO V — *O dedo de Deus.*

ACTO IV

QUADRO VI — *O rei e a favorita.*
QUADRO VII — *O conde de Oeiras.*
QUADRO VIII — *A vingança da ordem.*

EPILOGO

INTERLOCUTORES

D. José I, rei de Portugal.
Sebastião José de Carvalho e Mendonça, ministro do reino.
O Desconhecido.
D. Leonor Tello, jesuita.
D. Maria Tello, aliás D. Maria Theresa Tavora, filha natural de Sebastião de Carvalho, e de Leonor Tavora.
Diogo de Mendonça Corte-Real, ex-ministro de estado, outr'ora valido d'el-rei.
O Desembargador do paço, Antonio da Costa Freire.
Nuno d'Almeida, filho natural de Sebastião de Carvalho, e de D. Leonor Tello, jesuita.
O Padre Vicente de Deus, jesuita.
Diogo Paes, espião de Sebastião de Carvalho.
Julião, velho criado e aio de Theresa Tavora.
Um sacerdote celebrante.
Um official militar.
Um camarista } Do passo.
Um porteiro }
Gabriel, negro-criado de Sebastião de Carvalho.
Soror Paula, abbadessa do mosteiro do Bom Successo.
Soror Joanna.
Religiosas.
Uma secular.

A acção é em Lisboa — 1759.

ACTO I

QUADRO I

O MINISTRO E O JESUITA.

(Sala em casa de Sebastião de Carvalho, mediocremente mobilada e destituida de luxo e apparato. Portas no fundo communicando com o exterior: outras lateraes: e uma outra falsa, do lado esquerdo do espectador.)

SCENA I

(Ao levantar o panno, SEBASTIÃO DE CARVALHO está sentado n'uma poltrona, em frente da qual ha uma pequena mesa de pé de gallo com papeis, e objectos para escripta. GABRIEL ao fundo da scena parece aguardar, em profundo silencio, as ordens de seu amo.)

CARVALHO (*para Gabriel*) — Gabriel, repete os nomes das pessoas que solicitam fallar-me.

GABRIEL — D. Leonor Tello, e o reverendo padre Vicente de Deus.

CARVALHO — E quem procura o ministro do reino?

GABRIEL — Ninguem, senhor.

CARVALHO — Dão hoje mais que fazer os negocios domesticos, que os de estado; assim era de esperar. (*a Gabriel com modo significativo*) Fazei entrar D. Leonor. (*Gabriel sae pelo fundo*) O que ahi vae de reboliço por Lisboa, e agora talvez já pelo reino! Seja embora este o meu ultimo passo na côrte, mas ao menos ficará gravado como pegada de bronze sobre o gelo! E' a minha despedida: são os meus adeuses. A ultima medida de um governo solido,

calcando a hydra abominavel, que procurava roer-lhe os alicerces enroscando-se na base do throno, e perante a qual attonitos recuavam os pequenos; submissos, baixavam os grandes a cabeça! Cairei victima do meu zelo... terei fim, como todos que sabem governar junto do rei! Não importa. Eu sei que pode arrastar-me o colosso infernal no abysmo em que vae cair!... Não importa. Cairemos juntos... mas a côrte fica limpa de quantos traidores a inundavam com triumpho. Ficam aterrados, confundidos; jámais hãode levantar-se!

SCENA II

O MESMO e D. LEONOR TELLO, vestida de preto: faz uma pequena venia antes de se aproximar, e Sebastião a *comprimenta*, sem se levantar, indicando-lhe uma cadeira *em frente* da sua.

D. LEONOR — Eu venho queixar-me a v. ex.ª, de um acto de barbaridade que se commetteu! Pondo de parte o insulto, feito á minha familia, só direi a v. ex.ª que meu irmão, D. Pedro Tello, foi ignominiosamente arrebatado de sua casa, e preso no castello! (*pausa*) V. ex.ª decerto ignora...

CARVALHO — Pelo contrario: sei tudo.

D. LEONOR (*com resentimento*) — Não o suppunha... senhor.

CARVALHO — Pelo menos, deveria ter suspeitas...

D. LEONOR (*interrompendo-o*) — Que v. ex.ª não achou outro meio de nos aviltar... é meu irmão um criminoso?...

CARVALHO (*com frieza*) — Assim o creio.

D. LEONOR — Como assim?

CARVALHO — Senhora D. Leonor, os vossos interesses, posto que muito indirectamente, estão ligados com os da nação, e esta requer segurança.

D. LEONOR — Não vos comprehendo!

CARVALHO — Em que posso servir-vos, senhora?

D. LEONOR — Eu desejava uma explicação...

CARVALHO — Já vol-a dei.

D. LEONOR — Uma licença para visitar meu irmão...

CARVALHO — Torna-se impossivel.

D. Leonor — Incommunicavel! Ah... senhor... eu sou a sua irmã.

Carvalho — E eu o primeiro ministro d'el-rei nosso amo, e cumpro com as suas ordens.

D. Leonor (*levantando-se*) — Isto é abominavel! Assim se arranca á sua familia um chefe, para ser arrojado nos carceres do castello, e de lá... quem sabe! Talvez que as Pedras Negras lhe sirvam de abrigo, como a muitos outros senhores, que de um dia para uma noite desapparecem, como se um horrivel sorvedoiro os tragasse! (*pausa*) Mas, senhor Sebastião de Carvalho, nem ao menos me é dado conhecer os crimes de meu irmão?...

Carvalho (*com mysterio*) —Estão sellados como segredo de estado.

D. Leonor — Oh! meu Deus! (*pausa*) E poderei desterrar a idéa de o ver?

Carvalho — Se dependesse de mim...

D. Leonor — Diga, senhor... de quem depende... que eu irei implorar-lhe misericordia para meu irmão.

Carvalho — D'el-rei.

D. Leonor (*com pezar*) — D'el-rei! E quantas barreiras se hão collocado entre seus pés e os joelhos dos infelizes! A quem é hoje permittido implorar compaixão do monarcha?... Vós sabeis que el-rei ouve só de vossa bocca as queixas dos desgraçados; mas é raro quando estes ferem seus ouvidos, com o som lastimoso que possuem!

Carvalho — È porque a maior parte d'ellas são de sua natureza injustas. Senhora D. Leonor... é preciso estar ao facto dos negocios de estado, para d'elles poder julgar. (*com gesto reprehensivo*)

D. Leonor — Basta, senhor. Só me resta o cónsolo de esperar a verdade de alguns boatos que principiam a levantar-se e a agitar os espiritos.

Carvalho (*com indifferença*) — Eu mesmo concorro para que se acreditem, e heide concorrer para se realisarem. Nada mais tendes a dizer-me?...

D. Leonor — Só a pedir-vos...

Carvalho — Fallae.

D. Leonor — Que tenhaes a bondade de me explicar, se é para segurança da nação que recolhendo-me antes de hontem na minha carruagem pelas 11 horas da noite, fui detida em nome d'el-rei!

Carvalho — Em vista de onde dimanou a ordem...

D. Leonor — Mas isto foi um abuso! D. Leonor Tello não é sombra que possa ameaçar a tranquillidade da nação portugueza. É uma tyrannia de v. ex.ª em nome d'el-rei! De v. ex.ª, que tem espesinhado a honra dos nobres, e abatido suas cabeças aos pés do povo!

Carvalho — É por que são inimigos d'el-rei.

D. Leonor — E não é v. ex.ª que os tem feito seus inimigos, revestindo com o sangue de seus irmãos o manto de purpura?...

Carvalho — D. Leonor!...

D. Leonor (*brando*) — São duras estas verdades, mas de ninguem ignoradas. E todos anciados esperam a vossa queda, para poderem erguer a fronte, e respirar, do jugo de ferro que vossa mão lhes tem lançado.

Carvalho — Quando eu cair, senhora D. Leonor, perco a responsabilidade, que sobre mim tambem pesa. Mas em quanto eu calcár o solo do poder, os inimigos do rei não levantarão cabeça.

D. Leonor — E por que não lhe chamaes vossos inimigos?

Carvalho (*com hypocrisia*) — Porque a minha pessoa não vale amigos, nem inimigos, senhora D. Leonor.

D. Leonor — É porque os julgaes tão insignificantes, que não podem atacar os vossos interesses pessoaes. E assim tem sido!...

Carvalho (*baixo*) — E infelizmente...

D. Leonor — Assim continuará. (*como pretendendo abafar o que disse*) Ah... não... Deus tal não permitta! (*rapido*)

Carvalho — Nada mais pretendeis?...

D. Leonor — Saude, senhor.

(Carvalho toca uma campainha: Leonor levanta-se, fazendo uma pequena venia, á qual Sebastião de Carvalho corresponde.)

SCENA III

OS MESMOS, e GABRIEL.

(Gabriel acompanha D. Leonor, e Carvalho a segue com a vista.)

Carvalho (*só*) — Hãode cair... hãode cair! (*levan-*

ta-se) E se formos juntos, no abysmo em que rolarmos, heidé fazel-os tremer perante quem os humilhou! Tem muita viuva derramado lagrimas. Tem muitos filhos perdido seu pae. Tem as Pedras Negras absorvido muita gente... mas o throno de D. José não tem já quem lhe mine os alicerces. (*com triumpho*) Cairei talvez, mas em todos os corações ficará gravado o meu nome. Cairei, mas deixarei na côrte inextinguiveis rastos de sangue. (*olhando para sobre a mesa*) Miseraveis! em quanto em segredo urdem alguma trama, ella sae das trevas em que buscam involvel-a, e vem sobre esta mesa patentear-se aos olhos de Sebastião de Carvalho; e aqui, convertendo-se em fogo, lança raios de exterminio sobre quem a urdiu, confundindo-os com o pó da terra!

SCENA IV

O MESMO, e DIOGO PAES, entrando pela esquerda.

DIOGO — V. ex.ª dá licença?

CARVALHO — És tu, Diogo?... podes entrar. Que vae de novo?...

DIOGO — A respeito do mancebo, por em quanto, nada: mas espera-se lá para a noite, que elle vá a casa de D. Leonor. Tem custado!

CARVALHO (*gracejando*) — Nem sempre te ajuda a tua vista de lince.

DIOGO — Não julgue v. ex.ª antes do negocio concluido. Hoje haveis de saber quem elle é. E se não fosse a pouca confiança que em mim depositava o senhor D. Pedro Tello...

CARVALHO — Esse, já esta noite não impedirá teus planos.

DIOGO — Bem...

CARVALHO — E o que se diz em quanto á expulsão dos jesuitas?...

DIOGO — O que é de esperar: uns criticam; e os mais sensatos louvam o bom golpe de mestre. Em quanto a elles... cuidam de si, e mal podem cuidar dos outros. Dizem tambem, coisas do povo... que...

CARVALHO — Que eu cairei!?...

DIOGO — É verdade... mas... (*abanando a cabeça*)

CARVALHO — Bem: lembra-te que esta noite...

DIOGO — Como foram tomadas as minhas medidas de prevenção. . Dae-me as vossas ordens. *(faz profunda venia e sae, depois de Sebastião de Carvalho lhe designar a porta; tocando ao mesmo tempo a campainha)*

SCENA V

SEBASTIÃO DE CARVALHO e GABRIEL.

CARVALHO *(a Gabriel)* — O padre Vicente de Deus. *(Gabriel inclina-se e sae)* A entrevista dos tigres que buscam despedaçar-se! Vão encontrar-se face a face os dois tremendos poderes que se chocam, assombrando Portugal! É a ultima entrevista de dois poderes que se abatem, e que na sua queda, braço a braço, peito a peito, lutarão silenciosos! *(ao padre que entra)* Entrae padre... *(com ironia)* Se não soubera o que vos afflige, por certo o adivinhara. Haveis de confessar que dei um golpe de mestre!

VICENTE — Sel-o-hia, se o alvo a que se dirigiu não fosse tragado pelo inferno, em cujas entranhas se occulta á vossa vista. Nós partimos... somos vergonhosamente expulsos. *(com ameaça)* Mas lembrae-vos que o mundo inteiro é patria de um jesuita! E tirado o solo do poder, nada mais existe para Sebastião de Carvalho.

CARVALHO — Olhae, padre, que se eu cair, será sobre vossos cadaveres, para impedir com o meu corpo que tornem a levantar-se. Heide esmagar-vos na queda!

VICENTE — Para tal, seria preciso um peso enorme, e uma força superior á vossa. Nós caimos, e no abysmo nutriremos esperançosas idéas de nos levantar... mas vós...

CARVALHO — Morrerei com a palma da victoria, e os alicerces de minha lousa hãode ser os jesuitas.

VICENTE *(com escarneo)* — É muito prophetisar!

CARVALHO — Padre, eu nunca costumei revelar os segredos de estado, e muito menos os meus pensares; mas, agora, acho prazer em communicar-vol-os para destruir essa idéa que pretendeis nutrir. Heide aniquilar com os jesuitas as suas esperanças.

VICENTE — Talvez não.

CARVALHO — Vós contaes um apoio em todas as nações.

Em França e em Inglaterra sois fortes, e n'outras mais... mas se os vossos irmãos forem como vós expulsos...

VICENTE (*estremecendo mau grado seu*) — Se tal fosse, restava-nos o mundo.

CARVALHO (*com mofa*) — E se o mundo inteiro, illuminado pelo meu exemplo, vos expellir, direis talvez... que vos resta o inferno!?...

VICENTE — Não: mas direi que o mundo illuminado pela vossa terrivel queda, não levantará mão sacrilega sobre nós.

CARVALHO — Por toda a parte ha homens de espirito grande. O que vale a queda de um homem, em troca do repouso de uma nação?! Padre... a França e a Inglaterra, seguirão o meu exemplo. Hãode ficar como Portugal livres da peçonha jesuitica. Chegou o seculo, em que os povos recuam do vosso jugo. Esses povos sobre os quaes elle se estendia, hoje impavidos o calcam aos pés!

VICENTE — O nosso poder é superior ao dos povos: e a nossa prevenção hade impedir a nossa ruina. Não deixaremos de ter a posse ou o imperio do mundo, que se humilha ante nossos decretos. Firmaremos de novo nossas raizes em Portugal... em Portugal d'onde nos expellis, mas no qual fica nosso dominio.

CARVALHO (*designando a mesa*) — Ali estão as molas para tocar o cutelo exterminador... e estas molas... padre... estas molas... cruzam o mundo. O cutelo por toda a parte será levantado sobre vós... e eu o farei cair.

VICENTE — Mas segurae-vos que a sua queda hade produzir terrivel abalo. . e esse abalo... pode ser-vos fatal!...

CARVALHO — Talvez...

VICENTE — Vós caireis, e vossa queda será horrivel!...

CARVALHO — Não importa, padre, por que os jesuitas ficam arrasados.

VICENTE — Adeus, senhor... e na vossa extrema hora lembrae-vos que vossa mão recusou a nossa. Procurae (*apontando pará a mesa*) que aquellas molas sejam seguras. Adeus, pela ultima vez, e lembrae-vos do que vos disse, que o mundo inteiro é patria de um jesuita! (*sae pelo fundo*)

SCENA VI

CARVALHO, depois O DESCONHECIDO.

CARVALHO — Não me amedrontam as tuas ameaças, nem o abysmo que vejo a meus pés. Quero ser inexoravel, e nem o temor do inferno seria capaz de fazer-me retratar, ou retrogradar no caminho que encetei. E' o meu derradeiro passo talvez no solo do poder: além se abate o cahos, e ainda mesmo nas suas orlas...

O DESCONHECIDO (*entrando pela porta falsa rebuçado n'uma capa escura*) — Sois tremendo e terrivel, como a vontade do Eterno!

(Carvalho inclina-se respeitosamente, e Gabriel annuncia no fundo de scena.)

GABRIEL — Sua ex.ª, o encarregado dos negocios da França. (*retira-se*)

(Carvalho e o Desconhecido se olham mutuamente, e este indica-lhe a porta do fundo, pela qual Sebastião de Carvalho sae, fazendo profunda venia.)

O DESCONHECIDO (*designando-o com a destra*) — O rei de Portugal!

Cae o panno.

ACTO II

QUADRO II

UMA JESUITA!

(Sala em casa de D. Leonor Tello. Portas no fundo communicando com o jardim. Portas lateraes. E' noite: uma serpentina com luzes, collocada sobre um tremó, á esquerda do espectador, illumina a scena.)

SCENA I.

Diogo (*só, entrando pela direita*) — E' custosa a minha commissão, mas heide preenchel-a, porque é vontade de Sebastião de Carvalho, e sua vontade é de ferro! Triste de mim, se fraqueasse! D. Leonor é segura, e de sua bocca nada saberei... mas... quem sabe!?... Talvez que acenando-lhe com alguma fabula por mim inventada, se deixe cair, e eu me eleve. Dizer-lhe-hei o que me parecer a respeito do rapto de seu irmão... lançar-lhe-hei parras, e estou certo que heide colher os bagos. A confiança que em mim deposita hade trahil-a!

SCENA II

O MESMO, e D. LEONOR TELLO.

D. Leonor — Já aqui estás, Diogo?... Ainda bem, por que preciso de ti. Dize-me primeiro... tens sabido alguma coisa?...

DIOGO — Muito !... (*com mysterio*)

D. LEONOR (*anciada*) — E de meu irmão?... Falla...

DIOGO — E da sua repentina prisão! (*aproximando-se com muito mysterio*) Ouvi dizer ao ministro, que julgando elle o senhor D. Pedro Tello... (*olhando em seu torno desconfiado*) Não virá ninguem!?... Nem aquelle mancebo que...

D. LEONOR — Para com elle, aqui, não ha mysterios: tu bem o sabes.

DIOGO — Sei... não ha duvida que sei: mas eu... desconfio!...

D. LEONOR — A revelação que vaes fazer-me, em nada me prejudicaria, se fosse d'elle ouvida. Diogo... apressa-te: dize-me, se na verdade sabes o motivo do rapto de meu irmão.

DIOGO — Se na verdade o sei!?... Tão certo, como ser eu Diogo Paes, um criado de v. ex.ª, que ouvi, com estes que a terra hade encher; ao ministro, quando fallava...

D. LEONOR (*precipitadamente*) — Com o desconhecido?!

DIOGO (*áparte*) — Qual desconhecido! (*alto*) Esta manhã...

D. LEONOR (*com rapidez*) — Fallou com elle!... Com aquelle homem desconhecido e mysterioso que a todos parece superior! Com aquelle homem terrivel...

DIOGO — Sim... eu estou louco!... É sim... com esse mesmo. (*áparte*) Desconhecidos no palacio!...

D. LEONOR — E disse-lhe...

DIOGO — Que vosso irmão... era...

D. LEONOR — Da congregação jesuitica!?...

DIOGO — É verdade.

D. LEONOR — Bem: não careço já de ti: retira-te.

DIOGO (*áparte, saindo*) — Ainda mais um maroto!...

SCENA III

D. LEONOR, depois VICENTE DE DEUS.

D. LEONOR (*só*) — Deteve-o, para com elle deter os seus bens; mas engana-se, porque Leonor Tello dispõe d'elles: não ficarão em Portugal! Ah... e meu irmão preso... desterrado talvez se eu partir... preciso ficar! Mas ainda po-

nho todas as minhas esperanças n'esse homem terrivel, ao qual parece até humilhar-se a vontade de Deus... elle hade valer-me

VICENTE (*entrando pela esquerda*) — D. Leonor... quereis ajudar-nos?...

D. LEONOR — Em tudo!

VICENTE — E'-nos forçoso urdir um laço para Sebastião de Carvalho; calcal-o como elle nos calcou!

D. LEONOR — Fallae .. explicae-vos...

VICENTE — De Nuno de Almeida lançaremos mão para nossa terrivel vingança. E' mister atear-lhe no peito a chama do exaspero, armar-lhe a destra, e lançal-o face a face com o inimigo.

D. LEONOR — Mas como virá o ministro a minha casa!?

VICENTE — De sua livre vontade, para romper as trevas de um mysterio.

D. LEONOR (*confusa*) — Explicae-me qual seja esse mysterio!...

VICENTE—Silencio!... Ahi vem Nuno... retiremo-nos.

(Retiram-se; e Vicente de Deus deixa cair uma carta no chão.)

SCENA IV

NUNO, depois MARIA.

NUNO (*só, indo examinar o fundo da scena*) — A' decima primeira hora, o preludio de uma harpa, e Maria nos meus braços... Esses melodiosos vibrares são as vozes de amor que me chamam. Maria... (*vindo para a scena*) nunca eu te vira que assim me poupava a tormentos infernaes. Estou collocado entre o ceo e o inferno... entre a vida e a morte! Oh... anjo divino... amar-te, e sem poder nutrir a risonha esperança de comtigo me unir... e no momento em que de minha bocca ouvires o terrivel nome, que o meu precede... fugirás... como o anjo de satanaz!... Ah... maldita existencia, porque te não acabas!?... (*ouve-se onze horas. Nuno as conta*) Agora, quero-a mais que nunca, porque este bronze a ella me chama. (*ouve-se o som de uma harpa, no jardim; Nuno escuta*) E' Maria que me abre os braços... ó

ella... com seus labios de anjo... com seu cantico divino, porque ella é toda do ceo.

(Vae até á porta do fundo, e Maria se lhe lança nos braços.)

MARIA (*com transporte*) — Nuno...
NUNO — Maria...

(Assim caminham atê á bocca da scena.)

MARIA — Ha muito tempo já que aguardavas?...
NUNO — Desde a nossa ultima entrevista, Maria, que não tenho deixado de aguardar com impaciencia a de hoje. Se podesses adivinhar como hei padecido... eu te mereceria uma lagrima. (*pegando-lho na mão que aperta contra o peito*) Se conhecesses a força d'este fogo que me abrasa...
MARIA — E tão puro, que de amor o peito me faz arfar... Nuno... olha como o coração me bate... como o sangue me pulsa nas veias... e é por que estou a teu lado, porque nutro a risonha esperança de um dia me conduzires á face do altar, e me chamares tua.
NUNO — E não és tu minha já?... não te pertenço eu?... não te hei votado já minha existencia?... não somos um do outro?... Que mais ambicionas?...
MARIA — As benções do Eterno.
NUNO (*com pezar*) — Do Eterno... (*rapido*) E não tem elle ouvido nossos juramentos, filhos de um amor sem limites?... Não nos terá elle já abençoado?...
MARIA (*com meiga reprehensão que a seu despeito prefere*) — Nuno!
NUNO (*como se um pensamento o horrorizasse*) — E eu te victimo!... Oh... perdoa-me... perdoa-me. (*ajoelha segurando-lhe uma das mãos*) Maria... eu sou um louco, que saindo das trevas que o involvem... que esquecendo-se do jugo de ferro que sobre elle pesa... e do anathema que o reveste... se lançou em teus braços! Que ousou unir seu coração abrasado de impuro fogo ao teu de virgem, que só conhece a chamma divina!... (*levantando-se rapido*) Oh... mas eu partirei.
MARIA — Nuno... tu deliras!... (*detendo-o*)
NUNO (*comprimindo o peito*) — Tu não sentes a luta horrivel que aqui se passa?... E' o inferno. (*designando a*

fronte) E aqui... um pensamento... unico... só... é por ti... por ti, Maria.

MARIA (*arrebatada de amor*) — Nuno...

NUNO — Eu tenho no peito o inferno... e estes tormentos que me offerece... são novos... ainda ninguem os experimentou!

MARIA — Eu noto em teu rosto negro pezar que te lacera o coração! E não m'o confias!

NUNO — Que dizes, Maria! Queres que pela minha bocca pronuncie minha sentença!?... Queres que eu mesmo te separe de mim collocando entre nós uma eterna barreira... que me despedace a alma!?... Mulher... mulher, que fazes a delicia de minha existencia, e que tambem lhe lanças todo o fel do exaspero!... mulher que me offereces o ceo, e logo o inferno! mulher que com o teu sorrir de anjo me partes o coração!... Ah... eu deveria ter calado este amor que me abrasa!... Eu deveria alongar-me de ti... morrer com este amor desgraçado... porque tu não podes ser minha!...

MARIA (*ajoelhando*) — Nuno!... Nuno!... Que me arrancas o coração! (*toma-lhe a destra, que chega ao peito*)

NUNO (*olhando com ternura para Maria*) — Como tu és bella!... Como eu desejava possuir-te... (*com pezar*) Mas é impossivel! (*como tomado de subito pensamento; levanta-a com rapidez*) Oh!... levanta-te... levanta-te... não curves tua fronte de anjo... aos pés do filho de satanaz! Maria... pela ultima vez... (*abraçando-a*) e adeus... para sempre!... para sempre!... (*em acção de partir*)

MARIA (*como se o pejo e a dôr lhe embargassem a voz; podendo apenas proferir um nome*) — Nuno!... (*correndo para elle*)

NUNO (*no limiar da porta do fundo, detendo-se repentinamente*) — Maria!... (*corre de novo para ella*) Para que me chamas!?...

MARIA — Que motivo poderoso e terrivel te arranca de meus braços!?... de ao pé d'aquella que te ama apar de Deus... da tua Maria! Oh!... tu me occultas um segredo, que temo, e busco saber.

NUNO — Não sabes que a minha alma de satanaz não pode ser do ceo? Não sabes que me lancei no inferno?... que se me ateou no peito a chamma impura que ali traga os innocentes?... que o meu contacto te avilta e deshonra?!...

MARIA — Oh... por piedade; falla... falla...

NUNO — E juras não me amaldiçoar?...

MARIA — Pelo ceo, te abençoarei.

NUNO — Juras não me abandonar?...

MARIA — Pelo nosso amor t'o juro. O mais criminoso que fosses... o mais condemnado pelo ceo, e pelos homens... o meu coração nunca de outro seria.

NUNO — Nem meu, porque não quero manchar-te com o opprobrio que me cobre!

MARIA — A ti... opprobrio!?... Ah!... falla... falla... pelo ceo, ou pelo inferno... falla...

NUNO (*agarrando-lhe bruscamente no pulso e conduzindo-a ao fundo da scena como se temesse ser ouvido de alguem mais. Descrevendo em seus passos um semi-circulo, piza a carta, que depois lhe fica em frente*) Queres saber quem é Nuno... o homem que te votou corpo e alma... o teu louco amante?... é... (*caminha apressado para a scena; dá com o pé na carta, larga Maria; que continua a caminhar para a bocca da scena*) Ah!... meu Deus... que ia eu dizer-te!... (*pausa*) Uma carta... (*apanha-a*) sem nome... sem sobrescripto. (*lendo*) «Esta noite... á uma hora, na sala contigua ao jardim, Maria... serei comtigo, e Nuno seguro!...» Ah!... (*momento de silencio: Nuno caminha de braços cruzados sobre o peito até Maria: no semblante, se lhe nota a raiva e o ciume concentrados*)

MARIA — Meu Deus...! traição!... (*muito alterada*)

NUNO — Deus me rasga o veo de mysterio que me vendava!

MARIA — Nuno... acreditarás?...

NUNO (*interrompendo-a*) — Que tu me avillavas! Acredito que o teu coração nunca foi meu, mas sim de um rival!... Ah... mas este ferro...

MARIA (*ajoelhando*) — Fere... é vida!

NUNO — E' vida, sim... porque teu olhar me desarma o braço! E' vida porque jámais te arrancaria o coração! E' vida, porque antes mil golpes no meu e no seu peito, do que um só no teu!... Oh... vingança!... vingança! (*sae rapidamente pelo fundo*)

MARIA (*levanta-se e corre para onde saiu Nuno: depois volta para a scena e cae sobre uma cadeira escondendo o rosto entre as mãos, acabrunhada pelo pezar, e pela dôr*) — Virgem Santa, valei-me!...

SCENA V

MARIA e D. LEONOR TELLO.

D. Leonor — São horriveis seus projectos de vingança, mão hãode ser preenchidos: não me cumpre recuar ante o meio, o mais criminoso que seja, para satisfazer os decretos da ordem. E' forçoso lavar com o sangue de seu inimigo a mancha de ignominia que sobre ella lançou. (*vendo Maria*) Aqui está Maria: façamos-lhe renunciar a esse mancebo. que não pertence já a este mundo, senão como o instrumento de infernal projecto! (*despertando-a*) Maria!...

Maria (*muito abatida*) — Quem me chama?!...

D. Leonor — Sou eu... é vossa madrinha.

Maria (*levantando-se confusa*) — Senhora...

D Leonor — Que fazieis aqui?!

Maria — Eu... senhora...

D. Leonor — Não busqueis illudir-me. Estou ao facto de vossa conducta! (*com dignidade*) Maria, é forçoso emendal-a: esquecer esse mancebo louco, a quem insensata, entregastes vosso amor! Maria... andaes errada na vereda do dever, e da honra, e a mim cumpre-me chamar-vos a ella.

Maria — Senhora! Será errar o trilho da honra amar um homem como Nuno d'Almeida!?. . Maria conhece bem os deveres que o seu sexo lhe impõe, e não é preciso que ninguem lh'os recorde.

D. Leonor — Minha afilhada, lembrae-vos que por em quanto estaes sob a minha tutela. E se vos prezaes de conhecer bem os vossos deveres, não o pareceis... esquecendo que elles vos impõe cega obediencia áquella que vossa tia confiou o cuidado de mãe.

Maria — Minha pobre tia!...

D. Leonor — E' com o vosso comportamento, que devois respeitar-lhe a memoria. E' preciso mudar de conducta: deixar de amar Nuno d'Almeida, porque vós não podeis pertencer-lhe.

Maria — Exigi de mim o maior sacrificio que puderdes imaginar... mas renuncial-o... Oh... isso nunca! Eu sei que não posso talvez pertencer-lhe... que elle me não ama já... mas... senhora... senhora... eu morrerei com o meu amor.

D. Leonor — Senhora! (*com dignidade*)

Maria — Ha conventos... mas se n'algum fôr sepultada, nem mesmo a imagem do Eterno riscará de meu coração a de Nuno d'Almeida! Nem os maiores tormentos me farão proferir outro nome, que não seja o seu!

D. Leonor — Desgraçada!... (*aproximando-se-lhe e segurando-lhe o pulso; conduzindo-a á bocca da scena*) E sabes quem é Nuno d'Almeida?... Sabes quem é esse homem execravel a quem te votaste corpo e alma!?

Maria (*supplicante*) — Senhora...

D. Leonor — Queres saber quem é o teu louco amante... o homem reprovado pelo ceo, e pela terra?...

Maria — Por piedade...

D. Leonor — Aquelle cuja memoria nem a face do Eterno riscaria de teu coração; aquelle cujo nome proferireis no meio de horriveis tormentos?

Maria — Senhora... senhora...

D. Leonor — O vosso Deus... o vosso idolo... é um jesuita!...

Maria (*como ferida de um raio*) — Ah!...

Cae o panno.

QUADRO III

O DESCONHECIDO.

(Camara particular de D. Leonor Tello: janellas no fundo, e portas latteraes: uma porta falsa da esquerda. É noite: a scena está illuminada pela luz de duas velas de cera, collocadas sobre um tremó doirado, e com espelho, entre as janellas do fundo.)

SCENA I

(Ao levantar o panno, D. LEONOR está sentada n'um sophá, á direita do espectador, e VICENTE DE DEUS, de pé a alguns passos de distancia.

VICENTE — Eu vos asseguro, que o sol de amanhã hade illuminar nossa partida, e o cadaver de Sebastião de Carvalho! D. Leonor, coragem, e tudo será vencido.

D. LEONOR — Desculpae-me... a idéa de um assassinato em minha casa... é um receio infundado talvez...

VICENTE — Sim... e pouco digno de quem sois!

D. LEONOR — É preciso vencer-me... ide seguro, que Leonor Tello será quem deve ser.

VICENTE — Assim vol-o ordenam os vossos interesses, senhora. (*vae-se*)

SCENA II

LEONOR (*só*) — Uma voz occulta se ergue em meu coração, ainda a favor d'esse homem maldito! Forcejo para me vencer, e é-me totalmente impossivel! (*levanta-se*) Ah!... Maria... Maria... que futuro a espera!... Temo adivinhal-o! E eu é que sou a culpada... eu que me esqueci do meu juramento... de velar sobre sua vida... de lhe

servir de mãe!... Oh meu Deus!... meu Deus!... (*pausa, com resolução*) Embora: é mister que Leonor Tello cumpra seus deveres. É mister que o ultimo dia dos jesuitas em Portugal, n'elle deixe traços de sangue, que o tempo não apague! (*examinando*) Ahi vem Julião: vejamos o que elle sabe. (*vae sentar-se*)

SCENA III

D. LEONOR e JULIÃO.

JULIÃO — É certo que v. ex.ª mandou chamar-me?

D. LEONOR — Sim, Julião: aproxima-te. (*Julião aproxima-se*) Coisas me hão constado, que muito me desgostam, por teu respeito. Com tuas loucas palavras, sei has lançado um terror panico entre os servos de minha casa, prophetisando-lhes uma desgraça, um eminente perigo, que nem tu mesmo, por certo crês, proximo a rebentar, n'este palacio! Não sei que razões possa ter o bom e leal Julião, para assim fallar, em casa d'aquella, que o ha tratado com todas as considerações, que sua edade e seus serviços lhe tem grangeado!

JULIÃO — Prouvera aos ceos que a desgraça e o perigo de que fallastes, senhora D. Leonor, estivessem tão longe de nós, como m'o quereis fazer acreditar! Eu tambem prophetisei a queda da nobre familia dos Tavoras!

D. LEONOR — Tuas palavras, só as posso crer filhas de teus muitos annos.

JULIÃO — De meus annos, e da larga experiencia de ler nos corações, os seus menores sentimentos.

D. LEONOR — Julião: é forçoso que te expliques!

JULIÃO — Eu vos satisfaço. Em 1740, que eu servia como aio de D. Maria, em casa da senhora e infeliz D. Leonor de Tavora, em um bello e sereno dia, pouco depois do romper d'alva, passeiava eu pela praia de Belem: ouvi uns gemidos, que chamaram minha attenção e me dirigi para onde elles partiam; chego ao portico da egreja dos frades Jeronymos, em cujas lageas chorava uma pobre creancinha, que um mez, se tanto, teria de nascida! Tomei-a em meus braços, e voltando para o palacio, a fiz crear por uma mulher que porto morava: o infeliz dentro d'uma pequena bolsa

de veludo, pendente do collo e toda cosida, trazia uma carta, e um retrato pequeno em marfim.

D. Leonor (*surprehendida*) — E abriste essa carta?... Conheceste as feições do retrato?!...

Julião — O retrato... como se me vira n'um espelho. A carta... abri-a, porque assim o julguei conveniente.

D. Leonor (*o mesmo*) — E essa carta...

Julião — Revelava coisas ácerca do nascimento do menino, calando comtudo o nome de sua mãe: e dizia mais, que o retrato era o de seu pae.

D. Leonor (*levantando-se*) — E como se chamava o infeliz!?...

Julião — E para que m'o perguntaes, senhora!?...

D. Leonor — Mas o seu destino?...

Julião — Tinha o menino oito annos, quando entrou n'um collegio, do qual um dos directores era um frade que frequentava o palacio de D. Leonor de Tavora.

D. Leonor — E nunca mais soubeste d'elle?...

Julião — Nunca o perdi de vista.

D. Leonor — E sabes ainda hoje quem elle é... onde está?...

Julião — Sei... senhora D. Leonor.

D. Leonor (*anciada*) — E quem é... quem é?...

Julião — E para que fim quer D. Leonor Tello conhecer um infeliz, que sua mãe expelliu de seu seio!?...

D. Leonor (*áparte*) — Oh!... cruel reprehensão! (*batem uma pequena pancada na porta falsa; sobresaltada*) É elle... o mysterioso!... (*a Julião*) Bom Julião... dentro em pouco nos veremos... por emquanto, deixa-me.

Julião (*saindo, e áparte*) — Heide salval-os. (*vae-se*)

SCENA IV.

D. LEONOR, depois o DESCONHECIDO.

D. Leonor — E como impedirei o delicto!?... E' tarde já!... Diogo Paes foi avisado da entrevista com o Desconhecido, para a minha casa conduzir Sebastião de Carvalho... o mysterioso, está ali. (*designando*) A traição está no seu auge... o golpe não tarda... (*repete o signal na porta falsa*) Ah... que farei!?... meu Deus... meu Deus. (*diri-*

ge-se para a porta falsa, carrega em uma mola, e ella se abre) Entrae, senhor, estou só.

O Desconhecido (*pela porta falsa*) — Só... sempre só com teu amor. (*abraça-a*)

D. Leonor (*depois de fechar cautelosamente a porta*) — E com o pensamento n'aquelle que me faz palpitar o coração. Com o pensamento n'aquelle que extremosamente amo; n'aquelle, do qual me não é possivel colher um olhar de ternura, que não seja filtrado atravez essa impassivel mascara, que me impede chegar meus labios aos vossos! D'essa mascara que me occulta um sorrir de amor, pelo qual eu trocaria a minha existencia!

Desconhecido (*com ternura*) — Leonor...

D. Leonor — Amar-vos, como ninguem ainda amou... apertar-vos contra meu peito.. e não poder de vossos labios colher um osculo ardente... Oh!... isto é doloroso! (*pausa*) O que temeis aqui junto da vossa Leonor, onde ninguem mais vos escuta nem vê... que temeis pois, que não descobris o rosto!?...

Desconhecido — Tu despedaças-me o coração, mulher querida! Oh... não me ser permittido satisfazer teu justo desejo, é para mim mais que a morte! Mas acredita-me... tem piedade de mim se me amas, se teu amor nasce como o meu do coração... desculpa-me... não me obrigues a arrancar a mascara!

D. Leonor — E não ter eu força para esquecer esse amor que me inspiraes! Na primeira entrevista, um poder irresistivel me arrojou em vossos braços... uma idéa vaga se apoderou de mim... um pensamento que explicar não sei... Oh... quem sois... quem sois!?...

Desconhecido — No momento em que na tua presença teu amante descobrir o rosto, era-lhe mister deixar-te... esquecer... esse amor que lhe tem feito arrostar tantos precipicios para chegar a teu lado... que lhe tem feito esgotar o calix de amargura, para repousar em teus braços!

D. Leonor — Meu amante!... Mas que mysterio horrivel vos involve! Quem sois, que só podeis amar atravez uma negra mascara? Quem sois tão mysterioso como a morte, que quando me apertaes contra vosso peito... um pensamento sublime parece collocar-me acima de todas as outras mulheres de meu nascimento!? Quem sois, que possuís o segredo de fazer palpitar o coração de bronze de Leo-

nor Tello!? Quem sois vós, que o meu coração collocaes duvidoso, entre a honra e a deshonra! Que me pareceis superior a todos os outros homens!...

DESCONHECIDO (*vivamente*) — Leonor... não busques conhecer-me. Eu tenho-te dito mais que devera... teu amor tem-me arrancado palavras, que eu sempre deveria ter calado! Eu sou um homem que te ama, com um amor violento... e não queiras saber quem é teu amante, porque essa revelação fatal te arrancaria de seus braços.

LEONOR (*áparte*) — Sempre... sempre as mesmas palavras! (*alto*) Logo não é D. Leonor digna de vós... seu amor vos avilta?...

DESCONHECIDO — Não.

D. LEONOR — Sois um plebeu que teme aviltar-me?...

DESCONHECIDO — Não.

D. LEONOR (*áparte*) — Que mysterio! (*alto*) E vós tudo podeis?...

DESCONHECIDO — Abaixo de Deus.. tudo.

D. LEONOR — E mais que o monarcha?...

DESCONHECIDO — Podel-o-hia até humilhar aos pés de D. Leonor.

D. LEONOR (*anciada*) — E podeis mais que o primeiro ministro?...

DESCONHECIDO — E que todos os homens.

D. LEONOR — Basta. Haveis de me dar uma prova do vosso poderio.

DESCONHECIDO — E do amor que te consagro... falla... ordena...

D. LEONOR — E prometteis...

DESCONHECIDO — Tudo!

D. LEONOR — Meu irmão foi preso no castello, por ordem do primeiro ministro... desejo-o em liberdade.

DESCONHECIDO — Será cumprido teu desejo.

D. LEONOR — Mas isto não basta. É-me forçoso rasgar hoje o veo de mysterio que vos involve... é-me forçoso conhecer-vos.

DESCONHECIDO — Mulher... mulher... pelo nosso amor...

D. LEONOR — Ainda que fosse mister calcal-o aos pés, despedaçar os seus laços, para vos conhecer... eu o faria.., nada de mysterios... eu quero saber quem sois...

DESCONHECIDO — E' impossivel!

D. LEONOR — Eu vos supplico... homem ou demonio...

(*lançando-se-lhe aos pés*) Arrancae essa infernal mascara... é Leonor... é vossa amante que vol-o pede ..

Desconhecido (*afastando-se vivamente*) — Oh... por piedade... por piedade... Tu não podes avaliar as torturas que lanças em meu peito! Não me peças que te deixe... que entre nós cave um abysmo que nos separe! Mulher, que mais ambicionas, que o amor de um homem, que pode quanto quer... de um homem, cuja força e poderes podiam sacrificar Portugal ao menor capricho de Leonor Tello... que podia arrancar do throno a D. José, e avassallal-o a teus pés!...

D. Leonor —Eu ambiciono conhecer esse mysterioso tão potente. Ambiciono chegar aos seus, estes labios que vezes tantas lhe hão jurado um amor sem limites... e se meus afagos não podem vencer-vos, (*recuando e mudando de tom*) lembrae-vos que sois em minha casa, onde tudo posso!

Desconhecido — Leonor... ousarás...

D. Leonor — Tudo... tudo! .. Sei que é uma traição infame... porém o exaspero a que me reduz o amor, me veda conhecer deveres e honra! Estaes em mèu poder... e d'aqui não saireis sem que eu saiba quem sois.

Desconhecido (*surprehendido*) — Leonor... Leonor... adeus para sempre! (*dirige-se para a porta falsa que acha fechada*)

D. Leonor — Não tenteis evadir-vos! Vêde que posso aqui sobre vós, como podeis sobre os homens! Se elles se curvam á vossa mysteriosa vontade de ferro, no meu palacio, todos se curvam á voz de Leonor Tello!

Desconhecido — Leonor... abre aquella porta...

D. Leonor —Nunca, sem que primeiro saiba quem sois. (*no cumulo do exaspero*) Filho de satanaz... que me despedaças o coração... que lhe atteaste uma chamma terrivel que o abraza... o meu coração... o meu coração que jámais havia palpitado de amor! Oh... descobre teu rosto... ou eu chamarei meus criados... (*em acção de partir*)

Desconhecido — Conhecerão teus criminosos amores... e a tua deshonra.

D. Leonor — Eu te designarei como um homem que tentava surprehender-me. Eu lhes direi que és um infame salteador... que te introduziste furtivamente em minha casa! (*chamando*) Acudam, senhores!

Desconhecido (*á bocca da scena, embuçando-se na capa*) — Ah!... (*exasperado*)

SCENA V

OS MESMOS, DIOGO CORTE REAL e O DESEMBARGADOR.

D. Leonor (*apontando o desconhecido*) —Descobri aquelle homem.

(Os dois armados de punhaes, avançam.)

Desconhecido (*com voz forte*) — Diogo de Mendonça Corte-Real... Antonio da Costa Freire... recuae... e tremei... miseraveis!...

Desembargador (*recuando*) — E quem sois vós que assim nos fallaes!?...

Desconhecido — Eu sou um homem que pode aterrar-vos e confundir-vos com o pó da terra!

(Os dois olham-se surpresos.)

D. Leonor —Ah... demonio... demonio que ainda aqui, na tua presença, recuam os homens... e que não saiba eu quem sois!...

Desconhecido — A vida de teu irmão, é o preço do mysterio que me involve!

D. Leonor — Meu Deus!... meu Deus! (*abre a porta falsa*) Saí...

(Elle passa pela frente de Diogo e do Desembargador que recuam atemorisados e abalados por um respeito involuntario.)

Cae o panno.

ACTO III

QUADRO IV

A VINGANÇA MALLOGRADA.

(A mesma decoração do segundo quadro.)

SCENA I

(Ao levantar o panno, D. LEONOR TELLO, CORTE-REAL e O DESEMBARGADOR, estão em scena. Os dois ultimos confusos e alterrados.)

D. LEONOR —Com effeito, senhores, desinvolvestes grande coragem!

DESEMBARGADOR — E' porque o susto continuo em que me traz a vigilancia do ministro do reino, me faz recuar ao mais leve susurro! Estou como sabeis, fóra d'essa maldita Santarem para onde fui abrigar-me pelo terremoto, e onde fui mandado ficar até morrer. Ah!... que não suspeite elle, que estou em Lisboa...

CORTE-REAL — E eu por egual intriga, e por abandonar el-rei n'esse fatal dia descendo do seu valimento ao seu desprezo...

D. LEONOR — Sempre receios... só meu peito os não conhece! Na verdade, senhores... que me não pareceis dois homens instigados pelo amor da vingança! Da vingança que devia sobresair em vossos corações, e d'elles desterrar todo o temor. (*pausa*) Em vista do respeito involuntario

que de vós se apoderou, na presença d'aquelle mysterioso... acabo de conhecer quem elle seja! Ah!... podia a estas horas no throno de Portugal faltar o rei, e amanhã no ministerio Sebastião de Carvalho! Podiamos a estas horas estar vingados!

DESEMBARGADOR — Senhora D. Leonor, lembrae-vos da desgraçada conspiração de 1755, e do lamentoso fim de Leonor Tavora!

D. LEONOR (*áparte, muito alterada*) — Ah!...

CORTE-REAL — Sebastião de Carvalho foi quem lhe ergueu o patibulo... e Sebastião de Carvalho ainda está no ministerio, e tem o valimento do rei!...

D. LEONOR — Basta... basta! (*rapido*) Se em tal consiste vossa coragem, Leonor Tello seria capaz de vos dar lições de valor. (*sae pela direita*)

SCENA II

CORTE-REAL e O DESEMBARGADOR.

CORTE-REAL — Confesso-vos que tomei parte na conspiração, fascinado pelas palavras de D. Leonor; mas estou arrependido porque prevejo...

DESEMBARGADOR — Talvez como eu, a vingança do ministro! Oh... quem sabe se elle estará já informado pela bocca de D. José!... Nunca suspeitei que aquelle Desconhecido fosse... (*aterrado*) Nem eu quero pronunciar-lhe o nome, por que traz comsigo a idéa do cadafalso!...

CORTE-REAL — Verdade seja... mais seguros seriamos se nossos punhaes... lhe cravassem o seio... e nem d'elle um rasto ficaria... que podesse indicar os culpados...

DESEMBARGADOR — Quem sabe... quem sabe!... Por mais espesso que fosse o veo do mysterio... um indicio qualquer... denunciaria os assassinos!

SCENA III

OS MESMOS, e D. MARIA TAVORA.

MARIA (*vem caminhando com passos incertos e vacillantes*

até á bocca da scena, o Desembargador e Corte-Real se afastam, ficando no meio) — Desculpae-me senhores, se venho interromper-vos na vossa pratica!... Não sei que presagio funesto me faz horrorisar até de mim mesma! Em todas as physionomias, noto não sei que de terrivel e mysterioso! Não ha muitas horas se me agitou o coração de maneira tal, que me obrigou a abandonar meus aposentos, e a fugir... Ah!... differentes sentimentos inexplicaveis, me combatem no peito e sua luta é terrivel!

DESEMBARGADOR — Desterrae de vós, senhora D. Maria, essas idéas que vos perturbam e que podem tornarse de graves consequencias. Bem vêdes que são infundadas...

CORTE-REAL — E pouco dignas de quem possue em repouso a consciencia... senhora.

MARIA — Não... algum mysterio horroroso se passa no palacio; sim, eu o leio em todos os semblantes... uma perturbação n'elles se acha gravada com expressivos caracteres, que a ninguem é dado occultar! Mesmo vós, senhores... sois inquietos e desassocegados... minha madrinha muito mais... e entre os servos... uns rumores... umas vozes... circulam de bocca em bocca... causando o assombro e o terror!... muitos hão já abandonado o palacio... Oh... não busqueis illudir-me... não busqueis com supposta tranquillidade... occultar-me o que eu leio... em vossos corações!...

DESEMBARGADOR — Senhora D. Maria... a vossa agitação, é que vos figura encontral-a nos outros!... nós vos deixamos. *(inquieto olhando para Corte-Real, lhe diz áparte)* Não seria desarrazoado prevenir D. Leonor...

CORTE-REAL *(baixo)* — Assim o entendo. *(vão-se)*

SCENA IV

MARIA, depois NUNO.

MARIA *(só)* —Aquella carta... aquella traição!... aquelle veneno que occulta mão lançou em meu peito... teve um alvo... e esse alvo... meu Deus... temo adivinhal-o!... Oh... quem seria o autor d'esse projecto infernal! Quem

seria que achou um prazer barbaro em apartar, com mão de ferro, dois corações que eram já um do outro .. dois corações, que a mimosa mão do amor havia unido com o sorriso nos labios!... Oh!... Nuno... Nuno... perdi-te... perdi-te para sempre!... Extinguiram em teu peito o fogo puro que te havia inspirado... para o substituirem pelo de ciume e da vingança! Da vingança cujos brados horriveis suffocaram a minha voz!... (*pausa*) Meu Deus... misericordia... misericordia para mim... (*ajoelhando pouco a pouco*) Arrancae-me esta vida que não aprecio já!... Vós sois justo e bondoso... sois o pae dos afflictos... eu nunca vos offendi... meu Deus... meu redemptor... abri-me os vossos paternos braços. (*n'este momento Nuno apparece á porta da esquerda, rebuçado n'uma capa negra, e contempla Maria, com expressão mixta de dôr e de raiva. Bate uma porta. Levantando-se como tomada de subita e horrivel idéa*) Talvez que n'este momento um brado de maldição, se erguesse com minha prece ao throno do Eterno!... (*aterrada*) E esse brado... era de Nuno!... Talvez que a estas horas o seu punhal... (*correndo a scena com a vista, olha para onde está Nuno*) Ah... não... não... és tu... tu mesmo...

NUNO (*desembuçando-se*) — Enganas-te, D. Maria... eu sou Nuno d'Almeida. Enganas-te mulher... que aguardavas o amante e surge-te satanaz! Vê... olha bem para mim... desengana-te. (*aproximando-se*) Julgavas que não seguiria os teus mais leves passos... insensata! Aqui estou... quero ser testemunha da tua entrevista n'esta sala... n'esta sala onde tantas vezes hallucinado pelos teus carinhos falsarios, depunha a teus pés meu amor, e meu coração! Ah!... calcaste-os... zombaste d'elles... escarneceste-me!... E em quanto ás tuas aras eu erguia o incenso de um amor puro e santo que te tributava... tu só pensavas... no meu rival... n'esse rival odioso que um veo de mysterio involve... mas que a ponta de meu punhal hoje rasgará!

MARIA — Nuno... que acreditas uma traição da qual has sido o ludibrio... e da qual ambos seremos victimas! Eu nunca amei outro que não fosse Nuno d'Almeida... nunca por outrem bateu este coração...

NUNO (*interrompendo-a*) — Insensata... buscas desculpar-te, e não attendes que tudo te atraiçoa?!... Nunca amaste senão a Nuno d'Almeida... mas que buscavas aqui?...

A' uma hora... na sala contigua ao jardim... Ah!... eram as formaes palavras da carta!...

MARIA — Meu Deus!... Foi uma calumnia horrorosa! Nuno... (*ajoelhando aos pés de Nuno*) pela ultima vez te rogo... acredita-me... não sei o que me diz o coração... não sei o que prevejo de terrivel... que me assusta... Nuno... Nuno, eu sempre te amei... tu nunca tiveste um rival...

SCENA V

OS MESMOS, e D. LEONOR TELLO.

D. LEONOR (*com gesto reprehensivo*) —Maria!... (*Maria levanta-se rapidamente, e Nuno se afasta*) Assim desobedeces ás minhas admoestações!... (*a Nuno*) Senhor... retiraevos... porque Maria jámais poderá pertencer-vos. Seu coração deverá ser...

MARIA (*interrompendo-a*) — Senhora... senhora...

D. LEONOR (*com severidade*) —Calae-vos Maria! (*a Nuno*) Eu disponho de sua mão como o julgo conveniente... retirae-vos portanto, que nada chama vossa presença n'este logar.

NUNO — Eu me retiro, senhora, mas ha um peito e um coração que chamam a ponta d'este ferro. (*tira um punhal e sae rapidamente pela esquerda*)

SCENA VI

D. LEONOR e MARIA.

D. LEONOR — Minha afilhada, a vossa conducta mancha a minha honra! E eu vos ensinarei a ser mais exacta no cumprimento de minhas determinações!

MARIA — Acabo de conhecer que me destinaes um esposo, e é do meu dever declarar-vos, que jámais pronunciarei o sim fatal que me entrega nos braços de um homem pelo qual jámais senti o menor amor, e que nem mesmo co-

nheço. Maria Tavora, senhora, a não ser de Nuno, não será de outrem. Foi este um juramento que prestei á face do ceo, e que o Eterno sem duvida se dignou acolher.

D. Leonor — O ceo não houve nem acolhe juramentos insensatos! Não busqueis interpretar as minhas idéas, mas cumpri as minhas ordens.

Maria — Em tal ponto, nunca o espereis, senhora.

D. Leonor — Maria,.. reflecti bem no que acabaes de dizer!

Maria — Se quereis que vol-o repita...

D. Leonor — Nem mais uma palavra! Recolhei-vos aos vossos aposentos, até que eu me digne dar-vos nova ordem.

Maria (*retirando-se*) — Eu vos obedeço.

SCENA VII

D. LEONOR, depois VICENTE DE DEUS.

D. Leonor (*só*) — A hora se aproxima com rapidez!... Está prestes a consummar-se o crime espantoso, cuja enormidade agora conheço!... (*vacillante*) Esforço-me por ter animo e coragem... mas parece-me... que me abandonam!...

Vicente (*entrando pelo fundo*) — Tivestes a precaução de mandar-lhe pregar as janellas do aposento?...

D. Leonor — Temeis que o seu exaspero...

Vicente — A obrigasse a suicidar-se!...

D. Leonor — Estão as providencias tomadas.

Vicente — Bem, retiremo-nos... e velae que ninguem seja proximo d'esta sala. (*dirige-se a apagar as luzes*)

D. Leonor (*saindo, e áparte*) — Parece-me que o diabo vela sobre sua vida maldita!... (*vae-se*)

(Vicente de Deus sae pelo fundo cujas portas fecha.)

SCENA VIII

(A scena fica por um momento vasia. DIOGO PAES conduz SEBASTIÃO DE CARVALHO, pela esquerda. Depois NUNO entra em scena)

DIOGO — Tudo... tudo como vos eu disse... (*maravilhado*) Não tardará muito que Leonor aqui tenha a entrevista com o tal Desconhecido, e vós podeis, occulto por de traz d'esta porta, observar muito e á vossa vontade; por aqui só eu costumo entrar, e ninguem mais.

CARVALHO — Bem; retira-te. (*Diogo sae*) Não me convém ignorar certas coisas, que produzem effeitos contrarios á minha vontade. D. José errou no caminho, e eu preciso destruir o erro, por que me não convém no seu valimento pessoa alguma; amo-o muito... sou muito cioso de sua estima! Ah!... que de tudo meus inimigos lançam mão para me fazerem guerra!

NUNO (*apparecendo no limiar da porta*) — Eil-o!...

CARVALHO — Mas a vitoria será minha.

NUNO — É cedo para contardes com ella.

CARVALHO (*surprehendido*) — Ah!...

NUNO — Esqueceu-vos segurar Nuno, como annunciastes na carta, para não haver quem perturbasse vosso prazer... e vossa entrevista!... Esqueceu-vos que esse mancebo espreitaria vossos passos...

CARVALHO (*áparte*) — Negra traição de Diogo Paes!...

NUNO — Esqueceu-vos que esse mancebo tornaria mortifero o amor de Maria Tello!... Ah!... tu me alteaste no peito a chamma que vae consumir-te!... De joelhos... (*travando-lhe do pulso*) De joelhos miseravel...

CARVALHO — Vós, por certo não sabeis quem eu sou!...

NUNO — Sejas embora o diabo.... nada te poderá salvar... (*tirando o punhal e erguendo sobre Carvalho*)

SCENA IX

JULIÃO trazendo um brandão acceso, e D. LEONOR entram pela direita.

JULIÃO (*a D. Leonor*) — Appressae-vos... appressae-vos...

D. Leonor (*lança-se entre Nuno e Carvalho muito alterada*) — Nuno... Nuno, suspende!...

Nuno (*recuando*) — O ministro do reino!. .

D. Leonor — Oh... não sabes quem é esse homem... esse homem que loucamente ias assassinar...

Carvalho }
Nuno } — D. Leonor...

D. Leonor — Esse homem... é... (*designando Carvalho*)

Vicente (*apparecendo rapidamente no fundo, e com voz forte*) — Silencio!...

Julião — O padre!... (*baixo*)

Cae o panno.

QUADRO V

O DEDO DE DEUS.

(Casa subterranea no palacio de D. Leonor Tello: no fundo encostada á parede, uma escada com porta no topo. Do lado esquerdo uma banca com um crucifixo de madeira, junto da banca uma tocheira de prata com brandão de cera, cuja luz illumina a scena. Em frente do lado direito uma porta, outra por de baixo da escada.)

SCENA I.

(Ao levantar o panno, D. LEONOR está sentada e encostada á banca sobre a qual apoia os cotovelos, escondendo o rosto entre as mãos. VICENTE DE DEUS, de pé e braços cruzados sobre o peito, a alguns passos de distancia.)

VICENTE (*depois de pausa*) — Tudo perdido!... Tudo perdido por vossa causa!

D. LEONOR — Ha certos sentimentos do coração, que nos não é dado combater. (*erguendo os olhos para a cruz*) Eu vos rendo graças, meu Deus... por não haverdes permittido que se consummasse esse crime... esse crime horrendo cujo remorso não deixaria de me dilacerar o peito. (*pausa*)

VICENTE — Bem, senhora: resta-nos uma unica taboa de salvação que nos é forçoso abraçar. (*pausa*) D. Leonor... recordae os deveres dos quaes vos tendes olvidado... e em nosso derradeiro passo, buscae ser quem até hoje tendes sido. Todo o tempo nos é precioso, está por momentos a raiar esse dia fatal que pela ultima vez nos verá em Lisboa e no reino! Esse dia fatal, que illuminará nossa partida!... Ah!... que não possamos deixar gravados, n'este maldito sollo, traços de sangue, que o tempo não apague!...

D. Leonor — E essa taboa de salvação... é...

Vicente — O altar!...

D. Leonor (*levantando-se e áparte*) — Unil-os!... Ah!... unil-os... nunca!... (*alto*) E não ha outro meio?

Vicente — Nenhum, senhora. É o unico de manietar Sebastião de Carvalho... de suspender-lhe a massa terrivel com que pretende calcar-nos!

D. Leonor — E se elle fôr inexoravel á voz da natureza...

Vicente — Ah!... o inferno tal não permitta! D. Leonor... vós sabeis que foi descoberta a conspiração... e por consequencia que estamos perdidos! É-nos pois necessario dar um derradeiro passo que nos salve, ou que de todo nos confunda e anniquile! Dentro em meia hora deve Maria ser toda de Nuno, e o ministro todo nosso. (*sobe a escada do fundo e desapparece*)

SCENA II

Leonor (*só*) — Maria não póde ser de Nuno, embora o ministro não possa tambem ser nosso. (*pausa*) Talvez que por outro meio que tenho estudado, possamos chegar ao mesmo fim, poupando-me assim a um remorso continuo! Maria será a pesada cadêa que agriolhará o ministro ao carro do nosso triumpho. A declaração que vou fazer-lhe... as algemas pezadas que lhe vergarão os pulsos... e... ou calcar e despedaçar os laços da natureza... suffocar sua voz bem no fundo do coração... comprimil-o e tortural-o... ou revogar a ordem fatal. (*indo á porta do fundo e chamando*) Julião... Julião...

SCENA III

D. LEONOR C JULIÃO.

D. Leonor — Um perigo eminente ameaça Maria...

Julião (*interrompendo*) — Ah... minha pobre menina!... Um perigo... Ah senhora... dizei... dizei... o que é preciso fazer para a salvar?... Pobre menina... quando o cadafalso de sua familia a aguardava... eu com lagrimas de sangue, lhe beijei aquella fronte candida e pura... (*pausa*) Julião, me disse D. Leonor Tavora; ponho

ao teu dispor este dinheiro e estas joias... afim de comprares o padre Malagrida, que deve celebrar a missa ritual dos condemnados... faze com que elle misture na sagrada particula alguma lethargica droga... que faça passar por morta a tua pupilla... que viva... mas de todos ignorada, em quanto Sebastião de Carvalho fôr o valido de D. José! E no silencio da noite... tirando-a da ermida onde fôra depositada... corri... voltei... com aquelle precioso fardo... a implorar-vos um abrigo...

D. Leonor — Que eu de bom grado vos concedi...

Julião — Ah... senhora D. Leonor... o pobre Julião... não acha expressões para agradecer-vos tanta generosidade.

D. Leonor — Amparar e proteger a innocencia, é um dever sagrado que todos devem cumprir; Julião, aquelles papeis que D. Leonor Tavora confiou de teu zelo, para serem abertos, se algum dia a sorte menos adversa para com Maria a conduzisse ao altar, devem hoje ser lidos, porque chegou a época marcada.

Julião — Oh meu Deus... eu vos agradeço... o haveres conservado esta mesquinha vida, para acabar de cumprir toda a minha missão.

D. Leonor — Vae pois buscal-os... bom velho, e sê breve... porque um momento de demora póde arrojar Maria n'um abysmo de infamia e de vergonha.

Julião (*saindo apressado*) — Oh... Virgem santa... não a desampareis...

SCENA IV

D. LEONOR e NUNO D'ALMEIDA, pela escada.

D. Leonor — Nuno, que motivo vos conduz a este logar!?...

Nuno — São dois, o primeiro para ser o esposo de Maria... o segundo para que me expliqueis o mysterio que se passou entre mim e o ministro, eu quero saber quem elle é.

D. Leonor — Insensato... não sabes o que pedes! Queres saber quem é o homem contra cujo peito... alçaste o punhal da vingança?... Mas não te arrependas depois de eu fallar, porque minhas palavras vão ser terriveis... vão roubar-te a felicidade que procuras!...

Nuno (*resoluto*) — Não importa, fallae...

D. Leonor —Olha que ellas vão despedaçar-te a alma... vão cobrir-te de oprobrio!... vão lançar sobre ti o anathema da deshonra!

Nuno — Irei pedir-lhe uma reparação. Oh... fallae... fallae.

D. Leonor — E se a reparação que obtiveres, fôr de maneira que selle para sempre o segredo fatal que buscas saber... sim... se fores calcado... e morto... como o marquez de Tavora que tentou já assassinal-o...

Nuno — Sou assás mesquinho, para que se me levante um cadafalso de tanta honra.

D. Leonor — Entre as agonias e as torturas do supplicio... uma idêa... um pensamento atroz, te pungirá mais que ellas... é a do deshonroso nascimento!... (*allongando as syllabas das ultimas palavras*)

Nuno (*recuando horrorisado*) — Ah!... maldição!... maldição!... (*pausa, baixo*) E eu não o assassinei... (*levantando a voz pouco a pouco*) Não lhe roubei aquella vida, que sobre mim cuspiu todo o fel do anathema! Não lhe rasguei com mil golpes aquelle peito, que para n'um momento arfar de amor e de prazer... condemnou até á morte, o seu fructo innocente! Aquelle que arrancou do nada um infeliz, para o lançar entre as chammas do inferno!

D. Leonor — Nuno... o excesso de tua dôr, te arranca palavras horriveis. Agradece á providencia, o não te haver constituido um parricida, á providencia que lançou o remorso n'este coração até hoje inacessivel a qualquer sentimento.

Nuno — Porque se não abre o chão para me tragar... porque não fico aqui... anniquilado... involvido com o pó da terra... porque se me não gella o sangue nas veias... (*batendo sobre o peito*) Coração... coração cessa já de palpitar, para me poupares á sede de vingança que me devora!...

D. Leonor — Desgraçado... desterra de ti o pensamento de uma vingança que não te compete tomar.

Nuno — Não me compete!... a mim... a mim que fui ultrajado... a mim... em cuja existencia lançaram todo o fel da ignominia!? E não me compete a vingança!?... Ah!... sim... D. Leonor... (*dirigindo-se para o altar, sobre o qual colloca o punhal, estendendo sobre elle a mão direita*) Perante este Deus que nos escuta, eu juro vingar-me, se o auctor de meus dias fôr tão inexoravel á voz da natu-

reza, que não me abra seus paternos braços, e que não apague, reconhecendo-me, a nodoa fatal que sobre mim lançou !

D. LEONOR—Ah!... não, tal não digas! Infeliz... que juraste!...

NUNO — Vingança !... Vingança! (*guarda o punhal*) Eu preciso abrandar estes tormentos que me laceram o peito... eu preciso encontrar amor e prazer...

D. LEONOR (*áparte*)—Meu Deus!... (*alto*) Agora Nuno que bem conheces o horror de teu estado... quererás por ventura arrastar Maria, no abysmo que a teus pés se cava?... Quererás lançar sobre ella, toda a tua deshonra?.

NUNO — Ah!... callai-vos... basta já de padecer.

D. LEONOR — Queres envenenar-lhe sua existencia de anjo?... Ah... não... não... ella mesmo recusará abrir-te seus braços, porque não quer manchar sua aureola de candura e pureza, com a nodoa do teu ser!...

NUNO — Não esperteis a chamma do exaspero que me abraza... olhae que o excesso a que me reduzis, pode servos fatal!...

D. LEONOR — Pois bem... mancebo louco... eu vou conduzir-te Maria, e ouvirás de sua bocca...

SCENA V

OS MESMOS e MARIA pela porta do fundo, depois JULIÃO, VICENTE DE DEUS e UM SACERDOTE.

MARIA (*correndo a precipitar-se nos braços de Nuno*) — O amor que te consagro, Nuno.

NUNO — Maria...

D. LEONOR (*a Maria*) — É muita insolencia!... Como vos atrevestes a sair de vosso quarto!?...

MARIA — A esperança é a estrella do infeliz, que brilha no céo escuro e nublado de seu padecer... e essa estrella de uma luz brilhante e viva... nos protege e illumina, apontando-nos a salvação.

D. LEONOR — Oh... Maria abandonae esse homem... esse homem cujo contacto te avilta e deshonra!...

NUNO (*impondo-lhe silencio*) — D. Leonor!...

D. LEONOR (*contendo-se, em vista de Vicente de Deus e um Sacerdote que apparecem no topo da escada*) — Bem...

ide receber da bocca do ministro do céo... as bençãos que o Eterno vos recusa!

VICENTE — Meus filhos... Deus e o altar, vos aguardam. (*baixo a D. Leonor*) E', como sabeis, o unico meio...

(O Sacerdote toma logar: Vicente de Deus conduz os esposos.)

D. LEONOR (*áparte*) —Julião demora-se!... meu Deus!...

JULIÃO (*entrando pelo fundo muito apressado*) — Ah!... um momento... um momento... (*é a cerimonia interrompida, Vicente de Deus exprime desasocego*) Foi a derradeira vontade de vossa tia (*a Maria*) que se alguma vez a sorte vos conduzisse ao altar... antes da cerimonia... abrisseis esta carta. (*de um pequeno maço de papeis lacrados, tira uma carta que lhe entrega*)

VICENTE — Mas não será coisa de consequencia... depois... depois...

D. LEONOR (*a Maria*) — Foi a ultima determinação... de vossa tia...

MARIA (*afastando-se do altar*) — Devo pois cumpril-a. (*abre a carta*) Leia-se. (*lê, em todas as physionomias durante a leitura, se notam os differentes sentimentos que devem agitar as personagens, conforme seus caracteres. Maria, finalisando a leitura que tem feito muito agitada, caminha até á bocca da scena*) Ah!... parece que o sangue dos Tavoras, tendo sido condemnado pelo céo e pelos homens... leva a tortura ao coração que agita. (*voltando para ao pé de Nuno, e pegando-lhe na mão, o afasta do altar*) Nuno... Nuno.. eu não posso ser tua esposa.

(Sorpresa geral, excepto de D. Leonor.)

NUNO — E haverá algum diabolico poder que te arranque agora de meus braços!... vem, segue-me... o altar está ali... hasde ser minha que nem o inferno o impediria agora!... Padre... (*conduzindo-a á força para o altar*) Padre... começae a cerimonia... esta mulher pertence-me... pertence-me já...

MARIA — A natureza nos ligou... sou tua... tua irmã...

NUNO — Ah!... (*recuando como horrorisado*)

MARIA — E repeles de teu seio... a tua pobre irmã,

Nuno... aquella que *não tem outro arrimo*, nem outro amparo...

NUNO — Ah!... Não!... (*caminhando para ella*) Em meus braços... em meus braços... (*abraçam-se com fraternal amor*)

VICENTE — Mas... isto... não é coisa que se creia de leve... é preciso... examinar... investigar... pode ser uma fabula... (*a Maria*) deixae-me ver essa carta... (*examinando-a*) Ah!... é falsa... esta nunca foi letra da marqueza de Tavora... é uma calumnia infame... (*rasgando-a e áparte a Leonor*) Agora não ha provas... vou convencel-os do contrario... e hãode casar...

JULIÃO (*tendo ouvido o padre, adiantando-se e mostrando-lhe o pequeno maço de papeis*) — Estas... ainda existem... padre!...

(D. Leonor exprime triumpho)

Cae o panno.

ACTO IV

QUADRO VI

O REI E A FAVORITA.

(Apozentos reaes, no palacio d'Ajuda. No fundo janellas, pelas quaes se avista o Tejo, sobre o qual estarão alguns navios ancorados, mas promptos a levantar ferro: differentes lanchas o cruzam, conduzindo bagagens e gente. Do lado esquerdo, porta com reposteiro, outra do lado direito, mezas e cadeiras doiradas, etc.)

SCENA I

(Ao levantar o panno, D. JOSÉ, sentado junto de uma das janellas, parece observar o movimento no Tejo. SEBASTIÃO DE CARVALHO, de pé por detraz d'el-rei, igualmente olha para o rio.)

D. José — Não te parece, Carvalho, que os jesuitas levam comsigo um grande trem?...

Carvalho — Objectos de pouca valia, senhor. (*áparte*) Mais do que eu desejava!

D. José (*sorrindo-se*) — E este espectaculo que o Tejo nos offerece hoje, é-te devido, Carvalho.

Carvalho — A mim não, real senhor, mas ao meu zelo. Julguei dever de bom vassallo, affastar de vossa côrte esses homens que a innundavam, moldando-a a seus caprichos, e interesses! Julguei dever de bom vassallo, preservar o throno de seu augusto monarcha, de qualquer ruina que o ameaçe. Isto não quer dizer, real senhor, que vossa magestade não bastasse para conservar-lhe os alicerces, inalteraveis... porém...

D. José (*interrompendo*) — Esses homens, podiam... podiam muito!

Carvalho — E agora que a mão de Deus, os arroja para longe de Portugal...

D. José — Passará dias felizes, livres de uma terrivel enfermidade que o definhava! Carvalho, tu és um grande ministro, que em vez de desfalcares a fazenda publica por inacção, ou com objectos superfluos, tens sabido engrandecel-a, e tornar de eterna memoria o meu reinado, acarretando sobre mim, o titulo do regenerador da nação.

Carvalho (*com modestia*) — Eu só faço executar as ordens de vossa magestade, embora ellas... algumas me compromettam.

D. José — Percebo-te Carvalho. Tu, não podendo com rasão, tolerar a influencia que o tratado de *Methuen deixou*, de Inglaterra sobre Portugal, soubeste com summa delicadeza diminuil-a... quasi extinguil-a, sacrificando-te a seres mal visto pela Gram-Bretanha. Mas que importa, quando o teu rei sabe avaliar tuas qualidades, e honrar-te com a estima que mereces?!...

Carvalho — Se hoje o ministerio de Portugal está livre da influencia estrangeira... quero dizer, se hoje vossa magestade governa o seu povo e o seu reino, a ninguem tal deveis, senhor. Eu nada mais faço do que outro qualquer homem, que só houvesse em mira o bem da nação, e do seu rei. Mas a proposito, permitta-me vossa magestade que eu tenha a honra de apresentar-vos um objecto, para o qual se carece de vossa augusta resolução. (*apresenta um manuscripto, que o rei observa*)

D. José (*áparte*) — Este homem, tudo sabe!... (*alto*) Não estou de acordo, Carvalho, poucas provas... injustiça... não... não existiu tal conspiração. (*parece aguardar que Carvalho falle*) Carvalho... explica-te... falla...

Carvalho — Perdoae-me, real senhor, mas se tal fizer, passo pelo desgosto de vos contrariar! (*com firmeza*) Eu sei com certeza...

D. José — Estás informado... e...

Carvalho — É forçoso punil-os!

D. José (*indeciso*) — Sim... mas vê... eu não desejava...

Carvalho — Porém exige-o a segurança da nação. Qui-

zeram urdir um laço... uma trama, para vos assassinar e calcar o meu corpo! (*com modestia*) O attentado contra mim, real senhor, de nada vale. (*com tom positivo*) Mas contra vossa magestade, merece um castigo atroz e exemplar!

D. José — Bem, risca d'aqui um nome e os mais...

Carvalho — Deveriam riscar-se tambem... ainda falta um... é o meu.

D. José — E porque! (*com severidade*)

Carvalho — Porque eu jurei anniquilar os inimigos de vossa magestade, e ou eu, ou elles hãode cair.

D. José — É louvavel tal juramento, e eu não quero contrarial-o. Mas o que póde uma mulher, contra a pessoa de seu rei?!... O que ha a temer de Leonor Tello!? Risquemos d'aqui o seu nome, e os mais... que desappareçam... mas sem ruido... confunde-os...

Carvalho — Uma mulher como D. Leonor Tello, é um foço de attentados e conspirações... lembrae-vos de que os seus sentimentos, são jesuiticos!

D. José (*depois de haver reflexionado*) — Eu me resolverei a esse respeito.

Carvalho — E em quanto a seus cumplices, como vossa magestade, me assegura ter a bondade de uma resolução a favor do estado, torna-se preciso deliberar...

D. José — Entrego-t'os, Carvalho.

Carvalho (*apresentando alguns papeis*) — Queira vossa magestade dignar-se assignar... (*entrega os papeis ao rei, áparte*) Eu bem sabia que isto havia acontecer.

(D. José levanta-se, dirige-se para uma banca, assigna os dois primeiros, e quando vae a assignar o terceiro, suspende-se. Carvalho faz um gesto de impaciencia.

D. José — Uma reclusão em convento, para D. Leonor!...

Carvalho — Até vossa magestade se dignar resolver...

D. José (*sem poder hesitar*) — Bem. (*assigna rapidamente*)

Carvalho — É pela segunda vez, que amparo o vosso throno, tendo a honra de soffocar uma conspiração contra

a augusta vida de meu monarcha. *(áparte, indo buscar a uma cadeira, o seu chapéo)* D. Leonor... agora nós! *(alto)* Vossa magestade permitte-me. *(beija-lhe a mão)*

D. José — Adeus, Carvalho.

(Carvalho sae.)

SCENA II

D. José *(só)* — Leonor é culpada, porque rasgou o vèo do mysterio que a seus olhos me occultava! Carvalho tem razão... é forçoso apartal-a de mim... que talvez eu não tivesse força para evitar seus encantos!... É forçoso elevar entre nós uma barreira forte, entre nossos corações... e essa barreira, serão os muros de um convento!

SCENA III

D. José e o camarista, pelo lado opposto, pelo qual saiu Carvalho.

Camarista — Uma dama coberta com véo, requer a graça de uma pequena audiencia de vossa magestade.

D. José — Conduze-a. *(o camarista inclina-se, e sae)* Quem será !?... Uma dama coberta com véo... Eil-a! *(senta-se na sua cadeira, e o camarista introduz a dama)*

SCENA IV

D. José e a dama.

Dama — Permitte-me real senhor... *(beija-lhe a mão)*

D. José — Solicitastes-me uma audiencia, senhora?...

Dama — Sim, real senhor.

D. José — E para que fim?!...

Dama — Para reclamar a vossa magestade o cumprimento de vossa augusta palavra.

D. José — Explicae-vos melhor!...

Dama — Quando um monarcha se digna honrar um sub-

dito com a promessa de uma qualquer graça, jámais deve esquecer-se de que a anciedade, espedaça horrivelmente, o peito de quem espera recebel-a. Não ha muitas horas, que D. José I, prometteu dar uma prova de seu poderio; e comprou o mysterio que o involvia, com a liberdade de um homem...

D. José (*levantando-se agitado*) — Quem sois vós!?...

Dama (*levantando o véo*) — Vêde.

D. José (*perturbado*) — Leonor!... Leonor!...

D. Leonor — Agora sem duvida me comprehendeis, senhor. Sabeis quem seja o homem, cuja liberdade me concedestes. Ah... vossa magestosa presença vos trahiu, deixando-me lêr atravez o negro de vossa mascara, as feições de D. José. Mas agora que saciei a sede horrivel que me devorava... se Leonor é digna...

D. José — Não prosigas, Leonor, eu sou agora o rei de Portugal! Com tuas mãos cavaste o abysmo que nos separa... já me conheces, e por consequencia, a distancia que te separa do throno!

D. Leonor — E não póde D. José baixar de seus doirados madeiros para se involver, desconhecido com o manto da noite, e ir encontrar no apozento de Leonor Tello, o amor que vos tributo?...

D. José — Impossivel... é impossivel... Mulher... foge... abandona-me, porque o amor do rei... é um veneno terrivel para a sua valida... é mortifero!... Ah... em quanto é tempo... foge... foge... porque um perigo imminente...

D. Leonor (*com placidez*) — Eu tenho coragem para o affrontar. As tuas palavras, D. José, me designarão o meu inimigo. Sebastião de Carvalho... cava-me um abysmo para n'elle me perder?!... Pois bem, se tal é a vontade do meu rei, não o heide evitar.

D. José — Leonor...

D. Leonor — Mas pela ultima vez que nos vemos, D. José... concede-me uma graça... a derradeira... que te pede, aquella em cujos braços, tanta vez repousaste tua fronte real, onde só se agitava um pensamento de amor.

D. José — Falla...

D. Leonor (*mostrando-lhe um papel*) — Assignarás?... (*dá-o ao rei*)

D. José (*sorprehendido*) — Mas... Leonor!...

D. Leonor — Por piedade... assigna... assigna... (*supplicante*)

D. José (*áparte, e assignando*) — Ainda mais esta contra minha vontade!... (*dá-lhe o papel que Leanor guarda*)

D. Leonor — Oh... senhor... senhor... eu te agradeço. (*ajoelhando e beijando-lhe a mão*)

(Carvalho entra, abre o reposteiro da direita, ouvindo as ultimas palavras.)

SCENA V

OS MESMOS, E CARVALHO.

Carvalho (*como se os não vira*) — Vossa magestade dá licença?... Ah!... perdoae-me, real senhor!

(Leonor faz um movimento para erguer-se.)

D. José (*baixo*) — Deixae-vos estar. (*alto*) Sereis satisfeita senhora. Vosso irmão, será posto em liberdade. (*a Carvalho*) Carvalho, farás executar esta ordem.

D. Leonor — Eu vos agradeço, senhor, vossa infinita generosidade. (*beija-lhe a mão, e levanta-se*)

(El-rei sae pela direita.)

Carvalho (*inclinando-se*) — Sim... hade ser executada.

SCENA VI

D. LEONOR E CARVALHO.

Carvalho — E' para v. ex.ª este officio, senhora. (*dá-lhe um officio*)

D. Leonor (*lê, e fica confusa*) — Que significa isto, senhor Sebastião de Carvalho!?...

CARVALHO (*com riso maligno*) — A generosidade que ha pouco agradecestes a D. José.

D. LEONOR — Bem, que ordenaes?!...

CARVALHO — Uma sege e uma religiosa, vos aguardam á saida do palacio... e amanhã o convento... (*bate meio dia e Carvalho aponta com triumpho para o Tejo, no qual os navios começam a marear*) O convento será vossa morada, em quanto ao presente os jesuitas se affastam de Portugal!...

D. LEONOR — E para sempre!... Mas eu me vingarei, homem da minha perdição!... (*sae pela esquerda*)

(Carvalho cruza os braços sobre o peito, fazendo um gesto de despreso.)

Cae o panno.

QUADRO VII

O CONDE DE OEIRAS.

(A mesma decoração do sexto quadro.)

SCENA I

(Ao levantar o panno, CORTE-REAL e O DESEMBARGADOR, estão em scena, confusos e agitados.)

CORTE-REAL — Venho ao paço, porque recebi de um official, a ordem regia, de aqui o acompanhar!...

DESEMBARGADOR —Igual motivo me couduziu! Temo adivinhar para que fim el-rei nos chama a palacio! Por mais que me occultasse a todas as vistas suspeitas...

CORTE-REAL — É que a de Sebastião de Carvalho, é como a do lince, penetrante e formidavel! Para elle, não ha mysterios, tudo vê... e tudo sabe!

SCENA II

OS MESMOS e SEBASTIÃO DE CARVALHO, seguido de um PORTEIRO, que traz na mão dois grandes officios lacrados.

CARVALHO (*que ouviu as ultimas palavras*) — Assim convem a quem precisa tudo ver, e tudo saber!... Muito folgo de vos ver... ha dois annos, que não tinha o gosto de vos encontrar. (*ao Desembargador*) Estaes com mau parecer!... Acaso soffreis, senhor desembargador! ?...

DESEMBARGADOR (*algum tanto embaraçado*)—Soffro... soffro bastante!... Os medicos me aconselharam vir respirar a Lisboa, os ares natalicios... e é por este motivo...

CARVALHO (*interrompendo*) — Nem sempre a medicina, cura certo. Escolhestes má época! (*com intenção*)

DESEMBARGADOR (*affectando placidez*) —Todas me correm iguaes.

CARVALHO — Mudemos de pratica, que outro objecto importante nos deve occupar agora. Cumprirei a ordem regia de... (*ao porteiro*) Entregue a estes senhores os officios que lhes são dirigidos.

(O porteiro obedece, e retira-se logo.)

DESEMBARGADOR (*acabando a leitura*) —Senhor Sebastião de Carvalho... v. ex.ª é um traidor!

CARVALHO — Senhor Freire, el-rei é quem governa!

CORTE-REAL — V. ex.ª é um calumniador!...

CARVALHO (*com intenção*) — Eu sou um ministro de estado!...

DESEMBARGADOR — Qual é pois o meu crime, para merecer desterro! ?...

CORTE-REAL — E qual o meu! ?...

CARVALHO — Vossas consciencias vol-o dirão.

(Os dois se olham com assombro.)

DESEMBARGADOR — Pois bem, senhor... lembrae-vos do dia de hoje...

CORTE-REAL — E de que o poder não será eterno em vossas mãos!...

CARVALHO — Desejo-vos saude. (*com riso sardonico*)

(O Desembargador e Corte-Real saem precipitadamente.)

SCENA III

CARVALHO, depois NUNO D'ALMEIDA.

CARVALHO (*só*) — Bem sei que o poder não será eterno nas minhas mãos, porém quando elle acabar, não temerei meus inimigos! Ah... hãode ir para baixo!... Hãode ir para baixo!...

O PORTEIRO — Nuno d'Almeida solicita fallar a v. ex.ª

CARVALHO — Nuno d'Almeida!... Ah... eu me incumbi-

rei de sua pessoa! (*ao porteiro*) Fazei-o entrar. Já tremi perante elle... agora cumpre-lhe tremer!

(O porteiro introduz Nuno d'Almeida, e retira-se.)

NUNO (*caminhando lentamente para Carvalho, que se senta*) — Não me conheceis?

CARVALHO — Perfeitamente! (*deitando-lhe a luneta*) E vós, sabeis quem eu sou?!...

NUNO — A esse respeito, sei mais que desejava!

CARVALHO — Sim!?... Pois que sabeis de novo?... (*com ironia*)

NUNO — Muito senhor!... Eu venho aqui, para contar-vos uma historia.

CARVALHO (*com severidade*) — Senhor Nuno d'Almeida!

NUNO — Uma historia que mui directamente vos interessa, e que eu sei como se fôra a de minha vida! Escutae-me. Faz hoje vinte annos, que um homem seduziu vergonhosamente uma pobre donzella, e mezes depois, entre lagrimas e dôr, deu á luz o fructo da sua deshonra! E essa desgraçada não poude encontrar, abraçando-o, esse prazer inexplicavel de mãe, quando pela vez primeira une ao peito o fructo de seu amor, porque ella só viu no infeliz innocente, um padrão da sua vergonha!!!...

CARVALHO (*um pouco inquieto*) — Mas... essa historia, é impropria do logar em que estamos!...

NUNO (*continuando*) — A mãe, fez constar a seu infame seductor, a existencia de um infeliz filho. E quereis saber qual foi a resposta que esse homem desalmado lhe enviou?! (*rapido*) Quereis saber qual foi?...

CARVALHO (*muito agitado e áparte*) — Se o ouvissem!... (*alto*) Senhor Nuno... eu... nada tenho com isso... mas n'outra occasião...

NUNO (*continuando*) — O seu infame seductor, respondeu-lhe que não pretendesse com vil embuste compromettel-o; apresentando como seu filho, aquelle que poderia ter outro pae, e que era melhor occultar o crime, abafando o seu fructo! (*pausa*) Bem vêdes, que é preciso ser destituido de sentimentos de honra, e de humanidade, para assim cuspir o fel do escarneo, n'uma infeliz que seduziu!

CARVALHO (*áparte*) — Ah!... (*muito atterrado, e com colera concentrada*)

NUNO — Esse, infeliz victima, como sua mãe, esse infeliz, como sua mãe, coberto de oprobrio, foi exposto á caridade dos fieis, nas lageas do portal do convento dos Jeronymos! Um bom e caridoso velho o acolheu, e cuidou de sua educação. Cresceu o desgraçado, e com elle a sua deshonra, até uma idade, em que ouviu a revellação fatal de seu nascimento... e de quem lhe gerou o ser!...

CARVALHO — Mas finalizae já essa importuna historia!...

NUNO — Agora. E n'esse momento, um outro raio de exaspero, feriu seu coração!... Reconhecendo como elle, uma irmã tão desgraçada, viu até que ponto chegava o crime de seu pae, que suffocou em seu peito o ultimo brado da natureza, pronunciando contra a infeliz... senhor... contra essa donzella innocente... contra esse anjo de bondade, em cujas veias lhe circula o sangue de Leonor de Tavora...

CARVALHO (*áparte, levantando-se e interrompendo*) — Minha filha!... (*muito horrorisado*)

NUNO (*continuando*) — Uma sentença de morte, para sellar o mysterio de seu crime!...

CARVALHO (*muito agitado*) — Ah!... acabae... acabae!...

NUNO — E o mancebo, foi encontrar-se face a face, com o auctor de seus dias, e diz-lhe: (*com voz forte e positiva*) Senhor, eu sou vosso filho... preciso chamar-me Nuno de Carvalho e Mendonça!

CARVALHO — Ah!... meu filho... meu filho!... Sim, tu o serás... Eu heide concorrer para a tua felicidade...

NUNO — E minha irmã, senhor!?...

CARVALHO — Oh... minha filha... Nuno... onde existe ella?... Minha filha... Oh... falla... falla... onde existe!?...

NUNO — Desde a morte de sua mãe, no poder de D. Leonor Tello.

CARVALHO (*áparte*) — Ah!... no poder d'essa mulher infernal!... E o desgraçado, não sabe que é sua mãe!... Oh... minha innocente Maria... minha filha... é forçoso arrancar-te das garras d'essa furia vomitada pelos infernos!... Oh mas ella é mãe de meu filho!!!... Ella é uma victima... uma victima de minhas palavras traiçoeiras... de meus devaneios... Ah... eu dizia-lhe que a amava... eu chamava-lhe um anjo... e agora... agora... eu lhe ca-

vei o sepulchro... eu meditei a sua perda... transformou-se o amor em odio... Ah!... mulher!... mulher!. . (*como tomado de subito pensamento agarra no braço de Nuno, e o conduz á boca da scena*) Nuno... é forçoso salvar tua irmã... e esta noite... em sendo oito horas... eu irei encontrar-*te* no cáes de Belem... junto do portal do convento. Oh... (*escutando*) alguem se aproxima!... Nuno... adeus... até á noite!

NUNO — Até á noite, meu pae. (*beija-lhe a mão e retira-se*)

SCENA IV

CARVALHO, depois D. JOSÉ.

CARVALHO (*só*) — Este... dia... que foi o ultimo dos jesuitas em Portugal... Ah... que não seja tambem o ultimo de minha felicidade!

D. JOSÉ (*ouvindo as ultimas palavras*) — Não o será, em quanto D. José I, fôr o rei de Portugal. Sim Carvalho; jámais deixarás de ser o meu primeiro ministro... que sem ti, não teria força para erguer-me no throno.

CARVALHO — Tanta honra é immerecida real senhor!...

D. JOSÉ — É pela segunda vez que me amparas, e firmas no throno vacilante, e este serviço é feito á nação inteira. Eu hei sido ingrato para comtigo, não te recompensando como devera... mas... o mal remedeia-se... Carvalho.

CARVALHO — É de sobra a recompensa, com vossa real estima...

D. JOSÉ (*dando-lhe um pergaminho*) — E' D. José e a nação que te offerecem o titulo de conde de Oeiras, que por teus serviços, has alcançado. É um padrão da tua grande obra...

CARVALHO (*buscando conter o jubilo, ajoelha beijando-lhe a mão*) — Sim... um padrão eterno de vossa real bondade!...

Cae o panno.

QUADRO VIII

A VINGANÇA DA ORDEM.

(A mesma decoração do quinto quadro.)

SCENA I

(Ao levantar o panno, MARIA TAVORA, está ajoelhada em frente do altar, um SACERDOTE junto d'ella, e o OFFICIAL no meio do theatro, com um papel na mão, mostrando no rosto a repugnancia que lhe causa a presente scena.)

OFFICIAL (*lendo*) — «Maria Theresa de Tavora, sobrinha de Leonor de Tavora, em conformidade da sentença contra sua familia proferida, é condemnada a morrer pelo veneno, no domicilio què até hoje a tem occultado, e abrigado de minha real justiça. (*dobra o papel*) Com a regia assignatura d'el-rei, nosso amo e senhor! (*sóbe vagarosamente a escada, e desapparece*)

MARIA — É da vossa divina vontade, meu Deus, resignada e contricta a cumprirei. Estendei sobre mim, vossa divina misericordia e acolhei-me em vossos braços. Padre... estou prompta... venha o veneno, que alegre a taça esgotarei: lançae-me vossa benção. (*o padre a absolve, e Maria levanta-se vindo para a scena*) Nuno... vou deixar-te!... Vou deixar-te, sobre esta maldita terra que devora os innocentes, e os confunde com os culpados!... Praza ao ceo, que lhe dirijas por mim, uma oração: que lances uma flôr, e uma lagrima, sobre as minhas cinzas... sobre as cinzas d'aquella que sempre te amou, mais que a vida!... (*encostada ao Sacerdote, entra com elle no quarto da esquerda, cuja porta se fecha*)

(Julião com trajo preto e embrulhado n'uma capa, entra, abre a porta por debaixo da escada, e examina a scena.)

SCENA II

JULIÃO (*só*) — Ninguem!... (*entra*) É o que faltava, que depois de a salvar uma vez, eu a deixasse matar assim, sem a salvar outra! Pobre menina... parece que todas as calamidades do mundo, foram feitas para ti... ou tu, nascida para todas ellas!... Mas agora... eu cá estou de vigia, e heide salvar-te. O homem destinado para te dar o veneno, vendeu-me o seu myster diabolico, sem que suspeitasse para que; deu-me tambem as instrucções do que farei... bem... bem... isto é já bom agouro. (*sentem-se passos no topo da escada*) Silencio!... Elles ahi vem! (*sae pela mesma porta, fechando-a cautelosamente*)

SCENA III

D. LEONOR e VICENTE DE DEUS, descem a escada.

VICENTE — Coragem senhora. Não vacileis n'esta hora tremenda em que vae decidir-se da sorte de Portugal... e da nossa! (*pondo sobre a mesa, uma pequena taça que traz*) Eis aqui o veneno... e para o outro...

D. LEONOR — Meu Deus!... Elle é meu filho!...

VICENTE — É... e tambem d'esse homem, nosso capital inimigo! Abraça-o sem que vossas faces se cubram do rubor do peijo... sem que aviveis o ferrete de infamia, que o seu nascimento, vos estampou na fronte!...

D. LEONOR — Ah!... de infamia!... de infamia!...

VICENTE — E sereis tão generosa, que depois de deshonrada... aviltada... escarnecida... renuncieis á vingança?!... Será tão excessivo o amor pelo filho de vossa vergonha, que vos faça respeitar os seus dias, e os de seu pae, quando se trata de preencher um dever... uma divida de sangue!?...

D. LEONOR — Ah... padre... padre... que me enlouqueceis! Oh!... sim... é-me forçoso tomar vingança!... Nuno é seu filho... meu tambem... mas eu aqui, já não sou mãe... sou a jesuita ultrajada... e condemnada por elle!... meus irmãos foram expulsos ignominiosamente... elles clamám vingança... Ah!... eu quero vingar-me... e embora haja de subir uma escada de cadaveres, ainda palpitantes... em cujos

labios ainda assomem gritos de maldição... eu affrontárei todas essas maldições.. eu calcarei com indifferença todos esses cadaveres... eu subirei até Sebastião de Carvalho... eu o despenharei com força incrivel, d'esse pedestal em que se ergue... e elle hade anniquilar-se na queda!... Ah!... homem da minha perdição... sopro do inferno que me bafejas a alma... vingança... vingança!...

(Durante esta falla de Leonor, Vicente de Deus exprime alegria.)

Vicente —Pois bem, preparemos as mólas de nossa machina... e... e que se elle recusar obedecer-vos... um aceno... um grito vosso, sirva para descarregar os dois golpes! (*toma a taça, dirige-se á porta debaixo da escada, um homem se lhe apresenta, a quem Vicente de Deus entrega o veneno, voltando depois para a scena*) Aquelle homem, está prevenido: e ás vossas palavras, de — Vingança da Ordem — será o signal de morte, pronunciae-as com força, que ellas hãode reprecurtir-se por estas abobadas, para a cumprirem. D. Leonor... coragem!... coragem!

D. Leonor (*repetindo*) — Coragem!...

(Vicente de Deus sóbe a escada e sae.)

SCENA IV

D. LEONOR, depois SEBASTIÃO DE CARVALHO.

D. Leonor (*só, caminhando para a porta da esquerda*) — Aqui está a victima, prompta a subir ao holocausto tremendo! Tens até hoje sido o ludibrio de um destino cruel; e ao desabroxar na primavera da vida, da vingança a danada serpente, te aponta ao ceio! (*pausa, desviando-se*) Ah!... Os sentimentos communs da ordem, hão ateado em meu peito, a chamma de uma vingança já particular! (*comprimindo o peito*) O menor sentimento de honra... os sentimentos de humanidade, todos os deveres os mais sagrados, não existem já aqui!... Aqui só o crime... o crime de cujos braços não me é possivel arrancar! Estou a elles ligada com grilhões fortes e pesados... que hão coberto de chagas o meu coração... e chagas para as quaes não ha um

remedio; chagas que lentamente o hãode devorar, deixando-me sentir commoções, e dôres atrozes! ! !...

CARVALHO (*apparece no topo da escada, a qual desce precipitadamente*) —Leonor... eu venho buscar minha filha, e quero-a já!

D. LEONOR (*recobrando todo o furor de que se havia possuido na scena terceira, em vista de Sebastião de Carvalho*) —Tua filha!... Ah... a tua filha! Vens pedir-me a tua filha, Sebastião de Carvalho?... Pois ella, está alli, (*designando*) e nem o poder do inferno, seria capaz de arrancar-m'a das mãos! (*corre á porta, dá volta á chave, e guarda*) Tenho-te finalmente agrilhoado em meu poder, grande ministro do reino; valido de D. José... quasi rei e senhor, de teu amo, e de Portugal! Sim, o homem que é tudo isto, está agora envolvido na teia que lhe urdiu uma mulher miseravel... deshonrada... coberta de opprobrio por elle... escarnecida... vilipendiada!... Ah!... È tempo de ajustarmos contas, senhor!...

CARVALHO —Leonor... dá-me a minha filha, ou treme de minha vingança!

D. LEONOR —Desprezo-a! Se a queres abraçar... se queres Maria... esse anjo de candura e pureza, a quem geraste o ser, vai revogar a ordem de minha reclusão... que do contrario... esta que aqui está... hade morrer!

CARVALHO —Ah!... Nunca!... Furia infernal... ella é innocente... ella não tem culpa de crime algum... dá-m'a... restitue-a a seu pae...

D. LEONOR —Só de ti depende!

CARVALHO —As ordens do monarcha são irrevogaveis.

D. LEONOR —Pois bem. É forçoso que tua filha morra. (*tira um papel que lhe faz lêr, sem comtudo o largar*)

CARVALHO (*horrorisado*) —Leonor... Leonor... é minha filha... tu não podes avaloar o amor que lhe tenho... minha filha... objecto de todos os meus pensares... Ah... salva-a... salva-a... (*quasi em devaneio, quer ajoelhar, e Leonor se affasta com rapidez e escarneo*)

D. LEONOR —Que é isto, senhor Sebastião de Carvalho! V. ex.ª se humilha e abate aos pés de Leonor Tello?! Lembrae-vos de que sois o homem poderoso... o homem que rege o espirito de seu amo; o primeiro ministro de D. José rei, de Portugal!

CARVALHO (*exasperado*) —Ah!...

D. Leonor — Não percas tempo que é precioso.

Carvalho — Revogar a ordem de tua reclusão, é o mesmo que se eu largasse o governo! Que me perdesse n'um abysmo profundo!

D. Leonor (*com escarneo*) — Lá cuidarás de tua filha, que faz o objecto de teus pensares.

Carvalho — Os teus carinhos venenosos arrebatarão o espirito do monarcha... nos seus braços podes mais do que eu!... Ah... é-me forçoso arrancar-te d'elles!...

D. Leonor (*com rapidez*) — E arrancarás a vida á tua innocente filha!

Carvalho (*no cumulo do exaspero*) — Ah!... Demonio!... Demonio!...

D. Leonor — E no momento em que a vida lhe fugir, a sua maldição irá cair sobre ti, porque lhe direi que pediste a sua morte!

Carvalho — Ah! Isso é demais! Nem a combinação de todas as idéas infernaes, seria mais terrivel, que o teu danado pensamento!

SCENA V

OS MESMOS, E NUNO D'ALMEIDA.

Nuno — Meu pae... meu pae... onde está minha irmã?

Carvalho — Ainda no poder d'aquella mulher! (*designando Leonor*)

D. Leonor (*a Nuno*) — A minha liberdade, em troca da vida de tua irmã.

Nuno — Meu pae, é preciso salval-a. Corri a revogar a ordem de reclusão contra D. Leonor, partamos, que o sagrado dever de pae, vos obriga a não recuar ante sacrificio algum, para salvar vossa filha... senhor... senhor, partamos.

D. Leonor (*áparte*) — Tão mal conheço eu, esse sagrado dever!...

Nuno — Mas vós recusaes... o tempo insta... e eu vou chamar a justiça d'el-rei! (*sae arrebatadamente, subindo a escada*)

SCENA VI

D. LEONOR e CARVALHO.

D. Leonor — Pela ultima vez... homem de satanaz... decide-te... tua filha está alli... a morte esvoaça sobre sua cabeça. Falla... falla...

(Carvalho, de braços cruzados sobre o peito, olhar ficto no chão, parece que se lhe embargou a voz, á força da luta que se passa em seu peito.)

D. Leonor — Ah!... accorda d'esse lethargo... pronuncia a sentença de tua filha... tiveste labios para condemnar sua mãe... para condemnar-me tambem, e não os terás para dizer-lhe, morre!?... Ah... como perdeste a falla... eu vou fazer-t'a recuperar... (*augmentando de raiva, parece esquecer o remorso que n'algumas das scenas antecedentes havia concebido*) Sim... sim... vaes ouvir um grito sonoro... solto do coração, comprimido nos labios que a morte serra!... Ah... attenção... attenção... (*augmentando a voz*) que esse grito hade echoar em teu peito... hade produzir-te abalo... attenção... attenção que se cumpre — a vingança da ordem!!!... (*fica horrorisada, como se estas palavras lhe recordassem o remorso, áparte*) Ah!... É este o grito de exterminio! Descarreguei o golpe fatal sobre meu filho!... Ah!... maldição... maldição eterna sobre mim!!!...

SCENA VII

OS MESMOS e JULIÃO, conduzindo MARIA, por uma porta falsa.

Julião — Senhor... senhor... eis a vossa filha... meu Deus... (*áparte*) Não é a ti homem execravel, mas á minha consciencia que sirvo.

Carvalho (*saindo do lethargo ao ouvir o nome de filha*) — Ah... filha... minha Maria. (*correndo a abraçal-a*) Minha filha... minha filha!...

Maria — Vós... vós, o meu pae!... Ah... sim, o coração me diz que o sois...

(N'este momento ouve-se um grito agudo, é a voz de Nuno, pronunciar as seguintes palavras.)

Nuno (*dentro*) — Meu... pae... salvae-a... se podeis... eu... mor...ro!...

Todos — Ah!...

Carvalho — Nuno... meu filho!...

Vicente (*no topo da escada, com um punhal na mão*) — Era um jesuita, e vós os anniquilastes!

D. Leonor — E fui eu que o matei!... (*pausa*) Ah! Cá na terra hei sido o ludibrio do inferno! E lá (*designando a terra*) O pasto das chammas! (*ao pronunciar as ultimas palavras, cae amparada por Julião*)

(No centro da scena está Carvalho, abraçado com a filha e como assombrados, Vicente de Deus, no topo da escada.)

Cae o panno.

EPILOGO

(Claustro interior do convento do Bom Successo em Lisboa. No fundo, porta para o côro: do lado direito do espectador, um pequeno altar de pedra com cruz de madeira, onde está um livro, e umas desciplinas. Do lado esquerdo, a imagem da virgem.)

SCENA I

(Ao levantar o panno, D. LEONOR TELLO, com habito, está ajoelhada perante o altar, acabrunhada, e abatida pelo remorso.)

D. Leonor (*depois de pequena pausa*) — Meu Deus, que não se vos occulta, nem o menor sentir de nossos corações, vós lêdes no meu o arrependimento d'essa vida passada, que toda era crimes!... (*pausa*) Arrependimento bem tardio!!!... Passou tudo como um sonho que foi... como um sonho que é a vida, mas aqui ficarão traços profundos, d'esse combate de infernaes paixões! (*pausa*) Meu Redemptor, que para nos remir, derramastes vosso precioso sangue n'essa cruz de martyrio; não serei eu digna de vosso perdão?... A criminosa mulher do mundo, contricta vol-o pede. (*pausa*) Ah .. misericordia, Senhor supremo, para vossa indigna serva, que procura com o silicio apagar as nodoas de seus crimes! Crimes de uma vida de horror! (*levanta-se e caminha para a imagem*) Virgem Santa: eu fui bem criminosa mãe! Eu havia esquecido teu supremo ser, teu puro exemplo de amor maternal, e tu velaste sobre o pobre innocente, repellido de meu seio... Ah... e eu... eu... mulher barbara que fui, derramei quasi o seu sangue... quasi estrangulei aquellas entranhas que nas minhas verifiquei!!!... Meu pobre Nuno... filho de minha alma... morto... assassinado... assassinado por mim!... Ah... o seu ultimo e agonisante grito... ainda retine em meus ouvidos... em meu coração... em meu coração, onde foi desassombrar do crime, e de negras pai-

xões, o germen de virtude que tu, Virgem Santa, has legado ás mulheres... ainda ás mais criminosas! Oh... foi então que eu conheci todo o horror de minha existencia... foi então que eu quiz retrogradar n'essa carreira de crimes. . mas baldo querer... já tarde era!... *(longa pausa, com voz lugubre)* E um grito de morte se ouviu... e uma arma ensanguentada eu vi.. e um corpo caiu por terra... alli... alli... *(petrificada)* Ah... esse grito era de Nuno... esse sangue era o seu... o meu tambem... o do meu filho!... Aquelle grito era o do exaspero... e me lançou a maldição!... *(muito atterrada)* Oh... meu filho... perdoa a tua mãe... perdoa-lhe... que uma negra serpe lhe envenenou o peito, calando n'elle a voz da natureza!... Perdôa-me... perdôa-me. *(ajoelhando pouco a pouco, levanta-se logo, como se horrivel visão a atormentasse)* Meu Deus! soccorro... é elle... é... elle com sua ferida gotejando sangue... e esse sangue vem cair sobre mim... é ardente... abraza-me... escalda-me o coração!... *(muito horrorisada, corre para o altar onde cae de joelhos)* Perdão... perdão!...

SCENA II

D. LEONOR e SOROR JOANNA, vindo pela direita, e dirigindo-se ao coro, pára vendo Leonor.

SOROR JOANNA — Grandes devem ser teus peccados, infeliz creatura! Sempre entregue a seus pensares, talvez bem pungentes, lento a lento, da vida deslisas á campa!... Que a paz do Senhor seja comtigo, e suas bençãos te não faltem na tremenda hora. *(vae abrir a porta do côro, onde entra.*

(Ouve-se o som de uma sineta, e as freiras saem em procissão, da direita do theatro, dirigindo-se ao côro. Maria as segue e fica em scena.)

SCENA III

D. LEONOR e MARIA.

MARIA — Eil-a!... Desgraçada... agora descanças de tua

vida agitada! E porque lhe heide ter compaixão?... O meu verdugo... foi ella... assassina tambem de meu pobre irmão... (*com pesar*) De meu pobre irmão que eu tanto amava... ella o assassinou! Oh... para que vim ao mundo... seria já destinada pela mão do Omnipotente, para n'elle esgotar o calix de amargura?... Meu Deus! vossos juizos são impenetraveis! (*pausa*)

D. LEONOR (*ergue-se do altar, e caminha para a bocca da scena, com os olhos fictos no chão*) — Eu quiz orar... mas os lábios, nem uma palavra sancta poderam articular! Deus não quer ouvir-me; seu assás peccadora, para que minhas preces possam erguer-se ao seu throno!

MARIA — Esperae na sua infinita misericordia, senhora. Se o arrependimento do passado, é do intimo d'alma, elle não deixará de vos perdoar.

D. LEONOR — Maria!... Oh... e és tu, meu anjo, que assim me fallas!?... Tu... a quem tanto offendi?... Tu... que só a sua maldição devias chamar sobre sim?... Ah... é por que me perdoas... falla... dás-me o teu perdão... não é assim?... (*tomando-lhe a mão*)

MARIA — E em vista de vosso soffrer... de vossa contrição... não o mereceis vós?...

D. LEONOR — Oh... é o ceo que falla pela bocca de um anjo! Maria... tu hasde orar comigo... eu quero pronunciar as tuas palavras, e o Eterno hade ouvil-as, porque são as de um anjo. (*pausa*) Essa tua abnegação do mundo... essa renuncia a seus prazeres, na primavera da vida... Oh... isso é sobrenatural... é a mão de Deus que te chama á sua morada, arrebatando d'essa terra de corrupções, um anjo que dimanou do ceo... sim... sim, tu não foste creada para o mundo... elle não sabia apreciar-te... elle não conhecia o thesouro divino que em ti se encerra... Maria... anjo do ceo... tão pura... e eu... ennegrecida pelo crime... acabrunhada pelo remorso roedor d'alma...

MARIA — Senhora... senhora...

D. LEONOR — Oh... sim, eu fallo-te palavras que não conheces!... Tu não sabes o que é o remorso de um crime... tu não conheces esse espectro ideal que nos apoquenta a toda a hora... em todo o lugar... divagando com aspecto terrivel n'uma athmosphera de fogo... apontando-nos a perdição eter-

na... Ah... o remorso!... o remorso!... *(occultando o rosto no seio de Maria)*

(N'este momento ouve-se o orgão na igreja, e as freiras cantam em côro.)

«Tribulationem et dolorem inveni, et nomen domini invocavi»

Maria — As vozes do senhor nos chamam, dentro em breve tomaremos parte em seus côros, formando o nó sagrado que nos liga ao ceo.

D. Leonor — E poderei eu formal-o?... Terei ainda o animo de ir manchar com minha presença... com minha união essas puras e fieis servas?... Oh... não... Deus se indignaria com tamanho sacrilegio!... Desceria um raio esterminador para anniquilar-me... e mais um crime... pezaria sobre mim!... *(chora)*

Maria — Oh não... não... Sereis acaso a primeira que n'estes santos logares, procuraes um refugio do crime?... Oh... quantas vezes se hão visto occultar-se debaixo de humilde habito, corações que experimentaram os furores de um mundo seductor. Tende esperança, senhora, que o ceo vol-a recommenda. Duvidar do perdão do Eterno, seria duvidar de sua infinita bondade!

D. Leonor — Oh... eu não duvido... mas conheço que não sou digna d'ella. Estenderá acaso o Eterno a sua misericordia sobre a desnaturada mãe que sacrificou seu filho a uma vingança terrivel?... que o assassinou, só para vingar-se de seu pae... d'esse homem que odeiava?! Oh... não é possivel!...

Maria — Pobre Nuno!...

D. Leonor — Abandonae-me... vede que toda eu sou sangue de minha victima! Abandonae-me, que eu tambem vos quiz sacrificar... tambem vos lancei n'um abysmo, como o do inferno... *(com voz grave e pausada)* E vós d'elle surgistes com aureola resplandecente... e Deus me anniquilou!... Anniquilou-me!... *(caindo de joelhos)*

Maria — Meu Deus... meu Deus, perdoae-lhe... *(procurando erguel-a)*

escarneceu a minha dôr... amaldiçoou-me... abriu-se o inferno... Ah!... Ah!... (*meia desfallecida cae nos braços de Maria*; *todas a rodeiam*) Ah... perdão... perdão... meu filho... eu estou nas chammas que me devoram já!... Apartae-vos... deixem-me... mor...rer! Furias do inferno!... Ah... piedade... meu... fi...lho! (*espira*)

MARIA — Morta!... morta!... (*amparando-a*)

SOROR PAULA — A justiça de Deus, a chama a si!...

Cae o panno

Nota — Na scena segunda do epilogo, quando as freiras em procissão se dirigem para o côro da igreja, cantarão o seguinte:

CÔRO.

«O' Domine libera animam meam, misiricors dominus,
«et justus: et Deus noster miseretur.»

Uma Lição de Florete, comedia-drama em tres actos 180
Trabalho e honra, comedia em tres actos. — Preço....... 300
A Aristocracia e o dinheiro, comedia em tres actos....... 300
Coração de Ferro, drama phantastico em cinco actos....... 300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda.. 120
E' perigoso ser rico, comedia em um acto............ 160

MENDES LEAL ANTONIO.

Poesias, 1 vol. 8.º francez. Preço.................... 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr. Preço...... 240
Uma Victima, drama original em tres actos... 160
Dôr e Amor, comedia-drama em 3 actos.................... 200

J. D'ABOIM.

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr... 240
O Recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto. — Preço 80
O Homem põe e Deus dispõe, comedia em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, drama em tres actos............. 160
Cada louco com sua mania, comedia original em um acto.. 100

I. M. FEIJOO.

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr...... 300
A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, 1 vol. 400
Carlos ou a Familia de um Avarento, comedia em 4 actos... 240
Pedro Cem, comedia em cinco actos...... 300
Remechido, o Guerrilheiro, drama em 3 actos........... 300

E. BIESTER.

Um Quadro da vida, drama em 5 actos, 1 vol. 8.º francez.. 480
A Redempção, comedia-drama em 3 actos, 1 vol. 8.º francez 360
Duas epocas da vida, comedia em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr. 200
As Obras de Horacio, imitação, comedia em um acto. Preço 120
Um Homem de Consciencia, comedia em dois actos....... 160

ALFREDO HOGAN.

As Brazileiras, comedia-drama em tres actos, 1 vol. 8.º fr... 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos 360
Os Dissipadores, comedia em 4 actos, 1 vol. 8.º fr........ 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto, 1 vol. 8.º fr. 200
Memorias do Coração. Preço 240
A Irmã de Caridade, comedia em dois actos................ 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo. — Preço 240
O Marido no Prégo, comedia em um acto.............. 160
Já não ha tolos! ... comedia em um acto............. 80
Não desprese sem saber, comedia em um acto.......... 120
O Colono, comedia-drama em tres actos.............. 160
Segredos do Coração, comedia drama em tres actos...... 200
O Juizo do Mundo, comedia-drama em tres actos......... 240
A Mascara Social, comedia-drama em tres actos......... 200
A Pelle do Leão, comedia-drama em tres actos.......... 200
A Roda da Fortuna, comedia-drama em tres actos....... 160
Nem tudo que luz é oiro, comedia-drama em tres actos. 200
O dia 1.º de Dezembro de 1640, comedia heroica, original em tres actos........................... 200
O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo.... 200

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN.

A Vida em Lisboa, comedia-drama em 4 actos.......... 300
Primeiro o dever! comedia-drama em tres actos......... 160

F. EVARISTO LEONI.

Genio da Lingua Portugueza, 2 vol. 8.º francez. Preço..... 1:800

J. C. DOS SANTOS.

O Segredo d'uma Familia, comedia em tres actos... Preço. 240
O Pae prodigo, comedia em tres actos...................
O Homem das Cautelas, comedia em dois actos

Gil Braz de Santilhana, comedia em tres actos................ 180
Maria, ou o Irmão e a Irmã, comedia em dois actos....... 180
Uma chavena de chá, comedia em um acto.............. 120
Convido o coronel!!... comedia em um acto........... 100
A Herança do tio Russo, comedia em tres actos.......... 220

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Poesias, 1 vol. 8.° francez. — Preço.................. 360
Os moedeiros falsos, comedia drama original, em tres actos. 160

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA.

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos, 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda = Les quatre fils Aymon. — Preço............ 320

MANUEL ODORICO MENDES.

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez. — Preço................ 200

I. DE VILHENA BARBOSA.

Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.° francez (com estampas lytographadas) 3:000

JULIO CESAR MACHADO.

A esposa deve acompanhar seu marido, comedia em um acto 140
O Capitão Bitterlin, comedia n'um acto.............. 140

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES.

Reflexões sobre a lingua portugueza — 3 vol. Preço....... 720
Cirurgia e medicina, 1 vol. 8.° francez. Preço.......... 360
Camões e o Jáo, scena dramatica. Preço.............. 100
Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol. 8.° fr. Preço..... 200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas, 1 vol. 200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus.................................. 80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio............. 80
O Mentor da mocidade......................... 120
Ensaios poeticos. Preço......................... 60
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, 1 vol. 8.° *port.* 120
Anjo, Mulher, e Demonio, comedia-drama em dois actos... 200
Amor e Amizade, comedia em um acto................ 80
O Amor e o Dever, comedia em tres actos. Preço....... 240
A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em tres actos. 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em tres actos...... 200
Um Bico em Verso, scena comica. — Preço............. 60
O segredo d'uma esmola, comedia-drama em dois actos.. 180
Stambul, comedia em 3 actos e 9 quadros, 1 vol. 8.° fr..... 300
Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto...... 160
A Cruz, drama em 5 actos, 1 vol. 8.° fr. Preço.......... 320
29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos, 1 vol. 8.° francez. Preço............... 360
Tudo no mundo é comedia; comedia em tres actos....... 200
A Conversão d'um Agiota, comedia em dois actos........ 160
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em quatro actos sete quadros e um prologo............... 300
Graziella, drama em um acto....................... 100
Amor e arte, drama em tres actos.................. 220
Os dois irmãos, drama em quatro actos.............. 200

NO PRELO.

A Conquista das Amazonas, comedia-drama em dois actos.
O Maestro Favilla, drama em tres actos.
O Arrependimento salva, drama em 1 acto.
Fernando, comedia-drama em 4 actos.
Não envenenes tu, a mulher, qui-proquo em 1 acto.
...timas, comedia-drama em 1 acto.
...esso, comedia em 1 acto.
...esias de F. D. d'Almeida Araujo.